

Remédio Amargo

Arthur Hailey



*Doenças, em desespero crescidas,
Por meios desesperados hão de ser curadas. Ou não serão.*

Shakespeare, Hamlet

*Já estamos sufocados por uma abundância infinita de
medicamentos sempre exaltados e ainda acrescentam um
novo.*

Dr. Thomas Sydenham (1624-1689)

Prólogo: 1985

No 747, na primeira classe e meia hora depois da partida de Londres, o Dr. Andrew Jordan pegou a mão da esposa.

— Pare de se preocupar — recomendou ele. — Nada pode acontecer.

— *Alguma* coisa vai acontecer. Dennis Donahue cuidará para que assim seja.

Andrew fez uma careta à menção do populista senador americano da Nova Inglaterra.

— Eu aguardava ansiosamente o almoço — protestou ele. — Precisava estragá-lo me deixando nauseado?

— Vamos falar sério, Andrew. Não se esqueça que houve mortes. Relacionadas com as drogas.

— Você estava muito longe delas.

— Mesmo assim, eu seria incluída se houvesse um processo criminal. Poderia ir para a prisão.

Ele tentou reanimar os ânimos abalados.

— Ainda não aconteceu. Mas se por acaso acontecer, prometo que a visitarei todos os dias e levarei bolos com serras dentro.

— Oh, Andrew!

Ela virou-se para o marido, o sorriso uma

mistura de amor e tristeza. Depois de 28 anos de casamento, pensou Andrew, era maravilhoso contemplar a esposa, com admiração, tão bonita, inteligente e forte. E não estava sendo sentimental, disse a si mesmo. Já percebera todas essas qualidades e muito mais, exibidas mil vezes.

— Isso é lindo — interveio uma voz de mulher, ao lado deles. Andrew levantou os olhos. Era uma aeromoça, jovial, bonita, observando-os de mãos dadas. Ele comentou, com uma expressão impassível:

— O amor também pode acontecer aos velhos.

— É mesmo? — A aeromoça imitou o seu tom zombeteiro. — Isso nunca tinha me ocorrido. Mais champanhe?

— Queremos, sim, por favor.

Ele percebeu que a moça o inspecionava e compreendeu, sem qualquer vaidade, que ainda era atraente, mesmo para alguém tão jovem que podia ser sua filha. Como aquele colunista do jornal londrino o descrevera na semana anterior? "O atraente e distinto médico de cabelos brancos, marido de... et cetera, et cetera." Andrew não o dissera, mas bem que gostara ao ler.

Servido o champanhe, Andrew recostou-se. Gostava das mordomias que acompanhavam a

viagem em primeira classe, mesmo que naquele dia parecessem menos significativas que habitualmente. Era o dinheiro da esposa que proporcionava aqueles privilégios, é claro. Sua renda como um médico bastante procurado era mais do que razoável, mas duvidava que pudesse proporcionar viagens de primeira classe entre Londres e Nova York; e certamente não poderia financiar o jato particular em que a esposa e às vezes o próprio Andrew viajavam pela América do Norte.

Correção, ele lembrou a si mesmo: havia viajado, até agora. Eram indefinidas as mudanças que se estendiam pela frente.

O dinheiro, no entanto, nunca fora um problema no casamento. Jamais tiveram qualquer discussão a respeito e desde o início a esposa insistira que tudo o que possuíam era comum. As contas bancárias eram sempre conjuntas. Embora a contribuição de Andrew atualmente fosse de longe a menor, nenhum dos dois se preocupava com aritmética comparativa.

Seus pensamentos vaguearam e continuaram de mãos dadas, enquanto o 747 seguia para oeste, por cima do Atlântico.

— Andrew, você é um conforto e tanto — disse a esposa subitamente. — Sempre está ao meu lado.

E sempre tão forte.

— É curioso... forte era justamente o que eu estava pensando em relação a você.

— Há espécies diferentes de força. E eu preciso da sua.

Começava a movimentação comum em uma viagem aérea, quando se preparavam para servir a refeição.

Mesas embutidas eram arrumadas, com toalhas brancas e talheres. Depois de algum tempo, a esposa declarou:

— O que quer que aconteça, eu vou lutar.

— Não é o que sempre fez?

Ela pensava com extremo cuidado, como sempre.

— Escolherei um advogado nos próximos dias. Deve ser sólido, mas não bombástico. Um excesso de exibição seria um erro.

Andrew apertou-lhe a mão.

— Assim é que eu gosto de ver.

Ela retribuiu-lhe o sorriso.

— Sentará ao meu lado no tribunal?

— Todos os dias. Os pacientes terão de se arrumar sozinhos até acabar.

— Você nunca deixaria que isso acontecesse, mas eu gostaria que ficasse ao meu lado.

— Há outros médicos. Pode-se dar um jeito.

— Talvez, com o advogado certo, possamos realizar um milagre.

Andrew meteu uma faca numa porção de caviar que acabara de ser colocado à sua frente. Por mais graves que fossem os seus problemas, não havia sentido em renunciar àquilo.

— Pode acontecer — disse ele, espalhando o caviar pela torrada. — Começamos com um milagre, você e eu. E houve outros desde então, que você promoveu. Por que não mais um? E desta vez só para você.

— Seria um milagre e tanto.

— Será — corrigiu Andrew, gentilmente.

Ele fechou os olhos. O champanhe e a altitude deixavam-no sono-lento. Mas, em sua sonolência, recordou o primeiro milagre. Há muito tempo...

PARTE UM

1957-1963

1

O Dr. Jordan disse, suavemente:

— Sua mulher está morrendo, John. Só lhe restam mais algumas horas.

Uma pausa e, consciente do rosto pálido e angustiado do jovem magro à sua frente, ainda vestindo o macacão de operário, ele acrescentou:

— Eu gostaria de poder lhe dizer outra coisa. Mas achei que preferia saber a verdade.

Estavam no St. Bede's Hospital, em Morristown, New Jersey. Vinham lá de fora os ruídos do início da noite — os ruídos de uma cidade pequena — mas não chegavam a perturbar o silêncio entre os dois. À luz fraca do quarto de hospital, Andrew observou o pomo-de-adão do marido da paciente se sacudir convulsivamente duas vezes, antes que ele conseguisse balbuciar:

— Não posso acreditar. Estamos apenas começando. E sabe que temos um filho pequeno.

— Sei, sim.

— É tão...

— Injusto?

O rapaz assentiu. Um homem bom e decente, trabalhador, a julgar pela aparência. John Rowe. Tinha 25 anos, apenas quatro anos mais moço que o Dr. Jordan. Estava absorvendo muito mal a notícia... o que não era de surpreender. Andrew desejava poder confortá-lo mais. Já se encontrara muitas vezes com a morte e estava preparado para reconhecer os indícios de sua aproximação, mas ainda não sabia direito como se comunicar com os amigos ou a família de uma pessoa agonizante. Um médico deveria ser brusco, direto ou haveria algum meio mais sutil? Era uma coisa que não ensinavam na faculdade de medicina. Nem depois.

— Os vírus são injustos, embora a maior parte não se comporte como este fez com Mary — acrescentou Andrew. — Geralmente reagem ao tratamento.

— Não há nada que se possa fazer? Alguma droga que poderia...

Andrew sacudiu a cabeça. Não adiantava entrar em detalhes ao responder: Ainda não. Até agora, não existe qualquer medicamento para coma agudo de hepatite infecciosa avançada. Também nada se ganharia se informasse que, no início

daquele dia, consultara seu colega sênior da clínica, Dr. Noah Townsend, que era também o diretor-médico do hospital. E cerca de uma hora antes Townsend dissera a Andrew:

— Fez tudo o que pôde. Não há nada que eu próprio fizesse de maneira diferente.

Somente então é que Andrew enviara um recado à fábrica, na cidadezinha próxima de Boonton, onde John Rowe trabalhava.

Mas que droga! Os olhos de Andrew se desviaram para a cama elevada de metal, com o vulto imóvel. Era a única cama no quarto, por causa do aviso destacado de "ISOLAMENTO" no corredor lá fora. O vidro de soro, em seu suporte por trás da cama, pingava o conteúdo — dextrose, solução salina, vitaminas do complexo B — em Mary Rowe, através de uma agulha que penetrava numa veia do antebraço. Já estava escuro lá fora, ocasionalmente se ouvia os estrondos das trovoadas, chovia forte. Uma noite horrível. E a última noite de vida para aquela jovem esposa e mãe, que fora saudável e ativa apenas uma semana antes. Era mesmo injusto.

Hoje é sexta-feira. Na última segunda-feira, Mary Rowe, pequena e bonita, embora visivelmente indisposta, apareceu no consultório de Andrew. Queixou-se de vertigens, sentir-se fraca, não

conseguir comer direito. A temperatura era de 39°C.

A Sra. Rowe informou que quatro dias antes tivera os mesmos sintomas e mais o vômito. Mas sentira-se melhor no dia seguinte e pensara que o problema, qualquer que fosse, já desaparecera. Mas agora voltara. E passava muito mal, ainda pior do que antes.

Andrew examinou os brancos dos olhos de Mary Rowe; estavam amarelados. Áreas de sua pele também já se mostravam amareladas. Ele apalpou o fígado, mole e intumescido. Um breve interrogatório extraiu a informação de que ela estivera no México com o marido, em breves férias, no mês anterior. Isso mesmo, hospedaram-se num pequeno hotel, porque era mais barato. Isso mesmo, ela comera os pratos locais e bebera a água.

— Vou interná-la imediatamente no hospital — disse-lhe Andrew. — Precisamos de um exame de sangue para confirmar, mas tenho quase certeza que está com hepatite infecciosa.

Depois, como Mary Rowe parecia assustada, ele explicou ser quase certo que ela consumira um alimento ou água contaminada no México, que provavelmente alguma pessoa com a doença manuseara a comida. Acontecia freqüentemente em países de sistema sanitário precário.

Quanto ao tratamento, seria principalmente de apoio, com a absorção de bastante fluido pelo corpo, por meio intravenoso. Andrew acrescentou que a recuperação total, em 95 por cento dos casos, levava de três a quatro meses, embora Mary devesse estar em condições de voltar para casa dentro de poucos dias. Com um sorriso apreensivo, ela perguntou:

— O que acontece com os outros cinco por cento dos casos?

Andrew riu.

— Esqueça. É uma estatística em que você não será incluída.

E fora nisso que ele se enganara.

Ao invés de melhorar, o estado de Mary Rowe se agravou. A bilirrubina no sangue foi subindo cada vez mais, indicando uma icterícia crescente, o que era evidente pelo amarelado alarmante da pele. Ainda mais crítico, os exames na quarta-feira revelaram um nível perigoso de amoníaco no sangue. Era amoníaco originário dos intestinos, que o fígado em deterioração não podia mais manipular.

E no dia anterior o estado mental se deteriorara. Ela se mostrara confusa, desorientada, não sabia onde estava ou por quê, não reconhecera Andrew nem o marido. Fora então que Andrew advertira a John Rowe de que sua esposa se achava

gravemente doente.

A frustração por não ser capaz de fazer nada para ajudar atormentou Andrew durante toda a quinta-feira. Nos intervalos entre os pacientes que recebia no consultório, ele ficava pensando no problema, mas sempre em vão. Compreendia que um obstáculo para a recuperação era o acúmulo de amoníaco. Como removê-lo? Ele sabia que, no estado atual da medicina, não havia qualquer meio eficaz.

E finalmente — com total injustiça, ele pensava agora — descarregara a sua raiva na maldita vendedora da companhia farmacêutica que aparecera em seu consultório quando a tarde terminava. Não se lembrava de seu nome ou aparência, exceto que usava óculos e era jovem, apenas uma criança, provavelmente inexperiente.

Era representante da Felding-Roth Pharmaceuticals. Depois, Andrew se perguntou por que concordara em recebê-la, quando a recepcionista a anunciara. Mas recebera, talvez pensando que pudesse aprender alguma coisa. A moça se pusera a falar sobre o mais recente antibiótico que seu laboratório lançara no mercado, enquanto os pensamentos de Andrew vagueavam para longe. Ela acabara dizendo:

— Não está prestando atenção, Doutor.

E isso o deixara furioso.

— Talvez porque eu tenha algo mais importante em que pensar e você esteja desperdiçando meu tempo.

Era uma grosseria e ele não faria uma coisa dessas em circunstâncias normais. Mas sua preocupação intensa com Mary Rowe se somara a uma aversão antiga aos laboratórios farmacêuticos e seus métodos de vendas sob forte pressão. Claro que havia alguns medicamentos bons, fabricados pelas grandes firmas, mas Andrew achava ofensivo o sistema de vendas, inclusive os promotores que adulavam os médicos. Tivera o primeiro contato com tudo isso ainda na faculdade de medicina, onde os estudantes — futuros receitadores, como os laboratórios farmacêuticos bem sabiam — eram sempre procurados, bajulados e envolvidos pelos representantes das grandes firmas. Entre outras coisas, os representantes distribuíam estetoscópios e valises médicas, que alguns estudantes aceitavam com a maior satisfação. Andrew não fora um deles. Embora tivesse pouco dinheiro, preferira manter sua independência e comprar os seus equipamentos.

— Talvez possa me contar, Doutor, o que é tão

importante assim — dissera a propagandista do Felding-Roth no dia anterior.

Fora então que Andrew soltara tudo, falando sobre o estado crítico de Mary Rowe, com intoxicação por amoníaco. Acrescentara causticamente que gostaria que laboratórios como o Felding-Roth, em vez de se concentrarem em algum antibiótico provavelmente não melhor nem pior que meia dúzia de outros já disponíveis no mercado, desenvolvessem um medicamento para deter o excesso de produção de amoníaco...

Ele parara por aí, já envergonhado de sua explosão. Certamente teria pedido desculpas, se a moça, recolhendo seus papéis e amostras, não estivesse se encaminhando para a porta, dizendo simplesmente ao se retirar:

— Boa tarde, Doutor.

Tanto trabalho ontem e Andrew não via crescer sua capacidade para ajudar Mary Rowe! Naquela manhã, ele recebera um telefonema da enfermeira-chefe do andar, Sra. Ludlow.

— Estou preocupada com a sua paciente Rowe, Dr. Jordan. Ela está se tornando comatosa, não reage absolutamente.

Andrew correria para o hospital. Um residente se encontrava junto a Mary Rowe, que a esta altura

estava em coma profundo. Embora não pudesse deixar de seguir apressadamente para o hospital, Andrew já sabia, antes de chegar, que não havia qualquer possibilidade de medidas heróicas. Tudo o que podiam fazer era manter o fluxo de fluidos por via intravenosa. E rezar.

Agora, quase ao final do dia, era evidente que toda e qualquer esperança fora em vão. O estado de Mary Rowe parecia irreversível. Reprimindo as lágrimas, John Rowe perguntou:

— Ela vai recuperar a consciência, Doutor?
Mary saberá que estou aqui?

— Lamento muito, mas não é provável.

— Ficarei com ela, mesmo assim.

— Não tem problema. As enfermeiras estarão por perto e darei as instruções necessárias ao residente.

— Obrigado, Doutor.

Ao sair, Andrew pensou: Obrigado pelo quê? Sentia a necessidade de tomar um café e seguiu para o lugar em que sabia que o encontraria.

A sala dos médicos era escassamente mobiliada, com umas poucas cadeiras, uma prateleira para a correspondência, um aparelho de televisão, uma mesinha e armários. Mas oferecia as vantagens da privacidade e de uma cafeteira

permanentemente abastecida. Não havia ninguém na sala quando Andrew chegou.

Ele serviu-se de café e arriou numa poltrona velha e surrada. Não havia necessidade de permanecer no hospital por mais tempo, mas instintivamente ele adiou a partida para o seu apartamento de solteiro — fora Hilda, a mulher de Noah Townsend, quem o arrumara — bastante confortável, embora às vezes solitário.

O café estava bastante quente. Enquanto o deixava esfriar um pouco, Andrew deu uma olhada num exemplar do Newark Star-Ledger. Em destaque na primeira página do jornal estava a notícia de uma coisa chamada "Sputnik", um satélite da Terra, o que quer que isso fosse, lançado recentemente pelos russos ao espaço exterior, entre fanfarras, anunciando "o amanhecer de uma nova era espacial". Enquanto o Presidente Eisenhower, segundo a notícia, deveria ordenar uma intensificação do programa espacial dos Estados Unidos, os cientistas americanos se declaravam "chocados e humilhados" com a vanguarda tecnológica dos russos. Andrew torceu para que um pouco do choque extravazasse para a ciência médica. Embora tivesse ocorrido um grande progresso durante os 12 anos desde a Segunda Guerra Mundial, ainda havia

falhas deprimentes, muitas perguntas sem resposta.

Largando o jornal, ele pegou um exemplar de *Medical Economics*, uma revista que alternadamente o divertia e fascinava. Dizia-se que a publicação era lida avidamente pelos médicos, que lhe dispensavam mais atenção até do que ao prestigioso *New England Journal of Medicine*.

Medical Economics tinha uma função básica — instruir os médicos sobre as maneiras de ganhar o máximo de dinheiro e, depois disso, como investi-lo ou gastá-lo. Andrew começou a ler um artigo: "Oito Maneiras de Reduzir os Impostos na Clínica Particular". Pensou que deveria tentar compreender essas coisas, porque cuidar de dinheiro, quando um médico finalmente começava a ganhar algum, depois de anos de treinamento, era outra coisa que não ensinavam na faculdade de medicina. Desde que se associara ao Dr. Townsend, há um ano e meio, Andrew ficara espantado com a quantidade de dinheiro que fluía a cada mês para sua conta bancária. Era uma experiência nova e não de todo desagradável. Embora não tivesse a intenção de permitir que o dinheiro o dominasse, mesmo assim...

— Com licença, Doutor.

Uma voz de mulher. Andrew virou a cabeça.

— Fui a seu consultório, Dr. Jordan. Não estava lá e resolvi procurá-lo aqui no hospital.

Mas que diabo! Era a mesma promotora de laboratório farmacêutico que estivera em seu consultório no dia anterior. Estava de capa, completamente encharcada. Os cabelos castanhos pingavam, os óculos se achavam embaçados. Mas que desfaçatez... vir procurá-lo ali!

— Parece não saber que esta é uma sala particular — disse Andrew, irritado. — Além disso, não recebo promotoras...

A moça interrompeu-o:

— No hospital. Sei disso. Mas achei que era muito importante. — Com uma série de movimentos rápidos, ela largou uma pasta na mesa, tirou os óculos para limpá-los, começou a remover a capa molhada. — Está um tempo horrível lá fora. Fiquei encharcada só de atravessar o estacionamento.

— O que é tão importante assim?

A promotora — Andrew observou novamente que ela era jovem, não devia ter mais que 24 anos — largou a capa numa cadeira. E falou devagar, incisivamente:

-- Amoníaco, Doutor. Disse-me ontem que tinha uma paciente de hepatite que estava

morrendo por intoxicação de amoníaco. Disse que gostaria...

— Sei muito bem tudo o que eu disse.

A promotora fitou-o calmamente, com seus olhos verdes-cinzas. Andrew percebeu que ela possuía uma personalidade forte. Não era o que se podia chamar de bonita, pensou ele, embora tivesse um rosto simpático, de malares salientes; com os cabelos secos e penteados, provavelmente seria até atraente. E sem a capa, o corpo até que não era dos piores.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, Doutor. E também estou certa de que sua memória é melhor do que suas maneiras.

Andrew fez menção de dizer alguma coisa, mas ela deteve-o com um gesto impaciente e continuou:

— O que eu não lhe disse ontem... não podia dizer... é que meu laboratório, o Felding-Roth, vem trabalhando há quatro anos numa droga que reduziria a produção de amoníaco pelas bactérias intestinais... um medicamento que seria útil num estado crítico como a de sua paciente. Eu tinha conhecimento disso, mas não sabia até que ponto as pesquisas já haviam progredido.

— Fico contente em saber que alguém está tentando — murmurou Andrew. — Mas ainda não

entendo...

— Vai entender, se escutar. — A promotora empurrou para trás diversas mechas de cabelos molhados que haviam caído sobre o rosto. — A droga que eles desenvolveram... chama-se Lotromycina... já foi usada com sucesso em animais. Está pronta agora para os testes em seres humanos. Consegui arrumar um pouco de Lotromycina.. E a trouxe.

Andrew levantou-se.

— Será que compreendi direito, Srta. ...?

Ele não conseguiu lembrar-se do nome e pela primeira vez sentiu-se contrafeito.

— Não esperava que se lembrasse. — Novamente a impaciência. — Sou Celia de Grey.

— Por acaso está sugerindo, Srta. Grey, que eu dê à minha paciente um medicamento desconhecido e experimental que até agora só foi experimentado em animais?

— Como qualquer medicamento, sempre tem de haver um primeiro ser humano a usá-lo.

— Se não se importa, prefiro não ser o médico pioneiro.

A promotora alterou uma sobrancelha ceticamente, a voz se tornou mais incisiva quando acrescentou:

— Nem mesmo quando sua paciente está morrendo e nada mais se pode fazer? Como está a sua paciente, Doutor... a de que me falou ontem?

— Pior do que ontem. — Andrew hesitou por um instante. — Ela entrou em coma.

— Quer dizer então que ela está morrendo?

— Sei que está bem intencionada, Srta. Grey, e lamento muito a maneira como falei quando entrou aqui. Mas o fato lamentável é que já se tornou tarde demais... tarde demais para se tentar quaisquer drogas experimentais. E mesmo que eu estivesse disposto, tem alguma idéia de todos os procedimentos e protocolos por que teríamos de passar?

— Tenho, sim.

Os olhos da promotora estavam agora ardendo intensamente, fixados em Andrew. Ocorreu-lhe que começava a gostar daquela moça franca e corajosa. Ela continuou:

— Conheço exatamente todos os procedimentos e protocolos que são necessários. Desde que o deixei ontem, não fiz praticamente outra coisa que não descobrir tudo a respeito... e também torcer o braço do nosso diretor de pesquisa para me fornecer um suprimento de Lotromycina, da qual só existe uma quantidade mínima. Mas eu

peguei... há três horas, em nosso laboratório em Camden. E guiei até aqui sem parar, enfrentando este tempo horrível.

Andrew começou, a murmurar "Estou grato...", mas ela sacudiu a cabeça, impacientemente.

— E tem mais, Dr. Jordan: já providenciei toda a documentação necessária. Para usar o medicamento, só precisa agora obter permissão deste hospital e do parente mais próximo. E mais nada.

Ele só podia fitá-la com uma expressão aturdida.

— Essa não!

— Estamos perdendo tempo. — Celia de Grey abriu a pasta e estava tirando alguns papéis. — Por favor, comece por ler isto. É uma descrição da Lotromycina preparada especialmente para você pelo departamento de pesquisa do Felding-Roth. E aqui está um memorando do nosso diretor médico... com instruções sobre a maneira como a droga deve ser ministrada.

Andrew pegou os dois documentos, que pareciam ser os primeiros de muitos.

E ficou absorvido assim que começou a ler.

Quase duas horas haviam passado.

— Com a sua paciente *in extremis*, Andrew, o

que temos a perder? A voz ao telefone era de Noah Townsend. Andrew localizara o chefe médico do hospital num jantar particular e descrevera a oferta da droga experimental Lotromycina. Townsend perguntou:

— O marido já deu permissão?

— Por escrito. Falei com o administrador em sua casa. Ele veio ao hospital e mandou datilografar o formulário. Já está assinado e com testemunhas.

Antes da assinatura, Andrew conversara com John Rowe no corredor, junto à porta do quarto em que se encontrava sua esposa agonizante. O jovem marido reagira ansiosamente... tão ansiosamente, na verdade, que Andrew o advertira a não acalentar grandes esperanças. A assinatura na autorização estava trêmula, porque John Rowe não fora capaz de controlar o tremor da mão. Mas estava ali e o documento era legal. Agora, Andrew disse a Noah Townsend:

— O administrador está convencido de que os outros documentos, enviados pelo Felding-Roth, se acham em ordem. Aparentemente, tudo se tornou mais fácil porque o medicamento não teve de cruzar uma fronteira estadual.

— Terá de registrar todos os detalhes na ficha da paciente.

— Já cuidei disso.

— Então tudo o que precisa é da minha autorização?

— Isso mesmo. Pelo hospital.

— Pois eu a concedo. Não tenho muita esperança, Andrew. Acho que sua paciente já foi longe demais. Mas não custa tentar. E agora, se me dá licença, posso voltar a um delicioso faisão assado?

Andrew desligou o telefone, na sala das enfermeiras, e perguntou:

— Está tudo pronto?

A enfermeira-chefe do plantão noturno, uma veterana, já preparara a bandeja com a seringa hipodérmica. Abriu a geladeira e acrescentou o vidro transparente com o medicamento, trazido pela promotora do Felding-Roth.

— Está, sim.

— Pois então vamos embora.

O mesmo residente que estivera com Mary Rowe naquela manhã, Dr. Overton, encontrava-se ao lado da cama quando Andrew e a enfermeira entraram no quarto. John Rowe esperava num canto.

Andrew explicou a Lotromycina ao residente, um texano corpulento e extrovertido, que disse em

seu sotaque arrastado:

— Espera um milagre?

— Não — respondeu Andrew, bruscamente. Ele virou-se para o marido de Mary Rowe. — Quero ressaltar mais uma vez, John, que se trata de um tiro no escuro, não sabemos o que pode acontecer. Mas, nas circunstâncias...

— Compreendo perfeitamente — murmurou o rapaz, a voz baixa, impregnada de emoção.

A enfermeira preparou a inconsciente Mary Rowe para a injeção, que seria intramuscular, na nádega, enquanto Andrew dizia ao residente:

— O laboratório farmacêutico informa que a dose deve ser repetida a cada quatro horas. Deixei uma ordem por escrito, mas gostaria que você...

- Estarei aqui, chefe. Entendido, de quatro em quatro horas. — O residente baixou a voz ao acrescentar: — Que tal uma aposta? Posso lhe dar alguma vantagem...

Andrew silenciou-o com um olhar furioso. O texano estava no programa de treinamento do hospital há um ano. Já demonstrara que era altamente competente como médico, mas sua falta de sensibilidade se tornara notória.

A enfermeira terminou de aplicar a injeção, verificou o pulso e a pressão da paciente. E

informou:

– Não há reação, Doutor. Nenhuma mudança nos sinais vitais.

Andrew assentiu, aliviado por um momento. Não esperava qualquer efeito positivo, mas uma reação adversa fora uma possibilidade, particularmente com um medicamento experimental. Ele ainda duvidava, no entanto, que Mary Rowe sobrevivesse até a manhã seguinte.

– Telefonem para minha casa, se ela piorar.

Depois, em tom mais suave, ele acrescentou para o marido, ao se retirar:

– Boa noite, John.

Foi somente quando já estava no apartamento que Andrew se lembrou que não falara com a promotora do Felding-Roth, a quem deixara esperando na sala dos médicos. Desta vez ele se lembrou do nome... de Grey. Seria Cindy o primeiro? Não, Celia. Andrew estendeu a mão para o telefone, mas depois calculou que àquela altura a moça já descobrira o que acontecera. Deixaria para falar com ela no dia seguinte.

2

Normalmente, nas manhãs de sábado, Andrew recebia pacientes no consultório desde as 10 horas da manhã e passava pelo hospital por volta de meio-dia. Hoje, no entanto, ele inverteu o procedimento, chegando ao St. Bede às nove horas da manhã.

A tempestade com muita chuva da noite anterior fora substituída por uma manhã clara e fresca, um pouco fria, mas ensolarada.

Andrew subia a escadaria do hospital quando a porta principal se abriu abruptamente e o residente, Dr. Overton, saiu quase correndo. Ele parecia muito agitado. Os cabelos estavam desgrehados, como se tivesse acabado de sair da cama e esquecido de penteá-los. A voz era ofegante quando pegou o braço de Andrew e disse:

— Liguei para o seu apartamento. Já tinha saído. O zelador do prédio disse que vinha para cá. E eu tinha de encontrá-lo antes que entrasse.

Andrew desvencilhou o braço.

— O que aconteceu? Por que tudo isso?

O residente engoliu em seco.

— Não importa. Apenas venha comigo.

Apressadamente, Overton seguiu na frente pelo corredor e entrou no elevador. Recusou-se a falar ou sequer fitar Andrew nos olhos enquanto subiam para o quarto andar. O residente saiu rapidamente do elevador, seguido por Andrew.

Pararam diante do quarto em que, na noite anterior, Andrew deixara a inconsciente Mary Rowe, seu marido, a enfermeira e o residente.

— Entre! — Overton gesticulou impacientemente. — Vamos, entre logo!

Andrew entrou. E parou. Olhando aturdido. Atrás dele, o residente disse:

— Deveria ter aceitado a minha aposta, Dr. Jordan. — Uma pausa e ele acrescentou: — Se eu não testemunhasse pessoalmente, não acreditaria.

Andrew murmurou:

— Ainda não tenho certeza se eu mesmo posso acreditar.

Mary Rowe, plenamente consciente, recostada na cama, usando uma camisola azul de renda, sorriu-lhe. Embora o sorriso fosse débil, assim como a própria Mary Rowe, o estado dela era um contraste tão grande com o coma profundo da noite anterior que parecia um milagre. Ela estivera bebendo água, ainda tinha um copo de plástico na mão. O tom amarelado da pele, que aumentara no

dia anterior, estava agora perceptivelmente mais claro. Quando Andrew se adiantou, o marido levantou-se, com um sorriso largo, as mãos estendidas.

— Obrigado, Doutor! Muito obrigado!

O pomo-de-adão de John Rowe balançava para cima e para baixo enquanto Andrew lhe apertava a mão. Da cama, Mary Rowe acrescentou, em tom suave, mas fervoroso:

— Deus o abençoe, Doutor!

Foi a vez do residente. Overton sacudiu vigorosamente a mão de Andrew.

— Meus parabéns!

E, depois, ele acrescentou, insolitamente, "senhor". Andrew ficou surpreso ao ver lágrimas brilhando nos olhos do corpulento texano. A enfermeira-chefe do andar, Sra. Ludlow, entrou no quarto. Normalmente compenetrada e solene, ela se mostrava agora radiante.

— A notícia já se espalhou por todo o hospital, Dr. Jordan. Não se fala de outra coisa.

— Foi um medicamento experimental que me trouxeram, Lotromycina — protestou Andrew. — Eu não...

— Tornou-se um herói aqui — disse a enfermeira. — No seu lugar, não lutaria contra isso.

— Já providenciei um exame de sangue — informou o residente. — Mostrou que o amoníaco está abaixo do nível tóxico. E como a bilirrubina também não está subindo, o resto da cura será uma questão de rotina.

Uma pausa e ele acrescentou, para si mesmo:

— É incrível!

Andrew disse à paciente:

— Estou feliz por você, Mary. — Um pensamento ocorreu-lhe. — Alguém viu aquela moça do Felding-Roth, Srta. de Grey?

— Ela passou por aqui mais cedo — disse a Enfermeira Ludlow. — Talvez esteja no posto de enfermagem.

— Com licença — murmurou Andrew, saindo apressadamente.

Celia de Grey esperava no corredor. Trocara as roupas da noite anterior. Um sorriso suave lhe iluminava o rosto.

Enquanto se olhavam, Andrew percebeu que havia um constrangimento entre os dois.

— Você parece muito melhor com os cabelos secos — comentou ele.

— E você não está tão sombrio e ameaçador como ontem.

Houve uma pausa e depois ele indagou:

— Já soube?

— Já.

— Lá dentro... — Andrew gesticulou para o quarto. — Lá dentro me agradeceram. Mas é você que merece todos os agradecimentos.

Celia murmurou, sorrindo:

— Você é o médico.

E depois, subitamente, todas as barreiras removidas, os dois riam e choravam juntos. Um momento mais tarde, para surpresa, Andrew abraçou-a e beijou-a.

Durante um café e um sanduíche partilhado na cantina do hospital, Celia de Grey tirou os óculos e disse:

— Telefonei para o diretor-médico do laboratório e relatei o que aconteceu. Ele falou com a turma da pesquisa. Todos estão felizes.

— E têm todo o direito a isso. Fabricaram um bom medicamento.

— Pediram-me que lhe perguntasse: Escreverá um relatório sobre o caso, incluindo o uso de Lotromycina, para publicação em alguma revista médica?

— Com o maior prazer.

— Claro que isso seria ótimo para o Felding-Roth. — O tom da promotora era agora

absolutamente profissional. — Esperamos que a Lotromycina se torne um medicamento importante, líder de vendas. Mas também isso não lhe fará mal algum.

Andrew reconheceu o fato com um sorriso.

— Provavelmente não.

Ele se manteve pensativo enquanto tomava o café. Sabia que, por mero acaso, por uma sorte inesperada proporcionada pela moça sentada à sua frente, que agora via como admirável e atraente, participara de um capítulo importante da histórica médica. Eram bem poucos os médicos que tinham essa oportunidade.

— Há uma coisa que preciso dizer, Celia. Falou-me ontem que eu tinha péssimas maneiras e estava com toda razão. Fui muito grosseiro. Peço desculpas.

— Não precisa — disse ela, bruscamente. — Gostei de você como era. Estava preocupado com a sua paciente e não se importava com mais nada. E deixou transparecer a sua preocupação. Mas sempre foi assim.

O comentário surpreendeu Andrew.

— Como sabe?

— As pessoas me contaram.

Novamente o sorriso afetuoso. E ela estava

outra vez com os óculos no lugar; tirar e pôr os óculos parecia ser um hábito.

Celia acrescentou:

— Sei muita coisa a seu respeito, Andrew Jordan. Em parte porque é minha função conhecer os médicos e em parte... mas deixarei isso para mais tarde.

Esta moça excepcional, pensou Andrew, possui muitas facetas. Ele Perguntou:

— O que exatamente você sabe?

— Para começar, foi um dos primeiros de sua turma em John Hopkins. Fez o estágio de interno e a residência no Hospital-Geral de Massachusetts... e sei que somente os melhores vão para lá. E depois o Dr. Townsend escolheu-o, entre 50 candidatos, trazendo-o para sua clínica, porque sabia que você era bom. Quer mais?

Andrew soltou uma risada.

— Tem mais?

— Somente que você é um homem muito simpático, Andrew. E o que todo mundo diz. Mas também descobri alguns aspectos negativos em você.

— Estou chocado... Por acaso pensa em sugerir que não sou absolutamente perfeito?

— Tem alguns pontos em que se recusa a

raciocinar. Por exemplo, em relação aos laboratórios farmacêuticos. Está cheio de preconceitos contra nós. Concorde em algumas coisas...

— Pare por aí! — Andrew levantou a mão. — Admito os preconceitos. Mas também posso declarar que, esta manhã, estou disposto a mudar de idéia.

— Isso é ótimo, mas não deve mudar completamente. -- Celia usava outra vez o tom profissional. — Há muitas coisas boas em nossa indústria e acaba de testemunhar uma delas. Mas há também coisas que não são tão boas, algumas que não me agradam e tenciono alterar.

— Você tenciona alterar? — Andrew alteou as sobrancelhas. — Pessoalmente?

— Sei o que está pensando... que sou uma mulher.

— Já que mencionou, tem toda razão, notei isso.

Celia manteve-se compenetrada:

— Está chegando o momento... mais do que isso, já chegou... em que as mulheres farão muitas coisas que nunca ousaram antes.

— Neste momento, estou disposto a acreditar nisso também, especialmente no seu caso. — Uma pausa e Andrew acrescentou: — Falou que tinha

outra coisa para me dizer, mas deixaria para mais tarde.

Pela primeira vez, Celia de Grey hesitou.

— É verdade. — Os olhos verdes-cinzas se encontraram com os de Andrew. — Ia esperar até nos encontrarmos outra vez, mas posso dizer logo de uma vez. Decidi casar com você.

Mas que moça extraordinária! Tão cheia de vida e personalidade, para não falar das surpresas sucessivas. Andrew jamais conhecera alguém como ela. Ele começou a rir, mas um instante depois mudou de idéia abruptamente.

Um mês depois, na presença de uns poucos amigos íntimos e parentes, o Dr. Andrew Jordan e Celia de Grey casaram, numa discreta cerimônia civil.

3

Celia disse a Andrew no segundo dia da lua-de-mel:

— Nosso casamento será muito bom. Faremos com que dê certo.

— Se quer saber minha opinião... — Andrew

rolou na toalha de praia que partilhavam e conseguiu beijar a nuca da esposa. — Se quer saber minha opinião, já está dando certo.

Eles se encontravam na ilha de Eleuthera, nas Bahamas. Por cima deles, havia apenas um sol quente no meio da manhã e umas poucas nuvens brancas. Uma praia de areia branca, da qual eram os únicos ocupantes, parecia estender-se pelo infinito. Uma brisa soprava do mar, balançando as folhas das palmeiras e, imediatamente à frente, levantando ondulações no mar sereno.

— Se está falando de sexo, — disse Celia, — até que não nos saímos tão mal assim, não é mesmo?

Andrew soergueu-se, apoiado num cotovelo.

— Não nos saímos mal? Você é dinamite. Onde foi que aprendeu... — Ele parou de repente. — Não, não me diga.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta — murmurou Celia zombeteira.

Ela estendeu a mão e acariciou-lhe a coxa, enquanto a língua contornava sua boca. Andrew abraçou-a, sussurrando:

— Vamos voltar ao bangalô...

- Por que não aqui mesmo? Ou naquelas moitas ali?

— E chocar os nativos?

Ela riu, enquanto Andrew a levantava e saíam correndo pela praia.

— Você é um pudico... um pudico de verdade! Quem teria adivinhado?

Andrew levou-a para o pitoresco bangalô de teto de colmo em que haviam se instalado no dia anterior e que ocupariam por mais 10 dias.

— Não quero partilhar você com as formigas e caranguejos... e se isso me torna um pudico, que assim seja.

Andrew tirou o calção enquanto falava. Mas Celia se antecipara. Já estava sem o biquíni, estendida nua na cama, ainda rindo. Uma hora depois, de volta à praia, Celia disse:

— Como eu estava falando sobre o nosso casamento...

— Será muito bom — arrematou Andrew por ela. — Concordo plenamente.

— E para fazer com que dê certo, devemos ambos ser pessoas realizadas.

Andrew estava estendido de costas, satisfeito, as mãos entrelaçadas por trás da cabeça.

— Ainda concordo.

— Portanto, devemos ter filhos.

— Se há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar nisso, basta me dizer...

- Andrew! Por favor, estou falando sério.
- Mas eu não posso. Sinto-me feliz demais.
- Então serei séria por nós dois.
- Quantos filhos, Celia? E quando?

— Tenho pensado a respeito e acho que devemos ter dois filhos... o primeiro o mais depressa possível e o segundo dois anos depois. Dessa maneira, terei todos os filhos antes dos 30 anos.

— Isso é ótimo — disse Andrew. — E metódico. Apenas por curiosidade, tem algum plano para a sua velhice... depois dos 30 anos?

— Terei uma carreira. Não mencionei isso antes?

— Não que eu me lembre. Mas se bem recordar, meu amor, a maneira como nos lançamos na aventura do casamento não deixou muito tempo para discussão ou filosofia.

— Pois mencionei meu plano sobre os filhos para Sam Hawthorne — disse Celia. — Ele achou que daria certo.

— Sam que se dane... quem quer que ele seja.
— Andrew franziu a testa. — Espere um instante... ele não esteve em nosso casamento, o homem do Felding-Roth?

— Isso mesmo. Sam Hawthorne é o meu chefe,

o gerente regional de vendas. Foi com a mulher, Lilian.

— Certo. Tudo está me voltando.

Andrew lembrava agora de Sam Hawthorne... alto e afável, talvez com trinta e poucos anos, mas prematuramente calvo, feições rudes e fortes, que o fizeram pensar nos rostos esculpidos no Monte Rushmore. Lilian, a mulher de Hawthorne, era uma morena deslumbrante. Reconstituindo mentalmente os acontecimentos dos três últimos dias, Andrew comentou:

— Espero que me dê o devido desconto por me encontrar um tanto atordoado na ocasião.

Um dos motivos para isso, recordou ele, fora a visão de Celia ao aparecer, toda de branco, com um véu curto, na sala de recepção de um hotel local em que haviam resolvido casar. A cerimônia seria oficiada por um juiz amigo, que também pertencia ao conselho de administração do St. Bede's Hospital. O Dr. Townsend escoltara Celia, levando-a pelo braço.

Noah Townsend se mostrara plenamente à altura da ocasião, a epítome de um experiente médico de família. Distinto e grisalho, parecia bastante com o primeiro-ministro da Inglaterra, Harold Macmillan, que aparecia tão freqüentemente

no noticiário naqueles dias, tentando melhorar as relações britânico-americanas, abaladas com as divergências no ano anterior a propósito do Canal de Suez.

A mãe de Celia, uma viúva pequena e modesta, que residia em Filadélfia, comparecera ao casamento. O pai morrera na Segunda Guerra Mundial e fora por isso que Townsend assumira o seu lugar.

Ao sol das Bahamas, Andrew fechou os olhos, em parte por causa da claridade intensa, mas principalmente para reconstituir aquele momento em que Townsend entrará com Celia...

No mês que transcorrerá desde que Celia, naquela manhã memorável na cantina do hospital, anunciara sua intenção de casar com ele, Andrew caíra cada vez mais sob o que julgava nada menos que o encantamento mágico dela. Achava que amor era a palavra, só que parecia mais e diferente... o abandono da individualidade que Andrew sempre procurara e o total entrelaçamento de duas vidas e personalidades, de maneiras que ao mesmo tempo o aturdiavam e deliciavam. Não havia absolutamente outra mulher como Celia. Nenhum momento em sua companhia jamais era insípido. Ela permanecia repleta de surpresas, conhecimento, inteligência,

idéias, planos, tudo borbulhando da fonte de sua natureza exuberante, dinâmica e independente. Quase desde o início Andrew experimentara uma sensação de sorte intensa, como se tivesse ganhado, pelas maquinações do acaso, o grande prêmio que todos cobiçavam. E ele podia realmente sentir que os outros cobiçavam Celia, ao apresentá-la a seus colegas.

Andrew já tivera outras mulheres em sua vida, mas nenhuma por algum período mais prolongado. Também não houvera nenhuma com quem pensasse seriamente em casar. E o que tornava tudo ainda mais extraordinário era o fato de que, desde o momento em que Celia — para pôr em termos convencionais — "pedira-o em casamento", ele não tivera a menor dúvida, hesitação ou propensão para recusar.

E, no entanto... fora somente naquele momento inacreditável, quando vira Celia no vestido branco de casamento — radiante, adorável, jovem, desejável, tudo o que qualquer homem podia querer numa mulher e mais, muito mais — fora somente naquele momento que, com um clarão que pareceu uma bola de fogo a explodir em seu cérebro, Andrew se apaixonou de verdade e compreendeu, com a certeza absoluta que poucas vezes ocorre na

vida, que era excepcionalmente afortunado, aquilo que estava lhe acontecendo seria para sempre, nunca haveria, apesar do ceticismo dos tempos, separação ou divórcio para ele e Celia.

Fora essa palavra, "divórcio", disse Andrew a si mesmo quando pensara a respeito depois, que o mantivera solteiro, numa época em que muitos dos seus contemporâneos casavam com vinte e poucos anos. É claro que foram os pais que lhe proporcionaram essa posição. A mãe, que representava (na opinião de Andrew) a divorciada *non grata*, comparecera ao casamento. Ela voara de Los Angeles como uma borboleta envelhecida, anunciando a quem quisesse escutar que interrompera a busca do quarto marido para estar presente ao "primeiro casamento" do filho. O pai de Andrew fora seu segundo marido. Quando Andrew perguntara por ele, a mãe respondera:

— Ora, meu querido menino, nem me lembro direito como ele parecia. Não o vejo há 20 anos e na última vez em que tive notícias o velho devasso estava vivendo em Paris com uma prostituta de 17 anos.

Ao longo dos anos, Andrew tentara compreender a mãe e racionalizar seu comportamento. Tristemente, porém, sempre

chegava à mesma conclusão: era ela uma beldade fútil, superficial e egocêntrica, que atraía um tipo de homem similar.

Ele convidara a mãe para o casamento — embora mais tarde se arrependesse — por um senso de dever e a convicção de que todos deveriam ter um sentimento por um parente natural. Também enviara uma carta, comunicando o casamento, ao último endereço conhecido do pai, mas não recebera qualquer resposta. Andrew duvidava que algum dia haveria. A cada três anos ou por aí, ele e o pai conseguiam trocar cartões de Natal, mas isso era tudo.

Andrew fora o único filho do breve casamento dos pais. A única outra pessoa da família que gostaria de apresentar a Celia morrera dois anos antes. Era uma tia solteirona com quem Andrew vivera durante a maior parte de sua infância e que, embora não fosse próspera, conseguira de alguma forma providenciar o dinheiro suficiente — sem ajuda dos pais dele — para manter Ernest durante todo o curso de medicina. Fora somente depois da morte da tia, quando os remanescentes patéticos de seus bens, no valor de umas poucas centenas de dólares, foram apresentados no escritório de um advogado, é que Andrew compreendera como fora

grande o sacrifício.

No casamento, Celia não se perturbara com a mãe de Andrew. Avaliando a situação sem precisar que qualquer coisa lhe fosse explicada, Celia se mostrara cordial, até mesmo afetuosa, mas não efusiva. Posteriormente, quando Andrew manifestara pesar pelo comportamento bizarro da mãe, Celia respondera:

— Casamos um com o outro, querido, não com nossas famílias. — Depois, ela acrescentara. — Sou sua família agora e receberá mais amor de mim do que jamais teve em toda a sua vida até agora.

E hoje, na praia, Andrew já podia compreender que isso era verdade.

— O que eu gostaria de fazer, se você concordar, — disse Celia, continuando a conversa, — é trabalhar durante a maior parte da primeira gravidez, depois tirar um ano de licença para ser mãe em tempo integral. Retornarei ao trabalho até a segunda gravidez e tornarei a fazer a mesma coisa.

— Claro que eu concordo. E nos intervalos entre ser amado e engravidá-la, planejo me dedicar um pouco à medicina.

— Vai se dedicar muito à medicina e continuará a ser um médico interessado e maravilhoso.

— Espero que sim.

Andrew suspirou, feliz e poucos minutos depois estava dormindo. Passaram os poucos dias seguintes aprendendo coisas um sobre o outro que não haviam tido tempo para descobrir antes.

Uma manhã, ao café, que era servido no bangalô todos os dias por uma preta jovial e maternal, chamada Remona, Celia disse:

— Adoro este lugar. A ilha, seu povo, a tranqüilidade. Fico contente que o tenha escolhido, Andrew. Nunca mais o esquecerei.

— Também estou contente.

A primeira sugestão de Andrew para a lua-de-mel fora o Havaí.

Mas ele sentira uma relutância em Celia e trocara para o que fora originalmente uma segunda opção. Agora, Celia comentou:

— Não lhe falei antes, mas ficaria triste se fôssemos para o Havaí. Quando ele perguntou o motivo, mais uma peça da geometria do passado ajustou-se no lugar.

A 7 de dezembro de 1941, quando Celia tinha 10 anos e estava em Filadélfia com a mãe, o pai, da Marinha dos Estados Unidos, Suboficial Willis de Grey, se encontrava no Havaí, a bordo do couraçado Arizona, em Pearl Harbor. Durante o

ataque japonês naquele dia, o Arizona fora afundado e 1.102 marinheiros a bordo morreram. A maioria se achava nos porões e seus corpos nunca foram recuperados. Willis de Grey fora um deles.

— Lembro dele muito bem — disse Celia, respondendo a uma pergunta de Andrew. — É verdade que ele passava muito tempo ausente, no mar. Mas quando estava em casa, de licença, havia sempre muito movimento, uma grande alegria. Era emocionante quando ele estava para chegar. Até mesmo Janet, minha irmã caçula, sentia-se assim, embora não o lembre tão bem quanto eu.

— Como ele era? — perguntou Andrew.

Celia pensou por um momento, antes de responder.

— Grande e com uma voz trovejante, fazia as pessoas rirem e adorava crianças. Também era forte... não apenas fisicamente, mas ainda mentalmente. Minha mãe o é e provavelmente você o percebeu. Ela se apoiava totalmente em papai. Mesmo quando não estava presente, ele lhe dizia o quê fazer através das cartas.

— E agora ela se apóia em você?

— Pareceu funcionar assim. E quase que imediatamente depois que meu pai morreu. — Celia sorriu. — É claro que eu era horivelmente precoce.

Provavelmente ainda sou.

— Um pouco, Celia. Mas já cheguei à conclusão de que posso conviver com isso.

Mais tarde, Andrew disse, gentilmente.

— Posso compreender por que você não escolheria o Havaí para a lua-de-mel. Mas já estive lá... já foi a Pearl Harbor?

Celia sacudiu a cabeça.

— Minha mãe jamais quis ir e eu... embora não saiba direito por quê... ainda não estou preparada.

— Ela fez uma pausa, antes de continuar: — Fui informada que se pode chegar perto do lugar em que o Arizona afundou, olhar para baixo e avistar o navio, embora nunca tenham conseguido içá-lo. Pode achar isso estranho, Andrew, mas um dia gostaria de ir ao lugar em que meu pai morreu. Mas não sozinha. Gostaria de levar meus filhos.

Houve um momento de silêncio, rompido por Andrew:

— Não, não acho absolutamente estranho. E vou-lhe contar uma promessa. Um dia, depois que tivermos nossos filhos e eles puderem compreender, cuidarei disso.

Em outro dia, num bote vazando, curtido pelo tempo, enquanto Andrew lutava ineptamente com os remos, eles conversaram sobre os trabalho de

Celia.

— Sempre pensei que os laboratórios farmacêuticos só contratassem homens para promotores — comentou Andrew.

— Não se afaste muito da praia — pediu Celia.

— Tenho o pressentimento de que esta banheira se encontra prestes a afundar. Tem razão, quase todos são homens, embora haja algumas mulheres... especialmente enfermeiras militares. Mas sou a primeira e ainda a única promotora no Felding-Roth.

— É uma conquista e tanto. Como conseguiu?

— Por meios tortuosos.

Em 1952, recordou Celia, ela se formara no Colégio Estadual da Pensilvânia, com um diploma de bacharel em química. Financiara os estudos com uma bolsa, complementando com trabalho noturno e nos fins de semana numa drugstore.

— Essa época... aviando receitas com uma das mãos e entregando grampos e desodorantes com a outra... ensinou-me muitas coisas que depois se tornaram úteis. Havia até ocasiões em que vendia por baixo do balcão.

Ela explicou tudo.

Os homens, especialmente os jovens, entravam na loja e flanavam irrequietenos, tentando atrair a atenção do homem que atendia. Celia sempre

reconhecia os sinais. E indagava:

— Em que posso servi-lo?

A resposta era quase que invariável:

— Quando ele estará livre?

- Se quer preservativos, — dizia Celia, suavemente, — temos uma boa variedade.

Ela pegava caixas de diversas marcas por baixo do balcão e empilhava por cima. Os homens, de cara vermelha, compravam logo e se retiravam apressadamente. Ocasionalmente, alguém mais ousado indagava se Celia não o ajudaria a experimentar o produto. Ela tinha uma resposta pronta para isso:

— Não há problema. Quando você quiser. Acho que minha sífilis já acabou.

Alguns podiam compreender que era um gracejo, mas ninguém queria correr o risco, pois ela nunca mais tornava a ver o homem que a convidara.

Andrew riu, parou de remar, deixou o bote à deriva.

Armada com o seu diploma de química, explicou Celia, ela se candidatara a um emprego no Felding-Roth. Fora aceita e trabalhara nos laboratórios por dois anos.

— Aprendi algumas coisas lá... principalmente que o trabalho de laboratório é monótono e

repetitivo, a menos que a pessoa seja um cientista dedicado. O que me interessava mesmo era marketing e vendas. E ainda interessa. — Uma pausa e ela acrescentou: — É também onde se tomam grandes decisões.

Mas a transição do trabalho de laboratório para venda fora difícil. Celia tentara o curso convencional de solicitar uma transferência e fora rejeitada.

— Disseram-me que a política da companhia era que as únicas mulheres empregadas em vendas fossem as secretárias.

Recusando-se a aceitar essa decisão, eia planejava uma campanha.

— Descobri que a pessoa que teria de recomendar a mudança dessa política, se isso viesse a acontecer, seria Sam Hawthorne. Conheceu-o em nosso casamento.

— Seu chefe, o maestro regional de vendas — disse Andrew. — O que deu sua aprovação a termos dois filhos.

— Isso mesmo... a fim de que eu possa continuar a trabalhar. Cheguei à conclusão de que a única maneira de influenciar Hawthorne era por intermédio de sua esposa. Era uma manobra arriscada e quase fracassou.

Celia descobriu que a Sra. Lilian Hawthorne participava ativamente de diversos grupos femininos. Sendo assim, ao que tudo indicava, poderia se mostrar simpática às ambições de carreira de outra mulher. Num momento em que Sam Hawthorne estava no escritório, Celia fora procurar sua esposa em casa.

— Eu nunca a vira antes — disse Celia a Andrew. — E não marcara um encontro. Apenas toquei a campainha e fui entrando..

A recepção fora hostil. A Sra. Hawthorne, de trinta e poucos anos, sete anos mais velha do que Celia, era uma mulher forte e objetiva, cabelos muito pretos, que empurrava impacientemente para trás, enquanto Celia explicava seu propósito. Ao final, Lilian Hawthorne dissera:

— Isto é absurdo. Não tenho nada a ver com o trabalho do meu marido. E tem mais: ele ficará furioso quando souber que você esteve aqui.

— Sei disso — respondeu Celia. — Provavelmente me custará o emprego.

— Deveria ter pensado nisso antes.

— E pensei, Sra. Hawthorne. Mas resolvi correr o risco de encontrar uma mulher de pensamento atualizado, acreditando em tratamento igual para ambos os sexos. Alguém que achasse que as

mulheres não devem ser punidas injustamente por causa de seu sexo.

Por um momento, parecera que Lilian Hawthorne explodiria. Ela dissera bruscamente a Celia:

— Você é muito atrevida!

— Tem toda razão. É justamente por isso que darei uma grande vendedora.

A outra mulher fitara-a fixamente por um longo momento e depois desatara a rir.

— Por Deus, acredito que você realmente merece!

Um momento depois, ela acrescentara:

— Eu ia fazer café quando chegou, Srta. de Grey. Vamos até a cozinha e conversaremos.

Fora o início de uma amizade que persistiria ao longo dos anos.

— Mesmo depois disso, Sam ainda precisou de bastante persuasão — disse Celia a Andrew. — Mas ele acabou me entrevistando e acho que gostou. Ao mesmo tempo, Lilian continuou a pressioná-lo. Depois, ele teve de obter a aprovação de seus superiores. Ao final, porém, tudo deu certo.

Ela baixou os olhos para a água no bote, que subia agora até os tornozelos.

— Andrew, eu estava certa! A coisa está

afundando!

Rindo, os dois pularam do bote e nadaram até a praia, rebocando a embarcação.

— Quando comecei a trabalhar em vendas, como promotora, — disse Celia a Andrew, durante o jantar, naquela noite, — compreendi que não tinha de ser tão boa quanto um homem no cargo. Tinha de ser melhor.

— Lembro muito bem de uma experiência recente em que você não apenas foi melhor que um homem, mas também melhor do que este médico — comentou Andrew.

Ela presenteou-o com um sorriso exuberante, tirou os óculos e tocou em sua mão, por cima da mesa.

— Tive sorte neste caso... e não apenas com a Lotromycina.

— Tira os óculos a todo instante, Celia. Por quê?

— Sou míope e preciso deles. Mas sei que fico melhor sem os óculos. Só por isso.

— Você fica maravilhosa de qualquer maneira. Mas se os óculos a incomodam, devia pensar na possibilidade de lentes de contato. Muitas pessoas estão começando a usá-las.

— Descobrirei tudo a respeito quando

voltarmos — prometeu Celia. — Mais alguma coisa, já que estamos falando nisso? Tem outras mudanças a sugerir?

— Gosto de tudo do jeito como está.

Para chegar onde estavam, haviam andado um quilômetro e meio desde o bangalô, de mãos dadas, por uma estrada sinuosa e tosca, em que o tráfego era uma raridade. O ar noturno era quente, ouvindo-se apenas os ruídos dos insetos e o marulhar das ondas nos recifes ao largo. Agora, num pequeno restaurante, modestamente decorado, chamado Travellers Rest, comiam o prato típico local, garoupa frita, ervilhas e arroz.

Embora o Travellers Rest não se qualificasse para figurar no Guia Michelin, servia uma comida saborosa para os famintos, o peixe sempre fresco e preparado numa frigideira antiga, sobre um fogo de lenha, pelo anfitrião, um bahamense encarquilhado mas vigoroso, Cleophas Moss. Ele instalara Andrew e Celia a uma mesa que dava para o mar. Uma vela acesa numa garrafa de cerveja se erguia entre os dois. Diretamente à frente havia nuvens dispersas e uma lua quase cheia.

— Em New Jersey, — lembrou Celia a Andrew, — provavelmente está frio e chovendo.

Celia contou que sua primeira missão como

promotora fora em Nebraska, onde até então o Felding-Roth não tinha representantes.

— De certa forma, até que foi bom para mim. Eu sabia exatamente onde estava, porque começava do nada. Não havia organização, poucos registros, ninguém para dizer a quem procurar ou onde.

— Seu amigo Sam fez isso deliberadamente... como alguma espécie de teste?

— É bem possível. Nunca perguntei a ele.

Em vez de perguntar, Celia se lançou com afinco ao trabalho. Arrumara um apartamento pequeno em Omaha e a partir dessa base percorrera todo o estado, cidade por cidade. Em cada lugar arrancava toda a seção de médicos das páginas amarelas da lista telefônica, depois datilografava as fichas e começava a telefonar. Descobrira que havia 1.500 médicos em seu território. Posteriormente, resolvera se concentrar nos 200 que calculava serem os maiores receitadores de medicamentos.

— Estava muito longe de casa — disse Andrew.

— Sentia-se solitária?

— Não tinha tempo para isso. Vivia ocupada demais.

Uma descoberta inicial fora a dificuldade para se encontrar com os médicos.

— Eu passava horas sentada em salas de

espera. E depois, quando finalmente entrava, o médico me concedia cinco minutos, não mais do que isso. Chegou o dia em que um médico de North Platte expulsou-me de seu consultório. Mas, ao fazer isso, ele me prestou um grande favor.

— Como assim?

Celia provou mais um pouco da garoupa frita, proclamando:

— Frita em gordura! Eu não deveria comer, mas está gostosa demais para dispensar.

Ela largou o garfo e recostou-se, recordando.

— Ele era um médico de doenças internas, Andrew, como você. Devia ter em torno dos 40 anos e acho que estava num mau dia. Comecei minha conversa de venda, mas ele prontamente interrompeu, dizendo: "Mocinha, está tentando me falar em termos profissionais de medicina. Portanto, deixe-me dizer-lhe uma coisa. Passei quatro anos em uma faculdade de medicina, outros cinco como interno e residente, estou há 10 anos com este consultório. Posso não saber de tudo, mas sei tanto a mais do que você que é até engraçado. O que está tentando me dizer, com os seus conhecimentos inadequados, posso ler em 20 segundos num anúncio em qualquer publicação médica. Portanto, saia daqui!"

Andrew fez uma careta.

— Cruel.

— Mas muito bom para mim, embora eu tenha saído de lá me sentindo a coisa menor do mundo. Porque ele estava certo.

— O laboratório... o Felding-Roth... não havia lhe proporcionado qualquer tratamento?

— Um pouco. Mas curto e superficial, principalmente uma série de discursos sobre vendas. Meus conhecimentos de química ajudavam, mas não muito. Simplesmente não me encontrava preparada para conversar com médicos muito ocupados e bastante qualificados.

— Já que mencionou o assunto, — interveio Andrew, — esse é um dos motivos pelos quais alguns médicos não recebem os promotores. Além de se ter de escutar uma conversa de venda padronizada, pode-se obter informações incorretas, o que é muito perigoso. Alguns promotores são capazes de dizer qualquer coisa, até mesmo enganam, só para persuadir os médicos a receitarem seu produto.

— Andrew querido, quero que faça uma coisa por mim em relação a isso. Eu lhe direi o que é mais tarde.

— Está certo... se eu puder. O que aconteceu

depois de North Platte?

— Compreendi duas coisas. Primeiro, devia parar de pensar como uma vendedora e não tentar qualquer venda agressiva. Segundo, apesar dos médicos saberem mais do que eu, precisava descobrir coisas específicas sobre os medicamentos que eles não conhecessem, o que lhes poderia ser útil. Com isso, eu me tornaria útil. De passagem, posso acrescentar que descobri mais uma coisa, enquanto tentava tudo isso. Os médicos aprendem muitas coisas a respeito das doenças, mas não são tão bem informados sobre os medicamentos.

— Tem razão — concordou Andrew. — O que ensinam na faculdade de medicina sobre drogas não vale nada. E, na prática, já é bastante difícil se manter atualizado com os desenvolvimentos médicos, para não falar nos novos medicamentos. Assim, tendo-se que receitar medicamentos, o sistema é experiência e erro.

— Cheguei ainda a outra conclusão — continuou Celia. — Compreendi que sempre devia dizer aos médicos a verdade exata, nunca exagerar, nunca esconder. E se me perguntassem sobre o produto de um concorrente e fosse melhor do que o nosso, eu assim diria.

— Como efetuou essa grande mudança?

— Por algum tempo, eu dormia apenas quatro horas por noite.

Celia descreveu como, depois de um dia regular de trabalho, passava as noites e fins de semana lendo todos os manuais sobre medicamentos que podia encontrar. Estudava cada detalhe, fazendo anotações e memorizando. Se havia indagações sem solução, procurava as respostas nas bibliotecas. Fez uma viagem à sede do Felding-Roth em New Jersey e pressionou antigos colegas na seção científica a lhe falarem mais do que se encontrava nos manuais, além do que estava sendo desenvolvido e em breve se acharia disponível. Não demorara muito para que suas apresentações aos médicos melhorassem; alguns lhe pediam que obtivesse informações específicas, o que ela prontamente providenciava. Depois de algum tempo, Celia constataria que já obtinha resultados favoráveis. Os pedidos dos medicamentos do Felding-Roth em seu território aumentaram. Andrew comentou, com evidente admiração:

— Celia, você é única. Não existe outra igual.

Ela riu.

— E você é preconceituoso, embora eu adore isso. Seja como for, em pouco mais de um ano a companhia triplicou suas vendas em Nebraska.

— Foi então que a tiraram de lá?

— Entregaram o território de Nebraska a alguém mais novo, um homem, transferiram-me para um território mais importante, em New Jersey.

— Pense um pouco, Celia. Se a tivessem mandado para algum outro lugar, como Illinois ou Califórnia, nunca teríamos nos conhecido.

— Está enganado — declarou ela, confiante. — De um jeito ou de outro, estávamos destinados a nos encontrar. "O casamento é o destino."

Andrew arrematou a citação:

— "E o enforcamento também."

Os dois riram.

— Mas que coisa estranha! — exclamou Celia, deliciada. — Um médico totalmente devotado que sabe recitar John Heywood!

— O mesmo Heywood, um poeta do século XVI, que também cantou e tocou música para Henrique VIII — gabou-se Andrew, igualmente satisfeito.

Eles se levantaram e o anfitrião gritou do fogão de lenha:

— O peixe estava bom, apaixonados em lua-de-mel? Está tudo bem?

— Está tudo muito bem — garantiu Celia. — Com o peixe e a lua-de-mel.

Andrew comentou, divertido:

– Não há segredos numa pequena ilha.

Ele pagou a refeição com uma nota bahamense de 10 xelins — uma quantia modesta, quando se convertia em dólares — e dispensou o troco.

Lá fora, estava um pouco mais frio e a brisa marinha era revigorante. Felizes, os braços dados, eles voltaram pela estrada tranqüila e sinuosa.

Era o último dia.

Como a acompanhar a tristeza da partida, o tempo nas Bahamas se tornara nublado. Choveu pela manhã, enquanto um vento forte soprava de nordeste, encarneirando o mar e lançando as ondas impetuosamente para a praia.

Andrew e Celia partiriam ao meio-dia de Rock Sound, pela Bahamas Airways, fazendo conexão em Nassau com um vôo da Pan Am para o norte, que os deixaria em Nova York naquela noite. Chegariam a Morristown no dia seguinte, onde ficariam residindo no apartamento de Andrew, na South Street, até que encontrassem uma casa a seu gosto. Celia, que residia antes em aposentos mobiliados em Boonton, já saíra de lá, deixando algumas de suas coisas num depósito.

No bangalô da lua-de-mel, que deixariam em menos de uma hora, Celia arrumava as coisas, suas

roupas espalhadas pela cama de casal. Ela gritou para Andrew, que se achava no banheiro, fazendo a barba:

— Foi tudo maravilhoso aqui. E isso é apenas o começo.

Ele respondeu pela porta aberta:

— É um começo espetacular! Mesmo assim, estou pronto para voltar ao trabalho.

— Quer saber de uma coisa, Andrew? Acho que você e eu vicejamos com o trabalho. Temos isso em comum e ambos somos ambiciosos. Sempre seremos assim.

— Hum, hum... — Ele saiu do banheiro, nu, enxugando o rosto com uma toalha. — Mas não há motivo para não parar um pouco de trabalhar de vez em quando. Desde que haja um bom motivo.

Celia começou a indagar "Temos tempo?", mas foi incapaz de terminar porque Andrew a estava beijando. E ele murmurou, um momento depois:

— Pode fazer o favor de desocupar essa cama?

Estendendo a mão para trás, sem olhar e com um braço enlaçando Andrew, Celia começou a jogar as roupas no chão.

— Assim é melhor — disse ele, quando se deitaram sobre o lugar em que antes se encontravam as roupas. — É para isso que as camas

são feitas.

Celia soltou uma risadinha.

– Podemos chegar atrasados para o vôo.

– Quem se importa?

E, logo depois, ela murmurou, feliz:

– Tem razão... quem se importa?

E ainda mais tarde, ternamente, a voz transbordando de felicidade:

– Eu me importo... Oh, Andrew, eu o amo tanto!

4

A bordo do Vôo 206 da Pan American, seguindo para Nova York, havia exemplares daquele dia do New York Times. Passando os olhos pelo jornal, Celia comentou:

– Não mudou muita coisa enquanto estivemos ausentes.

Um despacho de Moscou citava Nikita Khrushchev como tendo desafiado os Estados Unidos a uma "partida de disparo de mísseis". Uma futura guerra mundial, gabara-se o líder soviético, seria travada no continente americano. Ele previa "a

morte do capitalismo e o triunfo universal do comunismo"

O Presidente Eisenhower, por outro lado, garantia aos americanos que as defesas dos Estados Unidos acompanhariam à altura os desafios soviéticos.

E as investigações sobre a guerra de quadrilhas, culminando com a morte do chefe da Máfia, Albert Anastasia, metralhado numa cadeira de barbeiro no Park-Sheraton Hotel, em Nova York, continuavam, até agora sem quaisquer resultados.

Andrew também folheou o jornal, mas logo largou-o.

Seria um vôo de quatro horas no DC-7B. O jantar foi servido pouco depois da decolagem. Assim que acabara de comer, Andrew lembrou à esposa:

— Disse que havia uma coisa que queria que eu fizesse. Algo relacionado com os promotores dos laboratórios farmacêuticos.

— Isso mesmo. — Celia Jordan recostou-se confortavelmente na poltrona, depois pegou a mão de Andrew. — Remonta à conversa que tivemos no dia seguinte ao seu uso da Lotromycina e a recuperação da paciente. Disse-me que começava a mudar de idéia em relação à indústria farmacêutica.

Respondi que não a mudasse demais, porque há coisas que são erradas e que eu espero mudar. Lembra?

— Como poderia esquecer? — Andrew riu. — Todos os detalhes daquele dia estão gravados em minha alma.

— Ótimo! Pois então deixe-me agora fornecer-lhe um panorama geral.

Olhando para a esposa, Andrew mais uma vez se espantou com a quantidade de determinação e inteligência contida numa embalagem tão pequena e atraente. Nos anos pela frente, refletiu ele, precisaria se manter alerta e bem informado só para acompanhar Celia mentalmente. Agora, ele concentrou-se em escutar.

A indústria farmacêutica em 1957, começou Celia, ainda se encontrava, sob alguns aspectos, muito perto de suas raízes, de suas origens.

— Não faz muito tempo que começamos, vendendo óleo de cobra nas feiras do interior, poções de felicidade e uma pílula para curar tudo, de dor de cabeça a câncer. As pessoas que apregoavam essas coisas não se importavam com o que apregoavam ou prometiam. Tudo o que queriam era efetuar as vendas. E garantiam qualquer resultado para consegui-las.

Muitas vezes, continuou Celia, essas drogas milagrosas e remédios populares eram negociados por famílias. Foram algumas dessas famílias que abriram as primeiras drugstores, as primeiras farmácias. Ainda mais tarde, seus descendentes continuaram a tradição de família e construíram firmas fabricantes de medicamentos, que se tornaram, com o passar dos anos, grandes, científicas e respeitáveis. Enquanto tudo isso acontecia, os toscos métodos iniciais de venda mudaram e também se tornaram mais respeitáveis.

— Mas, às vezes, não eram bastante respeitáveis. Um dos motivos para isso era a persistência do controle familiar. A tradição do velho óleo de cobra, da venda de qualquer maneira, estava no sangue.

— Não podem restar tantas famílias assim controlando os grandes laboratórios farmacêuticos — comentou Andrew.

— Não, não há muitas, embora algumas das famílias originais ainda controlem grandes blocos de ações. Mas o que persistiu, mesmo com executivos bem remunerados dirigindo os laboratórios, é a venda a qualquer custo, antiquada, não muito ética. E muito disso acontece quando os promotores visitam os médicos para lhes falar sobre

os novos medicamentos.

Celia fez uma pausa, antes de continuar:

— Como você sabe, alguns promotores... não todos, mas ainda assim demais... dirão qualquer coisa, podem até mentir, para persuadir os médicos a receitarem o que estão vendendo. Os laboratórios farmacêuticos podem declarar oficialmente que não concordam com isso, mas sabem que continua a acontecer.

Eles foram interrompidos por uma aeromoça, anunciando que aterrissariam em Nova York dentro de 40 minutos. O bar seria fechado em breve. Antes disso, não queriam pedir um drinque? Celia pediu o seu predileto, um daiquiri, enquanto Andrew optava por scotch com soda.

Depois que os drinques foram servidos e tornaram a se acomodar a sós, Andrew disse:

— Já testemunhei muitos exemplos do que você estava dizendo. E também ouvi histórias de outros médicos... sobre pacientes que ficaram ainda mais doentes ou até morreram depois de tomarem remédios, tudo porque os promotores forneceram informações falsas, em que os médicos acreditaram.

Ele tomou um gole do scotch, antes de acrescentar:

— Há também a publicidade dos laboratórios

farmacêuticos. Os médicos são inundados de anúncios, mas uma grande parte da publicidade não lhes diz o que devem saber... especialmente sobre os efeitos dos remédios, inclusive os perigosos. Quando se está muito ocupado, com pacientes a receber e uma porção de outras coisas na cabeça, é muito difícil acreditar que alguém de um laboratório farmacêutico ou a própria empresa esteja deliberadamente enganando-o.

— Mas acontece — comentou Celia. — E, depois, a coisa é varrida para baixo do tapete, ninguém mais fala a respeito. Sei disso porque já tentei falar a respeito no Felding-Roth.

— E qual é o seu plano?

— Fazer um registro meticuloso de tudo. Um registro que ninguém possa contestar. E usá-lo quando chegar o momento oportuno.

Celia pensou por um instante, antes de passar a explicar:

— Não vou mais visitá-lo, Andrew. É a política do laboratório. Assim, outra pessoa do Felding-Roth ficará cobrindo seu consultório e do Dr. Townsend. Mas sempre que receber um promotor, homem ou mulher, do nosso laboratório ou de qualquer outro, descobrindo que recebeu informação errada, não foi alertado para os efeitos secundários de um

medicamento ou qualquer outra coisa que deveria saber, quero que escreva um relatório e me dê. Tenho outros médicos fazendo a mesma coisa, médicos que confiam em mim, em Nebraska e New Jersey. Meu arquivo está cada vez maior.

Andrew deixou escapar um assovio baixo.

— Está se metendo em uma coisa bem grande. E também com alguns riscos.

— Alguém tem de assumir riscos quando se quer melhorar uma situação negativa. E eu não tenho medo.

— Não creio que pudesse ter.

— Vou lhe dizer mais uma coisa, Andrew. Se os grandes laboratórios farmacêuticos não fizerem uma limpeza diretamente, muito em breve, creio que o governo acabará cuidando disso. Já há protestos no Congresso. Se a indústria farmacêutica esperar pelas audiências do Congresso e depois pelas novas leis com restrições vigorosas, vai se arrepender e desejar ter agido antes, por sua própria iniciativa.

Andrew ficou em silêncio por algum tempo, absorvendo o que acabara de ouvir e remoendo outros pensamentos. E, finalmente, disse:

— Não lhe perguntei isso antes, Celia, mas talvez seja agora um bom momento para

compreender uma coisa a seu respeito.

Os olhos da esposa estavam fixados nele, sua expressão era compenetrada. Andrew escolheu as palavras com extremo cuidado:

— Você falou em ter uma carreira. Está ótimo para mim e tenho certeza de que você não seria feliz sem isso. Mas tive a impressão, durante o tempo que passamos juntos nestas últimas semanas, que você quer mais de uma carreira do que aquilo que faz atualmente... sendo uma promotora.

Celia disse suavemente:

— Tem toda razão. Vou subir até o topo.

— Até o mais alto? — Andrew ficou surpreso.

— Pensa em dirigir um grande laboratório farmacêutico?

— Se eu puder. E mesmo que não consiga chegar até lá, tenciono ficar bastante perto para ter influência e poder de verdade.

Andrew murmurou, aturdido:

— E é isso o que você quer... poder?

— Sei o que está pensando, Andrew... que o poder às vezes se torna obsessivo e corruptor. Não tenciono permitir qualquer das duas coisas. Quero simplesmente uma vida cheia, com casamento e filhos, mas também com algo mais... uma realização sólida.

— Naquele dia na cantina... — Andrew fez uma breve pausa e corrigiu-se. — Naquele dia memorável. Você disse que era o momento das mulheres fazerem coisas que nunca antes haviam realizado. Pois acredito nisso também. Já está acontecendo, numa porção de lugares, inclusive na medicina. Mas tenho dúvidas sobre a sua indústria... a farmacêutica. Todo esse negócio é conservador e dominado pelos homens... você mesma disse.

Celia sorriu.

— E horrivelmente.

— Então já está pronto... para alguém como você? Pergunto isso, Celia, porque não quero ficar observando e vê-la sair magoada ou infeliz, enquanto se lança com tudo o que tem no esforço e depois descobre que não adianta.

— Não serei infeliz, Andrew. É uma coisa que lhe prometo. — Ela apertou o braço do marido. — É uma coisa nova para mim ter alguém a se preocupar tanto quanto você, querido. Gosto disso. Quanto à sua pergunta... não, a indústria ainda não está pronta, para mim ou qualquer outra mulher ambiciosa. Mas tenho um plano.

— Eu deveria saber que você já tinha calculado tudo.

— Em primeiro lugar, tenciono me tornar tão competente no meu cargo que o Felding-Roth descobrirá que não pode deixar de me promover.

— Aposto que conseguirá. Mas disse "em primeiro lugar". Não é suficiente?

Celia sacudiu a cabeça.

— Estudei outros laboratórios, suas histórias, as pessoas que os dirigem. E descobri uma coisa. A maioria dos homens que chegam lá em cima está agarrada em alguém. Não me interprete erroneamente... eles precisam trabalhar arduamente e ser excelentes. Mas, desde cedo, escolhem alguém... um pouco mais alto, geralmente um pouco mais velho... que acreditam estar a caminho do topo, na sua frente. E depois se tornam úteis a essa pessoa, concedem sua lealdade e seguem atrás. A verdade é que um executivo, ao ser promovido, gosta que alguém a quem esteja acostumado, que seja competente e em quem possa confiar, suba em sua esteira.

— A esta altura, você já escolheu alguém para seguir?

— Já decidi isso há algum tempo — respondeu Celia. — Estou seguindo Sam Hawthorne.

— Ora, ora... — O marido alteou as sobrancelhas. — De um jeito ou de outro, Sam

parece assomar enorme em nossas vidas.

— Apenas em questões profissionais. Portanto, você não precisa ficar com ciúme.

— Está bem. Mas Sam já sabe dessa decisão... que você está se atrelando à sua estrela?

— Claro que não. Mas Lilian Hawthorne sabe. Discutimos o assunto confidencialmente e Lilian aprova.

— Está me parecendo que tem havido muitas conspirações femininas por aí.

— E por que não? — Por um momento, o aço interior de Celia faiscou. — Algum dia é possível que tudo isso se torne desnecessário. Mas, neste momento, o mundo dos altos negócios é como um clube privado masculino. Sendo assim, uma mulher deve usar todos os meios que puder para ingressar no clube e seguir em frente.

Andrew ficou em silêncio, pensando a respeito, antes de murmurar:

— Até hoje, eu não tinha pensado muito sobre isso. Creio que a maioria dos homens não o faz. Mas faz sentido o que você diz. Portanto, Celia, enquanto você está subindo até o topo... e acredito sinceramente que conseguirá chegar lá... eu estarei por trás de você, ao longo de todo o caminho.

Ela inclinou-se na poltrona e beijou-o.

— Eu sabia disso desde o início. É um dos motivos pelos quais casei com você.

Eles sentiram o ritmo dos motores do avião se reduzir, enquanto se acendia o aviso de "Favor Apertar os Cintos". Pelas janelas de bom-bordo, as luzes de Manhattan cintilavam na escuridão do início da noite.

— Dentro de poucos minutos estaremos pousando no Aeroporto Internacional de Idlewild — anunciou uma aeromoça.

Celia tornou a pegar a mão de Andrew.

— E nós estaremos começando a nossa vida conjugal — disse ela. — Como poderíamos errar?

5

Ao retornarem a seus trabalhos separados, Andrew e Celia descobriram que haviam alcançado, de maneiras diferentes, a posição de celebridades.

Como muitos desenvolvimentos médicos importantes, a notícia sobre o uso de Lotromycina por Andrew levava tempo para circular. Mas agora, cerca de seis semanas depois da extraordinária recuperação de Mary Rowe, o assunto fora

descoberto pela imprensa nacional.

O pequeno Daily Record, de Morristown, divulgara a história em primeiro lugar, com o seguinte título:

Médico Local Usa Remédio Maravilhoso Recuperação "Milagrosa" de Paciente

O Newark Star-Ledger, que aproveitava o noticiário de jornais locais em sua área de influência, também publicou a história, atraindo com isso a atenção de redatores de assuntos científicos do New York Times e do Time. Ao voltar, Andrew encontrou mensagens urgentes, pedindo que telefonasse para as duas publicações. O que ele fez. O resultado foi ainda mais publicidade, com o Time, de propensões mais românticas, acrescentando à notícia a informação do casamento de Andrew e Celia.

Cumulando tudo isso, o New England Journal of Medicine comunicou a Andrew que, dependendo de determinadas revisões, seu artigo sobre a Lotromycina seria publicado, no momento oportuno. As revisões sugeridas eram mínimas e Andrew concordou imediatamente em efetuá-las.

— Não me importo de confessar que estou me

roendo de inveja — comentou o Dr. Noah Townsend, quando Andrew lhe falou a respeito do New England Journal. — Mas me consolo com a reputação que isso está trazendo para o nosso consultório.

Mais tarde, a mulher de Townsend, Hilda, bastante atraente em seus cinqüenta e poucos anos, confidenciou a Andrew:

— Noah não lhe vai dizer isso, mas sente tanto orgulho por você que passou a encará-lo como um filho... o filho que ambos gostaríamos, mas nunca tivemos.

Celia, embora recebesse menos publicidade pessoal, descobriu que sua posição no Felding-Roth mudara, de maneiras não tão sutis.

Antes, ela fora um anacronismo, para alguns uma fonte de curiosidade e diversão... a única mulher promotora do laboratório, que ainda tinha de provar sua competência a longo prazo, apesar do sucesso inicial e inesperado em Nebraska. Não era mais assim. A maneira como promovera a Lotromycina e a publicidade continuada, que tanto deliciava o Felding-Roth, lançaram o medicamento e Celia pela estrada do sucesso.

Dentro da companhia, seu nome era agora bem conhecido dos altos executivos, inclusive o

presidente do Felding-Roth, Eli Camperdown, que mandou chamá-la um dia depois de seu retorno ao trabalho.

O Sr. Camperdown, um veterano da indústria, magro, quase cadavérico, de sessenta e poucos anos, sempre vestido impecavelmente e nunca sem uma rosa vermelha na lapela, recebeu Celia em seu suntuoso gabinete no 11º andar do prédio do Felding-Roth em Boonton. Ele começou pelas amenidades.

— Parabéns pelo seu casamento, Sra. Jordan. Faço votos para que seja muito feliz. — Uma pausa e ele acrescentou, com um sorriso: — Também espero que o seu marido, daqui por diante, não receite outros medicamentos que não os produtos do Felding-Roth.

Celia agradeceu e decidiu que o comentário sobre Andrew era simplesmente jocoso. Por isso, deixou-o passar, sem ressaltar a total independência do marido em termos de medicamentos e medicina.

— Você se tornou uma espécie de legenda, minha cara — continuou o presidente. — A prova viva de que uma mulher eminente pode às vezes se sair tão bem quanto um homem.

— Só espero, senhor, — disse Celia, suavemente, — que algum dia não sinta a

necessidade de usar esse "às vezes". Creio que ainda verá muitas outras mulheres neste negócio e algumas poderão ser ainda melhores do que os homens.

Por um momento, Camperdown pareceu aturdido e franziu o rosto. Depois, recuperando a jovialidade, ele comentou:

— Creio que coisas mais estranhas já aconteceram. Veremos, veremos...

Continuaram a conversar, Camperdown fazendo perguntas a Celia sobre suas experiências profissionais. Parecia impressionado com as respostas informadas e objetivas. Depois, tirando um relógio do bolsinho do colete, verificou a hora e anunciou:

— Estou para começar uma reunião, Sra. Jordan. Relaciona-se com um novo medicamento que tencionamos lançar no mercado em breve, depois da Lotromycina. Talvez queira ficar e participar.

Celia aceitou e o presidente chamou meia dúzia de homens que esperavam lá fora, na sala da secretária. Depois das apresentações, todos passaram para uma sala de reunião na suíte executiva. Sentaram-se em torno de uma mesa, com Camperdown na cabeceira.

Entre os recém-chegados estavam o diretor de pesquisa, Dr. Vincent Lord, um cientista ainda jovem, contratado há pouco tempo; um idoso vice-presidente de vendas, prestes a se aposentar; e mais quatro outros, inclusive Sam Hawthorne. Com a exceção de Sam, o único que Celia conhecia antes, os outros observavam-na com franca curiosidade.

O novo medicamento em consideração, explicou Camperdown, em benefício de Celia, não era um produto desenvolvido pelo Felding-Roth, mas sim obtido sob licença por uma firma da Alemanha Ocidental, Chemie-Grünenthal.

— É um sedativo, um dos mais seguros que já se descobriu — declarou o presidente. — Produz um sono normal, revigorante, sem a vertigem desagradável da manhã seguinte.

O produto não apresentava efeitos secundários significativos, acrescentou Camperdown, era tão seguro que podia até ser receitado a crianças pequenas. O sedativo já se achava à venda e era bastante popular em quase todos os grandes países, à exceção dos Estados Unidos. Agora, o Felding-Roth era afortunado em ter os direitos americanos.

O nome da droga, acrescentou o presidente do laboratório, era Talidomida.

Apesar do registro comprovado de segurança

da Talidomida, eram indispensáveis as experiências com a droga em seres humanos nos Estados Unidos, antes que seu lançamento no mercado fosse aprovado pela Administração Federal de Alimentos e Medicamentos.

— Nas circunstâncias, com todos os dados estrangeiros incontestáveis, — resmungou Camperdown, — é uma tola exigência burocrática. Mas temos de aceitar.

Seguiu-se uma discussão sobre onde e como seriam realizadas as experiências com Talidomida nos Estados Unidos. O diretor de pesquisa, Dr. Lord, era favorável ao recrutamento de 50 médicos em clínica particular para receitarem a droga a seus pacientes, relatando depois os resultados, que seriam encaminhados pelo Felding-Roth às autoridades federais.

— Devemos providenciar uma mistura de clínicos gerais, internistas, psiquiatras e obstetras — sugeriu ele.

O vice-presidente de vendas perguntou:

— Quanto tempo vai demorar toda essa bobagem?

— Provavelmente três meses.

— Não pode reduzir para dois? Precisamos lançar logo esse produto no mercado.

— Creio que é possível.

Alguém expressou sua preocupação pelo fato das experiências serem tão difundidas. Não seria mais simples e se conseguiria um resultado mais rápido se as experiências fossem concentradas num mesmo lugar, como um hospital?

Depois de vários minutos de discussão, Camperdown interveio com um sorriso:

— Talvez a nossa jovem convidada tenha algumas idéias a respeito.

— Tenho, sim — declarou Celia, prontamente.

Todas as cabeças se viraram em sua direção.

Ela falou com extremo cuidado, sabendo que sua presença ali era insólita, até mesmo um privilégio; assim, seria uma tolice estragar a oportunidade parecendo muito segura ou impetuosa.

— Uma coisa que pode ser inquietante é a sugestão de que obstetras receitem a droga. Isso significa que mulheres grávidas a tomariam e geralmente é aconselhável que a gravidez não seja um período para experiências de qualquer espécie.

O Dr. Lord interrompeu-a, irritado:

— Isso não se aplica neste caso. A Talidomida já foi amplamente usada na Europa e em outros lugares, inclusive por mulheres grávidas.

— Mesmo assim, — interveio Sam Hawthorne, suavemente, — a Sra. Jordan tem um argumento forte.

Celia continuou:

— Uma pergunta que se pode formular é a seguinte: Quem são as pessoas que têm mais problemas para adormecer e por isso precisam de uma pílula para dormir? Baseada na minha experiência de promotora... visitando hospitais e asilos, além de médicos... eu diria que são os velhos, especialmente os pacientes geriátricos.

Ela tinha agora a atenção total do grupo. Vários homens em torno da mesa assentiram em concordância ao seu último comentário. O Dr. Lord, o rosto rígido, não o fez.

— Portanto, o que eu recomendaria, — acrescentou Celia, — é que os testes com a Talidomida sejam realizados em um ou dois asilos para velhos. Se isso for de algum proveito, conheço dois... um em Lincoln, Nebraska, outros nos arredores de Plainfield, neste estado. Os dois são bem administrados e eficientes, cuidariam perfeitamente dos registros. Conheci os médicos encarregados em ambos e teria o maior prazer em procurá-los.

Houve um silêncio indeciso quando Celia

terminou. Foi rompido por Eli Camperdown. O presidente do Felding-Roth parecia surpreso.

— Não sei o que os outros pensam, mas me parece que faz perfeito sentido o que a Sra. Jordan acaba de sugerir.

Indicado o caminho, os outros acrescentaram sua concordância. Mas o Dr. Lord permaneceu em silêncio. Celia sentiu imediatamente um antagonismo com o diretor de pesquisa que persistiria pelo futuro.

Pouco depois, foi tomada a decisão que Celia entraria em contato com seus conhecidos nas duas instituições no dia seguinte; se eles estivessem dispostos a cooperar, o Departamento de Pesquisa cuidaria de todo o resto.

Quando a reunião foi encerrada, Celia saiu primeiro, entre sorrisos e apertos de mão amistosos.

Cerca de uma semana depois, tendo feito o que lhe fora pedido, Celia foi informada por Sam Hawthorne que as experiências com a Talidomida nos dois asilos de velhos começariam em breve.

Na ocasião, parecia apenas o término de um pequeno incidente.

Entre as pressões de suas vidas profissionais, Andrew e Celia ainda encontravam tempo para visitar casas à venda. Uma delas, que Celia

encontrou e gostou, ficava em Convent Station, um subúrbio residencial na cidadezinha de Morris, onde as casas eram bem separadas e proliferavam os gramados e árvores. Como ela ressaltou, quando falou com Andrew, a casa ficava a apenas três quilômetros do consultório dele e ainda mais perto do St. Bede's Hospital.

— Isso é muito importante, — declarou Celia, — porque não quero que seja obrigado a dirigir por longos percursos, especialmente quando tiver visitas noturnas e talvez esteja cansado.

A casa representava 15 quilômetros na ida e na volta para Celia, nos dias em que ia ao Felding-Roth, em Boonton. Mas como a maior parte de suas visitas era em outras áreas de New Jersey, a distância não se tornava tão importante assim.

Mas a casa, que era grande, desocupada, abandonada, em estilo colonial, chocou Andrew, quando a viu. E ele protestou:

— Mas este velho estábulo todo arrebitado não serve para nós, Celia! Mesmo que conseguíssemos remendá-lo, o que parece impossível, já pensou no que faríamos com cinco quartos?

Ela explicou pacientemente:

— Um quarto para nós, dois para as crianças e mais um para a empregada que precisaremos

depois que nascerem. — Ela acrescentou que o quinto quarto seria para hóspedes. — Minha mãe nos visitará ocasionalmente, talvez a sua também.

Celia também previa "um estúdio no primeiro andar que nós dois poderemos partilhar, permanecendo juntos quando trabalharmos em casa". Embora não tivesse a menor intenção de concordar com uma idéia tão pouco prática, Andrew não pôde deixar de rir.

— Você certamente parece ter previsto tudo.

— O que nenhum de nós vai querer é a interrupção e o incômodo de mudar de casa a intervalos de poucos anos, só porque precisamos de mais espaço e não planejamos devidamente — argumentou Celia.

Ela olhou ao redor, inspecionando as teias de aranha, o assoalho imundo pelo qual andavam, numa tarde de domingo, em janeiro, com o sol pálido brilhando pelas janelas sujas.

— Este lugar precisa ser raspado, pintado, organizado, mas pode se tornar lindo... o tipo de lar que nunca deixaríamos, a menos que fôssemos obrigados.

— Estou deixando agora mesmo, — protestou Andrew, — porque a coisa que esta casa mais precisa é de um trator.

Uma pausa e ele acrescentou, com uma rara demonstração de impaciência:

— Você tem-se mostrado certa em uma porção de coisas, mas não desta vez.

Celia parecia inabalável. Abraçando Andrew, ela se ergueu na ponta dos pés para beijá-lo.

— Ainda acho que estou certa. Vamos para casa e conversaremos a respeito.

Mais tarde, naquela noite, relutantemente, Andrew acabou cedendo. No dia seguinte, Celia negociou a casa, arrumou um ótimo preço e prontamente providenciou a hipoteca. A entrada não foi dificuldade. Tanto ela como Andrew haviam economizado de seus ganhos durante os anos anteriores e seus rendimentos somados atuais eram substanciais. Mudaram-se ao final de abril. Quase que imediatamente, Andrew reconheceu que se enganara em relação à casa.

— Já gosto dela — declarou ele, no primeiro dia. — E posso até passar a amá-la.

A reforma custara menos do que ele imaginara e os resultados eram impressionantes, até mesmo bonitos. Foi um período feliz para ambos... e uma das causas, talvez a maior, era o fato de Celia se achar agora grávida de cinco meses.

6

O nascimento do primeiro filho de Celia e Andrew ocorreu — como ele pôde dizer aos colegas no hospital — "exatamente de acordo com a programação de Celia".

Foi em agosto de 1958, nove meses e uma semana depois do casamento. Nasceu uma menina, saudável, pesando 3,300 quilos. Era uma criança satisfeita, que quase não chorava. Deram-lhe o nome de Lisa.

Durante a gravidez, Celia mostrou-se bastante firme em relação aos métodos do parto, o que causou um atrito inicial com seu obstetra, Dr. Paul Keating, que integrava as equipes dos hospitais St. Andrew e St. Bede. Keating, um homem de meia-idade, metuculoso, um tanto pomposo, disse a Andrew em determinada ocasião:

— Sua esposa chega a ser impossível.

— Entendo perfeitamente — concordou Andrew, compreensivo. — Mas isso certamente torna a vida interessante. E o mais curioso é que as coisas impossíveis para muitas pessoas se tornam possíveis para Celia.

Um ou dois dias antes, Celia comunicara ao Dr.

Keating:

— Estive estudando os processos de parto natural e já iniciei os exercícios para acompanhá-lo.

— Como o obstetra sorrisse indulgentemente, ela acrescentara: — Vou querer participar ativamente do trabalho de parto e estar plenamente consciente no momento do nascimento. Isso significa que não tomarei anestesia. E também não quero episiotomia.

O sorriso de Keating se transformara numa cara amarrada.

— Minha cara Sra. Jordan, essas duas decisões devem ser tomadas por seu obstetra, durante o parto.

— Eu discordo — dissera Celia, calmamente. — Se eu aceitasse isso, provavelmente seria ignorada num momento em que não estarei nas melhores condições para decidir.

— E se houver uma emergência?

— Isso é completamente diferente. Se acontecer, evidentemente terá de exercer seu julgamento e fazer o que for necessário. Mas, depois, terá de me convencer e também a Andrew que houve de fato uma emergência.

O Dr. Keating soltara um grunhido neutro e depois dissera:

— Falemos sobre a episiotomia. Talvez não

saiba que cortar o períneo com uma tesoura cirúrgica, pouco antes do parto, evita uma ruptura quando a cabeça do bebê emerge... uma ruptura que é dolorosa e cura menos facilmente que um talho cirúrgico.

— Sei de tudo isso — respondera Celia. — E tenho certeza de que você também está a par do número crescente de médicos e enfermeiras-parteiras que discordam dessa opinião.

E ignorando a desaprovação cada vez maior do obstetra, Celia acrescentara:

— Há muitos casos registrados em que as rupturas naturais sararam rapidamente, ao contrário do que aconteceu com episiotomias. Além disso, não produziram infecções ou meses de dor pós-parto.

O Dr. Keating fitara-a com uma expressão severa.

— Você parece conhecer todas as respostas.

— Não é bem assim. Apenas é o meu corpo e o meu filho.

— Por falar em seu corpo, eu gostaria de lembrar que, embora não seja esse o propósito de uma episiotomia, a costura depois mantém a constrição vaginal.

— Sei disso — dissera Celia. — E sei também

que a constrição vaginal serve ao prazer de meu futuro parceiro sexual. Não quero queixas de meu marido por causa de uma vagina frouxa, Doutor. Por isso, depois que meu filho nascer, farei todos os exercícios necessários para fortalecer os músculos pélvicos.

Pouco depois, por mútuo consentimento, Celia trocou de obstetra, tornando-se paciente da Dra. Eunice Nashman, que era mais velha do que o Dr. Keating, mas de mentalidade suficientemente jovem para partilhar muitas de suas idéias. Depois do nascimento de Lisa, Eunice Nashman confidenciou a Andrew:

-- Sua esposa é unia mulher extraordinária. Houve momentos em que ela sentiu dores intensas e perguntei se queria mudar de idéia em relação à anestesia.

Andrew, que tencionava estar presente ao parto, mas tivera de se ausentar por causa de uma emergência médica com um de seus pacientes, perguntou curioso:

— E o que ela respondeu?

— Limitou-se a dizer: "Não, não mudei. Mas gostaria, por favor, que alguém me segurasse." Uma das enfermeiras abraçou sua esposa e confortou-a. E não houve necessidade de mais nada. E quando sua

filha nasceu, não a levamos da sala, como geralmente acontece. Deixamos a criança com Celia e as duas juntas, tão serenas, formavam um espetáculo maravilhoso.

Como dissera que faria, Celia tirou um ano de licença do trabalho para dedicar toda a sua atenção e amor a Lisa. Também aproveitou o tempo para continuar a organizar a casa em Convent Station, que demonstrou ser tudo que ela previra e prometera.

— Adoro esta casa — comentou Andrew um dia, exultante.

Ao mesmo tempo, Celia manteve-se em contato com o Felding-Roth. Sam Hawthorne fora promovido a gerente nacional assistente de vendas e prometera um emprego a Celia quando ela estivesse pronta para voltar.

Foi um bom ano para o Felding-Roth Pharmaceuticals, Inc. Poucos meses depois da publicidade envolvendo o uso dramático da Lotromycina pelo Dr. Andrew Jordan, a Administração de Alimentos e Medicamentos dos Estados Unidos aprovou o seu lançamento no mercado. A Lotromycina tornou-se um medicamento eficaz e aclamado no mundo inteiro, um dos produtos mais lucrativos da história do

Felding-Roth. A contribuição de Celia ao lançamento da Lotromycina levou os executivos da companhia a endossarem a disposição de Sam Hawthorne em aceitá-la de volta.

Além da companhia, em termos de história, 1959 não foi um ano espetacular. O Alasca tornou-se um estado americano em janeiro, o Havaí em julho. Ao norte, no mês de abril, foi aberto o Canal de St. Lawrence. Em maio, o primeiro-ministro de Israel, David Ben Gurion, prometeu ao mundo que seu país procuraria a paz com os vizinhos árabes. Mais tarde, no mesmo mês, dois macacos efetuaram um vôo espacial de 500 quilômetros de altitude, a bordo de um míssil militar americano, conseguindo sobreviver. Esperava-se que algum dia os seres humanos poderiam fazer a mesma coisa.

Um acontecimento que atraiu a atenção de Celia foi uma série de audiências, iniciadas em dezembro, por um subcomitê do Senado dos Estados Unidos, presidido pelo Senador Estes Kefauver. Durante audiências anteriores sobre o crime organizado, o senador, um democrata do Tennessee com ambições presidenciais, obtivera uma larga atenção e estava ansioso por mais publicidade. O alvo das novas audiências era a indústria farmacêutica.

A maioria dos executivos da indústria descartou Kefauver como um incômodo, mas sem maior importância. O lobby da indústria em Washington era muito forte e não se esperava qualquer efeito a longo prazo. Celia discordava, embora só confidenciasse sua opinião a Andrew.

Ao final do ano, Celia retomou suas funções como promotora, com território de vendas outra vez em New Jersey. Através de contatos no St. Bede, ela encontrara uma enfermeira idosa aposentada, que ia todos os dias à casa para tomar conta de Lisa. Tipicamente, Celia testou o arranjo, saindo da cidade numa viagem com Andrew e deixando a mulher mais velha encarregada de tudo. Não houve qualquer problema.

A mãe de Celia, Mildred, vinha ocasionalmente de Filadélfia em visita e, depois de conhecer a neta, adorava assumir os encargos quando a enfermeira estava de folga.

Mildred e Andrew se davam muito bem. À medida que o tempo passava, Celia foi se tornando cada vez mais chegada à mãe, partilhando uma intimidade que raramente conheceram em anos anteriores. Talvez um dos motivos para isso fosse o fato da irmã mais moça de Celia, Janet, estar agora muito longe, nos Emirados Árabes, tendo casado

com um geólogo de uma companhia petrolífera, agora trabalhando no exterior.

Assim, com o apoio de várias fontes, Celia e Andrew podiam mais uma vez encontrar todo prazer em suas carreiras separadas.

No caso da carreira de Andrew, só havia uma coisa que a prejudicava ligeiramente. Mas o próprio Andrew não sabia direito até que ponto essa preocupação era importante. Relacionava-se com Noah Townsend.

O associado sênior de Andrew já demonstrara, em algumas ocasiões bastante espaçadas, o que se poderia interpretar como sinais de instabilidade emocional. Ou talvez, pensava Andrew ao refletir a respeito, comportamento bizarro fosse uma descrição mais acurada. O que desconcertava Andrew era o fato das duas características serem estranhas à natureza do médico mais velho e distinto que ele observava no dia-a-dia.

Ao que Andrew soubesse, já haviam ocorrido três incidentes.

O primeiro ocorrera quando Andrew conversava com Noah, na sala dele. Noah se mostrara impaciente com um telefonema que o interrompera. Depois de atender bruscamente, arrancara o fio da parede e arremessara o aparelho

através da sala, indo bater num arquivo no outro lado e quebrando. E, depois Noah continuara a falar calmamente, como se nada tivesse acontecido.

Um telefone novo estava na mesa de Noah no dia seguinte; o destino do anterior nunca fora mencionado.

Cerca de seis semanas depois Andrew estava no carro de Noah, o colega ao volante. Subitamente, para horror de Andrew, estavam em disparada por Morristown, com o acelerador calcado até o fundo, derrapando nas curvas e avançando um sinal vermelho. Andrew gritara uma advertência, mas Noah dera a impressão de não ouvir. Graças a uma sorte extraordinária, não ocorrera qualquer incidente. Alcançaram o estacionamento do St. Bede e pararam com um ranger de pneus. Enquanto Andrew protestava, Noah se limitara a dar de ombros... e na próxima vez em que Andrew observara Noah ao volante fora a uma velocidade segura, com a cautela normal.

Um terceiro incidente, outra vez bem distante dos outros, fora o mais aflitivo, envolvendo a recepcionista-secretária do consultório, Sra. Parsons, que trabalhava com Noah há muitos anos, antes mesmo da chegada de Andrew. Era verdade que Violet Parsons, com sessenta e poucos anos, tornara-

se muito lerda, às vezes esquecia as coisas. Mas raramente era algo importante. Tratava muito bem os pacientes, que gostavam dela. Dava-se bem com Andrew e sua devoção a Noah — próxima da adoração — era um motivo de gracejos entre os dois médicos.

Até o incidente envolvendo um cheque.

Ao preparar o cheque para pagamento de suprimentos para o consultório, Violet cometera um erro. O recibo era de 45 dólares. Ela trocara os algarismos, fazendo um cheque de 54 dólares. Deixara na mesa de Noah para ser assinado. Em termos práticos, não tinha a menor importância, já que a diferença entraria como crédito na conta do mês seguinte. Mas Noah entrara intempestivamente na sala de recepção, com o cheque na mão, gritando para Violet Parsons:

— Sua idiota! Está tentando me arruinar, jogando fora o meu dinheiro desse jeito?

Andrew, que por acaso entrava no consultório naquele momento, mal pudera acreditar no que ouvia. E Violet, ao que parecia, também não, pois se levantara e respondera com extrema dignidade:

— Dr. Townsend, nunca fui tratada assim antes e não tenciono permitir que isso torne a acontecer. Estou deixando-o agora e não voltarei mais.

Andrew ainda tentara intervir, mas Noah lhe dissera, bruscamente:

— Não se meta nisso!

E Violet acrescentara:

— Obrigada, Dr. Jordan, mas não trabalho mais aqui.

No dia seguinte, Andrew tentara levantar o assunto com Noah, mas o homem mais velho se limitara a resmungar:

— Ela não estava fazendo o seu trabalho direito. Já contratei outra mulher, que começa amanhã.

Se os incidentes fossem menos isolados ou mais freqüentes, Andrew poderia ficar mais preocupado. Mas, ele raciocinou, à medida que se vai envelhecendo, as pressões do trabalho e da vida cotidiana podem fazer as tensões explodirem e a calma e o controle se desvanecerem. No final das contas, era apenas uma característica humana. O próprio Andrew sentia às vezes essas pressões, com a irritação resultante, que ele tratava de conter. Noah, ao que parecia, não conseguira reprimir a sua.

Mesmo assim, os incidentes ainda perturbavam Andrew.

As atividades da carreira de Celia eram mais

animadoras, as perspectivas mais promissoras.

Em fevereiro de 1960, num dia em que deixou seu território de vendas para acertar algumas coisas na sede do Felding-Roth, Sam Hawthorne convocou-a a seu escritório. Sam estava descontraído e cumprimentou Celia cordialmente. Ela achou que suas novas responsabilidades no plano nacional de vendas não o estavam esgotando... o que era um bom sinal. E, levando-se em consideração os planos dela a longo prazo, dos mais otimistas. Os cabelos de Sam, no entanto, se apresentavam visivelmente mais escassos; quando ele completasse 40 anos, dentro de um ano, provavelmente estaria todo calvo, embora a aparência parecesse lhe convir.

— Eu queria conversar com você sobre a reunião nacional de vendas — anunciou ele.

Celia já sabia que a convenção bienal de vendas do Felding-Roth seria realizada no Waldorf-Astoria Hotel, em Nova York, no mês de abril. Embora fosse particular e vedada a pessoas de fora, a reunião contava com a presença de todo o pessoal de vendas do laboratório nos Estados Unidos, mais os dirigentes das subsidiárias do Felding-Roth no exterior. Além disso, o presidente do conselho de administração, o presidente-executivo e todos os

demais diretores estariam presentes durante os três dias da convenção.

— Estou contando comparecer — disse Celia.

— Espero que não me diga agora que será apenas para os homens.

— Não apenas não é exclusiva para os homens, mas ainda por cima o pessoal lá de cima quer que você seja uma das pessoas que falarão.

— Terei o maior prazer.

Sam comentou, secamente:

— Eu já sabia disso. E agora vamos ao tema. Conversei com Eli Camperdown. Ele e os outros gostariam que você descrevesse algumas de suas experiências de vendas... de um ponto de vista feminino. Há um título sugerido: "Uma Mulher e a Divulgação Farmacêutica".

— Não posso imaginá-lo na marquise de um cinema, mas serve — disse Celia.

— Você deve fazer uma palestra leve, possivelmente divertida — continuou Sam. — Nada mais pesado ou sério. Nada controvertido. E 10 a 15 minutos devem ser suficientes.

Celia murmurou, pensativa:

— Entendo...

— Se você quiser, pode apresentar-me um esboço. Darei uma olhada e farei sugestões.

— Não esquecerei a oferta — respondeu Celia, que já tinha algumas idéias sobre a sua palestra e não cogitava de submeter coisa alguma.

— As vendas no seu território têm sido excelentes, Celia. Continue assim.

— É o que tenciono. Mas alguns produtos novos bem que ajudariam. Por falar nisso, o que aconteceu com aquele produto de que o Sr. Camperdown falou há cerca de um ano... Talidomida?

— Nós o abandonamos. Devolvemos ao Chemie-Uriñenthal. Muito obrigado, mas não queremos.

— Por quê?

— De acordo com o nosso pessoal de pesquisa, não era um bom medicamento. Experimentaram naqueles asilos de velhos, como você sugeriu. Como um remédio para dormir, aparentemente não funcionava.

— E isso é o fim?

— Pelo menos para o Felding-Roth. Mas acabei de saber que a Merrell Company pegou a Talidomida. Deram o nome de Kevadon e planejam um lançamento em grande escala, aqui e no Canadá.

— Uma pausa e Sam acrescentou: — Com todo o sucesso que a Talidomida teve na Europa, isso não é

de surpreender.

— Você parece desapontado. Acha que a companhia cometeu um erro?

Sam deu de ombros.

— Talvez. Mas só podemos vender o que o nosso departamento de pesquisa aprova. E esse é um produto que eles não aceitaram. — Sam hesitou por um momento. — É melhor eu lhe contar logo de uma vez, Celia. Há algumas pessoas por aqui que a estão criticando porque os nossos testes com a Talidomida se limitaram aos velhos e não foram mais amplos... como Vincent Lord queria inicialmente.

— E você é um dos críticos?

— Não. Na ocasião, se está lembrada, concordei com você.

— Claro que me lembro. — Celia pensou por um instante e depois indagou: — As críticas são importantes?

— A você? — Sam sacudiu a cabeça. — Acho que não.

Em casa, durante as noites e fins de semana subsequêntes, Celia trabalhou na palestra que faria na convenção de vendas. No estúdio sossegado e confortável que ela e Andrew tanto gostavam de partilhar, Celia cercou-se de ensaios e anotações.

Observando-a num domingo, Andrew comentou:

— Está preparando uma surpresa, não é mesmo?

— Estou, sim.

— Quer me contar?

— Só lhe falarei depois. Se contar agora, você tentará me dissuadir.

Andrew sorriu e foi sensato bastante para deixar por aí.

7

— Sei que a maioria de vocês é casada — disse Celia, contemplando o mar de rostos masculinos a confrontarem-na. — Portanto, sabem como são as mulheres. Muitas vezes nos mostramos vagas, confusas, até podemos esquecer as coisas inteiramente.

— O que não é o seu caso, garota esperta — murmurou alguém, perto da frente.

Celia sorriu rapidamente e continuou:

— Uma das coisas que esqueci é por quanto tempo eu deveria falar hoje. Tenho uma vaga noção de alguém mencionar 10 a 15 minutos. Mas não

pode ser isso, não é mesmo? Afinal, o que uma mulher poderia revelar intimamente de si mesma a 500 homens em tão pouco tempo?

Houve risos e uma voz, dos fundos do salão da convenção, com um forte sotaque do Meio-Oeste, gritou:

– Pode ter tanto do meu tempo quanto quiser, boneca!

O comentário foi seguido por mais risos, assovios e novos gritos:

– O mesmo digo eu!

– Use tudo o que precisar, meu bem!

Inclinando-se mais para perto do microfone à sua frente, na plataforma dos oradores, Celia respondeu:

– Obrigada! Eu estava mesmo esperando que alguém dissesse isso.

Ela evitou os olhos de Sam Hawthorne, que a observava atentamente a alguns metros de distância. Fora Sam quem dissera a Celia, no início daquele dia:

– Todos se sentem eufóricos na abertura de uma convenção de vendas. É por isso que o primeiro dia é quase todo de animação. Procuramos deixar o pessoal bem aceso... dizendo aos que estão em campo como são sensacionais, que o Felding-

Roth é uma organização maravilhosa, como estamos felizes por tê-los na equipe. Depois disso, nos dois dias seguintes, cuidamos das coisas mais importantes.

– Quer dizer que eu sou parte da animação?

– indagara Celia, tendo verificado no programa que falaria na tarde do primeiro dia da convenção.

– E por que não? É a única mulher que temos a vender ativamente, uma porção dos homens já ouviram falar de você, todos querem conhecê-la e ouvir alguma coisa diferente.

Ao que Celia dissera:

– Tentarei não desapontá-los.

Na ocasião, ela e Sam caminhavam pela Park Avenue, pouco depois do café da manhã no Waldorf com vários outros elementos do laboratório. A convenção começaria dentro de uma hora. Enquanto esperavam, eles desfrutavam a manhã amena e ensolarada de abril. Uma brisa fresca soprava por Manhattan e a primavera se manifestava nas tulipas e narcisos que se encontravam na Park Avenue. Como sempre, o tráfego era intenso, ruidoso e interminável. Na calçada, uma onda de empregados de escritório seguia apressadamente para o trabalho.

Celia, que viera de carro de New Jersey naquela

manhã, bem cedo, e ficaria no Waldorf durante as duas noites seguintes, vestira-se cuidadosamente para a ocasião. Usava um costume azul-marinho novo, sob medida, com uma blusa branca franzida. Ela sabia que parecia atraente, com uma mistura feliz de austeridade profissional e feminilidade. Também sentia-se contente por ter-se livrado dos óculos que sempre detestara; as lentes de contato, sugeridas por Andrew na lua-de-mel, constituíam agora uma parte permanente de sua vida. Sam dissera subitamente:

— Você decidiu não me mostrar o esboço de sua palestra.

— Oh, Deus! Esqueci inteiramente!

Sam alteara a voz para ser ouvido acima do barulho do tráfego:

— Os outros podem pensar assim, mas não eu, porque sei que quase nunca esquece qualquer coisa.

Quando Celia estava prestes a responder, ele a silenciara com um gesto.

— Não precisa responder. Sei que é diferente das outras pessoas que trabalham para mim, o que significa que faz as coisas à sua maneira... e até agora foram quase que inteiramente certas. Mas gostaria de lhe dar um aviso, Celia: não exagere. Não abandone demais a cautela. Não estrague uma

ficha excelente por tentar fazer demais ou avançar muito depressa. Isso é tudo.

Celia se mantivera em silêncio e pensativa enquanto voltavam, atravessando a Park Avenue num sinal verde e encaminhando-se para o Waldorf. Ela se perguntava: o que planejava para aquela tarde no Waldorf seria um exagero?

Sua audiência era quase toda de vendedores — promotores — mais os supervisores e gerentes de distritos, todos os representantes da companhia em lugares tão apartados como Alasca, Flórida, Havaí, Califórnia, as Dakotas, Texas, Novo México, Maine e os estados intermediários. Para muitos, era o único contato direto, a cada dois anos, com os superiores na sede da companhia. Era um momento para camaradagem, a renovação do entusiasmo, a implantação de novas idéias e produtos e até mesmo — para alguns — uma restauração do idealismo ou dedicação.

Havia também muita exuberância voltada para as mulheres e bebidas... os ingredientes inevitáveis de qualquer convenção de vendas, de qualquer indústria, em qualquer lugar.

— Quando me convidaram a falar nesta convenção, — disse Celia à audiência, — sugeriram que descrevesse algumas das minhas experiências

como promotora. É justamente o que tenciono fazer. Fui também advertida a não dizer nada sério ou controvertido. Mas acho que isso é impossível. Todos sabemos que este é um negócio sério. Somos parte de uma grande empresa, que produz medicamentos importantes para salvar vidas. Por isso, devemos ser sérios. É o que tenciono. Outra coisa em que acredito é que nós, vendedores, trabalhando na linha de frente, devemos ser francos, sinceros e, quando necessário, críticos uns com os outros.

Enquanto falava, Celia estava consciente não apenas da grande audiência de vendedores, mas também de outra menor, que ocupava lugares reservados nas duas primeiras filas: os principais executivos do Felding-Roth, o presidente do conselho de administração, o presidente da companhia, o vice-presidente executivo, o vice-presidente de vendas, uma dúzia de outros. Sam Hawthorne, a cabeça quase calva sobressaindo como um farol, estava entre os outros.

Eli Camperdown, como convinha ao presidente da companhia, sentava na frente e no centro. Ao seu lado estava o presidente do conselho de administração, Floyd Van Houten, agora idoso e frágil, mas que comandara e moldara a companhia

uma década antes. Atualmente, as funções de Van Houten se limitavam praticamente a presidir as reuniões de diretoria, embora sua influência ainda fosse muito grande.

— Usei a palavra "críticos" e tenciono ser assim... embora alguns de vocês possam não gostar — disse Celia ao microfone. — O motivo é simples. Quero oferecer uma contribuição positiva a esta convenção e não ser meramente ornamental. Além disso, tudo o que direi se encontra nos limites do título que me escolheram e que consta do programa: "Uma Mulher e a Divulgação Farmacêutica".

Ela tinha agora a atenção total da audiência e sabia disso. Todos se mantinham em silêncio, escutando.

Essa fora a sua preocupação anterior... se poderia controlar a audiência. Saindo da Park Avenue naquela manhã e entrando na ante-sala apinhada, esfumaçada e barulhenta em que se reunia a força de vendas, Celia sentira algum nervosismo, pela primeira vez desde que aceitara falar na convenção. Até para si mesma, tinha de admitir que a convenção de vendas do Felding-Roth era, pelo menos por enquanto, um acontecimento essencialmente masculino, com a exuberância dos tapinhas nas costas, piadas grosseiras, risos

estrondosos, todo um ambiente de conversas que nada tinham de originais. Celia perdera a conta do número de vezes em que já ouvira naquele dia: "Mas que prazer conhecer uma coisinha tão linda!", como se fosse uma grande frase literária que acabara de ser inventada.

— Assim como vocês, — continuou ela, — eu me importo muito com esta companhia para a qual trabalhamos e com a indústria farmacêutica a que pertencemos. Tanto a nossa companhia como a indústria farmacêutica em geral já fizeram coisas maravilhosas no passado e farão muito mais. Mas há também coisas que estão erradas, gravemente erradas, especialmente com os promotores. Eu gostaria de lhes dizer quais são essas coisas, na minha opinião, como podemos fazer para melhorá-las.

Baixando os olhos para as duas filas dos executivos, Celia percebeu a apreensão em diversos rostos; alguns se remexiam, inquietos. Era evidente que as coisas que já dissera não eram absolutamente as esperadas. Ela desviou os olhos e concentrou sua atenção no resto da audiência.

— Antes de entrarmos aqui esta manhã e outra vez à tarde, todos vimos as faixas e o mostruário em que se exhibe a Lotromycina. É um medicamento

maravilhoso, um dos grandes avanços da medicina, eu me orgulho de vendê-lo.

Houve aplausos e aclamações, Celia fez uma pausa. Os mostruários na ante-sala apresentavam uma dúzia ou mais de produtos do Felding-Roth, mas ela se concentrara na Lotromycina por causa de sua associação pessoal.

— Se pegarem um dos folhetos no estande, como alguns já devem ter feito, descobrirão que descreve o uso da Lotromycina por meu marido. Ele é médico, especialista em doenças internas. Teve uma excelente experiência com esse medicamento e alguns outros. Também teve experiências nocivas com medicamentos e com promotores que o enganaram com falsas informações. Não é o único nessa situação. Outros médicos... demais até, pelo que posso calcular através dos relatos que me foram encaminhados... compartilharam a mesma experiência. É um aspecto deste negócio que pode e deve ser mudado.

Sabendo que avançava por terreno perigoso, Celia enfrentou a audiência firmemente, escolhendo as palavras com extremo cuidado.

— Em decorrência de suas experiências como médico, meu marido me disse que mentalmente dividiu os promotores em três categorias: primeiro,

os que fornecem informações honestas sobre os medicamentos de seu laboratório, inclusive os efeitos secundários adversos; segundo, os que são desinformados e não conseguem aconselhá-lo de maneira apropriada sobre os medicamentos que estão promovendo; e terceiro, os que lhe dirão qualquer coisa, até mesmo mentiras, para levá-lo a receitar o que estão vendendo.

Celia fez uma pausa, respirando fundo.

— Eu gostaria de dizer que o primeiro dos três grupos... os promotores que são informados e honestos... é o maior, enquanto os outros dois são bem pequenos. Infelizmente, isso não é verdade. O segundo e terceiro grupos são muito maiores que o primeiro. O resultado é que a qualidade da divulgação, em termos de informações plenas e acuradas, é precária... e isso se aplica a todas as companhias da indústria farmacêutica, inclusive a nossa.

Celia podia agora perceber sinais de consternação, não apenas entre os executivos na frente, mas também lá atrás. Entre uma sucessão de grunhidos, alguém gritou:

— Mas o que é isso afinal?

Ela previra a reação e aceitou-a como parte de um risco calculado. Ao continuar, a voz era firme e

incisiva:

— Tenho certeza de que estão se fazendo duas perguntas. A primeira: "Como ela sabe de tudo isso e o que pode provar?" A segunda: "Por que levantar esse problema agora, quando estamos todos felizes e satisfeitos, não querendo ouvir coisas desagradáveis?"

Outra voz da audiência se manifestou:

— Pois é isso mesmo que está acontecendo!

— E acho ótimo! — gritou Celia em resposta. — Todos vocês têm direito a uma resposta e eu a darei!

— E é melhor que seja uma boa resposta!

Outra coisa que Celia contara, naquele dia, é que lhe permitissem terminar a palestra, qualquer que fosse a reação. Era o que parecia estar acontecendo. Apesar das expressões contrariadas nas filas dos executivos, ninguém fazia menção de se levantar para exercer sua autoridade e cortar-lhe a palavra.

— Um dos motivos pelos quais sei do que estou falando é que já pertenci ao segundo grupo... dos desinformados — declarou Celia. — Isso aconteceu porque fui treinada de forma inadequada quando saí para divulgar os nossos remédios entre os médicos. Na verdade, praticamente não fui treinada. A esse respeito, gostaria de lhes contar

uma história.

Ela descreveu o encontro — que já relatara a Andrew, durante a lua-de-mel — com o médico de North Platte, Nebraska, que a acusara de ter "conhecimento inadequado" e lhe ordenara bruscamente que se retirasse de seu consultório. Celia contou bem a história e a audiência voltou ao silêncio enquanto escutava. Aqui e ali, ela viu acenos e ouviu murmúrios de concordância. Desconfiou que muitos no salão já haviam passado por humilhantes experiências similares.

— O médico estava certo — continuou Celia. — Eu não tinha mesmo conhecimentos para discutir remédios com médicos altamente qualificados, embora devesse recebê-los antes de sair para vender.

Ela estendeu a mão para uma mesa às suas costas e pegou uma pasta de arquivo.

— Mencionei relatórios de médicos sobre falsas informações fornecidas por promotores. Venho mantendo um registro desses informes nos quase quatro anos em que trabalho para o Felding-Roth. Aqui está. Citarei alguns exemplos.

Celia tirou uma folha da pasta.

— Como todos sabem, temos um produto de prescrição médica chamado Pernaltone. É um

excelente remédio no tratamento da hipertensão e um dos mais vendidos do Felding-Roth. Mas nunca deve ser usado por pacientes com doença reumática ou diabetes. Isso seria perigoso. As advertências a respeito estão na literatura médica. Apesar disso... quatro médicos em New Jersey e dois em Nebraska foram informados por promotores desta companhia que o Pernaltone era seguro para todos os pacientes, inclusive os que tivessem as doenças mencionadas. Tenho os nomes dos médicos, se desejarem saber. É claro que são apenas os médicos que eu conheço. Obviamente, há mais... talvez muito mais. Dois desses médicos com quem falei e que receberam as falsas informações foram conferir e descobriram o erro. Dois outros, no entanto, aceitaram as informações de boa fé e receitaram o Pernaltone para pacientes hipertensos que também eram diabéticos. Vários desses pacientes ficaram gravemente doentes, um deles à beira da morte, embora felizmente acabasse se recuperando.

Celia pegou outro papel na pasta.

— Um concorrente nosso possui um antibiótico, Cloromicetina, um medicamento de primeira categoria, mas somente para infecções graves, pois seus possíveis efeitos secundários inclui distúrbios sangüíneos perniciosos, até mesmo fatais.

Contudo... e também tenho as datas, nomes, lugares... os propagandistas do outro laboratório asseguraram a médicos que o medicamento é inofensivo...

Celia terminou com a Cloromicetina e depois continuou:

— Agora, voltemos ao Felding-Roth...

Enquanto ela falava, as provas acusadoras foram se acumulando.

— Eu poderia continuar, — disse Celia, depois de algum tempo, — mas não vou fazê-lo, porque meu arquivo está aqui, para qualquer pessoa desta companhia que queira examiná-lo. Mas responderei à segunda pergunta: Por que levantei este assunto hoje?

Ela fez outra pausa, sem desviar os olhos da audiência.

— Assim agi porque não conseguiria atrair atenção de outra forma. Desde o ano passado que venho tentando conseguir que alguém na matriz me escute e examine as informações de que disponho. Ninguém se interessou. Fiquei com a impressão muito forte de que acumulara simplesmente más notícias que ninguém queria ouvir.

Celia olhou agora, diretamente, para as duas filas de executivos.

— Pode-se dizer que tive hoje uma iniciativa voluntariosa, até mesmo tola. Talvez tenha sido mesmo. Mas eu gostaria de dizer que assim fiz por uma convicção profunda e por zelo... por esta companhia, por nossa indústria, pela reputação de ambas. Essa reputação vem sendo maculada e estamos fazendo muito pouco ou nada para consertar a situação. Como todos sabemos, realizam-se neste momento audiências no Congresso dos Estados Unidos sobre a indústria farmacêutica. Essas audiências nos são antagônicas, mas parece que bem poucos na indústria as estão levando a sério. Mas acontece que são de fato sérias. A imprensa já começa a dar destaque às críticas e em breve haverá um clamor público por reforma. Estou absolutamente convencida de que, se não tomarmos providências diretamente para melhorar nossos métodos de vendas e reputação, o governo se encarregará disso por nós... e de uma maneira que nenhum de nós gostará e que será prejudicial a todos.

Ela fez uma nova pausa, correndo os olhos pela audiência.

— Finalmente, por todos esses motivos, recomendo que nossa companhia tome a dianteira... primeiro, instituindo um código de ética para a

divulgação, segundo, criando um programa de treinamento e retreinamento para nós, promotores. Pus no papel minhas idéias para um programa assim. — Celia sorriu. — Se alguém estiver interessado, também estão na minha pasta.

E ela arrematou:

— Obrigada e boa tarde.

Enquanto Celia recolhia seus papéis e se preparava para deixar a plataforma dos oradores, houve alguns débeis aplausos, embora cessassem quase que imediatamente, pois bem poucos na audiência pareceram propensos a acompanhar. Visivelmente, a maioria seguia a deixa do grupo executivo na frente, do qual não partia qualquer aplauso e cujas expressões eram de desaprovação. O presidente do conselho de administração parecia furioso... falava em voz baixa, com veemência, a Eli Camperdown, que acenava com a cabeça enquanto escutava.

O vice-presidente de vendas, um nova-iorquino chamado Irving Gregson, recentemente promovido, aproximou-se de Celia. Um homem vigoroso, de porte atlético, Gregson era normalmente jovial e afável, todos gostavam dele. Mas, agora, ele estava irado, o rosto vermelho.

— Minha jovem, você foi maldosa, presunçosa

e mal orientada. Além disso, os seus supostos fatos estão errados. Vai se arrepender por isso. Cuidarei de você mais tarde. Mas, por enquanto, ordeno que se retire desta convenção e não volte.

— Não quer pelo menos dar uma olhada no material que eu...

— Não vou olhar coisa nenhuma! — A voz alteada de Gregson foi audível em todo o salão. — Suma daqui!

— Boa tarde, Sr. Gregson.

Celia virou-se e afastou-se, encaminhando para a saída. Seus passos eram firmes, a cabeça erguida. Pensava que mais tarde haveria tempo para o arrependimento, talvez uma profunda depressão; no momento, não tinha a menor intenção de deixar aquela reunião de homens como uma derrotada, uma covarde. Mesmo assim, Celia admitiu para si mesma, estava derrotada. Claro que sabia que isso poderia acontecer, mas esperava que não se consumasse. Para Celia, os defeitos que descrevera eram tão óbvios e flagrantes, as reformas tão visivelmente necessárias, que era difícil compreender como outros podiam discordar, quando os fatos eram expostos.

Mas haviam discordado. E quase certamente seu emprego no Felding-Roth terminara ou

terminaria em breve. Era uma pena. Sam Hawthorne provavelmente lhe diria que fizera o que a advertira a não tentar... exagerar no afã de realizar muita coisa. Andrew também a advertira... ao voltarem da lua-de-mel, quando ela falara em formar um arquivo com relatórios de médicos. Podia recordar nitidamente as palavras de Andrew: "Está se metendo em alguma coisa bem grande. E também com alguns riscos. " Como ele estava certo! Contudo, um princípio estava em jogo e a sua própria integridade, Celia decidira há muito tempo que nunca contemporizaria com isso. Como era mesmo aquela fala de Hamlet que aprendera na escola? "Isto acima de tudo: que o teu eu seja sincero... " Pagava-se um preço por isso, porém. E um preço dos mais altos.

Avançando pelo salão, ela percebeu os olhares de simpatia de uns poucos homens ainda sentados. O que era inesperado, depois de todas as suas críticas. Não que isso fizesse alguma diferença agora...

— Um momento, por favor!

Subitamente, sobressaltando-a, surgindo do nada, uma voz trovejou pelos alto-falantes.

— Quer fazer o favor de esperar, Sra. Jordan?

Celia hesitou, depois parou, enquanto a voz

repetia:

— Sra. Jordan, espere!

Virando-se, ela descobriu surpresa que a voz era de Sam Hawthorne. Ele deixara a sua cadeira, subira à plataforma dos oradores e se inclinava sobre o microfone. Outros também se achavam espantados. E todos puderam ouvir a voz de Irving Gregson:

— Sam... que diabo está fazendo?

Sam passou a mão pela cabeça, lustrosa sob o refletor; era um hábito inconsciente, quando meditava sobre um problema. O rosto rude estava sombrio.

— Se não se importa, Irving, há uma coisa que eu gostaria de dizer... e que todos ouçam, antes da Sra. Jordan se retirar.

Celia se perguntou o que estava para acontecer. Sam certamente não iria endossar a sua expulsão, anunciando a conversa entre os dois naquela manhã e sua advertência. Ele não era de fazer uma coisa dessas. Contudo, a ambição fazia coisas estranhas com as pessoas. Seria possível que Sam pensasse que algum comentário o deixaria em posição favorável junto ao chefões presentes? Olhando para a plataforma, o vice-presidente de vendas perguntou, irritado:

— O que é?

Bem perto do microfone, a fim de que sua voz pudesse ser ouvida de novo por todo o salão, agora silencioso, Sam disse:

— Creio que se pode dizer, Irving, que estou de pé aqui em cima para ser contado.

— Como assim?

Quem perguntava desta vez era Eli Camperdown, que também se levantara. Sam Hawthorne olhou para o presidente do Felding-Roth, ao mesmo tempo que se aproximava mais do microfone:

— Contado com a Sra. Jordan, Eli. E admitindo... embora ninguém mais pareça estar disposto a fazê-lo... que tudo o que ela disse é verdade. Como todos nós sabemos perfeitamente, muito embora finjamos o contrário.

O silêncio no salão era profundo. Somente pequenos ruídos se filtravam... o som do tráfego, distante; um chocalhar de louça na cozinha; vozes abafadas num corredor lá fora. Parecia que todos se encontravam absolutamente imóveis, enraizados, ninguém queria se mexer, a fim de não correr o risco de perder qualquer palavra. Em meio a esse silêncio, Sam acrescentou:

— Eu também gostaria que ficasse registrado

que me sentiria muito orgulhoso se tivesse o bom senso e a coragem moral para fazer o discurso que a Sra. Jordan acabou de pronunciar. E tem mais uma coisa.

Irving Gregson interrompeu-o:

— Não acha que já falou demais?

— Deixe-o terminar — ordenou Eli Camperdown. — Pode valer à pena.

O vice-presidente de vendas prontamente se calou.

— Em particular,— continuou Sam Hawthorne, — concordo com a opinião de que serão promulgadas leis, se a nossa indústria não corrigir os seus métodos, para nos obrigar a isso. Além disso, essas leis serão muito mais restritivas do que poderia acontecer se aceitássemos o bom conselho que acabamos de ouvir e fizéssemos diretamente a limpeza da casa. Finalmente, quero dizer uma coisa sobre a Sra. Jordan. Ela já provou o seu valor para esta companhia em diversas ocasiões. Na minha opinião, ela acaba de fazê-lo mais uma vez. Se a deixarmos sair assim desta sala, então somos todos míopes e idiotas.

Celia mal podia acreditar no que ouvia. Experimentou um senso momentâneo de vergonha por ter duvidado dos motivos de Sam. O que ele

fizera, Celia podia compreender, fora pôr em jogo, na defesa dela, seu próprio emprego, suas ambições e seu futuro promissor no Felding-Roth.

O silêncio opressivo ainda persistia. Havia uma consciência partilhada de um momento de drama profundo, em que ninguém parecia certo do que poderia acontecer em seguida.

Foi Eli Camperdown quem se moveu primeiro, voltando a seu lugar ao lado do presidente do conselho de administração. Os dois iniciaram uma segunda conferência, em voz baixa, em tom de urgência. Desta vez era Camperdown quem mais falava... ao que parecia, tentando persuadir... enquanto o velho Van Houten escutava. A princípio, o presidente do conselho de administração sacudia a cabeça, intransigentemente. Depois, ele pareceu se apaziguar e finalmente deu de ombros. Camperdown chamou Irving Gregson para participar da conferência.

Como decisões estavam sendo obviamente tomadas no mais alto nível, os outros esperaram, embora um murmúrio de conversas se espalhasse agora por todo o salão.

Diminuiu no momento em que o vice-presidente de vendas se afastou dos outros dois e subiu à plataforma dos oradores. Pegou o microfone

com Sam Hawthorne, que voltou a seu lugar lá embaixo. Gregson contemplou o mar de rostos curiosos, fazendo uma pausa para aumentar o efeito dramático, depois permitiu-se um sorriso largo.

— Qualquer outra coisa que se possa dizer a respeito das nossas convenções de vendas, — declarou ele, — sempre prometemos que nunca são insípidas.

Era a coisa certa a dizer e houve uma explosão de risos apreciativos, acompanhada até pelo austero Van Houten. Gregson continuou:

— Fui instruído por nosso presidente do conselho de administração e por nosso presidente executivo... uma instrução que pessoalmente apóio... a declarar que há poucos momentos talvez tenhamos todos agido de maneira precipitada, até mesmo insensatamente.

Novamente um sorriso, uma pausa, e o vice-presidente de vendas logo continuou:

— Há muitos e muitos anos, quando eu era pequeno e às vezes me metia em encrencas... como acontece com todos os garotos... minha mãe ensinou-me uma coisa. "Irving", disse ela, "quando bancar o idiota e houver necessidade de se desculpar, levante-se de cabeça erguida, seja um homem e o faça com honestidade e firmeza." Minha

querida mãe, que Deus guarde a sua alma, já morreu. Mas, de alguma forma, posso ouvir sua voz a dizer: "Irving, meu filho, o momento é agora."

Observando e escutando, Celia pensou: Gregson tem classe. Era evidente que não fora promovido ao mais alto posto de vendas por acaso. E ela percebeu no instante seguinte que ele apontava em sua direção.

— Sra. Jordan, venha até aqui, por favor. Você também, Sam.

Quando todos os três estavam na plataforma... Celia aturdida, quase incrédula... Gregson disse:

— Anunciei que pediria desculpas, Sra. Jordan. É o que faço agora. Estudaremos as suas sugestões com toda atenção. E agora, se não se importa, eu gostaria de aliviá-la do peso desta pasta.

Virando-se para a audiência, Gregson acrescentou:

— Creio que todos acabaram de testemunhar um exemplo do motivo pelo qual a nossa companhia é tão grande e continuará a ser...

O restante de suas palavras foi abafado pelos aplausos e aclamações. Momentos depois, os executivos e os outros cercavam Celia, apresentando seus parabéns e apertando-lhe a mão.

— Por que se arriscou tanto? — perguntou Sam

Hawthorne.

— Já que está falando nisso, — respondeu Celia — por que você também se arriscou?

Era uma semana depois. Celia e Andrew passavam a noite na casa dos Hawthornes. Durante o jantar — uma refeição magnífica, confirmando a competência culinária de Lilian Hawthorne — haviam evitado qualquer alusão à convenção de vendas, conversando sobre outras coisas. Pouco dias antes, os russos tinham anunciado a derrubada de um avião U-2 americano e a captura de seu piloto, Gary Powers. A acusação de Moscou era de espionagem. Os Estados Unidos negaram a princípio, mas depois o Presidente Eisenhower, de cara vermelha, admitira que era verdade. A maioria dos americanos, os Hawthornes e os Jordans concordavam, também se sentia profundamente embaraçada.

Na Inglaterra, a irmã da rainha, Princesa Margaret, provocara muitos comentários e grande consternação ao casar com um fotógrafo profissional, Antony Armstrong-Jones. O casamento ocorrera no que fora descrito pela imprensa como "um clima de carnaval". As pessoas especulavam: o casamento reduziria o prestígio do trono britânico? Andrew disse taxativamente que não.

Depois do jantar, escutaram um novo disco de Elvis Presley, *Fame and Fortune*. Presley retomara sua carreira, depois de um ano no Exército dos Estados Unidos, a ausência não ofuscando em nada a sua popularidade. As mulheres gostaram de *Fame and Fortune*, o que já não aconteceu com os homens.

Finalmente, enquanto tomavam conhaque, na sala de estar espaçosa e bem decorada dos Hawthornes, Sam levantou o assunto que todos tinham na cabeça. Respondendo à pergunta de Celia, ele disse:

— Quando subi à plataforma, talvez simplesmente eu não pudesse resistir à tentação de participar de uma cena dramática.

Celia protestou:

— Sabe muito bem que foi mais do que isso.

— Todos sabemos — interveio Andrew. Ele estava recostado numa poltrona confortável, saboreando o conhaque; tivera um dia movimentado, recebendo pacientes num consultório cada vez mais procurado, sentia-se cansado. — Você arriscou tudo, Sam... muito mais do que Celia.

— E me sinto profundamente grata...

Celia começou a falar, mas Sam não a deixou continuar:

— Não precisa agradecer. Se quer saber a verdade, eu senti que estava sendo testado. — Ele virou-se para Andrew. — Sua mulher já demonstrara que tinha mais coragem, além de um respeito maior pela verdade, do que qualquer outra pessoa presente. E eu não queria ficar abaixo dos padrões dela.

Sam fez uma pausa, sorrindo para Celia.

— Especialmente quando você está tentando subir a escada atrás de mim no Felding-Roth.

— Você sabe disso?

— Conteí a ele — informou Lilian Hawthorne.

— Lamento muito se violei a confiança que depositou em mim, Celia, mas Sam e eu não guardamos segredos um do outro.

— Pois eu tenho um segredo — disse Sam. — É sobre Celia.

Os outros o fitaram, curiosos, ele sorriu e explicou:

— Ela não vai mais ser promotora.

Andrew soltou uma risada.

— Quer dizer que, no final das contas, ela será despedida?

— Não. Promovida. Nossa companhia vai criar um Departamento de Treinamento de Vendas, exatamente como Celia sugeriu. Ela o ajudará a

montá-lo... e será a diretora-assistente.

— Hurra! — Lilian ergueu o copo. — Os homens demonstram que possuem algum bom senso. Beberei a isso.

— Se todas as coisas fossem justas, Celia seria a diretora — comentou Sam. — Mas ainda há homens na companhia que não podem engolir isso. Por enquanto. Por falar nisso, será anunciado amanhã.

Andrew levantou-se e atravessou a sala para beijar Celia.

— Estou feliz por você, querida. Você merece.

— Não posso dizer que me sinto contrariada. Obrigada, Sam... e me contentarei com o "assistente". — Celia fez uma pausa e depois acrescentou, com um sorriso: — Por enquanto.

Foram interrompidos por dois vultos pequenos, metidos em pijamas, que entraram correndo na sala, rindo. Na frente vinha Lisa, agora com um ano e oito meses, ativa e inquisitiva, que Andrew e Celia haviam trazido e posto para dormir... ou pelo menos assim pensavam. Por trás dela vinha Juliet, a filha única dos Hawthornes, de quatro anos. Lilian confidenciara a Celia, há algum tempo, que os médicos haviam lhe avisado que nunca mais teria outros filhos. Ela e Sam acumulavam de amor a pequena Juliet, que era

alegre, inteligente e nada tinha de mimada, pelo menos aparentemente. As duas meninas obviamente se achavam excitadas pela companhia uma da outra. Lisa foi se jogar nos braços do pai. E disse a Andrew, rindo:

— Julie me deu uma corrida.

Lilian levantou-se.

— Pois eu darei uma corrida em vocês duas.

Voltem já para a cama!

Entre risos e gritos, as três desapareceram na direção do quarto de Juliet. Quando Lilian voltou, Celia disse:

— Tudo isso me lembra de uma coisa. Talvez eu precise de uma pequena licença nesse novo cargo depois de algum tempo, Sam. Parece que estou grávida outra vez.

— Esta é uma noite para revelações — disse Lilian. — Felizmente, ainda resta alguma bebida e poderemos beber a isso também.

Celia teve a impressão de que havia um vestígio de inveja na voz da outra mulher.

Durante o resto de 1960 e entrando por 1961, Celia ocupou-se em ensinar às equipes de vendas do Felding-Roth como vender.

Seu novo chefe, o diretor de treinamento de vendas, era um ex-gerente de divisão, de Kansas City, chamado Teddy Upshaw. Celia reconheceu-o imediatamente quando foram apresentados. Fora um dos rostos simpáticos no momento em que se achava prestes a ser expulsa da convenção no Waldorf.

Upshaw, um homem baixo, dinâmico, que falava muito depressa, aproximando-se dos 50 anos, vendia remédios desde o princípio de sua vida profissional. Irradiava energia, sempre correndo de um lugar para outro, a cabeça pequena e redonda, que balançava freqüentemente durante as conversas; dava a impressão de uma bola a quicar. Antes de ser promovido a executivo, Upshaw fora um dos maiores vendedores da companhia. Ele confidenciou a Celia que ainda sentia saudade da vida de caixeiro viajante, que descrevia "como uma respiração fácil". E acrescentou:

— Neste negocio, não é preciso fazer venda

suja para ser bom, porque a maioria dos médicos não conhece praticamente nada sobre remédios. E quando se é sincero, eles aprendem a confiar na gente e pode-se fazer qualquer negócio que se quiser. A única outra coisa a se lembrar é tratar os médicos como se fossem deuses.

Quando Celia repetiu a Andrew o comentário sobre os "deuses", uma noite, na cama, ele riu e disse:

— Esse seu chefe é mesmo muito esperto. E peço a você que não se esqueça de tratar assim o médico que tem em sua casa.

Celia jogou-lhe um travesseiro e os dois se engalfinharam, na maior alegria. A luta tornou-se algo mais e acabaram fazendo amor. Depois Andrew passou as mãos pela barriga de Celia, que começava a estufar na gravidez, e murmurou:

— Tome cuidado com este homenzinho. E não se esqueça, enquanto ele está aqui... para você, nada de remédios de qualquer tipo!

Era uma advertência que o marido já apresentara quando ela estava grávida de Lisa e Celia disse agora:

— Você se preocupa muito com isso.

— Claro que sim. — Andrew bocejou. — E agora deixe este médico-deus dormir um pouco.

Em outra ocasião, quando conversava com Celia, Teddy Upshaw descreveu a "venda suja" como "uma estupidez pura e simples, absolutamente desnecessária". Mesmo assim, ele admitiu que havia em excesso na indústria farmacêutica.

— E não pense que nós dois vamos impedir que os promotores digam o que não for verdade, mesmo no Felding-Roth. Não vamos. Mas poderemos mostrar que o outro meio é mais esperto e eficaz.

Upshaw concordava com a necessidade de treinamento de vendas. Ele próprio não recebera quase nenhum e adquirira o seu conhecimento científico — surpreendentemente vasto, conforme Celia descobriu — como autodidata, ao longo dos anos.

Os dois se davam muito bem e rapidamente definiram uma divisão do trabalho. Celia elaborava os programas de treinamento, uma tarefa que Upshaw detestava, enquanto ele os punha em prática, uma coisa de que gostava.

Uma das inovações de Celia foi uma sessão de venda simulada entre um promotor e um médico, com o primeiro apresentando um dos remédios do Felding-Roth e o segundo fazendo perguntas, incisivas, às vezes agressivas. Geralmente, Teddy,

Celia ou outro membro da equipe representava o papel do médico; de vez em quando, com a ajuda de Andrew, um médico autêntico era persuadido a participar, aumentando-se o realismo. As sessões se tornaram imensamente populares, tanto para os participantes como para os espectadores.

Todos os novos promotores contratados pelo Felding-Roth recebiam agora cinco semanas de treinamento, enquanto os antigos eram trazidos para a matriz, em pequenos grupos, participando de programas intensivos de renovação por 10 dias. Para surpresa de todos, os veteranos não apenas se mostravam dispostos a cooperar, mas também ansiosos em aprender. Celia, que também fazia preleções regulares, era admirada por todos. Descobriu que os promotores presentes à convenção no Waldorf referiam-se a ela como "Joana d'Arc", porque, como um deles explicou, "Jordan não foi queimada por heresia, mas esteve bem perto".

Ao pensar na convenção, Celia compreendia agora como tivera sorte e quão perto esteve de arruinar sua carreira. Havia ocasiões em que se perguntava: se Sam Hawthorne não se levantasse em sua defesa, se fosse expulsa da convenção e depois perdesse o emprego, haveria de se arrepender por ter agido daquela maneira? Esperava

que não. E também esperava ter a mesma fortaleza no futuro, em quaisquer outras confrontações que o destino lhe reservasse. No momento, porém, ela sentia-se feliz com o resultado.

Em seu novo cargo, Celia mantinha bastante contato com Sam Hawthorne. Teddy Upshaw se reportava a ele oficialmente, mas Sam tinha um interesse pessoal pelo programa de treinamento e fazia questão de acompanhar a contribuição de Celia.

Não tão harmonioso era o relacionamento de Celia com o diretor de pesquisa, Dr. Vincent Lord. Pela necessidade de ajuda científica nas informações para o treinamento de vendas, o Departamento de Pesquisa tinha de ser consultado freqüentemente. O Dr. Lord fazia questão de deixar bem claro que isso constituía uma apropriação indébita de seu tempo. Apesar disso, ele se recusava a delegar a responsabilidade a outra pessoa. Durante uma reunião brusca com Celia, ele declarou:

— Você pode ter enganado o Sr. Camperdown e os outros, levando-os a permitir que construísse seu pequeno império. Mas a mim não pode enganar.

Fazendo um grande esforço para manter a calma, Celia respondeu:

— Não é o meu "império". Sou a assistente, não diretora. E por acaso prefere que desinformações científicas sejam transmitidas aos médicos, como acontecia antes?

— Duvido muito que você pudesse saber a diferença — disse o Dr. Lord, furioso.

Quando Celia lhe repetiu a conversa, Upshaw deu de ombros e comentou:

— Vincent Lord é um chato de primeira classe. Mas é um chato que conhece sua ciência. Quer que eu fale com Sam para dar um jeito nele?

— Não — respondeu Celia, sombriamente. — Cuidarei dele à minha maneira.

A maneira de Celia implicava receber mais insultos, ao mesmo tempo em que aprendia e acabava respeitando a competência de Vincent Lord. Embora apenas sete anos mais velho que Celia — ele tinha 36 anos — Lord tinha qualificações impressionantes, incluindo um B.S. com honras da Universidade de Wisconsin, um Ph.D em química da Universidade de Illinois e a participação em diversas sociedades científicas. Vincent Lord publicara ensaios quando era professor-assistente na Universidade de Illinois, descrevendo suas descobertas significativas... inclusive uma sobre a anticoncepção oral que levava

a melhorias na Pílula. O que todos esperavam, Celia soube, era que o Dr. Lord acabaria realizando uma grande descoberta e desenvolvendo um importante novo medicamento.

Mas em nenhum lugar, ao longo do caminho, Vincent Lord aprendera a ser uma criatura humana agradável. Talvez, pensou Celia, fosse por isso que ele permanecera solteiro, embora fosse bastante atraente fisicamente, de uma maneira ascética, meio austera.

Um dia, tentando melhorar o relacionamento entre os dois, ela sugeriu que se tratassem pelos primeiros nomes, uma prática comum na companhia. Mas Lord avisou-a, friamente:

— Seria melhor para nós dois, Sra. Jordan, lembrar sempre a diferença em nossas posições.

Celia continuou a sentir que o antagonismo gerado no primeiro encontro, um ano e meio antes, seria irremediavelmente uma parte permanente do relacionamento. Apesar disso, porém, graças à persistência de Celia, a contribuição do Departamento de Pesquisa ao treinamento de vendas tornou-se substancial.

Não se diga que o plano para melhorar o padrão dos promotores fosse inteiramente bem sucedido ou plenamente aceito. Isso não aconteceu.

Celia queria instituir um sistema de relatórios, com verificações do desempenho dos promotores, através de questionários confidenciais. Os questionários seriam remetidos pelo correio aos médicos que os promotores visitavam. A sugestão subiu ao mais alto nível e foi vetada.

Depois, Celia pediu que as cartas de reclamação sobre os promotores, enviadas pelos médicos, fossem encaminhadas ao Treinamento de Vendas, mantendo-se um registro permanente. Ela sabia, por seus contatos, que havia cartas assim. Mas ninguém na companhia sequer admitia tê-las visto e presumivelmente eram sepultadas em algum arquivo, com a ação corretiva, se é que alguma havia,- permanecendo em segredo. Esse pedido também foi recusado. Teddy Upshaw lhe explicou, pacientemente:

— Há determinadas coisas que o pessoal lá de cima não quer saber. Você mudou isso um pouco, ao se levantar naquela convenção de vendas e dizer as coisas claramente. E depois, quando Sam veio em seu socorro, as coisas não estavam mais escondidas. Os chefões tinham de tirar o melhor proveito possível do que puseram em seus pratos. Mas não os pressione muito longe e muito depressa.

Parecia estranhamente com o conselho que Sam

Hawthorne lhe dera antes de sua palestra no Waldorf e Celia respondeu:

— Algum dia o governo vai intervir e nos dizer o que devemos fazer.

— Já disse isso antes e talvez esteja certa — reconheceu Upshaw. — E é bem possível que seja o único meio.

Eles deixaram por aí.

O problema dos remédios e da indústria farmacêutica estava também nos pensamentos de outras pessoas.

Durante a maior parte do ano de 1960 a indústria farmacêutica esteve no noticiário quase que todos os dias... e quase sempre desfavoravelmente. As audiências continuadas no Senado dos Estados Unidos, presididas pelo Senador Kefauver, estavam sendo uma mina de ouro para os repórteres e uma agonia inesperada para os laboratórios como o Felding-Roth. Ambos os resultados eram devidos em parte à encenação hábil preparada pelo senador e sua equipe.

Como todas as audiências desse tipo no Congresso, a maior ênfase era em política, com uma decisão tomada de antemão. Um repórter de Washington, Douglas Carter, escreveu: "Eles... passam de uma idéia preconcebida a uma conclusão

determinada." Havia também, por parte de Ester Kefauver e seus assessores, uma busca constante por manchetes; assim, as suas apresentações eram sempre parciais. O senador demonstrou ser um mestre em revelar acusações sensacionais apenas pouco antes dos repórteres deixarem a sala em que se realizavam as audiências para transmitir suas matérias, 11:30 horas para os jornais vespertinos, 4:30 horas da madrugada para os matutinos. Em consequência, as refutações ocorriam com os repórteres ausentes.

Apesar da injustiça afloraram algumas verdades repulsivas. Revelaram a cobrança excessiva de preço pelos remédios; a fixação conivente ilegal dos preços; propostas ilegalmente combinadas para os contratos de fornecimento de remédios ao governo; publicidade enganadora para os médicos, inclusive com a minimização ou até mesmo omissão dos efeitos colaterais perigosos; infiltração na Administração de Alimentos e Medicamentos pelos laboratórios farmacêuticos e aceitação por uma alta autoridade federal de "honorários" totalizando 287 mil dólares de uma fonte farmacêutica.

As manchetes dos jornais, embora às vezes parciais, confirmavam alguns abusos.

SENADORES DESCOBREM LUCRO DE 1.118% EM
REMÉDIOS

— Washington Evening Star

SENADO CONFIRMA LUCROS EXORBITANTES
EM REMÉDIOS

O preço chega a 7.097%

— New York Times

ANUNCIADO PERIGO DOS REMÉDIOS

— Miami Herald

LUCROS FABULOSOS EM TRANQUILIZANTES

Chlorpromazina 6 vezes Mais cara

Nos Estados Unidos do que em Paris

— New York Times

Os depoimentos revelaram que os medicamentos descobertos e desenvolvidos em outros países eram muito mais baratos na origem do que nos Estados Unidos. Esse absurdo foi ressaltado devidamente, já que os laboratórios americanos que produziam esses remédios não tinham o custo da pesquisa e desenvolvimento.

Nas farmácias francesas, por exemplo, 50

drágeas de Chlorpromazina custavam 51 cents, em comparação com três dólares e três cents nos Estados Unidos. Da mesma forma, o preço da Reserpina nos Estados Unidos era três vezes maior do que na Europa, onde o remédio fora desenvolvido.

Outro estranho contraste era o fato de que a penicilina fabricada nos Estados Unidos estava sendo vendida no México por dois terços de seu preço de varejo no mercado americano. A sugestão era de que esses e outros preços americanos eram tão altos por causa da conivência ilegal dos laboratórios.

COMIDA DE CACHORRO MELHOR
INSPECIONADA QUE REMÉDIOS

— Los Angeles Times

DEPOIMENTO DE AUTORIDADE FEDERAL
EDITADO POR HOMEM DE RELAÇÕES
PUBLICAS

Slogan de Laboratório Farmacêutico incluído no
Discurso

— New York Times

Depoimentos revelaram que um discurso

pronunciado por um chefe de divisão da Administração de Alimentos e Medicamentos do governo dos Estados Unidos num Simpósio Internacional de Antibióticos fora apresentado com antecedência a um laboratório farmacêutico, o Pfizer, para ser aprovado. Um redator de relações públicas alterara o texto para incluir, por inferência, um elogio a um produto do Pfizer, Sigmamy-cina. Posteriormente, o laboratório providenciara 260 mil cópias do discurso, apresentando-o com um endosso da Administração a seu produto.

As manchetes negativas dos jornais continuaram, às vezes em dias consecutivos, em cidades grandes e pequenas, de um lado a outro dos Estados Unidos, com as emissoras de televisão e rádio acrescentando suas notícias. A soma de tudo se encontrava no comentário que Celia fez para Andrew em dezembro:

— Não foi um ano para me orgulhar da indústria em que trabalho.

Na ocasião, Celia se achava de licença, porque seu segundo filho nascera, ao final de outubro, novamente de acordo com sua programação. Como Andrew esperava, confiante, fora um garoto.

Deram-lhe o nome de Bruce.

A vida dos dois se tornara muito mais fácil vários meses antes, com o advento de uma jovem inglesa, Winnie August, que agora residia na casa e tomava conta das crianças durante as ausências dos pais. Andrew descobrira-a por intermédio de uma agência que anunciava em publicações médicas. Ela tinha 19 anos e trabalhara anteriormente como vendedora numa loja em Londres. A própria Winnie explicava:

— Eu queria ter umas férias trabalhando e descobrir como são os ianques. E, depois, talvez eu passe um ou dois com os australianos.

Ela era jovial, eficiente e, para grande alegria de Andrew, preparava o café da manhã com a velocidade do raio.

— É uma questão de prática — respondeu Winnie, quando ele elogiou-a. — Fazia isso para minha mãe em casa.

Winnie também gostava das crianças e Lisa a adorava. Andrew e Celia torciam para que a partida de Winnie para a Austrália fosse adiada indefinidamente.

Um outro evento que atraiu a atenção de Celia ocorreu quase ao final de 1960. O medicamento alemão Talidomida — a ser conhecido nos Estados

Unidos e Canadá como Kevadon — foi submetido à Administração de Alimentos, a fim de ser aprovado para lançamento no mercado. Segundo as revistas da indústria farmacêutica, a Merrell Company, que detinha agora os direitos norte-americanos, tinha planos para um lançamento em grande escala da Talidomida-Kevadon, convencida de que o remédio teria o maior sucesso nos Estados Unidos, como continuava a desfrutar na Europa. A companhia estava pressionando as autoridades federais para uma rápida aprovação. Enquanto isso, amostras do remédio — oficialmente para "uso investigativo", embora na prática sem qualquer restrição — eram distribuídas a mais de mil médicos por promotores entusiasmados da Merrell.

A notícia lembrou a Celia de sua conversa com Sam Hawthorne, oito meses antes, quando ele informara o ressentimento existente dentro do Felding-Roth porque a Talidomida, por sugestão de Celia, fora testada apenas em velhos e depois rejeitada. Ela se perguntou por um instante se o ressentimento ainda persistia, mas depois descartou o assunto, como insignificante.

Tinha outras coisas com que se preocupar.

Depois do nascimento de Bruce, Celia voltou ao trabalho mais depressa do que acontecera quando

Lisa nascera. Já estava em plena atividade no Felding-Roth em meados de dezembro. Um motivo para isso: era uma época movimentada em Treinamento de Vendas. A companhia se expandia e mais de cem promotores estavam sendo contratados... inclusive mulheres, por insistência de Celia, embora apenas meia dúzia. Também contribuía para sua decisão um senso contagiante de excitação nacional. Em novembro, John F. Kennedy fora eleito presidente e parecia — ao menos pela retórica graciosa — que começava uma nova era, estimulante e criativa.

— Quero ser parte de tudo isso — confidenciou Celia a Andrew. — As pessoas falam em "um novo começo" e "história em ação", dizem que é o momento de ser jovem e estar encarregado de alguma coisa. Voltar ao trabalho significa participar.

— Hum, hum... — murmurou Andrew, quase indiferente, o que era insólito. Depois, como se o percebesse, ele acrescentou: — Está certo para mim.

Mas os pensamentos de Andrew não estavam realmente nos esforços de Celia; ele se preocupava com um problema seu. Era um problema que envolvia o Dr. Noah Townsend, associado sênior de Andrew no consultório e o respeitado diretor-médico do St. Bede's Hospital. Andrew descobrira

uma coisa sobre Noah, horrível e aflitiva, que punha em dúvida a competência do velho para exercer a medicina.

O Dr. Townsend era um viciado em tóxicos.

9

Noah Townsend, agora com 58 anos, parecia representar há muitos anos tudo o que um médico experiente e distinto devia ser. Era consciencioso, tratando a todos que o procuravam, quer fossem ricos ou pobres, com igual interesse. Sua aparência era distinta, sempre fora cordial e bem-educado. Em consequência, o Dr. Townsend possuía uma clínica firme, com pacientes que gostavam dele e lhe eram leais, com motivos para isso, já que eram muito bem atendidos. Sua capacidade de diagnóstico era considerada extraordinária. A mulher de Townsend, Hilda, disse um dia a Andrew:

— Eu estava com Noah numa festa, ele olhou através da sala para um estranho e me sussurrou: "Aquele homem está muito doente, mas não sabe." Em outra ocasião, ele me disse: "Aquele mulher ali... não sei o seu nome, mas tenho certeza que ela

morrerá em seis meses." E ele está sempre certo. Sempre.

Os pacientes de Townsend sentiam a mesma coisa. Alguns faziam gracejos sobre os seus diagnósticos acurados e referiam-se a ele como "o feiticeiro". Houve até um paciente que trouxe da África, como presente, uma máscara de feiticeiro, que Townsend pendurou orgulhosamente na parede do consultório.

Andrew também respeitava a competência do médico mais velho. Além disso, surgira entre os dois uma afeição genuína e profunda. Andrew sentia-se profundamente grato porque Townsend sempre tratara generosamente, sob todos os aspectos, o colega muito mais jovem.

Contribuindo para aumentar o respeito de Andrew havia o fato de que Noah Townsend permanecia atualizado em termos médicos, através de leituras sistemáticas, uma coisa que muitos médicos de sua idade negligenciavam. Contudo, Andrew também notara, nos últimos meses, uma certa vaguidão ocasional em Townsend, a voz se tornando meio engrolada. E houvera aqueles incidentes no início do ano, revelando um comportamento aparentemente bizarro de Noah. Os sintomas deixaram Andrew apreensivo, embora

continuasse a racionalizar que a tensão e o cansaço poderiam ser a causa, já que ambos os médicos vinham trabalhando intensamente, com uma carga grande de pacientes.

Foi numa tarde de novembro, um mês antes — um momento que Andrew agora recordava como o início para si mesmo de um tempo de agoniada auto-análise — que a inquietação e a vaga suspeita se transformaram em certeza.

Andrew queria discutir a programação dos dias de folga, quando ele e o Dr. Townsend davam cobertura um ao outro. Depois de se certificar que não havia qualquer paciente com o colega, Andrew bateu de leve na porta da sala de Townsend e entrou. Era uma coisa que ambos estavam acostumados a fazer com frequência.

Townsend estava de costas para a porta e virou-se rapidamente, sobressaltado, não conseguindo esconder em sua pressa o que tinha na palma da mão, uma pilha considerável de tablets e cápsulas. Mesmo assim, Andrew poderia não ter desconfiado de nada, se não fosse pelo comportamento subsequente do colega mais velho. Townsend ficou vermelho de embaraço e depois, numa espécie de desafio, levou a mão à boca, engoliu as pílulas e ajudou a descer com um copo

de água.

Não havia possibilidade de Townsend ignorar o que Andrew testemunhara. Mas ele ainda tentou dar a impressão de que aquilo não tinha maior importância.

— Então, você me surpreendeu a alimentar a fornalha!... Pois admito que faço isso de vez em quando... tenho estado sob muita pressão ultimamente... Mas nunca deixo as coisas escaparem ao controle... Sou um veterano, meu rapaz... sei demais para perder o controle... sei até demais. — Townsend riu, uma risada que soou falsa. — Portanto, Andrew, não se preocupe... sei onde e quando parar.

A explicação não convenceu Andrew. Ainda menos convincente era a fala engrolada, sugerindo que as pílulas que Noah Townsend acabara de ingerir não eram as primeiras que tomava naquele dia. Andrew perguntou, com uma rispidez de que se arrependeu no mesmo instante:

— O que você tomou?

Outra vez a risada falsa.

— Apenas algumas Dexedrine, um pouco de Percodan, uma pitada de Darvon para dar sabor... Ora, Andrew, que importância isso tem? — Uma pausa e Townsend acrescentou, com um princípio

de beligerância:

— Já lhe disse que me mantenho sob controle. E, agora, pode explicar o que queria me falar?

Com a mente em turbilhão, Andrew mencionou a questão dos dias de folga — que agora parecia absurdamente destituída de importância — acertou rapidamente o que era necessário e deixou a sala de Noah Townsend tão depressa quanto podia. Precisava ficar a sós. Para pensar.

Andrew estava horrorizado com a mistura de drogas — devia haver uns 12 a 15 tabletes e cápsulas — que o colega mais velho tomara tão casualmente. Segundo a própria confissão de Noah, eram estimulantes e sedativos... drogas que reagiam umas às outras e que nenhum médico competente receitaria em combinação. Embora não fosse um especialista no assunto, Andrew sabia bastante para compreender que a quantidade e a indiferença eram características do viciado que já percorrera um longo caminho pela estrada do vício. E drogas de prescrição expressa, tomadas indiscriminadamente, como Noah obviamente fazia, podiam ser tão perigosas e destrutivas quanto qualquer tóxico vendido ilegalmente nas ruas.

O que fazer agora? A providência imediata, decidiu Andrew, era descobrir mais.

Durante as duas semanas seguintes ele usou todo o tempo de que podia dispor para visitar as bibliotecas de referências médicas. O St. Bede tinha uma biblioteca modesta, mas Andrew conhecia outra em Newark. As duas possuíam relatos catalogados sobre médicos que se tornaram viciados em drogas. Estudando o material, a primeira coisa que se tornou evidente foi a natureza comum e disseminada do problema. A Associação Médica Americana calculava que cerca de cinco por cento de todos os médicos eram "prejudicados" por causa de abuso de drogas, alcoolismo ou causas relacionadas. Se a AMA admitia essa cifra espantosa, raciocinou Andrew, então a real devia ser muito mais elevada. Outros pareciam concordar com isso. A maioria das estimativas subia para 10 por cento, algumas chegavam a 15.

Uma conclusão de todos os observadores era a de que os médicos criavam o problema por causa do excesso de confiança. Estavam convencidos de que seu conhecimento especializado lhes permitiria usar as drogas sem que o hábito se tornasse perigoso. Mas quase sempre se enganavam. As palavras de Noah Townsend, "...nunca deixo as coisas escaparem ao controle... sei demais para perder o controle... sei onde e quando parar...", pareciam um

eco patético do que Andrew lia.

O fato era que os médicos se tornavam "viciados bem-sucedidos", sem serem descobertos por longos períodos, por causa da facilidade com que podiam obter as drogas. E quão bem Andrew sabia disso! Era uma coisa que já discutira várias vezes com Celia... o fato de que os médicos podiam obter suprimentos gratuitos de qualquer droga, virtualmente em quantidades ilimitadas, bastando pedir ao promotor do laboratório que a produzia.

Embora sentindo-se envergonhado, mas justificando mentalmente como algo necessário, Andrew deu um jeito de inspecionar o armário na sala de Noah Townsend em que eram guardados os suprimentos de remédios. Fez isso numa ocasião em que Townsend se encontrava no hospital, fazendo a sua ronda.

O armário deveria ficar trancado, mas não estava. Lá dentro, ocupando todos os espaços disponíveis, havia uma coleção espantosa de medicamentos nos recipientes dos laboratórios, inclusive um enorme suprimento de narcóticos. Andrew encontrou as drogas que Townsend mencionara.

Andrew guardava alguns medicamentos em sua sala, amostras dos que receitava mais

regularmente, que às vezes dava a pacientes que sabia estarem em dificuldades financeiras. Mas, em comparação com o que havia ali, seu suprimento era insignificante. E, por questões de segurança, Andrew jamais acumulava narcóticos. Ele assoviou baixinho, aturdido. Como Noah podia ser tão negligente? Como mantivera o seu segredo por tanto tempo? Como podia tomar as drogas e conservar o controle? Parecia não haver respostas simples.

Outra coisa chocava Andrew. Ele descobrira em suas pesquisas que não existia qualquer programa global para ajudar os médicos em dificuldades pela ingestão excessiva de drogas ou para proteger seus pacientes. A profissão médica ignorava o problema quando podia; quando não podia, tratava de encobri-lo com o sigilo e cerrava fileiras. Nenhum médico, ao que parecia, denunciava outro pelo vício em drogas. E Andrew não encontrara um registro sequer de um médico que perdera a sua licença para exercer a medicina por ser viciado.

E, no entanto, a questão o atormentava: O que seria dos pacientes de Noah Townsend, que de certa forma eram também de Andrew, por causa da clínica partilhada, cada médico substituindo

eventualmente o outro? Esses pacientes se encontrariam agora correndo algum risco? Embora Townsend parecesse normal em seu comportamento e até agora não tivesse cometido erros médicos, ao que Andrew soubesse, essa situação persistiria? Podia-se ter confiança? Por causa das drogas, Noah não faria algum dia um diagnóstico errado ou deixaria de perceber uma sintoma importante que não podia ser ignorado? E o que dizer de sua responsabilidade ainda maior como diretor-médico do St. Bede?

Quanto mais Andrew pensava, mais as perguntas se multiplicavam, mais as respostas se tornavam esquivas.

Ao final, ele confidenciou a Celia.

Era o cair da noite, poucos dias antes do Natal. Celia e Andrew estavam em casa, decorando a árvore, com a ajuda excitada de Lisa. Era a primeira vez que Lisa tinha consciência do Natal e os três estavam adorando a experiência. Depois de um longo tempo, a filha quase dormindo de excitação e fadiga, Andrew carregou-a gentilmente para a cama. Depois, ele parou por um instante no quarto ao lado, onde Bruce, o bebê, dormia profundamente, em seu berço.

Quando Andrew voltou à sala, descobriu que

Celia lhe preparara um scotch com soda. Ela entregou-lhe o copo, dizendo:

— Pus uma dose reforçada. Acho que você está precisando.

Ele a fitou, inquisitivo, e Celia acrescentou:

— Lisa lhe fez muito bem esta noite. Está mais relaxado do que o tenho visto nas últimas semanas. Mas ainda continua perturbado. Não está?

Surpreso, Andrew perguntou:

— É tão evidente assim?

— Querido, estamos casados há quatro anos.

E ele murmurou, com profunda emoção:

— Foram os quatro melhores anos de minha vida.

Andrew tomou o scotch, contemplando a árvore de Natal, enquanto Celia esperava. E, finalmente, ele indagou:

— Se era tão óbvio assim, por que não me perguntou qual era o problema?

— Eu sabia que você me contaria quando chegasse o momento oportuno. — Celia tomou um gole do seu daiquiri. — Quer me contar agora?

— Quero, sim... acho que quero.

— Oh, Deus! — sussurrou Celia, quando

Andrew terminou. — Que coisa terrível!

— Como pode ver, Celia, havia um bom motivo para que eu não andasse rindo à toa.

Ele se aproximou, abraçou-o, encostou o rosto no de Andrew.

— Meu pobre querido... Que fardo horrível você vinha suportando. Eu não fazia a menor idéia. Lamento muito por você.

— Mais importante... lamente Noah.

— E lamento, querido, lamento sinceramente. Mas sou uma mulher, Andrew, e você é quem mais importa para mim. Não posso e não vou permitir que você continue assim.

Ele falou bruscamente:

— Diga-me então o que fazer.

— Eu sei o que fazer. — Celia se separou e virou para fitá-lo. — Andrew, você tem de partilhar isso. Tem de contar a alguém mais, não apenas a mim.

— A quem, por exemplo?

— Não é óbvio? Alguém no hospital... alguém com autoridade que possa tomar alguma providência e ajudar Noah também.

— Não posso fazer isso, Celia. Se o fizesse, as pessoas falaria, o problema seria propalado... Noah cairia em desgraça. Ele seria afastado do

cargo de diretor-médico, só Deus sabe o que poderia acontecer com sua licença. E seria destruído. Não posso fazer isso... de jeito nenhum.

— Então qual é a alternativa?

Andrew murmurou, sombriamente:

— É o que eu gostaria de saber.

- Quero ajudá-lo, Andrew. Quero muito... e tenho uma idéia.

— Espero que seja melhor do que a última.

— Não tenho certeza se a última foi errada. Mas se não quer falar sobre Noah Townsend especificamente, por que não conversar com alguém em termos abstratos? Sonde as pessoas. Discuta o problema em geral. Descubra qual é a reação das pessoas no hospital.

— Está pensando em alguma pessoa?

— Por que não o administrador?

— Len Sweeting? Não sei... — Andrew deu uma volta pela sala, pensando, depois parou diante da árvore de Natal. — Mas pelo menos é uma idéia. Obrigado. Pensarei a respeito.

— Espero que você e Celia tenham passado um bom Natal — disse Leonard Sweeting.

— Passamos, sim — respondeu Andrew.

Estavam na sala do administrador do hospital, com a porta fechada. Sweeting sentava por trás de sua mesa, Andrew ocupava uma cadeira à frente.

O administrador era alto e magro, um ex-advogado que poderia ter sido jogador de basquete, mas que em vez disso dedicava-se ao hobby insólito de arremessar ferraduras, uma variedade do jogo de malha, em que ganhara diversos campeonatos. Dizia às vezes que ganhar um campeonato era mais fácil do que persuadir os médicos a concordarem com qualquer coisa. Passara da advocacia para o trabalho em hospital quando tinha vinte e poucos anos e agora, beirando os 50 anos, parecia conhecer tanto de medicina quanto muitos médicos. Andrew viera a conhecer Len Sweeting muito bem desde a participação conjunta no incidente da Lotromycina, quatro anos antes; e, de um modo geral, respeitava-o bastante.

O administrador tinha sobrancelhas hirsutas, que se moviam para cima e para baixo, como pincéis a vibrarem, cada vez que falava. E se moviam agora, quando Sweeting disse incisivamente:

— Falou que tinha um problema, Andrew. Algo sobre o qual precisava de conselho.

— Na verdade, é um médico amigo meu, da

Flórida, que tem o problema — mentiu Andrew. — Ele trabalha num hospital de lá e descobriu uma coisa que não sabe como enfrentar. E me pediu que tentasse descobrir como resolveríamos o problema por aqui.

— Mas qual é o problema?

— Está relacionado com drogas.

Andrew descreveu rapidamente uma situação mítica paralela à verdadeira, embora tomando o cuidado para não fazer com que a comparação fosse muito próxima.

Enquanto falava, ele percebeu a cautela se insinuar nos olhos de Sweeting, a cordialidade anterior se dissipando. As sobrancelhas espessas do administrador se fundiram num franzido. Ao final, ele se levantou bruscamente.

— Andrew, já tenho muitos problemas aqui para me preocupar com os de outro hospital. Mas meu conselho é dizer a seu amigo para ser cauteloso... muito cauteloso. Ele está pisando em terreno perigoso, especialmente ao levantar uma acusação contra outro médico. E agora, se me dá licença...

Ele sabia. Com um relance de intuição, Andrew compreendeu que Len Sweeting sabia exatamente do que ele falara e de quem. A história do amigo da

Flórida não enganara Sweeting por um momento sequer. Só Deus sabe como, pensou Andrew, mas ele tem conhecimento do problema há muito mais tempo do que eu. E o administrador não queria se envolver. Tudo o que desejava, algo bem óbvio naquele momento, era tirar Andrew de sua sala.

E mais uma coisa. Se Sweeting sabia, então outros no hospital deviam saber também. Quase que certamente isso significava outros médicos, alguns muito mais velhos que Andrew. E eles também não estavam tomando qualquer providência.

Andrew levantou-se, sentindo-se tolo e ingênuo. Len Sweeting, acompanhou-o até a porta, a cordialidade de volta, o braço estendido pelos ombros do homem mais moço.

— Lamento a pressa, mas estou esperando visitantes importantes... doadores de vulto, que deverão dar vários milhões de dólares ao hospital. Como sabe muito bem, precisamos demais desse dinheiro. Por falar nisso, seu chefe participará da reunião. Noah presta uma ajuda das mais valiosas no levantamento de fundos. Parece conhecer todo mundo e não há quem não goste dele. Há ocasiões em que me pergunto como este hospital poderia continuar a funcionar sem o nosso Dr. Townsend.

Então era isso. A mensagem franca e inequívoca: Deixe Noah Townsend em paz. Por causa das ligações e dos amigos endinheirados de Noah, ele era valioso demais para o St. Bede e não se podia permitir qualquer escândalo. Vamos encobrir a coisa, companheiros; se fingirmos que o problema não existe, talvez acabe desaparecendo.

E se Andrew tentasse repetir o que Sweeting acabara de lhe dizer, é claro que o administrador negaria toda a conversa ou alegaria que seus comentários haviam sido interpretados erroneamente.

Ao final, que ocorreu mais tarde, ainda naquele dia, Andrew decidiu que só podia fazer a mesma coisa que todos os outros... nada. Ele resolveu, no entanto, que dali por diante, da melhor forma que pudesse, vigiaria atentamente o colega mais velho e tentaria evitar que os pacientes de Noah fossem prejudicados. Quando Andrew relatou a Celia os acontecimentos e a decisão que tomara, ela fitou-o de maneira estranha e disse:

— A decisão é sua e posso compreender por que a tomou. Mesmo assim, pode ser uma coisa de que talvez venha a se arrepender.

O Dr. Vincent Lord, diretor de pesquisa do Felding-Roth Pharmaceuticals, Inc., era uma personalidade conflitante... e uma pessoa mais indelicada poderia dizer "confusa". Um colega cientista comentara ironicamente:

— Vince se comporta como se sua psique estivesse girando numa centrífuga e não sabe direito como sairá... ou como ele quer que saia.

O fato de tal avaliação ser feita já era por si mesmo paradoxal. Na idade relativamente jovem de 36 anos, o Dr. Lord alcançara um nível de sucesso com que muitos sonham, mas poucos alcançam. Mas o fato de ser mesmo um nível elevado ou assim parecer mantinha-o preocupado e especulando como chegara lá e se havia alguma coisa significativa além.

O que também se pode dizer a respeito do Dr. Lord era que, se não houvesse desapontamentos em sua vida, ele os teria inventado. Expressando em outros termos: alguns de seus desapontamentos eram mais ilusórios do que reais.

Um deles era o de não receber o respeito que julgava merecer da comunidade acadêmico-

científica, que desdenhava os cientistas dos laboratórios farmacêuticos, considerando-os de um modo geral, embora muitas vezes erroneamente, como pesquisadores de segunda classe.

Contudo, fora por uma opção pessoal, por sua livre e espontânea vontade, que Vincent Lord se transferira três anos antes do posto de catedrático-assistente da Universidade de Illinois para a indústria e o Felding-Roth. Influenciando fortemente a decisão estavam a frustração e a ira que Lord sentia na ocasião, ambas voltadas contra a universidade. A ira ainda persistia, ao ponto de se tornar uma amargura permanente a corroê-lo.

E, juntamente com a amargura, ele se perguntava às vezes: Teria sido precipitado e insensato ao deixar o mundo acadêmico? Seria um cientista internacional mais respeitado se continuasse onde estava ou pelo menos se transferisse para outra universidade?

A história por trás de tudo remontava a seis anos, a 1954.

Fora então que Vincent Lord, formado pela Universidade do Illinois, tornara-se o "Dr. Lord", com um Ph.D. em química orgânica. O doutorado era de primeira classe. A escola de química da universidade, em Champaign-Urbana, era

reconhecida como uma das melhores do mundo e Lord fora um aluno brilhante.

Sua aparência se ajustava ao conceito de um estudioso. O rosto era fino, sensível, delicadamente estruturado e, de certa forma, simpático. Deixava de sê-lo um pouco porque ele raramente sorria e muitas vezes exibía uma expressão preocupada, o rosto franzido. A vista era deficiente, talvez devido aos anos de estudos intensos; usava óculos sem aros, através dos quais os olhos verdes-escuros — a característica mais forte de Lord — fitavam alerta e com alguma desconfiança. Era alto e magro, a segunda coisa porque não tinha o menor interesse por comida. Encarava as refeições com um desperdício de tempo e só comia porque o corpo assim o exigia; isso era tudo. Mulheres sintonizadas com homens sensíveis achavam Vincent Lord bastante atraente. Os homens pareciam divididos, gostando ou detestando-o.

Sua especialidade eram os esteróides. Incluídos nisso os hormônios masculinos e femininos — testosterona, estrogênio, progesterona — que afetam a fertilidade, a agressividade sexual e o controle da natalidade. Durante os anos 50, quando "a pílula" começava a ser usada, o assunto dos esteróides atraía um amplo interesse científico e

comercial.

Depois de obter o seu Ph.D. e como seu trabalho em síntese dos esteróides estava indo muito bem, parecia lógico que o Dr. Lord recebesse uma bolsa de estudos pós-doutorado de dois anos, também na Universidade de Illinois.

A universidade cooperara plenamente e o financiamento para o pós-doutorado fora concedido por uma agência governamental. Os dois anos transcorreram entre sucessivos sucessos científicos e apenas uns pequenos problemas pessoais. Os problemas decorriam do hábito de Lord, raiando a obsessão, de olhar para trás mentalmente e se perguntar: Será que fiz a coisa certa?

Ele ficava remoendo: Terei cometido um erro ao permanecer "em casa", na Universidade do Illinois? Deveria ter-me libertado e viajado para a Europa? A Europa me proporcionaria uma educação mais completa? As indagações — a maioria desnecessária — multiplicavam-se persistentemente. E também deixavam-no deprimido, mal-humorado, uma característica que prevaleceria e o levaria a perder amigos.

Apesar disso — o que constituía outra faceta do prisma paradoxal que era Vincent Lord — ele tinha uma elevada opinião de seu valor e trabalho, uma

opinião plenamente justificada. Por isso, ele não ficara surpreso quando, ao final dos dois anos do pós-doutorado, a Universidade de Illinois oferecera-lhe um posto de catedrático-assistente. Aceitara. E continuara "na casa". Outra vez, enquanto o tempo passava, ele remoera a última decisão, repetindo a tortura de suas dúvidas anteriores.

Um anjo a contemplar a alma de Vincent Lord poderia muito bem especular: Por quê?

Durante o período de Lord como catedrático-assistente sua reputação como especialista em esteróides desabrochava, não apenas na Universidade de Illinois, mas muito além. Em pouco mais de quatro anos, ele publicara 15 estudos científicos, alguns em órgãos do maior prestígio, como o *Journal of the American Chemical Society* e o *Journal of Biological Chemistry*. Era um excelente registro, levando-se em consideração a sua posição ainda inferior na universidade.

E isso era uma coisa que irritava o Dr. Lord, cada vez mais, à medida que o tempo passava.

No mundo misterioso da academia e da ciência, as promoções raramente são rápidas; são, quase sempre, angustiosamente lentas. O próximo degrau para Vincent Lord seria a promoção a catedrático-associado, um cargo que se igualava a uma coroa de

louros de permanente segurança financeira, por qualquer que fosse o ângulo que se olhasse. Era também um símbolo a proclamar: Você conseguiu. Pertence agora à elite do mundo acadêmico. Tem uma coisa que não lhe pode ser arrebatada, está livre para trabalhar como preferir, com apenas uma interferência limitada de cima. Você chegou.

Vincent Lord queria desesperadamente a promoção. E queria logo. Não dentro de dois anos, o período restante em que, pelas regras do mundo acadêmico, teria normalmente de esperar.

Assim, indagando por que a idéia não lhe ocorrera mais cedo, ele decidira apressar a conquista da promoção. Com sua ficha, raciocinava Lord, deveria ser muito fácil, uma mera formalidade. Transbordando de confiança, ele preparara uma bibliografia, telefonara para o reitor e marcara uma reunião para a semana seguinte, enviando-lhe a bibliografia como preparativo para o encontro.

O Reitor Robert Harris era um homem pequeno, mirrado e sábio, embora a sabedoria incluísse dúvidas sobre a própria capacidade de tomar as decisões socráticas que lhe eram freqüentemente exigidas. Basicamente um cientista, ainda se mantinha em atividade com um pequeno

laboratório, comparecendo a diversos seminários científicos todos os anos. A maior parte de suas horas de trabalho, no entanto, era consumida pela administração da escola de química.

Numa manhã de março de 1957 o Reitor Harris estava em seu gabinete, folheando as páginas da bibliografia do Dr. Vincent Lord e especulando por que lhe fora enviada. Poderia haver uma dúzia de motivos com alguém tão temperamental e imprevisível como Lord. Pois ele descobriria em breve. O responsável pela bibliografia entraria em sua sala dentro de 15 minutos.

Fechando a pasta volumosa que lera plena e cuidadosamente — o reitor era por natureza um homem metuculoso — ele recostou-se em sua cadeira de braços por trás da mesa, meditando sobre os fatos e seus instintos, particulares e pessoais, em relação a Vincent Lord.

O homem possuía um potencial de gênio. Não restava a menor dúvida. Se o reitor já não soubesse disso, teria descoberto pela leitura recente das obras publicadas de Lord e os comentários elogiosos. Em seu campo escolhido, Vincent Lord podia e provavelmente alcançaria as culminâncias do Parnaso. Com alguma sorte, que os cientistas também precisavam, da mesma forma que o comum

dos mortais, poderia realizar uma esplêndida descoberta no futuro, proporcionando renome a si mesmo e à Universidade de Illinois. Tudo parecia positivo, todos os sinais estavam verdes. E, no entanto...

Havia ocasiões em que o Dr. Vincent Lord deixava o Reitor Harris apreensivo.

O motivo era o temperamento explosivo demonstrado por Lord; isso e o talento freqüentemente andavam juntos e de um modo geral eram aceitáveis. Qualquer universidade — o reitor suspirou ao pensar nisso — era um caldeirão de animosidades e ciúmes, muitas vezes por questões insignificantes, discutidas com uma mesquinhez espantosa.

Não, era algo mais, uma coisa diferente... uma questão já levantada antes e recentemente aflorando de novo. Era a seguinte indagação: As sementes da desonestidade intelectual e, por conseguinte, da fraude científica se encontrava em algum lugar no fundo de Vincent Lord?

Quase quatro anos antes, pouco depois que o Dr. Lord se tornara catedrático-assistente, preparara um estudo científico sobre uma série de experiências que, em sua descrição, produzira resultados excepcionais. O estudo estava prestes a

ser publicado quando um colega da Universidade de Illinois, um químico orgânico mais antigo, informara que não conseguira reproduzir as experiências e resultados apontados pelo Dr. Lord; seus resultados foram diferentes.

Seguiu-se uma investigação. E ficara comprovado que Vincent Lord cometera erros. Pareciam ser erros honestos, decorrência de interpretação equivocada. O estudo de Lord fora reescrito e posteriormente publicado. Mas não obtivera a repercussão científica que os resultados originalmente enunciados — se fossem corretos — certamente causariam.

Por si mesmo, o incidente não tinha qualquer significação. O que acontecera com o Dr. Lord acontecia também ocasionalmente aos melhores cientistas. Todos cometiam erros. Mas se um cientista descobria posteriormente um erro, era considerado normal e ético anunciá-lo e corrigir qualquer trabalho publicado.

O que tornava o caso de Lord diferente era uma intuição, uma suspeita entre os colegas, baseada na sua reação quando confrontado, de que ele tinha conhecimento dos erros, provavelmente os descobrira depois que o estudo estava pronto, mas se mantivera quieto, esperando que ninguém mais

percebesse.

Houvera por algum tempo comentários no campus sobre senso moral e ética. Depois, com uma série de descobertas incontestáveis e louvadas de Lord, os rumores se desvaneceram, o incidente aparentemente fora esquecido.

O Reitor Harris quase esquecera também. Até uma conversa duas semanas antes, numa convenção científica em São Francisco.

— Escute, Bobby, — dissera um professor da Universidade de Stanford, antigo amigo de Harris, enquanto tomavam drinques uma noite, — se eu fosse você ficaria de olho no tal de Lord. Houve alguns que verificaram que seus dois últimos trabalhos são impossíveis de reproduzir. As sínteses estão certas, mas não conseguimos obter os resultados espetaculares que ele alega.

Quando pressionado por mais detalhes, o informante acrescentara:

— Não estou querendo dizer que Lord não é honesto. E, por tudo o que sabemos, ele é muito bom. Mas há uma impressão generalizada de que se trata de um jovem com pressa, talvez com pressa demais. Nós dois sabemos o que isso pode significar, Bobby... de vez em quando tentar encurtar os caminhos, interpretando os dados da

maneira como se quer e não como realmente são. O resultado é a arrogância e o perigo científico. Em suma, o que estou querendo lhe dizer é o seguinte: Para o bem da Universidade de Illinois e o seu próprio, tome cuidado!

Um Reitor Harris preocupado e pensativo acenara com a cabeça em agradecimento pelo conselho.

De volta a Champaign-Urbana, ele convocara o diretor do departamento de Lord e repetira a conversa em São Francisco. E, depois, indagara: O que me diz dos dois últimos trabalhos publicados por Vince Lord?

O diretor do departamento voltara ao gabinete do reitor no dia seguinte com uma resposta. O Dr. Lord reconhecia que havia algumas divergências sobre os seus últimos resultados divulgados; tencionava repetir as experiências e, se fosse o caso, publicaria uma correção.

Parecia perfeitamente justo e adequado. Mas ficara pairando a dúvida não formulada expressamente: Lord teria agido assim se ninguém levantasse o problema?

Agora, duas semanais depois, o Reitor Harris estava outra vez ponderando essa dúvida quando sua secretária anunciou:

— O Dr. Lord está aqui para o encontro marcado.

— Isso é tudo — concluiu Vincent Lord, 10 minutos depois, sentado na frente da mesa. — Já vii minha bibliografia, Reitor Harris. Creio que é mais ativa e impressiva que a de qualquer outro catedrático-assistente da escola. Mais do que isso, ninguém sequer chega perto. Também já falei o que planejo para o futuro. Somando tudo, estou convencido de que uma promoção antes do prazo é plenamente justificada e que devo merecê-la agora.

O reitor uniu as mãos, contemplou o Dr. Lord pelas pontas dos dedos e disse, um tanto divertido:

— Parece não sofrer da tendência para subestimar o seu trabalho.

— E por que deveria? — A resposta foi rápida e brusca, desprovida de humor. Os olhos verde-escuros de Lord se fixavam intensamente no reitor.

— Conheço minha ficha tão bem quanto qualquer outro. E também sei que outras pessoas por aqui estão fazendo muito menos do que eu.

— Se não se importa, — disse o Reitor Harris, também com alguma aspereza, — deixaremos os outros fora deste caso. Os outros não estão em questão. Apenas você.

O rosto fino de Lord ficou vermelho.

— Não sei por que pode haver qualquer questão. Tudo me parece perfeitamente claro. Pensei que tivesse explicado.

— E explicou. Com bastante eloquência.

O Reitor Harris decidiu que não se deixaria levar a perder a paciência. Afinal, Lord estava certo em relação à sua ficha. Por que deveria ser falsamente modesto e fingir? Até mesmo a agressividade poderia ser desculpada. Muitos cientistas — e o reitor o compreendia, por sê-lo também — simplesmente não tinham tempo para se instruírem nas amenidades diplomáticas.

Mas ele deveria concordar com o pedido de Lord para uma rápida promoção? Não. O Reitor Harris já sabia que não faria isso.

— Deve compreender, Dr. Lord, que não tomo sozinho as decisões sobre promoções. Como reitor, devo basear-me consideravelmente na opinião de um comitê do corpo docente.

— Isso é...

Lord começou a falar irritado, mas parou abruptamente. É uma pena, pensou o reitor. Se ele dissesse "uma mentira deslavada" ou algo parecido, eu teria uma desculpa para ordenar que se retirasse de minha sala. Mas esta é uma ocasião formal, como ele se lembrou bem a tempo, teremos de mantê-la

assim.

— Uma promoção apoiada por você é sempre aceita — acrescentou Vincent Lord, franzindo o rosto ao se corrigir.

Ele detestava se mostrar subserviente com aquele reitor a quem considerava um cientista inferior e decadente, reduzido agora a um mero burocrata. Infelizmente, era um burocrata com a autoridade que a universidade lhe conferia.

O Reitor Harris não respondeu. O que Lord dissera a respeito de seu apoio a qualquer promoção era procedente. Mas isso só acontecia porque ele nunca assumia uma posição em relação a quem quer que fosse a menos que tivesse certeza de que seria aceitável para o corpo docente. Embora um reitor se encontrasse numa posição superior ao corpo docente, este como um todo tinha mais poder. Era por isso que sabia que nunca conseguiria a promoção de Lord, mesmo que pressionasse.

A esta altura, os dois trabalhos publicados mais recentes de Lord eram indubitavelmente alvos de rumores e dúvidas, que circulavam por todo o campus. Os rumores somavam-se às questões sobre a ética e ao incidente de quatro anos antes, que fora quase esquecido, mas que agora seria ressuscitado.

Não havia sentido, raciocinou o reitor, em

protelar o anúncio de uma decisão já tomada.

— Dr. Lord, não recomendarei a sua promoção antecipada neste momento.

— Por que não?

— Não creio que as razões que me apresentou sejam suficientemente compulsivas.

— Explique o "compulsivas".

As palavras saíram bruscamente, como uma ordem. O reitor concluiu que havia limites para a paciência. E respondeu friamente:

— Creio que seria melhor para nós dois se esta entrevista fosse encerrada agora. Bom dia.

Mas Lord não fez qualquer menção de se levantar. Permaneceu sentado à frente da mesa do reitor, com uma expressão furiosa.

— Estou lhe pedindo para reconsiderar. Se não o fizer, pode se arrepender.

— E de que maneira eu me arrependeria?

— Posso tomar a decisão de ir embora.

O Reitor Harris declarou, com absoluta sinceridade:

— Eu lamentaria se isso acontecesse, Dr. Lord, a sua partida seria uma grande perda. Trouxe crédito a esta universidade e estou convencido de que continuará a fazê-lo. Mas, por outro lado, — o reitor se permitiu um ligeiro sorriso, — creio que

esta instituição sobreviverá mesmo que vá embora.

Lord levantou-se, o rosto vermelho de raiva. Sem dizer mais nada, ele saiu da sala, batendo a porta.

Lembrando a si mesmo, como já fizera em muitas outras ocasiões anteriores, que parte do seu trabalho era lidar calmamente e com justiça com pessoas nervosas e talentos, que freqüentemente se portavam de maneira irracional, o reitor concentrou-se em outras coisas.

Ao contrário do reitor, o Dr. Lord não afastou o incidente dos pensamentos. Como se um gravador estivesse implantado em seu cérebro, ele reconstituiu a entrevista interminavelmente, tornando-se cada vez mais amargurado e furioso, até que passou a odiar não apenas a Harris, mas a toda a universidade.

Vincent Lord desconfiava — muito embora o assunto não fosse mencionado na entrevista — que as pequenas alterações que estava obrigado a efetuar em seus dois trabalhos recentemente publicados tinham algo a ver com a rejeição. A suspeita aumentou a sua ira, porque em sua opinião a questão era trivial, em comparação com sua atuação científica global. Claro que sabia como aqueles erros haviam sido cometidos, uma coisa que

admitia até para si mesmo. Fora impaciente, entusiasmado demais, tinha muita pressa. Permitira, pelo tempo mais breve absoluto, que a ânsia pelos resultados predominasse sobre a cautela científica. Mas desde então jurara que nunca mais deixaria que algo similar acontecesse. Além do mais, o incidente pertencia ao passado, publicaria em breve as correções. Então por que isso tinha de ser levado em consideração? Era muita mesquinhez por causa de algo tão trivial!

Em nenhum momento ocorreu a Vincent Lord que seus críticos não estavam preocupados com os incidentes propriamente ditos, inclusive o de quatro anos antes, mas sim em determinados sintomas e indícios de sua personalidade. Na ausência de tal raciocínio e compreensão, a amargura e ressentimento do Dr. Lord só podiam aumentar e infeccionar.

Por isso, três meses depois, durante um seminário científico em San Antônio, quando foi procurado por um representante do Felding-Roth, com um convite para "subir a bordo" — um eufemismo para oferta de emprego — sua reação, embora não imediatamente positiva, foi pelo menos promissora:

— Talvez.

O contato por si mesmo nada tinha de excepcional. Os grandes laboratórios científicos estavam constantemente à procura de novos talentos científicos e acompanhavam atentamente todos os trabalhos publicados originários das universidades. No caso de alguma coisa interessante, podia-se escrever cartas de congratulações. As reuniões científicas, em que o pessoal dos laboratórios farmacêuticos se encontravam com os cientistas acadêmicos em campo neutro, eram pontos de contato dos mais úteis. Muito antes do encontro em San Antônio, o nome de Vincent Lord já fora considerado e selecionado como um possível "alvo".

Seguiram-se conversas mais específicas. O Felding-Roth estava querendo um cientista da mais alta categoria em seu campo para chefiar uma nova divisão para o desenvolvimento de esteróides. Desde o início, os representantes da companhia trataram o Dr. Lord com deferência e respeito, uma atitude que o satisfazia e que ele encarou como um agradável contraste com o que considerava o tratamento vergonhoso pela universidade.

De um ponto de vista científico, a oportunidade era bastante interessante. O mesmo acontecia com o salário oferecido, 14 mil dólares por ano, quase o

dobro do que ganhava na Universidade de Illinois.

Para ser justo com Vincent Lord, cabe ressaltar que o dinheiro em si lhe despertava tão pouco interesse quanto a comida. Suas necessidades pessoais eram simples; nunca tivera qualquer dificuldade para viver com o salário universitário. Mas o dinheiro do laboratório farmacêutico representava mais um cumprimento... um reconhecimento ao seu valor.

Depois de pensar a respeito por duas semanas, o Dr. Lord aceitou o convite. Deixou a universidade abruptamente, sem um aviso prévio mínimo. Começou a trabalhar no Felding-Roth em setembro de 1957.

Quase que imediatamente ocorreu uma coisa extraordinária. No início de novembro o diretor de pesquisa do laboratório sofreu um colapso sobre um microscópio e morreu de hemorragia cerebral maciça. Vincent Lord se achava no lugar e disponível. Possuía as qualificações necessárias. E foi designado para o posto vago.

Agora, três anos depois, o Dr. Lord estava solidamente consolidado no Felding-Roth. Continuava a ser respeitado. Sua competência nunca era questionada. Dirigia o seu departamento com eficiência, com um mínimo de interferência

externa. Apesar dos problemas particulares de personalidade de Lord, suas relações com a equipe eram boas. Igualmente importante, seu trabalho científico progredia de maneira satisfatória.

A maioria dos outros, nas circunstâncias, teria se mostrado feliz. Contudo, para Vincent Lord, persistia a perpétua síndrome de olhar para trás, as dúvidas e torturas sobre decisões antigas, a ira e a amargura — tão intensas quanto antes — pela recusa à sua promoção na Universidade de Illinois. O presente também apresentava problemas ou pelo menos ele assim pensava. Fora de seu departamento, desconfiava, dos outros na companhia. Por que tentavam solapar sua posição? Havia várias pessoas de quem não gostava e desconfiava... e uma delas era aquela mulher intrometida. Celia Jordan recebia atenção demais. Sua promoção desagradara a Lord. Ele a encarava como uma concorrente pelo prestígio e poder.

Havia sempre a possibilidade, com que ele contava, que a desgraçada da Jordan fosse além da conta, acabasse derrubada e desaparecesse. E, na opinião do Dr. Lord, isso não devia demorar a acontecer.

Mas nada disso teria qualquer importância, nem mesmo o insulto de que fora vítima no passado

na Universidade de Illinois; ninguém se aproximaria de Vincent Lord em poder e respeito, se ocorresse um determinado evento, que agora parecia bastante provável. Como a maioria dos cientistas, Vincent Lord era inspirado pelo desafio do desconhecido. E também como os outros, há muito que sonhava em alcançar, pessoalmente, uma grande descoberta, que ampliaria drasticamente as fronteiras do conhecimento e elevaria seu nome a um lugar de honra na história.

Esse sonho parecia agora possível.

Depois de três anos de trabalho persistente e meticuloso no Felding-Roth, um trabalho que sabia ter sido concebido de maneira brilhante, encontrava-se finalmente à vista um composto químico que poderia se tornar um medicamento novo e revolucionário. Ainda restava muita coisa a fazer. Havia necessidade de pesquisas e experiências com animais pelo menos por mais dois anos, mas os trabalhos preliminares haviam sido concluídos com sucesso, todos os sinais eram corretos. Com seu conhecimento, experiência e intuição científica, Vincent Lord podia percebê-lo claramente.

É claro que o novo medicamento, ao ser lançado no mercado, representaria uma fortuna

fabulosa para o Felding-Roth. Mas isso não tinha qualquer importância. O importante era que proporcionaria uma reputação mundial ao Dr. Vincent Lord.

Um pouco mais de tempo era tudo o que ele precisava.

E depois mostraria aos outros. *Por Deus, haveria de mostrar a todos eles!*

11

A Talidomida explodiu!

Como Celia disse, muito mais tarde:

— Embora não soubéssemos disso na ocasião, nada na indústria farmacêutica jamais voltaria a ser como antes depois que os fatos sobre a Talidomida foram divulgados.

As coisas começaram devagar, despercebidas, exceto em termos locais, e sem qualquer ligação com um remédio, nas mentes de todas as pessoas envolvidas inicialmente.

Na Alemanha Ocidental, em abril de 1961, os médicos foram surpreendidos por uma erupção de focomelia, um fenômeno raro em que os bebês

nascem tragicamente deformados, sem braços ou pernas, tendo apenas membros mínimos, inúteis, como as nadadeiras de focas. Dois casos haviam sido registrados no ano anterior... mesmo isso um numero sem precedentes, já que, como disse um pesquisador, "crianças com duas cabeças têm sido mais comuns". E agora, subitamente, havia dezenas de bebês focomélicos.

Algumas mães, quando viam os bebês que haviam gerado, gritavam em repulsa e desespero. Outras choravam, sabendo que, como uma delas exprimiu, "meu filho nunca poderia se alimentar sem ajuda, tomar um banho, cuidar das necessidades higiênicas básicas, abrir uma porta, abraçar uma mulher ou mesmo escrever seu nome".

Entre as mães, diversas cometeram suicídio; muitas outras precisaram de ajuda psiquiátrica. Um pai anteriormente devoto se revoltou contra Deus:

— Eu cuspo e cago em cima dele! — Depois, ele se corrigiu: — Não existe Deus. Como poderia existir?

E ainda permanecia desconhecida a causa da erupção de focomelia. (A palavra, conforme se explicou, vinha do grego, phoke significando "foca" e meios é "membro"). Um estudo sugeriu que a causa podia ser a precipitação radiativa de bombas

atômicas. Outro que havia um vírus em atividade.

Muitos bebês tinham outros defeitos além da ausência de membros. Orelhas não existiam ou eram deformadas; corações, intestinos e outros órgãos eram incompletos ou não funcionavam como deveriam. Alguns bebês morriam... "os afortunados", como um observador escreveu.

Depois, em novembro de 1961, dois médicos trabalhando independentemente e sem se conhecerem — um pediatra na Alemanha e um obstetra na Austrália — ligaram a focomelia com a droga Talidomida. E pouco depois ficou estabelecido que o remédio era de fato a causa dos nascimentos defeituosos.

As autoridades australianas, agindo rapidamente, ordenaram que a Talidomida fosse retirada do mercado no mesmo mês em que a ligação se tornou conhecida. A Alemanha Ocidental e a Inglaterra proibiram o remédio um mês depois, em dezembro. Nos Estados Unidos, porém, mais dois meses transcorreram, até fevereiro de 1962, para que fosse cancelada a licença da Talidomida-Kevadon. O Canadá, inexplicavelmente, deixou o remédio no mercado até março, quatro meses depois da tomada de posição australiana e bastante tempo para que muitas outras pessoas, inclusive

mulheres grávidas, tomassem o medicamento.

Celia e Andrew, que acompanharam a história macabra pela leitura das publicações científicas e da imprensa leiga, discutiam o problema freqüentemente. Uma noite, ao jantar, Celia comentou:

— Oh, Andrew, não pode imaginar como me sinto contente por você não permitir que eu tomasse qualquer remédio durante a gravidez! — Poucos minutos antes, ela contemplara com amor e gratidão seus dois filhos normais e saudáveis. — Eu poderia também ter tomado a Talidomida. Soube que muitas mulheres de médicos tomaram.

Andrew informou calmamente:

— Eu também tinha um pouco de Kevadon.

— Você?

— Recebi amostras de um promotor.

Sobressaltada, Celia perguntou:

— Mas não as usou, não é mesmo?

Andrew sacudiu a cabeça.

— Eu gostaria de dizer que tive uma suspeita em relação ao remédio, mas isso não seria verdade. Simplesmente esqueci que o tinha.

— E onde estão as amostras agora?

— Só hoje é que me lembrei. Fui pegar. Havia várias centenas de pílulas. Li em algum lugar que

mais de dois e meio milhões foram distribuídas aos médicos americanos. Joguei as minhas no vaso e puxei a descarga.

— Graças a Deus!

— Apoiado.

Mais notícias sobre a Talidomida continuaram a fluir nos meses subseqüentes. Calculou-se que 20 mil bebês deformados nasceram em 20 países, embora jamais se conhecesse o número exato.

Nos Estados Unidos, o número de nascimentos com focomelia foi reduzido — em torno de 18 ou 19 — porque o remédio nunca fora aprovado para o uso generalizado. Se isso tivesse acontecido, o número de bebês americanos sem braços e pernas provavelmente se elevaria a 10 mil.

— Acho que todos temos uma dívida para com a tal de Kelsey — comentou Andrew para Celia, num domingo, em julho de 1962.

Ele estava em casa, descansando, um jornal aberto à sua frente, no estúdio que partilhavam. A "tal de Kelsey" era a Dra. Francês Kelsey, autoridade médica da Administração de Alimentos e Medicamentos que, apesar da intensa pressão do laboratório farmacêutico que planejava lançar no mercado a Talidomida-Kevadon, usou táticas burocráticas para protelar. Agora, declarando que

tinha motivos científicos para desconfiar do medicamento desde o início, a Dra. Kelsey convertera-se numa heroína nacional. O Presidente Kennedy lhe concedera a Medalha de Ouro por Serviços Eminentes, a mais alta condecoração civil do país.

— O que ela fez estava certo e concordo que devemos ser gratos — disse Celia. — Mas há também quem diga que ela recebeu a medalha por nada, apenas por protelar uma decisão, o que é sempre a coisa mais segura para um burocrata fazer. E agora ela está alegando que teve mais percepção do que na realidade. Teme-se agora pelas conseqüências futuras da atitude de Kennedy, os bons remédios, mais do que necessários, que serão protelados na A AM por outros que também gostariam de ganhar uma medalha.

— O que você precisa compreender, Celia, é que todos os políticos são oportunistas e Kennedy não é exceção, muito menos Kefauver. Os dois estão usando a publicidade em torno da Talidomida em proveito próprio. Seja como for, precisamos de alguma lei nova, pois qualquer que tenham sido os outros efeitos da Talidomida, ficou claro que a sua indústria, Celia, não tem condições de se disciplinar e algumas partes se acham inteiramente

corrompidas.

O comentário era decorrente das revelações, seguindo-se as investigações nos laboratórios farmacêuticos responsáveis pela Talidomida, de duplicidade, insensibilidade, ganância, acobertamento e incompetência. Tais revelações pareciam aflorar quase que todos os dias. Celia reconheceu, tristemente:

— Eu gostaria de poder contestá-lo, mas ninguém em seu juízo perfeito sequer tentaria.

Surpreendentemente e apesar das manobras políticas que a precederam, uma boa legislação acabou surgindo e foi promulgada pelo Presidente Kennedy em outubro de 1962. Embora longe de ser perfeita e com dispositivos que posteriormente negariam novos e valiosos medicamentos a pessoas que precisavam desesperadamente, a nova legislação proporcionava aos consumidores salvaguardas que não existiam "A.T."... que foi como muitos na indústria farmacêutica identificariam no futuro a era "antes da Talidomida".

Também em outubro Celia recebeu a notícia de que Eli Camperdown, presidente do Felding-Roth, doente há vários meses, estava morrendo. A causa era câncer. Poucos dias depois, Sam Hawthorne chamou-a à sua sala e disse:

— Eli mandou um recado. Gostaria de falar com você. Foi levado do hospital para casa e já providenciei tudo para que você possa visitá-lo amanhã.

A casa ficava oito quilômetros a sudoeste de Morristown, em Mount Kemble Lake. Ao final de um caminho comprido e protegida da estrada por árvores e arbustos densos, surgia enorme e antiga, com uma fachada de pedra a que o tempo imprimira uma patina verde. O interior parecia escuro a quem estava do lado de fora. Ao se entrar, descobria-se que era mesmo escuro.

Um mordomo idoso e encurvado abriu a porta para Celia. Levou-a a uma sala de estar toda ornada, mobiliada com peças antigas, pediu-lhe que esperasse ali. A casa era quieta, sem quaisquer ruídos de atividade. Talvez fosse, pensou Celia, porque Eli Camperdown vivia sozinho; ela sabia que ele era viúvo há muito anos.

Uma enfermeira uniformizada apareceu poucos minutos depois. Em contraste com o ambiente, ela era jovem, bonita e vigorosa.

— Queira me acompanhar, por favor, Sra. Jordan. O Sr. Camperdown está à sua espera.

Enquanto subiam a escada longa e curva, com um tapete espesso, Celia perguntou:

— Como ele está?

A enfermeira respondeu quase com indiferença:

— Muito fraco e sofrendo bastante dor, apesar de usarmos sedativos. Mas não lhe demos nenhum hoje. Ele disse que queria estar alerta. — Ela olhou para Celia, curiosa. — Ele aguarda ansiosamente a sua chegada.

Perto do alto da escada, a enfermeira abriu uma porta e fez sinal para que Celia entrasse.

A princípio, Celia teve dificuldade para reconhecer o vulto esquelético recostado em travesseiros, na cama grande de baldaquino. Eli Camperdown, que até bem pouco tempo atrás era a própria imagem da força e do poder, estava agora descarnado, pálido e frágil... uma caricatura do que fora antes. Os olhos, afundados nas órbitas, fixaram-se em Celia, enquanto o rosto se contorcia numa tentativa de sorriso. Quando falou, a voz soou baixa e esganiçada:

— Lamento que o câncer em estado bem adiantado não seja uma coisa das mais agradáveis, Sra. Jordan. Hesitei em deixar que me visse assim, mas há coisas que queria lhe dizer diretamente. Agradeço por ter vindo.

A enfermeira providenciara uma cadeira antes

de deixá-los a sós e Celia sentou-se ao lado da cama.

— Estou contente por ter vindo, Sr. Camperdown. E lamento profundamente que esteja doente.

— A maioria dos meus altos executivos me chama de Eli. Gostaria que também me tratasse assim.

Ela sorriu.

— E eu sou Celia.

— Sei disso... e também sei que tem sido muito importante para mim, Celia. — Ele levantou a mão frágil e apontou para uma mesa no outro lado da sala. — Tem ali um exemplar da revista Life com alguns papéis dentro. Poderia buscar para mim?

Celia pegou a revista e os papéis, levou até a cama. Com algum esforço, Eli Camperdown pôs-se a folhear a revista, até encontrar o que procurava.

— Talvez já tenha lido isto.

— O artigo sobre a Talidomida, com as fotos dos bebês deformados? Já li, sim.

Ele tocou nos papéis.

— Aqui estão mais relatórios e fotografias, coisas que ainda não chegaram ao conhecimento do público. Venho acompanhando o caso atentamente. É horrível, não acha?

— Acho, sim.

Ficaram em silêncio por um momento e depois Camperdown indagou:

— Sabia que estou morrendo, Celia?

Ela respondeu gentilmente:

— Sabia.

— Obriguei os malditos médicos a me dizerem. Tenho uma ou duas semanas de vida, na melhor das hipóteses. For por isso que exigi que me trouxessem para casa. Queria morrer aqui.

Quando Celia fez menção de falar, ele deteve-a com um gesto e acrescentou:

— Não diga nada. Quero apenas que me escute.

Camperdown fez uma pausa, descansando. Era evidente que o esforço despendido até agora o deixara esgotado. E, depois, ele continuou:

— Sei que é uma atitude egoísta, Celia. Não adiantará coisa alguma para estas pobres e inocentes crianças. — Seus dedos passaram pelas fotos na revista. — Mas sinto-me contente por estar morrendo sem ter isso na consciência... e agradeço a você.

Ela protestou:

— Creio que sei o que está pensando, Eli. Mas quando sugeri...

Ele continuou como se não a tivesse ouvido:

— Quando tivemos a droga no Felding-Roth,

planejávamos efetuar um grande lançamento. Acreditávamos que seria um grande sucesso. Tencionávamos testá-la amplamente e depois pressionar a AAM para aprová-la. E talvez fosse aprovada. Nosso tempo seria diferente, a pessoa encarregada poderia ser outra. Nem sempre há lógica nessas coisas.

Ele fez outra pausa, recuperando as forças e ordenando os pensamentos.

— Você nos persuadiu a efetuar os testes com velhos. Por causa disso, nenhuma pessoa com menos de 60 anos tomou a droga. Não deu certo. E a abandonamos. Depois, sei que houve críticas a você... Mas se tivesse acontecido... como planejamos no início... então eu seria o responsável... — Os dedos tornaram a tatear as fotos na revista. — E morreria com esta coisa terrível na consciência. Como aconteceu...

Os olhos de Celia estavam marejados de lágrimas. Ela pegou a mão de Camperdown e murmurou:

— Fique tranqüilo, Eli.

Ele acenou com a cabeça, os lábios se mexeram. Ela inclinou-se para conseguir ouvir o que ele dizia.

— Celia, creio que há uma coisa que você possui: um dom, um instinto para julgar o que é

certo... Grandes mudanças estão para ocorrer em nossa indústria, mudanças que não testemunharei... Alguns em nossa companhia acham que você está indo longe demais. Isso é bom... Eu lhe darei um conselho, meu último conselho... Use o seu dom, Celia. Confie no seu bom instinto. Quando tiver o poder, seja forte para agir de acordo com o que acreditar... Não se deixe dissuadir pelas pessoas inferiores...

A voz se apagou. Um espasmo de dor lhe contorceu o rosto. Celia virou-se, consciente de um movimento às suas costas. A jovem enfermeira entrara silenciosamente no quarto. Tinha uma seringa numa bandeja, que pôs ao lado da cama. Seus movimentos eram rápidos e eficientes. Inclinou-se sobre o paciente e perguntou:

— É a dor outra vez, Sr. Camperdown?

Ele acenou com a cabeça, debilmente. A enfermeira enrolou a manga do paletó do pijama e injetou o conteúdo da seringa em seu braço. A tensão facial se atenuou quase que no mesmo instante, os olhos fecharam.

— Ele vai dormir agora, Sra. Jordan. Receio que não adiantaria continuar aqui. — A enfermeira tornou a observar Celia atentamente com uma expressão de curiosidade. — Terminaram a

conversa? Parecia muito importante para ele.

Celia fechou a revista *Life* e foi colocá-la, assim como os papéis, no lugar em que a encontrara.

— Acho que sim — murmurou ela.

De alguma forma — não através de Celia, que se manteve calada — a notícia de seu encontro com Eli Camperdown espalhou-se pela companhia. Em consequência, ela descobriu-se encarada com uma mistura de curiosidade, respeito e, ocasionalmente, temor. Ninguém, inclusive a própria Celia, tinha qualquer ilusão de que fora uma percepção extraordinária que estimulara sua sugestão cinco anos antes sobre o teste da Talidomida pelo Felding-Roth, que levava à rejeição. Mas o fato era que a companhia assim se salvara do que poderia ser um tremendo desastre e a contribuição de Celia para isso era motivo para gratidão.

Somente uma pessoa nos altos escalões da companhia deixou de reconhecer a participação de Celia. O diretor de pesquisa, embora fosse um dos que originalmente propuseram testes amplos com a Talidomida distribuindo-a até a obstetras, algo contra o qual Celia se opusera especificamente — preferiu se manter calado sobre o seu envolvimento com a droga. Em vez disso, lembrou aos outros que fora sua a decisão de rejeitar a Talidomida, quando

falhara nos testes com os velhos. Sua declaração era verdadeira, embora incompleta.

Mas não houve muito tempo para discussões prolongadas. A morte de Eli Camperdown ocorreu duas semanas depois que Celia o visitou. Nos jornais, no dia seguinte, 8 de novembro de 1962, os obituários foram respeitosamente longos, embora ainda maiores fossem os da Sra. Eleanor Roosevelt, que também morrera no dia anterior. Celia comentou para Andrew:

— Parece que dois elementos da história terminaram juntos... um deles foi a história em ponto grande, o outro menor, mas no qual participei pessoalmente.

A morte do presidente do Felding-Roth resultou em mudanças na companhia. Um novo presidente foi escolhido pelo conselho de administração e outros galgaram degraus na escada das promoções. Entre os atingidos estava Sam Hawthorne, que se tornou vice-presidente e gerente nacional de vendas. Teddy Upshaw, para sua grande alegria, foi designado para gerente de vendas dos produtos de venda sem prescrição médica, aos cuidados da divisão Bray & Commonwealth.

— Uma chance espetacular com esses produtos

para fazer uma venda sensacional — disse Teddy, muito excitado, descrevendo a sua transferência iminente para Celia. — Já recomendei que você ficasse com o meu cargo, mas ainda há muitos homens por aqui que não gostam da idéia de uma mulher como diretora de qualquer coisa. Para ser franco, eu também me sentia assim, mas você me fez mudar de idéia.

Mais oito semanas transcorreram, durante as quais Celia funcionou como chefe do treinamento de vendas em todos os aspectos, menos no título. Dia a dia, sua frustração com a injustiça foi aumentando. Depois, numa manhã no início de janeiro, Sam Hawthorne entrou em sua sala sem ser anunciado e declarou, radiante:

— Por Deus, conseguimos! Tive de cravar a espada nas entranhas dos mais reacionários e fazer o sangue esguichar, mas finalmente derrubei todas as resistências. Você é agora diretora deste setor. E o que é mais importante, Celia, está oficialmente na escada de acesso da companhia.

PARTE DOIS

1963-1975

1

Estar na escada de acesso do Felding-Roth significava praticamente a mesma coisa que em outras companhias. A pessoa fora selecionada como candidata aos cargos superiores de executivos e receberia mais do que as oportunidades normais de conhecer o negócio e provar do que era capaz. É claro que nem todos conseguiam chegar ao topo. Havia outros na escada. A competição era acirrada. Além disso, um nome podia ser eliminado a qualquer momento.

Celia podia compreender tudo isso. Sabia também que, por ser mulher, tinha de superar uma barreira extra de preconceito que os homens não enfrentavam. Mas a necessidade de fazer o dobro tornou-a ainda mais empenhada.

Era por isso que parecia lamentável que os anos 60 já mostrassem ser um período seco e sem qualquer inovação para a indústria de remédios de prescrição médica.

— Já aconteceu antes — comentou Sam Hawthorne, quando Celia levantou o assunto. — Acabamos de passar por 20 anos de medicamentos milagrosos... antibióticos, novos remédios para o coração, a Pílula, tranqüilizantes, todo o resto. Agora, entramos num intervalo de espera, até o próximo grande passo científico.

— Mas por quanto tempo esse período de espera vai se prolongar?

Sam cocou a cabeça calva, pensativo.

— Quem sabe? Pode demorar dois anos, pode levar dez. Enquanto isso, nossa Lotromycina está vendendo muito bem e estamos desenvolvendo versões melhoradas de medicamentos já existentes.

Celia indagou, incisivamente:

— Não está se referindo a desenvolver similares... criar os medicamentos bem-sucedidos de nossos concorrentes? A jogar a roleta molecular, alterando-os apenas o suficiente para que não possamos ser processados por violar as patentes de alguém?

Sam deu de ombros.

— Se quer usar a linguagem de nossos críticos, talvez seja isso mesmo.

— Por falar em críticas, não é verdade que nos acusam de desperdiçar o esforço de pesquisa em

drogas similares, quando deveríamos empregá-lo de maneira mais produtiva e benéfica?

— E não chegou o momento de você compreender que esta indústria é criticada por tudo? — Um tom de rispidez insinuou-se na voz de Sam. — Especialmente por pessoas que não sabem ou não se importam que as drogas similares mantêm companhias como a nossa flutuando, quando não está acontecendo praticamente nada na ciência. Sempre houve hiatos assim. Você sabia que depois que a vacina contra a varíola começou a ser usada com sucesso os cientistas levaram mais um século para descobrir por que funcionava?

Embora a conversa deixasse Celia deprimida, ela descobriu posteriormente que outros laboratórios farmacêuticos experimentavam o mesmo período seco, com pouca coisa nova ou excitante sendo descoberta. Era um fenômeno que abrangia toda a indústria e que, embora ninguém imaginasse na ocasião, persistiria até os anos 70, provando eventualmente que Sam era um profeta acurado.

Enquanto isso, durante a maior parte de 1962, Celia continuou a trabalhar vitoriosamente como diretora do treinamento de vendas. Até novembro.

— Mandeí chamá-la para comunicar que está

passando para um novo cargo — disse Sam a Celia, numa tarde, ao final de novembro, os dois sentados em sua sala revestida de painéis de carvalho. — E é também uma promoção.

Celia esperou. Como Sam não dissesse mais nada, ela suspirou e sorriu.

— Sabe muito bem que estou morrendo de curiosidade, mas quer me obrigar a fazer a pergunta. Pois está bem, Sam: qual é o meu novo cargo?

— Gerente-geral dos produtos vendidos sem prescrição médica. Ficará no comando geral da Bray & Commonwealth. Teddy Upshaw, que era antes seu chefe, ficará agora sob o seu comando. — Sam sorriu. — Espero que esteja devidamente impressionada e feliz, Celia.

— Estou muito, Sam! Obrigada!

Ele observou-a com uma expressão astuciosa.

— Por acaso percebo uma reserva no meio de tanto entusiasmo?

— Não há qualquer reserva. — Celia sacudiu a cabeça, determinada. — Acontece apenas que... A verdade é que não conheço coisa alguma sobre os medicamentos sem prescrição médica.

— Não é a única nessa situação — comentou Sam. — Eu também tinha a mesma falha nos meus

conhecimentos até que servi por dois anos nessa área. Sob certos aspectos, é como ir para um outro país.

Ele hesitou por um instante e depois acrescentou:

— Ou atravessar os trilhos para o outro lado da cidade.

— O lado menos respeitável?

— Pode ser.

O que ambos sabiam era que o Felding-Roth, como outros grandes laboratórios farmacêuticos, erguia um muro entre o setor de medicamentos de prescrição médica, que era considerado prestigioso, e as atividades secundárias, que freqüentemente não o eram. As atividades eram absolutamente separadas. Cada lado possuía a sua própria administração, equipe de pesquisa e força de vendas; não havia qualquer ligação entre os dois.

Era por causa dessa política de separação que o Felding-Roth mantinha o nome de Bray & Commonwealth, originalmente um laboratório pequeno e independente. Fora adquirido pelo Felding-Roth muitos anos antes e agora se concentrava exclusivamente nos produtos sem prescrição médica. Para a opinião pública, o Bray & Commonwealth não tinha qualquer ligação com o

Felding-Roth e era assim que se devia manter a situação.

— O Bray & Commonwealth será uma experiência instrutiva — disse Sam a Celia. — Você aprenderá a cuidar de xaropes para a tosse, pomadas para hemorróidas e xampus. É também uma parte da indústria farmacêutica... uma parte grande, que faz muito dinheiro. Portanto, você tem de conhecê-lo, saber como funciona e por quê.

Sam fez uma pausa, pensativo, antes de acrescentar:

— Outra coisa é que você talvez tenha de manter em suspenso por algum tempo o seu julgamento crítico.

Celia perguntou, curiosa:

— Pode explicar?

— Você vai descobrir.

Celia resolveu não pressionar.

— Há mais uma coisa que devo lhe dizer, Celia. O Bray & Commonwealth se encontra estagnado e nossa linha de produtos sem prescrição médica precisa de novas iniciativas, novas idéias. — Sam sorriu. — Talvez as idéias de uma mulher forte, imaginativa, ocasionalmente agressiva... O que é?

A pergunta foi para a secretária, uma jovem preta atraente, que acabara de entrar na sala e

estava parada na porta aberta. Como ela não respondesse imediatamente, Sam acrescentou:

— Maggie, eu lhe disse que não queria...

— Espere um instante! — interveio Celia. Ela vira o que Sam não percebera... as lágrimas escorrendo pelas faces da secretária. — Maggie, o que aconteceu?

A moça falou com algum esforço, as palavras emergindo entre soluços:

— É o Presidente... o Presidente Kennedy foi assassinado... em Dallas... Está tudo acabado... o rádio deu a notícia...

Apressadamente, com uma expressão combinada de horror e incredulidade, Sam Hawthorne ligou um rádio ao lado de sua mesa.

Para sempre, como a maioria das pessoas de sua geração, Celia se lembraria exatamente onde estava e o que fazia naquele momento terrível. Foi uma introdução atordoante aos dias apocalípticos que se seguiram, um tempo de esperanças mortas e profunda desolação. Quer Camelot fora real ou ilusória, havia um senso de que alguma coisa se perdera para sempre; de um novo começo que terminava abruptamente; da transitoriedade de tudo; da desimportância de coisas menores, inclusive — para Celia — suas ambições, as conversas e

os pensamentos sobre o seu novo cargo. O hiato terminou, como não podia deixar de ser, a vida continuou. E continuou para Celia no comando do Bray & Commonwealth Inc., uma subsidiária do Felding-Roth Pharmaceuticals, localizado num prédio simples de alvenaria, com quatro andares, a dois quilômetros e meio da sede da matriz. Ali, cerca de duas semanas depois, em sua nova sala, modesta mas confortável, ela reuniu-se com Teddy Upshaw, o gerente da divisão de vendas, a fim de reavaliar a política para os seus produtos.

Durante a semana anterior, Celia estudara incontáveis documentos, balanços financeiros, relatórios de vendas e de pesquisas, fichas pessoais, tudo o que se relacionava com o seu novo cargo. Enquanto lia, ela compreendeu que era certo o que Sam Hawthorne lhe dissera. A divisão se achava estagnada sob uma liderança sem qualquer inspiração. Precisava realmente de novas iniciativas e idéias. Logo no começo de sua conversa com Upshaw, Celia disse:

— Teddy, preciso lhe fazer uma pergunta objetiva e um tanto brusca. Está ressentido com minha presença aqui e o fato de ficar sob as minhas ordens? Você se importa muito por nossas posições terem sido invertidas?

O dinâmico chefe de vendas pareceu ficar surpreso.

— Se tem importância? Por Deus, Celia, eu não poderia estar mais feliz! Você é justamente o que esta divisão precisava. Quando soube que vinha para cá, senti vontade de sair por aí a gritar de alegria. Pergunte só à minha mulher! Na noite em que eu soube da notícia, bebemos à sua saúde. — A cabeça irrequieta de Teddy se balançava incessantemente, pontuando as palavras. — Quanto a ter ressentimento, não há a menor possibilidade, minha cara. Sou apenas um vendedor... muito bom, diga-se de passagem, mas nunca passarei disso. Você, no entanto, tem cabeça para me dar alguma coisa boa para vender, muito melhor do que temos no momento.

Celia ficou comovida com a reação.

— Obrigada, Teddy. Também gosto de você. E podemos ser muito úteis um ao outro.

— Absolutamente certa!

— Você já esteve nos dois lados do negócio, Teddy. Os medicamentos de prescrição médica e os outros produtos. Diga-me quais são as diferenças, em sua opinião.

— É elementar. Os nossos produtos são essencialmente de ostentação. — Teddy olhou para

os papéis espalhados pela mesa. Acho que já descobriu isso pelo estudo dos custos.

— Mesmo assim, eu gostaria de ouvir sua versão.

Ele fitou-a com uma expressão inquisitiva.

— Confidencialmente? Sem restrições? Celia assentiu.

— É assim que eu quero.

— Pois muito bem, vamos ver as coisas da seguinte maneira. Como ambos sabemos, um medicamento de prescrição médica custa milhões para pesquisar e leva cinco ou seis anos antes que esteja em condições de ser vendido. Com um produto nosso, precisa-se de menos de seis meses para formulá-lo e o custo é uma ninharia. Depois disso, o grande investimento vai para embalagem, propaganda e vendas.

— Você tem um jeito todo especial para chegar à essência das coisas, Teddy.

Ele deu de ombros.

— Jamais tento enganar a mim mesmo. O que vendemos por aqui não tem nada a ver com Louis Pasteur.

— Contudo, em termos globais, a indústria de medicamentos sem prescrição médica está subindo cada vez mais.

— E subindo como um foguete! Porque é justamente isso o que o grande público americano quer, Celia. Pessoas que estão com algum problema... quase que invariavelmente uma coisa sem maior importância, que o tempo se encarregaria de curar, se a pessoa tivesse o bom senso de deixá-la em paz... essa gente quer se tratar pessoalmente. Gostam de bancar o médico e é nesse ponto que entramos. Assim, se o foguete subirá de qualquer maneira, por que não deveríamos todos... O Felding-Roth, você, eu... subir juntos, atrelados à traseira?

Ele fez uma pausa, pensando por um momento, antes de continuar:

— O único problema neste momento é que não temos como nos segurar firmemente à cauda do foguete... não estamos tendo a parte que poderíamos obter no mercado.

— Concordo com você sobre a nossa parte no mercado e acho que podemos mudar isso, Teddy. Quanto aos produtos sem prescrição médica, eles certamente possuem um pouco mais de valor do que você diz.

Teddy levantou as mãos, como se a resposta não tivesse qualquer importância.

— Talvez um pouco, mas não muito. Há

algumas coisas boas... como aspirina. Quanto aos outros, o principal é que faz com que as pessoas se sintam bem, mesmo que seja apenas em suas mentes.

Celia persistiu:

— Alguns desses medicamentos comuns para resfriado, por exemplo, não fazem mais do que apenas tranquilizar a mente?

— Claro que não! — Teddy sacudiu a cabeça taxativamente. — Pergunte a qualquer bom médico. Pergunte a Andrew. Se você ou eu tivermos um resfriado, estando por dentro das coisas, por assim dizer, qual é a melhor ação que devemos adotar? Pois lhe direi! Ir para casa, levantar os pés e descansar, beber muito líquido, tomar algumas aspirinas. Isso é tudo o que há para fazer... até que a ciência encontre uma cura para o resfriado comum, que ainda está muito longe, pelo que ouvi dizer.

Apesar da gravidade do assunto, Celia não pôde deixar de rir.

— Você nunca toma nenhum medicamento para resfriado?

— Nunca. Por sorte, no entanto, há muitas pessoas que tomam. Exércitos de esperançosos que pagam meio bilhão de dólares todos os anos tentando curar seus resfriados incuráveis. E você e

eu, Celia... nós estaremos lhes vendendo o que eles querem. O melhor de tudo é que nada lhes fará mal algum. — Um tom de cautela se insinuou na voz de Teddy. — É claro que você deve compreender que eu não falaria assim para qualquer pessoa de fora. E só estou falando agora porque você me pediu, estamos a sós e confiamos um no outro.

— Aprecio a sua franqueza, Teddy. Mas, sentindo-se assim, não se incomoda às vezes de fazer esse tipo de trabalho?

— A resposta é não por dois motivos. — Ele levantou os dedos. — Número um, não estou no negócio de julgamento. Aceito o mundo do jeito como é, não como alguns sonhadores pensam que deveria ser. Número dois, alguém venderá a coisa. Portanto, pode muito bem ser Teddy Upshaw.

Ele fez uma pausa, olhando atentamente para Celia, com uma expressão inquisitiva.

— Mas isso a incomoda, não é mesmo?

— É verdade — reconheceu Celia. — Ocasionalmente me incômoda.

— Os chefões lhe disseram por quanto tempo ficará no Bray & Commonwealth?

— Não se falou sobre isso. Mas suponho que será indefinidamente.

— Está enganada, Celia. Eles não a deixarão

aqui. Terá este cargo por um ano, depois provavelmente seguirá em frente. Portanto, menina, mãos à obra! Ao final, valerá à pena.

— Obrigada, Teddy. Aceitarei seu conselho, embora tencione fazer muito mais do que apenas me destacar.

Apesar de ser uma esposa e mãe que trabalhava fora, Celia estava determinada a nunca negligenciar a família. Queria especialmente permanecer íntima de Lisa, agora com cinco anos, e de Bruce, com três anos. Todas as noites durante a semana, ao voltar do trabalho e antes do jantar, passava duas horas com os filhos... uma programação que mantinha por mais importantes que fossem os papéis que trouxera do escritório para estudar em casa.

Na noite do dia em que teve sua conversa com Teddy Upshaw, Celia continuou o que começara alguns dias antes... a leitura para Lisa e também para Bruce, quando ele ficava sentado quieto por tempo suficiente para escutar, de Alice no País das Maravilhas.

Bruce estava mais quieto do que o habitual naquela noite — sentia-se cansado e tinha um princípio de resfriado, com o nariz escorrendo — e Lisa, como sempre, escutava extasiada, enquanto a

história descrevia Alice esperando junto a uma pequena porta para um lindo jardim, uma porta pela qual não podia passar porque era grande demais, e esperando encontrar...

...um livro de regras para fechar e diminuir as pessoas como lunetas; desta vez ela encontrou uma pequena garrafa... ("que certamente não estava aqui antes", disse Alice) com um rótulo no gargalo em que estava escrito "BEBA-ME", impresso lindamente em letras grandes.

Celia largou o livro, enquanto enxugava o nariz de Bruce com um lenço de papel, depois continuou a ler:

Estava muito bem dizer "Beba-me", mas a pequena e sábia Alice não estava disposta a fazer isso às pressas.

— Não, olharei primeiro — disse ela. — Verei se está marcado "veneno" ou não.

...Ela nunca esquecera que, ao se beber muito de uma garrafa marcada "veneno", é quase certo que se vai passar mal, mais cedo ou mais tarde.

Contudo, aquela garrafa não estava marcada "veneno". Por isso, Alice arriscou-se a provar. Ao descobrir que era muito gostoso (tinha na verdade um gosto misturado de torta de cereja, treme, abacaxi, peru assado, chocolate e torrada com

manteiga), ela tomou tudo.

— Mas que sensação esquisita! — exclamou Alice. — Devo estar me fechando e diminuindo como uma luneta!

E era isso mesmo que acontecia; ela estava agora com apenas um palmo de altura...

Lisa interveio:

— Ela não deveria ter tomado a coisa, não é mesmo, mamãe?

— Não na vida real — respondeu Celia. — Mas isto é uma história.

Lisa insistiu, firmemente:

— Ainda acho que ela não deveria ter tomado.

Celia já observara antes que a filha possuía uma personalidade forte, de opiniões firmes.

— Tem toda razão, meu bem — disse a voz de Andrew por trás delas, jovialmente; ele entrara em silêncio, sem ser percebido. — Nunca tome qualquer coisa de que não tiver certeza, a menos que seu médico receite.

Todos riram, as crianças abraçaram Andrew com o maior entusiasmo, ele beijou Celia.

— Neste momento, eu receito um martini ao final do dia. — Andrew perguntou a Celia: — Quer me acompanhar?

— Claro.

— Papai, Brucie está resfriado — disse Lisa. — Pode dar um jeito de acabar com isso?

— Não.

— Por que não?

— Porque não sou um médico resfriado. — Ele pegou a filha no colo e abraçou-a. — Pode-me sentir. Sou um médico quente.

Lisa riu.

— Oh, papai!

— É fantástico — comentou Celia. — É quase uma repetição da conversa que tive hoje.

Andrew pôs Lisa no chão e começou a preparar os martinis.

— Que conversa?

— Eu lhe contarei durante o jantar.

Celia pôs Alice numa prateleira até a noite seguinte e preparou-se para levar as crianças para a cama. Um aroma de cordeiro com curri flutuava na cozinha enquanto na sala de jantar ao lado Winnie August punha a mesa para Andrew e Celia. O que fiz, pensou Celia, para ter uma vida tão maravilhosa, satisfatória e feliz?

— Teddy está absolutamente certo sobre a inutilidade de tratar resfriados com qualquer coisa além de líquidos, repouso e aspirina — disse

Andrew, depois que Celia lhe relatou a conversa em seu escritório naquela manhã.

Os dois tinham acabado de jantar e levado o café para tomar na sala de jantar. Andrew continuou:

— Sempre digo a meus pacientes que, se tiverem um resfriado e o tratarem direito, vai durar sete dias. Se não o fizerem, durará uma semana.

Celia riu e Andrew foi remexer na lenha que acendera antes na lareira, restaurando as chamas.

— Mas Teddy está errado ao dizer que os chamados remédios para resfriados não causam mal algum — acrescentou Andrew. — Muitos são realmente prejudiciais, alguns até perigosos.

— Essa não! — protestou Celia. — "Perigoso" é um exagero.

Andrew disse, taxativamente:

— Não é, não. Ao tentar curar um resfriado, a pessoa pode agravar outros problemas que tem. — Andrew foi até uma estante pegou diversos livros, as páginas marcadas com pedaços de papel. — Tenho lido bastante a respeito ultimamente.

Ele folheou os livros, acrescentando:

— Na maioria dos remédios para resfriados há uma mistura de ingredientes. Um deles é um composto químico chamado fenilefrina, que é

anunciado como descongestionante nasal. De um modo geral, a fenilefrina não funciona, porque não há suficiente para ser eficaz. Mas aumenta a pressão sangüínea, o que é prejudicial para qualquer pessoa e perigosa para os que já sofrem de pressão alta.

Ele consultou uma página de anotações.

— A aspirina pura e simples, praticamente todos os pesquisadores médicos concordam, é a melhor coisa para um resfriado. Mas há substitutos para a aspirina, intensamente anunciados e comprados, que contêm um composto químico chamado fenacetina. Pode causar lesões aos rins, talvez irreversíveis, se tomada com muita freqüência e por muito tempo. E há também as anti-histaminas em pílulas para resfriado... não deveria haver, pois aumentam o catarro nos pulmões. Há também as gotas e os sprays para o nariz, que causam mais mal do que bem... — Andrew parou de repente. — Quer que eu continue?

— Não — respondeu Celia, suspirando. — Já tenho a imagem.

— Em última análise, a conclusão é que com uma propaganda de saturação se pode levar as pessoas a acreditarem em qualquer coisa e a comprarem qualquer coisa.

— Mas os remédios ajudam a curar um

resfriado — protestou Celia. — É o que se ouve as pessoas comentarem.

— Apenas pensam que ajuda. É tudo uma ilusão. Talvez o resfriado já estivesse melhorando. Talvez tenha sido somente psicológico.

Enquanto Andrew guardava os livros, Celia lembrou-se de uma coisa que outro médico, um veterano clínico geral, dissera-lhe quando era uma promotora:

— Quando os pacientes me procuram a se queixar de um resfriado, eu lhes dou placebos... pílulas inócuas de açúcar. Elas voltam poucos dias depois e me dizem: "Aquelas pílulas foram maravilhosas. O resfriado acabou. " — O veterano médico soltara uma risada. — Teria acabado de qualquer maneira.

A recordação e os comentários de Andrew tinham um sabor verdade. Agora, em contraste com seu ânimo anterior, Celia sentia-se deprimida. Suas novas responsabilidades lhe abriam os olhos para coisas que teria preferido não conhecer. O que estava acontecendo, perguntou-se, com seu senso de valores? Compreendeu qual era a intenção de Sam ao lhe dizer "Talvez tenha de manter em suspenso por algum tempo o seu julgamento crítico". Seria realmente necessário? E ela poderia? Deveria?

Ainda ponderando sobre tudo isso, Celia abriu a pasta que trouxera do escritório e espalhou os papéis ao seu redor.

Também na pasta se encontrava algo de que Celia esquecera até aquele momento, uma amostra de "Healthotherm", um produto do Bray & Commonwealth sem prescrição médica lançado há cerca de 20 anos e ainda amplamente vendido como unguento para o peito de crianças resfriadas; possuía um cheiro forte e pungente que a propaganda apregoava como "confortador". Celia trouxera-o para casa sabendo que Bruce se achava resfriado e tencionando usá-lo. Agora, ela perguntou a Andrew:

— Acha que eu devo?

Ele pegou a embalagem, leu a relação de ingredientes e soltou uma risada.

— Por que não, querida? Se quer usar essa graxa antiga, não fará qualquer mal a Brucie. Também não fará qualquer bem, mas pelo menos contribuirá para que você se sinta melhor. Será uma mãe fazendo alguma coisa.

Andrew abriu a embalagem e inspecionou o tubo. Ainda divertido, ele acrescentou:

— Talvez seja justamente para isso que o Healthotherm serve. Não é absolutamente para as

crianças, mas sim para as mães.

Celia estava prestes a rir também, mas deteve-se abruptamente e olhou para Andrew com uma expressão estranha. Dois pensamentos lhe surgiam. O primeiro: isso mesmo, ela tinha de suspender o julgamento crítico por algum tempo, não restava qualquer dúvida a respeito. Quanto ao segundo pensamento, Andrew acabara de lhe lançar uma boa idéia... Não, era muito melhor do que isso!... Uma idéia excelente, esplêndida.

2

— Não, não gosto de nada — disse Celia aos executivos da agência de propaganda, no outro lado da mesa.

O efeito foi instantâneo, como o súbito abafar de um fogo. Se houvesse um termômetro na sala de reunião da agência, pensou Celia, cairia para abaixo de zero. Ela sentiu que o quarteto de publicitários fazia uma avaliação apressada e improvisada de como deveria reagir.

Era uma terça-feira, em meados de janeiro. Celia e quatro outros executivos do Bray &

Commonwealth estavam em Nova York, vindo de automóvel de New Jersey naquela manhã para a reunião na Quadrille-Brown Advertising. Sam Hawthorne, que chegara a Nova York na noite anterior, também participava da reunião.

Lá fora, era um dia chuvoso. A agência ficava na Burlington House, na Avenida das Américas, onde um tráfego barulhento e pedestres apressados lutavam contra uma mistura traiçoeira de neve e chuva enregelante.

O motivo para aquela reunião, numa sala no 44? andar, era a revisão da campanha de Propaganda do Bray & Commonwealth, uma ocorrência normal, depois de uma mudança grande na direção. Durante a última hora a campanha fora apresentada com todo senso teatral e cerimônia... a tal ponto que Celia tinha a impressão de que se encontrava num palanque enquanto um regimento desfilava.

Não um regimento dos mais impressionantes, porém, concluiu ela. O que a levou a fazer o comentário, recebido com tanto choque.

Na comprida mesa de mogno a que estavam sentados, o homem de criação da agência, de meia-idade, Al Fiocca, parecia angustiado; ele cofiou a barba bem aparada e mudou de posição, talvez

como se evitasse falar, deixando a iniciativa ao supervisor da conta, mais jovem, Kenneth Orr. Era Orr, de fala suave e muito alinhado num terno azul listrado, quem assumira a liderança do grupo. O terceiro homem da agência, Dexter Wilson, era o executivo da conta e assumira uma grande parte dos detalhes da apresentação. Wilson, poucos anos mais velho que Orr e prematuramente grisalho, demonstrava a ansiedade de um pregador batista e agora parecia preocupado, provavelmente porque a insatisfação de um cliente poderia lhe custar o emprego. Celia sabia que os executivos da propaganda ganhavam muito bem, mas levavam vidas precárias.

O quarto membro da agência, Bladen — Celia não gravara seu primeiro nome — era um executivo-assistente da conta. (Haveria alguém em publicidade, pensou ela, que não ostentasse um título de aparência importante?) Bladen, que parecia pouco mais que um rapaz, se ocupara em circular os storyboards e layouts para que fossem vistos pelos representantes da companhia, liderados por Celia.

Elementos adicionais da agência — provavelmente mais uma dúzia — entraram e saíram da sala, à medida que segmentos da apresentação se sucediam. O segmento mais recente

fora para o Healthotherm, uma campanha nova proposta antes que Celia assumisse.

Os executivos do Bray & Commonwealth que acompanhavam Celia eram Grant Carvill, que comandava o marketing, Teddy Upshaw, representando as vendas, e Bill Ingram, um jovem gerente de produto. Carvill, um antigo homem da companhia, era competente, mas desprovido de imaginação; Celia já decidira que em algum momento o transferiria para outro cargo. Ingram, ainda jovem, cabelos ruivos desgrenhados, saído há apenas um ano da Escola de Administração de Harvard, era aparentemente arguto e dinâmico, mas afora isso um elemento desconhecido.

Sam Hawthorne, como um executivo do Felding-Roth, era superior a todos. O presidente da agência de propaganda, em reconhecimento à presença de Sam, aparecera na sala para cumprimentá-lo.

Mas Sam, ao comunicar a Celia, num telefonema no dia anterior, que estaria presente à reunião na agência de publicidade, deixara bem claro o seu papel:

— Estarei lá apenas para observar. Como você tem uma grande responsabilidade em algo que ainda não conhece a fundo e muitos dólares estão

envolvidos, os chefões daqui ficarão mais tranqüilos se alguém da matriz ficar de olho e depois informar o que aconteceu. Mas não intervirei, pois o espetáculo é seu.

Celia olhou agora para Sam, imaginando se ele concordava ou não com seu comentário de um momento antes. Mas o rosto de Sam manteve-se impassível, sem deixar transparecer coisa alguma, como vinha acontecendo desde o início da reunião.

— Está bem, Sr. Orr, — disse Celia incisivamente, dirigindo-se ao supervisor da conta — pode parar de especular sobre a maneira como deve reagir e como cuidar de mim. Vamos ter uma conversa objetiva sobre a publicidade, por que não gosto e por que acho que esta agência, cujo trabalho conheço, pode fazer muito melhor.

Ela sentiu um despertar de interesse entre os publicitários e até mesmo algum alívio. Todos os olhos, inclusive do seu pessoal, se achavam agora focalizados nela. Kenneth Orr disse suavemente:

— Teremos todos o maior prazer em escutar, Sra. Jordan. Não há nada no que acabou de ver que represente uma posição inabalável de qualquer pessoa da agência. Quanto a novas idéias, ficaremos felizes em produzi-las ou desenvolver as suas.

— Fico contente em saber disso, — comentou

Celia, sorrindo, — porque minha impressão sobre o que acabamos de ver é que tudo seria muito bom há 10 anos, mas não se encontra em sintonia com o aqui e agora. E também me pergunto... para ser justa... se isso não acontece em parte por decorrência de instruções e restrições de nossa companhia.

Ela percebeu que Orr e Dexter Wilson fitavam-na atentamente, com respeito. Mas foi Bladen, o assistente, quem se manifestou:

— Puxa, foi justamente o que aconteceu! Sempre que alguém daqui aparecia com uma idéia quente ou queria animar os seus velhos produtos...

O supervisor da conta interveio bruscamente:

— Já chega! — ele lançou um olhar furioso para o subordinado. — Não culpamos um cliente pelas deficiências em nossa publicidade. Somos profissionais que assumem a responsabilidade por tudo o que sai daqui. Além disso, nunca se deve referir a "velhos produtos" nesse tom. Peço desculpas, Sra. Jordan.

— Mas quanta besteira!

O comentário veio do lado de Celia, antes que ela tivesse tempo de responder a Orr. Partia do jovem Bill Ingram, cujo rosto ficara vermelho, em ira súbita, combinando com os cabelos. E ele

continuou:

— São mesmo produtos velhos e todos sabemos disso. Portanto, o que há de errado em dizê-lo? Ninguém sugeriu em descartá-los, mas podem muito bem ser animados. Assim, se queremos ter uma conversa objetiva, como a Sra. Jordan disse, vamos ser sinceros.

Houve um silêncio constrangido, rompido por Kenneth Orr:

— Ora, ora! — Uma sobrancelha alteada, ele parecia dividido entre surpresa e divertimento. — Parece que a juventude fala pela juventude.

Ele virou-se para Celia e indagou:

— Por acaso se importa?

— Não. Pode até nos ajudar a progredir.

Por trás da atitude de Celia estava a sua opinião adquirida através de uma verificação dos arquivos do Bray & Commonwealth, que a publicidade anterior fora de fato inibida por políticas excessivamente cautelosas e estagnantes, um problema que ela tencionava remover.

— Para começar, eu gostaria de discutir o Healthotherm — disse ela aos outros. — Creio que a nova campanha proposta, assim como a nossa publicidade antiga, envereda por um caminho errado.

Com uma saudação mental a Andrew, Celia continuou:

— Toda a nossa publicidade, remontando há muitos anos, porque conferi, mostra crianças sorrindo, sentindo-se melhor, mais felizes, depois que o Healthotherm foi aplicado, esfregado em seus peitos.

O executivo da conta, Dexter Wilson, perguntou suavemente:

— Não é isso o que se supõe acontecer?

Mas Kenneth Orr, observando atentamente o rosto de Celia, acenou para que o colega se calasse.

— É, sim — respondeu Celia. — Mas não são as crianças, felizes ou não, que entram nas farmácias para comprar Healthotherm. São as mães. Mães que querem ser boas mães, que querem fazer alguma coisa para que os filhos doentes se sintam melhor. Contudo, em nossa publicidade, não aparece qualquer mãe ou então está simplesmente em segundo plano. O que eu gostaria de ver, bem na frente, é uma mãe feliz, uma mãe aliviada, uma mãe que, quando o filho caiu doente, fez alguma coisa para ajudar e agora se sente muito bem por causa disso. Devemos usar a mesma tática para a mídia impressa e a televisão.

Houve subitamente acenos de cabeça em

aprovação ao redor da mesa. Celia se perguntou se deveria acrescentar o comentário de Andrew: Talvez seja justamente para isso que o Healthotherm serve. Não é absolutamente para as crianças, mas sim para suas mães. Ela resolveu não fazê-lo. E também afastou resolutamente dos pensamentos a descrição de Andrew, aquela "graxa antiga", que segundo ele não fazia qualquer mal nem bem.

Kenneth Orr disse, falando bem devagar:

— Isso é interessante... muito interessante.

— É mais do que interessante — interveio Bill Ingram. — É muito bom. Não concorda, Howard?

A pergunta foi dirigida a Bladen, permitindo que Celia soubesse do seu primeiro nome, que não gravara antes.

O jovem da agência balançou a cabeça ansiosamente.

— Claro! Teríamos um garoto em segundo plano... acho que se deve mostrá-lo em algum lugar. Mas a mãe aparece bem na frente... e não precisa ser uma mãe muito suave. Os cabelos um pouco desgrehados, talvez o vestido meio amarrotado. Como se estivesse trabalhando, suando, se preocupando, no quarto do filho doente.

Ingram tratou de acrescentar:

— Isso faria com que fosse bastante real.

— E ainda por cima feliz — continuou Bladen.

— Ela está aliviada, não mais se preocupa, porque sabe que o filho se acha bem, graças ao Healthotherm. Será um sucesso. A Sra. Jordan encontrou o veio.

— Podemos desenvolver os detalhes — comentou Orr. Ele sorriu para Celia. — Sra. Jordan, parece haver um consenso de que levantou uma idéia promissora.

— E mais uma coisa, Sra. Jordan — interveio Bill Ingram. — Pelo nosso lado, devemos mudar um pouco o produto. E poderíamos passar a chamá-lo de "Novo Healthotherm".

O executivo da conta, Dexter Wilson, assentiu e comentou:

— Isso sempre ajuda.

— Novo Healthotherm. — Teddy Upshaw murmurou as palavras como se as experimentasse" depois acrescentou: — Mas é isso mesmo! Seria ótimo para o nosso pessoal de venda. Teriam um novo ângulo, alguma coisa de que falar.

Grant Carvill, o homem de marketing do Bray & Commonwealth, inclinou-se para a frente. Celia teve a impressão de que ele sentia que o processo de decisão estava lhe escapando e por isso achava que

deveria dizer alguma coisa.

— Não será difícil mudar o produto — disse Carvill. — Os químicos podem fazê-lo pela revisão de um ingrediente. Apenas uma coisa menor, nada de crítico, talvez uma diferença no perfume.

— Ótimo! — exclamou Bladen. — Agora estamos melhorando!

Num compartimento separado de sua mente, Celia se perguntou se tudo aquilo estaria realmente acontecendo e como se sentiria a respeito dentro de algum tempo. Para o melhor ou pior, raciocinou ela, aceitara o conselho de Sam Hawthorne e suspendera os seus julgamentos críticos. Por quanto tempo teria de continuar a fazê-lo? Se Teddy Upshaw estava certo na sua predição, ela só ficaria naquele cargo por um ano. Celia observou que Sam sorria e por um momento especulou sobre o motivo.

Mas os pensamentos logo retornaram a suas responsabilidades.

Observando os dois jovens, Howard Bladen e Bill Ingram, Celia teve uma intuição das pessoas com quem estaria trabalhando mais intimamente em futuro próximo, tanto no Bray & Commonwealth como na Quadrille-Brown Advertising.

Mesmo em seus momentos mais otimistas,

Celia não imaginara que o seu programa de merchandising para o Novo Healthotherm — a "campanha da mamãe feliz", como se tornou conhecido para o pessoal da companhia — produziria resultados tão-espetaculares. Como Teddy Upshaw declarou efusivo numa reunião particular em sua sala:

— Celia, meu bem, isso é dinamite!

E, depois, ele acrescentou:

— Eu sabia desde o início que você era ótima, mas descobri que é um verdadeiro gênio!

Um mês depois do lançamento da campanha, pela televisão, rádio e mídia impressa, as vendas do Healthotherm se multiplicaram por seis. Além disso, um fluxo enorme de novos pedidos do atacado, na quarta semana, deixou bem claro que isso era apenas o começo. Em mais um mês, o recorde anterior fora dobrado e se previa que as vendas continuariam a crescer.

O sucesso de Celia e do Novo Healthotherm foram devidamente anotados na sede do Felding-Roth. Assim durante o restante de 1964, quando foram desenvolvidos planos para revitalizar outros produtos do Bray & Commonwealth, a aprovação da despesa tornou-se automática. Sam Hawthorne explicou:

— Ainda queremos saber o que está acontecendo, Celia. Afinal, podemos aprender alguma coisa por aqui. Mas enquanto você continuar a produzir, terá toda liberdade para operar à sua maneira.

A maneira de Celia consistia em criar imagens novas para produtos antigos existentes.

Um deles era conhecido simplesmente como B&C Shampoo. Por sugestão de Celia, o nome antigo foi conservado, mas em letras menores, com um nome novo acrescentado em letras maiores: EMBRACE. Imediatamente abaixo e quase com igual destaque estava o slogan: Tão Gentil Quanto o Abraço do Namorado de Seus Sonhos.

Não apenas o slogan foi lembrado pelos que viram o anúncio de EMBRACE e pelos que compraram, mas também — para a felicidade de todos os que estavam envolvidos nas vendas — tornou-se uma frase de uso corrente em todos os Estados Unidos. Os cômicos de televisão aproveitavam-na para produzir risadas. Paródias apareceram em jornais... e figurou até num editorial do Wall Street Journal, criticando um plano fiscal da Casa Branca e intitulado:

Nada de Abraço Gentil

do Presidente dos Seus Sonhos

Isso e muito mais fizeram com que o xampu EMBRACE tivesse uma atenção sem precedentes, as vendas estourando.

Novamente a agência Quadrille-Brown desenvolveu a campanha para o EMBRACE, mas desta vez sob a direção de Howard Bladen, promovido de assistente a executivo de conta. O jovem Bladen também desempenhou um papel de destaque no Novo Healthotherm, eventualmente ofuscando o ansioso e preocupado Dexter Wilson, que simplesmente sumiu em cena. Celia nunca soube se ele deixara a agência ou fora transferido para uma conta de menor importância.

Na outra extremidade da equação, no Bray & Commonwealth, o jovem Bill Ingram também foi promovido por Celia, tornando-se diretor de marketing no lugar do veterano Grant Carvill. Foi encontrado outro lugar para Carvill, que estava agora — como alguém indelicadamente exprimiu — "contando clips até a aposentadoria prematura".

Ingram, aproveitando a deixa de Celia, surgiu com idéias de marketing inovadoras. E foi Ingram quem levou-lhe a informação de que um pequeno laboratório farmacêutico de Michigan se achava à

venda.

— Eles possuem diversos produtos, Sra. Jordan, mas o único interessante é o System 5, um medicamento líquido para resfriado, um descongestionante. Como bem sabe, essa é uma falha em nossa linha, algo que não possuímos. Se pudéssemos comprar o laboratório de Michigan, abandonar os outros produtos e assumir o System 5, seria possível transformá-lo em algo muito grande.

Recordando as opiniões de Andrew a respeito de todos os remédios para resfriado, Celia perguntou:

— O System 5 é bom?

— Já mandei nossos químicos examinarem. Eles disseram que é bom. Nada de espetacular e não melhor do que nós mesmos poderíamos produzir, começando do nada, se fosse necessário. — Ingram passou a mão pelos cabelos ruivos eternamente desgrehados. — Mas o System 5 desempenha as suas funções e já se encontra no mercado com uma razoável base de vendas. Assim, não partiríamos do zero.

— Isso é mesmo importante.

Celia sabia que era mais econômico adaptar algum produto já existente e com alguma aceitação do que tentar introduzir algo inteiramente novo.

Não era apenas extremamente dispendioso lançar qualquer novo produto; a maioria também fracassava, muitas vezes levando junto os seus promotores para a obscuridade.

— Dê-me um relatório escrito com todos os detalhes, Bill — pediu ela. — Examinarei com toda atenção. E se achar que é uma boa idéia, falarei com Sam.

Poucos dias depois Celia chegou à conclusão de que era mesmo uma boa idéia e fez uma recomendação para a compra do laboratório de Michigan... e, por conseguinte, do medicamento para resfriado System 5. A pequena empresa foi discretamente adquirida, através de uma firma de advocacia intermediária, que os vendedores não sabiam a quem representava. Tais métodos eram comuns, já que o anúncio de que um grande laboratório estava interessado faria com que o preço disparasse.

Pouco depois, os outros produtos da companhia de Michigan foram vendidos e o laboratório fechado. A produção do System 5 e umas poucas pessoas que trabalhavam nele foram transferidas para as instalações do Bray & Commonwealth em New Jersey.

Bill Ingram foi encarregado de melhorar e

expandir as vendas do System 5.

Ele começou por encomendar uma embalagem moderna e atraente, em laranja e ouro, com um recipiente de plástico combinando, a fim de substituir o vidro verde em que o remédio era anteriormente vendido. O nome foi alterado para System 500.

— Os algarismos extras insinuarão que reforçamos o produto, ao mesmo tempo em que mudamos a embalagem — argumentou Ingram para Celia. — E, na verdade, nossos químicos estão efetuando uma ou duas mudanças na fórmula, a fim de que a produção se torne mais eficiente.

Celia estudou o material apresentado e depois disse:

— Sugiro um slogan imediatamente abaixo do nome. Ela escreveu num pedaço de papel:

System 500

O SISTEMÁTICO Combatente do Resfriado

Entregou a Ingram, que deu uma olhada e depois fitou-a com evidente admiração.

— Brilhante! Fará com que as pessoas sintam que podem ser organizadas para se livrarem dos resfriados. Todo mundo vai adorar!

Celia pensou: Perdoe-me, Andrew! Ela se lembrou mais uma vez: Tudo isso é apenas por um ano... e depois recordou como o tempo passava depressa e que já transcorrera um ano e meio desde a sua transferência para o Bray & Commonwealth. Eu me tornei absorvida demais, refletiu ela, esqueço às vezes de voltar para o lado dos remédios de prescrição médica. Além disso, o que acontece por aqui é bastante divertido.

Bill Ingram continuava a falar, com a vibração habitual:

— Dentro de seis meses, quando a nova embalagem estiver consolidada, poderemos lançar os tablets.

— Que tablets?

Ele se mostrou consternado.

— Não leu meu memorando?

Celia apontou para uma pilha de papéis em sua mesa.

— Provavelmente está aqui. Assim, é melhor me contar.

— Está certo. Os tablets representam simplesmente outra maneira de vender o System 500. Os ingredientes serão os mesmos, o efeito também. Mas faremos uma propaganda separada e teremos uma dupla exposição. É claro que

diluiremos os ingredientes para a versão infantil. Terá o nome de System 50, o número menor indicando...

— Já peguei a idéia... um número menor, pessoas menores.

Celia riu, enquanto Ingram continuava, inabalável:

— No próximo inverno, quando famílias inteiras estiverem resfriadas, meu memorando sugere o lançamento de uma embalagem grande do System 500, tamanho-família. Se pegar, seguiremos com uma embalagem ainda maior... do tipo que chamam no mercado de tamanho "Puxa vida!"

— Bill, você é demais! — exclamou Celia, ainda rindo. — Mas eu gosto disso. Que tal o System 500 em galantina?

— Para os clientes de elite? — Agora ele estava rindo também. — Vou trabalhar na idéia.

Enquanto Celia e os produtos médicos sem prescrição se misturavam tão proveitosamente, os acontecimentos em outros lugares continuavam como sempre — com tragédia, comédia, conflito, nobreza, tristeza, riso e loucura humana — saltando ou se arrastando para o primeiro plano, às vezes separadamente, ocasionalmente tudo ao mesmo tempo.

Os ingleses e franceses anunciaram confiantemente, como vinham fazendo periodicamente há 150 anos, que começaria em breve a abertura de um túnel por baixo do Canal da Mancha. Jack Ruby, matador do assassino do Presidente Kennedy, Lee Oswald, foi julgado culpado e condenado à morte. O Presidente Johnson conseguiu, onde Kennedy fracassara, a aprovação pelo Congresso de uma lei forte dos direitos civis. Quatro simpáticos e atrevidos jovens de Liverpool, sob o nome inauspicioso de Beatles, faziam com que sua música e um culto chamado "Beatlemania" varressem o mundo.

No Canadá, durante uma briga nacional, combinando raiva e tolice, foi adotada uma nova bandeira nacional. Winston Churchill, que dava a impressão de que sobreviveria eternamente, acabou morrendo, aos 90 anos. E, nos Estados Unidos, uma coisa chamada a Resolução do Golfo de Tonkin, relacionada a um país distante, o Vietnam, foi aprovada pelo Congresso sem muita atenção e ainda menos percepção de que suas conseqüências alienariam toda uma geração e abalariam a América.

— Quero assistir ao noticiário da televisão hoje
— disse Andrew a Celia, numa noite em agosto de

1965. — Houve motins e incêndios num lugar chamado Watts. É parte de Los Angeles.

Estavam em casa para uma noite familiar, o que ambos apreciavam, embora tais ocasiões se tornassem cada vez menos freqüentes, pois o trabalho de Celia exigia agora que viajasse e às vezes tinha de se ausentar por dias a fio. Por causa disso e para compensar, as crianças jantavam junto com os pais, sempre que possível.

Celia também gostava que os filhos vissem a avó, embora as visitas de Mildred, para pesar geral, se tornassem cada vez menos freqüentes, por causa de sua saúde precária. A asma há muito que era um problema para a mãe de Celia e ultimamente se agravara. Andrew sugeriu que Mildred viesse morar com eles, onde poderia cuidar dela. Mas Mildred recusara, preferindo a sua independência e a modesta casa de Filadélfia em que residia desde que Celia era pequena.

A mãe de Andrew, que se mudara para a Europa, raramente dava notícias e, apesar dos convites, nunca fazia uma visita. Não conhecia os netos e aparentemente não tinha o menor interesse nisso.

— Ela se sente velha quando recebe notícias nossas — comentou Andrew. — Prefere que isso

não aconteça e assim acho que o melhor é nós a deixarmos em paz.

Celia podia sentir a tristeza por trás do comentário de Andrew.

O pai, há muito afastado de Andrew, morreu. Receberam a notícia, por mero acaso, vários meses depois que ocorrera.

Quanto às pessoas mais jovens da família, Lisa estava agora com sete anos e no segundo ano da escola. Continuava a exibir uma personalidade forte, levava o estudo a sério e tinha um orgulho especial por seu crescente vocabulário, embora às vezes se atrapalhasse. Referindo-se a uma aula de história americana, ela disse a Celia:

— Aprendemos hoje sobre a Constipação Americana, mamãe.

Bruce, com quase cinco anos, demonstrava em contraste uma grande gentileza e sensibilidade, contrabalançada em parte por um senso de humor singular. Celia foi levada a comentar um dia com Andrew:

— Brucie pode ser magoado facilmente. Ele precisará de mais proteção do que Lisa.

— Então ele deve fazer a mesma coisa que eu, casando com uma mulher boa e forte — respondeu Andrew.

Ele falou ternamente, Celia se aproximou e abraçou-o.

Depois, ela disse:

— Vejo muita coisa de você em Brucie.

É claro que os dois discutiam ocasionalmente e houvera uma ou duas brigas mais sérias durante os oito anos de casamento. Mas não era mais do que o normal entre casais comuns, os pequenos ferimentos que se infligiam sempre curavam rapidamente. Ambos sabiam que tinham um bom casamento e faziam tudo o que podiam para protegê-lo e preservá-lo.

As crianças estavam presentes quando assistiram, pela televisão, os distúrbios em Watts.

— Santo Deus! — balbuciou Andrew, enquanto seguia-se uma cena depois de outra, sempre horríveis.

Havia incêndios, saques, destruição, brutalidade, ferimentos e mortes, uma luta selvagem entre pretos amargurados e a polícia acossada, no gueto miserável, degradante e segregado da Charcoal Alley. Era uma existência de pesadelo na nobreza e miséria que o mundo ignorava, exceto em momentos como aquele, quando Watts obsequiosamente proporcionava drama para as redes de televisão, o que se

prolongaria por mais cinco noites e dias terríveis,

— Santo Deus! — repetiu Andrew. — É possível acreditar que isso esteja acontecendo em nosso próprio país?

Todos estavam tão absorvidos na tela de televisão que só quase ao final é que Celia percebeu que Bruce tremia e chorava silenciosamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela pegou-o no colo prontamente e disse a Andrew:

— Desligue a televisão!

Mas Bruce gritou:

— Não, papai! Não!

E continuaram a assistir, até que as cenas terríveis acabaram. Depois, Bruce protestou:

— Eles estavam machucando as pessoas, mamãe!

Ainda confortando-o, Celia respondeu:

— É verdade, Brucie. É triste e errado, mas às vezes acontece. — Ela hesitou por um instante e depois acrescentou: — Você vai descobrir que coisas como as que acabou de assistir acontecem com frequência.

Posteriormente, quando as crianças se achavam na cama, Andrew comentou:

— Foi tudo deprimente, mas você deu a Brucie a resposta certa. Muitos de nós vivem em casulos.

Mais cedo ou mais tarde, ele terá de aprender que existe outro mundo lá fora.

— Tem razão. — Celia fez uma pausa e continuou, pensativa: — Venho querendo conversar com você a respeito de casulos. Acho que estou metida num.

Um sorriso rápido passou pelo rosto do marido, desaparecendo no mesmo instante.

— Seria o casulo dos remédios sem prescrição médica?

— Algo assim. Sei que muitos do que tenho feito envolve coisas que você não aprova, Andrew... como o Healthotherm e o System 500. Mas você não disse nada. Tem se preocupado muito?

— Talvez um pouco. — Ele hesitou, mas continuou: — Estou orgulhoso de você, Celia, e de tudo o que faz. É por isso que me sentirei contente quando você voltar algum dia para o lado dos remédios de prescrição médica do Felding-Roth, que ambos sabemos ser muito mais importante. Enquanto isso, porém, há coisas que tive de aprender a aceitar. Uma delas é que as pessoas continuarão a comprar óleo de cobra, quer seja produzido por você ou por outros. Portanto, não faz muita diferença. E tem mais: se as pessoas não comprarem as poções inócuas e passarem em vez

disso a procurarem os médicos, todos ficaríamos sufocados... e não teríamos condições de atender.

— Não está racionalizando só porque eu estou envolvida pessoalmente? — perguntou Celia, desconfiada.

— Se estou, por que não? Você é minha mulher e eu a amo.

— O inverso também acontece. — Ela inclinou-se e beijou-o. — Pode parar de racionalizar, querido, pois decidi que os remédios sem prescrição e eu já estivemos juntos por tempo suficiente. E tenciono pedir uma transferência amanhã.

— Se é isso o que você realmente quer, espero que consiga.

Mas a reação de Andrew foi automática, um reflexo. Continuava dominado pela depressão mental gerada pelas cenas da violência em Watts que a televisão transmitira. E tinha um problema pessoal crucial, que não se relacionava com Celia ou a família... um problema que já lhe causara muita angústia e que não desaparecia, não podia acabar.

— O dilema é que você foi bem-sucedida demais... muito mais do que qualquer um esperava — disse Sam Hawthorne a Celia no dia seguinte. — É como a galinha dos ovos de ouro e é por isso que tem sido deixada em paz em Bray &

Commonwealth.

Estavam na sala de Sam no escritório do Felding-Roth, uma reunião, a pedido de Celia, na qual ela acabara de pedir uma transferência.

— Tenho aqui uma coisa que pode interessá-la — acrescentou Sam.

Inclinando-se sobre a mesa, ele folheou diversas pastas, separou uma e abriu-a. Do outro lado da mesa, Celia pôde ver que continha dados financeiros.

— Isto ainda não circulou, Celia, mas o conselho tomará conhecimento em breve. — Sam pôs o dedo numa cifra. — Quando você foi para o Bray & Commonwealth, a receita dessa divisão era de 10 por cento das vendas totais do Felding-Roth. A participação será este ano de 15 por cento, com os lucros aumentando proporcionalmente.

Ele fechou a pasta e sorriu, antes de acrescentar:

— É claro que você foi um pouco ajudada por uma queda na venda dos remédios de prescrição médica. Mesmo assim, é uma realização espetacular, Celia. Meus parabéns.

— Obrigada.

Celia estava satisfeita. Imaginara que as cifras seriam favoráveis, embora não tão sensacionais

como Sam acabara de informar. Ela pensou por um instante e depois disse:

— Acho que a divisão manterá seu impulso e que Bill Ingram tornou-se muito eficiente. E como os remédios de prescrição médica tiveram uma queda nas vendas, como você acaba de dizer, talvez eu possa ajudar nesta área.

— E vai mesmo, Celia. É uma promessa. E talvez tenhamos algo especial e muito interessante para você. Mas seja paciente por mais alguns meses.

3

Andrew fitou sombriamente o administrador do hospital. Estavam na sala de Leonard Sweeting, de pé. A tensão pairava no ar entre os dois. Era uma sexta-feira, perto de meio-dia.

— Dr. Jordan, — disse o administrador do St. Bede, formalmente, a voz tensa, a expressão solene, — antes de seguir adiante, deixe-me adverti-lo que é melhor ter certeza absoluta do que está dizendo e leve em consideração as conseqüências que podem se seguir.

— Mas que diabo! — Andrew, nervoso de uma

noite insone, estava prestes a explodir. — Pensa por acaso que já não fiz isso?

— Foi o que imaginei. Mas queria ter certeza.

Como sempre, as sobrancelhas hirsutas de Sweeting subiam e desciam rapidamente enquanto ele falava.

— Está certo... direi tudo outra vez, Leonard, agora oficialmente.

Andrew escolheu as palavras com todo cuidado, as frases arrancadas relutantemente de seu coração:

— Meu colega, Dr. Noah Townsend, está lá em cima neste momento, visitando pacientes. Pelo meu conhecimento pessoal, o Dr. Townsend se acha sob o efeito de drogas, em que é viciado. Na minha opinião, ele é incompetente para exercer a medicina e pode estar pondo em risco as vidas de seus pacientes. Além disso, também de acordo com o meu conhecimento pessoal, um paciente morreu desnecessariamente neste hospital, esta semana, por causa de um erro de Noah Townsend, quando se encontrava afetado por drogas.

— Oh, Deus! — À frase final, o administrador empalidecera. E, agora, suplicou: — Andrew, não pode pelo menos deixar a última parte de fora?

— Não posso e não vou! E também exijo que

— você tome uma providência imediatamente. — Andrew fez uma pausa e depois acrescentou, bruscamente: — Algo que você deveria ter feito há quatro anos, quando ambos sabíamos o que estava acontecendo. Mas você e os outros preferiram se manter de boca fechada e desviar os olhos.

Leonard Sweeting resmungou:

— Eu tenho de fazer alguma coisa. Legalmente, depois do que você acaba de falar, não me resta alternativa. Mas, quanto ao passado, nada sei a respeito.

— Está mentindo e ambos sabemos disso. Mas deixarei isso passar, porque na ocasião fui tão execrável e covarde quanto você. Só estou preocupado com o que acontece agora.

O administrador suspirou e disse, meio para si mesmo:

— Acho que isso teria mesmo de explodir, mais cedo ou mais tarde.

Ele foi até sua mesa e pegou o telefone. A voz da secretária saiu pelo aparelho e Sweeting ordenou:

— Ligue-me com o presidente do conselho em seu escritório. Não importa o que ele esteja fazendo, diga ao seu pessoal para interromper. É urgente. Depois que fizer isso, você e quem mais esteja por aí

peguem os telefones e convoquem uma reunião do comitê executivo médico. A reunião será realizada imediatamente. — Sweeting olhou para o relógio. — A maioria dos chefes de serviço deve estar no hospital neste momento.

Ao desligar, o administrador fez uma careta, parecendo exausto. Depois, sua atitude se atenuou.

— Este é um dia terrível, Andrew. Para todos nós e para o hospital. Mas sei que você fez o que julgava certo.

Andrew acenou com a cabeça, apaticamente.

— O que acontecerá em seguida?

— O comitê executivo se reunirá dentro de poucos minutos. Você será chamado. Enquanto isso, fique esperando aqui.

Lá fora, em algum lugar, soou uma campainha que assinalava o meio-dia.

Tempo. Esperar. Espera.

Andrew meditou, desolado: Esperar fora o que fizera erradamente.

Esperara por tempo demais. Esperara até que um paciente — um paciente jovem, que deveria ter vivido por muitos anos a mais — morrera.

Depois de sua descoberta, quatro anos e oito meses antes, de que Noah Townsend era um viciado em drogas, Andrew se mantivera atento da

melhor forma que podia ao médico mais velho... no esforço de tentar evitar que ocorresse qualquer infortúnio médico ou um erro de julgamento crucial. Embora houvesse limites ao rigor da vigilância de Andrew, como não podia deixar de ser, ele estava convencido de que não existiria qualquer problema mais grave.

Como se reconhecesse e aceitasse a preocupação do colega, Noah freqüentemente discutia seus casos difíceis. Era evidente que, apesar das drogas, a capacidade de diagnóstico do médico mais velho continuava a funcionar.

Por outro lado, o Dr. Townsend tornara-se cada vez mais negligente com o consumo de drogas. Não mais se dava ao trabalho de esconder de Andrew, como fazia antes. Apresentava sinais crescentes dos efeitos das drogas — olhos vidrados, voz engrolada e mãos trêmulas — tanto no St. Bede como no consultório. Deixava dezenas de vidros de amostras de drogas de prescrição médica espalhados pelo consultório, nem mesmo se dando ao trabalho de escondê-los. Tomava as pílulas — às vezes na presença de Andrew — como se fossem bombons.

Havia ocasiões em que Andrew especulava como era possível que Townsend continuasse a ser um viciado em drogas e ao mesmo tempo funcionar

tão bem quanto parecia. Mas, depois, Andrew raciocinava: o hábito custa a morrer e o mesmo acontece com os instintos. Noah vinha exercendo a medicina há tantos anos que muito do que fazia — inclusive diagnósticos que podiam ser difíceis para outros — vinha-lhe com a maior facilidade. De certa forma, pensava Andrew, Noah era como uma máquina defeituosa, que segue em frente pelo impulso. Mas uma indagação persistia: Por quanto tempo o impulso duraria?

No St. Bede, ninguém parecia partilhar a preocupação de Andrew. Contudo, em 1961 — um ano depois da descoberta de Andrew e da primeira e malograda sessão com Leonard Sweeting — Noah Townsend deixou o posto de diretor-médico e também o seu lugar no conselho médico do hospital. Andrew nunca soube se as mudanças foram uma idéia do próprio Townsend ou o resultado de uma sugestão secreta. E, a partir daquele momento, Townsend passou a levar uma vida social menos ativa, permanecendo em casa mais tempo do que no passado. No consultório, ele reduziu a sua carga de pacientes, encaminhando quase todos os novos para Andrew e para um jovem médico que se associara aos dois, Oscar Aarohs.

De vez em quando, Andrew ainda se preocupava com Noah e os pacientes. Mas como parecia não haver qualquer problema mais grave, Andrew simplesmente deixara que as coisas ficassem à deriva, como podia compreender agora, sem fazer nada, esperando que algo acontecesse, ao mesmo tempo em que acalentava a esperança de que tal não ocorreria.

Até aquela semana.

O clímax, quando chegara, fora súbito, inesperado e atordoante.

A princípio, Andrew só teve informações parciais e desconexas. Mas não demorou muito, em decorrência de suas suspeitas e indagações, a reunir todos os eventos na seqüência apropriada.

Tudo começou na tarde de terça-feira.

Um homem de 29 anos, Kurt Wyrarik, apareceu no consultório do Dr. Townsend, queixando-se de garganta inflamada, náusea, tosse persistente, sentindo-se febril. Um exame mostrou que a garganta estava mesmo inflamada; a temperatura era de 39° e a respiração acelerada. Através do estetoscópio, revelavam as anotações clínicas de Noah Townsend, ele ouviu sons de respiração reprimidos, ronqueira nos pulmões e fricção pleural. Diagnosticou pneumonia e

determinou que Wyrazik fosse imediatamente para o St. Bede's Hospital, onde se internaria e onde Townsend tornaria a vê-lo, mais tarde, naquele mesmo dia.

Wyrazik não era um novo paciente. Já estivera antes no consultório por várias vezes, a primeira três anos antes. Também apresentava a garganta inflamada naquela primeira vez e Townsend lhe fez, ali mesmo, uma aplicação de penicilina.

A garganta de Wyrazik voltou ao normal nos dias que se seguiram à injeção, mas ele teve erupções que coçavam por todo o corpo. Isso indicava que era extremamente sensível à penicilina; portanto, essa droga em particular não deveria ser aplicada de novo, porque os futuros efeitos secundários poderiam ser graves ou mesmo catastróficos. O Dr. Townsend fez uma anotação em vermelho, com bastante destaque, na ficha médica do paciente.

Wyrazik não tinha conhecimento, até aquele momento, de sua alergia à penicilina.

Numa segunda ocasião, quando Wyrazik apareceu com um problema de menor importância, Noah Townsend estava ausente e Andrew o atendeu. Lendo a ficha do paciente, Andrew notou a advertência sobre a penicilina. Não se aplicava na

ocasião, pois Andrew não lhe prescreveu qualquer medicamento.

Foi a ocasião — cerca de um ano e meio antes — em que Andrew viu pela última vez Wyrzik vivo.

Depois que Noah Townsend despachou-o para o hospital, Wyrzik foi internado num quarto em que estavam três outros pacientes. Pouco depois, ele foi examinado por um interno, que anotou a sua história médica. Era uma rotina. Uma das perguntas que o interno formulou foi:

— Você é alérgico a alguma coisa?

Ao que Wyrzik respondeu:

— Sou, sim... a penicilina.

A pergunta e a resposta foram registradas na ficha hospitalar do paciente. O Dr. Townsend cumpriu a sua promessa de ver Wyrzik mais tarde, no hospital. Mas, antes, ele telefonou para o St. Bede, determinando que se aplicasse no paciente o medicamento eritromicina. O interno cumpriu a ordem. Como era normal o uso da penicilina no tratamento de pneumonia na maioria dos pacientes, parecia que Townsend lera a advertência sobre a alergia em sua ficha ou então se lembrara... talvez as duas coisas.

Naquele mesmo dia, ao visitar Wyrzik no

hospital, Townsend teria lido — ou deveria fazê-lo — as anotações do interno, recebendo assim mais um lembrete da alergia a penicilina.

Os próprios antecedentes do paciente tiveram alguma relevância com o que aconteceu ou deixou de acontecer posteriormente.

Kurt Wyrzik era um homem suave e reservado, solteiro e sem amigos íntimos. Empregado como expedidor de mercadorias, morava sozinho e era, em todos os sentidos, um solitário. Ninguém o visitou enquanto esteve no hospital. Nascera nos Estados Unidos, mas os pais eram imigrantes poloneses. A mãe já morrera. O pai vivia numa cidadezinha do Kansas com a irmã mais velha de Kurt, também solteira. Eram as duas únicas pessoas no mundo com quem Kurt Wyrzik tinha ligações mais íntimas. Contudo, ele não os informou que estava doente e internado no St. Bede.

A situação permaneceu assim até o segundo dia de permanência de Wyrzik no hospital.

Na noite do segundo dia, por volta das oito horas, ele foi outra vez visitado pelo Dr. Townsend. A esta altura, Andrew também estava indiretamente ligado ao caso.

Ultimamente, Noah Townsend passara a visitar seus pacientes no hospital nas horas mais insólitas.

Como Andrew e outros raciocinaram depois, ele podia estar agindo assim para evitar um encontro com os colegas durante o dia. Ou talvez fosse uma desorientação geral acarretada pelas drogas. Por acaso, Andrew também se encontrava no St. Bede naquela noite, cuidando de uma emergência para a qual fora chamado em casa. Andrew já estava prestes a deixar o hospital quando Townsend chegou e os dois conversaram por um momento.

Andrew percebeu imediatamente, pela atitude e fala de Noah Townsend, que o colega mais velho se encontrava sob o efeito de drogas, provavelmente tomadas recentemente. Andrew hesitou; mas, como já convivia com aquela situação há tanto tempo, calculou que nada de nocivo poderia acontecer. Por isso, nada fez. Posteriormente, Andrew se culparia amargamente por essa omissão.

Enquanto Andrew se retirava, Townsend pegou um elevador para a enfermaria, onde visitou diversos pacientes. Wyrazik foi o último.

O que se passou pela mente de Townsend, àquela altura, só pode ser adivinhado. O que se soube com certeza foi que o estado de Wyrazik, embora não crítico, agravara-se ligeiramente, com a febre mais alta e a respiração difícil. Parecia provável que Townsend, intoxicado como estava

pelas drogas, concluiu que o medicamento que receitara não estava fazendo efeito e devia ser mudado. Escreveu novas determinações e, deixando Wyrazik, foi entregá-las pessoalmente no posto das enfermeiras.

As novas ordens eram para 600 mil unidades de penicilina a cada seis horas, com aplicação intramuscular, a primeira injeção a ser dada imediatamente.

Por causa da ausência de uma enfermeira veterana, que se achava doente, a que estava no plantão noturno era nova e inexperiente. E também estava muito ocupada. Não viu nada de estranho na ordem do Dr. Townsend e cumpriu-a prontamente. Não vira antes e não leu então as anotações na ficha do paciente; assim, ignorava a advertência sobre a alergia a penicilina.

O próprio Wyrazik, quando a enfermeira chegou, estava febril e sonolento. Não perguntou o que lhe estava sendo aplicado e a enfermeira não lhe ofereceu a informação. Ela deixou o quarto de Wyrazik assim que acabou de aplicar a injeção.

O que aconteceu em seguida foi em parte conjectura, em parte baseado no depoimento de outro paciente no quarto.

Tendo em vista os efeitos conhecidos da

penicilina nas circunstâncias, Wyrazik em poucos momentos teria experimentado uma intensa apreensão, acompanhada por uma súbita coceira por todo o corpo, a pele se tornando vermelha. Num processo continuado e rápido, ele teria entrado em choque anafilático, com a inchação e distorção do rosto, olhos, boca, língua e laringe, tudo acompanhado por sons de sufocamento, ofegos e outros ruídos desesperados do peito. A inchação da laringe, o mais crítico de tudo, teria bloqueado o acesso de ar aos pulmões, impedindo a respiração, seguindo-se — misericordiosamente, depois da dor e do terror — a inconsciência e a morte. Todo o processo teria levado cinco minutos ou talvez um pouco mais.

Se um tratamento de emergência fosse aplicado, consistiria de uma injeção maciça de adrenalina e uma traqueotomia urgente — um corte cirúrgico na garganta para alcançar a traquéia — a fim de possibilitar o acesso de ar aos pulmões. Mas isso não chegou a ser feito e já era tarde demais quando a ajuda chegou.

Outro paciente no quarto, observando os movimentos desesperados e ouvindo os ruídos de sufocamento na cama ao lado, apertou a campainha de emergência para chamar de volta a enfermeira.

Mas quando ela chegou Kurt Wyrzik já morreria... sem qualquer ajuda e sozinho.

A enfermeira chamou imediatamente um residente. Também procurou o Dr. Townsend, na esperança de que ele ainda se encontrasse no hospital. Ele estava e foi o primeiro a chegar.

Townsend assumiu o controle da situação e novamente o raciocínio por trás de suas ações só pode ser especulado.

O que parecia mais provável é que uma percepção do que acontecera tivesse penetrado por seu estado de atordoamento. Com um esforço grande de vontade, ele desanuviou a cabeça e iniciou o que teria sido uma cobertura bem sucedida, se não fosse pela intervenção posterior de Andrew. Deve ter ficado absolutamente claro para ele que a enfermeira não tinha conhecimento da alergia a penicilina. Era também possível que, com alguma sorte extraordinária, os dois itens incriminadores — o registro anterior na ficha do paciente sobre a alergia e a injeção de penicilina — não fossem relacionados. Assim, se ele conseguisse atribuir causas naturais à morte, talvez a verdadeira causa não atraísse atenção. Também não devia ter escapado à atenção de Townsend que Kurt Wyrzik não tinha amigos íntimos, não tinha ninguém que

pudesse fazer perguntas.

— Pobre coitado! — disse Townsend à enfermeira. — O coração não resistiu. Eu já receava que isso pudesse acontecer. Ele tinha um coração fraco, entende?

— Entendo, Doutor.

A jovem enfermeira sentiu-se imediatamente aliviada por não ser culpada de coisa alguma. Além disso, mesmo agora, Noah Townsend ainda era uma impressionante presença de autoridade, cujo pronunciamento ela não podia questionar. E também não foi questionada pelo residente chamado e que prontamente voltou a tratar de outros deveres, ao descobrir que já havia um médico "cuidando" do caso; portanto, ele não era necessário. Townsend suspirou e virou-se para a enfermeira.

— Há coisas que se deve fazer depois de uma morte, mocinha. Vamos cuidar delas.

Uma das coisas era preencher um atestado de óbito em que Noah Townsend registrou a morte como decorrência de "colapso cardíaco agudo em consequência de pneumonia"

Andrew tomou conhecimento da morte de Kurt Wyrazik por acaso, na manhã de terça-feira.

Passando pela área de recepção que partilhava

com Townsend e Aarons, ele ouviu Peggy, a recepcionista que substituíra Violet-Parsons, referir-se ao telefone ao "paciente do Dr. Townsend que morreu ontem à noite". Pouco depois, Andrew encontrou-se com Townsend e comentou, em tom compreensivo:

— Soube que perdeu um paciente.

O médico mais velho assentiu.

— Um caso muito triste. Ele ainda era jovem. Você o recebeu uma vez por mim. Wyrazik. Teve um caso grave de pneumonia, somando-se a um problema cardíaco. O coração não resistiu. Eu já receava que isso pudesse acontecer.

Andrew poderia não ter pensado mais no assunto; a morte de um paciente, embora lamentável, nada tinha de excepcional. Mas havia algum constrangimento no comportamento de Townsend que lhe despertou uma sensação de vaga inquietação. Isso impeliu Andrew, cerca de uma hora depois, quando Townsend deixou o consultório, a pegar a ficha de Wyrazik e dar uma olhada. Lembrou-se do paciente. Lendo a ficha, Andrew notou duas coisas. Uma foi a anotação sobre a alergia à penicilina, que não parecia importante. Outra foi a ausência de qualquer alusão a uma doença cardíaca, o que era importante.

Ainda não muito preocupado, mas curioso, Andrew resolveu fazer algumas indagações discretas sobre a morte de Wyrzik no hospital, mais tarde, naquele mesmo dia.

Foi de tarde aos arquivos do St. Bede. A ficha médica de Wyrzik e outros documentos haviam sido enviados para lá, depois da morte do paciente.

Andrew leu primeiro o último registro na ficha, a causa da morte, indicada pelo Dr. Townsend, depois voltou mais atrás. Quase que imediatamente a ordem para 600 mil unidades de penicilina, escrita com a letra do Dr. Townsend, aflorou a seus olhos, atingindo-o como um raio. Igualmente atordoante foi a anotação da enfermeira de que a penicilina fora administrada e, como mostrava a seqüência de tempo, pouco antes da morte de Wyrzik.

Andrew leu o resto da ficha — inclusive a anotação do interno sobre a alergia à penicilina e a ordem anterior para eritromicina — em completo estupor. Quando devolveu a ficha ao funcionário sua mão tremia, o coração disparara.

As dúvidas martelavam sua cabeça. O que fazer? Para onde ir agora?

Andrew acabou indo à morgue para examinar o corpo de Wyrzik.

Na morte, os olhos estavam fechados, as feições

serenas. Exceto por um ligeiro arroxeadado na pele, que podia ter sido de outras causas, não havia quaisquer sinais denunciadores do choque anafilático, que Andrew acreditava agora ter matado aquele homem desnecessariamente. Ele perguntou ao atendente que o acompanhava:

— Foi pedida uma autópsia?

— Não, senhor. — Uma pausa e o homem acrescentou: — Há uma irmã que ficou de vir do Kansas. E deverá haver a cremação depois que ela chegar.

Os pensamentos de Andrew estavam em turbilhão. Lembrando sua experiência anterior com o administrador do hospital, ele não sabia muito bem o que fazer em seguida. Era evidente que se precisava tomar alguma providência. Mas qual? Deveria dar o alerta sobre a necessidade de uma autópsia? De uma coisa Andrew tinha certeza: uma autópsia revelaria que não houvera colapso cardíaco. Mas mesmo sem uma autópsia as anotações na ficha do paciente já constituíam provas suficientes.

Era o final da tarde, a maioria do pessoal mais graduado do hospital já fora para casa. Assim, não havia muita alternativa que não esperar até o dia seguinte.

Durante aquela noite, enquanto Celia dormia a seu lado, alheia ao problema do marido, Andrew permaneceu acordado, pensando nas mais diversas atitudes a tomar. Deveria procurar os colegas no hospital e revelar o que sabia ou haveria uma ação mais imparcial se falasse com as autoridades de fora? Deveria primeiro ter uma confrontação com Noah Townsend e ouvir suas explicações? Mas Andrew compreendeu prontamente a inutilidade dessa atitude, pois a personalidade de Noah mudara claramente, ainda mais do que aparecia na superfície, como resultado do seu vício em drogas ao longo dos anos.

O Noah que Andrew outrora conhecera e respeitara, em alguns momentos chegara mesmo a amar, era íntegro e honrado, com opiniões firmes sobre ética e medicina, de tal forma que nunca desculpava em si mesmo ou em outros a terrível negligência profissional, seguida por subterfúgio, que acabara de praticar. O velho Noah Townsend teria se levantado, confessado tudo e arcado com as conseqüências, por mais rigorosas que fossem. Mas uma confrontação pessoal agora de nada adiantaria.

Acima de tudo, Andrew experimentava um sentimento de profunda tristeza e perda.

Ao final, abatido, ele decidiu que manteria o

que sabia dentro da comunidade do hospital. Se fosse necessário adotar alguma medida externa, então essa decisão caberia a outros. Na manhã seguinte, no consultório, ele escreveu um relato detalhado do que sabia. Pouco antes de meio-dia foi ao St. Bede e teve uma reunião com o administrador.

4

Se fechasse os olhos, pensou Andrew, poderia muito bem imaginar que estava numa reunião da Associação de Pais e Mestres, na escola dos filhos, ou talvez na sala de reunião de uma empresa industrial que fabricava porcas e parafusos, tomando decisões rotineiras diárias. As palavras fluíam em torno dele.

- Podemos ter uma resolução a respeito?
- Sr. Presidente, eu proponho...
- Alguém apóia?
- ... apóio a resolução.
- ...foi proposto e apoiado...
- Os que estão a favor da resolução...

Um coro de "sim".

— Contra?

Silêncio.

— ...declaro que a resolução está aprovada. Por decisão unânime, os privilégios do Dr. Noah Townsend no hospital estão suspensos...

Podia ser realmente assim? Um acompanhamento prosaico e formal à mais profunda tragédia. Aquelas frases mesquinhas e hipócritas podiam ser o melhor que se encontrava para assinalar o final súbito e atroz do trabalho de uma vida inteira, a carreira de um homem outrora dedicado?

Andrew não se sentiu envergonhado ao constatar que as lágrimas escorriam por seu rosto. Mesmo sabendo que era observado pelos outros, em torno da mesa de reunião do hospital, não fez qualquer tentativa para escondê-las.

— Dr. Jordan, — disse o presidente do comitê executivo da junta médica, com extrema consideração, — pode estar certo de que todos nós partilhamos a sua profunda tristeza. Noah era e ainda é nosso amigo e colega também. Nós o respeitamos pelo que fez, estamos perfeitamente conscientes de como foi difícil. O que nós fizemos também foi difícil, mas igualmente necessário.

Andrew acenou com a cabeça, incapaz de falar.

O presidente era o Dr. Ezra Gould. Neurologista, sucedera Noah Townsend como diretor-médico do hospital, três anos antes. Gould era pequeno e de fala suave, mas sempre firme e bastante respeitado no St. Bede. Os outros no comitê eram os chefes de serviços — cirurgia, obstetrícia e ginecologia, patologia, pediatria, radiologia e vários outros. Andrew conhecia muito bem a maior parte. Eram pessoas decentes, sensíveis, preocupadas, mas fazendo o que era indispensável, apesar da decisão ter sido protelada por tempo demais, na opinião de Andrew.

— Sr. Presidente — disse Leonard Sweeting — devo comunicar ao comitê que, na expectativa de sua decisão, preparei um aviso que será imediatamente enviado a todo o hospital... postos de enfermeiras, sala de internamento, farmácia e assim por diante. Tomei a liberdade de descrever a suspensão do Dr. Townsend como motivada por "problemas de saúde". Creio que é mais discreto do que qualquer coisa específica. Estão de acordo?

Gould olhou inquisitivamente para os outros. Houve murmúrios de assentimento.

— Estamos de acordo — respondeu Gould.

— Eu também gostaria de recomendar que os detalhes do que se passou nesta sala só sejam

discutidos fora daqui no mínimo possível — acrescentou o administrador.

Leonard Sweeting orientara o comitê sobre o procedimento desde o momento em que fora anunciado o propósito da reunião... para choque e consternação dos médicos mais antigos, convocados tão apressadamente. Antes da reunião começar, Sweeting também tivera uma conferência pelo telefone com o presidente do hospital, um veterano advogado local, Fergus McNair, que tinha escritório em Morristown. A conversa fora na presença de Andrew. Embora ouvindo apenas um lado, Andrew pegara as palavras finais taxativas do presidente, saindo bem claras pelo fone:

— Proteja o hospital.

— Farei tudo o que puder — respondera o administrador.

Depois, Sweeting passara para a sala de reunião ao lado, fechando a porta e deixando Andrew sozinho. A porta tornara a ser aberta alguns minutos depois e Andrew fora chamado.

Todas as pessoas em torno da mesa de reunião estavam profundamente sérias.

— Dr. Jordan, — dissera o presidente do comitê, Dr. Gould, — já fomos informados da natureza de suas acusações. Por favor, relate-nos o

que sabe.

Andrew repetira o que já falara antes ao administrador, consultando ocasionalmente suas anotações. Depois de seu depoimento, houvera algumas perguntas e um pouco de discussão, mas não muito. Leonard Sweeting mostra a ficha hospitalar do falecido Kurt Wyrazik, que circulou ao redor da mesa, os registros condenadores sendo examinados com balanços de cabeça desconsolados.

Andrew ficara com a impressão de que os membros do comitê não esperavam pelas revelações de hoje, mas que o assunto em si não era surpresa para eles.

A resolução formal fora apresentada em seguida, despojando Noah Townsend de seus privilégios antigos no St. Bede. Agora, o chefe da pediatria, um natural da Nova Inglaterra, magro, de fala lenta, disse:

— Ainda não discutimos o que vai acontecer em relação ao homem que morreu.

— Tendo em vista o que sabemos, é essencial que se efetue uma autópsia — respondeu o administrador. — Pouco antes desta reunião, falei pelo telefone com o pai do falecido em Kansas... a irmã está vindo para cá. Ele deu autorização para a autópsia, que será realizada ainda hoje.

Sweeting olhou para o chefe da patologia, que acenou com a cabeça em concordância.

— Mas o que vamos dizer à família? — insistiu o chefe da pediatria.

— Falando francamente, é uma questão delicada e potencialmente volátil, por causa dos problemas legais envolvidos — disse Sweeting. — Sugiro que se deixe a decisão a respeito ao Dr. Gould, a mim e ao Sr. McNair, que estará aqui em breve e poderá nos aconselhar sobre os aspectos jurídicos. Posteriormente, talvez, poderemos comunicar a este comitê o que ficou acertado.

O Dr. Gould perguntou aos outros:

— Está bem assim?

Houve acenos de concordância e também, ao que parecia, uma sensação de alívio.

Talvez. Andrew pensou: eis a palavra-chave. Talvez... poderemos comunicar a este comitê. E talvez não.

O que o hospital, nas pessoas de Leonard Sweeting e seu chefe Fergus McNair, certamente gostaria era que tudo fosse abafado e o jovem Kurt Wyrazik, a vítima inocente, fosse cremado e esquecido. De certa forma, pensou Andrew, não se podia culpar Sweeting ou McNair. Eles tinham suas responsabilidades. E se tudo aquilo redundasse

num processo de negligência, a indenização fixada por um júri ou um acerto financeiro extrajudicial poderia ser tremenda. Andrew não tinha a menor idéia e não se importava se o seguro cobriria. Só tinha certeza de que ele, pessoalmente, não queria participar de qualquer esquema para encobrir o incidente.

Havia um murmúrio de conversas e o presidente bateu com um martelinho de madeira para impor silêncio.

— Chegamos agora à parte mais difícil. — O Dr. Gould correu os olhos pela mesa. — Terei de procurar Noah Townsend e comunicar-lhe o que foi decidido aqui. Soube que ele ainda se encontra no hospital. Alguém gostaria de me acompanhar?

Andrew disse prontamente:

— Eu irei junto.

Era o mínimo que podia fazer por Noah, pensou ele. Devia-lhe isso.

— Obrigado, Andrew — murmurou Gould, acenando com a cabeça.

Na tranqüilidade da reflexão posterior e apesar da cena patética e estridente, Andrew teve o instinto de que Noah Townsend os aguardava e sentiu-se aliviado ao vê-los.

Quando o Dr. Ezra Gould e Andrew saíram do

elevador no andar da enfermaria, havia à direita um corredor movimentado, os quartos dos pacientes e um posto de enfermeira. Townsend estava parado ao final do corredor, sem fazer nada, aparentemente com o olho perdido no espaço.

Enquanto os dois se aproximavam, ele virou a cabeça e depois, observando-os, pareceu se encolher. Desviou-se, mas um momento depois mudou de idéia abruptamente. Tornando a fitá-los, as feições contorcidas na paródia de um sorriso, ele estendeu os pulsos, unidos.

— Trouxeram as algemas? — indagou Townsend.

Gould pareceu aturdido por um momento e depois murmurou:

— Preciso conversar com você, Noah. Vamos para algum lugar particular.

— Por que se incomodar com a privacidade?

A resposta foi quase gritada e parecia que Townsend alteava a voz deliberadamente; uma enfermeira e diversos pacientes viraram a cabeça em curiosidade.

— Não é verdade que todo o hospital estará sabendo antes do dia terminar?

— Está bem — disse Gould, calmamente. — Se você insiste, falaremos aqui mesmo. É meu dever

comunicar, Noah, que o comitê executivo da junta médica acaba de realizar uma reunião. Com o maior pesar, ficou decidido que estão suspensos os seus privilégios no hospital.

— Tem alguma idéia do tempo em que trabalho neste hospital e do muito que já fiz para ajudá-lo? — indagou Townsend, a voz ainda alteada.

— Sei perfeitamente que foram muitos anos e todos estamos a par de sua grande contribuição. — Contrafeito, Gould percebeu que mais pessoas ainda prestavam atenção à conversa. — Por favor, Noah, não poderíamos...

— E tudo isso não significa coisa alguma?

— Neste caso, infelizmente, não.

— Pergunte a Andrew o quanto eu já fiz! Vamos, pergunte!

— Noah, contei tudo sobre Wyrzik — disse Andrew. — Lamento muito, mas não podia deixar de fazê-lo.

— Ah, sim, Wyrzik! — Townsend acenou com a cabeça várias vezes, em movimentos bruscos. Depois acrescentou, mais suavemente: — Pobre coitado. Ele merecia algo melhor. Lamento também por Wyrzik. Lamento sinceramente.

E depois, subitamente, embaraçosamente, o idoso médico desmoronou e começou a chorar.

Violentos soluços lhe sacudiram o corpo, pontuados por frases desconexas:

— ...a primeira vez... jamais cometi erros... certamente ignorado... não tornará a acontecer... eu prometo...

Andrew estendeu a mão para o braço de Townsend, mas Ezra Gould se antecipou. Agarrando-o, Gould disse firmemente:

— Noah, vamos sair daqui. Não está bem. Eu o levarei para casa.

Ainda sacudido pelos soluços, Townsend deixou docilmente que o colega o levasse para os elevadores. Foram acompanhados por olhares curiosos. Gould virou-se para Andrew. Empurrando Townsend um pouco à frente, o diretor-médico disse baixinho:

— Fique aqui, Andrew. Descubra que pacientes Noah viu hoje e verifique as ordens escritas. Seja rápido. Não deve haver repetições... Entendido?

Andrew assentiu.

— Entendido.

Relutantemente, ele observou os outros dois se afastarem.

Quando chegaram aos elevadores, Townsend começou a gritar histericamente, tentando resistir. Subitamente, inacreditavelmente, algo dentro dele

parecia ter entrado em colapso, reduzindo-o a um fragmento do seu eu anterior, uma figura alquebrada, despojada de toda dignidade e estatura. No momento em que se abriu a porta de um elevador, Gould empurrou Townsend bruscamente para o interior. Mesmo depois que a porta fechou, ainda se podia ouvir os gritos. Foram se desvanecendo enquanto o elevador descia, deixando Andrew parado sozinho, em meio ao silêncio.

Naquela noite, depois do jantar, Andrew recebeu em casa um telefonema de Ezra Gould.

— Preciso falar com você — disse o diretor-médico. — Esta noite. Onde seria mais conveniente? Posso ir à sua casa, se você assim preferir.

— Não — respondeu Andrew. — Vamos nos encontrar no hospital.

Ele ainda não se sentira em condições de falar a Celia sobre Noah. Embora sentisse que alguma coisa estava errada, como sempre acontecia, Celia não o pressionara a explicar o motivo.

Quando Andrew chegou ao St. Bede, o Dr. Gould já estava na pequena sala que o hospital lhe reservava.

— Entre e feche a porta — disse ele.

Abrindo uma gaveta, Gould tirou uma garrafa

de scotch e dois copos, acrescentando:

— Sei que é contra as regras e só faço isso raramente. Mas sinto necessidade esta noite. Vai me acompanhar?

Andrew murmurou, agradecido:

— Vou, sim, obrigado.

Gould despejou o uísque, acrescentou água e gelo. Beberam em silêncio por um momento e, depois, Gould disse:

— Estive até agora com Noah, praticamente desde o momento em que o deixei. Há várias coisas que você deve saber. A primeira... que vai afetar seu consultório e os pacientes de Noah... é a de que ele nunca mais poderá praticar a medicina.

— Como ele está?

— Mude para "onde ele está?" e responderei. —
- Gould girou o uísque restante em seu copo. — Ele foi internado num hospital psiquiátrico particular em Newark. Na opinião dos que são competentes para saber dessas coisas, é improvável que ele saia de lá algum dia.

A voz de Gould era tensa enquanto descrevia os eventos da tarde e do início da noite. Em determinado momento, ele comentou sombriamente:

— Espero nunca mais ter de passar por algo

assim.

Depois de deixar Andrew, o diretor-médico levava Townsend ao andar térreo do St. Bede. Com Townsend ainda gritando, Gould conseguira levá-lo para uma sala de tratamento desocupada. Ali, Gould trancara a porta e, pelo telefone, pedira com urgência a presença de um psiquiatra da equipe. Quando o psiquiatra chegara, os dois subjugaram Townsend e lhe aplicaram um sedativo. Obviamente, no estado em que Townsend se encontrava, não era possível levá-lo para casa. O psiquiatra dera alguns telefonemas urgentes e, depois, Townsend fora removido de ambulância para o hospital em Newark. Gould e o psiquiatra acompanharam-no.

Ao chegarem ao hospital psiquiátrico, o efeito do sedativo tinha passado e Townsend tornara-se violento, sendo necessário pô-lo numa camisa-de-força.

— Oh, Deus, foi horrível!

Gould tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto. Àquela altura, mais ou menos, ficara evidente que Noah Townsend estava louco. E Ezra Gould agora descreveu:

— Era como se de alguma forma Noah viesse vivendo... há muito tempo e por causa de seu vício

em drogas, é claro... como um invólucro vazio. Só Deus sabe como ele conseguiu agüentar. E depois, de repente, o que aconteceu hoje fez com que a carapaça arrebentasse... e não havia nada funcionando por dentro. Pelo que parece agora, tudo indica que também não há coisa alguma que se possa recuperar.

Uma hora atrás, continuou Gould, ele fora procurar a mulher de Noah Townsend. Andrew teve um sobressalto. Em meio a tudo o que ocorrera nos últimos dias, ele não pensara em Hilda.

— Como ela recebeu?

Gould pensou por um momento, antes de responder:

— É difícil dizer. Ela não falou muito e também não perdeu o controle. Fiquei com a impressão de que já esperava que alguma coisa acontecesse, embora não soubesse exatamente o quê. Acho que é melhor você visitá-la pessoalmente amanhã.

— Tem razão. É o que farei.

Gould hesitou por um instante e fitou Andrew nos olhos ao acrescentar:

— Há mais uma coisa que nós dois precisamos discutir: o morto, Wyrazik.

— É melhor eu lhe dizer desde já — declarou Andrew, firmemente. — Não tenho a menor

intenção de participar de qualquer tentativa de abafar o caso.

— Muito bem — disse Gould, a voz subitamente brusca. — Pois então deixe-me perguntar o seguinte; O que tenciona fazer? Uma declaração pública, talvez à imprensa? E, depois disso, vai se oferecer como testemunha de acusação num processo de negligência médica? Ajudará algum advogado ganancioso a arrancar polpudos honorários da mulher de Townsend, todo o dinheiro que ele acumulou para a velhice de ambos? Deixará que este hospital seja obrigado a pagar uma indenização muito além do que o seguro pode cobrir e capaz de nos arrasar financeiramente, obrigando-nos a reduzir os serviços ou fechar?

Andrew protestou:

— Nada disso pode acontecer.

— Claro que pode. Você já leu o bastante sobre advogados inescrupulosos e o que eles conseguem fazer num tribunal.

— Esse não é o meu problema — insistiu Andrew. — O importante é a verdade.

— A verdade é importante para todos nós. Você não tem um monopólio sobre isso. Mas, às vezes, a verdade pode ser atenuada por razões decentes e em circunstâncias especiais. — A voz de

Gould tornou-se persuasiva. — Quero que escute com atenção o que vou dizer, Andrew.

O diretor-médico do hospital fez uma pausa, ordenando os pensamentos, depois continuou:

— A irmã do morto, Srta. Wyrzik, chegou esta tarde do Kansas. Len Sweeting conversou com ela. Disse que é uma mulher comum, bastante simpática, um pouco mais velha que o irmão. Lamenta a morte dele, mas os dois não eram íntimos, há muitos anos que viviam apartados. Portanto, não é uma perda desesperadora. Há o pai no Kansas, mas ele sofre da doença de Parkinson. O estado é adiantado, não lhe resta muito tempo de vida.

— Não sei o que tudo isso...

— Já saberá. Escute apenas!

Gould tornou a fazer uma pausa, antes de continuar:

— A irmã de Wyrzik não está aqui para criar problemas. Não fez muitas perguntas. Até ofereceu o depoimento de que a saúde do irmão nunca foi muito boa. Quer que o corpo seja cremado e depois levará as cinzas para o Kansas. Mas ela tem problemas de dinheiro. Len descobriu isso na conversa.

— Então ela tem direito a ser ajudada.

Certamente isso é o mínimo...

— Exatamente! Todos estamos de acordo quanto a isso, Andrew. E tem mais: pode-se arrumar uma ajuda financeira:

— Como?

— Len e Fergus McNair já resolveram tudo. Passaram a tarde cuidando do problema. Não importa os detalhes. Você e eu não precisamos conhecê-los. Mas a verdade é que a seguradora... com a qual se entrou em contato, confidencialmente... tem interesse em que tudo seja encerrado discretamente. Wyrazik, ao que parece, enviava dinheiro para o Kansas, a fim de ajudar a pagar as despesas médicas com o pai. As quantias podem continuar a ser remetidas, talvez aumentadas. As despesas do funeral de Wyrazik serão totalmente pagas. E pode haver uma pensão... não muita grande, mas o suficiente... para a irmã, pelo resto de sua vida.

— Como se explicará tudo isso a ela sem admitir a responsabilidade? E se ela ficar desconfiada?—

— Imagino que é um risco — disse Gould. — Mas Len e McNair não pensam assim e temos de nos lembrar que eles são advogados. Achem que podem cuidar de tudo discretamente. Suponho que

isso está ligado ao tipo de mulher que é a Srta. Wyrazik. E o que é mais importante: não haverá assim absurdos acordos de muitos milhões de dólares.

— Acho que o absurdo depende apenas do ponto de vista.

O diretor-médico gesticulou impacientemente:

— Procure se lembrar de uma coisa, Andrew: não há esposa no caso, não há filhos com educação futura a se levar em consideração... apenas um velho agonizante e uma mulher de meia-idade, que será devidamente sustentada. — Gould fez uma pausa e depois perguntou abruptamente: — Em que estava pensando?

É que Andrew sorrira ao ouvir o último comentário.

— Um pensamento cínico. Se Noah tinha de matar um paciente, não poderia escolher alguém mais conveniente.

Gould deu de ombros.

— A vida está repleta de acasos. Acontece simplesmente que este nos foi favorável. E então?

— Então o quê?

— Vai fazer uma declaração pública? Chamará a imprensa?

Andrew respondeu com irritação:

— Claro que não. Nunca tive essa intenção. E você sempre soube disso.

— Nesse caso, o que mais pode fazer? Já se comportou corretamente ao comunicar o que sabia à direção do hospital. Além disso, não está envolvido. Não será parte de qualquer acordo. Ninguém está lhe pedindo para mentir. E se, por algum motivo, o problema transpirar e for interrogado oficialmente, é claro que diria a verdade.

— Se é essa a minha posição, qual é a sua? — indagou Andrew. — Contará à Srta. Wyrazik qual a verdadeira causa da morte do irmão?

— Não — respondeu Gould, bruscamente. — É por isso que alguns de nós estão mais profundamente envolvidos do que você. E talvez porque assim mereçamos.

No silêncio que se seguiu, Andrew pensou: O que Ezra Gould acabara de dizer era uma confissão, sutil mas inequívoca, de que Andrew estava certo e os outros errados quando, quatro anos antes, tentara levantar o problema do vício em drogas de Noah Townsend e fora repellido. Andrew teve certeza agora que Leonard Sweeting contara a outros a conversa que tiveram naquela ocasião.

Não podia haver a menor dúvida de que seria a única admissão a se fazer; coisas assim nunca eram

incluídas em relatórios por escrito. Mas, pelo menos, raciocinou Andrew, alguma coisa se aprendera... por ele próprio, Sweeting, Gould e os outros. Infelizmente, o aprendizado chegava tarde demais para ajudar Townsend ou Wyrzik.

Assim, perguntou-se Andrew, para onde iria agora? A resposta parecia ser simples: a lugar nenhum.

O que Gould dissera, em suma, fazia sentido. Era também verdade que ninguém pedia a Andrew para mentir, embora lhe fosse solicitado que se mantivesse em silêncio. Portanto, de certa forma, estava partilhando do encobrimento do incidente. Por outro lado, a quem mais se poderia contar tudo? E o que se ganharia com isso? Não importava o que acontecesse, não se poderia devolver a vida a Kurt Wyrzik e Noah Townsend — trágica mas necessariamente — fora removido de cena e não mais constituiria uma ameaça para ninguém.

— Está bem — disse Andrew finalmente ao diretor-médico. — Não farei mais nada.

— Obrigado. — Gould olhou para o relógio. — Foi um dia comprido. Vou para casa agora.

Andrew foi visitar Hilda Townsend na tarde seguinte.

Townsend tinha 63 anos, Hilda era quatro anos

mais moça. E era bastante atraente para uma mulher de sua idade. Mantinha o corpo em boa forma. O rosto era firme. Os cabelos, embora inteiramente brancos, estavam elegantemente curtos. Vestia uma calça branca de linho e uma blusa azul de seda, uma corrente fina de ouro no pescoço.

Andrew esperava encontrar sinais de tensão, talvez de choro. Não havia nenhum.

Os Townsends residiam numa casa pequena, mas confortável, de dois andares, na Hill Street, em Morristown, não muito longe do consultório, na esquina da Elm com a Franklin, para onde Noah Townsend freqüentemente ia a pé, quando fazia bom tempo. Não havia criados e Hilda abriu a porta pessoalmente, levando Andrew para a sala de estar, mobiliada em tons suaves de marrom e bege, dando para um jardim. Depois que sentaram, Hilda disse, quase com indiferença:

— Gostaria de tomar alguma coisa, Andrew? Um drinque? Ou talvez um chá?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado. — Andrew fez uma pausa.
— Hilda, não sei mais o que dizer exceto que... lamento profundamente.

Ela assentiu, como se as palavras fossem esperadas, depois indagou:

— Receava vir me visitar?

— Um pouco.

— Foi o que imaginei. Mas não precisava. E não fique surpreso ou chocado porque não estou chorando, retorcendo as mãos ou exibindo qualquer das reações emocionais femininas.

Sem saber o que dizer, Andrew limitou-se a murmurar:

— Está bem...

Como se não o tivesse ouvido, Hilda Townsend continuou:

— A verdade é que fiz todas essas coisas, por tanto tempo e com tanta frequência, que agora tudo isso ficou para trás. Derramei tantas lágrimas, por tantos anos, que o reservatório secou. Costumava pensar que fragmentos do meu coração estavam explodindo enquanto observava Noah se destruir. E quando não consegui fazê-lo compreender ou sequer escutar, passei a pensar que todo meu coração desaparecera e só restava agora um pedaço de pedra no seu lugar. Isso faz algum sentido?

— Acho que sim.

Andrew pensou: Quão pouco sabemos dos sofrimentos dos outros! Há anos que Hilda Townsend devia viver por trás de um muro de leal dissimulação, um muro que Andrew não conhecera

nem desconfiara. Ele lembrou-se também das palavras de Ezra Gould na noite anterior. Ela não falou muito... Fiquei com a impressão de que já esperava que alguma coisa acontecesse, embora não soubesse exatamente o quê.

— Você sabia que Noah era viciado em drogas — disse Hilda. — Não é verdade?

— É, sim.

A voz dela assumiu um tom acusador:

— Você é médico. Por que não fez nada?

- Tentei. No hospital. Há quatro anos.

— E ninguém por lá deu atenção?

— Mais ou menos isso.

— E não poderia tentar com mais empenho?

— Poderia. Reconstituindo tudo agora, acho que poderia.

Ela suspirou.

— Provavelmente não teria conseguido nada.

— Abruptamente, Hilda Townsend mudou de assunto. — Fui visitar Noah esta semana. Ou melhor, tentei visitá-lo. Ele estava desvairado. Não me reconheceu. Não reconhece ninguém.

— Hilda, há alguma coisa que eu possa fazer... qualquer coisa... para ajudar você? — indagou Andrew, gentilmente.

Ela ignorou a pergunta.

— Celia sente alguma culpa pelo que aconteceu?

A indagação deixou Andrew espantado.

— Ainda não falei com ela. Só o farei esta noite. Mas quanto à culpa...

— Ela deveria sentir! — As palavras saíram selvagememente. E foi no mesmo tom que Hilda continuou: — Celia é parte da gananciosa, brutal e egoísta indústria farmacêutica. Ela faz qualquer coisa para vender suas drogas, para persuadir os médicos a receitá-las e as pessoas a consumirem, mesmo quando não são necessárias. Absolutamente qualquer coisa!

Andrew disse calmamente:

— Nenhum laboratório farmacêutico forçou Noah a tomar as drogas como ele fazia.

— Talvez não diretamente. — A voz de Hilda se alteou. — Mas Noah tomava as drogas e o mesmo acontece com outros porque os laboratórios farmacêuticos sufocam os médicos com seus remédios! Um verdadeiro dilúvio de remédios! Com os anúncios berrantes e insinuantes, páginas e mais páginas, nas revistas médicas que todos os médicos são obrigados a ler, com uma avalanche de correspondência, com viagens de graça, hospitalidade e bebida generosa... tudo visando a

fazer os médicos pensarem em drogas, sempre drogas, ainda mais drogas! Todos os laboratórios inundam os médicos com amostras grátis, dizendo-lhes que podem receber qualquer coisa que quiserem, em qualquer quantidade, bastando pedir! Não há restrições, nunca se faz perguntas! E você sabe disso, Andrew!

Ela fez uma pausa e depois acrescentou, a voz mais controlada:

– Quero lhe perguntar uma coisa.

– Se eu puder responder, pode estar certa de que o farei.

– Muitos promotores aparecem no consultório. Noah sempre os recebia. Não acha que alguns, talvez todos, sabiam que ele tomava drogas, percebiam que era um viciado?

Andrew pensou por um momento. Lembrou-se da profusão desarrumada de remédios, nas embalagens de todos os laboratórios, espalhados pela sala de Noah.

– Tem razão. Acho que é provável que eles soubessem.

– Mas isso não os deteve, não é mesmo? Desgraçados! Continuaram a fazer as entregas. Davam tudo o que Noah pedia. Ajudando-o a se destruir. É esse o negócio podre e nojento em que

sua mulher está metida, Andrew... e não pode imaginar como eu o odeio!

— Há alguma procedência no que acabou de dizer, Hilda. Talvez muito. E embora isso de nada adiante, eu gostaria que soubesse que compreendo seus sentimentos.

— É mesmo? — A voz de Hilda era uma mistura de amargura e desdém. — Pois então explique a Celia algum dia. Talvez então ela pense em mudar de profissão.

E depois, como se uma força acumulada finalmente rompesse as barreiras, ela pôs a cabeça nas mãos e desatou a chorar.

5

A segunda metade da década de 1960 foi um período em que o movimento de libertação feminina entrou nas conversas e se tornou uma parte constante do noticiário. Em 1963, Betty Friedan publicara *The Feminine Mystique* (A Mística Feminina), uma declaração de guerra à "cidadania de segunda classe das mulheres". O livro tornou-se o *vade mecum* do movimento feminista e a

voz de Friedan era agora ouvida com frequência. Germaine Greer e Kate Millett aderiram ao movimento, acrescentando estilo literário e artístico. Gloria Steinem combinou eficazmente a advocacia das mulheres com o jornalismo e a política feminista.

O movimento de libertação feminina não estava livre dos escarnecedores. Abbie Hoffman, uma celebridade da contracultura, declarou:

— A única aliança que eu faria com o movimento de libertação feminina seria na cama.

Historiadores, lembrando ao mundo que poucas coisas são realmente novas, ressaltaram que em 1792, na Inglaterra, uma certa Mary Wollstonecraft publicou corajosamente *A Vindication of the Rights of Woman* (Uma Defesa dos Direitos da Mulher), argumentando: "Tiranos e sensualistas... empenham-se em manter as mulheres nas trevas, porque os primeiros somente querem escravas, enquanto os segundos se interessam exclusivamente em coisas para se divertirem."

Mas muitos, no anos 60, levaram o movimento a sério e homens ponderados exploraram sua consciência.

A atitude de Celia em relação ao movimento de libertação feminina era de aprovação e simpatia. Ela

comprou vários exemplares de *The Feminine Mystique* e distribuiu a executivos do Felding-Roth. Um deles foi Vincent Lord, que devolveu o livro com um bilhete: "Não tenho qualquer proveito para esta porcaria." Sam Hawthorne, influenciado por sua mulher Lilian, que era ardorosa partidária do movimento, reagiu com a maior simpatia. E disse a Celia:

— Você é a prova incontestável de que esta companhia não tem discriminação sexual.

Ela sacudiu a cabeça em discordância.

— Tive de brigar com unhas e dentes para chegar onde estou, Sam... com sua ajuda, é verdade, mas também lutando contra o preconceito masculino, como você sabe muito bem.

— Mas não precisa mais fazer isso.

— Porque provei que produzo bem e sou útil. O que me torna uma exceção, uma aberração. Mas você sabe quão pouco apoio recebo quando defendo a inclusão de mais mulheres na equipe de promotores.

Sam riu.

— Está certo, admito isso. Mas as atitudes estão mudando. Além disso, você ainda é o melhor exemplo que um homem pode ter para tratar as mulheres como iguais.

Apesar de sua argumentação particular, Celia não teve participação ativa no movimento feminista. Ela decidiu — egoisticamente, como admitiu para si mesma — que, primeiro, não precisava pessoalmente; e, segundo, não tinha tempo.

Celia continuava a se ocupar com os produtos do Bray & Commonwealth. Apesar da promessa de Sam de uma transferência para outras funções, parecia não haver qualquer perspectiva de um novo cargo para Celia. A exortação de Sam, para que fosse paciente por uns poucos meses, provara ser uma subestimação.

Enquanto isso, em casa, Celia partilhava com Andrew a angústia pelo colapso de Noah Townsend e sua internação num hospital psiquiátrico. À medida que o tempo passava, a predição do Dr. Gould, de que Noah nunca mais teria alta, parecia ser cada vez mais e lamentavelmente verdadeira.

Andrew relatara a Celia a explosão de Hilda Townsend sobre os laboratórios farmacêuticos e o excesso de amostras grátis. Ficou surpreso ao descobri-la compreensiva.

— Hilda tem razão — disse Celia. — A quantidade de drogas gratuitas distribuídas é mesmo um absurdo e acho que todos nós sabemos disso. Mas a concorrência promoveu essa situação.

Agora, nenhum laboratório pode efetuar uma redução sem ficar em desvantagem.

— Os laboratórios poderiam se reunir e fazer algum acordo de redução — sugeriu Andrew.

— Não é possível. Mesmo que quisessem, isso seria conluio e é ilegal.

— O que fazer então com um caso como o de Noah? Os promotores dos laboratórios deviam saber ou pelo menos desconfiar que Noah era viciado. É certo que continuassem a alimentar seu vício?

— Noah podia ser um viciado, mas ainda era um médico — ressaltou Celia. — E você sabe muito bem, Andrew, que os médicos podem obter todas as drogas que desejarem, de um jeito ou de outro. Se Noah não recebesse o que queria dos promotores, bastaria simplesmente preencher receitas... o que talvez tenha feito, além de obter as amostras grátis.

Ela fez uma pausa e depois acrescentou, com alguma veemência:

— Além do mais, se a própria classe médica nada faz por colegas que se tornam viciados, por que esperar que os laboratórios farmacêuticos sejam diferentes?

— Uma pergunta justa, para a qual não tenho resposta — admitiu Andrew.

E subitamente, em agosto de 1967, aconteceu finalmente a transferência de Celia.

Antecedendo-a, ocorreu um evento significativo, quase ao final de 1966. Sam Hawthorne foi promovido a vice-presidente executivo, ficando bem claro que, se não houvesse a intervenção de algum fator acidental, estaria algum dia no comando do Felding-Roth. Assim, o julgamento de Celia, 10 anos antes, ao escolher um mentor na companhia, parecia muito próximo de ser plenamente confirmado. Foi Sam quem a chamou para uma reunião e declarou, sorrindo:

— Muito bem, a sua servidão no Bray chegou ao fim.

Sam ocupava agora uma sala suntuosa, com uma ampla área de reunião. Em vez de uma única secretária lá fora, seu novo cargo merecia duas. Numa reunião anterior, ele confidenciara a Celia:

— Não sei como fazer para mantê-las ocupadas. Acho que elas ditam cartas uma à outra.

Agora, Sam anunciou:

— Estou lhe oferecendo o posto de diretora latino-americana para os produtos farmacêuticos. Se aceitar, vai operar daqui, mas terá de ausentar-se freqüentemente, viajar bastante. — Ela fitou-a com uma expressão inquisitiva. — O que Andrew dirá a

respeito? E como fará com as crianças?

Sem a menor hesitação, Celia respondeu:

— Daremos um jeito.

Sam acenou com a cabeça, em aprovação.

— Era o que eu esperava que você dissesse.

A notícia deixou Celia deliciada e excitada. Sabia que os negócios internacionais com os produtos farmacêuticos estavam se tornando cada vez mais importantes. A oportunidade era excelente, ainda melhor do que esperava. Como se lesse os seus pensamentos, Sam acrescentou:

— É no setor internacional que se encontra o futuro para as vendas. Até agora, mal sondamos abaixo da superfície, especialmente na América Latina. — Ele acenou com a mão, dispensando-a. — Pode ir para casa agora. Partilhe a notícia com Andrew. Cuidaremos dos detalhes amanhã.

Começou assim um período de cinco anos que tornou-se um Rubicão na carreira de Celia. E também, em vez de tornar mais difícil a vida da família Jordan, enriqueceu-a incomensuravelmente. Mais tarde, Celia escreveria, numa carta à irmã Janet: "Todos nos beneficiamos de maneiras que nunca poderíamos imaginar. Andrew e eu porque tivemos uma intimidade maior quando ele viajava comigo do que jamais pudemos desfrutar em casa,

onde sempre estávamos bastante ocupados em conduzir nossas vidas profissionais separadas. E as crianças também ganharam porque, quando viajavam, ampliavam sua educação e tornavam seu pensamento internacional."

Desde o início, quando Celia chegou em casa com a notícia de seu novo posto. Andrew sentiu-se feliz por ela e deu todo seu apoio. Ficou aliviado por saber que a mulher não mais trabalharia com os produtos de venda sem prescrição médica; se teve alguma dúvida sobre as separações familiares que o novo posto acarretariam, guardou-as para si mesmo. Sua atitude foi igual à de Celia: Daremos um jeito.

Depois, pensando mais a respeito, Andrew decidiu que aproveitaria a oportunidade para se afastar das pressões da medicina e viajaria com Celia sempre que pudesse. Andrew, agora a apenas um ano dos 40, estava determinado a lucrar com a lição de Noah Townsend, cujo colapso, em sua opinião, começara com o excesso de trabalho e tensão em demasia. Andrew também já observara outros médicos se tornarem obcecados por sua profissão, a ponto de excluírem todo o resto, em detrimento de si mesmos e de suas famílias.

No consultório em que ingressara como um

internista recém-qualificado 11 anos antes — um ano depois conhecera Celia e casara — Andrew era agora o sócio sênior. O segundo médico, Oscar Aarons, um canadense corpulento, dinâmico e exuberante, com um intenso senso de humor, provara ser um colega em que Andrew tinha a maior confiança. Ele apreciava profundamente sua amizade cada vez maior. Um terceiro internista, Benton Fox, com 28 anos e excelentes credenciais, começara a trabalhar no consultório há um mês e já realizava um ótimo serviço.

Quando Andrew lhe comunicou sua intenção de acompanhá-la nas viagens sempre que possível, Celia ficou na maior alegria. E, de fato, ele foi junto em viagens sul-americanas várias vezes por ano. Ocasionalmente, dependendo de acertos na escola, uma ou as duas crianças viajavam também.

Tudo se tornou mais fácil por eventos afortunados em casa. Winnie August, a jovem babá e cozinheira, tendo há muito abandonado seu plano de mudar-se para a Austrália e se tornando virtualmente uma pessoa da família Jordan depois de sete anos, casou na primavera de 67.

Por mais incrível que pudesse parecer, o sobrenome do marido era March. Winnie comentou:

— Se tinha de ser outro mês, sinto-me contente

por não ser dezembro.

Quando Andrew soube que Hank March, um homem simpático e vigoroso, que trabalhava em diversas funções externas, procurava por um emprego firme, ofereceu-lhe o posto de motorista-jardineiro, uma espécie de faz-tudo. Como a moradia estava incluída, a oferta foi aceita com a maior satisfação, tanto de Winnie como de Hank. Andrew, por outro lado, continuou dando graças à providência de Celia ao insistir, pouco depois do casamento, que comprassem uma casa grande.

Em pouco tempo, Hank parecia tão indispensável quanto sua esposa, agora Winnie March.

Assim, Andrew e Celia podiam viajar, com ou sem as crianças, sabendo que seus interesses estariam sendo bem cuidados durante sua ausência.

Houve uma nota de tristeza na família nessa ocasião. A mãe de Celia, Mildred, morreu de deficiência respiratória, depois de um severo ataque de asma. Ela tinha 61 anos.

A morte da mãe afetou Celia profundamente. Apesar da força e apoio de Andrew e as crianças, ela experimentou uma sensação de solidão que persistiu por muito tempo depois, embora Andrew lhe assegurasse que a reação era perfeitamente

normal.

— Já vi acontecer em muitos pacientes — disse ele. — A morte dos pais é como cortar um cordão umbilical com o nosso passado. Não importa o quanto tenhamos crescido, enquanto um deles estiver vivo sempre há um sentimento de ter alguém em quem se apoiar. Quando ambos se vão, sabemos que estamos realmente por conta própria.

A irmã mais moça de Celia, Janet, voou a Filadélfia para o funeral, deixando o ocupado marido e os dois filhos menores no Oriente Médio. Depois, Janet e Celia passaram alguns dias juntas em Morristown, prometendo-se que tentariam se visitar com mais frequência no futuro.

6

As visitas e os sons de lugares distantes fascinavam Andrew. Enquanto Celia cuidava de seus negócios latino-americanos, com os funcionários regionais das subsidiárias do Felding-Roth, ele explorava as complexidades insólitas de cidades estrangeiras ou saboreava cenas da vida rural nos arredores. O Parque Colón, de Buenos

Aires, tornou-se familiar, assim como as grandes manadas de gado pastando nos pampas argentinos. O mesmo aconteceu com Bogotá, a capital da Colômbia, cercada pela grandiosidade das montanhas, onde as ruas inclinadas, as calles, levavam córregos de água gelada dos Andes e carroças antigas puxadas por mulas disputavam o espaço com carros modernos. Em Costa Rica, Andrew passou a conhecer a Meseta Central, o coração do país, cercada por florestas densas, onde cresciam o mogno e o cedro. Das ruas estreitas e congestionadas da Cidade Velha de Montevideu ele partiu em viagens pelos vales do Uruguai, o ar fragrante de verbena e arbustos aromáticos. Havia a dinâmica cidade de São Paulo, no Brasil, na beira do Grande Planalto, além da qual se estendiam as planícies relvadas com a rica terra de um vermelho-púrpura, a terra roxa.

Quando as crianças também viajavam, Andrew as levava em suas explorações. Em outras ocasiões, Celia o acompanhava nas incursões sempre que seu trabalho permitia.

Um dos prazeres de Andrew era barganhar nos mercados locais e comprar coisas típicas. Sentia-se fascinado pelas drogarias, com produtos incontáveis expostos em espaços mínimos. Falava com os

farmacêuticos e ocasionalmente mantinha conversas com os médicos locais. Já tinha noções de espanhol e português, que aumentaram com a prática. Celia também estava aprendendo as duas línguas e se ajudavam mutuamente.

Apesar de tudo, porém, nem todas as viagens eram um sucesso. Celia trabalhava muito. Às vezes era uma tensão enorme tentar resolver problemas locais num ambiente que desconhecia. O resultado era o cansaço e os atritos humanos normais, que levaram, em uma ocasião, à briga mais violenta e amarga que Celia e Andrew tiveram no casamento, uma colisão de vontades e pontos de vista que dificilmente esqueceriam.

Aconteceu no Equador e, como a maioria das brigas entre marido e mulher, começou suavemente.

Estavam com Lisa e Bruce na capital, Quito, uma cidade no alto dos Andes, com terríveis contrastes... principalmente entre religião e realidade. Por um lado, havia uma profusão de igrejas e mosteiros pomposos, com altares de ouro, coros esculpidos, crucifixos de prata e marfim, custódios vulgares cravejados de pedras preciosas. Por outro lado, havia uma pobreza indigna e descalça, camponeses que eram certamente os mais miseráveis do continente, salários que não

passavam de 10 cents por dia... para os que eram afortunados bastante para encontrarem trabalho.

Também em contraste com a pobreza, sobressaía o Hotel de Quito, de primeira categoria, em que a família Jordan tinha uma suíte. E foi para a suíte que Celia voltou ao cair da tarde, depois de um dia frustrante com o gerente local do Felding-Roth, Señor Antônio José Moreno.

Gordo e complacente, Moreno deixara bem claro que considerava qualquer visita de um emissário da matriz não apenas uma intromissão indesejável em seu território, mas também uma afronta à sua competência pessoal. Além disso, sempre que Celia sugeria mudanças nos métodos, ele dizia o que ela sabia agora ser uma resposta padrão na América Latina:

— En este país, así se hace, Señora.

Quando Celia comentou que essa atitude podia consagrar a ineficiência e às vezes ser antiética, foi confrontada com a mesma resposta afável e um dar de ombros.

Uma das preocupações de Celia era a informação inadequada fornecida aos médicos equatorianos sobre os medicamentos do Felding-Roth, em particular sobre os possíveis efeitos colaterais. Quando ela ressaltou esse ponto, Moreno

argumentou:

– Os outros laboratórios fazem a mesma coisa. Portanto, temos de aderir. Falar demais sobre coisas que podem não acontecer nos seria prejudicial.

Celia tinha autoridade para dar ordens, mas sabia que Moreno, como o homem no local e um chefe de vendas vitorioso, haveria de interpretá-las depois como bem lhe aprouvesse, ajudado pelas diferenças de língua.

Agora, na sala de estar da suíte no hotel, as frustrações ainda fervilhando, ela perguntou a Andrew:

– Onde estão as crianças?

– Na cama e dormindo. Resolveram deitar cedo. Tivemos um dia extenuante.

O fato de não ver Lisa e Bruce, algo que aguardava ansiosamente, além do que parecia uma frieza no tom de Andrew, irritou Celia, que disse bruscamente:

– Você não é o único que teve um dia horrível.

– Eu não falei que foi horrível, apenas extenuante. Mas também houve momentos desagradáveis para mim.

Embora nenhum dos dois percebesse, a altitude de Quito, quase três mil metros acima do nível do mar, causava um efeito sobre ambos. Em Celia,

produzia um cansaço físico, agravando o seu ânimo já deprimido. E Andrew tinha uma acuidade aguçada, um nervosismo agressivo, em contraste com a sua serenidade habitual.

— Momentos desagradáveis! — exclamou Celia. — Não dá para entender!

— É sobre isto que estou falando!

Andrew apontou para uma coleção de vidros e caixas de remédios numa mesinha ao lado. Com uma expressão de repulsa, Celia respondeu:

— Já tive demais dessas coisas por hoje e sugiro que você tire tudo daqui.

— Quer dizer que não está interessada?

O tom de Andrew era sarcástico.

— Mas claro que não!

— Para ser franco, eu não esperava mesmo que estivesse. O que tenho aqui se relaciona com os laboratórios farmacêuticos e não é nada agradável.

— Andrew pegou um pequeno recipiente de plástico. — Além de passear com as crianças, fiz compras e algumas perguntas.

Abrindo o recipiente, ele despejou algumas drágeas na mão e estendeu-a.

— Sabe o que é isso?

— Claro que não! — Arriando numa cadeira, Celia tirou os sapatos e deixou-os onde caíram. — E

tem mais, não me importo!

— Pois devia se importar! Isto é Talidomida e comprei hoje numa drogaria local... sem uma receita!

A resposta provocou um sobressalto em Celia. A conversa brusca poderia ter terminado por aí, se Andrew não tivesse continuado:

— A verdade é que pude comprá-la cinco anos depois do tempo em que deveria ser retirada do mercado. E pude comprar também outros medicamentos perigosos, sem as devidas advertências, porque não há órgãos governamentais para insistir em rótulos adequados. Isso é típico da atitude dos laboratórios americanos de não se importarem com coisa alguma, nisso incluído o seu precioso Felding-Roth!

A injustiça, na opinião de Celia, depois de passar um dia inteiro tentando mudar o que Andrew acabara de criticar, levou-a a uma raiva incontrolável. E também privou-a de toda a razão. Ao invés de contar a Andrew, como tencionava fazer depois, ainda naquela mesma noite, a sua frustração com Antônio José Moreno, ela lançou-lhe a sua versão da resposta de Moreno:

— Que diabo você sabe sobre os problemas e regulamentos locais? Que direito você tem de vir até

aqui e dizer aos equatorianos como devem dirigir seu país?

O rosto de Andrew ficou branco.

— Tenho todo o direito por ser um médico! E sei que mulheres grávidas que tomarem estas pílulas gerarão filhos que terão nadadeiras ao invés de braços. Sabe o que o farmacêutico me disse hoje? Que já ouvira falar sobre a Talidomida, mas não sabia que estas pílulas são a mesma coisa, porque têm o nome de Ondasil. E caso você não saiba, Celia, ou não queira saber, a Talidomida tem sido vendida pelos laboratórios farmacêuticos sob 53 nomes diferentes!

Sem esperar por uma resposta, Andrew continuou, cada vez mais furioso:

— Por que sempre tantos nomes diferentes para os remédios? Certamente não é para ajudar os pacientes ou seus médicos. O único motivo que se pode imaginar é semear a confusão e ajudar os laboratórios quando se encontram em dificuldades. Por falar em dificuldade, dê uma olhada nisto!

Pegando um vidro de remédio, Andrew estendeu-o. Celia pôde ler o rótulo: Cloromicetina.

— Se você comprasse este remédio nos Estados Unidos, Celia, haveria um aviso destacado sobre os possíveis efeitos colaterais, especialmente a

discrasia sangüínea fatal. Mas não aqui! Não tem qualquer aviso!

Andrew escolheu mais um vidro na coleção em cima da mesa.

— Também comprei isto hoje. Dê uma olhada na Lotromycina do Felding-Roth, que nós dois conhecemos tão bem. Sabemos que não deve ser usada por qualquer pessoa com função renal deficiente, mulheres grávidas ou que estão amamentando. Mas há um aviso impresso a respeito? Absolutamente nada! Quem se importa se algumas pessoas sofrem ou morrem aqui porque não foram alertadas? Afinal, é apenas o Equador, muito longe de New Jersey. Por que o Felding-Roth deveria se importar? Ou Celia Jordan?

Ela gritou em resposta:

— Como se atreve a me falar desse jeito?

Andrew perdeu agora o controle por completo.

— Eu me atrevo porque testemunhei como você mudou. E mudou pouco a pouco, ao longo de 11 anos. De sentimentos decentes e ideais nobres a não se importar tanto com as coisas, depois relaxando ainda mais enquanto ajudava a vender medicamentos sem receita médica totalmente inócuos e agora chegando a isso... usando desculpas esfarrapadas para justificar algo que você sabe ser

abominável, mas não quer admitir, nem para si mesma.

A voz de Andrew estava agora cada vez mais alta, enquanto ele continuava:

— O que aconteceu com aquela moça idealista que me levou a Lotromycina e queria melhorar a ética da indústria farmacêutica, a mesma que se levantou numa convenção de vendas em Nova York e criticou corajosamente os promotores desonestos? Quer saber o que aconteceu com essa moça? Acho que ela se vendeu!

Andrew fez uma pausa e depois indagou, sarcasticamente:

— A ambição e a promoção valeram isso?

— Seu desgraçado!

Agindo instintivamente, sem qualquer pensamento racional, Celia se abaixou, pegou um dos sapatos que deixara cair momentos antes e jogou com toda força em cima de Andrew. Sua mira foi certa. O salto fino do sapato atingiu-o no lado esquerdo do rosto, abrindo um talho do qual o sangue prontamente jorrou. Mas Celia não percebeu. Cega a tudo o mais, ela lançou palavras impregnadas de veneno:

— O que lhe dá o direito de se mostrar tão superior em questões de moral e ideais? O que

aconteceu com os seus! Onde estavam os seus preciosos ideais quando não tomou qualquer providência em relação a Noah Townsend, deixando-o continuar a exercer a medicina por quase vinte anos, quando ele continuava viciado em drogas e constituía um perigo para si mesmo e para os outros! E não culpe o hospital! A inação deles não desculpa a sua. Você sabe disso muito bem!

Mas Celia não parou por aí, a fúria incontrolável.

— E o que me diz daquele paciente, o pobre coitado do Wyrazik? Foi realmente Noah quem o matou ou foi você! Foi você, porque nada fez quando poderia tomar alguma providência contra Noah, preferindo esperar até que já era tarde demais. Passa noites acordado a pensar nisso, sentindo-se culpado? Pois deveria! E alguma vez se perguntou se não houve outros pacientes que Noah matou durante aqueles cinco anos, outros de que você não tomou conhecimento, mas que morreram por causa da sua negligência! Está-me ouvindo, seu hipócrita? Responda!

Celia parou de falar abruptamente. E parou não apenas porque as palavras se esgotaram, mas também porque nunca vira tanta angústia no rosto

de Andrew. Ele levou a mão à boca e disse baixinho, para si mesma, horrorizada:

— Oh, Deus! O que eu fiz?

E depois não era apenas a angústia no rosto de Andrew, mas o súbito choque por algo que acontecia atrás dela. Acompanhando o olhar do marido, Celia virou-se. Dois vultos pequenos, de pijama, haviam entrado na sala. Em sua fúria incontrolável, pai e mãe tinham esquecido Lisa e Bruce no quarto ao lado.

— Mamãe! Papai!

Era a voz de Lisa, abafada pelas lágrimas. Bruce chorava incontrolavelmente.

Celia correu para os dois, os braços estendidos, também em lágrimas. Mas Lisa foi mais rápida. Esquivando-se da mãe, ela correu para Andrew.

— Papai, você está machucado! — Ela viu o sapato, com sangue no salto. — Oh, mamãe, como pôde fazer isso?

Andrew levou a mão ao rosto, que ainda sangrava. Havia sangue por toda parte... em suas mãos, na camisa, no chão.

Bruce juntou-se a Lisa, agarrando-se ao pai, enquanto Celia olhava, desamparada, culpada, aturdida.

Foi Andrew quem rompeu o impasse,

resolutamente.

– Não! – disse ele às crianças. – Não façam isso! Não devem tomar um lado! Sua mãe e eu fomos tolos. Ambos estávamos errados e nos envergonhamos, conversaremos sobre isso depois. Mas ainda somos uma família e temos de permanecer unidos.

E no instante seguinte os quatro se abraçavam, emocionados, como se nunca mais fossem se separar.

Foi Lisa, com 10 anos, quem se desvencilhou pouco depois, foi ao banheiro e voltou com uma toalha úmida, com a qual, competentemente, limpou o sangue do rosto do pai.

Muito mais tarde, quando as crianças já se encontravam outra vez na cama e dormindo, Andrew e Celia se uniram, fazendo amor com um abandono ardente e incontrolável, muito mais intenso do que experimentavam há um longo tempo. Quase no auge do amor frenético, Celia gritou:

– Mais fundo! Mais fundo! Machuque-me!

E Andrew, renunciando a toda gentileza, apertou-a, esmagou-a, arremeteu com toda força, rudemente, brutalmente, profundamente, sucessivas vezes.

Era como se a fúria anterior liberasse outras paixões além da ira, paixões que subitamente se aglutinavam.

Depois, embora exaustos, eles conversaram pela noite afora, entrando pelo dia seguinte. Mais tarde, Andrew comentaria:

— Era o tipo de conversa que precisávamos ter, mas vínhamos adiando.

O que cada um admitiu foi que, de um modo geral, havia verdades desagradáveis nas acusações do outro.

— Tem razão — admitiu Celia. — Relaxe em alguns padrões que mantinha antes. Nem todos ou sequer a maioria, mas alguns. E houve ocasiões em que preferi ignorar a consciência. Não me orgulho por isso e gostaria de dizer que voltarei a ser como antes. Mas tenho de ser honesta... pelo menos nisso... e dizer que não tenho certeza se serei capaz.

— Acho que tudo isso se relaciona com ficar mais velho — comentou Andrew. — Pensa-se que se é mais sábio, mais experiente... e se é mesmo. Mas também se aprendeu, ao longo do caminho, que há obstáculos e problemas práticos que o idealismo jamais consegue superar. E, por isso, se afrouxa os ideais.

— Tenciono tentar o melhor que puder —

murmurou Celia. — Não quero que tenha sido em vão o que aconteceu aqui entre nós.

— Acho que isso se aplica a nós dois.

Antes, ele dissera a Celia:

— Você tocou num ponto sensível quando perguntou se eu fico às vezes acordado, pensando na morte de Wyrazik e talvez algumas outras. Eu poderia salvar Wyrazik se agisse mais cedo em relação a Noah? A resposta é sim, eu poderia. Não adianta dizer o contrário, viver com ilusões. A única coisa que eu posso dizer é que não há ninguém com alguns anos de medicina que não tenha alguma coisa no passado para se lembrar, sabendo que poderia fazer melhor, talvez salvar alguém que morreu. É claro que isso não deve acontecer com frequência. Mas se acontecer, o melhor que se pode fazer é esperar que a lição aprendida venha a ser usada no futuro em benefício de alguém mais.

Um pós-escrito ao que aconteceu foi que no dia seguinte Andrew precisou de três pontos no rosto, feitos por um médico local, que comentou com um sorriso, quando o paciente se retirava:

— Provavelmente ficará com uma pequena cicatriz, Doutor. Servirá como uma lembrança para sua esposa.

Como Andrew descrevera anteriormente o

talho como o resultado de uma queda, isso mostrava que Quito era um lugar pequeno, onde os rumores se espalhavam depressa.

— Estou profundamente arrependida — disse Celia.

O comentário foi algumas horas depois, quando almoçavam com as crianças.

— Não precisa lamentar tanto — tranqüilizou-a Andrew. — Houve um momento em que senti vontade de fazer a mesma coisa. Mas foi você quem tinha por acaso um sapato à mão. Além do mais, minha mira não é tão boa quanto a sua.

Celia sacudiu a cabeça.

— Não brinque com essas coisas.

Foi nesse momento que Bruce, que se mantivera em silêncio durante toda a refeição, perguntou abruptamente:

— Vocês vão se divorciar agora?

O rostinho sério estava todo contraído e tenso, refletindo a sua profunda preocupação, deixando bem claro que a dúvida o atormentava há algum tempo. Andrew estava prestes a responder jocosamente quando Celia deteve-o com um gesto.

— Brucie, — disse ela, gentilmente, — prometo e juro que isso jamais acontecerá enquanto seu pai e eu vivermos.

— Eu também juro isso — acrescentou Andrew.

O rosto do filho se iluminou num sorriso radiante, o mesmo acontecendo com Lisa.

— Fico feliz — murmurou Bruce.

Parecia um final apropriado para um pesadelo que agora pertencia ao passado.

Houve outras viagens mais felizes durante o lustro que Celia passou no setor internacional de vendas. Para a carreira de Celia, foi um período vitorioso, aumentando ainda mais a sua reputação no Felding-Roth. Apesar da oposição na companhia, ela conseguiu fazer com que os rótulos dos remédios do Felding-Roth vendidos na América Latina se aproximassem dos padrões específicos exigidos por lei nos Estados Unidos. Contudo, como ela admitiu francamente a Andrew, o progresso "não foi grande coisa".

— Chegará o dia em que alguém levantará o problema — previu Celia. — Quando isso acontecer, novas leis ou a opinião pública nos obrigarão a fazer o que deveríamos cumprir desde o início. Mas esse momento ainda não chegou.

Uma idéia cujo momento chegara foi encontrada por Celia no Peru. Ali, uma grande parte dos promotores do Felding-Roth era consti-

tuída por mulheres. Celia descobriu que o fator preponderante não era a libertação feminina, mas sim o aumento das vendas. É considerado uma grosseria no Peru manter uma mulher esperando; assim, nos consultórios, as promotoras eram introduzidas mais depressa nas salas dos médicos, enquanto os concorrentes masculinos podiam ficar à espera por horas.

A descoberta provocou um longo memorando de Celia para Sam Hawthorne, recomendando o recrutamento de mais mulheres para a equipe de vendas do Felding-Roth nos Estados Unidos pelo mesmo motivo. Celia escreveu: "Lembro-me que, no meu tempo de promotora, tinha às vezes de esperar, mas em muitas ocasiões era recebida prontamente. Creio que isso acontecia porque era mulher. Sendo assim, por que não aproveitar essa vantagem?"

Numa conversa subsequente, Sam perguntou:

— O que sugere não é um meio de fazer as mulheres progredirem pelo motivo errado? Não se trata da libertação feminina, mas apenas de aproveitar a feminilidade.

— E por que não? — respondeu Celia. — Há séculos que os homens usam a sua masculinidade, muitas vezes em detrimento das mulheres. Portanto, agora é a nossa vez. De qualquer forma,

homem ou mulher, todos temos direito a tirar o máximo de proveito do que temos.

Ao final, o memorando de Celia foi levado a sério e desencadeou um processo em que o Felding-Roth, durante os anos subseqüentes, foi copiado com o maior entusiasmo pelos outros laboratórios farmacêuticos.

E durante todo esse tempo, além dos negócios farmacêuticos, outros eventos se sucediam. A tragédia do Vietnam tomava vulto e se agravava, com jovens americanos — a nata de uma geração — sendo massacrados por homens pequenos, que pijamas pretos, sem que ninguém entendesse realmente por quê. Um culto ao rock, chamado 'Woodstock Nation', brilhou por um momento e depois se extinguiu. Na Tchecoslováquia, a União Soviética extinguiu brutalmente a liberdade. O Dr. Martin Luther King Jr. e Robert Kennedy foram assassinados. Nixon tornou-se Presidente dos Estados Unidos, Golda Meir a Primeira-ministra de Israel. Jackie Kennedy casou com Aristóteles Onassis, Eisenhower morreu, Kissinger foi à China, Armstrong à lua, Edward Kennedy a Chappaquiddick.

E de repente, em fevereiro de 1972, Sam Hawthorne, aos 51 anos, tornou-se presidente e

principal executivo do Felding-Roth. Sua ascensão ao poder foi súbita e ocorreu num período difícil e crítico na história da companhia.

7

Sam Hawthorne, no jargão da época, era um homem da Renascença. Tinha uma multiplicidade de interesses, entre quatro paredes e fora, intelectuais e atléticos.

Era no fundo um erudito que, apesar do profundo envolvimento com os negócios, conseguia manter vivo um amor permanente e bem-informado pela literatura, pintura e música. Em cidades estrangeiras, por maiores que fossem as pressões do trabalho, Sam sempre dava um jeito de encontrar tempo para visitar livrarias e galerias, comparecer a concertos. Em pintura, gostava muito dos impressionistas, inclinando-se para Monet e Pissarro. Em escultura, sua grande paixão era Rodin. Lilian Hawthorne disse certa vez a uma amiga que em Paris, no jardim do Museu Rodin, vira o marido permanecer imóvel em silêncio por 15 minutos a contemplar Os Burgueses de Calais, a

maior parte do tempo com lágrimas nos olhos.

Em música, a paixão de Sam era Mozart. Ele próprio um competente pianista, embora não chegasse a ser brilhante, gostava de ter um piano em sua suíte de hotel quando viajava, tocando alguma coisa de Mozart, talvez a Sonata N.º 11 em Lá... o solene e vibrante "Andante", o apressado "Minueto" e finalmente o alegre "Rondo", reanimando-se até as alturas depois de um dia cansativo.

O fato de ter um piano no que era geralmente uma suíte de luxo tornava-se possível porque pagava por tais coisas pessoalmente. Tinha condições para isso. Sam era independentemente rico e possuía uma parcela considerável das ações do Felding-Roth, herdadas da mãe, que morrera quando ele ainda era jovem.

A mãe era uma Roth. Sam era o último representante dos clãs Felding ou Roth a participar da administração da companhia. Não que as ligações de família fizessem alguma diferença, se é que alguma, para sua carreira; não importavam coisa alguma, particularmente quando ele se aproximou do topo. Sam conseguira tudo através de sua capacidade e integridade, um fato que todos reconheciam.

Em casa, o casamento de Sam e Lilian Hawthorne era sólido e ambos adoravam Juliet, agora com 15 anos e aparentemente sem ter sido estragada pela adoração.

Em atletismo, Sam fora um corredor de longas distâncias na universidade e ainda gostava de correr pela manhã, bem cedo, várias vezes por semana. Era um tenista entusiástico e relativamente capaz, embora o entusiasmo superasse o estilo. Talvez o maior trunfo de Sam na quadra fosse o voleio violento junto à rede, o que o tornava um parceiro sempre procurado em duplas.

Mas, predominando sobre todos os interesses externos, esportivos ou intelectuais, havia o fato de que Sam Hawthorne era um anglófilo.

Por tanto tempo quanto podia se lembrar, ele adorava visitar a Inglaterra. Sentia profunda admiração e afinidade pela maioria das coisas inglesas... tradições, língua, educação, humor, classe, a monarquia, Londres, o campo, carros clássicos. Em consequência com a última preferência, possuía e guiava todos os dias ao ir trabalhar um espetacular Rolls-Bentley prateado.

Outra coisa que Sam tinha em alta conta era a ciência britânica — não apenas inglesa. Foi essa convicção que o levou a apresentar uma proposta

original e ousada durante os meses iniciais de sua ocupação da presidência do Felding-Roth.

Num relatório confidencial escrito ao conselho-diretor, ele destacou alguns fatos objetivos e desagradáveis.

"Na pesquisa e produção de medicamentos — nossa *raison d'être* — esta companhia passa por um período árido e desolador, que tem se prolongado muito além do experimentado pela indústria em geral. Nossa última grande descoberta foi a Lotromycina, há quase 15 anos. Desde então, enquanto os concorrentes lançam novos e bem sucedidos medicamentos, nós só temos apresentado produtos de menor importância. E também não temos nada de espetacular em perspectiva.

"Tudo isso tem causado um efeito deprimente sobre a reputação e o moral da nossa companhia. Igualmente deprimente tem sido o efeito sobre as finanças. É o motivo pelo qual reduzimos os dividendos no ano passado, uma atitude que provocou uma baixa na cotação de nossa ação, que ainda não recuperou o interesse dos investidores.

"Iniciamos um processo de compressão interna das despesas, mas isso não é suficiente. Dentro de dois ou três anos, se não conseguirmos instituir um programa forte e positivo para o futuro, estaremos

enfrentando uma crise financeira da maior gravidade."

O que Sam não disse foi que seu antecessor, afastado depois de uma confrontação com o conselho-diretor, adotara uma política de "deriva" em alto nível, reduzindo o Felding-Roth ao estado lamentável em que agora se encontrava.

Em vez disso, depois de preparar tudo, Sam entrou em sua proposta, escrevendo:

"Recomendo com empenho e urgência a criação de um Instituto de Pesquisa Felding-Roth na Grã-Bretanha. O instituto deve ser dirigido por um cientista britânico de alto nível. Seria independente de nossas atividades de pesquisa nos Estados Unidos."

Depois de mais detalhes, ele acrescentava: "Estou absolutamente convencido de que o novo setor de pesquisa sugerido reforçaria a nossa área mais crítica e apressaria a descoberta de novos medicamentos de que a nossa companhia tanto precisa."

Por que a Grã-Bretanha?

Prevendo a indagação, Sam antecipara a resposta: "Tradicionalmente, ao longo dos séculos, a Grã-Bretanha tem sido uma líder internacional na pesquisa científica básica. Somente neste século,

consideremos algumas das grandes descobertas de origem britânica que mudaram drasticamente a nossa vida — penicilina, televisão, radar moderno, o avião a jato, para enunciar apenas quatro.

"É claro que foram companhias americanas que desenvolveram essas invenções e colheram os benefícios comerciais... por causa da capacidade excepcional dos americanos de desenvolver e comercializar, uma capacidade de que os britânicos carecem com tanta freqüência. Mas as descobertas originais, nesses e em outros casos, foram britânicas.

"Se me perguntarem por um motivo, eu diria que há diferenças fundamentais e inerentes entre a educação superior britânica e a americana. Cada sistema possui os seus valores positivos. Mas, na Grã-Bretanha, as diferenças produzem uma curiosidade acadêmica e científica que não tem igual em parte alguma.. É justamente essa curiosidade que podemos e devemos orientar em nosso proveito."

Sam discorria longamente sobre custos e depois concluía: "Pode-se argumentar que iniciar um projeto tão custoso neste momento crítico da existência da nossa companhia é imprudente e desavisado. É claro que um novo instituto de pesquisa será um pesado fardo financeiro. Mas creio

que seria ainda mais imprudente, ainda mais desavisado, continuar à deriva e não adotar qualquer ação firme, positiva e ousada para o futuro... uma ação que é necessária agora!"

A oposição ao plano de Sam Hawthorne aflorou com rapidez e força surpreendentes.

A proposta, como alguém disse, "mal acabara de sair da máquina Xerox" e começando a circular entre os diretores e alguns altos executivos quando o telefone de Sam passou a tocar insistentemente, os interlocutores com muitas objeções veementes.

— Reconheço que os britânicos já tiveram suas glórias científicas, — alegou um diretor, — mas atualmente as realizações americanas são muito superiores. Portanto, Sam, toda a sua argumentação é ridícula.

Outros se concentraram — como um membro do conselho exprimiu furioso — "no absurdo de localizar um centro de pesquisa num país fraco, esgotado e ultrapassado".

— Parece até que eu sugeri cancelar a Declaração de Independência e nos levar de volta à situação colonial — confidenciou Sam a Lilian, algumas noites depois, durante o jantar.

Uma coisa que Sam estava aprendendo depressa era que ocupar o mais alto cargo da

companhia não lhe dava carta branca para fazer o que desejasse nem o libertava dos meandros e labirintos da política empresarial.

Um hábil praticante da política interna era o diretor de pesquisa, Vincent Lord, que também se opôs imediatamente à proposta de Sam. Embora concordasse que se devia investir mais dinheiro em pesquisa, o Dr. Lord descreveu a idéia de fazê-lo na Inglaterra como "ingênua" e a opinião de Sam Hawthorne sobre a ciência britânica como "pensamento de jardim de infância, baseado num mito de propaganda".

As palavras excepcionalmente fortes, até mesmo insultuosas, estavam num memorando endereçado a Sam, com uma cópia para um antigo e aliado de Vincent Lord no conselho-diretor. Na primeira leitura do memorando, Sam ferveu de raiva. Deixando sua sala, foi procurar Vincent Lord no próprio território do diretor de pesquisa.

Caminhando sobre os assoalhos impecavelmente envernizados dos corredores margeados de vidro e com ar-condicionado da divisão de pesquisa, Sam pensou nos muitos milhões de dólares, virtualmente quantias ilimitadas, investidas pelo Felding-Roth em equipamentos de pesquisa — modernos,

computadorizados, cintilantes, ocasionalmente misteriosos — alojados em laboratórios aprazíveis e espaçosos, operados por um exército de cientistas e técnicos em jalecos brancos. O que ali estava representado era o sonho de um cientista acadêmico, mas era uma norma para todos os grandes laboratórios farmacêuticos. O dinheiro aplicado na pesquisa de medicamentos raramente era limitado, se e que alguma vez isso acontecia. Eram somente os detalhes específicos do investimento que às vezes se tornavam um alvo de controvérsia como agora.

Vincent Lord estava em sua sala, forrada de livros, muito bem iluminada. A porta se achava aberta e Sam Hawthorne entrou, acenando com a cabeça para uma secretária que chegara a fazer menção de detê-lo... mudando de idéia ao reconhecê-lo. O Dr. Lord, de jaleco branco por cima da camisa, sentava à sua mesa, franzindo o rosto, como tantas vezes fazia, no momento sobre um papel que lia. Levantou o rosto, surpreso, os olhos escuros espiando pelos óculos sem aros, o rosto ascético deixando transparecer contrariedade pela intromissão não anunciada. Sam trazia o memorando de Lord. Pondo-o na mesa, ele declarou:

— Vim falar-lhe sobre isto.

O diretor de pesquisa fez menção meio indiferente de se levantar, mas Sam acenou-lhe para que continuasse sentado.

— Um encontro informal, Vincent. Informal e franco.

Lord olhou para o memorando na mesa, inclinando-se para a frente, míope, a fim de confirmar o assunto.

— De que você não gosta?

— Do conteúdo e do tom.

— O que mais?

Sam pegou o memorando e virou-o.

— Está muito bem datilografado.

— Agora que virou o chefão, Sam, — disse Lord, com um sorriso sardônico, — imagino que gostaria de estar cercado por uma porção de homens que só sabem concordar com tudo o que diz.

Sam Hawthorne suspirou. Conhecia Vincent Lord há 15 anos, acostumara-se ao comportamento difícil do diretor de pesquisa, estava disposto a lhe conceder o devido desconto. E respondeu suavemente:

— Sabe muito bem que isso não é verdade. O que eu quero é uma discussão objetiva e

argumentos melhores para discordar de mim do que você apresentou.

— Por falar em discussão objetiva, — disse Lord, abrindo uma gaveta e tirando uma pasta, — protesto contra uma declaração sua.

— Qual delas?

— Sobre a nossa pesquisa. — Consultando a pasta, Lord leu um trecho da proposta de Sam para a criação do instituto britânico. — "Enquanto os concorrentes lançam novos e bem sucedidos medicamentos, nós só temos apresentado produtos de menor importância. E também não temos nada de espetacular em perspectiva."

— Prove que estou errado.

— Temos diversos desenvolvimentos promissores em perspectiva. Vários dos cientistas jovens que contratei estão trabalhando...

— Sei de todas essas coisas, Vince. Já esqueceu que li seus relatórios? E também aplaudo o talento que você recrutou.

Era verdade, pensou Sam. Um dos predicados de Vincent Lord, ao longo dos anos, fora a sua capacidade de atrair alguns dos melhores cientistas novos. Um motivo para isso era o fato da reputação de Lord ainda ser muito alta, apesar de não ter conseguido a grande descoberta que há tanto tempo

se esperava dele. Também não havia qualquer insatisfação concreta com o trabalho de Lord como diretor de pesquisa; o período de aridez era um desses infortúnios que aconteciam com os laboratórios farmacêuticos, mesmo quando os melhores elementos chefiavam seus setores científicos.

— Os relatórios de progresso que mando para você são sempre analisados com todo cuidado, Sam. Tenho de ser cauteloso e não deixar que você e o pessoal da comercialização se animem demais com algo que ainda é experimental.

— Sei disso e aceito sua posição.

Sam estava consciente de que em qualquer laboratório farmacêutico havia um perpétuo cabode-guerra entre vendas e produção de um lado e a pesquisa de outro. O pessoal de vendas costumava dizer:

— A pesquisa sempre quer ter 110 por cento de certeza sobre todos os detalhes antes de anunciar: "Muito bem, vamos em frente."

O setor industrial também se mostrava ansioso em organizar a produção, a fim de não ser surpreendido com uma demanda inesperada, quando um novo remédio era vendido em grande quantidade. Mas, no outro lado da equação, os

pesquisadores acusavam a turma da comercialização de "querer lançar precipitadamente no mercado um produto que só está 20 por cento comprovado, apenas para vencer os concorrentes e levar uma vantagem inicial nas vendas".

— O que lhe direi agora e que não consta dos meus relatórios, Sam, é que estamos obtendo bons resultados com dois compostos... um diurético e um anti-inflamatório para artritismo reumático.

— Isso é excelente notícia.

— Há também o nosso pedido para o Derogil dependendo da aprovação da A AM.

— O novo anti-hipertensivo. — Sam sabia que o Derogil, para controlar a pressão alta, não era uma droga revolucionária, mas podia dar bastante lucro.

— Como está nosso pedido?

Lord respondeu, irritado:

— Não se tem notícias. Aqueles idiotas pomposos em Washington... — Ele fez uma pausa.

— Irei até lá outra vez na próxima semana.

— Ainda não acho que minha declaração tenha sido errada, Vince. Mas já que você se ressentido tanto, eu a modificarei quando o conselho se reunir.

Vincent Lord acenou com a cabeça, como se a concessão não fosse mais do que uma obrigação que lhe era devida.

— Há também a minha pesquisa sobre a extinção dos radicais livres. Sei que, depois de tanto tempo, você não acredita que nada resulte...

— Eu nunca disse isso, Vince. Absolutamente nunca! Você pode não acreditar às vezes, mas alguns por aqui têm-lhe a maior fé. E também sabemos que as descobertas não ocorrem depressa ou com facilidade.

Sam tinha apenas uma vaga idéia do que estava envolvido na extinção dos radicais livres. Sabia que o objetivo era eliminar os efeitos tóxicos em geral. Era uma coisa em que Vincent Lord perseverava há uma década. Se os resultados fossem favoráveis, haveria grandes possibilidades comerciais. Mas isso era tudo.

— Nada do que falou, — disse Sam, levantando-se, — muda a minha opinião de que criar um centro de pesquisa britânico é uma boa idéia.

— E eu ainda me oponho porque é uma coisa desnecessária. — A resposta do diretor de pesquisa foi inflexível, embora ele ressaltasse: — Mesmo que o seu plano seja executado, deveríamos controlar daqui.

Sam Hawthorne sorriu.

— Discutiremos isso depois, se e quando.

Mas Sam sabia que deixar Vincent Lord controlar o novo instituto de pesquisa britânico seria a última coisa que permitiria que acontecesse.

Depois que ficou sozinho, Lord foi até a porta e fechou-a. Voltando, arriou em sua carreira, desconsolado. Sentia que a proposta para um instituto de pesquisa na Inglaterra seria aprovada, apesar de sua oposição, encarava o novo desenvolvimento como uma ameaça à sua posição, um sinal de que o seu domínio científico na companhia começava a se esfacelar. E por quanto mais continuaria assim, perguntava-se ele, antes que fosse completamente ofuscado?

Seria muito diferente, refletiu ele, sombriamente, se sua pesquisa pessoal progredisse melhor e mais depressa do que vinha acontecendo. Como estava, o que ele tinha a mostrar por sua vida na ciência?

Estava agora com 48 anos, não era mais o jovem e brilhante cientista com um Ph.D recentemente conquistado. Sabia que até mesmo algumas de suas técnicas e conhecimentos estavam superados. É verdade que ainda lia muito e se mantinha informado. Contudo, esse tipo de conhecimento nunca era o mesmo que o envolvimento original no campo científico em que

se desenvolvia a sua competência — a química orgânica; transformada em arte, de tal maneira que para sempre, se tinha instinto e experiência a orientá-lo. No novo campo da engenharia genética, por exemplo, ele não se sentia realmente à vontade, como os jovens cientistas que agora saíam das universidades, alguns recrutados por ele para o Felding-Roth.

E, no entanto, ele raciocinou — e tranqüilizou-se — apesar das mudanças e dos conhecimentos recentes, a possibilidade de uma abertura titânica com o trabalho que vinha realizando ainda persistia, ainda podia se consumir a qualquer momento. Existia uma resposta dentro dos parâmetros da química orgânica... uma resposta a suas perguntas, formuladas ao longo de incontáveis experiências, durante 10 longos anos de pesquisas angustiantes.

A extinção dos radicais livres.

Juntamente com a resposta, Vincent Lord sabia que haveria enormes benefícios terapêuticos e possibilidades comerciais ilimitadas, que Sam Hawthorne e outros na companhia, em sua ignorância científica, até agora não haviam percebido.

O que representaria a extinção dos radicais livres?

A resposta: uma coisa essencialmente simples, mas espetacular.

Como todos os cientistas em seu campo, Vincent Lord sabia que muitas drogas, quando em ação no corpo humano e como parte do metabolismo geravam "radicais livres". Eram elementos nocivos ao tecido saudável e a causa de efeitos colaterais adversos, às vezes até a morte.

A eliminação ou "extinção" dos radicais livres significaria que as drogas benéficas, outras drogas, que anteriormente não podiam ser usadas em seres humanos por causa de efeitos colaterais perigosos, podiam ser tomadas por qualquer um com impunidade. E drogas proibidas, até então usadas apenas com grande risco, poderiam ser absorvidas tão facilmente quanto aspirina.

Os médicos não mais precisariam, quando receitando para seus pacientes, se preocuparem com a toxicidade das drogas. Não mais seria necessário que os pacientes de câncer sofressem agonias das drogas quase letais, que às vezes os mantinham vivos, mais igualmente os torturavam com frequência e depois matavam de outra causa que não o câncer. Os efeitos benéficos dessas e de todas as outras drogas persistiriam, mas os efeitos letais seriam anulados pela extinção dos radicais livres.

O que Vincent Lord esperava produzir era uma droga para se acrescentar a outras drogas, a fim de torná-las absolutamente seguras.

E era perfeitamente possível. A resposta existia. Estava ali. Escondida, esquivada, mas esperando para ser descoberta.

E Vincent Lord, depois de 10 anos de busca, acreditava estar próximo da resposta esquivada. Podia farejá-la, senti-la, quase saborear o néctar do sucesso.

Mas por quanto mais tempo? Ah, por quanto mais tempo teria de esperar?

Abruptamente, ele empertigou-se na cadeira. Com um esforço de vontade, livrou-se da depressão que o dominava. Abrindo uma gaveta da mesa, pegou uma chave. Iria agora — mais uma vez — ao laboratório particular, a poucos passos de distância pelo corredor, onde desenvolvia seu trabalho de pesquisa.

8

O amigo e aliado de Vincent Lord no conselho diretor do Felding-Roth era Clinton Etheridge, um

advogado de Nova York bem sucedido e proeminente, que tinha pretensões a conhecimento científico. As pretensões se baseavam no fato de que, por dois anos, quando jovem Etheridge estudara medicina, antes de resolver mudar para o direito. Um conhecido assim descreveu cinicamente a mudança:

— Clint diagnosticou onde estava o dinheiro grande e receitou um curso de direito para obtê-lo.

Etheridge estava agora com 53 anos. O fato de seus breves e incompletos estudos médicos terem ocorrido mais de um quarto de século antes nunca o impedia de fazer pronunciamentos confiantes em questões científicas, no seu melhor estilo de tribunal, com a insinuação implícita de que deveriam ser gravados em pedras e conservados para a posteridade.

Convinha aos propósitos de Lord lisonjear Etheridge, parecendo tratá-lo como um igual científico. Assim, as opiniões do diretor de pesquisa eram muitas vezes apresentadas ao conselho diretor do Felding-Roth, com a gratificação adicional, para Vincent Lord, da persuasão eficiente de um advogado.

Portanto, não foi de surpreender que, numa reunião convocada para analisar a proposta de Sam

Hawthorne para um instituto de pesquisa britânico, Clinton Etheridge liderasse a oposição.

A reunião foi na sede do Felding-Roth, em Boonton, New Jersey. Quatorze dos 16 diretores — todos os homens — sentaram em torno da tradicional mesa de noqueira da sala de reunião. Etheridge, que era alto, um pouco encurvado e cultivava uma imagem lincolniana, começou jovialmente:

— Por acaso estava esperando, Sam, que se essa coisa pró-britânica fosse aprovada, eles ficariam tão satisfeitos por lá que o convidariam para o chá no Palácio de Buckingham?

Sam aderiu aos risos gerais e depois respondeu:

— O que estou realmente querendo, Clint, é um longo fim de semana no Castelo de Windsor.

— Imagino que é um objetivo que se pode alcançar... mas na minha opinião o único. — O advogado ficou sério. — O que você propõe me parece ignorar a extraordinária capacidade científica e as grandes realizações de nosso país... e seu país também.

Sam pensara muito naquela reunião e não tencionava permitir que o comando lhe escapasse.

— Não ignorei absolutamente as conquistas científicas americanas. Como poderia? Afinal, estão

ao nosso redor, basta olhar. Quero apenas complementá-las.

Outro diretor interveio:

— Pois então vamos usar o nosso dinheiro para complementá-las aqui.

— Os próprios britânicos criaram um mito sobre a superioridade da ciência de sua pequena ilha — persistiu Etheridge. — Mas se isso fosse verdade, porque a Inglaterra enfrenta o que se costuma chamar de "evasão de cérebros"... com tantos dos seus melhores cientistas correndo para cá, a fim de trabalharem em pesquisas nos Estados Unidos?

— Fazem isso principalmente porque nossas instalações são melhores e porque há mais dinheiro disponível para o pessoal e o equipamento — respondeu Sam. — Mas a sua pergunta, Clint, apóia meu argumento. Este país acolhe os cientistas britânicos por causa de sua extraordinária qualidade.

— Na sua opinião, Sam, — perguntou Etheridge, — qual é a área de pesquisa científica, relacionada com esta indústria, mais importante no momento?

— Sem qualquer dúvida, a engenharia genética.

— Exatamente. — O advogado acenou com a

cabeça, satisfeito com a resposta. — E não é verdade... e falo com algum conhecimento científico, como você bem sabe... que os Estados Unidos têm liderado o mundo no campo genético?

Sam sentiu-se tentado a sorrir, mas não o fez. Para variar, o pseudocientista se deixara ser desinformado.

— Para ser franco, Clint, isso não é verdade — respondeu Sam. — Já em 1651, na Inglaterra, William Harvey estudou o desenvolvimento do pinto no ovo, fixando assim as fundações dos estudos genéticos. E foi também na Inglaterra, em 1908, que se iniciaram os estudos de genética bioquímica. Houve descobertas, com uma grande contribuição de um geneticista americano, Dr. Hermann Müller, na década de 1920 em diante. Mas uma realização notável, às vezes classificada como "uma explosão na ciência genética", ocorreu também na Inglaterra... em Cambridge, em 1953, quando os Drs. Watson e Crick descobriram a estrutura da molécula DNA, pelo que ganharam um Prêmio Nobel.

Sam fez uma pausa e se permitiu agora um sorriso.

— Diga-se de passagem que o Dr. Watson nasceu nos Estados Unidos, o que comprova que a

ciência básica é internacional.

Vários diretores riram e Etheridge teve a classe de parecer pesaroso.

— Como dizem os advogados, há perguntas que gostaríamos de retirar. — Mas, inabalável, ele acrescentou: — Nada do que foi dito altera a minha opinião de que a ciência americana não perde para qualquer outra. E estou igualmente convencido de que a qualidade da nossa pesquisa será prejudicada se nos espalharmos demais, abrindo instalações em outro país.

Houve murmúrios de concordância até que outro diretor, Owen Norton, bateu com a mão na mesa bruscamente, a fim de atrair atenção. Recebeu-a prontamente.

Norton, uma presença prestigiada e autoritária, de setenta e poucos anos, era presidente do conselho de administração e grande acionista de um império de comunicações, que incluía uma rede de televisão. De um modo geral, todos concordavam que o Felding-Roth era afortunado por tê-lo em seu conselho. Agora, tendo conquistado a atenção de todos, ele falou incisivamente, em voz alta e desagradável:

— Gostaria de lembrar a todos que estamos discutindo... ou deveríamos estar... os problemas

graves e importantes que esta companhia enfrenta. Escolhemos Sam Hawthorne para presidente porque achamos que ele ofereceria liderança, idéias e orientação. Ele apresenta agora uma proposta que engloba as três coisas. E o que acontece aqui? Estamos sendo exortados por Clint e outros a descartar a proposta sumariamente. Pois eu não farei isso.

Owen Norton olhou para Etheridge, com quem já se confrontara em reuniões anteriores. Sua voz tornou-se sarcástica quando continuou:

— Também acho, Clint, que você deve guardar a sua polêmica juvenil e demagógica para um júri que seja menos informado do que os membros deste conselho.

Houve um silêncio momentâneo, durante o qual Sam Hawthorne refletiu como as pessoas de fora ficariam surpresas se descobrissem que as reuniões das grandes corporações raramente eram conduzidas no alto nível intelectual que se poderia imaginar. Embora se pudesse chegar a decisões sábias e ponderadas, havia com freqüência uma quantidade surpreendente de argumentos de baixo nível e discussões mesquinhas.

— Que importância tem qual é a ciência superior... se a britânica ou a nossa? — acrescentou

Norton. — Não é esse o problema.

— Então qual é? — perguntou um diretor.

Norton bateu com o punho na mesa.

— Diversificação! Em qualquer negócio, inclusive o meu, é às vezes uma grande vantagem ter uma segunda equipe de cérebros, completamente separada e independente. E talvez a melhor maneira de se conseguir essa separação é pôr um oceano entre as duas.

— E é também uma maneira de deixar que os custos escapem ao controle — comentou alguém.

O debate prolongou-se por quase uma hora, com mais oposição aflorando e idéias alternativas sendo apresentadas. Mas diversos diretores apoiaram a proposta de Sam, um apoio fortalecido pela posição de Owen Norton. Ao final, a oposição se desvaneceu. A proposta original acabou sendo aprovada por 12 a 1, sendo de Clinton Etheridge o único voto discordante.

— Obrigado, senhores — disse Sam. — Estou absolutamente convencido de que alguma coisa produtiva resultará desta decisão.

Mais tarde, naquele mesmo dia, ele chamou Celia para uma reunião. E foi logo dizendo, sem perder tempo em preliminares:

— Você muda de posto. Deixará a Divisão

Internacional. Seu novo cargo é de assistente especial do presidente e vai me assessorar na criação de um instituto de pesquisa britânico.

— Está certo.

Celia ficou deliciada com a notícia, mas manteve um tom tão incisivo quanto o de Sam. Ela achava que Sam estava apresentando sinais de algumas das pressões que inevitavelmente se acumulavam sobre a sua cabeça. A calvície era agora quase que total, restando apenas uma orla cabelos. Por seu lado, pensou Celia, haveria tempo para comemoração naquela noite, quando partilhasse a notícia com Andrew. E ela perguntou:

— Quando começo?

Mentalmente, Celia já calculava quanto tempo levaria para transferir suas responsabilidades latino-americanas. Um mês deveria ser suficiente.

— Eu preferia que fosse esta tarde — respondeu Sam. — Mas teremos de arrumar uma sala para você. Portanto, deixaremos para as nove horas de amanhã.

— Esta nova missão sua não vai demorar muito — explicou Sam a Celia, no dia seguinte. — Sua principal função será ajudar a instalar o nosso instituto de pesquisa britânico e pô-lo em operação. Eu gostaria que isso fosse feito em um ano... quanto

mais cedo, no entanto, será melhor. Depois disso, o mais depressa possível, encontraremos outra coisa para você fazer.

As prioridades, continuou Sam, eram encontrar e contratar um cientista britânico para dirigir o instituto, decidir em que lugar da Grã-Bretanha deveria ser localizado, comprar ou alugar um prédio... de preferência já em condições ou podendo ser adaptado rapidamente para o seu novo propósito.

Tudo seria feito com a máxima urgência... e fora por isso que Celia tivera de largar tão subitamente a Divisão Internacional. Sam comandaria pessoalmente a busca de um diretor científico competente e prestigioso, embora Celia devesse ajudar no que fosse necessário. Ela cuidaria de todo o resto, oferecendo as recomendações para Sam e os outros aprovarem.

Tanto Sam como Celia partiriam para a Inglaterra na semana seguinte. Antes disso, porém, consultariam Vincent Lord, que apesar de sua oposição ao projeto era bem informado sobre a ciência e os cientistas britânicos e poderia ter candidatos a sugerir.

A conversa com o Dr. Lord ocorreu poucos dias depois, na sala de Sam, com Celia presente.

Para surpresa de Celia, Vincent Lord mostrou-se cooperativo, até mesmo amistoso, na medida em que tinha essa capacidade. Sam, que conhecia as circunstâncias melhor do que Celia, poderia compreender o motivo. Com o Felding-Roth agora empenhado em pesquisa na Grã-Bretanha, Lord queria manter o controle. Mas Sam ainda estava determinado a não permitir que isso acontecesse.

— Preparei uma lista de candidatos em potencial — informou Lord. — Terá de procurá-los discretamente, porque são professores em universidades ou estão contratados por nossos concorrentes.

Sam e Celia examinaram a lista, que continha oito nomes.

— Seremos discretos, — prometeu Sam, — mas também agiremos com toda rapidez.

— Enquanto estiverem lá, há mais uma coisa que poderiam cuidar. — Lord retirou uma batelada de papéis e cartas de uma pasta. — Venho me correspondendo com um jovem cientista da Universidade de Cambridge. Ele realiza um trabalho dos mais interessantes sobre o envelhecimento mental e a doença de Alzheimer. Mas ficou sem dinheiro e quer uma subvenção.

— Alzheimer? — repetiu Celia. — Não é

quando o cérebro pára de funcionar?

Lord assentiu.

— Uma parte do cérebro. A memória desaparece. O estado começa lentamente e vai-se agravando.

Apesar da aversão anterior do diretor de pesquisa a Celia, ele passara a aceitá-la como um acessório inevitável da companhia e influente ainda por cima; portanto, a persistência do antagonismo não teria o menor sentido. Os dois haviam progredido ao ponto de se tratarem pelos primeiros nomes... a princípio com algum constrangimento, depois com facilidade.

Sam pegou as cartas que Lord estendia, deu uma olhada e leu em voz alta:

— Dr. Martin Peat-Smith. — Passando-as para Celia, ele perguntou a Lord: — Recomenda uma subvenção?

O diretor de pesquisa deu de ombros.

— É um tiro no escuro. A doença de Alzheimer tem desconcertado os cientistas desde que foi diagnosticada pela primeira vez, em 1906. O que Peat-Smith está fazendo é estudar o processo de envelhecimento do cérebro, esperando descobrir sua causa.

— Quais são as suas possibilidades?

— Mínimas.

— Podemos investir algum dinheiro — disse Sam. — Se tivermos tempo, conversarei com ele. Mas outras coisas têm prioridade.

Celia, que estava examinando as cartas, perguntou:

— O Dr. Peat-Smith é um possível candidato a diretor do instituto?

Lord ficou surpreso.

— Não.

— Por que não?

— Por um lado, porque ele é muito jovem.

Celia baixou os olhos para o que estivera lendo.

— Ele tem 32 anos. — Ela sorriu. — Não era mais ou menos a sua idade quando começou aqui, Vince?

Ele respondeu tensamente, um pouco de sua irritação normal aflorando:

— As circunstâncias eram diferentes.

— Vamos falar sobre estes outros nomes — disse Sam, pegando a lista original. — Informe-me sobre eles, Vince.

Junho de 1972. Londres era uma explosão de aparato e cor, Celia estava adorando.

Nos parques e jardins públicos, uma profusão de flores — rosas, lilases, azaléias, íris — povoava o ar de fragrância. Turistas e londrinos se deleitavam ao sol quente. A Parada da Cor — a celebração militar do aniversário da Rainha — foi um espetáculo deslumbrante, à música das bandas reunidas. No Hyde Park, cavaleiros elegantemente trajados trotavam pelo Rotten Row. Ali perto, ao longo do Serpentine, crianças alegres alimentavam os patos, que competiam pelo espaço na água com os banhistas. Em Epsom, o Derby fora corrido num ambiente de tradição, pompa e alvoroço, a vitória ficando com o potro Roberto e o jóquei Lester Piggott, montando pela sexta vez um vencedor.

— Estar aqui neste momento não dá a impressão de trabalho — comentou Celia para Sam um dia. — Sinto como se tivesse de pagar à companhia pelo privilégio.

Ela estava hospedada no Berkeley, em Knightsbridge, de onde saíra durante as últimas semanas para verificar mais de uma dúzia de possí-

veis locações para o instituto de pesquisa do Felding-Roth. Celia estava sozinha, já que Andrew não pudera largar o consultório para acompanhá-la. Sam e Lilian Hawthorne estavam no Claridge's.

E foi para a suíte dos Hawthornes no Claridge's que Celia levou suas notícias e uma opinião, na terceira semana de junho.

— Viajei por todo o país, Sam. Estou convencida de que o melhor lugar para instalarmos o instituto é em Harlow, Essex.

— Nunca ouvi falar — comentou Lilian.

— Deve ser porque Harlow é uma pequena aldeia — explicou Celia. — Passou a ser agora uma coisa que se chama "cidade nova", uma das trinta e tantas estabelecidas pelo governo britânico, que vem tentando afastar as pessoas e a indústria das grandes cidades.

Ela fez uma pausa, antes de continuar:

— O local se ajusta a todas as nossas necessidades. Fica próximo de Londres, conta com um excelente serviço ferroviário, boas estradas e um aeroporto não muito longe. Há bastantes casas e escolas, com o campo aberto ao redor... um lugar maravilhoso para a equipe residir.

- Tem algum prédio que nos sirva? — indagou Sam.

— Também tenho notícias sobre isso. — Celia consultou suas anotações. — Uma companhia chamada Comthrust, que fabrica pequenos equipamentos de comunicações... sistema de interfone, alarmes contra ladrões, coisas assim... construiu uma fábrica em Harlow, mas teve dificuldades financeiras. Agora, não tem condições de manter a fábrica, que tem mais ou menos a área que queremos. O prédio nunca foi ocupado e a Comthrust está querendo efetuar uma venda rápida e à vista.

— O prédio, pode ser convertido aos nossos propósitos?

— Com a maior facilidade. — Celia desdobrou diversas plantas. — Aqui estão as plantas. E também já conversei com um empreiteiro.

Lilian anunciou neste momento:

— Enquanto vocês ficam discutindo esses insípidos problemas de trabalho, vou sair para fazer compras no Harrod's.

Dois dias depois, Sam e Celia foram de carro até Harlow. Enquanto Sam guiava um Jaguar alugado pelo tráfego matutino que saía de Londres, seguindo para o norte, Celia lia a edição daquele dia do International Herald Tribune.

As conversações sobre a paz no Vietnam, que

havam sido suspensas, recomeçariam em breve em Paris, previa uma matéria na primeira página. Num hospital de Maryland, uma bala fora removida da espinha do Governador George Wallace, do Alabama, alvejado um mês antes. O Presidente Nixon, oferecendo a sua própria avaliação sobre a guerra do Vietnam, assegurara aos americanos:

— Hanói está perdendo o seu jogo desesperado.

Uma notícia de Washington, que parecia merecer uma atenção insólita, descrevia um assalto... o arrombamento da sede nacional do Partido Democrata, num lugar chamado Watergate. Parecia uma coisa sem a menor importância. Celia, desinteressada, largou o jornal, perguntando a Sam:

— Como foram as suas últimas entrevistas?

Ele fez uma careta.

— Não muito bem. Você tem feito um progresso melhor do que o meu.

— Lugares e prédios são mais fáceis do que pessoas, Sam.

Ele vinha trabalhando na lista de Vincent Lord de candidatos em potencial para dirigir o instituto. E confidenciou a Celia:

— A maioria dos que encontrei até agora é muito parecida com Vince... homens de hábitos

acendrados, preocupados com a posição, os melhores anos de pesquisa provavelmente já no passado. O que estou procurando é alguém transbordando com idéias, altamente qualificado, como não pode deixar de ser, possivelmente jovem.

— Como saberá que descobriu alguém assim?

— Eu saberei. — Sam sorriu. — Talvez seja como se apaixonar. Não se tem certeza por quê. Quando acontece, simplesmente se sabe.

Os 37 quilômetros entre Londres e Hatlow foram percorridos em meio a um tráfego crescente. Depois, deixando a estrada principal, a A414, eles entraram numa área de bulevares largos e arborizados, com casas aprazíveis, separadas em muitos casos por campos abertos. As áreas industriais eram discretamente apartadas, escondidas dos setores residenciais e recreativos da cidade. Algumas estruturas antigas estavam preservadas. Ao passarem por uma igreja do século XI, Sam parou o carro e disse:

— Vamos saltar e dar uma volta.

Enquanto passeavam contemplando a mistura de rural e moderno, Celia comentou:

— Esta é uma região de vida humana muito antiga. Já se encontrou aqui relíquias da Idade da Pedra, com 200 mil anos. Os saxões estiveram aqui.

O nome Harlow é saxão, significando "a colina do exército". E no primeiro século da era cristã os romanos fizeram um povoado aqui, construindo um templo.

— Tentaremos acrescentar uma contribuição nossa à história — disse Sam. — Onde fica a tal fábrica que viemos ver?

Celia apontou para oeste.

— Fica por trás daquelas árvores. É uma área industrial chamada Pinnacles.

— Vamos dar uma olhada.

Era a metade da manhã.

Sam contemplou o prédio silencioso e desocupado, na frente do qual parou o Jaguar. Uma parte, destinada a mostruário e escritórios, era de concreto e vidro, com dois andares. O restante era uma estrutura de aço revestida com metal, num único nível, projetado como uma espaçosa oficina. Mesmo de fora, Sam podia constatar que era procedente o que Celia informara... o prédio poderia ser rapidamente convertido em laboratórios de pesquisa.

Um pouco à frente deles havia outro carro estacionado. A porta se abriu e um homem meio gordo, de meia-idade, saltou e se aproximou do Jaguar. Celia apresentou-o como o Sr. LaMarre,

representante da agência imobiliária com quem ela marcara encontro. Depois dos apertos de mão, LaMarre tirou do bolso um molho de chaves e sacudiu, dizendo amavelmente:

— Não há sentido de comprar o estábulo sem dar uma olhada no feno.

Eles se encaminharam para a entrada principal. Meia hora depois, Sam puxou Celia para um lado e lhe disse:

— Servirá perfeitamente. Pode avisar ao homem que estamos interessados. Depois, dê instruções a nossos advogados para iniciarem as negociações. E diga a eles para fecharem o negócio o mais depressa possível.

Enquanto Celia ia falar com LaMarre, Sam voltou ao Jaguar. Poucos minutos depois, quando ela também entrou no carro, Sam disse:

— Esqueci de lhe informar que vamos dar um pulo a Cambridge. Como Harlow fica na metade do caminho para lá, marquei um encontro com o Dr. Peat-Smith... o que está fazendo a pesquisa sobre envelhecimento cerebral e doença de Alzheimer e pediu uma subvenção.

— Fico contente por saber que encontrou tempo para ele — comentou Celia. — Pensava que não seria possível.

Depois de uma hora de viagem pelos campos, ao sol forte, eles entraram na Trumpigton Street, em Cambridge, pouco depois de meio-dia.

— Esta é uma cidadezinha adorável e venerável — disse Sam. — À esquerda está Peterhouse... o colégio mais antigo. Já estive aqui antes?

Celia, fascinada por uma sucessão de prédios antigos e históricos, murmurou:

— Nunca.

Sam parara no caminho para telefonar e combinar um almoço no Garden House Hotel. Martin Peat-Smith os encontraria ali.

O pitoresco hotel ficava num lugar idílico, próximo dos "Backs", os jardins projetados que constituíam a espetacular paisagem por trás de muitos colégios, e ao lado do Rio Cam, onde pessoas passeavam em botes empurrados lentamente com varas, às vezes sem rumo certo.

Peat-Smith avistou-os primeiro no saguão do hotel e se adiantou. Celia teve uma rápida impressão de um homem ainda jovem, corpulento, cabelos louros desgrehados que precisavam ser aparados, um sorriso súbito e infantil, contraindo um rosto rude, de queixo quadrado. O que mais Peat-Smith pudesse ser, pensou Celia, certamente não era um homem bonito. Mas ela teve o

pressentimento de se defrontar com uma personalidade forte e determinada.

— Sra. Jordan e Sr. Hawthorne, eu presumo?

A voz incisiva, refinada mas sem qualquer afetação, combinava com a aparência franca de Peat-Smith.

— Isso mesmo — respondeu Celia. — Só que, em termos de importância, é o inverso.

O sorriso fácil tornou a se manifestar.

— Tentarei não esquecer.

Enquanto trocavam apertos de mão, Celia notou que Peat-Smith usava um velho casaco Harris Tweed, com remendos nos cotovelos e os punhos puídos, uma calça cinza manchada, que há muito não era passada. Lendo os seus pensamentos, ele disse prontamente, sem qualquer embaraço:

— Vim direto do laboratório, Sra. Jordan. Tenho um terno. Se nos encontrarmos fora do horário de trabalho, eu o usarei.

Celia corou.

— Estou constrangida. Peço desculpas pela minha grosseria.

— Não precisava. — Ele sorriu, cativante. — Apenas gosto de esclarecer as coisas.

— Um ótimo hábito — proclamou Sam. — Vamos entrar para almoçar?

À mesa, com uma boa vista de um roseiral e do rio além, eles pediram drinques - Celia, como sempre um daiquiri, Sam um martíni e Peat-Smith um copo de vinho branco.

— Tenho um relatório do Dr. Lord sobre a sua pesquisa atual — disse Sam. — Fui informado que solicitou uma subvenção do Felding-Roth para que possa continuá-la.

— Isso mesmo — respondeu Peat-Smith. — Meu projeto... o estudo do envelhecimento mental e da doença de Alzheimer... está sem dinheiro. A universidade não tem... ou pelo menos não disponível para mim... e por isso tive de procurar fora.

— O que nada tem de excepcional — garantiu-lhe Sam. — Nossa companhia sempre dá subvenções para pesquisa acadêmica, se achamos que vale à pena. Portanto, vamos conversar a respeito.

— Muito bem.

Pela primeira vez, o Dr. Peat-Smith deixou transparecer um vestígio de nervosismo, provavelmente porque uma subvenção lhe era muito importante, pensou Celia. Ele perguntou:

— Começando pela Alzheimer... o quanto sabem a respeito?

— Muito pouco — respondeu Sam. — Portanto, presume que nada sabemos.

O jovem cientista assentiu.

— Não é uma doença em moda... ou pelo menos ainda não. E também não há conhecimento, apenas teorias, sobre a sua causa.

— Não afeta principalmente os velhos? — indagou Celia.

— Os que estão acima dos 50 anos... isso mesmo. Mais particularmente o grupo acima dos 65 anos. Mas a Alzheimer pode afetar alguém mais jovem. Já houve casos com pessoas de 27 anos.

Peat-Smith tomou um gole do vinho e depois continuou:

— A doença começa gradativamente, com lapsos de memória. As pessoas esquecem coisas simples, como amarrar os cordões dos sapatos, para que serve um interruptor de luz, de onde geralmente sentam na hora da refeição. Depois, à medida que a doença se agrava, mais e mais memória se vai perdendo. Muitas vezes a pessoa não pode identificar alguém, mesmo que seja marido ou mulher. Pode esquecer como comer e ter de ser alimentada; quando tem sede, pode não saber como pedir água. Muitas vezes as pessoas se tornam incontinentes; violentas e destrutivas nos casos mais

graves. Eventualmente morrem da doença, mas isso leva de 10 a 15 anos... anos que são extremamente difíceis para alguém que esteja vivendo com uma vítima da Alzheimer.

Peat-Smith fez outra pausa. Em seguida, continuou:

— O que acontece no cérebro pode ser constatado depois da autópsia. A Alzheimer atinge as células nervosas no córtex... onde se alojam os sentidos e a memória. Retorce e corta filamentos e fibras nervosas. Enche o cérebro com fragmentos mínimos de uma substância chamada placa.

— Li alguma coisa sobre a sua pesquisa, mas gostaria que nos dissesse pessoalmente qual a direção que está seguindo — sugeriu Sam.

— Uma direção genética. E como não há modelos animais para a Alzheimer... pelo menos ao que sabemos nenhum animal contrai a doença... meus estudos com animais se situam na química do processo de envelhecimento mental. Como sabem, sou um químico de ácido nucléico.

— Minha química está um pouco enferrujada, — disse Celia, — mas pelo que me lembro os ácidos nucléicos são os "tijolos" do ADN que constituem os nossos genes.

— Correto e não tão enferrujados assim. —

Peat-Smith sorriu. — E é provável que os grandes avanços médicos no futuro virão quando compreendermos melhor a química do ADN, descobrindo como os genes funcionam e por que às vezes saem errados. É o que estou pesquisando agora, usando ratos novos e velhos, tentando descobrir as diferenças, variando com a idade, no ARN (mensageiro do ácido ribonucléico, que é uma projeção de seu ADN) dos animais.

Sam interveio:

— Mas a doença de Alzheimer e o processo normal de envelhecimento não são duas coisas separadas?

— É o que parece, mas pode haver áreas de superposição.

Enquanto Peat-Smith fazia uma pausa, Celia pôde sentir que ele organizava os pensamentos, como um professor, em palavras mais simples e menos científicas do que estava acostumado a usar.

— Uma vítima da Alzheimer pode ter tido, no nascimento, uma aberração em seu ADN, que contém sua informação genética codificada. Contudo, outra pessoa, nascida com um ADN mais normal, pode alterá-lo por danos a seu meio-ambiente, que é o corpo humano. Através de fumar, por exemplo, ou de uma dieta perniciosa. Por algum

tempo, o mecanismo de reparo embutido do ADN cuidará disso. Mas, à medida que envelhecemos, o sistema de reparo genético pode se reduzir ou falhar inteiramente. Parte do que estou procurando é um motivo para essa redução do sistema...

Ao final da explicação, Celia disse:

— Você é um professor natural. Gosta de ensinar, não é mesmo?

Peat-Smith pareceu ficar surpreso.

— Ensinar é uma coisa que se espera de quem está na universidade. Mas, se quer saber, gosto mesmo.

Outra faceta da interessante personalidade deste homem, pensou Celia. Ela disse:

— Começo a compreender as questões. Até que ponto se aprofundou nas respostas?

— Talvez esteja a anos-luz de distância. Mas, por outro lado, podemos estar bem perto. — Peat-Smith exibiu o seu sorriso genuíno. — É um risco que os doadores de subvenções assumem.

Um maître trouxe os cardápios e eles fizeram uma pausa para escolher o que comeriam. Depois, Peat-Smith comentou:

— Espero que visitem meu laboratório. Posso explicar melhor lá o que estou tentando fazer.

— Estávamos contando com isso — respondeu

Sam. — Logo depois do almoço.

Enquanto comiam, Celia perguntou:

— Qual é a sua situação em Cambridge, Dr. Peat-Smith?

— Tenho um posto de preletor, que é mais ou menos equivalente ao de professor assistente nos Estados Unidos. Significa na prática que tenho espaço de laboratório no prédio de bioquímica, um técnico para me ajudar e liberdade para pesquisar o que quiser. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou: — Isto é, liberdade se conseguir obter apoio financeiro.

— Se bem me lembro, — disse Sam, — creio que a quantia sugerida para a subvenção foi de 60 mil dólares.

— Isso mesmo. Haveria mais de três anos e isso é o mínimo de que preciso... para comprar equipamento e animais, empregar três técnicos em tempo integral e conduzir as experiências. Não há nada para mim pessoalmente. — Peat-Smith fez uma careta. — Mesmo assim, é um bocado de dinheiro, hem?

Sam acenou com a cabeça, solenemente.

— É, sim.

Mas não era. Como Sam e Celia sabiam muito bem, 60 mil dólares era uma quantia insignificante

em comparação com as despesas anuais de pesquisa do Felding-Roth ou qualquer outro dos grandes laboratórios farmacêuticos. A questão, como sempre, era o seguinte: O projeto do Dr. Peat-Smith oferecia suficiente perspectiva comercial para que valesse à pena um investimento?

— Tenho a impressão de que está totalmente dedicado ao problema da Alzheimer — disse Celia a Peat-Smith. — Houve algum motivo especial para que iniciasse esse estudo?

O jovem cientista hesitou. Depois, fitando Celia nos olhos, ele explicou:

— Minha mãe tem 61 anos, Sra. Jordan. Sou o único filho. Portanto, não é de surpreender, que sempre tenhamos sido muito unidos. Ela contraiu a doença de Alzheimer há quatro anos e está se agravando progressivamente. Meu pai cuida dela da melhor forma que pode e eu a visito quase todos os dias. Infelizmente, ela não tem a menor idéia de quem eu sou.

O prédio de bioquímica da Universidade de Cambridge tinha três andares, uma estrutura neo-Renascença, de tijolos vermelhos, simples e despretensiosa. Ficava na Tennis Court Road, uma rua modesta, em que não havia qualquer quadra de tênis. Martin Peat-Smith, que fora para o almoço de

bicicleta — uma forma comum de transporte em Cambridge, ao que parecia — pedalou vigorosamente na frente, enquanto Celia e Sam seguiam no Jaguar. Na porta da frente do prédio, onde se reuniram, Peat-Smith advertiu:

— Acho melhor avisá-los, a fim de que não fiquem surpresos, que nossas instalações aqui não são grande coisa. Estamos sempre atravancados, com pouco espaço disponível... — Novamente o sorriso fácil, — ...e geralmente com pouco dinheiro. As pessoas de fora se sentem às vezes chocadas ao verificar onde e como trabalhamos.

Apesar da advertência, Celia ficou chocada, poucos minutos depois. Quando Peat-Smith deixou-os a sós por um instante, ela sussurrou para Sam:

— Este lugar é horrível... parece uma masmorra! Como alguém pode trabalhar aqui?

Ao entrarem, eles desceram uma escada para um porão. Os corredores eram escuros. As salas pequenas pareciam desarrumadas e atravancadas de equipamentos velhos. Estavam agora num laboratório, não muito maior que a cozinha de uma casa pequena, que Peat-Smith anunciara como um dos dois em que trabalhava, embora partilhasse ambos com um colega que realizava um projeto separado.

Enquanto eles falavam, o outro homem e seu assistente entraram e saíram várias vezes, tornando difícil uma conversa particular.

O laboratório era equipado com bancadas de madeira antiga, unidas para se aproveitar ao máximo o espaço disponível. Por cima das bancadas havia antiquados pontos de gás e eletricidade. As tomadas elétricas eram enfeitadas demais, provavelmente inseguras, com muitos plugues e adaptadores. Nas paredes havia prateleiras toscas, cheias até o máximo de sua capacidade de livros, papéis e equipamentos descartados, entre os quais, Celia notou, algumas retortas antigas, do tipo que ela se lembrava de ter usado quando estudava química, 19 anos antes. Uma parte da bancada era uma escrivaninha improvisada, tendo na frente uma cadeira Windsor. Podia-se ver diversas canecas sujas.

Numa bancada havia diversas gaiolas de arame, contendo cerca de 20 ratos... dois em cada gaiola e em diversos estados de atividade.

O chão do laboratório não era varrido há algum tempo. Também há muito que não se limpava as janelas, que eram estreitas, no alto de uma parede, proporcionando uma vista de rodas e das partes inferiores dos carros estacionados lá fora. O efeito

era depressivo.

— Não importa como pareça, — disse Sam a Celia, — jamais se esqueça de que uma boa parte da história científica se fez aqui. Vencedores do Prêmio Nobel trabalharam nestas salas, andaram por estes corredores.

— Tem toda razão — disse Martin Peat-Smith jovialmente, voltando a tempo de ouvir o último comentário. — Fred Sanger foi um deles. Descobriu a estrutura de aminoácido da molécula de insulina num laboratório bem por cima de nós.

Ele percebeu que Celia examinava o equipamento antigo e apressou-se em acrescentar:

— Nunca jogamos nada fora nos laboratórios acadêmicos, Sra. Jordan, porque nunca sabemos quando tornaremos a precisar. Por uma questão de necessidade, improvisamos e construímos uma boa parte do nosso equipamento.

— Isso também acontece no mundo acadêmico americano — comentou Sam.

— De qualquer forma, tudo isto deve fazer um contraste e tanto com o tipo de laboratórios a que vocês estão acostumados — disse Peat-Smith.

Recordando os laboratórios espaçosos, imaculados e completamente equipados no Felding-Roth, em New Jersey, Celia respondeu:

— Francamente, faz, sim.

Peat-Smith trouxera dois bancos. Ofereceu a cadeira Windsor a Celia, um dos bancos a Sam e empoleirou-se no outro. Só depois é que voltou a falar:

— É justo lhes dizer que estou tentando aqui algo que envolve não apenas problemas de ciência, mas também técnicas extremamente difíceis. O que se tem de encontrar é um meio de transferir informação de um núcleo de célula cerebral para o mecanismo da célula que produz proteínas e peptídeos...

Entusiasmando-se com a exposição, ele passou a usar o jargão científico:

— ...pegar uma mistura de ARN de ratos novos e velhos e inserir num sistema livre de célula... moldes de ARN podem produzir proteínas... um filamento comprido de ARN pode codificar por muitas proteínas... depois, as proteínas são separadas por eletroforese... uma técnica possível usaria uma enzima inversa... então, se o ARN e o ADN não combinam, isso significa que o rato velho perdeu sua capacidade genética, o que nos permitirá começar a descobrir que peptídeos estão mudando... ao final, estarei procurando por um único peptídeo...

A conversa prolongou-se por mais de uma hora, entremeada de perguntas hábeis e detalhadas de Sam, que deixaram Celia impressionada. Embora não tivesse qualquer treinamento científico, Sam absorvera durante seus anos com o Felding-Roth muita coisa da ciência na prática e o efeito disso se tornava agora evidente.

O entusiasmo de Peat-Smith contagiou os dois. Enquanto ele falava — claramente, concisamente, deixando patente que possuía uma mente disciplinada e ordenada — o respeito de Sam e Celia foi aumentando. Quase ao final da conversa, o cientista apontou para os ratos nas gaiolas.

— Estes são apenas uns poucos. Temos várias centenas de outros na sala dos animais. — Ele tocou numa gaiola e um rato grande, que estava dormindo, mexeu-se bruscamente. — Este velho já tem dois anos e meio. É o equivalente a 70 anos no ser humano. Este é o seu último dia. Vamos sacrificá-lo amanhã, depois comparar a química de seu cérebro com a de um rato nascido há poucos dias. Mas, para encontrar respostas, precisaremos de muitos ratos, de muita análise química e de muito mais tempo.

Sam balançou a cabeça para indicar sua compreensão.

— Sabemos da importância do fator tempo por experiência própria. E agora, Doutor, resumindo... como expressaria o seu objetivo a longo prazo?

Peat-Smith pensou por um momento e depois disse, com extremo cuidado:

— Descobrir, através da pesquisa genética contínua, um peptídeo cerebral que acentua a memória das pessoas mais jovens, mas que não é mais produzido pelo corpo humano à medida que a pessoa envelhece. Depois, tendo encontrado e isolado esse peptídeo, aprenderemos a produzi-lo por técnicas genéticas. E quando isso acontecer, pessoas de todas as idades poderão tomá-lo para atenuar a perda de memória, o esquecimento... e talvez eliminar inteiramente o envelhecimento mental.

O sumário objetivo era tão impressionante, tão profundamente confiante, mas ao mesmo tempo sem qualquer jactância, que nenhum dos visitantes parecia inclinado a romper o silêncio que se seguiu. Celia, apesar do ambiente melancólico, teve a sensação de partilhar um momento a ser lembrado, um instante de produção de história. Foi Sam quem falou primeiro:

— Dr. Peat-Smith, já tem a sua subvenção. Está aprovada, a partir deste momento, na quantia que

pediu.

Peat-Smith ficou aturdido.

— Quer dizer... é tão simples assim... não tem mais nada?

Foi a vez de Sam sorrir.

— Como presidente do Felding-Roth Pharmaceuticals tenho alguma autoridade. E, de vez em quando, sinto o maior prazer em exercê-la.

— Uma pausa e ele acrescentou: — A única condição é a habitual, implícita nesses acordos. Gostaríamos de ser informados do seu progresso e ter prioridade em qualquer droga que venha a produzir.

Peat-Smith assentiu.

— Não há problema. Isso é mais do que justo.

Ele ainda parecia espantado. Sam estendeu a mão, que o jovem cientista apertou.

— Meus parabéns e boa sorte!

Era meia-hora depois e o momento do chá no prédio da bioquímica. A convite de Martin — os três, a esta altura, já se tratavam pelos primeiros nomes — haviam subido para o lugar em que o chá e biscoitos eram servidos, de carrinhos no saguão. Equilibrando as xícaras e os pratos, o trio transferiu-se para uma "sala de chá" dos professores, que Martin explicou ser o ponto social para os cientistas

que ali trabalhavam e suas visitas.

A sala de chá, tão austera e deselegante quanto o resto do prédio, com mesas compridas e cadeiras de pau, estava apinhada e barulhenta. Os cientistas tinham todas as formas, sexos, tamanhos e idades, mas os fragmentos de conversa que podiam ser ouvidos eram decididamente anticientíficos. Uma discussão girava sobre as vagas no estacionamento oficial, um idoso professor alegando com veemência que o favoritismo a alguém mais novo estava privando-o de seus direitos de antigüidade. Ao lado, um professor de barba, jaleco branco, discorria com o maior entusiasmo sobre uma "sensacional" venda de vinhos numa loja de Cambridge, recomendando um Meursault disponível. Outro grupo dissecava o novo filme em exibição na cidade, O Poderoso Chefão, com Marlon Brando e Al Pacino.

Depois de algumas manobras e trocas de lugares, Martin Peat-Smith conseguiu finalmente arrumar um canto para o seu grupo.

— É sempre assim? — perguntou Celia.

Martin parecia divertido.

— Geralmente. E quase todos vêm aqui. É o único momento que alguns têm para se encontrar com os outros.

— Pois me parece que a estrutura deste prédio não permite muita privacidade — comentou Sam.

Martin deu de ombros.

— Isso pode ser um incômodo às vezes, mas a gente acaba se acostumando.

— Mas você precisa realmente se acostumar? — Como não houvesse resposta, Sam continuou, baixando a voz para evitar que os outros nas proximidades ouvissem alguma coisa: — Eu estava pensando, Martin, se você não se interessaria em prosseguir no mesmo trabalho, só que em condições superiores, com melhores instalações e mais ajuda.

Um meio-sorriso insinuou-se no rosto do cientista quando ele perguntou:

— Condições superiores onde?

— O que estou sugerindo, — continuou Sam, — como certamente já adivinhou, é que deixe a Universidade de Cambridge e venha trabalhar conosco no Felding-Roth. Haveria muitas vantagens para você e seria na Inglaterra, onde planejamos...

— Com licença! — Martin interrompeu com uma expressão preocupada. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro.

— A oferta de uma subvenção de sua companhia está condicionada a isso?

— Claro que não! Já tem a subvenção, sem outras condições além das que já combinamos. Tem a minha palavra.

— Obrigado. Por um momento, fiquei preocupado. — O sorriso pleno e infantil retornou.

— Não quero ser grosseiro, mas acho que nos poupará muito tempo se lhe disser uma coisa.

Foi Celia quem disse:

— Pode falar.

— Sou um cientista acadêmico e tenciono continuar assim. Não entrarei em todos os motivos, mas basta dizer que um deles é a liberdade. E estou me referindo à liberdade de escolher a pesquisa que eu quiser, sem pressões comerciais.

— Você teria a liberdade conosco...

Sam parou de falar quando Martin sacudiu a cabeça.

— Haveria fatores comerciais a se levar em consideração. Seja franco... não haveria?

— Um pouco... de vez em quando — admitiu Sam. — Afinal, é o nosso negócio.

— Exatamente. Mas aqui não há qualquer fator comercial. Apenas ciência pura, uma busca do conhecimento. E, pessoalmente, quero continuar assim. Aceitam mais chá?

— Não, obrigada — respondeu Celia.

Sam sacudiu a cabeça. Os dois se levantaram. Lá fora, na Tennis Court Road, parados ao lado do Jaguar alugado, Martin disse a Sam:

– Obrigado por tudo, inclusive a oferta de emprego. E a você também, Celia. Mas ficarei em Cambridge, que apesar deste prédio... – Ele olhou para trás, fazendo uma careta. – ...é um lindo lugar.

– Foi um prazer – disse Sam. – E quanto a trabalhar para nós, embora lamente a sua decisão, compreendo perfeitamente.

Ele entrou no carro. No assento ao seu lado, com a janela abaixada, Celia disse a Martin:

– Cambridge é mesmo um lindo lugar. Não conhecia até hoje e gostaria de ter mais tempo para visitar a cidade.

– Ei, espere um pouco! – disse Martin. – Por quanto tempo mais ficará na Inglaterra?

Celia pensou por um instante.

– Provavelmente por mais duas semanas.

– Então por que não volta por um dia? É fácil chegar aqui. Eu teria o maior prazer em lhe mostrar tudo.

– E eu me sentiria muito feliz com isso – arrematou Celia.

Enquanto Sam ligava o carro, eles combinaram a visita para 10 dias depois, dali a dois domingos.

No Jaguar, voltando para Londres, Celia e Sam se mantiveram em silêncio, imersos em seus pensamentos, até saírem de Cambridge e pegarem a A10, seguindo para o sul. Celia perguntou então:

— Você o quer, não é mesmo? É o homem que escolheria para chefiar o nosso instituto de pesquisa.

— Claro — respondeu Sam tensamente, a frustração transparecendo em sua voz. — Ele é extraordinário, meu palpite é de que se trata de um gênio, o melhor que já encontrei desde que cheguei aqui. Mas não vamos tê-lo, Celia. Ele é um acadêmico e assim continuará. Ouviu o que ele disse e é óbvio que nada o fará mudar de idéia.

— Tenho minhas dúvidas — murmurou Celia, pensativa. — Quem sabe o que pode acontecer?

10

Sam e Celia se ocuparam nos dias subseqüentes com os aspectos físicos da instalação do instituto de pesquisa do Felding-Roth em Harlow. Mas essa atividade, embora necessária, era insatisfatória. A frustração que partilhavam — uma convicção de que o Dr. Martin Peat-Smith seria a melhor escolha

possível para diretor do instituto, mas a igual certeza de Sam de que Martin nunca aceitaria se transferir do mundo acadêmico para o industrial — era um desapontamento intenso a envolvê-los. Durante a semana posterior à viagem a Cambridge, Sam comentou:

— Conversei com diversos outros candidatos, mas nenhum está à altura de Peat-Smith. Infelizmente, ele me estragou para todos os outros.

Quando Celia lembrou que se encontraria com Martin uma segunda vez, no domingo seguinte, para a excursão por Cambridge, ele balançou a cabeça, sombriamente:

— Faça o que for possível, mas não posso me sentir, otimista. Ele é um homem dedicado e determinado, sabe o que quer.

Depois, Sam advertiu a Celia:

— O que quer que faça, quando conversar com Martin, não levante a questão do dinheiro... o salário que pagaríamos se ele trabalhasse para nós. Martin já sabe, sem que precisemos dizê-lo, que seria muito grande, em comparação com o que recebe agora. Mas se você falar a respeito, dando a impressão de que achamos que ele pode ser comprado, Martin pensará que somos simplesmente mais dois americanos arrogantes, convencidos de

que tudo neste mundo pode ser resolvido com dólares.

— Mas se Martin resolve trabalhar para o Felding-Roth, Sam, você terá de discutir o salário em algum momento.

— Mas não inicialmente, porque dinheiro nunca seria a questão essencial. Sei como esses acadêmicos podem ser sensíveis, Celia. E se houver alguma possibilidade de que Martin possa mudar de idéia, como você acredita, não podemos perdê-la com alguma grosseria.

— Apenas por curiosidade, quais são as cifras?

Sam pensou por um momento.

— Segundo as informações que obtive, Martin está ganhando em torno de 2.400 libras por ano... mais ou menos seis mil dólares. Para começar, nós lhe pagaríamos quatro ou cinco vezes mais... em torno de 25 a 30 mil dólares, mais as gratificações.

Celia deixou escapar um assovio baixo.

— Eu não sabia que a diferença era tão grande.

— Mas o pessoal acadêmico sabe. E mesmo sabendo ainda prefere o mundo acadêmico, achando que há mais liberdade intelectual e mais "pureza de pesquisa" para os cientistas num ambiente de universidade. Ouviu Martin falar nas "pressões comerciais", viu como ele se ressentia.

— Tem razão, Sam. Mas você argumentou com ele, disse que as pressões não eram tão grandes.

— É porque estou no lado industrial da cerca, minha função é pensar assim. Mas, em particular, aqui entre nós, não posso deixar de admitir que Martin está certo.

Celia comentou, em dúvida:

— Concordo com você na maioria das coisas, mas não tenho tanta certeza sobre isso.

Ela sentiu que foi uma conversa satisfatória e se pôs a remoê-la depois. E também decidiu, como explicou para si mesma, obter uma "segunda opinião".

No sábado, um dia antes de voltar a Cambridge, Celia conversou pelo telefone com Andrew e as crianças, como vinha fazendo pelo menos duas vezes por semana durante a sua permanência na Inglaterra, que já se prolongava por um mês. Todos estavam excitados com a sua volta iminente, para a qual faltava então menos de uma semana. Depois da conversa habitual sobre a família, Celia falou a Andrew sobre o Dr. Peat-Smith, o desapontamento por sua recusa, o que ela e Sam comentaram a respeito.

Ela também informou a Andrew que se encontraria com Martin no dia seguinte.

— Acha que ele pode mudar de idéia? — perguntou Andrew.

— Tenho um instinto de que isso pode acontecer. É possível, em determinadas circunstâncias... embora eu não tenha a menor idéia de quais poderiam ser. Mas o que eu não quero fazer, quando conversarmos amanhã, é tratar o assunto da maneira errada.

Houve um silêncio ao telefone. Celia pôde sentir o marido meditando, revirando o problema em sua mente. E só depois de algum tempo é que ele voltou a falar:

— Sam está certo em parte no que ele disse, mas talvez não inteiramente. Na minha experiência, nunca se insulta ninguém ao se revelar o valor monetário que lhe é atribuído. Na verdade, a maioria adora, mesmo quando não se tem intenção de aceitar o dinheiro oferecido.

— Continue,a falar — disse Celia.

Ela respeitava a sabedoria de Andrew, sua capacidade de discernir prontamente a essência de qualquer situação.

— Pelo que me disse, Celia, Peat-Smith é um homem franco.

— Isso mesmo.

— Nesse caso, sugiro que lide com ele da

mesma forma. Ao ser complicada, tentando envolvê-lo, pode acabar frustrando o seu propósito. Além do mais, Celia, os caminhos tortuosos não constituem o seu estilo. Seja você mesma. Assim, se parecer natural falar em dinheiro... ou qualquer outra coisa... não hesite.

— Andrew, querido, o que eu faria sem você?

— Espero que nada de importante. — Uma pausa e ele acrescentou: — Agora que já me falou de amanhã, confessarei que estou com um pouco de ciúme de você e Peat-Smith.

Celia riu.

— É um encontro rigorosamente profissional. E assim permanecerá.

E o domingo chegou.

Sozinha, num compartimento de primeira classe para não-fumantes, no primeiro trem da manhã de Londres para Cambridge, Celia recostou a cabeça na almofada por trás. Relaxando, começou a aproveitar a hora e 15 minutos de viagem para pôr em ordem seus pensamentos.

Pegara um táxi do hotel para a estação na Liverpool Street, um legado vitoriano meio sombrio, de ferro batido e alvenaria, freneticamente movimentado de segunda a sexta-feira, mas tranqüilo nos fins de semana. O sossego significou

que poucas pessoas ocupavam o trem diesel-elétrico quando partiu ruidosamente da estação. Celia sentiu-se grata pela solidão.

Mentalmente, ela reconstituiu os eventos e conversas das duas últimas semanas, especulando mais uma vez sobre o conselho que deveria adotar... o de Andrew ou o de Sam. O encontro com Martin, embora aparentemente social, poderia ser muito importante para o Felding-Roth e também para ela própria. A advertência de Sam aflorou em sua mente: "Não podemos perder a oportunidade por alguma grosseria."

O som ritmado das rodas sobre os trilhos embalou-a e a viagem transcorreu rapidamente. Quando o trem diminuiu a velocidade e parou na estação de Cambridge, ela encontrou Martin Peat-Smith à espera na plataforma... com seu sorriso largo e jovial.

Aos 41 anos, Celia sabia que era atraente. E também o sentia. Os cabelos castanhos macios eram aparados rentes, o corpo esguio e firme, o rosto de malaras salientes bronzeado e saudável das, recentes semanas ao ar livre, no verão excepcionalmente ameno da Inglaterra, que continuava naquele dia.

Os cabelos começavam a apresentar agora

alguns fios brancos. Esse lembrete da passagem do tempo raramente a incomodava, embora ocasionalmente ela o camuflasse com uma pintura. O que fizera na noite anterior.

Estava vestida para um dia de verão, com um vestido de algodão verde e branco, com uma anágua rendada por baixo. Usava sandálias brancas de salto alto e um chapéu de palha branco, a aba larga. Tudo fora comprado no West End londrino na semana anterior, pois ao fazer as malas em New Jersey não lhe ocorrera que precisaria de roupas para um tempo tão quente na Inglaterra.

Ao descer do trem, ela percebeu o olhar de admiração de Martin. Por um momento, ele pareceu atordoado, sem saber o que dizer. Mas, depois, apertando a mão estendida de Celia, ele declarou:

— Você está maravilhosa e fico contente que tenha vindo!

— Você também está ótimo.

Martin riu com sua exuberância infantil. Ele usava um blazer azul-marinho, calça branca de flanela e camisa aberta no pescoço.

— Prometi que usaria meu terno em nosso próximo encontro. Mas encontrei esta roupa velha, que há anos não vestia. Achei que era menos formal.

Ao deixarem a estação, Celia passou o braço

pelo dele.

– Para onde estamos indo?

– Meu carro está esperando. Achei que seria bom darmos uma volta de carro pela cidade, depois visitaremos a pé alguns colégios e mais tarde faremos um piquenique.

– Parece um programa sensacional.

– Enquanto está aqui, há mais alguma coisa que gostaria de fazer ou ver?

Celia hesitou por um instante e depois disse:

– Há, sim.

– E o que é?

– Eu gostaria de conhecer sua mãe.

Martin, surpreso, virou a cabeça para fitá-la.

– Posso levá-la à casa de meus pais logo depois de nossa excursão. Se tem certeza de que é isso mesmo o que quer...

– É, sim... é isso o que quero.

O carro de Martin era um Morris Mini Minor de idade indeterminada. Depois de se espremerem no interior, ele guiou pela velha cidade de Cambridge, dando muitas voltas, até parar na Queen's Road, nos Backs. E disse a Celia:

– Vamos a pé daqui por diante.

Deixando o carro, seguiram por uma trilha para a Ponte do Rei, transpondo o Rio Cam. Celia parou

no meio da ponte. Levantando a mão para proteger os olhos do sol claro da manhã, ela disse com profunda reverência:

— Poucas vezes vi um espetáculo tão bonito.

Ao seu lado, Martin anunciou:

— A Capela do King's College... a mais nobre de todas as vistas.

A frente deles estendiam-se gramados, pontilhados de árvores frondosas. Mais além ficava a grande capela, uma visão de torrinhas, bota-réus e agulhas, erguendo-se sobre um glorioso telhado abobadado e janelas de vitral. Os prédios de pedras claras dos colégios, nos dois lados, transmitiam uma impressão complementar de história e nobreza.

— Deixe-me agir como seu guia turístico — disse Martin. — Somos uma fundação antiga. Foi em 1441 que o Rei Henrique VI iniciou o que vê aqui. Peterhouse, ao sul, é ainda mais antiga. Iniciou "a busca de Cambridge pelo conhecimento" em 1284.

Sem pensar, Celia disse impulsivamente:

— Como é possível que alguém que pertença realmente a este lugar jamais pense em deixar?

— Muitos jamais o fizeram — respondeu Martin. — Houve grandes sábios que viveram e trabalharam em Cambridge até morrerem. E alguns

de nós... mais jovens e ainda vivos... têm a mesma idéia.

Por mais duas horas, eles andaram a pé e de carro alternadamente. No processo, Celia absorveu o saber e o amor de Cambridge. Nomes de lugares ficaram gravados em sua mente: Jesus Green, Midsummer Common, Parkeris Piece, Coe Fen, Lammas Land, Trinity, Queens', Newham. A lista parecia interminável, assim como o conhecimento de Martin.

— Além dos sábios que ficaram, houve outros que levaram este lugar para terras distantes — disse ele a Celia. — Um deles foi um egresso do Emmanuel College chamado John Harvard. Há um lugar de saber que recebeu o seu nome.

Martin exibiu o seu sorriso familiar, antes de arrematar:

— Esqueci onde fica.

Ao voltarem para o Mini, ele declarou:

— Creio que já é o suficiente. Guardaremos o resto para outra ocasião. — Abruptamente, seu rosto assumiu uma expressão séria. — Ainda quer visitar meus pais? Tenho de adverti-la... minha mãe não saberá quem somos nem por que estamos lá. O efeito pode ser deprimente.

— Ainda assim quero visitá-la.

A casa numa ladeira, pequena e indefinida, ficava num bairro chamado Kite. Martin deixou o carro na rua e abriu a porta com sua chave. E gritou do vestibulo pequeno e mal-iluminado:

– Papai! Sou eu e trago uma visita!

Houve um som de passos arrastados, uma porta se abriu e um homem idoso apareceu, de suéter desbotada e calça velha de veludo bem larga. Quando ele chegou mais perto, Celia ficou impressionada com a semelhança física entre pai e filho. O Peat-Smith mais velho tinha a mesma solidez corpulenta que Martin, o mesmo rosto rude e de queixo quadrado – embora mais vincado pela idade – e até mesmo o sorriso rápido e tímido, ao serem apresentados.

Mas a semelhança cessou quando o velho falou. Sua voz revelava um sotaque dissonante, áspero, provinciano; as frases, meio informes, sugeriam pouca instrução.

– Prazer em conhecê-la – disse ele a Celia. E acrescentou para Martin: – Não sabia que viria, filho. Acabei de vestir sua mãe. Ela não está muito bem hoje.

– Não ficaremos por muito tempo, papai – disse Martin, acrescentando em seguida para Celia: – A Alzheimer tem sido uma pressão muito grande

sobre meu pai. É o que freqüentemente acontece... o problema é mais terrível para as famílias do que para os pacientes.

Ao se encaminharem a uma sala de estar modesta e indefinida, o velho Peat-Smith perguntou a Celia:

— Quer uma xícara?

— De chá — explicou Martin.

— Obrigada. Eu adoraria tomar um chá. Estou com sede, depois de nossa excursão.

Enquanto o pai entrava numa cozinha pequena, Martin foi se ajoelhar ao lado de uma mulher de cabelos grisalhos, sentada numa poltrona com um estofado estampado. Ela não se havia mexido desde a entrada deles na sala. Abraçando-a, Martin beijou-a ternamente.

Aquela mulher já fora bonita e ainda agora era atraente, embora de uma maneira esmaecida, pensou Celia. Os cabelos estavam impecavelmente penteados. Usava um vestido bege simples, com uma fieira de contas. Ao beijo do filho, pareceu reagir um pouco e ofereceu um sorriso mínimo, mas que aparentemente não era de reconhecimento.

— Mãe, sou seu filho, Martin — disse ele, gentilmente. — E esta é Celia Jordan. Ela veio da América. Estive lhe mostrando Cambridge. Ela

gosta de nossa cidade.

— Olá, Sra. Peat-Smith — disse Celia. — Obrigada por me deixar visitar sua casa.

Os olhos da mulher de cabelos grisalhos se deslocaram, outra vez a mesma impressão angustiante de ausência de compreensão. Martin disse a Celia:

— Infelizmente, não há mais nada. Não restou qualquer memória. Mas, sendo minha mãe, eu me permito ser anticientífico e continuo a tentar um contato.

— Eu compreendo... — Celia hesitou por um instante e depois perguntou: — Acha que se a pesquisa progredir, se descobrir alguma coisa importante em breve, poderia haver uma possibilidade...

— De ajudá-la? — indagou Martin, incisivo. — Absolutamente nenhuma. Não importa o que se descubra, nada poderá ressuscitar uma célula cerebral morta. Não tenho ilusões a respeito.

Levantando-se, ele contemplou a mãe tristemente, por um momento, antes de murmurar:

— Serão para os outros que poderei ajudar algum dia, muito em breve. Outros que não chegaram a um estágio tão avançado.

— Tem certeza disso, não é mesmo?

— Tenho certeza que algumas respostas serão encontradas... por mim ou por outro.

— Mas gostaria de ser a pessoa que descobrirá as respostas.

Martin deu de ombros.

— Cada cientista gostaria de ser o primeiro a fazer uma descoberta. Isso é humano. Mas... — Ele olhou para a mãe. — ...é mais importante que alguém descubra a causa da Alzheimer.

— Então é possível que outro possa chegar antes de você — insistiu Celia.

— Claro. Na ciência, isso sempre pode acontecer.

O velho Peat-Smith veio da cozinha com uma bandeja em que havia um bule de chá, xícaras e pires, além de uma jarra de leite. Depois que ele pôs a bandeja na mesa, Martin passou o braço por seus ombros.

— Papai faz tudo por mamãe... veste-a, penteia seus cabelos, dá comida e algumas outras coisas menos agradáveis. Houve um tempo, Celia, em que meu pai e eu não éramos os amigos mais íntimos. Mas somos agora.

— É isso mesmo. Houve um tempo em que a gente brigava muito. — O pai de Martin perguntou a Celia: — Quer leite no chá?

— Quero, sim, por favor.

— Houve um tempo em que eu não dava qualquer importância aos estudos que Martin e a mãe tanto queriam — continuou o velho. — Eu queria que ele fosse trabalhar comigo. Mas a mãe levou a melhor, ele continuou a estudar, tudo deu certo. E ele tem sido muito bom para nós. Paga esta casa e tudo o mais que precisamos.

Ele fez uma pausa, olhando para Martin, antes de acrescentar:

— E já me disseram que ele não tem se saído muito mal naquele colégio.

— É verdade, — murmurou Celia, — ele não tem se saído mal...

Eram quase duas horas depois.

— Tudo bem se conversarmos enquanto você faz isso? — indagou Celia, do assento confortavelmente estofado em que estava recostada.

— Por que não?

Martin estava de pé, empurrando a vara; ele achou o fundo raso do rio e deu impulso, o bote de fundo chato deslizando suavemente pelo rio acima. Martin parecia fazer tudo bem, pensou Celia, inclusive conduzir um bote daquele tipo... uma coisa em que poucos eram hábeis, a julgar pelos outros que passavam e davam a impressão de

empurrar seus botes aos solavancos e com dificuldade.

Martin alugara o bote na doca em Cambridge e se achavam agora a caminho de Grantchester, cinco quilômetros ao sul, para o que seria um piquenique tardio.

— É pessoal e talvez eu não devesse perguntar — disse Celia. — Mas não pude deixar de pensar na diferença entre você e seu pai. Por exemplo, a maneira como falam...

— Posso entender — respondeu Martin. — Quando minha mãe falava, antes de esquecer como fazê-lo, era quase igual. Em *Pigmalião*, Bernard Shaw chamou a isso de "um insulto encarnado à língua inglesa".

— Eu me lembro disso de *My Fair Lady*. Mas como você conseguiu evitar?

— É mais uma coisa que devo à minha mãe. Antes de explicar, porém, há uma coisa que você precisa compreender sobre este país. Aqui, a maneira como as pessoas falam sempre foi uma barreira de classe, uma distinção social. E apesar do que possam lhe dizer, ainda é.

— Até no mundo acadêmico? Entre os cientistas?

— Até aí. Talvez especialmente aí.

Martin ocupou-se com a vara, enquanto pensava em suas próximas palavras.

— Minha mãe compreendia essa barreira. E foi por isso que comprou um rádio, quando eu ainda era pequeno, obrigando-me a sentar por horas na frente, escutando os locutores da BBC. Ela me dizia: "É assim que você tem de falar. Portanto, comece a imitar essas pessoas. É muito tarde para seu pai e para mim, mas não para você."

Escutando a voz de Martin, agradável e refinada, embora sem qualquer afetação, Celia não pôde deixar de comentar:

— Deu certo.

— Acho que sim. E foi apenas uma das muitas coisas que ela fez, inclusive descobrir o que me interessava na escola, depois quais as bolsas de estudo que havia e providenciar para que eu as recebesse. Foi nessa ocasião que tivemos em casa aquelas brigas a que meu pai se referiu.

— Ele achava que sua mãe estava exagerando?

— Papai pensava que eu devia ser um pedreiro, como ele. Acreditava no refrão inglês que Dickens escreveu.

Martin sorriu, enquanto recitava:

Vamos amar nossas ocupações,

*Abençoar o esquire e suas relações,
Viver de nossas rações diárias
E sempre conhecer os nossos lugares.*

— Mas não guarda qualquer ressentimento contra seu pai por causa disso?

Martin sacudiu a cabeça.

— Ele simplesmente não podia entender. E, diga-se de passagem, eu também não entendia. Somente minha mãe compreendia o que se podia realizar através da ambição... e por meu intermédio. Talvez você compreenda agora por que me preocupo tanto com ela.

— Claro, Martin. E agora que sei, sinto-me da mesma forma.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo, o bote continuando a subir pelo rio, entre margens relvadas e árvores frondosas. Celia finalmente comentou:

— Seu pai disse que você paga quase tudo o que os dois necessitam.

— Faço o que posso — murmurou Martin. — E uma das coisas é pagar uma enfermeira duas vezes por semana. Para meu pai poder descansar. Eu gostaria de usá-la outras vezes, mas...

Ele deu de ombros, deixou a frase inacabada e

habilmente levou o bote para a margem, à sombra de um salgueiro.

— O que acha deste lugar para um piquenique?

— Idílico — respondeu Celia. — Saído diretamente de Camelot.

Martin arrumara uma cesta com alguns camarões graúdos, um pastelão de porco, uma salada verde, morangos e o creme grosso e amarelado do Devonshire. Havia vinho — um respeitável Chablis — e uma garrafa térmica com café.

Eles comeram e beberam com a maior satisfação. Ao final da refeição, enquanto tomavam o café, Celia disse:

— Este é o meu último fim de semana antes de voltar para casa. Não poderia ser melhor.

— Sua viagem foi um sucesso?

Quando já estava prestes a responder com um chavão, Celia lembrou-se do conselho de Andrew pelo telefone e disse simplesmente:

— Não.

— Por que não? — indagou Martin, surpreso.

— Sam Hawthorne e eu encontramos o diretor ideal para o instituto de pesquisa do Felding-Roth, mas ele não quis aceitar o cargo. Agora, todos os outros parecem de segunda categoria.

Depois de um momento de silêncio, Martin

murmurou:

– Presumo que está se referindo a mim.

– Sabe que estou.

Ele suspirou.

– Espero que possa me perdoar por essa falha, Celia.

– Não há nada a perdoar. É sua vida, sua decisão. Acontece apenas que, pensando a respeito agora, duas coisas me ocorreram...

Ela parou de falar.

– Continue. Que duas coisas?

– Você admitiu há pouco que gostaria de ser o primeiro a descobrir as respostas sobre a doença de Alzheimer e o envelhecimento mental, mas outros podem chegar na sua frente.

Martin recostou-se no bote, fitando Celia; dobrara o blazer e usava-o como uma almofada.

– Outros estão empenhados em pesquisas similares. Sei de alguém na Alemanha, outro na França, um terceiro na Nova Zelândia. Todos são ótimos e perseguimos os mesmos objetivos, explorando a mesma trilha. É impossível prever quem chegará na frente, se é que alguém.

– Portanto, Martin, você está empenhado numa corrida... uma corrida contra o tempo.

Inconscientemente, a voz de Celia se tornara

mais rápida.

— Tem razão. Mas a ciência é assim.

— Algum dos outros que mencionou tem melhores instalações e uma equipe maior do que a sua?

Ele pensou por um momento.

— Provavelmente sim, as duas coisas na Alemanha. Não sei qual é a situação dos outros dois.

— Quanto espaço de laboratório você tem neste momento?

— No total... — Martin fez os cálculos mentalmente. — ...em torno de 100 metros quadrados.

— Então não o ajudaria a chegar mais perto e mais depressa do que está procurando se tivesse um espaço cinco vezes maior, além do equipamento... tudo o que precisar e tudo para seu projeto... além de uma equipe de 20 pessoas trabalhando sob as suas ordens, em vez de apenas duas ou três? Isso não faria com que as coisas avançassem, não apenas para encontrar as respostas, mas para chegar lá primeiro?

Subitamente, Celia sentiu que o clima entre os dois mudara. Não era mais um ameno encontro social; qualquer que fosse a inocência antes

existente, agora já se dissipara. Mas fora para isso que ela viera à Inglaterra, era o motivo para a sua presença em Cambridge naquele dia, pensou Celia. Martin a fitava com uma expressão espantada.

— Está mesmo falando sério? Quinhentos metros quadrados e vinte pessoas?

— Mas claro que estou! — Celia acrescentou impacientemente.: — Acha que somos de brincar na indústria farmacêutica?

— Não — disse Martin, ainda olhando-a fixamente. — Nunca pensei nisso. Você falou em duas coisas. Qual é a outra?

Celia hesitou. Deveria continuar? Ela sentia que causara uma profunda impressão em Martin com o que acabara de dizer. Deveria agora destruir isso, acabando com qualquer vantagem conquistada? Mas ela logo se lembrou outra vez do conselho de Andrew.

— Falarei de maneira franca e rude, com a grosseria habitual dos americanos. E falo assim porque sei que os pesquisadores dedicados como você não são motivados pelo dinheiro e não podem ser comprados. Mas se você trabalhasse para o Felding-Roth, tornando-se diretor de nosso instituto e levando o seu projeto, provavelmente ganharia 12 mil libras por ano, mais as gratificações, que podem

ser substanciais. Tenho a impressão de que isso é cinco vezes mais do que ganha atualmente. Além disso, depois de conhecer seus pais e saber o que faz por eles, ficando a idéia de que gostaria de fazer muito mais, acho que pode muito bem aproveitar o dinheiro extra. Poderia certamente contratar uma enfermeira mais que duas vezes por semana, levar sua mãe para um lugar melhor...

— Já chega! — Martin se empertigava e fitava-a com uma expressão furiosa, dominado por uma emoção intensa. — Mas que diabo, Celia! Sei o que o dinheiro pode fazer. E tem mais, não me venha com essa história de que pessoas como eu não se importam com dinheiro. Eu me importo e muito, o que você acaba de dizer deixa-me completamente atordoado. Está querendo me solapar, me tentar, tirar proveito...

Ela interrompeu-o bruscamente:

— Mas que absurdo! Tirar proveito do quê?

— De conhecer meus pais. De saber como eles vivem e quanto me preocupo com os dois. Ao usar isso, está me oferecendo uma maçã dourada, bancando Eva para o meu Adão. — Martin olhou ao redor. — E ainda por cima no Paraíso.

— Não é uma maçã envenenada — comentou Celia, calmamente. — E não há qualquer serpente

neste bote. Lamento muito se...

Foi a vez de Martin interrompê-la bruscamente:

— Não lamenta coisa alguma! É uma mulher de negócios muito eficiente em seu trabalho... boa demais, como posso testemunhar pessoalmente! E uma mulher de negócios que não se preocupa com mais nada, não tem restrições, quando quer conseguir alguma coisa. É totalmente implacável, não é mesmo?

Celia ficou agora surpresa.

— Sou?

Ele respondeu categoricamente:

— É, sim.

— Muito bem. — Celia decidiu que devia dizer tudo. — Vamos supor que eu seja. E vamos supor que tudo o que você disse é verdade. Não é isso o que você também quer? As respostas para a Alzheimer! O peptídeo cerebral que procura! A glória científica! Qualquer uma dessas coisas o engana?

— Não... independente de todo o resto, não me engana. — Ele exibiu o seu sorriso enviesado, embora desta vez com um toque de amargura. — Espero que lhe paguem muito bem, Celia. Para uma americana grosseira, como você mesma se intitulou, faz um trabalho infernal.

Ele levantou-se e pegou a vara.

– Está na hora de irmos embora.

Desceram pelo rio em silêncio, Martin empurrando a vara com um vigor que não demonstrara na vinda. Celia, imersa em seus pensamentos, especulava se não teria ido longe demais. Perto de Cambridge e da doca, Martin parou de empurrar o bote com a vara e deixou-o à deriva. Olhou para Celia solenemente e disse:

– Não sei a resposta, só posso garantir que me deixou desequilibrado. Mas ainda não sei...

Era o início da tarde quando Martin deixou Celia na estação ferroviária de Cambridge. Despediram-se formalmente, de uma forma um tanto tensa. O trem que Celia pegou para voltar era angustiantemente lento, parando em quase todas as estações pelo percurso. Já passava de 11:30 horas da noite quando ela chegou ao terminal em Londres, desta vez a estação de King's Cross. Pegou um táxi para o Berkeley, chegando ao hotel pouco antes de meia-noite.

Durante a maior parte da viagem, Celia reconstituiu os acontecimentos do dia, especialmente a sua participação. O que a atormentava, mais do que qualquer outra coisa, era a acusação incisiva de Martin: É totalmente

implacável, não é mesmo? Seria mesmo implacável? Contemplando-se num espelho mental, Celia admitiu que talvez fosse. E, depois, corrigiu-se: Não "talvez". Mude isso para "certamente".

Mas, raciocinou ela, não era necessário ser um pouco implacável? Não era necessário — especialmente para uma mulher — para se construir uma carreira, como ela fizera, chegando onde estava? Mas claro que era!

Além disso, ela lembrou a si mesma, ser implacável não era — ou não precisava ser — a mesma coisa que ser desonesta. Em suma, era indispensável ser dura nos negócios, tomar decisões desagradáveis, lutar pelas coisas essenciais, eliminar o excesso de preocupação com as outras pessoas. E igualmente objetiva: Se as suas responsabilidades aumentassem no futuro, precisaria ser ainda mais dura, ainda mais implacável, como nunca fora antes.

Por que então, se ser implacável era um elemento indispensável no mundo dos negócios, o comentário de Martin a incomodara tanto? Provavelmente porque gostava dele e o respeitava, desejava que ele se sentisse da mesma forma em relação a ela. E era o que acontecia? Celia especulou a respeito por um momento, chegando à conclusão

que obviamente não, depois da confrontação naquela tarde.

Mas será que a opinião de Martin a seu respeito realmente importava? A resposta: Não! Um motivo: ainda havia alguma coisa de criança em Martin, mesmo aos 32 anos. Celia já ouvira alguém comentar a respeito dos cientistas de pesquisa:

— Eles passam uma parte tão grande de suas vidas a saberem mais e mais que não têm tempo praticamente para mais nada. Sob certos aspectos, permanecem crianças para sempre.

Com toda certeza, isso se aplicava em parte a Martin. Celia sabia que era uma pessoa com muito mais experiência do mundo do que ele.

O que era importante então? Não os sentimentos pessoais de Martin e também não os de Celia, mas sim o resultado do encontro daquele dia.

Isso era verdade? Sim, outra vez.

E quanto a esse resultado — Celia suspirou interiormente — ela não estava otimista. Na verdade, tinha quase certeza de que estragara tudo com a sua grosseria, para usar a expressão de Sam. Quanto mais pensava a respeito, menos gostava do que fizera, mais as recordações do dia a deprimiam. O abatimento persistia quando ela chegou ao hotel. Foi cumprimentada por um porteiro uniformizado

no saguão do Barkeley.

— Boa noite, Sra. Jordan. Teve um dia agradável?

— Tive, sim, obrigada.

Mentalmente, ela acrescentou: Pelo menos em algumas coisas. Quando pegou a chave, o recepcionista entregou-lhe diversos recados. Celia pegou-os, resolvendo que leria depois, quando estivesse no quarto. Já estava prestes a se virar quando o recepcionista acrescentou:

— Ah, sim, Sra. Jordan, tem mais um recado. Veio há poucos minutos. Um cavalheiro telefonou. Anotei pessoalmente. Não faz muito sentido, mas ele disse que a senhora compreenderia.

Cansada e sem qualquer interesse, Celia olhou para o pedaço de papel. E não conseguiu mais desviar os olhos. O recado dizia:

*PARA TODAS AS COISAS HÁ SEMPRE
UM TEMPO
INCLUSIVE AS AMERICANAS
GROSSEIRAS
OFERECENDO PRESENTES
OBRIGADO. EU ACEITO. - MARTIN*

Insolitamente, com a desaprovação do

recepcionista se manifestando no rosto franzido, o austero saguão do Berkeley ressoou com o grito alto e penetrante de Celia:

— Viva!

11

Poucos dias antes da excursão dominical de Celia a Cambridge, Sam e Lilian Hawthorne deixaram a Inglaterra para uma breve visita a Paris e de lá voaram diretamente para Nova York, no sábado. Portanto, foi somente na segunda-feira, às três e meia da tarde, pelo horário de Londres, que Celia conseguiu falar pelo telefone com Sam, em sua sala no Felding-Roth, em New Jersey. Quando ela deu a notícia sobre Martin Peat-Smith, Sam reagiu com o maior entusiasmo, dizendo:

— Estou deliciado, embora atônito. Você é incrível, Celia! Como conseguiu?

Ela já esperava por essa pergunta e respondeu cautelosamente:

— Não sei se você vai gostar.

Ela relatou a conversa com Martin sobre dinheiro e como isso, mais do que qualquer outra

coisa, levava-o a mudar de idéia. No outro lado da linha, Sam gemeu sonoramente.

— Merda!... Desculpe. Eu a adverti a não falar em dinheiro. Como pude me enganar tanto?

— Você não podia saber, Sam. Apenas eu sondei e descobri alguns dos problemas de Martin. Por falar nisso, ele me chamou de implacável por agir assim.

— Não tem a menor importância. A sua ação produziu o resultado que queríamos. Eu deveria ter feito a mesma coisa, mas não tive a sua percepção e persistência.

Celia pensou: E também você não tinha Andrew para aconselhá-lo. Em voz alta, ela disse:

— Pelo amor de Deus, Sam, pare de se culpar. Não há necessidade.

— Está certo. Mas assumirei com você um pequeno compromisso.

— Qual?

— Se algum dia, em algum lugar pelo caminho, você e eu divergirmos sobre uma questão de julgamento que seja importante, tem minha permissão para lembrar-me deste incidente, que o seu julgamento foi certo e o meu errado.

— Espero que isso nunca aconteça.

Sam mudou de assunto.

— Vai voltar esta semana, não é mesmo?

— Depois de amanhã. Adoro Londres, mas adoro Andrew e as crianças ainda mais.

— Isso é ótimo. Assim que chegar, é melhor tirar alguns dias de folga para ficar com eles. Mas daqui a algumas semanas vou querer que viaje novamente à Inglaterra. Haverá mais providências a tomar para a instalação do instituto. Além disso, precisaremos contratar um administrador. A capacidade de pesquisa de Martin é importante demais para se desperdiçá-la em organização e trabalho burocrático.

— Concordo plenamente. A idéia me parece ótima.

— E tenho outra coisa ótima: durante os poucos dias que passei em Paris, na semana passada, adquiri os direitos americanos para uma nova droga francesa, a ser reproduzida aqui pelo Felding-Roth. Ainda é experimental e não estará pronta para ser lançada em mercado pelo menos mais dois anos. Mas parece extremamente promissora.

— Meus parabéns. Tem um nome?

— Tem, sim. É Montayne. Você ouvirá falar muito mais a respeito depois.

O restante de 1972, entrando por 1973, foi para Celia um período excitante e estimulante. Ela

realizou mais cinco viagens à Inglaterra, cada uma com várias semanas de duração. Em duas, Andrew acompanhou-a durante uma parte da viagem; em outra, Lisa e Bruce também foram. Andrew conheceu Martin. Os dois homens simpatizaram um com o outro e posteriormente Andrew disse a Celia:

— A única coisa que Martin precisa é de uma mulher como você para partilhar sua vida. Espero que ele a encontre.

Na viagem que fez com as crianças e sempre que não estava trabalhando, Celia, Lisa e Bruce visitaram os pontos turísticos de Londres... "até a exaustão", no dizer de Celia.

Bruce, então com 12 anos, revelou-se um viciado em história. Ele explicou numa manhã de domingo, enquanto os três passeavam em torno da Torre de Londres:

— Está tudo aí, mamãe, para qualquer um descobrir... o que deu certo e todos os erros. Pode-se aprender muita coisa com o que já aconteceu.

— Tem toda razão — disse Celia. — Infelizmente, a maioria não aprende.

O fascínio de Bruce pela história continuou durante uma segunda excursão a Cambridge, também conduzida por Martin Peat-Smith, desta vez para as crianças. Celia encontrava-se

regularmente com Martin durante suas viagens de trabalho à Inglaterra. O tempo total que passavam juntos não era muito porque ambos andavam muito ocupados, de maneiras diferentes.

Martin, agora que tomara a decisão de associar-se ao Felding-Roth, demonstrou toda a sua competência. Recrutou outro químico especializado em ácido nucléico, um jovem paquistanês, Dr. Rao Sastri, que seria o segundo homem no lado científico. Havia técnicos especialistas, inclusive um expert em cultura celular e outro em separação eletroforética de proteínas e ácidos nucléicos. Uma mulher ficaria encarregada de supervisionar os cuidados com as centenas de ratos e coelhos que seriam usados nas experiências.

Durante visitas a Harlow, Martin discutiu a locação de laboratórios, equipe e equipamento no prédio, em que já se realizavam as obras de conversão. Contudo, tais visitas eram rápidas; enquanto o instituto não estivesse pronto, Martin continuaria a pesquisar em seu laboratório em Cambridge. Além das excursões necessárias a Harlow, Martin insistia que seu tempo não fosse ocupado por questões administrativas que outros poderiam resolver... uma estratégia já endossada por Sam Hawthorne e que Celia executou.

Celia contratou um administrador, chamado Nigel Bentley. Um homem pequeno, confiante e irrequieto, de cinquenta e poucos anos, Bentley se aposentara recentemente da RAF, onde estava, no posto de líder de esquadrilha, no comando administrativo de um grande hospital militar. As qualificações do oficial reformado para o novo cargo eram excelentes; e também compreendia o que se esperava dele. Na presença de Celia, Bentley declarou a Martin:

– Quanto menos eu o incomodar, senhor... na verdade, quanto menos me vir... melhor estarei realizando meu trabalho.

Celia gostou da declaração e também do uso de "senhor", que era uma maneira elegante de Bentley indicar que compreendia qual devia ser o seu relacionamento com o cientista muito mais jovem.

No intervalo entre viagens à Inglaterra, quando se encontrava nos Estados Unidos, um marco pessoal ocorreu na vida de Celia... pelo menos a seu ver. Foi em setembro de 1972, quando Lisa, aos 14 anos, saiu de casa muito excitada para ingressar numa escola interna. Era a Emma Willard, no interior do estado de Nova York. A família inteira acompanhou Lisa em sua odisséia. Em casa, durante o jantar, na noite anterior, Celia perguntara a

Andrew, nostalgicamente:

– Para onde foram todos esses anos?

Mas fora Lisa, sempre prática, quem respondera:

– Aconteceram enquanto você conquistava todas aquelas promoções no trabalho, mamãe. E já calculei que estarei saindo da universidade no momento em que você sentar na cadeira do Sr. Hawthorne.

Todos riram e o clima exuberante prolongou-se pelo dia seguinte, quando eles, juntamente com outros pais, famílias e moças, foram iniciados na beleza, no espírito estimulante e nas tradições da Escola Emma Willard.

Duas semanas depois, Celia voltou à Inglaterra mais uma vez. Sam Hawthorne, profundamente envolvido com outras funções da presidência da companhia, estava agora deixando quase todos os detalhes do instituto britânico ao seu encargo.

Em fevereiro de 1973 foi oficialmente inaugurado o Instituto de Pesquisa Felding-Roth do Reino Unido. Ao mesmo tempo, o projeto de pesquisa do Dr. Martin Peat-Smith sobre a doença de Alzheimer e o processo de envelhecimento mental foi transferido de Cambridge para Harlow.

Fora decidido, como uma questão de política

da companhia, que nenhuma outra pesquisa seria iniciada na Inglaterra por enquanto. O argumento, apresentado por Sam ao conselho diretor numa reunião em New Jersey, foi de que "o projeto que temos agora é oportuno, promissor e com muitas possibilidades comerciais; portanto, devemos nos concentrar nele". Não houve muito estardalhaço na inauguração de Harlow. Sam, que foi até lá para a ocasião, declarou:

— O momento para chamar a atenção do público é quando tivermos algo positivo para mostrar, o que ainda não acontece.

E quando haveria algo positivo?

— Preciso de um prazo de dois anos — disse Martin a Sam e a Celia, num momento particular e informal. — Até lá, deverei ter algum progresso a comunicar.

Depois da inauguração do instituto, as visitas de Celia à Inglaterra tornaram-se mais espaçadas e mais curtas. Ela continuou a viajar por algum tempo para, como representante de Sam, ajudar a superar os problemas iniciais de funcionamento. Mas, de um modo geral, Nigel Bentley parecia corresponder à confiança nele depositada com sua designação para administrador. De Martin, à medida que os meses passavam, não havia qualquer notícia

específica, a não ser a informação, através de Bentley, de que a pesquisa continuava.

Na sede do Felding-Roth, em New Jersey, Celia continuava a operar como assistente especial do presidente, trabalhando em outros projetos que Sam lhe entregava.

Foi durante esse período que, no cenário nacional, explodiu o furúnculo infeccionado de Watergate. Celia e Andrew, como milhões de outras pessoas no mundo inteiro, acompanharam o desfilar dos acontecimentos todas as noites pela televisão, absorvidos no fascínio do drama a se desenrolar. Celia recordou como, um ano antes, quando seguia de carro para Harlow em companhia de Sam, descartara a primeira notícia sobre o assalto a Watergate como um fato sem qualquer importância.

Quase ao final de abril, enquanto a tensão aumentava, dois arrogantes assessores presidenciais, Haldeman e Ehrlichman, foram jogados aos lobos pelo Presidente Nixon, numa tentativa de salvar a própria pele. Em outubro, aumentando ainda mais o desespero de Nixon e da nação, o Vice-Presidente Agnew foi afastado do cargo por outro escândalo de corrupção, não relacionado com Watergate. Finalmente, 10 meses depois, o próprio Nixon tornou-se, com a maior

relutância, o primeiro presidente americano a renunciar. Andrew comentou:

– Independente de todo o resto que a história possa dizer, pelo menos ele entrará para o Livro Guinness de Recordes.

O sucessor de Nixon prontamente concedeu ao antecessor um perdão antecipado por qualquer processo criminal. Quando lhe perguntaram se era favorável à política de retribuição, ele proclamou:

– Não houve qualquer acordo.

Assistindo e ouvindo a declaração pela televisão, Celia perguntou a Andrew:

– Acredita nisso?

– Não.

Ela disse incisivamente:

– Eu também não.

Mais ou menos nessa ocasião — um fato menos significativo num cenário mais amplo, embora muito importante para a família Jordan — Bruce também saiu de casa para ingressar numa escola preparatória, a Hill School, em Pottstown, Pensilvânia.

Durante todo esse período e entrando por 1975, a situação do Felding-Roth manteve-se relativamente estável, embora sem nada de espetacular. Dois produtos desenvolvidos nos

laboratórios da companhia contribuíram para isso; um antiinflamatório para o artrismo reumático e um medicamento para diminuir os batimentos cardíacos e reduzir a pressão sangüínea, chamado Staidpace. O remédio para o artrismo foi apenas moderadamente bem sucedido, mas o Staidpace provou ser um produto excelente, salvando muitas vidas e tornando-se amplamente usado.

O Staidpace teria contribuído ainda mais para a receita do Felding-Roth se sua aprovação nos Estados Unidos não fosse protelada pela Administração de Alimentos e Medicamentos por um prazo que parecia inadmissível... na opinião da companhia, dois anos além do que seria necessário.

Parecia haver, na sede da AAM em Washington, nas palavras frustradas do diretor de pesquisa do Felding-Roth, Vincent Lord, "uma relutância contagiosa em tomar uma decisão sobre qualquer coisa". A opinião era partilhada por outros laboratórios farmacêuticos. Ao que se dizia, um alto funcionário da AAM exibia orgulhosamente em sua mesa uma placa com a famosa promessa do Marechal Pétain, da França, na Primeira Guerra Mundial: "Eles não passarão". Parecia resumir perfeitamente a atitude do pessoal da AAM a qualquer solicitação de aprovação para um novo

medicamento.

Foi nessa ocasião que começou a ser usada e atrair atenção a expressão *drug lag*, indicando a não-disponibilidade nos Estados Unidos de medicamentos benéficos que já estavam em uso em outros países: Contudo, havia sempre uma resposta rotineira a qualquer pedido de ação mais rápida nas aprovações de novos remédios:

— Lembrem-se da Talidomida!

Sam Hawthorne enfrentou essa atitude resolutamente, num discurso feito numa convenção da indústria farmacêutica:

— Padrões rigorosos de segurança são necessários no interesse público e bem poucos existiam não faz muito tempo. Mas os pêndulos se deslocaram demais e a indecisão burocrática tornou-se agora um desserviço nacional. Quanto aos críticos de nossa indústria, que argumentam com a Talidomida, eu gostaria de lembrar o seguinte: O número de crianças deformadas pela Talidomida é agora superado em muito pelo número dos que sofreram ou morreram porque medicamentos eficazes, retidos pelas protelações burocráticas americanas, não puderam alcançá-los em seu momento de necessidade.

Era uma fala dura e o início do que seria um

debate acalorado, com argumentos veementes pró e contra, estendendo-se ao longo de muitos anos.

No Felding-Roth, um projeto esperado com a maior ansiedade, se encontrava agora em "suspense".

O acordo feito por Sam para obter os direitos americanos de um novo medicamento francês, o Montayne, ainda não alcançara um ponto em que os testes de segurança e eficácia, conforme exigido por lei, poderiam ser iniciados nos Estados Unidos. Assim, ainda havia um longo caminho a percorrer antes mesmo que o pedido de aprovação para o novo medicamento pudesse ser apresentado à AAM.

Montayne era um remédio para combater o enjôo matutino das mulheres grávidas; representava uma grande promessa, especialmente para as mulheres que trabalhavam fora e que assim se livrariam de um tardo que lhes tornava a vida difícil e às vezes ameaçava seu emprego.

Os descobridores do medicamento — Laboratoires Gironde-Chimie, uma firma respeitável — estavam convencidos de que tinham um produto da mais alta qualidade e segurança, conforme ficara comprovado pelos testes excepcionalmente amplos em animais e voluntárias

humanas. Os testes haviam apresentado até agora excelentes resultados e nenhum efeito colateral adverso, segundo informou ao Felding-Roth o laboratório francês, baseado em Paris. Mesmo assim, o chefe do Gironde-Chimie explicou, numa carta pessoal a Sam:

Tendo em vista ocorrências passadas e a natureza frágil deste medicamento, devemos ser extremamente prudentes. Portanto, decidimos realizar mais algumas séries de testes em diferentes tipos de animais e também em novas voluntárias humanas. Isso exigirá mais algum tempo.

No clima do momento, Sam concordou, as precauções adicionais pareciam sensatas. Enquanto isso, o Felding-Roth continuava a esperar por um sinal verde dos franceses, antes de iniciar os seus próprios trabalhos com o Montayne.

PARTE TRÊS

1975-1977

1

O Dr. Vincent Lord podia ter alguns problemas que eram imaginários, mas também tinha muitos que eram absolutamente reais. E um desses problemas reais era a AAM.

A Administração de Alimentos e Medicamentos, com sede nos arredores de Washington, representava um labiríntico curso de obstáculos que qualquer medicamento farmacêutico e seus patrocinadores tinham de superar antes da aprovação para lançamento em mercado. Como os patrocinadores dos medicamentos eram quase sempre as companhias que os descobriam, produziam e eventualmente vendiam ao público, os grandes laboratórios farmacêuticos e a AAM se encontravam freqüentemente engalfinhados num estado combativo. Esse estado variava, de acordo com a questão do momento, de uma escaramuça intelectual-científica a uma guerra total.

Para Vincent Lord, era mesmo a guerra.

Uma de suas funções no Felding-Roth era lidar ou supervisionar os contatos com a AAM. E era uma coisa que detestava. Também detestava e às vezes desprezava as pessoas que lá trabalhavam. Aumentando o seu problema havia o fato de que, para conseguir qualquer coisa na AAM, precisava reprimir seus sentimentos e guardá-los para si mesmo. As duas coisas eram-lhe difíceis, às vezes impossíveis.

É claro que o Dr. Lord era preconceituoso. O mesmo acontecia com outros, que trabalhavam em outros laboratórios farmacêuticos, que lidavam com a AAM.

Havia ocasiões em que os preconceitos se justificavam. O que já não acontecia em outras.

E isso porque as leis e o costume exigiam que a AAM fosse várias coisas ao mesmo tempo.

Era uma guardiã da saúde pública, tendo como seu dever proteger os inocentes da ganância excessiva, incompetência, indiferença ou negligência, pecados cometidos ocasionalmente pelos laboratórios farmacêuticos, cujo objetivo primordial era o lucro. O inverso era também função da AAM como um anjo misericordioso: a obrigação de tornar disponíveis, com o máximo de presteza, os novos e

esplêndidos medicamentos — dos mesmos laboratórios farmacêuticos — que prolongavam a vida ou atenuavam a dor.

Outro papel era o de ser o bode expiatório dos críticos — laboratórios farmacêuticos, grupos de consumidores, jornalistas, autores, advogados, grupos de pressão, os mais diversos interesses específicos — que acusavam a AAM de ser muito rigorosa ou muito indulgente, dependendo do lado em que os críticos se situavam. Além disso, a AAM era usada regularmente como uma plataforma política por deputados e senadores interesseiros e demagógicos, que procuravam um meio fácil de ver seus nomes na imprensa e na televisão.

Somando-se a tudo isso, a AAM era uma confusão burocrática... com excesso de pessoal, mas com pouca gente em setores críticos, os especialistas médicos e científicos com muito trabalho e mal pagos.

O mais espantoso era que, entre todos esses papéis, dificuldades e críticas, a AAM cumpria as suas funções... e, de um modo geral, extraordinariamente bem.

Mas, inevitavelmente, havia problemas e um deles era o que se chamava de *drug lag*.

A gravidade do *drug lag* dependia, como tanta

coisa na AAM, do ponto de vista de cada um. Mas de fato existia e era admitido pela própria organização.

Vincent Lord sofreu uma amostra do *drug lag* durante a tentativa do Felding-Roth de obter aprovação para a venda nos Estados Unidos do Staidpace, um medicamento para o coração e a pressão desenvolvido na Suíça e já em uso também na Inglaterra, França, Alemanha Ocidental e diversos outros países.

A AAM exigia que o remédio fosse submetido a rigorosos testes adicionais nos Estados Unidos, a fim de comprovar sua segurança e eficácia, antes que pudesse ir para as prateleiras das farmácias e ser receitado pelos médicos. E era uma boa exigência. Ninguém contestava isso, inclusive Vincent Lord e outros executivos do Felding-Roth.

Mas eles protestavam — depois que foram realizados com êxito todos os testes exigidos e apresentados os resultados — contra os dois anos extras de protelações por indecisão e motivos insignificantes.

Em 1972, o Felding-Roth apresentou a SNR — solicitação de novo remédio — do Staidpace à sede da AAM, num caminhão. Consistia de 125 mil páginas, em 307 volumes, o suficiente para encher

uma sala pequena. Todo esse material era exigido por lei e incluía informações dos suíços que haviam desenvolvido a droga, além de detalhes completos sobre os dois anos de testes em animais e seres humanos nos Estados Unidos.

Embora as informações fornecidas fossem tão completas quanto se poderia desejar, havia uma certeza tácita nos dois lados que ninguém na AAM poderia ler tudo. Quantidades de material similares eram recebidas com grande freqüência dos outros laboratórios farmacêuticos, procurando aprovação para novos medicamentos.

Foi escolhido um revisor, entre a equipe médico-científica da AAM, para avaliar e decidir o pedido de licença para o Staidpace. Foi o Dr. Gideon R. Mace, um médico que estava há um ano na AAM.

O Dr. Mace contaria com a colaboração de especialistas científicos do órgão... sempre que pudessem encontrar algum tempo em seu trabalho com outras drogas.

Outra parte do processo, à medida que a verificação prosseguia, era a convocação de cientistas do Felding-Roth, talvez para explicar alguma coisa do material apresentado ou para acrescentar novas informações. Isso era normal.

O que não parecia tão normal eram os hábitos de trabalho e as atitudes do Dr. Mace. Seu ritmo era o de uma lesma... lento até mesmo para os padrões vagarosos da AAM. Ele era também mesquinho e irracionalmente belicoso.

Foi assim que o nome de Gideon Mace se acrescentou à lista de pessoas na AAM a quem Vincent Lord desprezava.

Lord supervisionara pessoalmente a solicitação de autorização para o Staidpace e estava convencido de que era absolutamente completa e meticulosa. Assim, à medida que os meses transcorreram sem uma decisão, a frustração de Lord foi aumentando. Quando finalmente se tinha notícias de Mace, era sobre questões triviais. Um dos assistentes de Lord chegou a comentar:

— Ele parecia contestar cada vírgula, às vezes nada tendo a ver com a ciência.

Igualmente irritante era o fato de Mace exigir autoritariamente informações extras que muitas vezes se descobrira já constar da apresentação original. Mace simplesmente não procurara ou sequer perguntara se existiam. Quando os fatos eram apontados, ele levava mais algumas semanas para reconhecê-lo... e sempre o fazia de má vontade.

Depois que essa situação já persistia por algum

tempo, Vincent Lord assumiu diretamente o caso e começou a fazer o que mais detestava: ir pessoalmente à AAM.

A sede da agência era num local inconveniente, na Fishers Lane, em Maryland, cerca de 25 quilômetros ao norte de Washington, uma hora de tediosa viagem de carro da Casa Branca ou Capitólio. Ficava num prédio simples de alvenaria, em formato de "E", construído a um custo baixo nos anos 60, sem o benefício da imaginação arquitetônica.

As salas, em que trabalhavam sete mil pessoas, eram quase todas pequenas e apinhadas. Muitas não tinham janelas. Outras estavam tão cheias de ocupantes e móveis que se tornava muito difícil circular. O pouco espaço restante era ocupado por papéis. Havia papéis por toda parte. Pilhas e mais pilhas, resmas incontáveis, toneladas de papel. Papel além da imaginação. A sala de correspondência era um pesadelo de papel, sujeita todos os dias a uma avalanche de mais, entrando ou saindo, embora a saída raramente igualasse a entrada. Nos corredores, mensageiros empurravam constantemente carrinhos de entrega com mais papéis ainda.

O Dr. Gideon Mace trabalhava numa sala que

não chegava a ser muito maior que um armário embutido, no 10º andar. Quase chegando aos 60 anos, Mace era magro e de pescoço comprido; as pessoas faziam comentários indelicados a respeito de girafas. Tinha o rosto vermelho, o nariz coberto por veias. Usava óculos sem aros e contraía os olhos por trás, sugerindo que precisava mudar o grau. Seu comportamento era brusco. Em conversa, podia ser sarcástico e facilmente se mostrava azedo. O Dr. Mace vestia geralmente um velho terno cinza e ostentava uma gravata desbotada.

Quando Vincent Lord foi procurá-lo, Mace teve de remover os papéis de uma cadeira para que o diretor de pesquisa do Felding-Roth pudesse sentar.

— Parece que estamos tendo problemas com o Staidpace — disse Lord, fazendo o maior esforço para se mostrar cordial. — Vim descobrir o motivo.

— Sua SNR é descuidada e desorganizada — respondeu Mace. — E, ainda por cima, não me informa tudo o que preciso saber.

— De que forma é desorganizada? — indagou Lord. — E o que mais precisa saber?

Mace ignorou a primeira pergunta e respondeu à segunda:

— Ainda não determinei. Mas seu pessoal será informado.

— Quando?

— Quando eu estiver pronto para comunicar.

— Seria útil e provavelmente ganharia tempo se pudesse me dar alguma idéia dos pontos em que estamos com problemas — sugeriu Lord, conseguindo reprimir a raiva, mas por pouco.

— Não sou eu que tenho problemas, mas vocês — declarou Gideon Mace. — Tenho dúvidas sobre a segurança do seu medicamento. Pode ser carcinogênico. E quanto a ganhar tempo, é uma coisa que não me preocupa. Não há pressa. Temos tempo suficiente.

— Você pode ter — reagiu Lord, já perdendo o controle. — Mas o que me diz das pessoas com problemas cardíacos que poderiam estar usando o Staidpace? Muitos pacientes precisam do medicamento agora. Já está salvando vidas na Europa, onde obtive a aprovação há muito tempo. Gostaríamos que fizesse a mesma coisa aqui.

Mace sorriu sugestivamente.

— E, apenas por coincidência, proporcionaria um monte de dinheiro ao Felding-Roth.

Lord se eriçou.

— Isso não me diz respeito.

— Você é quem diz — comentou Mace, ceticamente. — Mas, do lugar em que estou sentado,

parece mais um vendedor do que um cientista.

Ainda assim, Vincent Lord conseguiu se controlar.

— Falou em segurança. Como já deve saber por nossa SNR, os efeitos colaterais têm sido mínimos, nenhum deles perigoso, não há qualquer vestígio de carcinogênicos. Sendo assim, poderia me informar a base de suas dúvidas?

— Não agora. Ainda estou pensando a respeito.

— E, enquanto isso, não toma qualquer decisão.

— Exatamente.

— Nos termos da lei, — lembrou Lord, — tem um prazo máximo de seis meses...

— Não precisa me fazer uma preleção sobre os regulamentos — declarou Mace, irritado. — Conheço a todos. Mas se eu rejeitar a sua SNR temporariamente e insistir em mais dados, o prazo volta a zero.

Era verdade. Essas táticas protelatórias eram usadas na AAM... às vezes com bons motivos, Vincent Lord admitiu mentalmente, mas em outras ocasiões apenas por capricho do funcionário responsável ou simplesmente para adiar decisões. Tendo chegado ao limite extremo de sua paciência, Lord disse bruscamente:

— Não tomar decisões é sempre o caminho

mais seguro para um burocrata, não é mesmo?

Mace sorriu, mas não respondeu.

Ao final, a reunião nada produziu além de um aumento da frustração de Vincent Lord. Mas levou-o a tomar uma decisão: procuraria descobrir mais, tanto quanto pudesse, a respeito do Dr. Gideon R. Mace. Esse tipo de informações podia às vezes ser útil.

Durante os poucos meses subseqüentes, Lord precisou fazer diversas visitas a Washington e à sede da AAM. E, a cada vez, através de perguntas casuais aos colegas de Mace na agência e discretas investigações externas, ele conseguia descobrir uma quantidade espantosa de informações.

Enquanto isso, Mace rejeitara um dos estudos do Felding-Roth sobre o Staidpace — uma série de testes em pacientes cardíacos. Obviamente saboreando o seu poder, Mace decidiu que toda a seqüência de testes deveria ser refeita. Lord não via qualquer motivo válido para repetir o trabalho. Levaria um ano e seria dispendioso; ele poderia protestar. Mas também compreendeu que o protesto resultaria em fracasso, com a protelação por tempo indefinido da SNR do Staidpace ou na rejeição do remédio. Assim, relutantemente, Lord determinou que o programa de testes fosse refeito.

Pouco depois, ele comunicou a decisão a Sam Hawthorne e informou o que descobrira a respeito de Gideon Mace. Os dois estavam reunidos na sala de Sam.

— Mace é um médico fracassado — assegurou o diretor de pesquisa. — É também um alcoólatra e enfrenta problemas de dinheiro, em parte porque paga pensões a duas ex-esposas. Tem outro emprego, trabalhando à noite e nos fins de semana, numa clínica médica particular.

Sam avaliou por um momento as informações e depois indagou:

— O que está querendo dizer com "médico fracassado"?

O diretor de pesquisa consultou suas anotações.

— Depois que se formou, Mace trabalhou em cinco cidades, empregado por outros médicos. Depois, abriu o seu próprio consultório. Pelo que pude descobrir através de pessoas que o conhecem, tudo fracassou porque Mace não se dá bem com as pessoas. Não gostava dos outros médicos e, quanto ao consultório particular, ele diz francamente que não gostava dos pacientes.

— E pelo que está parecendo, os pacientes provavelmente não o amavam. Por que ele foi

contratado pela AAM?

— Conhece a situação da AAM. Eles têm a maior dificuldade para conseguir pessoal.

— Tem razão, Vince.

O recrutamento do pessoal médico-científico para a AAM era um problema antigo. Os salários pagos pelo governo eram notoriamente baixos, um médico contratado pela AAM recebia a metade do que poderia ganhar na clínica particular. No caso dos cientistas, era ainda maior a diferença entre os contratados pela AAM e os que tinham qualificações similares e trabalhavam para os laboratórios farmacêuticos.

Havia outros fatores.. Um deles era o prestígio profissional. Nos círculos médico-científicos, trabalhar para a AAM não era considerado impressionante. Uma nomeação para os Institutos Nacionais de Saúde do governo, por exemplo, era muito mais procurada.

Algo mais que afetava os médicos trabalhando na AAM era a ausência de uma coisa que muitos consideravam da maior importância: o contato direto com os pacientes. Havia apenas, como Sam ouvira descrever certa ocasião, "o exercício da medicina indireto, através da leitura dos casos de outros médicos".

Apesar dessas limitações — e outra vez de maneira admirável — as fileiras da agência continham muitos profissionais dedicados, da mais alta categoria. Mas, inevitavelmente, havia os outros. Os fracassados. Os alienados e amargurados, que preferiam a solidão relativa a conhecer muitas pessoas. Os que tratavam de se proteger ao máximo, evitando decisões difíceis. Os alcoólatras. Os desequilibrados.

Obviamente, na opinião de Sam e Vince Lord, o Dr. Gideon Mace era um desses.

— Há alguma coisa que eu possa fazer, Vince? Como procurar o comissário?

— Não aconselho, Sam. Os comissários da AAM são políticos, entram e saem. Mas os burocratas permanecem e possuem uma memória comprida.

— Ou seja, poderíamos vencer com o Staidpace, mas perderíamos depois.

— Exatamente.

— O que me diz do alcoolismo de Mace?

Lord deu de ombros.

— Fui informado que beber demais acabou com seus dois casamentos. Mas ele agüenta. Não falta ao trabalho. Funciona direito. Pode guardar uma garrafa em sua mesa, mas se o faz ninguém

com quem conversei já o viu beber.

— Ter outro emprego, numa clínica particular, é contra os regulamentos?

— Aparentemente não, se Mace ocupar apenas o seu tempo de folga, embora possa estar cansado quando se apresenta ao trabalho no dia seguinte. Outros médicos da AAM fazem a mesma coisa.

— Então não há possibilidade de tomarmos uma providência decisiva contra Mace?

— Por enquanto, não. Mas ele continua obrigado a pagar as pensões e pessoas com problemas de dinheiro podem fazer as coisas mais estranhas. Por isso, continuarei atento. É possível que alguma coisa venha a surgir.

Sam observou o seu diretor de pesquisa atentamente, com uma expressão pensativa.

— Você se tornou um homem dedicado à companhia, Vince. Como demonstra ao cuidar deste problema, que não é dos mais agradáveis. Defendendo os nossos interesses. Quero que saiba que aprecio bastante a sua atitude.

— Bom... — Lord parecia surpreso, embora não satisfeito. — Eu não tinha pensado assim. Tudo o que queria era dar um jeito naquele miserável e conseguir a aprovação do Staidpace. Mas talvez você esteja certo.

Vincent Lord, refletindo posteriormente, calculou que era verdade o que Sam dissera a respeito de sua dedicação à companhia. Lord se achava agora em seu 18º ano no Felding-Roth; mesmo quando não se esperava que isso acontecesse, determinadas lealdades não podiam deixar de surgir ao longo desse período. Além disso, atualmente, os pensamentos introspectivos sobre estar certa ou errada a sua decisão de deixar o mundo acadêmico pelo industrial já não o ocupavam tanto quanto antes. Muito mais de seu pensamento se concentrava na pesquisa continuada sobre a extinção dos radicais livres... sempre que ele dava um jeito de se livrar de suas outras responsabilidades no departamento. As respostas que Lord procurava ainda lhe escapavam. Mas ele sabia que estavam lá. E nunca desistiria, nunca mesmo.

Havia um incentivo novo à sua pesquisa. Era o instituto da companhia na Inglaterra, onde Peat-Smith, a quem Vincent Lord ainda não conhecera pessoalmente, concentrava-se no processo de envelhecimento mental. Era uma competição. Quem — Lord ou Peat-Smith — alcançaria primeiro uma grande descoberta?

Fora um desapontamento para Lord quando

tivera negada a autoridade sobre a pesquisa do Felding-Roth na Inglaterra, como tinha nos Estados Unidos. Mas Sam Hawthorne se mostrara intransigente, insistindo que "por lá" o pessoal tinha de trabalhar com independência, operando por conta própria. Pelo que acontecera depois, raciocinava Lord, talvez tivesse sido melhor assim, no final das contas. A se acreditar nos rumores que vazavam da Inglaterra, parecia que Peat-Smith não estava chegando a parte alguma, esbarrando numa muralha científica. Se fosse verdade, Lord se encontrava isento de qualquer responsabilidade.

Enquanto isso, havia muito o que fazer no cenário farmacêutico americano.

Quanto ao Dr. Gideon Mace, a oportunidade que Vincent Lord esperava de lhe "dar um jeito" finalmente chegou, embora não a tempo de ajudar o Staidpace, que depois de mais protelações e indecisões fora aprovado e lançado no mercado em 1974.

Foi em janeiro de 1975, um dia depois de voltar de Washington, onde fora tratar de outro problema na AAM, que Lord recebeu um telefonema estranho.

— Há um homem ao telefone que não quer dizer seu nome — anunciou a secretária. — Mas ele

é persistente e diz que você terá o maior prazer em lhe falar.

— Diga a ele para... não, espere um instante! — A curiosidade de Lord prevaleceu. — Ponha-o na linha.

Assim que a ligação foi concluída, ele disse bruscamente:

— Quem quer que seja, diga depressa o que quer ou vou desligar.

— Vem coletando informações a respeito do Dr. Mace. Pois tenho algumas.

A voz era de homem, jovem e refinada. Lord ficou ainda mais curioso.

— Que tipo de informações?

— Mace tem violado a lei. Com as informações que eu tenho, pode mandá-lo para a cadeia.

— O que o leva a pensar que estou interessado nisso?

— Você queria que eu fosse rápido, mas agora fica de conversa. Está interessado ou não?

Lord estava cauteloso, lembrando que conversas telefônicas podiam ser gravadas.

— Como o Dr. Mace violou a lei?

— Ele usou informações confidenciais da AAM para obter lucro pessoal no mercado de ações. Por duas vezes.

- Como pode provar isso?
 - Tenho documentos. Mas se quer obtê-los, Dr. Lord, terá de me pagar. Dois mil dólares.
 - O fato de vender esse tipo de informações não o torna tão culpado quanto Mace?
- A voz respondeu calmamente:
- É possível. Mas não é essa a questão.
 - Qual é o seu nome? – perguntou Lord.
 - Eu lhe direi quando nos encontrarmos em Washington.

2

O bar era em Georgetown, elegantemente decorado, em tons suaves de vermelho, bege e marrom, com atraentes acessórios de bronze. Era também, obviamente, um ponto de encontro para homossexuais. Diversos rostos se levantaram interessados quando Vincent Lord entrou; ele sentiu que era avaliado e isso deixou-o contrafeito. Mas antes que o sentimento pudesse persistir, um rapaz, sentado sozinho num reservado, levantou-se e adiantou-se.

- Boa noite, Dr. Lord. Sou Tony Redmond. –

Ele sorriu insinuantemente. — A voz ao telefone.

Lord murmurou um cumprimento e deixou que sua mão fosse apertada. Reconhecera Redmond prontamente como um empregado da AAM. Lembrou-se de tê-lo visto em diversas ocasiões, durante outras viagens a Washington, embora não pudesse determinar precisamente onde. Redmond, de vinte e poucos anos, tinha cabelos castanhos crespos, bem curtos, olhos azuis claros, com pestanas proeminentes, um homem bastante atraente. Ele seguiu na frente para o reservado, onde os dois sentaram, de frente um para o outro. Redmond já tinha um drinque. Apontou-o e perguntou:

— Vai me acompanhar, Doutor?

— Pode deixar que eu pedirei quando quiser.

Lord não tinha a menor intenção de permitir que o encontro se tornasse uma ocasião social. Quanto mais cedo acabasse o que fora fazer ali, melhor seria.

— Sou um técnico médico na agência — informou Redmond. — Já o vi várias vezes em nosso departamento.

Lord identificou agora o rapaz. Ele trabalhava na mesma área que Gideon Mace. Isso explicava, em parte, como obtivera a informação que estava agora vendendo.

Depois da ligação inicial da pessoa agora revelada como Redmond, houvera mais duas conversas ao telefone. Numa, falaram sobre dinheiro. Redmond insistira firmemente na exigência original de dois mil dólares em troca dos documentos que alegava possuir. O encontro fora combinado na última ligação, com Redmond escolhendo o local.

Poucos dias antes, na sede do Felding-Roth, Lord procurara Sam Hawthorne, no gabinete do presidente da companhia, dizendo:

— Preciso de dois mil dólares e não quero ser obrigado a dar explicações a respeito.

Quando Sam alteara as sobrancelhas, Lord acrescentara:

— É para comprar uma informação que acho que a companhia deve possuir. Se insistir, eu lhe revelarei os detalhes. Mas, na minha opinião, é melhor você não saber de nada.

— Não gosto desse tipo de coisa — protestara Sam. — Tem alguma coisa desonesta envolvida?

Lord pensara por um momento.

— Creio que é antiético... um advogado poderia dizer que beira a ilegalidade. Mas posso lhe garantir que não estamos roubando coisa alguma... como os segredos de outra companhia.

Sam ainda hesitara e Lord lembrara:

— Eu disse que lhe contarei tudo, se assim desejar.

Sam sacudiu a cabeça.

— Muito bem, você terá o dinheiro. Autorizarei o desembolso.

— Quando o fizer, seria melhor que o mínimo de pessoas esteja envolvido. Pensei, por exemplo, que a Sra. Jordan não precisa saber.

Sam declarou, irritado:

— Eu decidirei isso. — Depois, ele admitira. — Está certo, ela não saberá.

Lord sentira-se aliviado. Celia Jordan tinha um jeito de fazer perguntas penetrantes. Além do mais, ela poderia discordar do que ele se propunha fazer.

Posteriormente, naquele mesmo dia, Vincent Lord recebera um cheque da companhia. Um voucher indicava a quantia como sendo reembolso por "despesas especiais de viagem".

Lord descontara o cheque antes de deixar Morristown a caminho de Washington. E levara o dinheiro para aquele bar. Estava dentro de um envelope, num bolso do paletó.

Um garçom aproximou-se. Seu comportamento era parecido com o de Redmond, a quem chamou de "Tony". Lord pediu um gim-tônica.

— Não acha que é um lugar simpático? — comentou Redmond, depois que o garçom se afastou. — É considerado chique. Frequentado principalmente pelo pessoal do governo e da universidade.

— Não estou interessado em quem vem aqui — disse Lord. — Mostre-me os documentos.

Redmond reagiu:

— Trouxe o dinheiro?

Lord assentiu bruscamente e esperou.

— Acho que posso confiar em você — acrescentou Redmond.

Havia uma pasta no assento ao seu lado. Ele abriu-a e tirou um envelope pardo grande, que estendeu para Lord, dizendo:

— Está tudo aí.

O gim-tônica de Lord chegou no momento em que ele começava a estudar os papéis. Tomou dois goles, enquanto lia. Dez minutos depois, ele olhou através da mesa e disse, relutantemente:

— Você foi meticuloso.

— É a primeira coisa simpática que você me diz.

O rosto de Redmond contraiu-se num sorriso insinuante.

Lord ficou em silêncio, avaliando as

possibilidades.

O problema envolvendo o Dr. Gideon Mace era claro. Redmond delineara uma parte durante as conversas ao telefone. Os documentos que Lord tinha nas mãos explicavam o resto.

Relacionava-se com as leis de patentes americanas, as drogas em geral e os procedimentos da AAM. Vincent Lord estava bem a par das três coisas.

Quando expirava a patente sobre qualquer produto farmacêutico importante — normalmente 17 anos depois do registro da patente — diversos fabricantes pequenos procuravam produzi-lo em forma genérica, vendendo depois a um preço inferior do que era estipulado pela companhia originária. Quando isso acontecia, os lucros de uma companhia genérica podiam se elevar a milhões.

Contudo, antes que qualquer droga genérica pudesse ser fabricada, era preciso solicitar uma autorização à AAM. Isso se aplicava ainda mais se o mesmo tipo de medicamento já se achava no mercado, com a aprovação da AAM concedida há muito ao laboratório originário.

O procedimento pelo qual uma companhia genérica era autorizada a produzir e vender um remédio anteriormente patenteado era conhecido

como solicitação abreviada de novo remédio, SANR.

Para qualquer medicamento importante cuja patente estava prestes a expirar, a AAM podia receber uma dúzia ou mais de SANR. E como acontecia com o SNR normal, a exemplo do que houvera com o Staidpace do Felding-Roth, um SANR também demorava bastante para ser processado.

Nunca ficara muito claro como a AAM cuidava internamente de todos os SANR. Mas uma aprovação sempre era anunciada antes. As outras vinham depois, quase sempre uma a uma, às vezes em intervalos consideravelmente espaçados.

Assim, a companhia que recebia primeiro a aprovação de uma SANR importante levava uma enorme vantagem sobre as concorrentes, com a probabilidade de lucros correspondentes. E se as ações dessa companhia estivessem no mercado, a cotação poderia subir abruptamente, às vezes até dobrando de um dia para outro.

Contudo, como as pequenas companhias genéricas não estavam incluídas nas principais bolsas de valores, como a de Nova York, suas ações eram negociadas no mercado paralelo. Os operadores profissionais podiam não tomar

conhecimento da súbita alta numa ação do mercado paralelo, o público de um modo geral de nada sabia, as ações individuais raramente alcançavam as manchetes dos jornais diários ou do Wall Street Journal.

Por todos esses motivos, era uma situação ideal para alguém desonesto e com informações internas. Sabendo qual companhia genérica estava prestes a receber aprovação de uma SANR, uma pessoa poderia ganhar muito dinheiro rapidamente, comprando as ações antes que a AAM fizesse o anúncio e vendendo imediatamente depois.

O Dr. Gideon Mace, funcionário da AAM e a par de informações confidenciais, fizera justamente isso. A prova estava nas fotocópias que Vincent Lord tinha nas mãos. Estava tudo ali.

— as fichas de transação de "compra" e "venda" do corretor, em que o nome do cliente era Marietta Mace. Lord já fora informado por Redmond que se tratava da irmã solteirona de Mace, obviamente uma precaução, mas que de nada adiantava;

— dois anúncios da AAM de aprovações de SANR, envolvendo companhias genéricas chamadas Binvus Products e Minto Labs. Os nomes correspondiam aos indicados nas fichas de

corretagem;

- dois cheques cancelados de Gideon Mace, pagáveis à sua irmã e nos mesmos valores das duas ordens de "compra" da corretagem;

- dois extratos bancários de Gideon R. Mace, indicando grandes depósitos pouco depois das datas das ordens de "venda".

Lord fizera cálculos rápidos com um lápis no envelope. Mace, depois que a irmã deduzira o que parecia ser uma comissão de 10 por cento, obtivera um lucro líquido total em torno de 16 mil dólares.

Talvez mais. Era possível que Mace tivesse efetuado a mesma operação com maior frequência, algo que somente uma investigação criminal poderia revelar.

"Criminal" era a palavra essencial. Exatamente como Redmond prometera no telefone inicial, o Dr. Mace quase que certamente iria para a cadeia se fosse denunciado.

Lord estava prestes a perguntar a Redmond como o material fora obtido, mas depois mudou de idéia. Não era difícil adivinhar a resposta. Mace provavelmente guardara tudo em sua mesa na AAM, talvez acreditando que era um lugar mais seguro do que em casa. Mas Redmond, obviamente esperto, descobrira um meio de abrir a mesa de

Mace em sua ausência. É claro que Redmond já devia desconfiar de alguma coisa antes, mas um telefonema ouvido seria o suficiente para desencadear as suspeitas.

Como Gideon Mace pudera ser tão incrivelmente estúpido?, pensou Lord. Estúpido por acreditar que poderia fazer uma coisa assim e não ser descoberto. Estúpido por negociar ações através de um nome idêntico ao seu; depois, por manter os documentos num lugar em que alguém como Redmond poderia achá-los e copiá-los. Mas a verdade é que as pessoas mais espertas costumam às vezes cometer as maiores tolices.

Os pensamentos de Lord foram interrompidos pela voz de Redmond, petulante:

— E então... vai querer ou não todo esse material? Faremos o negócio?

Sem dizer nada, Lord enfiou a mão no bolso do paletó, tirou o envelope com o dinheiro e entregou a Redmond. O homem mais jovem levantou a aba do envelope, que não estava colada. Tirou o dinheiro e alisou-o, os olhos e o rosto brilhando de satisfação.

— É melhor contar — sugeriu Lord.

— Não há necessidade. Tenho certeza de que você não me enganaria. Isto é importante demais.

Há algum tempo que Lord estava consciente de

outro rapaz, sentado num banco junto ao balcão, a poucos metros de distância, que ocasionalmente olhava para eles. Agora, ele tornou a olhar. Desta vez, Redmond retribuiu o olhar e sorriu, levantando o dinheiro, antes de guardá-lo. O outro também sorriu. Lord sentiu uma súbita aversão. Redmond disse, jovialmente:

— Acho que não tem mais nada.

— Ainda tenho uma pergunta a fazer — declarou Vincent Lord. — Uma coisa que me despertou a curiosidade.

— Pode falar.

Lord pôs a mão no envelope pardo cujo conteúdo acabara de comprar.

— Por que está fazendo isso com o Dr. Mace?

Redmond hesitou.

— Por causa de uma coisa que ele me disse.

— O que foi?

A voz de Redmond soou estridente e rancorosa:

— Se quer mesmo saber, ele me chamou de bicha nojenta.

— O que há de errado com isso? — disse Lord, levantando-se para ir embora. — Você não é?

Antes de deixar o bar, ele olhou para trás. Tony Redmond o fitava furioso, o rosto contorcido, pálido de raiva.

Por uma semana, Vincent Lord debateu consigo mesmo o que fazer ou deixar de fazer. Ainda não se decidira quando se encontrou com Sam Hawthorne.

— Soube que você esteve em Washington — comentou Sam. — Presumo que a viagem se relacionou com o dinheiro que autorizei.

Lord assentiu.

— Presunção correta.

— Não gosto de jogos de adivinhação, Vince. E se pensa que está me protegendo, é melhor esquecer. Tenho uma curiosidade natural. Quero saber.

— Está certo, Sam. Vou buscar alguns documentos no cofre em minha sala e levarei para você.

Meia hora depois, quando acabou de ler, Sam assoviou baixinho. O rosto exibia uma expressão perturbada. E ele disse ao diretor de pesquisa:

— Deve compreender que se não tomarmos alguma providência imediatamente seremos cúmplices de um crime.

— Sei disso. Mas, o que quer que façamos, haverá uma terrível confusão se isso transpirar. Teríamos de explicar como obtivemos esses documentos. E, além disso, na AAM, não importa quem esteja certo ou errado, eles nos odiarão e

nunca mais esquecerão.

– Então por que nos meteu nisso?

Lord respondeu com absoluta confiança:

– Porque temos uma coisa que será muito útil e há diversos meios de aproveitá-la.

Lord se mostrava imperturbável; por motivos que ainda não definira, sentia-se inteiramente à vontade na situação, no controle absoluto. Já decidira agora, no decorrer dos últimos minutos, qual o melhor curso de ação a seguir. E disse a Sam:

– Houve uma ocasião em que pensei que uma coisa assim poderia ajudar a acelerar a aprovação do Staidpace, mas esse problema já foi agora superado. Mas haverá outros problemas, outros medicamentos, outras SNR que vamos querer aprovadas sem as protelações absurdas que tivemos de suportar no caso do Staidpace.

Sam disse, chocado:

– Certamente não pode estar sugerindo...

– Não estou sugerindo coisa alguma. Exceto que, mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente teremos de enfrentar Mace outra vez. Se ele nos causar problemas, teremos munição que poderemos usar. Portanto, não vamos fazer nada agora, guardando o que temos até chegar o momento oportuno.

Sam já estava se levantando. Enquanto analisava o que acabara de ser dito, pôs-se a andar de um lado para outro na sala, nervosamente. E, finalmente, resmungou:

— Você pode estar certo, mas é uma coisa que não me agrada.

— Também não vai agradar a Mace — comentou Lord. — e permita-me lembrar que o criminoso é ele e não nós.

Sam parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas Lord tornou a falar primeiro:

— Quando chegar o momento, pode deixar que eu farei todo o trabalho sujo.

Enquanto Sam assentia, relutante, Lord acrescentou silenciosamente, para si mesmo: *Posso até gostar.*

3

Celia foi outra vez promovida no início de 1975.

O novo cargo era de diretora de vendas farmacêuticas, um posto que a convertia em vice-presidente de divisão e um ponto abaixo do vice-

presidente de vendas e marketing. Era uma conquista extraordinária para quem começara a trabalhar na companhia como promotor. E, para uma mulher, era ainda mais extraordinário.

Mas havia uma coisa que Celia podia perceber agora. No Felding-Roth, o fato de ela ser mulher não parecia mais ter qualquer importância. Seu sexo não mais fazia qualquer diferença. Era julgada — como sempre desejara ser — por seu desempenho.

Celia não tinha ilusões de que essa aceitação ocorresse na maioria das firmas ou para as mulheres em geral. Mas achava que sua posição demonstrava que as possibilidades de uma mulher alcançar os altos escalões do mundo dos negócios estavam crescendo e melhorariam ainda mais. Como acontece com todas as mudanças sociais, tinha de haver pioneiras e Celia compreendia que era uma delas.

Contudo, ainda não participava de movimentos ativistas. Alguns dos novos grupos que defendiam os direitos femininos constrangiam-na por estridência e pelas inábeis pressões políticas. Pareciam considerar chauvinista qualquer restrição à sua retórica, mesmo que fosse uma divergência de opinião honesta de um homem. Também era evidente que muitas dessas mulheres, sem

realizações pessoais, usavam o ativismo feminista como carreiras substitutas.

Em seu novo cargo, Celia teria menos contato direto com Sam Hawthorne do que nos últimos três anos, mas ele fez questão de deixar bem claro que ela continuaria a lhe ter acesso a qualquer momento.

— Se descobrir alguma coisa importante na companhia que esteja errada, se pensar em alguma coisa que devemos fazer e não estamos fazendo, quero que me comunique diretamente, Celia — disse Sam, no último dia dela como assistente-especial do presidente.

Lilian Hawthorne, durante um agradável jantar oferecido a Celia e Andrew, na casa dos Hawthornes, levantou um copo e disse:

— A você, Celia... embora, egoisticamente, eu preferisse que não estivesse subindo, porque tornou a vida mais fácil para Sam e agora terei de me preocupar ainda mais com ele.

Juliet Hawthorne também participou do jantar naquela noite. Estava agora com 19 anos e viera da universidade para passar alguns dias em casa. Ela se tornara uma moça linda e equilibrada, que parecia não ter sido absolutamente afetada pela atenção com que fora cumulada como filha única. Estava escoltada por um rapaz simpático, a quem

apresentou como "Dwight Goodsmith, meu namorado, que está estudando Direito".

Celia e Andrew ficaram impressionados com os dois jovens. Celia refletiu que parecia não ter sido há muito tempo que Juliet e Lisa, crianças metidas em pijamas, haviam se perseguido por aquela mesma sala em que agora jantavam. Depois do brinde de Lilian a Celia, Sam comentou, com um sorriso:

— O que Celia ainda não sabe, porque só aprovei o memorando ao final da tarde, é a verdadeira promoção. Ela possui agora a sua vaga no nível da passarela.

— Puxa vida, papai! — exclamou Juliet. Ela explicou ao namorado: — É como a pessoa ser escolhida para o Palácio da Fama.

O chamado nível da passarela era o último andar de um prédio-garagem ao lado da sede do Felding-Roth. O nível era reservado para os principais executivos da companhia, que ali deixavam seus carros. Usavam depois uma rampa convenientemente fechada por vidro para alcançar o andar correspondente do prédio principal, onde um elevador privativo os levava para o 11º andar, o "território executivo".

Sam era um dos que usavam da passarela e ali

estacionava todos os dias seu Rolls-Bentley prateado, preferindo usá-lo à limousine com motorista a que tinha direito como presidente.

Outros na companhia, com posições inferiores, usavam os andares de estacionamento por baixo. Tinham de descer de elevador, atravessar o terreno aberto para o outro prédio e tornar a subir.

Houve mais comentários joviais sobre a "dupla promoção" de Celia antes que a noite terminasse. No carro, ao voltarem para casa, Andrew, que estava guiando, comentou:

— Foi mesmo uma sábia decisão a que você tomou, anos atrás, quando decidiu atrelar sua carreira à de Sam.

— É verdade. — Uma pausa e Celia acrescentou: — Mas, ultimamente, ando preocupada com ele.

— Por quê?

-- Sam se mostra mais preocupado do que nunca e se angustia quando alguma coisa não sai certa. Mas imagino que as duas coisas acompanham a responsabilidade maior. Mas há também ocasiões em que ele se mostra misterioso, como se houvesse coisas com que se preocupa, mas prefere não partilhar.

— Você já tem bastante responsabilidade

pessoal, Celia. Não precisa assumir também os problemas de Sam.

— Acho que tem razão. Fica mais e mais sensato a cada dia que passa, Dr. Jordan.

Celia apertou agradecida o braço do marido. Andrew disse:

— Pare de fazer avanços sexuais para o motorista. Vai acabar distraíndo-o.

Poucos minutos depois, ele perguntou:

— Por falar em atrelar carreiras e astros, o que aconteceu com aquele rapaz que se atrelou a você?

— Bill Ingram? — Celia riu. Jamais esqueceria a primeira vez em que Ingram atraíra a sua atenção favorável, durante a reunião na agência Quadrille-Brown, em Nova York. — Bill está trabalhando na Divisão Internacional, como diretor latino-americano... o mesmo cargo que ocupei. Pensamos em transferi-lo agora para as vendas farmacêuticas, como uma promoção.

— Isso é ótimo. Parece que ele também acertou na escolha da pessoa a acompanhar.

Uma nota de pesar se intrometeu na felicidade de Celia pela promoção. Teddy Upshaw morreu, enquanto trabalhava em sua mesa, de um ataque cardíaco.

Teddy permanecera como gerente de vendas

dos produtos sem prescrição médica, tendo encontrado seu lugar, que preencheria com eficiência e satisfação. Quando morreu estava a menos de um ano da aposentadoria. Celia lamentou porque nunca mais ouviria a voz animada de Teddy, não contemplaria seus passos vigorosos, não veria os movimentos de cabeça de quando ele falava com o maior entusiasmo.

Celia, junto com Andrew, e outros da companhia compareceram ao funeral de Teddy e acompanharam o cortejo até o túmulo. Era um dia horrível de março, com quedas ocasionais de chuva gelada. As pessoas se encolhiam em seus casacos, procurando se abrigar da melhor forma possível sob os guarda-chuvas acossados pelo vento.

Algumas, inclusive Celia e Andrew, foram depois para a casa dos Upshaws. Foi lá que a viúva de Teddy, Zoe, levou Celia para um canto isolado e disse:

— Teddy a admirava muito, Sra. Jordan. Sentia orgulho em trabalhar sob as suas ordens e costumava dizer que, enquanto você continuasse no Felding-Roth, a companhia teria uma consciência.

Comovida com as palavras, Celia recordou o primeiro dia em que tomara conhecimento da existência de Teddy... 15 anos antes, logo depois do

seu discurso na convenção de vendas no Waldorf, quando recebera ordem de se retirar, em aparente desgraça. O dele fora um dos poucos rostos simpáticos que vira ao se encaminhar para a saída.

— Eu também adorava Teddy — disse ela à viúva.

Depois, Andrew lhe perguntou:

— O que a Sra. Upshaw falou com você?

Celia relatou a conversa e depois acrescentou:

— Nem sempre correspondi ao ideal de Teddy. Lembro daquela briga... aquela discussão que tivemos no Equador, quando você apontou alguns pontos em que eu ignorava a minha consciência. E você tinha toda razão.

— Nós estávamos com a razão, porque você também levantou algumas coisas que eu fizera ou deixara de fazer. Mas ninguém é perfeito e concordo com Teddy. Você é mesmo a consciência do Felding-Roth. Sinto orgulho de você por causa disso e espero que continue assim.

O mês seguinte trouxe melhores notícias, para o mundo em geral e, num sentido mais limitado, para o Felding-Roth.

A guerra do Vietnam acabou. Foi uma derrota fragorosa para a América, uma nação que não estava acostumada a derrotas. Contudo, o trágico

massacre cessara e a tarefa pela frente — formidável, mas menos sangrenta — era curar as feridas nacionais, mais conflitivas e amargas do que quaisquer outras desde a Guerra Civil.

A amargura não terminará em nossas vidas — previu Andrew uma noite, depois que ele e Celia assistiram pela televisão o êxodo final e humilhante dos americanos de Saigon. — E os historiadores, daqui a dois séculos, ainda estarão discutindo os acertos e erros de nossa presença no Vietnam.

— Sei que é uma atitude egoísta, — comentou Celia, — mas tudo o que posso pensar é que graças a Deus terminou antes que Brucie tivesse idade suficiente para ser convocado.

Uma ou duas semanas depois, a alta hierarquia do Felding-Roth foi animada pela notícia da França de que a droga Montayne fora aprovada para fabricação e venda naquele país. Isso significava que, pelo acordo entre o Felding-Roth e o Gironde-Chimie, os testes americanos do Montayne começariam agora.

Celia experimentara alguma apreensão ao saber que o medicamento era destinado a mulheres grávidas, a ser tomado no início da gravidez, quando a náusea e o enjôo matutino eram mais freqüentes... problemas que o Montayne acabaria.

Como outras pessoas, Celia tinha recordações muito intensas da Talidomida e de suas pavorosas conseqüências. Também se lembrava como ficara contente, em retrospectiva, pelo fato de Andrew ter insistido que não tomasse qualquer remédio durante a gravidez, nas duas ocasiões. Ela confidenciara sua preocupação a Sam, que se mostrara compreensivo, admitindo:

— Tive a mesma reação quando ouvi falar no Montayne pela primeira vez. Mas, desde então, soube de mais coisas a respeito, convencendo-me de que é um medicamento extremamente eficaz e ao mesmo tempo totalmente seguro.

Desde a Talidomida, ressaltara Sam, 15 anos haviam transcorrido, um período em que ocorrera enormes progressos na pesquisa científica, inclusive no teste científico das novas drogas. Além disso, os regulamentos do governo em 1975 eram muito mais rigorosos do que nos anos 50.

— Muitas coisas mudam — insistira Sam. — Houve um tempo, por exemplo, em que a idéia de usar anestesia durante o parto recebia uma oposição encarniçada de alguns, que achavam que isso seria perigoso e destrutivo. Da mesma forma, pode e deve haver remédios seguros para se tomar durante a gravidez. O Montayne é simplesmente um

medicamento cujo momento chegou.

Ele exortara Celia a se manter de mente aberta, sem preconceitos, até examinar todos os dados. Ela prometera que assim faria.

A importância do Montayne para o Felding-Roth foi ressaltada pouco depois, quando o vice-presidente de finanças, Seth Feingold, confidenciou a Celia:

— Sam prometeu ao conselho diretor que o Montayne nos proporcionará um grande aumento de vendas, que estamos precisando desesperadamente. O nosso balanço este ano nos deixa como candidatos a uma pensão da previdência social.

Feingold, um veterano da companhia, jovial, de cabeça branca, já passara da idade da aposentadoria, mas era mantido por causa do seu conhecimento enciclopédico das finanças do Felding-Roth e de sua capacidade de fazer malabarismos com o dinheiro em situações apertadas. Ele e Celia haviam se tornado amigos durante os dois últimos anos, a amizade reforçada pelo fato de Andrew ter tratado com sucesso a mulher de Feingold, que sofria de artrismo. O tratamento livrara a Sra. Feingold da dor que ela sofrera por muitos anos.

— Minha mulher acha que o seu marido é capaz de transformar água em vinho — dissera o vice-presidente de finanças a Celia um dia. — Agora que a conheço melhor, tenho a mesma impressão em relação à esposa.

Conversando com Celia sobre o Montayne, ele disse:

— Falei com o pessoal de finanças do Gironde-Chimie. Os franceses estão convencidos de que seu novo remédio vai lhes proporcionar um lucro enorme.

— Embora ainda seja cedo, todos nós, nas vendas, estamos nos preparando para a mesma coisa aqui — garantiu Celia. — Mas especialmente por você, Seth, tentaremos com mais afinco ainda.

— Assim é que se fala! Por falar em tentar com mais afinco, alguns estão se perguntando até que ponto vêm-se empenhando de verdade os ingleses que trabalham em nosso centro de pesquisa por lá. Ou será que estão esquecendo o trabalho, passando a maior parte do tempo a tomar chá?

— Não tenho ouvido muitas notícias ultimamente...

— Pois eu não tenho ouvido nenhuma, Celia. Só que está nos custando milhões, como dinheiro sendo despejado por uma banheira com o ralo

aberto. Esse é um dos motivos para que nosso balanço seja uma área de desastre. Posso lhe garantir, Celia, que muitos por aqui, inclusive alguns membros do conselho diretor, estão preocupados com a aventura britânica. Pergunte a Sam.

Mas Celia não precisou perguntar a Sam, porque ele mandou chamá-la poucos dias depois.

— Talvez você já tenha ouvido, Celia, mas estou sob fogo cerrado por causa de Harlow e Martin Peat-Smith.

— Eu já sei. Seth Feingold me falou.

Sam balançou a cabeça.

— Seth é um dos que duvidam. Por questões financeiras, ele gostaria que Harlow fosse fechado. O mesmo acontece com um número crescente de membros do conselho. Estou esperando perguntas dos acionistas na assembléia anual.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou, sombriamente:

— Há dias em que sinto vontade de deixar acontecer.

Celia tratou de lembrar:

— Não se passaram muito mais que dois anos desde que começou a pesquisa em Harlow. Você tinha fé em Martin.

— Martin previu pelo menos algum resultado positivo dentro de dois anos, Celia. E há limites para a fé quando estamos despejando dólares e mais dólares, quando tenho o conselho e os acionistas a me pressionarem. Outra coisa... Martin tem-se mostrado obstinado em relação aos relatórios de progresso. Ele simplesmente não quer fazer nenhum. Portanto, preciso de garantia de que está havendo de fato algum progresso e que vale à pena continuar.

— Por que não vai verificar pessoalmente?

— Eu bem que gostaria, mas neste momento não disponho de tempo. Por isso, Celia, quero que você vá. O mais depressa que puder e depois volte logo para me informar o que está acontecendo por lá.

Celia perguntou, hesitante:

— Não acha que Vince Lord está melhor qualificado para fazer uma avaliação?

— Cientificamente, está mesmo. Mas Vince também é preconceituoso. Ele se opôs a pesquisas na Inglaterra. Se Harlow fechar, isso provará que ele estava certo... e tenho certeza de que Vince não será capaz de resistir a essa recomendação.

Celia riu.

— Ah, como você conhece bem a todos nós!

Sam manteve-se sério ao dizer:

– Eu a conheço, Celia, aprendi a confiar em seu julgamento e instinto. Mesmo assim, eu a exorto... não importa o quanto goste de Martin Peat-Smith... se precisar ser dura e implacável em sua recomendação, não deixe de sê-lo! Quando você pode partir?

– Tentarei dar um jeito de viajar amanhã.

4

Celia não perdeu tempo desde que chegou ao Aeroporto de Heathrow, em Londres, para uma visita de dois dias. Uma limousine à espera transportou-a diretamente para o Instituto de Pesquisa Felding-Roth, onde revisaria com Martin e outros o que agora classificava mentalmente de "a equação Harlow".

Depois de chegar a uma conclusão sobre o que deveria recomendar a Sam, ela pegaria o primeiro avião e voltaria para casa.

Durante o seu primeiro dia em Harlow, quase todos com quem se encontrou fizeram questão de mostrar que o ânimo era o melhor possível. De

Martin para baixo, Celia foi assegurada de que a pesquisa sobre o envelhecimento mental progredia muito bem, já haviam descoberto muitas coisas e todos, como uma equipe coordenada, trabalhavam com afinco. Apenas ocasionalmente havia relances do que lhe pareciam dúvida ou hesitação. Mas logo desapareciam ou eram prontamente negados, deixando-a a especular se, no final das contas, não teria imaginado.

Para começar, naquele primeiro dia, Martin levou-a pelos laboratórios, explicando o trabalho em andamento. Disse que, desde o último encontro, ele e os outros haviam realizado o objetivo inicial de "descobrir e isolar um mARN que é diferente nos cérebros de animais jovens em comparação com os velhos". E acrescentou:

— Provavelmente descobriremos, no momento devido, que a mesma coisa se aplica aos seres humanos.

O jargão científico foi fluído.

— ...mARN extraído dos cérebros de ratos de idades variadas... depois a extração incubada com preparados de "célula quebrada", feitos de levedo com o acréscimo de aminoácidos radiativos... o sistema de levedo produz os peptídeos cerebrais do animal, que também se tornam ligeiramente

radiativos... em seguida, são separados através de cargas elétricas... e depois usamos um filme de raios X... onde aparecem as faixas, temos um peptídeo...

Como um mágico tirando um coelho de uma cartola — voilà! — Martin espalhou vários negativos por cima de uma bancada de laboratório, onde ele e Celia haviam parado.

— Estas são chapas dos cromatogramas.

Celia pegou-as. Pareciam quase transparentes, mas Martin orientou-a:

— Observe atentamente e verá duas colinas de linhas escuras. Uma é do rato jovem, outra do velho. Observe... — Ele apontou com um dedo. — Aqui e aqui, na coluna do rato jovem, há pelo menos nove peptídeos que não mais são produzidos pelo cérebro do animal mais velho.

A voz se alteou com excitação quando ele acrescentou:

— Temos agora prova positiva de que o ARN cerebral e provavelmente o ADN mudam durante o processo de envelhecimento. E isso é extremamente importante.

— Posso imaginar.

Mas Celia se perguntou, mentalmente: seria mesmo um triunfo que justificasse mais de dois anos de esforços combinados ali, a um custo

enorme?

A manifestação do custo estava por toda parte: os laboratórios espaçosos e os escritórios modernos, com divisórias modulares permitindo uma reorganização quando desejado; os corredores desobstruídos; uma aconchegante sala de reuniões; os equipamentos requintados, uma profusão de aço inoxidável e bancadas modernas, estas fabricadas com produtos sintéticos, já que não se permitia madeira, por se tratar de uma coisa suja, em termos científicos. O ar-condicionado removia as impurezas. A iluminação não era ofuscante. Duas salas alojavam enormes incubadoras de vidro, especialmente projetadas para abrigar as bactérias e levedo. Havia outras salas em que se lia na porta "Perigo: Risco de Radiação".

O contraste com o laboratório de Cambridge, que Celia visitara com Sam, era espantoso, embora persistissem umas poucas coisas familiares. Uma delas era papel... uma quantidade prodigiosa, empilhada desordenadamente sobre as mesas, a de Martin em particular. Pode-se mudar o ambiente de um cientista, pensou Celia, mas não os seus hábitos de trabalho.

Ao se afastarem da bancada e dos cromatogramas, Martin continuou sua explicação:

— Agora que temos o ARN, podemos produzir o ADN correspondente... e depois devemos inserir o ADN de bactérias vivas... tentar levar as bactérias a produzirem o peptídeo cerebral exigido...

Celia tentou absorver o máximo que era possível em alta velocidade. Quase ao final da inspeção, Martin abriu a porta de um pequeno laboratório, onde um técnico, idoso, de jaleco branco, se confrontava com meia dúzia de ratos em gaiolas. O técnico era encarquilhado e ligeiramente encurvado, com apenas uma orla de cabelos a envolver a cabeça. Usava um pince-nez antiquado, preso ao pescoço por um cordão preto. Martin anunciou:

— Este é o Sr. Yates, que estás prestes a efetuar algumas dissecações animais.

— Mickey Yates. — Ele estendeu a mão. — Sei quem você é. Todo mundo sabe.

Martin riu.

— É isso mesmo, todo mundo sabe. — Ele perguntou a Celia: — Posso deixá-la aqui por alguns minutos? Preciso dar um telefonema.

— Não há problema.

Depois que Martin se retirou, fechando a porta, ela disse a Yates:

— Se não se incomoda, eu gostaria de observar.

— Não vai absolutamente incomodar. Antes, porém, tenho de matar um desses bichinhos.

Ele gesticulou para os ratos. Com movimentos rápidos e eficientes, o técnico abriu a geladeira e tirou do freezer uma caixa de plástico, pequena e transparente, com uma tampa em dobradiça. Dentro, havia uma plataforma levantada, com uma bandeja por baixo, contendo um material cristalino, do qual se levantava a evaporação.

— Gelo seco — explicou Yates. — Pus na geladeira pouco antes de você chegar.

Abrindo uma das gaiolas, ele enfiou a mão e agarrou habilmente um rato grande branco-cinza, a se contorcer, que ele transferiu para a caixa de plástico, fechando a tampa. Celia podia agora ver o rato na pequena plataforma lá dentro.

— Por causa do gelo seco, há um ambiente de CO₂ — explicou Yates. — Sabe o que isso significa?

Celia sorriu da pergunta elementar.

— Sei, sim. Dióxido de carbono é o que todos respiramos depois que consumimos o oxigênio do ar. Não poderíamos viver assim.

— E o nosso amigo aí dentro também não pode. Já está prestes a finir.

Enquanto observavam, o rato se contraiu todo duas vezes e depois ficou imóvel. Um minuto

passou.

— Ele parou de respirar — disse Yates, jovialmente.

Mais 30 segundos e ele abriu a caixa de plástico, tirou a criatura imóvel e proclamou:

— Está mais morto que uma porta. Mas é uma maneira muito lenta de morrer.

— Lenta? Pareceu-me bem rápida.

Celia tentava se lembrar como os ratos eram mortos na sua época de laboratório, mas não conseguia.

— É lenta quando se tem muita coisa para fazer. O Dr. Peat-Smith gosta que usemos a caixa de CO₂, mas há outro meio que é muito mais rápido. Este aqui.

Yates abriu um armário por baixo da bancada e tirou uma segunda caixa, esta de metal. Diferia da primeira por ter num dos lados uma pequena abertura redonda, tendo por cima uma faca afiada, presa a uma dobradiça.

— Isto aqui é uma guilhotina — informou Yates, ainda jovialmente. — Os franceses sabem como fazer as coisas.

— Mas com o maior desleixo — comentou Celia.

Ela se lembrava agora; vira ratos sendo mortos

com um artefato parecido.

— Não é tão horrível assim. E é rápido.

Yates olhou para a porta fechada e depois, antes que Celia pudesse protestar, pegou outro rato numa gaiola e rapidamente meteu-o na segunda caixa, a cabeça se projetando pelo buraco redondo. Como se cortasse pão, ele empurrou a faca para baixo.

Houve um rangido, outro som que poderia ser um grito, depois a cabeça do rato caiu para a frente, o sangue esguichando das artérias no pescoço cortado. Apesar de sua familiaridade com laboratórios e pesquisa, Celia sentiu-se nauseada.

Tranqüilamente, Yates jogou o corpo do rato, ainda sangrando e se contorcendo, num receptáculo de lixo e pegou a cabeça.

— Tudo o que tenho de fazer agora é remover o cérebro. Depressa e sem dor. — O técnico riu. — Eu não senti absolutamente nada.

Furiosa e enojada ao mesmo tempo, Celia disse:

— Você não tinha de fazer isso por mim!

— Fazer o quê?

Era a voz de Martin por trás dela. Ele entrara sem fazer barulho e agora absorveu toda a cena. Depois de um momento, suavemente, ele acrescentou:

— Por favor, Celia, espere lá fora.

Enquanto Celia se retirava, Martin olhava furioso para Yates, respirando fundo. Esperando no corredor, ela pôde ouvir a voz irada de Martin através da porta:

— Nunca mais faça isso!... não se quer continuar a trabalhar aqui... minhas ordens são para usar sempre a caixa de CO₂, que é indolor... e nenhum outro meio!

Ela ouviu também a voz de Yates a balbuciar:

— Sim, senhor.

Martin finalmente saiu, pegou o braço de Celia e levou-a para a sala de reunião, onde ficaram a sós, com uma garrafa térmica com café. Martin serviu.

— Lamento que tenha acontecido, Celia. Não deveria. Yates se deixou arrebatado, provavelmente porque não está acostumado a ter uma mulher bonita observando o seu trabalho... no qual ele é muito bom, diga-se de passagem, sendo esse o motivo pelo qual eu o trouxe de Cambridge. Ele é capaz de dissecar o cérebro de um rato como um cirurgião.

Celia disse, sua contrariedade desvanecida:

— Foi uma coisa pequena. Não tem importância.

— Tem para mim.

Ela perguntou, curiosa:

— Você gosta dos animais, não é mesmo?

— Gosto, sim. — Martin tomou um gole do café. — É impossível fazer pesquisa sem infligir alguma dor aos animais. As necessidades humanas estão em primeiro lugar e até mesmo as pessoas que amam os animais têm de aceitar isso. Mas a dor deve ser mantida a um mínimo, o que se garante com uma atitude de zelo; se não for assim, torna-se muito fácil ser insensível. Já lembrei isso a Yates. Acho que ele não esquecerá.

O incidente levou Celia a gostar e respeitar Martin ainda mais do que antes. Mas, ela lembrou a si mesma, gostar ou não gostar era um fator que não podia afetar o objetivo de sua presença ali.

— Vamos voltar aos seus progressos — disse ela, incisivamente. — Falou sobre diferenças nos cérebros de animais jovens e velhos e também em seus planos de sintetizar um ADN. Mas ainda não isolou uma proteína... o peptídeo que está procurando, o que conta. Correto?

— Correto. — Martin exibiu o seu sorriso rápido e efusivo e depois acrescentou, confiante: — O que você acaba de descrever é a próxima etapa e também a mais difícil. Estamos trabalhando nisso e vai acontecer. Mas é claro que tudo demora algum

tempo.

— Quando o instituto foi inaugurado, você pediu dois anos — lembrou Celia. — Esperava ter alguma coisa positiva a esta altura. Isso foi há dois anos e quatro meses.

Ele pareceu surpreso.

— Eu disse mesmo isso?

— Claro que disse. Sam se lembra. E eu também.

— Então foi uma irresponsabilidade da minha parte. Trabalhando na fronteira da ciência, como estamos fazendo aqui, as tabelas de tempo não podem se aplicar.

Martin parecia imperturbável, mas Celia percebeu alguma tensão sob a superfície. Também fisicamente Martin parecia abalado. O rosto estava pálido, os olhos sugeriam fadiga, provavelmente de longas horas de trabalho, havia rugas que não existiam dois anos antes.

— Por que você não envia relatórios de progresso, Martin? Sam tem um conselho diretor a satisfazer, sem falar aos acionistas...

O cientista sacudiu a cabeça, pela primeira vez demonstrando impaciência.

— É mais importante que eu me concentre na pesquisa. Relatórios, todos esse trabalho

burocrático, ocupa um tempo valioso. — Ele perguntou abruptamente: — Já leu John Locke?

— Um pouco, na escola.

— Ele escreveu que o homem realiza descobertas "ao concentrar firmemente a sua mente numa direção determinada". Um pesquisador científico não pode se esquecer disso.

Celia abandonou o assunto por um momento. Mas tornou a levantá-lo mais tarde, naquele mesmo dia, com o ex-oficial da RAF Bentley, que sugeriu um motivo diferente para a ausência de relatórios.

— Deve compreender, Sra. Jordan, que o Dr. Peat-Smith acha terrivelmente difícil pôr qualquer coisa por escrito. Um dos motivos é que sua mente avança tão depressa que uma coisa importante ontem pode estar superada hoje e ainda mais amanhã. Ele se sente profundamente constrangido por coisas que escreveu antes... há dois anos, por exemplo. Considera-as ingênuas, muito embora na ocasião fossem excepcionalmente perceptivas. Se ele pudesse, apagaria tudo o que escreveu no passado. Não é uma característica rara nos cientistas. Eu já a tinha encontrado antes.

— Fale-me mais das coisas que eu deveria conhecer sobre a mentalidade científica — pediu Celia.

Partilhavam a privacidade da sala modesta mas impecavelmente organizada de Bentley. Era cada vez maior o respeito de Celia por aquele homem competente que escolhera para cuidar da parte administrativa do instituto. Nigel Bentley refletiu por um momento e depois começou a falar:

— Talvez o mais importante seja o fato de que os cientistas permanecem por tanto tempo no processo educacional, tornando-se tão absorvidos em suas especialidades, às vezes restritivas, que chegam às realidades cotidianas muito depois que as outras pessoas. E alguns grandes sábios nunca chegam a enfrentar essas realidades.

— Ouvi dizer que, sob alguns aspectos, eles permanecem infantis.

— Exatamente, Sra. Jordan. É por isso que se observa com tanta frequência um comportamento infantil nos círculos acadêmicos... como brigas mesquinhas por questões triviais.

Celia comentou, pensativa:

— Eu pensava que nada disso se aplicasse a Martin Peat-Smith.

— Possivelmente não, dentro de limites específicos — disse Bentley. — Mas há outras coisas.

— Fale-me a respeito.

— O Dr. Peat-Smith, por exemplo, tem a maior

dificuldade com as pequenas decisões. Como se costuma dizer, há dias em que ele não consegue se decidir por que lado da rua deve andar. Houve uma ocasião, por exemplo, em que ele se agonizou por semanas sem saber qual de dois técnicos deveria ter preferência numa viagem de três dias a Londres. Era uma coisa sem importância, algo que você ou eu teríamos decidido numa questão de minutos. Ao final, como meu superior não conseguiu chegar a uma decisão, acabei tomando a iniciativa por ele. Tudo isso, é claro, constitui um contraste total com a característica básica do Dr. Peat-Smith... sua lucidez e dedicação científica.

— Está tornando várias coisas mais claras para mim — comentou Celia. — Inclusive por que Martin não tem enviado os relatórios de progresso.

— Há mais uma coisa que creio dever ressaltar. Pode até ter uma relação direta com a sua visita.

— Continue.

— O Dr. Peat-Smith é um líder e, como qualquer líder, seria um erro para ele demonstrar fraqueza ou exibir dúvidas sobre o progresso que se faz aqui. Se isso acontecesse, ruiria a moral dos que trabalham com ele. E tem mais uma coisa: o Dr. Peat-Smith está acostumado a trabalhar sozinho, em seu próprio ritmo. Agora, subitamente, ele tem

enormes responsabilidades, com muitas pessoas dependendo dele, além de outras pressões... sutis e não tão sutis... inclusive a sua presença, Sra. Jordan, aqui e agora. Todas essas coisas representam uma enorme tensão para qualquer pessoa.

— Então há dúvidas sobre o trabalho que está sendo feito — murmurou Celia. — Dúvidas profundas? Tenho especulado a respeito.

Bentley, fitando Celia através da mesa, uniu as pontas dos dedos, pensativo.

— Trabalhando aqui, tenho uma obrigação com o Dr. Peat-Smith. Mas tenho uma responsabilidade ainda maior com você e o Sr. Hawthorne. Portanto, devo responder à sua pergunta... sim.

— Quero conhecer essas dúvidas — declarou Celia. — Em detalhes.

— Careço das qualificações científicas para isso. — Bentley hesitou por um instante e depois acrescentou: — Talvez seja irregular, mas acho que deve conversar em particular com o Dr. Sastri e instruí-lo, como tem autoridade para fazer, a se abrir total e francamente.

O Dr. Rao Sastri, como Celia sabia, era o químico de ácido nucléico — um paquistanês, antigo colega em Cambridge — que Martin recrutara como o segundo homem no setor científico.

— Isto é importante demais para se preocupar com o que seja ou não irregular, Sr. Bentley. Obrigada. Farei o que está sugerindo.

— Há alguma outra coisa em que eu possa ajudar?

Celia pensou por um instante.

— Martin me citou John Locke hoje. Ele é um discípulo de Locke?

— É, sim... e eu também sou. — Bentley exibiu um sorriso rápido e tenso. — Nós dois partilhamos a convicção de que Locke foi um dos melhores filósofos e guias que este mundo já conheceu.

— Eu gostaria de ter alguma coisa de Locke para ler esta noite. Pode me arrumar?

Bentley escreveu uma anotação.

— Estará à sua espera no hotel.

Foi somente ao final da tarde, no seu segundo dia em Harlow, que Celia teve a oportunidade de conversar com o Dr. Sastri. Entre a sua conversa com Nigel Bentley no dia anterior e aquele momento, ela falou com diversas outras pessoas no instituto, que se mostraram sistematicamente animadas e otimistas em suas opiniões sobre a pesquisa que se desenvolvia em Harlow. Mas Celia teve a impressão de que alguma coisa era omitida, um instinto de que todos com quem se encontrava

não estavam sendo absolutamente francos.

Rao Sastri era um homem bonito, de pele parda, ainda na casa dos 20 anos, falando depressa e com objetividade. Celia sabia que ele tinha um Ph.D e uma brilhante ficha acadêmica. Tanto Martin como Bentley haviam lhe assegurado que o instituto tinha muita sorte em contar com a sua colaboração. Sastri e Celia encontraram-se num anexo da cantina do instituto, uma sala pequena normalmente usada pelo pessoal mais graduado da equipe para almoços de trabalho. Depois de apertar a mão de Sastri e antes de sentarem, Celia foi fechar a porta, a fim de terem mais privacidade.

— Creio que sabe quem eu sou — disse ela.

— Sei, sim, Sra. Jordan. Meu colega Peat-Smith fala freqüentemente a seu respeito, sempre em termos favoráveis. Sinto-me honrado em conhecê-la.

A fala de Sastri era refinada e precisa, com um ligeiro sotaque paquistanês. Também sorria constantemente, às vezes misturando o sorriso com um vestígio de nervosismo.

— Também me sinto feliz em conhecê-lo — disse Celia. — Gostaria de conversar com você sobre o progresso que está sendo feito aqui.

— É maravilhoso! Realmente maravilhoso! Tudo está correndo muito bem!

— Outros já me disseram isso. Mas, antes de continuarmos, eu gostaria de deixar bem claro que estou aqui como representante do Sr. Hawthorne, o presidente do Felding-Roth, exercendo a sua autoridade.

— Oh, Deus! O que será que vai acontecer agora?

— O que vai acontecer, Dr. Sastri, é que estou lhe pedindo... mais do que isso, ordenando... que seja totalmente franco e que não me esconda nada, inclusive quaisquer dúvidas que possa ter e que até agora manteve exclusivamente para si mesmo.

— Tudo isso é muito embaraçoso — protestou Sastri. —,E também não é muito justo, como declarei a Bentley, quando ele me informou sobre esta conversa. Afinal, tenho uma obrigação com Peat-Smith, que é um sujeito decente.

— Você tem uma obrigação ainda maior com o Felding-Roth — declarou Celia, bruscamente. — Afinal, é a companhia que paga o seu salário... e dos melhores, diga-se de passagem... e por isso tem direito em retribuição às suas opiniões profissionais honestas.

— Não é de fazer rodeios, hem, Sra. Jordan?

O tom do jovem paquistanês era de choque e respeito.

— Fazer rodeios... como exprimiu tão eloqüentemente, Dr. Sastri... leva muito tempo, algo de que não disponho, pois voltarei à América amanhã. Sendo assim, diga-me exatamente, por favor, onde está nosso instituto de pesquisa neste momento e para onde está indo, em sua opinião.

Sastri levantou as mãos num gesto de submissão e deixou escapar um suspiro.

— Está certo. A pesquisa não foi muito longe. E, na minha humilde opinião e de outros neste projeto, não vai chegar a lugar algum.

— Explique essas opiniões.

— Em mais de dois anos, tudo o que se conseguiu foi confirmar a teoria de que há mudanças no ADN cerebral durante o envelhecimento. É uma descoberta muito interessante, mas além disso nos defrontamos com um muro liso e não temos meios de transpô-lo, talvez não tenhamos por muitos anos. E, mesmo depois, o peptídeo procurado por Peat-Smith pode não estar por trás do muro.

— Não aceita essa possibilidade?

— É a teoria do meu colega, Sra. Jordan. Admito que já a partilhei. — Sastri sacudiu a cabeça, com uma expressão pesarosa. — Mas, no íntimo, não acredito mais.

— Martin me informou que você provou a existência de um ARN singular e que deve ser capaz de produzir o ADN correspondente.

-- Absolutamente certo! Mas o que talvez você não tenha sido informada é que o material isolado pode ser grande demais, O filamento de mARN é comprido e codifica por muitas proteínas, possivelmente um total de 40. Portanto, é inútil... apenas peptídeos "sem sentido".

Celia rebuscou a sua memória científica.

— O material pode ser dividido? Cada peptídeo isolado?

Sastri sorriu, a voz assumindo um tom de superioridade:

— Há o muro liso. Não há técnicas para nos levar adiante. Possivelmente daqui a 10 anos...

Ele deu de ombros. Conversaram sobre ciência por mais 20 minutos, Celia sendo informada que, do grupo de cientistas em Harlow que trabalhava no projeto de envelhecimento mental, apenas Martin ainda acreditava sinceramente que haveria resultados à altura. Ao final, ela disse:

— Obrigada, Dr. Sastri. Disse-me o que cruzei o Atlântico para descobrir.

O paquistanês balançou a cabeça tristemente.

— Cumpri o meu dever, como insistiu. Mas não

conseguirei dormir direito esta noite.

— É o que também deve me acontecer. Mas há um preço que pessoas como nós temos às vezes de pagar... por sermos o que somos.

5

A convite de Martin, Celia foi à sua casa para um drinque, em sua segunda e última noite em Harlow. Sairiam depois para jantar, no Churchgate Hotel, onde Celia se achava hospedada.

Martin vivia numa casa pequena geminada, a cerca de três quilômetros do Instituto Felding-Roth. A casa, embora moderna e funcional, era similar a dezenas de outras nas proximidades, o que deu a Celia a impressão de que haviam sido montadas numa linha de produção em massa.

Ela chegou de táxi e Martin levou-a a uma pequena sala de estar. Como em outras ocasiões, Celia sentiu o olhar de admiração do jovem cientista. Para a breve viagem à Inglaterra, ela não trouxera muita bagagem, usando um costume sob medida durante o dia. Naquela noite, porém, usava um vestido Diane von Furstenberg, num atraente

estampado marrom e branco, com uma fieira de pérolas. Os cabelos castanhos estavam cortados curtos, na moda do momento.

No vestíbuo, Celia deparou com cinco animais, um setter irlandês amistososo, um buldogue inglês mal-encarado e três gatos. Na sala, havia um papagaio num poleiro aberto. Ela riu.

— Você gosta mesmo de bichos.

— Acho que sim — disse Martin, sorrindo jovialmente. — Gosto de ter animais por perto e tenho uma fraqueza por gatos desamparados.

Os gatos pareciam saber disso e seguiam-no fielmente. Celia sabia que Martin vivia sozinho, com uma diarista para cuidar da casa. A mobília da sala de estar era mínima, dominada por uma poltrona de couro e três estantes, atulhadas de livros científicos. Havia garrafas, copos e gelo numa mesinha. Martin acenou para que ela sentasse na poltrona e foi preparar os drinques.

— Tenho os ingredientes para um daiquiri, se é o que você gostaria de tornar.

— É, sim... e fico comovida por descobrir que você ainda se lembra.

Ela especulou se ainda estariam tão amistososos e relaxados ao final da noite. Como em ocasiões anteriores, ela podia sentir a atração física de Martin

como um homem. Antes de deixar o hotel, contudo, lembrara a si mesma as palavras de despedida de Sam Hawthorne: "Não importa o quanto goste de Martin... se precisar ser dura e implacável... seja!"

— Estarei com Sam depois de amanhã — disse Celia. — Terei de fazer uma recomendação sobre o futuro do instituto de Harlow e gostaria de saber qual é a sua opinião a respeito.

— Isso é fácil. — Martin entregou o daiquiri. — Deve recomendar a continuação de nossa pesquisa por outro ano ou até mais tempo, se for necessário.

— Há uma oposição à continuação da pesquisa. E você sabe disso.

— Sei, sim. — A confiança que Martin demonstrara desde a chegada de Celia ainda era patente. — Mas sempre, existem pessoas míopes, incapazes de perceberem um panorama mais amplo.

— O Dr. Sastri é míope?

— Lamento dizê-lo... mas é, sim. O daiquiri está bom?

— Ótimo.

— Rao esteve aqui há uma hora — informou Martin. — Queria falar comigo, pois achava que eu deveria saber de tudo o que disse a você esta tarde. Rao possui um senso de honra muito forte.

— E então?

— Ele está enganado. Totalmente enganado. E o mesmo acontece com os outros que têm dúvidas.

— Pode refutar, em termos concretos, o que Sastri diz?

— Claro que não! — A impaciência de Martin aflorou, como já acontecera no dia anterior. — Toda pesquisa científica é baseada na teoria. Se tivéssemos os fatos em vez disso, não haveria necessidade de pesquisar. O que está em jogo é um julgamento profissional informado e algum instinto. Há quem chame essa combinação de arrogância científica. Seja como for, é uma convicção de estar no caminho certo, sabendo que somente o tempo... e neste caso é um tempo curto... se interpõe entre você e o que está procurando.

— O tempo e muito dinheiro — lembrou-lhe Celia. — E também se o julgamento certo é o seu ou o de Sastri e alguns outros.

Martin tomou um gole do seu scotch com água, pensando por um momento.

— Dinheiro é uma coisa em que não gosto de pensar, especialmente o dinheiro proveniente da venda de remédios. Mas já que mencionou, tenho de lhe falar, porque talvez seja a única maneira de atingi-la, a Sam e aos outros iguais.

Celia observava atentamente a Martin, imaginando o que estava para vir.

— Mesmo no que você chama de minha alienação científica, sei que o Felding-Roth se encontra em dificuldades. Se as coisas não melhorarem nos próximos anos, a companhia pode afundar. — Uma pausa e Martin perguntou abruptamente: — Certo ou errado?

Celia hesitou por um instante, mas acabou assentindo.

— Certo.

— O que eu posso fazer, se me for dado um pouco mais de tempo, é salvar sua companhia. Não apenas salvá-la, mas torná-la produtiva, aclamada e enormemente rica. E isso porque, ao final da minha pesquisa, haverá um importante medicamento... uma droga. — Martin fez uma careta, antes de continuar: — Não que eu me importe com o resultado comercial. Não é o caso. E até me sinto constrangido ao falar sobre isso agora. Mas quando acontecer o que eu quero realizar, isso também acontecerá.

A declaração, pensou Celia, tinha o mesmo efeito impressionante de outra feita por Martin, em seu laboratório de Cambridge, no dia em que se conheceram. Naquela ocasião, Sam também sentira

o efeito. Mas a declaração anterior, feita há mais de dois anos, não fora consumada. Por que a de hoje haveria de ser diferente?

Celia sacudiu a cabeça.

— Não sei... simplesmente não sei...

— Pois eu tenho certeza de que o julgamento certo é o meu! — A voz de Martin se alterou. — Estamos perto... muito perto!... de encontrar um meio de melhorar o envelhecimento e retardar a deterioração mental, talvez ainda acabar com a doença de Alzheimer.

Ele engoliu o que restava do uísque e bateu com o copo na mesinha:

— Como diabo eu posso convencê-la?

— Pode tentar novamente ao jantar. — Celia olhou para o relógio. — Acho que está na hora de irmos.

A comida no Churchgate Hotel, embora boa, era propensa a grandes porções... um exagero para Celia. Depois de algum tempo, ela se limitou a fixar mexendo no que ainda restava no prato, sem comer, enquanto pensava no que dizer em seguida. O que quer que fosse, seria importante. Sabendo disso, ela se conteve, hesitante, escolhendo as palavras com o maior cuidado.

O ambiente era dos mais agradáveis.

Mais de seis séculos antes do Churchgate existir como um hotel, aquele local fora ocupado por uma residência paroquiana, que se tornou uma casa particular no período de Jaime I. Algumas partes da estrutura da época ainda persistiam no atraente prédio do hotel, ampliado e reformado quando Harlow passara de aldeia a cidade, depois da Segunda Guerra Mundial. A sala de jantar era um dos remanescentes históricos.

Celia gostava do clima da sala, com o teto baixo, bancos estofados junto às janelas, toalhas em vermelho e branco, serviço impecável, inclusive a colocação da comida em cada mesa, antes que as pessoas fossem chamadas num salão-bar contíguo, onde haviam recebido os cardápios e escolhidos os pratos.

Naquela noite, Celia sentava num banco junto à janela, com Martin à sua frente.

Durante o jantar, continuaram a conversa iniciada na casa de Martin. Celia escutava principalmente, fazendo uma ou outra pergunta, enquanto Martin discorria confiante sobre os aspectos científicos. Mas, na memória de Celia, afloravam as palavras de Nigel Bentley, que ouvira no dia anterior: "O Dr. Peat-Smith é um líder e, como qualquer líder, seria um erro de sua parte

demonstrar fraqueza ou exhibir dúvidas... "

Apesar daquela persistente confiança exterior, Martin teria alguma incerteza particular interior? Celia pensou numa tática que poderia ajudá-la a descobrir. Era uma idéia desenvolvida do livro que lera na noite, anterior, depois que fora entregue no hotel... uma promessa cumprida por Nigel Bentley.

Depois de calcular e avaliar meticulosamente as palavras, ela fitou Martin nos olhos e disse:

— Uma hora atrás, quando conversávamos na casa, você disse que tinha arrogância científica.

Ele respondeu prontamente:

— Não me interprete de uma forma errada. É uma coisa positiva, não negativa... uma combinação de conhecimento, disposição para criticar o próprio trabalho, mas também uma convicção... algo que um cientista bem sucedido deve ter para sobreviver.

Enquanto ele falava, Celia imaginou se, pela primeira vez, não havia uma rachadura mínima, uma insinuação de fraqueza, na fachada confiante. Ela não tinha certeza, mas resolveu pressionar.

— É possível que a arrogância científica... ou qualquer outra coisa que se prefira chamar... possa ir longe demais? É possível que alguém se torne tão convencido do que quer acreditar que o pensamento se converta em verdade inabalável?

— Tudo é possível — respondeu Martin. — Mas não é isso o que acontece neste caso.

Mas sua voz já não tinha tanta convicção como antes. Celia agora tinha certeza. Explorara a fraqueza de Martin, ele estava próximo da concessão, talvez mesmo de desmoronar.

— Li uma coisa ontem à noite — disse Celia. — Resolvi transcrever, embora tenha a impressão de que você conhece.

A bolsa estava ao seu lado. Ela tirou uma folha do papel timbrado do hotel e leu em voz alta:

— O erro não é uma falha do nosso conhecimento, mas um equívoco de nosso julgamento... Os que não podem assumir em suas cabeças uma série de conseqüências nem pesar com exatidão a preponderância de provas e testemunhos contrários... podem ser facilmente levados a assumir posições que não são prováveis.

Houve silêncio, que Celia rompeu um momento depois, consciente de que estava sendo implacável, até mesmo cruel:

— É de Um Estudo da Compreensão Humana, de John Locke. O homem em quem você acredita e

reverencia.

— Sei disso.

— Portanto, não é provável que você não esteja avaliando as "provas contrárias" e se atenha a "posições que não são prováveis", justamente como Locke disse?

Martin fitou-a com um apelo mudo nos olhos.

— Acha que é isso?

— Acho, sim.

— Lamento que você... — As palavras saíram sufocadas, Celia mal pôde reconhecer sua voz. Uma pausa e ele acrescentou: — Nesse caso... eu desisto.

Martin desmoronara. A citação de Locke, seu ídolo — virado contra ele por Celia — penetrara até o fundo de seu coração. Mais do que isso, como uma máquina falhando subitamente que se vira para dentro, devorando a si mesma, ele perdera o controle. O rosto estava pálido, a boca entreaberta, o queixo pendia. E ele balbuciou palavras desconexas:

— ...diga ao seu pessoal para acabar... podem fechar... eu acredito, mas talvez não seja bastante bom, não sozinho... O que procurávamos será encontrado... vai acontecer, tem de acontecer... mas em algum outro lugar...

Celia estava consternada. O que fizera? Procurara levar Martin, com um choque, ao que

percebia como realidade, mas não tencionara nem queria ir tão longe. Era evidente que a tensão acumulada ao longo mais de dois anos, a responsabilidade solitária e enorme que ele carregava, impusera o seu tributo, que agora se tornava patente. E ela ouviu outra vez a voz de Martin:

— ...cansado, muito cansado...

Escutando as frases de derrota, Celia experimentou um desejo quase irresistível de tomá-lo nos braços e confortá-lo. Depois, como uma revelação súbita, ela compreendeu o que aconteceria em seguida. E disse, decidida:

— Vamos sair daqui, Martin.

Uma garçonne de passagem olhou para eles, curiosa. Celia, levantando-se, disse a ela:

— Ponha o jantar na minha conta. Meu amigo não está passando bem.

— Pois não, Sra. Jordan. — A moça puxou a mesa para o lado. — Precisa de ajuda?

— Não, obrigada. Darei um jeito.

Ela pegou o braço de Martin e quase que o empurrou para o bar. Uma escada subia dali para os quartos. O de Celia ficava no alto da escada. Ela usou sua chave para abrir a porta. Eles entraram.

Aquela parte do prédio também remetia à

época de Jaime I. O quarto retangular tinha um teto trabalhado, paredes revestidas de carvalho e uma lareira emoldurada em pedra. As janelas eram pequenas, o tamanho lembrando que no século XVII o vidro era um luxo dispendioso.

A cama era grande, com quatro colunas e um dossel. Uma arrumadeira estivera ali durante a hora do jantar, arrumando as cobertas e deixando um negligê de Celia estendido sobre um travesseiro.

Celia imaginou o quanto de história — de famílias antigas, seus nascimentos e mortes, doenças, paixões ardentes, alegrias e pesares, brigas, encontros clandestinos — aquele quarto já testemunhara. Pois naquela noite, pensou ela, haveria algo mais a acrescentar.

Martin estava de pé, ainda atordoado e sofrendo, fitando-a com uma expressão indecisa. Celia pegou o negligê e, virando-se para o banheiro, disse suavemente:

— Trate de se despir. E deite na cama. Voltarei num instante.

Ele continuou a fitá-la imóvel. Celia se aproximou e sussurrou:

— Você quer isto também, não é mesmo?

O corpo de Martin tremeu com um suspiro, arquejante, quase um gemido.

— Oh, Deus, como quero!

Enquanto se abraçavam, Celia confortou-o como faria a uma criança. Mas não por muito tempo.

Ela sentiu a paixão de Martin se incendiar e a sua também acompanhou. Assim como Martin quisera aquele momento, Celia sabia que também o procurara. De certa forma, fora inevitável, desde o primeiro encontro em Cambridge, quando alguma coisa mais forte do que a simpatia mútua instantânea se acendera entre os dois. E Celia compreendia que, daquele momento em diante, a questão nunca fora "se", mas apenas "quando".

A escolha da consumação, ali e agora, fora acidental, num certo sentido. Acontecera por causa do súbito colapso e desespero de Martin, sua necessidade óbvia e urgente de obter de fora alguma força e conforto. Contudo, se não fosse naquela noite o que agora ocorria, algum outro momento testemunharia a mesma conclusão, cada um dos seus encontros aproximando ainda mais o momento inevitável.

Enquanto Martin a beijava ardentemente e ela retribuía, sentindo a sua masculinidade, Celia compreendeu, num escaninho de sua mente, que mais cedo ou mais tarde as questões morais teriam

de ser enfrentadas e as conseqüências avaliadas. Mas não agora! Não restava força em Celia para qualquer outra coisa que não a satisfação do desejo. O seu próprio desejo, que a tudo absorvia, bem-aventurado, irresistível, unindo-se com o de Martin.

Momentos depois, eles gritaram um para o outro, com amor, com uma alegria intensa.

E depois dormiram, Martin — assim pareceu a Celia — profundamente e não mais perturbado. Despertaram de madrugada e tornaram a fazer amor, desta vez mais ternamente, mas com igual prazer.

Quando Celia tornou a acordar, a claridade do dia entrava pelas janelas antiquadas.

Martin se fora. E ela encontrou um bilhete.

Querida:

Você tem sido e continua a ser uma inspiração.

Esta manhã, bem cedo, enquanto você dormia — ah, que coisa linda! — ocorreu-me uma idéia, um "talvez" que pode ser a solução para o impasse da nossa pesquisa. Estou indo para o laboratório, apesar de saber que não preciso mais, a fim de verificar se há alguma perspectiva.

O que quer que aconteça, mantereí a fé, persistindo até chegar a ordem de despejo.

O que aconteceu entre nós permanecerá um segredo inviolável e uma lembrança maravilhosa. Não se preocupe com coisa alguma. Sei que o Paraíso Encontrado só acontece uma vez.

Sugiro que você não guarde este bilhete.

*Para sempre seu,
Martin*

Celia tomou um banho de chuveiro, pediu o café da manhã e começou a arrumar suas coisas para voltar aos Estados Unidos.

6

No Concorde da British Airways, depois que o almoço foi servido, Celia fechou os olhos e procurou ordenar os pensamentos.

Primeiro, as coisas pessoais.

Durante os 18 anos de seu casamento com Andrew, nunca tivera relações sexuais com outro homem... até a noite anterior. Não que as oportunidades não se oferecessem; ao contrário, haviam sido freqüentes. Até se sentira tentada

ocasionalmente a aproveitar o sexo oferecido, mas sempre repelira a idéia, por lealdade a Andrew ou porque, em termos profissionais, parecia insensato. Houve ocasiões em que seu raciocínio fora uma combinação das duas coisas.

Sam Hawthorne insinuara, mais de uma vez, que gostaria de ter um romance com Celia. Mas ela concluía há muito tempo que seria a pior coisa para ambos. Assim, desencorajara as raras insinuações de Sam, polidamente, mas com firmeza.

Martin fora diferente. Desde o início que Celia o admirara. Além disso — como agora admitia para si mesma — também o desejara fisicamente. Pois o desejo fora satisfeito e o resultado fora tão bom quanto qualquer amante poderia esperar. Celia sabia que poderia haver, se as circunstâncias fossem diferentes, muito mais entre ela e Martin.

Mas Martin, sensatamente, reconhecera que não havia qualquer futuro naquele amor. Celia também sabia disso. A não ser que estivesse disposta a abandonar Andrew e se arriscar a um afastamento dos filhos, o que não queria e nunca haveria de querer. E amava Andrew profundamente. Haviam enfrentado muitas coisas juntos, Andrew possuía qualidades imensas de sabedoria, ternura e força. Ninguém mais, que Celia

conhecesse — nem mesmo Martin — chegava sequer perto.

Portanto, parecendo mais um poeta do que um cientista, Martin dissera tudo naquela manhã: O que aconteceu entre nós permanecerá como um segredo inviolável e uma lembrança maravilhosa. ...Sei que o Paraíso Encontrado só acontece uma vez.

Ela imaginava que algumas pessoas achariam que devia sentir-se culpada pelo ocorrido na noite anterior. Pois ela não se sentia — muito ao contrário! — e ponto final.

Seus pensamentos deslocaram-se para Andrew.

Será que Andrew alguma vez se entregara ao sexo extraconjugal? Provavelmente sim. Ele também teria oportunidades, era um homem que as mulheres consideravam atraente.

E como ela se sentia em relação a isso?

Não podia sentir-se feliz, é claro, presumindo que tivesse acontecido; era difícil, se não mesmo impossível, ser lógica nessas coisas. Por outro lado, nunca se permitiria ficar preocupada com uma coisa que ignorava. Celia ouvira um dia alguém comentar, cinicamente, num coquetel em Morristown:

— Qualquer homem normal que está casado há 20 anos e alega não ter algum sexo por fora é um

mentiroso ou um insignificante.

Não era verdade, é claro. As oportunidades nunca surgiram para muitos homens, enquanto outros permaneciam monógamos por opção. Não obstante, declarações como essa continham um fundo de verdade. Celia sabia, por rumores e por indiscrições públicas, que havia muitas ligações extraconjugais nos círculos médicos que freqüentava com Andrew e também na indústria farmacêutica.

O que levava a uma pergunta adicional: O sexo extraconjugal ocasional tinha uma grande importância num casamento sólido? Ela achava que não... desde que as ligações não fossem intensamente sérias e não se tornassem duradouras. Na verdade, Celia estava convencida, muitos casamentos se desfaziam desnecessariamente porque os cônjuges se mostravam puritanos ou ciumentos, talvez as duas coisas, com o que geralmente não passava de uma inofensiva diversão sexual.

Finalmente, em relação a Andrew, Celia achava que qualquer coisa que ele fizera ou deixara de fazer, fora do casamento, seria sempre um homem atencioso e discreto. Celia tencionava ser igualmente discreta e fora por isso que aceitara o *fait*

accompli de que não teria mais encontros clandestinos com Martin.

Fim das elucubrações pessoais.

Agora, Harlow. Qual deveria ser a recomendação que apresentaria amanhã a Sam?

Obviamente, só havia um curso que podia indicar: fechar o instituto. Admitir que a abertura fora um erro. Reduzir prontamente os prejuízos. Aceitar que o projeto de envelhecimento mental de Martin fora um fracasso desapontador.

Ou não seria o único curso? Ou talvez nem mesmo o melhor? Mesmo agora, apesar de tudo o que vira e ouvira em Harlow, Celia ainda não tinha certeza.

Uma coisa em particular persistia em sua memória. Era algo que Martin dissera em sua aflição na noite anterior, momentos antes de deixarem a sala de jantar do Churchgate Hotel. Desde aquela manhã, a partir do momento em que a limousine a pegara para levar ao aeroporto em Londres, Celia relembrou repetidamente as palavras de Martin, repassando-as em sua mente como se estivessem gravadas: O que estamos procurando será encontrado... vai acontecer, tem de acontecer... mas em algum outro lugar.

Ela não dera muita importância quando as

palavras foram pronunciadas. Mas, de alguma forma, o significado parecia agora muito maior. Seria possível que Martin ainda estivesse certo e todos os outros errados? E onde seria aquele "algum outro lugar"? Outro país? Outro laboratório farmacêutico? Se o Felding-Roth abandonasse a pesquisa de envelhecimento mental de Martin, seria possível que alguma outra companhia — uma concorrente — pudesse assumi-la e levá-la a uma conclusão bem-sucedida, resultando na produção de um novo medicamento, importante e lucrativo?

Havia também o problema da pesquisa sobre o mesmo assunto que se realizava em outros países. Dois anos antes, Martin mencionara cientistas trabalhando em projetos similares na Alemanha, França e Nova Zelândia. Celia sabia que a pesquisa nos outros países continuava... embora ao que tudo indicava sem mais sucesso que em Harlow.

Mas vamos supor que, depois de suspensa a pesquisa em Harlow, um dos outros cientistas tivesse uma súbita abertura e efetuasse uma descoberta espetacular, que poderia ter ocorrido em Harlow, se os trabalhos ali continuassem. Se isso acontecesse, como se sentiria o Felding-Roth? E como se sentiria Celia — e pareceria aos outros na companhia — se recomendasse o fechamento de

Harlow agora?

Portanto, por diversos motivos, havia uma tentação para não fazer nada... e "nada", neste caso, significando recomendar a continuação da pesquisa em Harlow, na esperança de que alguma coisa pudesse surgir.

Contudo, raciocinou Celia, esse tipo de decisão — ou melhor, indecisão — não representava simplesmente o caminho mais seguro! Claro! Era uma filosofia de vamos-deixar-como-está-para-ver-como-fica que já ouvira Sam Hawthorne e Vincent Lord descreverem em termos cáusticos como a prevalente na AAM, em Washington. E isso a levou completar o círculo e voltar à instrução de Sam antes de sua partida para a Inglaterra: Se precisar ser dura e implacável... seja!

Celia suspirou. Não adiantava desejar não ser obrigada a tomar aquela decisão difícil. Tinha de fazê-lo. E, igualmente importante: as decisões difíceis eram parte da responsabilidade da alta administração, uma coisa que ela outrora cobiçara e agora tinha.

Mas quando o Concorde pousou em Nova York, Celia ainda não tinha certeza da posição que assumiria.

O encontro de Celia com Sam Hawthorne

acabou sendo adiado por um dia, pois o presidente do Felding-Roth estava com muitos compromissos. A esta altura, a conclusão de Celia sobre Harlow já era firme e inequívoca. Sem perder tempo em preliminares, Sam foi logo perguntando, assim que Celia sentou à sua frente:

— E então... tem alguma recomendação para mim?

A pergunta direta e o instinto de Celia deixaram bem claro que Sam não estava com disposição para ouvir detalhes ou uma exposição de explicação.

— Tenho, sim — respondeu ela, incisivamente.
— Avaliando tudo, creio que seria um erro, uma falta de visão, fechar o instituto em Harlow. Estou igualmente convencida de que devemos continuar com a pesquisa de Martin sobre envelhecimento mental, certamente por outro ano, possivelmente por mais tempo.

Sam acenou com a cabeça e disse distraidamente:

— Está certo.

A falta de qualquer reação mais forte e a ausência de perguntas deixavam evidente que a recomendação de Celia estava aceita *in toto*. Ela teve também a impressão de que Sam sentia-se aliviado,

como se a resposta fosse o que esperava.

— Escrevi um relatório.

Ela pôs um memorando de quatro páginas em cima da mesa. Sam jogou-o numa bandeja.

— Lerei mais tarde. Quanto menos não seja, para me ajudar a enfrentar as indagações do conselho.

— Terá dificuldades com o conselho?

— Provavelmente.

Sam exibiu um meio-sorriso cansado. Celia pôde sentir toda a sua tensão pelas pressões sob as quais trabalhava. Uma pausa e ele acrescentou:

— Mas não se preocupe. Darei um jeito de controlar o conselho. Informou a Martin que vamos continuar?

Celia sacudiu a cabeça.

— Ele acha que vamos fechar.

— Nesse caso, uma das coisas agradáveis que farei hoje será lhe escrever para dar a notícia. Obrigado, Celia.

O aceno brusco de cabeça de Sam indicou que a entrevista estava encerrada.

Uma semana depois um enorme buquê de rosas apareceu na sala de Celia. Quando ela perguntou, a secretária respondeu:

— Não havia cartão, Sra. Jordan. E quando

perguntei ao florista, ele informou que recebera um telegrama com instruções para lhe entregar as rosas. Gostaria que eu tentasse de novo descobrir quem as mandou?

— Não precisa se incomodar — disse Celia. — Acho que sei.

7

Para alívio de Celia, suas viagens diminuíram durante o restante de 1975. Embora trabalhasse muito, estava quase sempre em Morristown, o que significava que podia passar mais tempo com Andrew e também visitar Lisa e Bruce em suas escolas.

Lisa, em seu último ano na Emma Willard, fora eleita presidente da turma. Além de tirar sempre excelentes notas, ela estava envolvida numa ampla variedade de atividades escolares. Uma delas, criação sua, era um programa de convênio pelo qual as alunas do último ano trabalhavam meio-dia por semana nos escritórios do governo estadual, em Albany.

O programa foi iniciado depois que Lisa,

demonstrando a convicção de que, quando se queria alguma coisa, tinha-se de pedir lá em cima, escrevera uma carta ao governador do estado de Nova York. Um assessor a mostrara ao governador, que achara graça e — para surpresa de todas as pessoas na escola, a exceção da própria Lisa — respondera pessoalmente, aceitando a sugestão. Quando tomara conhecimento, Andrew comentara para Celia:

— Não pode haver a menor dúvida de que essa moça é mesmo sua filha.

Organização, ao que parecia, era uma coisa tão natural para Lisa quanto respirar. Recentemente, ela se candidatara a admissão em diversas universidades, embora suas ambições se concentrassem em Stanford.

Bruce, agora em seu segundo ano na Hill, tornara-se mais do que nunca um aficionado de história, um interesse que o absorvia tão exclusivamente que às vezes mal conseguia tirar as notas necessárias para passar em outras matérias. Um diretor explicou a Andrew e Celia, durante uma visita à escola:

— Não é que Bruce seja um mau aluno. Ele poderia ser excelente em todas as matérias. Acontece simplesmente que às vezes temos de

arrancá-lo dos livros de história e insistir que estude outras coisas. Creio que têm nas mãos, Dr. e Sra. Jordan, um futuro historiador. Espero ver o nome de seu filho em obras publicadas antes de transcorrerem muitos anos.

Embora se advertindo para não ficar muito presunçosa, Celia não pôde deixar de refletir, aliviada, que era possível ser uma mãe que trabalhava fora e ainda ter filhos bem-sucedidos e equilibrados.

Uma contribuição importante para isso era o fato de Winnie e Hank March dirigirem a casa, como continuavam a fazê-lo, com uma eficiência jovial. Durante uma comemoração do 15º ano de emprego de Winnie, que coincidiu com seu 34º aniversário, Andrew lembrou o plano dela, há muito abandonado, de se mudar para a Austrália, comentando:

— O que os australianos perderam, os Jordans ganharam.

Somente um fator adverso afetava a natureza radiante de Winnie: o fracasso em ter um filho, algo que ela desejava profundamente. E um dia confidenciou a Celia:

— Hank e eu continuamos a tentar. Oh, Deus, como tentamos! Há dias até que me sinto esgotada.

Mas não tem jeito.

A pedido de Celia, Andrew providenciou testes de fertilidade para Winnie e o marido. Os testes foram positivos, nos dois casos.

— Tanto você como Hank são capazes de terem filhos — explicou Andrew uma noite, quando ele, Winnie e Celia se achavam juntos na cozinha. — É simplesmente uma questão de oportunidade, algo em que seu ginecologista poderá ajudar. E também um pouco de sorte. Vocês devem continuar a tentar.

— É o que faremos. — Winnie suspirou. — Mas não contarei nada a Hank até amanhã. Preciso de uma boa noite de sono.

Celia fez uma rápida viagem pela companhia à Califórnia, em setembro. Estava em Sacramento, por acaso não muito longe do lugar em que se encontrava o Presidente Ford, quando houve um atentado contra a sua vida. Somente a inépcia da mulher, que não entendia a arma de fogo que usava, impediu outra tragédia histórica. Celia ficou abalada com a experiência e igualmente horrorizada ao tomar conhecimento de um segundo atentado, em São Francisco menos de três semanas depois.

Falando a respeito em casa, com a família reunida para o Dia de Ação de Graças, ela declarou:

— Há dias em que penso que nos tornamos um

povo mais violento e não menos. — E depois, retoricamente, ela acrescentou: — Onde começam as idéias para assassinatos?

Ela não esperava uma resposta, mas Bruce forneceu-a:

— Levando em consideração a indústria em que você trabalha, mamãe, estou surpreso que não saiba que, historicamente, começaram com as drogas, que é o que significa a palavra "assassinato". Vem do árabe hashishi ou "comedor de haxixe". Entre os séculos XI e XIII, uma seita islâmica, a Nizari Ismailis, tomava haxixe ao cometer atos de terrorismo religioso.

Celia disse, irritada:

— Se eu não sei, é porque o haxixe não é uma droga usada farmaceuticamente.

— Mas já foi — respondeu Bruce, calmamente.

— E não faz muito tempo. Os psiquiatras usavam contra a amnésia, mas não deu certo e eles pararam.

— Essa não! — exclamou Andrew, enquanto Lisa olhava para o irmão com uma mistura de divertimento e reverência.

O ano de 1976 trouxe um interlúdio agradável, em fevereiro, com o casamento de Juliet Hawthorne com Dwight Goodsmith, o jovem que Andrew e Celia haviam conhecido e simpatizado num jantar

na casa dos Hawthornes, um ano antes. Dwight, recém-saído da Faculdade de Direito de Harvard, iria trabalhar na cidade de Nova York, onde ele e Juliet residiriam.

O casamento foi suntuoso, com 350 convidados, inclusive Andrew e Celia.

— Afinal, — comentou Lilian Hawthorne para Celia, — é o único casamento em que serei a mãe da noiva... ou pelo menos assim espero.

Anteriormente, Lilian confidenciara sua preocupação por Juliet, que tinha 20 anos, casar tão cedo e abandonar a universidade depois de apenas dois anos. No dia do casamento, porém, Sam e Lilian pareciam tão radiantemente felizes que tais pensamentos haviam sido obviamente superados... e com bons motivos, na opinião de Celia. Observando Juliet e Dwight, um casal inteligente e talentoso, embora modesto e sem qualquer afetação, ela ficou impressionada e convencida de que seria um casamento que daria certo.

Em maio daquele ano, algo de interesse especial para Celia foi a publicação de *The Drugging of the Américas* (A Drogagem das Américas).

Foi um livro que atraiu muita atenção, descrevendo o malogro vergonhoso dos

laboratórios farmacêuticos americanos e outros, que faziam negócios na América Latina, em fornecer advertências sobre efeitos colaterais adversos de seus remédios de prescrição médica... advertências exigidas por lei em países mais sofisticados. Descritas e documentadas estavam as práticas que Celia, durante os seus anos na Divisão Internacional, pessoalmente observara e criticara no Felding-Roth.

O que tornava o livro diferente dos ataques rotineiros à indústria era a meticulosidade de seu autor, Dr. Milton Silverman, farmacologista e professor da Universidade da Califórnia, em São Francisco. O Dr. Silverman também testemunhara um pouco antes perante um comitê do Congresso, que o escutara com o devido respeito. Na opinião de Celia, era mais uma advertência de que a indústria farmacêutica devia aceitar obrigações morais, além das legais.

Ela comprou meia dúzia de exemplares do livro e enviou para executivos da companhia, que reagiram de maneira previsível. Sam Hawthorne, por exemplo, escreveu um memorando:

Basicamente, partilho as opiniões de Silverman e as suas. Contudo, para que se

efetuem mudanças, é preciso haver um acordo geral. Nenhuma companhia pode se dar ao luxo de ficar em desvantagem em relação às concorrentes... especialmente a nossa, neste momento, por causa de nossa delicada situação financeira.

Para Celia, o argumento de Sam parecia especioso, embora ela não o contestasse, sabendo que não venceria.

Uma surpresa considerável foi a reação de Vincent Lord, que enviou um bilhete cordial;

Obrigado pelo livro. Concordo que deve haver mudanças, mas prevejo que nossos patrões vão gritar e espernear contra elas, até serem forçados a se corrigirem sob a mira de uma pistola. Mas continue tentando. Eu a ajudarei quando puder.

Ultimamente, pensou Celia, o diretor de pesquisa parecia se abrandar cada vez mais. Ela se lembrava de ter-lhe enviado, 13 anos antes, um exemplar de *The Feminine Mystique*, que ele devolvera com um comentário grosseiro sobre a "porcaria". Mas não seria, especulou Celia, porque

Vincent Lord chegara à conclusão de que ela subira bastante na companhia para se tornar útil como uma aliada?

Em abril, Lisa telefonou para casa, informando, muito excitada, que partiria para a Califórnia no outono. Fora aceita na Universidade de Stanford. Em junho, Lisa formou-se na Emma Willard, numa encantadora cerimônia ao ar livre, a que Andrew, Celia e Bruce compareceram. Num jantar em família naquela noite, em Albany, Andrew comentou:

— Hoje é um momento culminante, mas prevejo que, afora isso, será um ano insípido para o mundo.

Quase que imediatamente os fatos provaram que ele estava enganado, com o ousado ataque aéreo de um comando israelense ao Aeroporto de Entebbe, em Uganda, onde mais de 100 pessoas eram mantidas como reféns, seqüestradas por terroristas árabes, ajudados pelo traiçoeiro presidente ugandense, Idi Amin. Enquanto o mundo livre aclamava, deliciado em partilhar notícias animadoras, para variar, os israelenses libertaram os reféns e voaram de volta à segurança.

A insipidez voltou, no entanto — como Andrew prontamente ressaltou — quando, na convenção nacional do Partido Democrata, em

Nova York, um obscuro populista da Geórgia, apoiando-se no fato de ser um "renascido" batista sulista, conquista a indicação para candidato presidencial.

Apesar do desencantamento público americano, primeiro com Nixon, agora com Ford, parecia improvável que ele pudesse vencer. Celia ouviu alguém perguntar na cantina do Felding-Roth:

— É admissível que o mais alto cargo do mundo possa ser ocupado por alguém que se intitula Jimmy?

Mas havia pouco tempo para se pensar em política na sede da companhia em Morristown. Toda a atenção se concentrava no novo e espetacular medicamento que estava prestes a ser lançado no mercado - o Montayne.

Quase dois anos haviam transcorrido desde que Celia manifestara a Sam suas dúvidas e apreensões sobre o Montayne. Mas, a pedido de Sam, ela concordara em manter a mente aberta, enquanto estudava os dados da pesquisa e testes,

Celia recebera um material volumoso e lera a maior parte. Enquanto o fazia, aumentava a sua convicção de que Sam estava certo: a ciência farmacêutica realizara progressos espantosos em 15

anos e não se deveria negar às mulheres grávidas os benefícios de uma droga só porque outra, há muito tempo, provara ser nociva.

Igualmente significativo: os testes com o Montayne — primeiro na França, depois na Dinamarca, Inglaterra, Espanha, Austrália e agora nos Estados Unidos — haviam sido tão cautelosos e completos quanto era capaz o cuidado humano. Assim, por causa dos resultados comprovados e de sua leitura, Celia estava não apenas convencida da segurança do Montayne, mas também entusiasmada com sua utilidade e possibilidades comerciais.

Em casa, em diversas ocasiões, ela tentou partilhar seu conhecimento com Andrew, procurando convertê-lo às suas opiniões alteradas. Más, estranhamente, Andrew parecia estar com a mente fechada. Ele sempre dava um jeito de desviar a conversa para outros assuntos, deixando bem claro que o Montayne era um tópico que preferia manter à distância, desejando evitar uma discussão.

Ao final, Celia desistiu, passando a manter para si mesma o seu entusiasmo, quando estava na presença de Andrew. Sabia que haveria muitos outros meios para expressá-la, assim que começasse a campanha de vendas do Felding-Roth.

— O mais importante que todos nós, em vendas, devemos lembrar e ressaltar sobre o Montayne é que se trata de um medicamento absolutamente seguro para as mulheres grávidas — disse Celia, pelo microfone, no pódio. — Mais do que isso, é um medicamento alegre! O Montayne é uma coisa que as mulheres... atormentadas pela náusea e enjôo durante a gravidez... estão precisando, sonhando e merecendo há séculos. Agora, finalmente, nós do Felding-Roth nos tornamos emancipadores, libertando as mulheres americanas de seu antigo jugo, convertendo cada dia de gravidez em algo melhor, mais alegre e mais feliz! O remédio para acabar com o "enjôo matutino" para sempre chegou! Nós o temos!

Houve uma entusiástica explosão de aplausos da audiência.

Era o mês de outubro de 1976. Celia estava em São Francisco, numa convenção de vendas regional, com a presença dos promotores, homens e mulheres, supervisores de vendas e gerentes regionais de nove estados do oeste, inclusive Alasca e Havaí. A convenção de três dias se realizava no

Fairmont Hotel, em Nob Hill. Celia e vários outros executivos da companhia estavam hospedados no elegante Stanford Court, no outro lado da rua. Entre eles estava Bill Ingram, antigo assistente de Celia nos produtos sem prescrição médica e agora subdiretor de vendas farmacêuticas e seu principal assessor.

Os planos de marketing para o Montayne estavam bem engrenados e o Felding-Roth esperava lançar o produto no mercado em fevereiro, dentro de apenas quatro meses. Enquanto isso, era necessário que os responsáveis pela venda do Montayne conhecessem o produto ao máximo possível.

Entre a equipe de vendas, o entusiasmo pelas perspectivas do medicamento era enorme. Alguém na matriz compusera uma canção com a música de America The Beautiful.

*Oh, a beleza dos dias tranqüilos,
Nos sonhos de maternidade,
Pois agora de forma simples e segura
Todas as manhãs podem ser lindas!
Montayne, Montayne!
Montayne, Montayne!
Receitado para a gravidez;*

*Vamos vender com força, proclamar a
alegria*

De sua eficácia sem qualquer risco!

A canção fora entoada alegremente naquela manhã pelo pessoal de vendas e seria repetida com frequência durante os dois dias seguintes. Pessoalmente, Celia fazia restrições à canção. Mas outros em vendas argumentaram a seu favor e ela concordara em usá-la, não querendo arrefecer o espírito exuberante de ninguém.

O programa de testes do medicamento nos Estados Unidos fora realizado durante o ano e meio anterior, em animais e 500 mulheres, apresentando apenas os efeitos colaterais mais suaves e ocasionais, nenhum deles significativo em termos médicos. Os bons resultados eram similares aos de outros países em que o Montayne já se encontrava à venda, extremamente popular e sendo louvado pelos médicos que o receitavam e pelas mulheres que o tomavam.

Depois dos testes americanos, a documentação volumosa, como sempre, fora encaminhada à sede da AAM, em Washington, esperando-se uma aprovação rápida.

Infelizmente, essa esperança fora frustrada. Até

agora, a AAM não concedera a aprovação para o lançamento do Montayne no mercado como um medicamento de prescrição médica. Essa era uma das pequenas nuvens que pairavam agora sobre o extraordinário programa de marketing da companhia.

Considerava-se, no entanto, que era impossível suspender todos os preparativos até que fosse concedida a aprovação; caso contrário, perder-se-iam seis meses ou mais de vendas e uma receita da maior importância. Assim, fora tomada a decisão de prosseguir com a produção, preparação da campanha de propaganda e sessões de vendas como aquela, na suposição de que a autorização seria concedida antes de se chegar a um prazo crítico.

Sam Hawthorne, Vincent Lord e outros estavam confiantes de que a aprovação da AAM não iria demorar. Levavam em consideração que um fator favorável ao Felding-Roth era a publicidade dos meios de comunicação.

Por causa do progresso e popularidade do Montayne no exterior, havia agora perguntas sendo formuladas publicamente nos Estados Unidos: Por que a AAM estava demorando tanto a se decidir? Por que se negava às mulheres americanas aquele medicamento benéfico, quando outras mulheres, em

outros países, estavam usando-o com sucesso e segurança? A expressão *drug lag* americana era mais uma vez apregoada em termos críticos, toda a culpa sendo atribuída a AAM.

Um dos críticos mais incisivos era o Senador Dennis Donahue, normalmente um adversário da indústria farmacêutica, mas agora reconhecendo qual o lado da questão que era mais popular. Em resposta à pergunta de um repórter, ele descreveu a indecisão da AAM em relação ao Montayne como "absolutamente ridícula nas circunstâncias". O comentário de Donahue foi muito bem recebido no Felding-Roth.

A outra pequena nuvem era criada por uma médica, Maud Stavely, presidente de uma organização de defesa ao consumidor, baseada em Nova York, com o nome de Cidadãos para uma Medicina Segura.

A Dra. Stavely e sua CMS opunham-se agressivamente à aprovação americana do Montayne, alegando que o remédio podia ser inseguro e exigia testes mais prolongados. O público era bombardeado com essa posição, que recebia uma cobertura considerável dos meios de comunicação.

A base para a argumentação de Stavely era

uma ação judicial iniciada vários meses antes num tribunal da Austrália.

Uma mulher de 23 anos que vivia no interior australiano, perto de Alice Springs, tivera uma filha. Durante a gravidez, a mãe fora uma das primeiras consumidoras do Montayne. Exames demonstraram que a criança era deficiente mental, os médicos descrevendo a sua mente como "um vazio". Além disso, a criança só era capaz de fazer os movimentos físicos mais débeis, mesmo um ano depois do nascimento. Os médicos concordavam que a criança permaneceria para sempre um vegetal, jamais poderia andar ou sentar sem ajuda.

Um advogado tomara conhecimento do caso e persuadira a mãe a processar a companhia australiana que distribuía o Montayne. O tribunal indeferira o pedido de indenização. Houvera um recurso a um tribunal superior, que mantivera a decisão.

Durante os dois julgamentos, foram apresentadas provas incontestáveis de que o Montayne não era responsável pelo estado da criança. A mãe, uma pessoa de péssima reputação, que admitia não saber quem era o pai da criança, tomara outras drogas durante a gravidez, como metaqualone (Quaalude), diazepam (Valium) e mais

algumas. Era também uma quase-alcoólatra, fumava um cigarro atrás de outro e consumia marijuana. Um médico que testemunhara perante o júri descrevera seu corpo como "um caldeirão horrível de produtos químicos antagônicos, em que qualquer coisa pode acontecer". Ele e outros médicos que prestaram depoimento absolveram o Montayne de qualquer ligação com os defeitos da criança.

Somente um "médico voador", como eram chamados os contratados pelo governo australiano para serem levados a pontos remotos do interior periodicamente, que tratara a mulher durante a gravidez e fizera o parto, testemunhara a favor da mãe e culpava o Montayne, que ele próprio receitara. Contudo, ao ser reinquirido, o médico admitira que não tinha qualquer prova para apoiar sua alegação, a não ser o que descrevera como "um pressentimento danado de forte". À luz de outros depoimentos médicos, suas opiniões não foram levadas em consideração.

Posteriormente, um inquérito patrocinado pelo governo australiano, em que novamente testemunharam peritos científicos e médicos, chegara à mesma conclusão que os tribunais, confirmando que o Montayne era um medicamento

seguro.

A americana, Dra. Stavely, uma notória amante da publicidade, não tinha qualquer outra prova para sustentar sua oposição ao Montayne.

Assim, embora a campanha Maud Stavely-CMS fosse encarada pelo Felding-Roth como um inconveniente, não representava um problema maior.

Agora, na convenção de vendas em São Francisco, depois de esperar que os aplausos cessassem, Celia continuou o seu discurso:

— Uma coisa que vocês podem encontrar é a preocupação com o novo medicamento, Montayne, por causa das lembranças de um medicamento mais antigo, Talidomida, que causou efeitos terríveis sobre os fetos de muitas mulheres grávidas, levando-as a gerarem crianças deformadas. Estou mencionando isto agora, expondo o problema, a fim de estarmos todos devidamente preparados.

Houve silêncio no salão, homens e mulheres fitando Celia atentamente.

— As diferenças entre o Montayne e a Talidomida são muitas e impressionantes. Em primeiro lugar, a Talidomida foi desenvolvida há cerca de 20 anos, quando a pesquisa farmacêutica não era tão meticulosa e os regulamentos de segurança não

eram tão informados e rigorosos como atualmente. Outra coisa... e contrária à convicção popular... a Talidomida nunca foi destinada ou usada especificamente como um medicamento para as mulheres. Era um sedativo geral, uma pílula para dormir.

Celia fez uma pausa, correndo os olhos pela audiência.

— E voltando ao tema da pesquisa, a Talidomida não foi testada experimentalmente numa ampla variedade de animais, antes de ser lançada para o uso humano. Depois da proibição da Talidomida, por exemplo, experiências com animais demonstraram que algumas espécies de coelhos produziam os mesmos fetos deformados que as mulheres, comprovando assim que, se fossem realizados estudos completos com animais, as tragédias humanas nunca teriam ocorrido.

Ela consultou as anotações, que preparara cuidadosamente, para aquela e outras ocasiões posteriores. Ainda concentrando toda atenção, ela continuou:

— O Montayne, por outro lado, foi submetido aos testes mais amplos que se possa imaginar... inclusive testes em vários tipos de animais, assim como em voluntárias humanas... em cinco países,

todos com leis rigorosas para o controle dos medicamentos. Além disso, na maioria desses países, o Montayne tem sido usado por milhares de mulheres, há mais de um ano. Citarei só um exemplo de como foram meticolosos a pesquisa e o programa de testes.

Celia descreveu a decisão do Gironde-Chimie, o laboratório francês que descobrira a droga, de realizar um ano adicional de testes médicos, além do que era exigido pelas leis francesas, para cientificar-se da qualidade do produto.

— Provavelmente nunca houve antes um medicamento testado mais meticolosamente para segurança — declarou ela.

Depois do discurso de Celia, os porta-vozes científicos da companhia endossaram suas palavras e responderam às perguntas do pessoal de vendas.

— Como foi a sua apresentação? — perguntou Andrew, cerca de uma hora depois, no luxo e conforto da suíte que ocupavam no Stanford Court.

Ele tirara alguns dias de folga no consultório para acompanhar Celia à Califórnia e, ao mesmo tempo, visitar Lisa, agora no primeiro ano em Stanford e residindo no campus.

— Acho que bem. — Celia tirou os sapatos, espreguiçou-se cansada, levantou os pés no sofá. —

Sob certos aspectos, as convenções regionais de vendas são como um espetáculo itinerante. Assim, devemos melhorar a cada apresentação.

Ela olhou para o marido, curiosa, e perguntou:

— Sabia que é a primeira vez que me faz uma pergunta sobre qualquer coisa relacionada com o Montayne?

— É mesmo?

Andrew tentou parecer surpreso.

— Você sabe que é. Eu gostaria de conhecer o motivo.

— Talvez seja porque você me conta tudo e assim nunca precisei perguntar.

— Isso não é verdade, Andrew. Você ainda tem restrições, não é mesmo?

Andrew largou o jornal que estava lendo quando ela entrara.

— Não estou qualificado a fazer julgamentos sobre um medicamento que nunca usei. Você tem uma porção de pessoal científico, aqui e no exterior, que sabe muito mais do que eu. Eles dizem que o Montayne é ótimo. Portanto...

Andrew deu de ombros.

— Mas você não receitaria para uma paciente?

— Não preciso fazê-lo. Felizmente, não sou um obstetra ou ginecologista.

— Felizmente?

— Um lapso de língua — disse Andrew, impaciente. — Vamos conversar sobre outra coisa.

— Não — insistiu Celia, com uma insinuação de irritação na voz. — Quero falar sobre isso porque é importante para nós dois. Você dizia sempre que nenhuma mulher deve tomar qualquer medicamento durante a gravidez. Ainda acredita nisso?

— Já que você pergunta... acredito.

— Não é possível que, embora você estivesse certo antes, essa opinião pode estar agora superada? Afinal, muito tempo já passou desde que você começou a exercer a medicina... 20 anos... e muitas coisas mudaram. — Celia lembrou-se de uma coisa que Sam lhe dissera. — Não havia médicos que se opunham à anestesia para mulheres grávidas porque diziam...

Andrew estava começando a ficar irritado.

— Já disse que não quero conversar sobre isso.

Celia respondeu bruscamente:

— Mas eu quero!

— Mas que diabo, Celia! Não estou envolvido com o seu Montayne e não quero me envolver. Já admiti que não disponho do conhecimento...

— Mas você tem influência no St. Bede.

— Que eu não usarei... de um jeito Ou de outro... para o Montayne.

Estavam se olhando furiosos quando o telefone tocou. Celia baixou as pernas e se esticou para atender. Uma voz de mulher perguntou:

— Sra. Jordan?

— Sou eu mesma.

— Aqui é o Felding-Roth, Morristown. Um momento, por favor que o Sr. Hawthorne já vai falar.

Sam entrou na linha.

— Oi, Celia. Como estão indo as coisas por aí?

— Muito bem. — Ela recuperou o ânimo positivo em que deixara o Fairmont Hotel. — As apresentações correram perfeitamente. Todos estão animados e ansiosos em começar a vender o Montayne.

— Grande!

— É claro que todos estão fazendo a mesma pergunta: quando obteremos a aprovação da AAM?

Houve um momento de silêncio, durante o qual Celia sentiu Sam hesitar. E, depois, ele disse:

— Por enquanto, isto é confidencial, apenas entre nós dois. Mas posso lhe garantir com absoluta certeza de que obteremos a aprovação... e muito em breve.

— Posso lhe perguntar o motivo da certeza?

— Não.

— Está bem. — Se Sam queria ser misterioso, pensou Celia, era seu privilégio, embora não visse motivo para isso entre os dois. — Está tudo bem com Juliet?

— E com meu futuro neto? — Sam riu. — Tenho o maior prazer em responder que sim.

Três meses antes, Juliet e David Goodsmith haviam anunciado a gravidez, com a maior felicidade. O bebê deveria nascer em janeiro.

— Transmita o meu amor a Lilian e Juliet — disse Celia. — E avise a Juliet que em sua próxima gravidez ela já poderá tomar o Montayne.

— Está certo. Obrigado, Celia.

Sam desligou. Enquanto Celia estava ao telefone, Andrew entrara no banheiro, a fim de tomar um banho de chuveiro e depois vestir-se para a viagem de carro de 55 quilômetros até Paio Alto, onde jantariam com Lisa e vários amigos de Stanford.

Durante a viagem e o jantar, descontraído e cordial, Celia e Andrew não se referiram à discussão no hotel. A princípio, houve uma frieza entre os dois, que se desvaneceu à medida que a noite progredia. A esta altura, Celia já decidira também

deixar as coisas como estavam e não tornar a levantar o assunto do Montayne com o marido. Afinal, ao longo de uma vida, todas as pessoas tinham momentos ocasionais de cegueira mental e — embora isso a desapontasse — aquele era obviamente um de Andrew.

9

Sam Hawthorne, desligando o telefone depois da conversa Morristown-São Francisco com Celia, descobriu-se a desejar não ter feito a declaração positiva impulsiva sobre a aprovação do Montayne pela AAM. Fora insensata e indiscreta. Por que fizera aquilo? Provavelmente por nenhum outro motivo que não o muito humano de impressionar outra pessoa... neste caso, a Celia.

Precisava tomar mais cuidado, disse a si mesmo. Especialmente depois de sua discussão uma hora antes com Vincent Lord e a decisão a que haviam chegado em conjunto. Era uma decisão que poderia ter repercussões desastrosas se fosse descoberta, embora não devesse ser... nunca. O que era ainda mais razão para deixar que a aprovação

do Montayne pela AAM, quando acontecesse, parecesse natural e ordenada. Como deveria e teria sido, senão fosse por aquele burocrata arrogante, insuportável e criminoso da AAM!

Era muito azar que a solicitação para o novo medicamento fosse encaminhada justamente ao Dr. Gideon Mace.

Sam Hawthorne não conhecia Mace pessoalmente e não queria conhecer. Já ouvira mais do que suficiente a respeito do homem de Vince Lord e outros, sobre os problemas causados por Mace ao Felding-Roth, primeiro com a protelação absurda da aprovação do Staidpace e agora com o Montayne. Por que pessoas como Mace possuíam tanto poder, pensou Sam, furioso, e por que tinham de ser suportadas por honestos executivos, que só queriam dos Maces deste mundo nada mais do que honestidade e justiça?

Felizmente, pessoas como Mace constituíam uma minoria... e Sam tinha certeza que uma minoria insignificante na AAM. Mesmo assim, Mace existia. E estava atualmente cuidando da solicitação do Montayne, usando os regulamentos e táticas processuais para protelá-la. Portanto, era preciso encontrar um meio de contornar Gideon Mace.

Pois eles tinham um meio. Ou pelo menos o

Felding-Roth tinha, na pessoa de Vincent Lord.

Originalmente, quando Vincent obtivera — ou melhor, comprara — as provas de um ato criminoso do Dr. Mace, pagando com dois mil dólares do Felding-Roth, o dinheiro agora enterrado entre as despesas de viagem, onde os auditores do Serviço da Receita Federal nunca encontrariam... naquela ocasião Sam ficara furioso e chocado só de pensar que o material pudesse ser usado algum dia da maneira como o diretor de pesquisa imaginara.

Mas não agora. A situação afetando o Montayne era muito crítica e importante para se conservar tais escrúpulos. E isso era outro motivo para sua raiva. Raiva porque criminosos como Mace geravam atos criminosos em outras pessoas — no caso, em Sam e Vincent Lord — que tinham de usar as mesmas táticas indignas em legítima defesa. Maldito Mace!

Ainda no monólogo silencioso, na quietude de sua sala, Sam disse a si mesmo: uma penalidade que se paga por ocupar o cargo mais alto numa grande companhia é ser obrigado a tomar decisões desagradáveis, autorizando ações que, se acontecessem em qualquer outro lugar ou no vácuo, consideraria antiéticas e desaprovava. Mas quando se assumia responsabilidades, envolvendo tantas

pessoas, todas dependentes de você — acionistas, diretores, executivos, empregadores, distribuidores, varejistas, fregueses — era necessário às vezes engolir em seco e fazer o que era necessário, por mais difícil, desagradável ou repugnante que pudesse parecer.

Sam acabara de fazer isso, uma hora antes, aprovando uma proposta de Vincent Lord para ameaçar o Dr. Gideon Mace com denúncia e, portanto, acusações criminais, se não apressasse a aprovação do Montayne.

Chantagem. Não havia sentido em abrandar as palavras ou se esconder por trás de eufemismos. Seria chantagem, o que também era um crime. Vince apresentara seu plano a Sam bruscamente. E fora também bruscamente que declarara:

— Se não usarmos o que temos, pressionando Mace, pode esquecer qualquer idéia de lançar o Montayne em fevereiro e talvez por mais um ano.

Sam perguntara:

— Pode realmente demorar tanto tempo... um ano?

— Facilmente e ainda mais. Mace só precisa pedir uma repetição dos...

Lord parara de falar quando Sam gesticulara a lhe pedir silêncio, cancelando uma pergunta

desnecessária, ao lembrar como Mace protelara o Staidpace por mais de um ano.

— Houve um tempo em que você falava em fazer o que está propondo sem me envolver — lembrara Sam ao diretor de pesquisa.

— Sei disso. Mas você insistiu em saber para que seriam os dois mil dólares e acabei mudando de idéia. Vou assumir um risco e não vejo por que deveria fazê-lo sozinho. Ainda cuidarei do ataque frontal, a confrontação com Mace. Mas quero que você saiba de tudo e aprove.

— Não está sugerindo qualquer coisa por escrito, não é mesmo?

Lord sacudira a cabeça negativamente.

— Esse é outro risco que assumirei. Se houver uma revelação, você pode negar que esta conversa tenha ocorrido.

Fora então que Sam compreendera que Vincent queria apenas não se sentir solitário, não ser o único a saber o que tencionava fazer. Era uma coisa que Sam entendia. A solidão era outra coisa que se experimentava no topo ou perto do topo, Vince simplesmente partilhava a sua.

— Está certo — dissera Sam. — Por mais que me desagrade, eu aprovo. Vá em frente. Faça o que é necessário.

Uma pausa e ele acrescentara, jocosamente:

– Presumo que não esteja com um gravador escondido.

– Se eu estivesse, incriminaria a mim mesmo, além de você.

Quando o diretor de pesquisa já estava saindo, Sam tornara a chamá-lo:

– Vince!

Lord se virara.

– O que é?

– Obrigado... apenas obrigado, mais nada.

Assim, tudo o que era necessário agora, pensou Sam, era esperar. Esperar, por bem pouco tempo, com a confiança de que a aprovação da AAM ao Montayne viria depressa, inevitavelmente.

Desde o encontro anterior, Vincent Lord estava consciente, algumas mudanças haviam ocorrido no Dr. Gideon Mace. O funcionário da AAM parecia mais velho, o que de fato era, mas também melhor do que antes, o que era surpreendente. O rosto se achava menos vermelho, as veias do nariz pareciam menos proeminentes. Ele se livrara do terno surrado e comprara um novo, também ostentava óculos novos, não mais cerrando os olhos por trás. Seu comportamento parecia mais fácil; embora não chegasse a ser amistoso, estava certamente menos

brusco e não agressivo. Talvez o motivo para as mudanças — um motivo que Vincent Lord descobrira através de seus contatos na agência — era o fato de Mace ter parado de beber e se juntado aos Alcoólatras Anônimos.

Além de Mace pessoalmente, outras coisas estavam iguais ou piores. A sede da AAM em Washington era a mesma colméia impessoal e miserável. Havia mais papel do que nunca na sala parecida com um armário embutido que Mace ocupava; estava empilhado por toda parte, como uma inundação. Até para se atravessar a sala era preciso passar por cima de documentos e pastas, postos no chão por ausência de qualquer outro espaço disponível. Gesticulando ao redor, Lord perguntou:

— O processo do nosso Montayne está por aqui?

— Uma parte — respondeu Mace. — Não tenho espaço para tudo. Suponho que veio aqui para tratar dele.

— Isso mesmo.

Lord sentou, de frente para o médico, ainda esperando que não houvesse necessidade de usar as cópias fotostáticas dentro da pasta a seus pés.

— Estou muito preocupado com aquele caso

australiano. — Novamente em contraste com o passado, o tom de Mace era razoável. — Sabe a que estou me referindo?

Lord assentiu.

— A mulher no interior. O caso foi levado aos tribunais e o pedido de indenização indeferido. Houve também um inquérito do governo. As acusações foram completamente descartadas e o Montayne absolvido.

— Já li todo o material, mas quero mais detalhes. Escrevi para a Austrália. E quando eles responderem, posso ter ainda mais perguntas.

Lord protestou:

— Mas isso pode levar meses!

— Mesmo que leve, estarei simplesmente cumprindo o meu dever.

Lord fez uma última tentativa:

— Quando cuidou do nosso pedido para o Staidpace, assegurei que era um bom medicamento, livre de efeitos colaterais adversos. E assim ficou comprovado... apesar da protelação desnecessária. Agora, estou lhe garantindo, baseado em minha reputação como cientista pesquisador, que a mesma coisa exatamente se aplica ao Montayne.

Mace respondeu, impassivelmente:

— É sua opinião e não a minha que a aprovação

do Staidpace foi protelada desnecessariamente. De qualquer forma, isso nada tem a ver com o Montayne.

— De certa forma, tem sim. — Lord sabia que não tinha alternativa e olhou para trás, a fim de certificar-se de que a porta estava mesmo fechada.

— E tem porque acho que as coisas que faz conosco, no Felding-Roth, não se relacionam com o nosso pedido e sim com o seu estado de espírito. Você tem uma porção de problemas pessoais que o estão dominando, criando preconceitos injustos e prejudicando o seu julgamento. E alguns desses problemas pessoais chegaram ao conhecimento da minha companhia.

Mace se eriçou, a voz se tornando áspera:

— Mas do que está falando afinal?

— Disto. — Lord abriu a pasta e tirara os documentos. — São fichas de transações, cheques cancelados, extratos bancários e outros itens que mostram como você obteve um lucro ilegal de mais de 16 mil dólares, utilizando informações confidenciais da AAM sobre duas companhias de drogas genéricas, Binvus Products e Minto Labs.

Lord acrescentou as cópias à confusão de papéis que já havia na mesa de Mace.

— Acho que deve examinar estas coisas com

todo cuidado. Sei que já viu tudo antes, mas talvez não soubesse que alguém tinha cópias. E, por falar nisso, estas são cópias de cópias. Guardá-las ou destruí-las de nada adiantaria.

Ficou patente que Mace reconheceu prontamente a cópia que estava por cima, uma das fichas de transação da corretora. Suas mãos tremiam quando a pegou, depois às outras, examinando uma a uma, com o mesmo reconhecimento. Seu rosto empalideceu, a boca se mexeu espasmodicamente. Lord se perguntou se Mace não teria ali mesmo um derrame ou um ataque cardíaco. Em vez disso, porém, Mace largou os papéis e perguntou num sussurro:

— Onde conseguiu isso?

— Não importa — respondeu Lord, bruscamente. — O importante é o seguinte: nós temos os documentos e estamos pensando em encaminhá-los ao Procurador Geral, provavelmente também à imprensa. Nesse caso, é claro, haverá um inquérito. E se você estiver implicado em mais incidentes do mesmo tipo, é claro que também vão aflorar.

Pela expressão cada vez mais assustada de Mace, Lord compreendeu que acertara em cheio com o último comentário. Houvera outros

incidentes e agora ambos sabiam disso.

Lord lembrou-se de uma coisa que dissera a Sam Hawthorne, ao prever o que estava acontecendo agora: Quando chegar o momento, deixe-me fazer o trabalho sujo. E depois ele acrescentara para si mesmo: Posso até gostar. Pois agora que acontecia, Lord compreendeu que estava de fato gostando. Sentia prazer em exercer poder sobre Mace, em obrigar um adversário tão hábil em impor humilhações a experimentar a mesma coisa, a sofrer e se angustiar.

— Você irá para a cadeia, é claro — ressaltou Lord. — E calculo que haverá uma multa vultosa, que o deixará financeiramente esgotado.

Mace disse, desesperado:

— Isso é chantagem. Você pode...

A voz era nervosa, fina, esganiçada.

Lord interrompeu-o bruscamente:

— Esqueça! Há muitas maneiras de cuidar do caso sem que o envolvimento de nossa companhia se torne conhecido. E não há testemunhas aqui, apenas você e eu.

Lord se inclinou, recolheu os documentos que mostrara a Mace e tornou a guardá-los em sua pasta. Lembrara-se, bem a tempo, que suas impressões digitais estavam neles; não havia

sentido em correr o risco de deixar provas para trás.

Mace era um homem abalado. Lord viu com repulsa que havia saliva nos cantos dos lábios do homem, que borbulhavam quando ele perguntou debilmente:

— O que você quer?

— Acho que você já sabe. Creio que pode entender o que gostaríamos como "uma atitude justa".

Um sussurro desesperado:

— Querem a aprovação daquele medicamento... o Montayne.

Lord permaneceu em silêncio. Mace suplicou, quase soluçando agora:

— Falei sério quando disse que há um problema... aquele caso australiano, as dúvidas sobre o Montayne... acredito sinceramente que pode haver alguma coisa aí... vocês deveriam...

Lord disse, desdenhosamente:

— Já conversamos a respeito. Pessoas melhores do que você nos garantiram que o caso australiano não tem qualquer significado.

Silêncio outra vez.

— E se acontecesse... a aprovação?

— Em determinadas circunstâncias, — respondeu Lord, com extremo cuidado, — os

documentos que lhe mostrei não seriam encaminhados ao Procurador Geral nem à imprensa. Em vez disso, seriam entregues a você, como uma garantia de que, ao que possamos saber, não existem outras cópias.

— Como eu poderia ter certeza?

— Teria de aceitar a minha palavra.

Mace tentava se recuperar; um ódio selvagem brilhava em seus olhos.

— E de que vale a sua palavra, seu filho da puta?

— Perdoe-me por mencionar, — disse Vincent Lord, calmamente, — mas você não está em condições de insultar ninguém.

Demorou duas semanas. Até mesmo com Gideon Mace a empurrar, as engrenagens da burocracia precisavam de algum tempo para girar. Mas, ao final, a aprovação do Montayne tornou-se um fato consumado. O medicamento com a aprovação da AAM, seria receitado e vendido por todos os Estados Unidos.

Houve alegria no Felding-Roth porque a previsão de lançamento em fevereiro seria agora cumprida.

Não querendo correr o risco de enviar pelo correio ou por outro mensageiro, Vincent Lord foi a

Washington e pessoalmente entregou os documentos incriminadores ao Dr. Mace.

Lord cumpriu a palavra. Todas as cópias adicionais foram destruídas.

Na privacidade da sala de Mace, com os dois homens de pé, trocou-se um mínimo de palavras.

— Aqui está o que foi prometido.

Lord estendeu um envelope pardo. Mace pegou-o, verificou o conteúdo e depois olhou para Lord. E disse, a voz transbordando de ódio:

— Você e sua companhia têm agora um inimigo na AAM. E aviso: algum dia ainda se arrependerá do que fez.

Lord deu de ombros, sem responder, e retirou-se.

10

Em novembro, numa tarde de sexta-feira, Celia visitou a Dra. Maud Stavely, na sede em Nova York da organização Cidadãos para a Medicina Segura.

A visita era uma decisão de súbito impulso. Celia se achava em Manhattan, com duas horas de intervalo entre compromissos. Resolveu então

satisfazer sua curiosidade sobre uma adversária que jamais conhecera pessoalmente. Não telefonou de antemão, sabendo que, se o fizesse

Stavely quase certamente se recusaria a recebê-la. Esse tipo de rejeição já fora experimentado por outros na indústria farmacêutica.

Celia lembrou-se de uma coisa que lhe fora dita por Lorne Eagledon, presidente da Associação da Indústria Farmacêutica, em Washington, não fazia muito tempo. Eagledon, jovial e sereno, fora um advogado do governo antes de assumir o seu atual cargo na associação.

— Como diretor da AIF, representando todos os grandes laboratórios farmacêuticos, gosto de me manter em contato com organizações de defesa dos consumidores. Claro que nos encontramos em lados opostos, mas às vezes eles têm coisas úteis a dizerem e nossa indústria deveria escutar. Por isso é que convido Ralph Nader para almoçar duas vezes por ano. É verdade que Ralph e eu não temos muita coisa em comum, mas conversamos, escutamos as opiniões um do outro, que é a maneira civilizada de se agir. Mas quando convidei Maud Stavely a almoçar pelo mesmo motivo... nem pode imaginar!

Estimulado por Celia, o presidente da AIF continuara:

— A Dra. Stavely me informou que tinha muito o que fazer com seu tempo, lutando contra uma indústria totalmente abominável e imoral... a nossa... sem desperdiçar seu valioso tempo com um laçao dos grandes negócios com opiniões inaceitáveis... eu. Além disso, ela declarou que não estava interessada em almoçar... morreria sufocada até com uma barra de chocolate paga pelo dinheiro sujo dos laboratórios farmacêuticos. — Eagledon rira e arrematara: — Portanto, nunca nos encontramos pessoalmente, o que lamento.

Uma chuva desagradável estava caindo quando o táxi de Celia parou na frente do prédio velho de seis andares na Rua 37, perto da Sétima Avenida. O térreo era ocupado por uma loja de ferragens, cuja vitrine quebrara e estava segura com fita adesiva. Do vestíbulo desmazelado, com a tinta descascando, um elevador pequeno e artrítico subiu rangendo até o último andar, onde estava alojada a CMS.

Ao saltar do elevador, Celia defrontou-se com uma porta aberta e uma pequena sala, onde uma mulher idosa, de cabeça branca, sentava-se a uma mesa de metal toda amassada. Um cartão virado para a frente indicava: Voluntária: Sra. O Thom. A mulher batia com dois dedos numa máquina de

escrever Underwood que devia ter quase 30 anos. Levantando os olhos quando Celia entrou, ela anunciou:

— Vivo dizendo que não farei mais nenhum trabalho aqui até que esta maldita máquina seja consertada. O "I" maiúsculo nunca pega. Como se pode escrever para as pessoas? Afinal, o "I" significa "eu", em inglês.

Celia sugeriu, prestativa:

— Em vez disso, pode tentar usar o "we", que quer dizer "nós", a cada vez.

A Sra. O. Thom retrucou:

— E como eu faria com esta carta, que vai para Idaho? Devo mudar o nome do estado para Wedaho?

— Compreendo o seu problema e gostaria de poder ajudar — disse Celia. — A Dra. Stavely está?

— Está, sim. Quem é você?

— Apenas uma pessoa interessada em sua organização. Gostaria de conversar com ela.

A Sra. Thom deu a impressão de que faria mais perguntas, mas depois mudou de idéia. Levantando-se, passou por outra porta, desaparecendo. Enquanto ela estava ausente, Celia divisou várias outras pessoas, trabalhando em salas adjacentes. Havia uma impressão de atividade

intensa, inclusive o barulho de outra máquina de escrever e de conversas ao telefone. Brochuras e folhetos, alguns prontos para serem remetidos pelo correio, estavam empilhados alto. Um monte de correspondência aguardava o momento de ser aberta. A julgar pelas aparências, no entanto, a CMS não se achava sobrecarregada de dinheiro. Os móveis do escritório, pensou Celia, eram os refugos de alguém ou haviam sido comprados numa loja de segunda mão. Houvera um tempo em que os assoalhos eram acarpetados, mas agora o carpete se desgastara tanto que quase desaparecia, em alguns pontos as tábuas do assoalho eram visíveis através dos buracos. Como no saguão lá embaixo, o que restava da tinta estava descascando. A Sra. Thom voltou.

— Pode entrar.

Ela apontou para uma porta, Com um agradecimento murmurado, Celia encaminhou-se para a porta. A sala em que entrou era tão pobre quanto as outras.

— O que deseja?

A Dra. Maud Stavelly, sentada em outra mesa velha, levantou os olhos de um papel que lia no instante em que a visitante entrou.

Depois da impressão do ambiente, somando-se

ao que já ouvira a respeito da pessoa com quem agora se defrontava, Celia ficou surpresa ao contemplar uma mulher atraente, cabelos castanhos avermelhados, esguia e bem vestida, as mãos feitas meticulosamente, provavelmente entrando agora na casa dos 40 anos. A voz, embora incisiva e impaciente, era refinada, com um ligeiro sotaque da Nova Inglaterra. As roupas que usava — uma saia marrom de lã e uma blusa rosa — eram baratas, mas elegantes. Os olhos — o detalhe mais forte de Stavely — eram azuis, diretos, penetrantes, transmitindo a Celia que uma resposta era obrigatória.

— Sou uma executiva da indústria farmacêutica — disse Celia. — Peço desculpas por me intrometer assim, mas eu queria conhecê-la.

Houve um silêncio de vários segundos. Os olhos penetrantes haviam se tornado frios, pensou Celia, estavam fazendo uma avaliação.

— Imagino que você é Jordan.

— Isso mesmo. — Celia ficou surpresa. — Como soube?

— Já ouvi falar a seu respeito. Não há muitas mulheres executivas nessa maldita indústria e certamente ninguém mais que tenha renunciado à feminilidade decente tanto quanto você.

Celia disse, suavemente:

— O que a faz pensar que eu... como exprimiu... renunciei?

— Porque não estaria trabalhando no setor de vendas do negócio farmacêutico se não o tivesse feito.

— Trabalhei inicialmente como química — informou Celia. — E depois, como outras pessoas, fui subindo pela companhia.

— Nada disso me interessa. Por que veio aqui?

Celia tentou enfrentar o antagonismo com um sorriso.

— Falei sério quando disse que gostaria de conhecê-la. Tive uma idéia de que poderíamos conversar, ouvir as opiniões uma da outra. Mesmo que discordemos, podemos ganhar alguma coisa.

A cordialidade de nada adiantou. A outra mulher perguntou friamente:

— Ganhar o quê?

Celia deu de ombros.

— Suponho que um pouco de compreensão. Mas não importa. Obviamente, não foi uma boa idéia.

Ela virou-se, disposta a ir embora, sem querer aceitar uma grosseria adicional.

— O que deseja saber?

As palavras soaram um pouco menos hostis. Celia hesitou, indecisa se deveria sair ou ficar. Stavely apontou para uma cadeira.

— Já que está aqui, pode sentar.. Eu lhe darei 10 minutos e depois tenho outras coisas para fazer.

Em circunstâncias diferentes, Celia teria se exprimido com veemência. Mas a curiosidade levou-a a permanecer suave.

— Uma coisa que eu gostaria de saber é por que odeia tanto a indústria farmacêutica.

Pela primeira vez, Maud Stavely permitiu-se um tênue sorriso, mas que desapareceu num instante.

— Eu falei 10 minutos e não 10 horas.

— Por que não começar no tempo de que dispomos?

— Está certo. O setor mais imoral da indústria é justamente aquele em que você está... as vendas. Sua companhia e todas as outras vendem mais do que deveriam... de maneira clamorosa, cínica e imperdoável. Pegam medicamentos essencialmente aceitáveis, embora com usos médicos restritos, usam campanhas de vendas impiedosas e maciças para que sejam receitados a incontáveis pessoas que não precisam, não tem condições de comprar ou não deveriam tomar... às vezes todas as três coisas.

— "Imoral" e as outras são palavras certas — comentou Celia. — Ninguém contesta que tem havido alguns exageros, mas...

— Algum exagero? A prescrição excessiva é a regra. E é uma regra para a qual vocês planejam deliberadamente, trabalham e provavelmente até rezam. Se quer um exemplo, veja o caso do Valium e outros remédios parecidos... provavelmente os mais usados excessivamente e desnecessariamente receitados medicamentos de família da história. E por causa das campanhas de vendas maciças, esses medicamentos deixaram uma esteira de viciados, desesperados, suicidas...

— E também muitos que precisavam dos medicamentos e se beneficiaram com seu uso.

— Uma minoria que ainda poderia aproveitar, mas sem a saturação de propaganda e promoção de vendas que efetuam uma lavagem cerebral nos médicos, levando-os a acreditar que o Valium e outros tipos constituem uma panacéia para tudo. E sei disso porque já fui uma médica que sofreu lavagem cerebral... até compreender como era terrível o panorama farmacêutico e renunciei à clínica particular para iniciar esta organização.

— Sei que é médica — disse Celia.

— Isso mesmo. Fui preparada para manter as

pessoas saudáveis e salvar vidas, o que continuo a fazer aqui, só que numa escola muito maior do que antes. — Stavely acenou a mão para descartar a si mesma como o tema da conversa. — Voltemos ao Valium. Representa outra maneira pela qual o seu negócio é inescrupuloso.

— Estou escutando — murmurou Celia. — Não concordando, mas escutando.

— Ninguém precisa de todas as variantes diferentes do Valium que os laboratórios concorrentes lançaram no mercado. Não há qualquer benefício ou vantagem possível em se ter cinco Valiums diferentes. Contudo, depois que o Valium tornou-se um tremendo sucesso financeiro, outras companhias devotaram meses e até anos de pesquisa... um tempo científico precioso, investimentos vultosos... não com o objetivo de descobrir alguma coisa nova e benéfica, mas simplesmente para ter o seu próprio Valium, com um nome diferente. Produziram outros Valiums, alterando as moléculas, tornando os seus medicamentos diferentes apenas o suficiente para que pudessem ser patenteados e vendidos lucrativamente...

Celia interveio, impaciente:

— Todo mundo sabe que há medicamentos

similares, talvez mais do que deveria. Mas eles levam às vezes a novas descobertas e também mantêm a indústria farmacêutica... que a sociedade precisa... solvente nos intervalos entre grandes descobertas.

— Santo Deus! — A Dra. Stavely levou a mão à cabeça num gesto de incredulidade. — Acredita mesmo nesse argumento infantil? Quando não é apenas o Valium. Quando todo e qualquer medicamento importante produzido por uma companhia é copiado pelas outras. É por isso que a pesquisa farmacêutica deve ser dirigida e controlada pelo governo, embora paga pelas companhias.

— Agora sou eu quem não pode acreditar que você esteja falando sério — protestou Celia. — Quer que a pesquisa farmacêutica seja controlada pelos mesmos políticos que arruinaram o sistema de previdência social, gastam os recursos com finalidades políticas, não conseguem equilibrar um orçamento e são capazes de vender a própria mãe para conquistar votos. Num esquema assim, a penicilina ainda nem estaria no mercado! Muito bem, vamos admitir que a livre iniciativa capitalista é imperfeita, mas é muito superior e muito mais ética do que um controle político!

Stavely continuou como se não tivesse ouvido:

— Sua preciosa indústria teve de apanhar na cabeça com os regulamentos antes que divulgasse as advertências indispensáveis sobre os perigos de seus remédios. Mesmo agora, ainda briga por advertências mínimas e geralmente consegue vencer. E não é apenas isso. Depois que um novo remédio é lançado no mercado, os efeitos adversos são ocultos... convenientemente, insensivelmente, enterrados nos arquivos da companhia.

— Isso é um absurdo! Somos obrigados por lei a comunicar os efeitos adversos à AAM. Pode ter havido uns poucos casos em que alguém negligenciou...

— Há muitos casos que esta organização conhece e aposto que existem incontáveis outros que desconhecemos. Retenção ilegal de informações. Mas sempre é possível a instauração de um processo judicial pelo Departamento de Justiça? Não quando a indústria farmacêutica possui um exército de lobbyistas trabalhando no Capitólio...

Muito bem, pensou Celia, ela fora até ali pedir opiniões e as estava recebendo. Enquanto continuava a escutar, intervindo ocasionalmente, os 10 minutos prometidos se prolongaram por uma hora.

Em determinado momento, Stavely mencionou uma controvérsia recente que Celia conhecia. Um laboratório farmacêutico (não o Felding-Roth) tivera problemas com um dos seus produtos, um soro intra-venoso usado em hospitais. Alguns vidros contendo o soro supostamente esterilizado tinham tampas defeituosas, permitindo a entrada de bactérias, que por sua vez causaram a septicemia — um distúrbio do sangue — a que agora se atribuía a morte de diversos pacientes.

O dilema era o seguinte: sabia-se que era pequeno o número de recipientes com o problema e era possível que todos já tivessem sido encontrados; também não haveria mais, pois o problema de fabricação fora descoberto e corrigido. Por outro lado, impor uma proibição a todo o suprimento de soro intravenoso nos hospitais acarretaria uma escassez intensa e possivelmente causaria mais mortes do que o problema original. A questão fora debatida por várias semanas pelo fabricante, AAM e os hospitais. A Dra. Stavely criticou o que considerava "um exemplo vergonhoso de um laboratório farmacêutico fincando os pés e se recusando a cancelar um produto perigoso".

— Acontece que sei alguma coisa a respeito desse caso — comentou Celia. — Todos os

envolvidos tentaram encontrar a melhor solução para o problema. E esta manhã fui informada de que a AAM decidiu proibir o uso dos suprimentos restantes do soro. As notificações serão preparadas durante o fim de semana e a decisão será anunciada numa entrevista coletiva na manhã de segunda-feira.

Stavely fitou atentamente a visitante.

— Tem certeza?

— Absoluta.

A informação era de um executivo da companhia que Celia sabia ser de confiança. Stavely fez uma anotação num bloco e a conversa continuou. Chegaram finalmente ao Montayne.

— Mesmo agora, a Cidadãos para a Medicina Segura fará tudo o que puder para impedir que este medicamento insuficientemente testado seja lançado no mercado.

Celia já estava cansada daquela arenga unilateral e disse bruscamente:

— É um absurdo dizer que o Montayne foi insuficientemente testado. Além do mais, já temos a aprovação da AAM.

— No interesse público, essa aprovação deveria ser cancelada.

— Por quê?

— Houve um caso na Austrália...

— Conhecemos muito bem o caso australiano.

Celia explicou como os depoimentos médicos haviam refutado as alegações contra o Montayne nos tribunais e no inquérito do governo australiano, isentando o remédio de qualquer responsabilidade.

— Não concordo com esses peritos — disse Stavely. — Leu a transcrição do julgamento?

— Li relatórios que analisaram meticulosamente a questão.

— Não foi isso o que perguntei. Quero saber se leu a transcrição do julgamento.

— Não.

— Pois então *leia!* E não queira discutir o Montayne enquanto não o fizer.

Celia suspirou.

— Não creio que mais discussão possa nos levar a qualquer conclusão.

— Se está lembrada, foi o que eu lhe disse no início.

Pela segunda vez, havia um sorriso tênue sob os olhos penetrantes de Maud Stavely. Celia assentiu.

— E tinha razão. Não sobre muito mais coisa, mas certamente nesse ponto.

A Dra. Stavely já voltara a se concentrar no

papel que lia quando Celia entrara. Ela levantou os olhos.

— Boa tarde, Jordan.

— Boa tarde.

Celia passou pelas salas melancólicas e saiu para a rua igualmente melancólica.

Mais tarde, naquele mesmo dia, ao cair da noite, seguindo de Manhattan para Morristown, ao volante de seu carro, Celia refletiu sobre a natureza da Dra. Stavely.

Não restava a menor dúvida de que se tratava de uma pessoa dedicada, mas também, até certo ponto, obcecada. Era igualmente evidente que carecia de senso de humor, era incapaz de encarar a si mesma com menos do que uma seriedade total. Celia já conhecera antes pessoas assim; era sempre difícil envolvê-las em conversas ponderadas e objetivas. Estavam tão acostumadas a pensar em termos antagônicos, preto ou branco, que descobriam ser impossível se livrar disso e refletir nas tonalidades de cinza em que se situava a maior parte da vida.

Por outro lado, a presidente da CMS era obviamente bem informada e organizada, possuía uma inteligência possivelmente brilhante. Suas qualificações médicas lhe proporcionavam estatura e um direito automático de ser ouvida na questão

dos medicamentos de prescrição médica. Além disso, algumas de suas opiniões não estavam longe do que a própria Celia pensava. Ela podia se lembrar que, 14 anos antes, descrevera os medicamentos similares e a "roleta molecular" quase da mesma forma que Stavely. Fora Sam Hawthorne quem, naquela ocasião, apresentara os argumentos em respostas que Celia usara naquela tarde. E apesar de usá-los, ainda não estava inteiramente convencida de que eram válidos.

Mas Stavely perdia o equilíbrio quando enfatizava os aspectos negativos da indústria farmacêutica, ao mesmo tempo em que ignorava as muitas contribuições positivas e humanitárias à ciência e à saúde. Celia já ouvira a indústria farmacêutica dos Estados Unidos descrita como "um tesouro nacional" e acreditava que, de um modo geral, correspondia à verdade. Havia também a alegação ingênua e absurda de Stavely de que a pesquisa farmacêutica deveria ser controlada pelo governo, sem falar na sua desinformação e preconceito contra o Montayne.

Mas, no total, Stavely e a CMS eram adversárias formidáveis, que não podiam ser ignoradas nem desdenhadas.

Uma coisa em que Stavely a pegara, pensou

Celia, pesarosa, era o fato de não ter lido a transcrição do julgamento australiano envolvendo o Montayne. Resolveu corrigir essa omissão na semana seguinte.

Ao jantar, Celia descreveu sua experiência e as opiniões que ouvira na CMS a Andrew. Como sempre, ele tinha alguma sabedoria para contribuir.

— Você pode achar difícil conviver com esses ativistas... Maud Stavely, Sidney Wolfe, Ralph Nader e outros... às vezes pode até detestá-los. Mas você precisa deles, sua indústria precisa deles, assim como a General Motors e as outras indústrias automobilísticas precisavam de Nader antes que ele saísse de cena. Nader ajudou a tornar os carros... para todos nós... melhores e mais seguros, com as suas pressões. Pessoalmente, sinto-me grato por isso. Agora, Stavely e Wolfe estão mantendo você e sua gente sob pressão.

— Reconheço isso. — Celia suspirou. — Mas seria muito melhor que eles fossem mais moderados e razoáveis.

Andrew sacudiu a cabeça.

— Se eles fossem assim, não seriam ativistas bem-sucedidos. Outra coisa... quando eles são implacáveis e antiéticos, como podem se tornar as vezes, você deve se perguntar: onde aprenderam a

se comportar assim? A resposta é simples: com as companhias como a sua, minha querida, porque sempre foram implacáveis e antiéticas quando não havia ninguém a vigiá-las.

Celia teria apreciado ainda mais o último comentário de Andrew se testemunhasse uma cena na sede da Cidadãos para uma Medicina Segura, poucos minutos depois que ela se retirou, na tarde de sexta-feira. Convocando um assessor, a Dra. Stavely perguntou:

— Aquela mulher que estava comigo já foi embora?

Quando o jovem respondeu que sim, Stavely deu suas instruções:

— Quero uma entrevista coletiva convocada para amanhã de manhã... tão cedo quanto puder arrumar. Dirá que é uma questão urgente, de vida e morte, envolvendo hospitais e pacientes. Cuide para que as redes de televisão e as agências noticiosas estejam presentes. Vamos divulgar na ocasião um comunicado que escreverei agora. Alguém terá de trabalhar esta noite para...

As instruções incisivas e eficientes continuaram. A entrevista coletiva começou às 10 da horas da manhã seguinte.

Enfrentando os repórteres e as câmaras de

televisão, a Dra. Stavely descreveu o problema do soro intravenoso que conversara com Celia no dia anterior... os vidros contaminados por bactérias e a septicemia resultante, julgada responsável por várias mortes. A líder da CMS não mencionou Celia ou a informação que ela lhe fornecera, de que a AAM decidira proibir o uso de todos os suprimentos de soro existentes da companhia implicada e que haveria um comunicado a respeito na segunda-feira. Em vez disso, ela declarou:

— A Cidadãos para uma Medicina Segura deplora a inércia da Administração de Alimentos e Medicamentos e o fabricante desse material potencialmente mortal. E exigimos... isso mesmo, exigimos!... que todos os suprimentos desse soro sejam proibidos e retirados do mercado...

O efeito foi imediato. As grandes redes de televisão transmitiram a entrevista em seus noticiários daquela noite, os jornais de domingo deram o maior destaque. Assim, na segunda-feira, quando a AAM divulgou seu comunicado, a maioria dos repórteres, sem se dar ao trabalho de verificar, assim começou suas matérias: "Hoje, reagindo prontamente a uma exigência da Dra. Maud Stavely e sua organização Cidadãos para uma Medicina Segura, a AAM anunciou a proibição do

uso pelos hospitais..."

Foi um coup d'éclat triunfante para a CMS e, pouco depois, o fato apareceu com destaque num folheto despachado pelo correio para solicitar doações.

Celia, que acompanhou a seqüência de eventos com algum embaraço, não revelou a ninguém o seu envolvimento pessoal no caso. Aprendera uma lição. Compreendeu que fora totalmente indiscreta e que isso fora aproveitado por uma tática magistral.

11

Para surpresa de Celia, não havia em qualquer lugar na sede do Felding-Roth uma transcrição do julgamento no tribunal australiano envolvendo o Montayne. O departamento jurídico também não pôde localizar nenhuma cópia nos Estados Unidos. Havia muitos relatórios que faziam citações, mas agora Celia queria ler o texto integral. Embora fosse evidente que Maud Stavely tinha uma cópia, Celia não se sentia propensa a pedi-la emprestada à Cidadãos para uma Medicina Segura. Assim, mandou que o departamento jurídico passasse um

telegrama a um escritório de advocacia correspondente na Austrália, pedindo que enviasse uma cópia de avião.

Enquanto isso, havia muitas outras coisas a fazer. O programa promocional que lançaria o Montayne progredia agora num ritmo frenético, à medida que se aproximava o prazo final de fevereiro. Celia, ajudada por Bill Ingram, era responsável pelos milhões de dólares já investidos; havia ainda mais dinheiro reservado para os meses seguintes.

Uma propaganda requintada — encartes de quatro páginas, a cores — estava aparecendo numa profusão de revistas médicas, enquanto uma avalanche de mala direta era enviada aos médicos e farmacêuticos da nação. Entre os itens promocionais havia uma fita cassette, de um lado uma gravação do lindo "Wiegenlied" (Acalanto) de Brahms, no outro uma descrição clínica do Montayne. Apoiando a propaganda e a mala direta, os promotores da companhia distribuíam milhares de amostras grátis do Montayne a médicos, ao mesmo tempo em que largavam em suas mesas *tees* e bolas de golfe em que estava gravada a palavra "Montayne".

Em todos os níveis da companhia, como

sempre acontecia por ocasião de um grande lançamento, havia uma mistura de excitação, circo, nervosismo e esperança.

Também criando esperança, numa dimensão ainda mais ampla, havia as notícias do Instituto de Pesquisa Felding-Roth na Inglaterra. Ali, ao que parecia, a equipe científica de Martin Peat-Smith conseguira romper a barreira técnica que a frustrara por tanto tempo. Faltavam os detalhes completos — o relatório de Martin fora breve e apenas em termos gerais — mas tudo indicava que a barreira agora demolida era a mesma a que o Dr. Rao Sastri se referira, ao conversar com Celia 18 meses antes: "Não há técnicas para nos levar além... possivelmente daqui a 10 anos..."

Celia ficou extremamente feliz ao saber que, pelo menos naquele ponto específico, Sastri se enganara e Martin estava certo.

O que se sabia, por intermédio de uma carta de Nigel Bentley, o administrador de Harlow, era que a conquista técnica britânica envolvia a purificação de uma mistura de peptídeo cerebral obtida de ratos. Os testes em labirintos com ratos comprovavam que era eficaz em melhorar as memórias dos animais mais velhos. O trabalho experimental prosseguia.

A notícia era oportuna, impedindo a última

tentativa, por membros do conselho, de fechar o instituto em Harlow... outra vez por causa dos custos elevados e de uma ausência de resultados. Agora, com alguns resultados positivos, Harlow e o projeto de envelhecimento mental pareciam seguros, pelo menos por enquanto.

Isso também alegrava a Celia, que se sentia mais feliz por ter apresentado uma recomendação contra o fechamento de Harlow, um ano e meio antes.

Foi em meados de dezembro que chegou à mesa de Celia a transcrição do julgamento australiano. Era um grosso volume datilografado, com várias centenas de páginas. A esta altura, no entanto, as pressões sobre Celia eram tão grandes que ela foi obrigada a adiar a leitura. Ainda não lera a transcrição no início de janeiro, quando ocorreu outro evento totalmente inesperado. Parecia provável que ela adiasse a leitura ainda mais para o futuro.

Agora que o presidente eleito Carter surpreendera o mundo, garantindo a ocupação da Casa Branca por quatro anos, emissários da nova administração federal estavam recrutando candidatos, em ritmo de urgência, para os muitos postos do governo que os republicanos em breve

desocupariam. Entre os convocados estava o vice-presidente para vendas e merchandising do Felding-Roth, Xavier Rivkin.

Xav Rivkin, um veterano democrata e mais recentemente um ardoroso partidário de Carter, dedicara tempo e dinheiro à campanha eleitoral. Conhecia pessoalmente o novo presidente, com quem servira na Marinha. Uma recompensa foi o resultado de tudo isso: a oferta do cargo de subsecretário no Departamento de Comércio.

A notícia do convite foi inicialmente mantida em segredo no Felding-Roth, assim como o fato de que Xav estava disposto a aceitar. Sam Hawthorne e uns poucos membros do conselho, que discutiram o assunto em particular, achavam que ele deveria mesmo aceitar. Havia uma emoção de que não faria mal algum à companhia ter um amigo no Departamento de Comércio, em Washington. Discretamente, foi acertada uma aposentadoria prematura, com uma pensão generosa. Rivkin deveria deixar a companhia logo depois da posse de Carter, a 20 de janeiro.

Sam chamou Celia para uma reunião na segunda semana de janeiro e informou-a da saída iminente de Rivkin, algo que ela ignorava, mas que se tornaria do conhecimento geral dentro de um ou

dois dias.

— Para ser franco, Celia, ninguém esperava, inclusive eu, que isso acontecesse tão cedo. Mas quando Xav se retirar, você será promovida a vice-presidente de vendas e merchandising. Já conversei a respeito com alguns membros do conselho que aprovaram o afastamento de Xav. Sabemos que isto acontece num momento difícil, com o Montayne prestes a... — Sam fez uma pausa. Alguma coisa errada?

— Não. — Estavam de pé na sala de Sam e Celia perguntou: — Importa-se se eu sentar?

— Claro que não. Sente, por favor.

Ele acenou para uma cadeira.

— E pode me dar um minuto para me controlar. — A voz de Celia estava mais rouca do que o habitual. — Você pode não compreender, mas acaba de jogar um raio em cima de mim.

Sam parecia consternado.

— Oh, desculpe! Eu deveria agir de maneira diferente. Mas há dias em que funciono com tanta pressa que...

— Esta maneira é perfeita — interrompeu-o Celia. — Na verdade, qualquer maneira é perfeita. Estava falando sobre o Montayne...

Mas as palavras saíam de uma parte de si

mesma completamente desligada. A mente em turbilhão, recordava a ocasião, 17 anos antes, em que o então vice-presidente de vendas, Irv Gregson, agora há muito afastado, ordenara-lhe furioso que se retirasse de uma convenção de vendas da companhia em Nova York, enquanto uma audiência de centenas de pessoas observava... e Sam a salvara, do vice-presidente e de todos os outros... agora era Sam que... Essa não! Não vou chorar, disse ela a si mesma. Mas acabou chorando um pouco e levantou os olhos para deparar com Sam a estender um lenço e sorrir.

— Você fez jus, Celia — disse ele, gentilmente.
— Por si mesma, em cada passo do caminho. E o que eu deveria ter dito antes é... parabéns! Conversei com Lilian hoje de manhã e ela está tão satisfeita quanto eu. E pediu para dizer a você que temos de nos reunir o mais depressa possível.

— Obrigada. — Celia pegou o lenço, enxugou os olhos e depois acrescentou: — Por favor, agradeça a Lilian. E agradeço também a você, Sam. Agora, vamos ao Montayne.

— Como você se acha tão enfronhada nos planos para o lançamento do Montayne, eu e os membros do conselho com quem conversei gostaríamos que continuasse até o fim, apesar de

estar agora assumindo responsabilidades maiores. Isso representará uma carga pesada para você...

— Isso não será um problema — garantiu Celia.

— E concordo com o Montayne.

— Ao mesmo tempo, Celia, você deve pensar em alguém para sucedê-la na diretoria das vendas farmacêuticas.

— Bill Ingram — declarou Celia, sem a menor hesitação. — Ele é bom e está pronto para assumir o cargo. E também vem trabalhando no Montayne.

O princípio do atrele-sua-carriça-à-de-algum-astro, pensou Celia, exatamente como ela descrevera a Andrew na lua-de-mel... há tanto tempo. Celia acompanhara a ascensão de Sam e como seu plano fora vitorioso! Agora, Bill acompanhava Celia... e quem já teria se atrelado a Bill?

Com algum esforço — a mente por um momento dividida em dois — ela encerrou a entrevista com Sam.

Naquela noite, quando revelou sua promoção iminente, Andrew abraçou-a e disse:

— Estou muito orgulhoso de você. Na verdade, sempre estive.

— Na maior parte do tempo — corrigiu-o Celia.

— Houve momentos em que não estive.

Ele fez uma careta.

— Isso tudo ficou para trás. Com licença.

Ele foi até a cozinha e voltou um momento depois com uma garrafa de champanhe Schramsberg. Winnie March acompanhava-o, radiante, os copos numa bandeja. Andrew anunciou:

— Winnie e eu vamos tomar um brinde a você. Pode nos acompanhar, se quiser.

Depois que os copos estavam cheios, Andrew ergueu o dele.

— A você, meu amor querido! A tudo o que você é, tem sido e sempre será!

— Eu também, Sra. Jordan — disse Winnie. — Deus a abençoe! Winnie tomou um gole de champanhe, depois olhou para o copo, hesitando.

— Não tenho certeza se devo beber o resto...

— Por que não? — perguntou Celia.

— Bom... pode não ser bom para o bebê. — Com um olhar rápido para Andrew, Winnie corou e depois soltou uma risadinha. — Acabo de saber que estou grávida... e depois de todo esse tempo!

Celia correu a abraçá-la.

— Mas isso é maravilhoso, Winnie! Uma notícia muito mais importante do que a minha!

— Estamos felizes por você, Winnie. —

Andrew tirou-lhe o copo de champanhe. — E você tem razão. Deve passar sem isso agora. Abriremos outra garrafa depois que o bebê nascer.

Mais tarde, quando ela e Andrew se aprontavam para dormir, Celia disse, cansada:

— Foi um dia e tanto.

— Um dia alegre por toda parte. Espero que tudo continue assim. Não há motivo para não continuar.

Ele estava enganado.

A primeira insinuação de más notícias surgiu exatamente uma semana depois.

Bill Ingram, ainda parecendo um garoto, apesar da passagem dos anos, entrou na sala de Celia, que em breve seria a sua. Passando a mão pelos cabelos ruivos, desgrehados como sempre, ele disse:

— Achei que você deveria ver isto, embora eu não acredite que seja importante. Um amigo em Paris me mandou.

"Isto" era um recorte de jornal.

— É uma notícia do France-Soir — explicou Ingram. — Como está seu francês?

— Bastante bom para poder entender.

Celia pegou o recorte e começou a ler. Experimentou uma súbita sensação de frio e premonição, um tremor lhe percorreu o corpo, a

impressão era de que o coração parara por um instante.

A notícia era curta.

Uma mulher, numa pequena cidade francesa, Nouzonville, perto da fronteira belga, dera a luz a uma filha, agora com um ano de idade. Os médicos haviam diagnosticado recentemente que a menina tinha um distúrbio do sistema nervoso central que lhe impossibilitava permanentemente qualquer movimento normal dos membros; além disso, os exames demonstravam uma ausência de qualquer desenvolvimento cerebral. Não havia previsão de um tratamento possível. A criança era — no terrível termo descritivo — um vegetal. Os médicos previam que assim continuaria.

A mãe tomara Montayne durante a gravidez. Agora, ela e o resto da família culpavam o medicamento pelos defeitos congênitos da menina. A notícia não informava se essa posição era ou não partilhada pelos médicos.

O recorte do France-Soir terminava com uma frase enigmática: Un autre cas en Espagne, apparemment identique, a été signalé.

Celia ficou em silêncio, meditando, avaliando o significado do que acabara de ler.

...outro caso na Espanha, aparentemente

idêntico...

— Como eu disse, — lembrou Bill Ingram, — não creio que haja motivo para que fiquemos preocupados. Afinal, o France-Soir é reconhecido como um jornal sensacionalista. Seria diferente se a notícia saísse em Le Monde.

Celia não respondeu. Primeiro, Austrália. Agora, França e Espanha. Mas o bom senso lhe dizia que Bill estava certo. Não havia motivo para se preocuparem. Ela recordou suas convicções a respeito de Montayne, a meticulosa pesquisa francesa, os testes prolongados em vários países, as garantias procuradas depois e obtidas, o extraordinário registro de segurança do Montayne. Não havia motivo para preocupação, é claro.

E, no entanto...

— Bill, quero que você descubra, tão depressa quanto possível, tudo o que puder sobre os dois casos citados e depois me informe. — Celia falou decidida e pôs a mão no recorte do jornal francês, em cima de sua mesa. — Ficarei com isto.

— Se é o que você quer, muito bem. — Ingram olhou para o relógio. — Telefonarei para o Gironde-Chimie. Ainda há tempo hoje e tenho os nomes dos caras com quem falei antes. Mas continuo achando...

— Faça o que mandei — interrompeu-o Celia.

— E faça agora.

Bill voltou a procurá-la uma hora depois, anunciando alegremente:

— Não precisa mais se preocupar. Tive uma conversa longa com um amigo no Gironde-Chimie. Ele sabia de tudo sobre os dois casos noticiados pelo France-Soir. Diz que foram investigados exaustivamente e que não há qualquer motivo para alarmes ou mesmo dúvidas. A companhia enviou uma equipe médico-científica a Nouzonville. O mesmo pessoal esteve na Espanha para examinar o caso de lá.

— Ele forneceu mais detalhes?

— Forneceu. — Bill consultou uma folha com anotações. — Os dois casos parecem muito com aquele australiano, que se comprovou ser um embuste. Está lembrada?

— Claro.

— As duas mulheres... as mães das crianças com distúrbios do sistema nervoso central... tomaram uma profusão de outros remédios e muito álcool durante a gravidez. No caso francês, havia uma história de mongolismo na família, enquanto na Espanha o pai e o avô da criança são epiléticos.

— Mas as duas mães não tomaram o Montayne?

— Tomaram, sim. E meu contato francês... o nome dele é Jacques Saint-Jean, com um Ph.D. em química... me contou que o Gironde-Chimie ficou extremamente preocupado a princípio, exatamente como aconteceu com você. Como ele ressaltou, sua companhia tem tanto a perder quanto o Felding-Roth, talvez mais.

Celia interveio, muito tensa:

— Diga logo de uma vez!

— O veredicto é o seguinte: o Montayne não teve absolutamente nada a ver com as deficiências congênitas de qualquer das crianças. Os cientistas e médicos, inclusive consultores de fora da companhia, foram unânimes a esse respeito. Constataram que alguns dos outros medicamentos tomados pelas duas mulheres são perigosos em combinação e poderiam...

— Quero ler os relatórios, Bill. Quando pode me arrumar cópias?

— Os dois relatórios estão aqui.

— Aqui?

Bill acenou com a cabeça afirmativamente:

- Neste prédio. Jacques Saint-Jean me disse que foram encaminhados a Vincent Lord, há cerca de duas semanas, como parte da política do Gironde-Chimie de manter a todos informados. Gostaria que

eu pedisse a Vince...

— Não precisa. Pode deixar que eu cuidarei de tudo. Obrigada, Bill.

— Espere um pouco, Celia. — A voz de Ingram soou transtornada. — Se não se importa que eu fale, acho que não deveria ficar tão aflita...

Celia falou bruscamente, incapaz de controlar a tensão crescente: — Eu já disse que cuidarei de tudo!

— Por que está querendo vê-los? — perguntou Vincent Lord a Celia.

Ela estava na sala do diretor de pesquisa, onde fora pedir os relatórios recentes sobre o Montayne a que Bill Ingram se referira.

— Porque acho que é importante ler pessoalmente essas informações, em vez de ouvi-las em segunda mão.

— Se por "segunda mão" está se referindo a mim, não acha que tenho mais qualificações para ler esses tipos de relatórios e depois fazer uma avaliação... como já fiz?

— E qual foi sua avaliação?

— Que em nenhum dos incidentes houve qualquer envolvimento possível do Montayne. Todas as provas indicam isso... e as investigações foram efetuadas por pessoas competentes e

altamente qualificadas. Minha opinião adicional... agora partilhada pelo Gironde-Chimie, diga-se de passagem... é de que as famílias implicadas estavam apenas tentando extorquir dinheiro.

— Sam foi informado sobre os relatórios... os incidentes na França e Espanha?

Lord sacudiu a cabeça,

— Não por mim. Concluí que não eram bastante significativos para incomodá-lo.

— Muito bem — disse Celia. — A esta altura, não estou questionando sua decisão. Mas eu ainda gostaria de ler os relatórios pessoalmente.

A cordialidade recente de Lord esfriara bastante no decorrer da conversa. Agora, ele disse asperamente:

— Se tem pretensões a possuir conhecimento científico e a fazer julgamentos pessoalmente, deixe-me lembrá-la que seu insignificante diploma de química é muito antigo e já está superado.

Embora surpresa com a relutância do diretor de pesquisa em entregar-lhe o que pedia, Celia não tinha a menor intenção de permitir que a conversa se transformasse numa discussão. E disse calmamente:

— Não tenho qualquer pretensão, Vince. Mas... por favor... pode me dar os relatórios?

O que aconteceu a seguir também a surpreendeu. Presumira que os relatórios se encontravam no arquivo geral da companhia e que Lord mandaria buscá-los. Em vez disso, com uma expressão irritada, ele pegou uma chave e abriu uma gaveta da mesa, de onde tirou uma pasta. Entregou os relatórios a Celia.

— Obrigada, Vince. Devolverei tudo assim que acabar de ler.

Naquela noite, embora bastante cansada quando chegou em casa, Celia permaneceu acordada até tarde para ler os relatórios do Girond-Chimie e a maior parte da transcrição do julgamento na Austrália. E foi a última coisa que a deixou mais preocupada.

Havia diversos pontos significativos na transcrição completa que não constavam da versão abreviada que lera anteriormente.

A mulher no caso australiano fora apresentada — na versão abreviada — como um caráter precário, uma grande consumidora de remédios (além do Montayne), uma semi-alcoólatra e uma fumante incessante. Tudo isso era verdade.

Havia diversos pontos significativos na transcrição completa que não constavam da versão abreviada que lera anteriormente.

A mulher no caso australiano fora apresentada — na versão abreviada — como uma pessoa de caráter precário, uma grande consumidora de remédios (além do Montayne), uma semi-alcoólatra e uma fumante incessante. Tudo isso era verdade.

Mas era também verdade e não constava da versão abreviada que, apesar das circunstâncias, a mãe da criança deficiente era inteligente, um fato comprovado por várias testemunhas. Além disso, não havia qualquer caso conhecido de deterioração mental ou deformidade física em sua família.

Uma segunda informação que constituía novidade para Celia era que a mulher já tivera duas gestações anteriores, gerando crianças normais e saudáveis.

O relatório australiano resumido informava que a mulher não sabia quem era o pai da última criança.

Mas — a transcrição completa do julgamento revelava — ela sabia que o pai era um de quatro homens, todos interrogados por um médico que investigara o caso. Entre os homens ou suas famílias, não havia qualquer precedente de problemas mentais ou físicos.

Os relatórios francês e espanhol, entregues por Vincent Lord, eram justamente como Bill Ingram os

descrevera, no início daquele dia. Os detalhes que continham também confirmavam a opinião de Lord de que as investigações do Gironde-Chimie haviam sido efetuadas meticulosamente e por pessoas competentes.

Mesmo assim, a soma dos três documentos aumentou ao invés de diminuir a apreensão na mente de Celia. Pois o que era inevitável, apesar de todas as outras considerações e opiniões, era o fato de que três mulheres, em lugares bastante separados, haviam gerado crianças deformadas e mentalmente deficientes... e todas haviam tomado Montayne durante a gravidez.

Ao final da leitura, Celia tomou uma decisão. Apesar da relutância de Vincent Lord, Sam Hawthorne devia ser informado, não apenas dos fatos conhecidos, mas também da preocupação pessoal e crescente de Celia com o Montayne.

12

Era o final da tarde do dia seguinte.

Um memorando, com o aviso de "URGENTE", enviado por Celia, fora recebido por Sam

Hawthorne na metade da manhã. Pouco depois, Sam convocara uma reunião dos principais executivos da companhia para quatro e meia da tarde.

Agora, ao se aproximar da suíte do presidente, Celia pôde ouvir por uma porta aberta para o corredor o som de exuberantes risos masculinos. Num momento como aquele, ela achou que pareciam incongruentes. Ao entrar na sala externa, uma das duas secretárias de Sam levantou os olhos e sorriu.

— Olá, Sra. Jordan.

— Parece uma festa, Maggie — comentou Celia.

— E, de certa forma, é isso mesmo. — A secretária tornou a sorrir e gesticulou para outra porta aberta. — Por que não entra? Há uma notícia que o Sr. Hawthorne vai querer lhe dar pessoalmente.

Celia entrou numa sala impregnada com a fumaça de charuto. Sam estava ali, assim como Vincent Lord, Seth Feingold, Bill Ingram e diversos vice-presidentes, inclusive Glen Nicholson, um veterano da companhia que dirigia a produção, o Dr. Starbut da avaliação de segurança e Julian Hammond, ainda jovem, formada em administração

e encarregada dos contatos públicos. Todos sopravam charutos, Ingram com alguma hesitação, levando Celia a lembrar-se que nunca o vira fumar antes.

— Ei, Celia chegou! — gritou alguém. — Sam, dê logo um charuto a ela!

— Nada disso! — protestou Sam. — Tenho uma coisa diferente para as mulheres.

Radiante, ele foi ao outro lado de sua mesa, por trás da qual havia uma pequena pilha de caixas de bombons. Entregou uma a Celia.

— Em homenagem a meu neto, que... — Sam consultou o relógio. — ...tem agora 20 minutos de idade.

Por um momento, a seriedade de Celia se desvaneceu.

— Mas isso é maravilhoso, Sam! Meus parabéns!

— Obrigado, Celia. Sei que são os pais que costumam distribuir charutos e bombons, mas resolvi iniciar a tradição nova de incluir os avôs.

— Uma tradição sensacional! — proclamou Nicholson, o homem da produção.

E Celia acrescentou:

— E ainda por cima bombons Turtles... os meus prediletos.

Ela notou que Bill Ingram, um pouco pálido, parara de fumar o charuto. E perguntou a Sam:

— Está tudo bem com Juliet?

— Tudo perfeito! — exclamou Sam, na maior felicidade. — Lilian me telefonou do hospital poucos minutos antes de vocês chegarem e é por isso que tenho a boa notícia... "mãe e um menino de três quilos e 200 gramas passam muito bem".

— Irei ver Juliet pessoalmente — disse Celia. — Provavelmente amanhã.

— Ótimo! Avisarei a ela para esperá-la. Eu mesmo seguirei diretamente para o hospital assim que terminar esta reunião.

Era evidente que Sam se encontrava na maior euforia. O Dr. Starbut indagou:

— Por que não adiamos a reunião?

— Não — disse Sam. — É melhor acabarmos logo com isso.

Ele fez uma pausa, correu os olhos pelos outros e acrescentou:

— Presumo que não vai demorar muito.

— Não há razão para demorar — disse Vincent Lord.

Celia experimentou uma súbita sensação de depressão, a convicção de que tudo estava saindo errado, que a superposição do problema do

Montayne e do neto de Sam era a pior coisa que poderia ter acontecido naquele momento. A felicidade de Sam, que os outros ali partilhavam, ofuscaria a gravidade da reunião.

Precedidos por Sam, todos se encaminharam para a mesa de reunião, ocupando as cadeiras ao redor. Sam sentou-se à cabeceira. Sem quaisquer preliminares, obviamente não querendo perder tempo, ele foi logo dizendo:

— Celia, enviei uma cópia do seu memorando ao final da manhã para todos os presentes aqui. Uma cópia também foi para Xav Rivkin, que estava prestes a partir numa viagem de dois dias a Washington. Ele se ofereceu para adiá-la, a fim de participar da reunião. Mas eu lhe assegurei que não seria necessário. — Sam correu os olhos em torno da mesa. — Todos leram o que Celia escreveu?

Houve acenos e murmúrios afirmativos.

— Ótimo — disse Sam.

Celia, tendo elaborado o memorando com extremo cuidado, sentiu-se satisfeita por saber que fora lido. Ela se referira ao julgamento australiano envolvendo o Montayne, ressaltando os fatos que descobrira com a leitura da transcrição e que não apareciam na versão sumária que circulara anteriormente pela companhia. Também descrevera

os incidentes francês e espanhol mais recentes, resultando em acusações contra o Montayne, inclusive uma matéria no France-Soir e provavelmente em outros jornais também. Explicava finalmente a argumentação do Girond-Chimie e a sua convicção de que todas as três acusações contra o Montayne eram injustificadas e não precisavam causar qualquer alarme.

Mas Celia não apresentara quaisquer conclusões suas no memorando, deixando-as para aquela reunião, depois de ouvir o que os outros tinham a dizer.

— Quero declarar prontamente, Celia, — disse Sam, — que está absolutamente certa ao chamar nossa atenção para o problema. É muito importante porque outros tomarão conhecimento e devemos estar preparados para contar o nosso lado da história... o lado verdadeiro... quando o Montayne entrar em venda, dentro de três semanas.

Ele fez uma pausa, olhando inquisitivamente para Celia e indagando:

— Tenho certeza de que foi esse o seu objetivo. Certo?

A pergunta era inesperada e Celia respondeu contrafeita:

— Bom, em parte...

Sam, ainda com pressa, acenou com a cabeça e continuou:

— Vamos esclarecer outra coisa. Vince, por que não fui informado desses relatórios do Gironde-Chimie a que Celia se referiu?

Os músculos do rosto do diretor de pesquisa se contraíram.

— Se eu lhe encaminhasse todos os relatórios que recebo sobre os nossos produtos, Sam, em primeiro lugar não estaria cumprindo a minha função de avaliar o que é importante cientificamente e o que não é; e, em segundo lugar, você teria uma pilha de papel tão alta na sua mesa que não poderia cuidar de outra coisa.

A explicação pareceu satisfazer Sam, porque ele determinou:

— Dê-nos sua opinião a respeito dos relatórios.

— Ambos são definitivos. Demonstram, com uma meticulosidade que me satisfaz inteiramente, que a conclusão do Gironde-Chimie sobre o não-envolvimento do Montayne em qualquer dos incidentes é cientificamente correta.

— E o caso na Austrália? Os pontos extras levantados por Celia têm alguma interferência com a conclusão anterior?

Celia pensou: Estamos sentados aqui, todos

nós, a falar calmamente em "incidentes", "casos" e "conclusões", quando o verdadeiro problema — mesmo que o Montayne não esteja envolvido — é o das crianças que serão "vegetais" pelo resto de suas vidas, incapazes de andar, sequer mexer os membros ou usar os cérebros de qualquer maneira normal. Somos realmente tão indiferentes ou é o medo que nos impede de usar as palavras corretas e desagradáveis? Talvez estejamos também aliviados por que essas crianças se encontram em lugares distantes e nunca as veremos... ao contrário do que acontece com o neto de Sam, aqui perto, cujo nascimento comemoramos com charutos e bombons.

Lord estava respondendo à pergunta de Sam, mal conseguindo disfarçar sua irritação em relação a Celia:

— Esses "pontos extras", como teve a gentileza de chamá-los, não mudam absolutamente qualquer coisa. Na verdade, não vejo motivo algum para levantá-los.

Houve um murmúrio audível de alívio em torno da mesa.

— Já que estamos aqui, porém... e para que fique devidamente registrado... preparei um comentário, de um ponto de vista científico, sobre

os três incidentes... o australiano, o francês e o espanhol. — Lord hesitou por um instante. — Sei que estamos com pressa...

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou Sam.

— Prometo que não será mais do que 10 minutos.

Sam olhou para o relógio.

— Muito bem. Mas esse é o limite.

Está tudo errado! A mente de Celia suplicava, silenciosamente, freneticamente. O problema é vital e importante demais para ser tratado com tanta pressa! Mas ela conteve os pensamentos em disparada, concentrando-se em vez disso nas palavras de Vincent Lord.

O diretor de pesquisa mostrava-se ao mesmo tempo taxativo, convincente, tranqüilizador. Analisando os antecedentes das três crianças defeituosas e seus pais, caso a caso, ele ressaltou como qualquer uma de muitas causas podia afetar uma gravidez normal, causando danos ao feto. Em particular, "uma mistura desenfreada de produtos químicos no corpo humano, especialmente remédios e álcool juntos", podia causar efeitos desastrosos, cujos exemplos eram trágicos e freqüentes.

Em todos os casos em análise, argumentou Lord, havia tantas possibilidades adversas, algumas irresistíveis, que era irracional e anticientífico culpar o Montayne, ainda mais quando o registro geral do Montayne era tão impecável e as outras probabilidades tão fortes. Ele usou as palavras "histeria" e "fraude provável" ao descrever as tentativas de atribuir a responsabilidade ao medicamento, além da publicidade conseqüente.

Os outros homens escutavam atentamente e pareciam impressionados. E talvez estejam certos, pensou Celia. Ela gostaria de ser tão positiva e confiante quanto Vince. Queria sinceramente ser e reconhecia que as qualificações de Lord para fazer os julgamentos eram muito maiores do que as suas. Mas ela, que até o dia anterior fora uma das mais firmes defensoras do Montayne, não conseguia agora ter certeza. Lord concluiu, com eloquência:

— Com qualquer medicamento novo introduzido, sempre há alegações de que está causando algum mal, que existem efeitos colaterais adversos, superando os benefícios. Tais alegações podem ser responsáveis e baseadas na preocupação genuína de profissionais qualificados, mas também podem ser irresponsáveis, apresentadas por pessoas sem qualquer qualificação, sem nenhuma base

concreta.

"Contudo, cada alegação, tanto no interesse público como para proteger companhias como a nossa, que não podem em hipótese alguma produzir um medicamento perigoso, deve ser examinada cuidadosamente, cientificamente, sem emocionalismos. Pois... e não se enganem quanto a isso! ...nenhuma queixa ou crítica envolvendo qualquer produto farmacêutico pode ser totalmente ignorada.

"O que deve ser determinado é se uma reação adversa em alguém que tomou um medicamento é derivada dele ou de alguma outra fonte. Não se pode esquecer que há muitas fontes de que acontecimentos adversos podem se originar.

"Estou convencido de que foram efetuados os exames mais cuidadosos nos casos que discutimos. As alegações foram examinadas e se constatou que os efeitos nocivos descritos não se originaram com o Montayne.

"Finalmente, há mais um fato que é essencial lembrar: Se uma droga é falsamente acusada por um efeito adverso que não causou e por causa dessa falsa acusação retirada do consumo geral, então incontáveis pessoas ficam privadas de seus benefícios terapêuticos. Na minha opinião, elas não

deveriam ser privadas do uso do Montayne."

Era uma conclusão impressionante, como Celia admitiu para si mesma. Sam expressiu claramente o sentimento dos outros quando disse:

— Obrigado, Vince. Acho que você fez com que todos passemos a nos sentir melhor. — Ele afastou sua cadeira da mesa, antes de acrescentar: — Não creio que precisemos de alguma resolução formal. Estou convencido de que é perfeitamente seguro continuar em frente, a toda velocidade, com o Montayne e presumo que todos concordam.

Houve acenos de assentimento dos outros homens e Sam arrematou:

— Acho que isso é tudo. E agora, se me dão licença...

— Lamento muito, mas receio que isto não é tudo — disse Celia. Cabeças se viraram em sua direção e Sam indagou, impaciente:

— O que há agora?

— Eu gostaria de fazer uma pergunta a Vince.

— Bom... se não há outro jeito.

Celia olhou para as anotações que fizera.

— Vince, você declarou que o Montayne não foi a causa das três crianças, na Austrália, França e Espanha, que nasceram como "vegetais"... crianças que, não devemos nos esquecer, não podem mexer

os membros e carecem de cérebros que funcionem normalmente.

Se os outros receavam converter em palavras as verdades desagradáveis, decidiu Celia, ela não faria a mesma coisa.

— Fico satisfeito que tenha escutado.

Ela ignorou o tom mordaz de Lord e perguntou:

— Já que o Montayne não foi a causa das deformidades, o que foi então?

— Pensei ter deixado bem claro que pode ter sido qualquer uma de várias ou mesmo muitas causas.

— Mas qual delas? — insistiu Celia.

Lord disse, exasperado:

— Como vou saber? Pode ter sido uma causa diferente em cada caso. Tudo o que sei, baseado no julgamento científico de especialistas que investigaram os casos, é que não foi o Montayne.

— Portanto, a verdade é que ninguém sabe com certeza o que danificou os fetos e causou os nascimentos deformados.

O diretor de pesquisa levantou as mãos.

— Pelo amor de Deus, eu já disse isso! Talvez em palavras diferentes, mas...

Sam interveio:

— Onde está querendo chegar, Celia?

— Muito simples: apesar de tudo o que Vince disse, ainda me sinto preocupada. Ninguém sabe com certeza. E eu ainda não estou convencida. Tenho dúvidas.

Alguém perguntou:

— Que tipo de dúvidas?

— Em relação ao Montayne. — Foi a vez de Celia contemplar os rostos ao seu redor. — Tenho o pressentimento... um instinto... de que alguma coisa está errada, algo que ainda não sabemos. E também que há perguntas cujas respostas deveríamos conhecer, mas ignoramos.

Lord comentou, desdenhosamente:

— Suponho que se trata de um instinto feminino.

— O que há de errado com isso? — reagiu Celia, asperamente.

— Mantenha a calma! — disse Sam, incisivo. Ele acrescentou para Celia: — Se você tem alguma sugestão a fazer, vamos ouvi-la.

— Minha sugestão é de que devemos adiar o lançamento do Montayne.

Ela estava consciente de que todos na sala a fitavam com incredulidade. Os lábios de Sam se contraíram.

— Adiar por quanto tempo e exatamente por quê?

Celia respondeu lentamente:

— Sugiro um adiamento de seis meses. Nesse período, pode não haver mais casos de crianças defeituosas. Ou pode haver. Espero que não aconteça. Mas, se acontecer, podem surgir informações de que não dispomos agora e que talvez nos proporcionem maior confiança para efetuar o lançamento do Montayne.

Houve um silêncio chocado, que foi rompido por Sam:

— Você não pode estar falando sério.

— Claro que estou.

Celia fitou-o nos olhos. Ao chegar ali, estava indecisa quanto aos seus sentimentos. Sentia-se apreensiva... mas ambivalente. Agora, não estava mais ambivalente, porque a certeza enfática de Vincent Lord — certeza demais! — longe de tranquilizá-la, havia ao contrário reforçado suas dúvidas.

Claro que admitia para si mesma, ao assumir a posição que acabara de apregoar, que confiava em seu instinto e pouco mais. Mas seu instinto já acertara antes.

Celia sabia que seria muito difícil convencer os

outros e que Sam era o mais importante. Mas eles tinham de ser convencidos. Deviam ser persuadidos agora que era o interesse de todos adiar o lançamento do Montayne no mercado americano... no interesse das mulheres grávidas que poderiam tomar o remédio e porem em risco os seus filhos; no interesse do Felding-Roth; e, acima de tudo, no interesse de todos os presentes que eram responsáveis pelo que a companhia fazia.

— Tem alguma idéia do que acarretaria um adiamento do lançamento do Montayne? — perguntou Sam, ainda chocado.

— Claro que tenho! — Celia deixou que sua voz também assumisse um tom de irritação. — Quem saberia melhor do que eu? Alguém se envolveu mais com o Montayne do que eu?

— Não — reconheceu Sam. — Por isso mesmo é ainda mais inacreditável o que você está dizendo.

— E é também por isso que todos podem ter certeza de que não estou apresentando a sugestão levianamente.

Sam virou-se para Seth Feingold e perguntou:

— Quanto nos custaria o adiamento do lançamento do Montayne?

O idoso vice-presidente financeiro sentia-se contrafeito. Era amigo de Celia. Além disso, não

entendia nada das questões científicas levantadas e gostaria de não estar envolvido. Bill Ingram também parecia confuso. Celia sentiu que Bill estava dominado por conflitos interiores... a lealdade para com ela e provavelmente suas próprias idéias em relação ao Montayne. Todos temos nossos problemas, pensou ela, e os meus neste momento certamente não são pequenos.

Mas pelo menos uma coisa já se resolvera. Não havia mais qualquer açodamento. Era evidente que Sam e os outros aceitavam que o problema levantado por Celia tinha de ficar definitivamente esclarecido, por mais tempo que demorasse. Feingold baixara a cabeça e fazia cálculos com um lápis. Levantando os olhos depois de um momento, ele informou:

— Em números redondos, já investimos 32 milhões de dólares no Montayne. Como ainda não se gastou tudo, talvez pudéssemos recuperar cerca de um quarto. Mas há custos gerais consideráveis que não incluí no cálculo. É impossível determinar o custo real de um adiamento. Dependeria do prazo e do efeito eventual sobre as vendas projetadas.

— Posso adiantar um efeito inevitável — declarou Hammond, dos contatos públicos. — Se adiarmos o Montayne agora, a imprensa cairá em

cima. O remédio será desacreditado e talvez nunca mais consiga se recuperar.

— Também pensei nisso — disse Sam. — Um adiamento a esta altura seria, sob certos aspectos, tão prejudicial quanto um cancelamento.

Ele fez uma pausa e depois virou-se para Celia, a voz se tornando acusadora:

— Se fizéssemos o que você sugere... e pelas razões mais vagas... já pensou nas perguntas e na reação furiosa do conselho diretor e dos acionistas? E já pensou nos empregados que teriam de entrar de folga, talvez serem demitidos em caráter permanente?

— Já, sim... já pensei em tudo isso — respondeu Celia, tentando permanecer calma, procurando ocultar a agonia que a reunião lhe causava. — Pensei bastante durante a noite passada e ao longo da maior parte de hoje.

Sam soltou um grunhido cético e depois virou-se para Feingold.

— De um jeito ou de outro, estaríamos correndo o risco de perder 28 milhões, mais ou menos, sem falar de um prejuízo muito maior com os lucros previstos.

Feingold lançou um olhar pesaroso para Celia ao responder:

— É esse mesmo o prejuízo potencial.

Sam acrescentou, com uma expressão sombria:

— E não podemos arcar com esse prejuízo, não é mesmo?

Feingold sacudiu a cabeça, tristemente.

— Não.

Celia interveio:

— Mas o prejuízo poderia ser ainda maior se tivéssemos problemas com o Montayne.

Glen Nicholson apressou-se em dizer, visivelmente apreensivo:

— Não podemos deixar de levar isso em consideração.

Era o primeiro apoio que Celia recebia, embora tímido, levando-a a lançar um olhar agradecido para o responsável pela produção. Vincent Lord declarou nesse momento:

— Mas não teremos qualquer problema. Isto é, a não ser que vocês... — Ele correu os olhos pelos outros. — ...estejam dispostos a aceitar a madame como a nossa principal perita em assuntos científicos.

Houve risadas hesitantes em torno da mesa, rapidamente reprimidas por um gesto impaciente de Sam.

— Por favor, Celia, quero que me escute com

toda atenção. — A voz de Sam era séria, só que mais controlada que um momento antes, os olhos se encontrando diretamente. — Eu gostaria que você reconsiderasse a sua posição. É possível que tenha falado de forma um tanto precipitada, fazendo um julgamento sem avaliar todas as implicações. Todos nós aqui fazemos às vezes coisas parecidas. Eu certamente já fiz, engoli o orgulho e tratei de recuar, admitindo que estava errado. Se você fizer isso agora, nenhum de nós pensará pior a seu respeito e o que aconteceu terminará aqui. É uma coisa que lhe prometo, com o mesmo empenho com que a exorto a mudar de idéia. O que você diz?

Celia se manteve em silêncio, não querendo se precipitar em qualquer posição sem considerá-la primeiro. Sam acabara de lhe oferecer — generosamente, como era seu hábito — uma saída digna. Tudo o que precisava fazer era dizer uma palavra, uma frase, e o impasse estaria superado, a crise contornada tão depressa quanto surgira. A oferta era excepcionalmente tentadora. E antes que ela pudesse responder, Sam acrescentou:

— Você tem muito em jogo pessoalmente.

Ela sabia exatamente o que ele estava querendo dizer. Sua promoção a vice-presidente de vendas e merchandising ainda não fora confirmada. E

poderia nunca ser, se o que estava acontecendo ali se encaminhasse para a sua conclusão lógica.

Sam estava certo. Havia mesmo muita coisa em jogo. Ela se demorou mais um momento a considerar e depois declarou, calmamente, decidida:

— Lamento muito, Sam. Já avaliei tudo. Sei muito bem o que está em jogo. Mas ainda devo recomendar que adiemos o lançamento do Montayne.

Estava feito. Enquanto o rosto de Sam se contraía e era dominado por uma expressão de raiva, Celia compreendeu que não havia mais qualquer possibilidade de voltar atrás.

— Muito bem, pelo menos sabemos agora em que pé estamos. — Sam falou tensamente e fez uma pausa, pensando por um momento. — Antes, eu disse que não haveria uma votação formal. Cancelem isso. Quero um registro oficial. Seth, por favor, tome as anotações.

A expressão ainda triste, Feingold tornou a pegar o lápis e manteve-o suspenso, à espera.

— Já deixei minha posição bem clara — continuou Sam. — Sou a favor de continuar com o lançamento do Montayne conforme o planejado. Gostaria de saber quem concorda ou discorda. Os que concordam levantem a mão.

A mão de Vincent Lord levantou no mesmo instante. Seguiram-se as do Dr. Starbut, Hammond e dois outros vice-presidentes. Nicholson, aparentemente superando suas dúvidas, também levantou a mão. Bill Ingram hesitou e olhou para Celia, num apelo mudo. Mas ela desviou o rosto, recusando-se a ajudá-lo. Ele deveria tomar a decisão sozinho. Depois de mais um segundo, Bill Ingram também levantou a mão.

Sam e os outros olhavam para Set Feingold. Ele suspirou, largou o lápis e, ainda hesitante, levantou a mão.

— São nove votos contra um — declarou Sam.
— Não deixa a menor dúvida de que esta companhia prosseguirá no lançamento do Montayne conforme o planejado.

Houve silêncio novamente, desta vez constrangido, como se ninguém soubesse o que fazer ou dizer em seguida. Foi Sam quem o rompeu, levantando-se e acrescentando:

— Quando tudo isso começou, eu estava prestes a sair para ir ao hospital visitar minha filha e meu neto. Pois irei até lá agora.

Mas a alegria anterior desaparecera de sua voz. Sam acenou com a cabeça para os outros ao se retirar, mas deliberadamente ignorou Celia. Ela

permaneceu sentada. Bill Ingram, agora também de pé, aproximou-se.

— Sinto muito...

Celia acenou-lhe para que se calasse.

— Não importa. Não quero ouvir.

Subitamente, inesperadamente, ela compreendia que tudo o que construía na companhia — sua posição, autoridade, reputação, perspectivas futuras — desmoronava por completo. Poderia sobreviver? Não tinha certeza.

— Tenho de lhe perguntar uma coisa — insistiu Bill. — O que fará agora?

Como Celia não respondesse, ele acrescentou:

— Agora que já apresentou o seu protesto, agora que todos sabem qual é a sua opinião sobre o Montayne... não poderia continuar a comandar as vendas?

Celia respondeu apaticamente, sem querer tomar decisões naquele momento:

— Não sei... simplesmente não sei...

Mas ela sabia que, em casa, naquela noite, teria de pensar cuidadosamente em sua posição. Seth Feingold lhe disse:

— Detestei votar contra você, Celia. Mas sabe como é... não entendo nada desses problemas científicos.

Ela lançou-lhe um olhar furioso.

— Então por que votou? Poderia ter dito isso como um motivo para se abster.

Ele sacudiu a cabeça tristemente e se retirou.

Um a um, os outros também saíram, até que Celia ficou sozinha.

13

— Sei que alguma coisa não está certa e meu palpite é de que se trata de algo muito sério — comentou Andrew, ao jantar, rompendo um silêncio prolongado.

Ele parou, esperando. Como Celia não oferecesse uma resposta imediata, tratou de acrescentar:

— Você está muito quieta desde que cheguei e conheço seus ânimos bastante bem. Não vou pressioná-la. Mas quando quiser falar e precisar de mim... estou aqui, meu amor.

Ela largou o garfo e a faca ao lado do prato que mal tocara e virou-se para ele, as lágrimas aflorando aos olhos.

— Oh, querido! Como eu preciso de você!

Andrew estendeu a mão, cobrindo a dela, disse gentilmente:

- Não há pressa. Termine o jantar primeiro.
- Não consigo comer.

Pouco depois, na sala de estar e tomando um conhaque que Andrew servira, Celia descreveu os acontecimentos dos dois últimos dias, culminando com o seu fracasso na tentativa de convencer Sam e os outros de que o lançamento de Montayne deveria ser adiado.

Andrew escutou atentamente, fazendo uma que outra pergunta. E disse, ao final:

- Não sei o que mais você poderia ter feito.
- Não havia mais nada a fazer. Mas o que tenho de decidir é outra coisa: o que farei agora?
- Tem mesmo de tomar uma decisão... pelo menos imediatamente? Por que não tira alguns dias de folga? Eu também poderia largar o consultório e viajaríamos a algum lugar. Longe das pressões, você pensaria em tudo meticulosamente e depois faria o que julgar mais certo quando voltar.

Ela sorriu, agradecida.

- Eu gostaria de poder esperar por todo esse tempo. Mas é uma coisa que não posso adiar.

Andrew se aproximou e beijou-a, assegurando depois:

— Você sabe que a ajudarei por todas as formas que puder. Mas quero que não se esqueça de uma coisa. Sempre me orgulhei de você e assim continuarei, o que quer que decida.

Olhando para o marido, afetuosamente, Celia pensou: Um homem inferior a teria lembrado da discussão no hotel em São Francisco, quando Andrew se recusara a ceder em suas dúvidas sobre o Montayne ou o consumo de qualquer remédio por mulheres grávidas. Fora então que Celia insinuara — maldosamente, como sabia agora — que o pensamento médico do marido podia estar preconceituoso ou superado, talvez as duas coisas.

Pois Celia agora passava a acalentar dúvidas também, só que Andrew era nobre demais para comentar "Eu bem que falei".

Se aplicasse os padrões de Andrew ao seu dilema atual, especulou Celia, o que decidiria?

Ela nem precisava fazer essa indagação. Já sabia.

E podia se lembrar também de um conselho que lhe fora dado anos antes.

Há uma coisa que você possui: um dom, um instinto para julgar o que é certo... Use o seu dom, Celia... Quando tiver o poder, seja forte para agir de acordo com aquilo em que acredita... Não se deixe

dissuadir pelas pessoas inferiores.

A emoção aflorou quando ela se lembrou de Eli Camperdown. O antigo presidente do Felding-Roth pronunciara essas palavras quando se achava à beira da morte, em sua casa, em Mount Kemble Lake.

— Quer mais conhaque? — perguntou Andrew.

— Não, obrigada.

Ela terminou o que havia no copo, fitou Andrew nos olhos e disse, decidida:

— Não posso participar do lançamento do Montayne no mercado. Pedirei demissão.

Em todos os seus 24 anos do Felding-Roth, era a coisa mais angustiante que ela já fizera.

A carta de Celia, escrita a mão e endereçada a Sam, era breve.

Com o maior pesar pessoal, estou pedindo demissão do cargo de Diretora de Vendas Farmacêuticas e do Felding-Roth.

Esta carta encerrará definitivamente a minha ligação com a companhia.

Você está a par dos meus motivos. Parece desnecessário repeti-los.

Eu gostaria de ressaltar que meus anos de

trabalho aqui foram agradáveis e privilegiados. E um dos maiores privilégios sempre foi o seu apoio e amizade, pelos quais me sinto – e assim continuo – profundamente grata.

Estou saindo sem qualquer amargura. E desejo ao Felding-Roth e seu pessoal o maior sucesso, em todas as coisas.

Celia enviou a carta ao gabinete do presidente e seguiu-a meia hora depois. Foi imediatamente introduzida na sala de Sam e a porta se fechou silenciosamente às suas costas. Ele levantou os olhos de um papel que estava lendo, as feições contraídas numa expressão sombria. E sua voz era fria quando perguntou:

– Pediu para falar comigo. Por quê?

Ela respondeu, insegura:

– Estou na companhia há muito tempo, a maior parte trabalhando para você. Achei que não podia simplesmente sair e...

Ele interrompeu-a bruscamente, com uma raiva como Celia nunca antes testemunhara:

– Mas é exatamente o que está fazendo! Abandonando a todos nós... seus amigos, colegas, outros que dependiam de você. Renunciando deslealmente no pior momento possível, quando a

companhia mais precisa de você.

Celia protestou:

— Minha saída nada tem a ver com lealdade ou amizade.

— Mas claro que não!

Ela não fora convidada a sentar e por isso continuava de pé. E suplicou:

— Por favor, Sam, tente compreender. Não posso ajudar a vender o Montayne. Tornou-se uma questão de consciência.

— Você chama de consciência, mas eu poderia aplicar outros nomes.

Ela indagou, curiosa:

— Que outros nomes?

— Por exemplo: histeria feminina. Outro caso: hipocrisia falsa e desinformada. Despeito por não impor sua vontade e por isso nos abandona.

Sam fez uma breve pausa, a raiva em seus olhos aumentado, depois continuou:

— Não se está comportando melhor do que as mulheres que carregam cartazes pelas ruas ou fazem muralhas humanas diante de cercas. A verdade é que você foi enganada, levada a bancar a otária por aquela cadela da Stavely, que não sabe de nada.

Ele fez um gesto para a edição daquela manhã

do New York Times, aberta em cima da mesa, na página com a reportagem de uma declaração da Dra. Maud Stavely, que também tomara conhecimento das crianças deformadas nascidas na França e Espanha, usando o fato em sua campanha para adiar o lançamento do Montayne. Celia já lera a notícia.

— O que acaba de dizer não é verdade e não fui enganada por ninguém — insistiu Celia.

Ela decidiu ignorar os comentários antifeministas mesquinhos. Como se não tivesse ouvido, Sam acrescentou, desdenhosamente:

— Imagino que vai agora se juntar à Stavely e seu bando.

— Não me juntarei a ninguém e não farei qualquer declaração pública sobre o motivo da minha saída. — Uma pausa e Celia acrescentou, num tom que esperava ser moderado: — Afinal, admiti ontem que a maior parte do que sinto é apenas instinto.

Nunca antes ela vira Sam tão irritado. Apesar disso, resolveu fazer um último apelo, numa tentativa final.

— Eu gostaria de lembrar, Sam, uma coisa que você me disse certa ocasião. Foi em Londres, depois que contratamos Martin Peat-Smith.

Pouco antes, pensando naquele encontro, Celia se lembrara das palavras de Sam quando ela conseguira atrair Martin para a órbita do Felding-Roth, depois que ele fracassara. Antes que isso acontecesse, Sam advertira-a a não falar em dinheiro com Martin. Mas Celia ignorara e, ao final, fora o dinheiro que inclinara o prato da balança para Martin. Ao tomar conhecimento da notícia, em Boonton, Sam declarara pelo telefone: "Se algum dia, em algum lugar do caminho, você e eu divergirmos numa questão de julgamento que seja importante, tem minha permissão para me lembrar deste incidente e que o seu julgamento foi certo e o meu errado."

Ela lembrou-o agora e foi como se tivesse se dirigido a um iceberg. Sam respondeu, bruscamente:

- Mesmo que tenha sido verdade... e embora você diga que é, eu não me lembro... constitui apenas uma prova de que seu julgamento se perdeu desde então.

Subitamente, Celia foi dominada por uma profunda tristeza. Sentia-se tão emocionada que tinha dificuldade para falar, mas conseguiu balbuciar:

— Adeus, Sam.

Ele não respondeu.

Em casa, Celia teve a sensação de que era algo extraordinário ser tão simples o ato de deixar o Felding-Roth. Simplesmente recolhera as coisas pessoais na mesa, despedira-se da secretária e de outras pessoas no escritório, algumas em lágrimas, depois pegara o carro e fora embora.

De certa forma, ela meditou, sua partida abrupta podia parecer uma desconsideração. Mas, por outro lado, fora essencial. Nas últimas semanas, quase todo o trabalho de Celia se concentrara no Montayne. Como era um trabalho que não podia mais realizar, em sã consciência, permanecer por mais tempo não serviria para nada. Havia também o fato de que tudo em seu departamento se encontrava em ordem; assim, Bill Ingram, que assumiria de qualquer maneira dentro de poucas semanas, poderia ser promovido mais cedo, sem qualquer problema.

O pensamento lembrou-a de que, agora, nunca se tornaria uma vice-presidente da companhia... um desapontamento amargo, já que estivera tão próxima. Mas, ela disse a si mesma, era um desapontamento com o qual aprenderia a viver.

Andrew telefonou para Celia duas vezes durante o dia, primeiro para o escritório e depois

para casa. Ao saber que a renúncia já estava em vigor, ele anunciou que voltaria para casa mais cedo. Chegou a tempo para o chá da tarde, preparado por Celia. A experiência era nova para ela. E refletiu que, dali por diante, faria aquilo com mais frequência.

Os dois se cumprimentaram com muito amor. E logo depois, enquanto tomava o chá, Andrew disse, gentilmente:

— Você precisa descansar de decisões e por isso tomei alguma por nós dois. Uma é que vamos viver um pouco.

Ele pegou um envelope pardo grande.

— Passei numa agência de viagens ao voltar para casa, a fim de cuidar de outra decisão. Vamos fazer um cruzeiro.

— Para onde?

— A toda parte. Um cruzeiro ao redor do mundo.

Celia levantou as mãos.

— Oh, Andrew, você é maravilhoso! Já é um conforto só estar ao seu lado!

— Vamos torcer para que continue a se sentir assim depois de seis meses juntos, em navios e hotéis. — Ele começou a tirar folhetos do envelope.

— Para começar, pensei em seguirmos de avião

para a Europa, fazermos algumas excursões por lá... França, Espanha, Itália, qualquer outro país que nos interesse... depois percorrer o Mediterrâneo de navio...

Apesar da depressão dos últimos dias, Celia prontamente se animou. Uma excursão pelo mundo era algo de que sempre falavam, mas vagamente, como uma coisa para um futuro remoto. Ela pensou: por que não agora? Poderia haver outra ocasião melhor?

Andrew — com o entusiasmo de um menino, observou Celia, afetuosamente — já estava fazendo com que a idéia adquirisse vida.

— Devemos ir ao Egito e Israel, depois passar pelos Emirados Árabes Unidos... Índia, é claro... o Japão não pode faltar, assim como Cingapura... e temos de incluir a Austrália e Nova Zelândia...

— É uma idéia maravilhosa, Andrew!

— Uma providência que terei de tomar é a de arrumar outro médico para o consultório... um *locum tenens*... para ajudar durante a minha ausência. Provavelmente precisarei de um mês para acertar tudo. Assim, poderemos partir em março.

Ambos sabiam que não haveria qualquer problema com as crianças, pois Lisa e Bruce haviam acertado empregos durante o verão, longe de casa.

Continuaram a conversar, Celia sabendo que a angústia daquele dia inevitavelmente voltaria, talvez nunca desaparecesse de todo. Mas, naquele momento, com a ajuda de Andrew, ela conseguia afastá-la. Mais tarde, naquela mesma noite, Andrew perguntou:

— Sei que ainda é cedo, mas já pensou no que fará agora que deixou o Felding-Roth? Não posso imaginá-la a ficar em casa pelo resto da vida.

— Nem eu. E tenho certeza de que isso não acontecerá. Mas não sei de mais nada, além disso. Preciso de tempo para pensar... justamente no que você está me proporcionando, querido.

Eles fizeram amor, não com uma paixão intensa, mas com uma doce gentileza em que Celia encontrou paz.

Durante as semanas que se seguiram, Celia manteve a sua palavra de não fazer qualquer declaração pública sobre o motivo de sua saída do Felding-Roth. O que não era de surpreender, a notícia de seu afastamento espalhou-se rapidamente pela indústria e chegou ao conhecimento da imprensa. Houve muita curiosidade, que ficou insatisfeita, o Wall Street Journal, Business Week e New York Times telefonaram para solicitar entrevistas. Celia recusou. Também se negou a

responder, polidamente, às perguntas de seus amigos e de Andrew. Só confidenciou tudo a Lisa e Bruce, por insistência de Andrew, que lhe disse:

— Deve isso a eles. Os dois a admiram, tanto quanto eu. E têm o direito de saber por que devem continuar assim. Não devem ficar a especular coisa alguma.

Isso implicava em viagens especiais, a Stanford no caso de Lisa e a Pottstown, onde Bruce cursava o primeiro ano da Hill School. De certa forma, foi uma boa distração para Celia. Seus dias não eram mais ativos e ocupados. Não foi fácil o ajustamento a ter mais tempo à disposição do que podia aproveitar. Lisa mostrou-se compreensiva, mas prática.

— Encontrará outra coisa para fazer, mamãe. E o que quer que seja, será importante. Mas o melhor que poderia acontecer neste momento é que você e papai farão uma excursão ao redor do mundo.

Mas foi Bruce, com uma sensibilidade além de sua idade, quem melhor resumiu a situação:

— Se se sente bem com você mesma, mamãe... se, agora que o tempo passou, tem certeza de que agiu da maneira certa, então isso é tudo o que importa.

Depois de conversar com os filhos, Celia

chegou à conclusão de que se sentia bem consigo mesma. E foi com esse ânimo que, no início de março, voou de Nova York a Paris, em companhia de Andrew, para o início da odisséia em que deixariam todos os problemas para trás.

14

Em sua casa, em Harlow, Martin Peat-Smith já se deitara, mas não conseguia dormir. Era sábado, faltavam poucos minutos para a meia-noite, a culminação de uma semana excitante e movimentada.

Concluindo que o sono chegaria no momento oportuno, ele relaxou, deixando que a mente vagueasse à vontade.

A ciência, pensou ele, depois de um momento, pode ser como uma mulher que nega seus favores a um pretendente, até que este já está quase prestes a desistir, a renunciar a toda e qualquer esperança. E de repente, numa súbita mudança de ânimo, sem qualquer aviso, a mulher capitula, abre os braços, deixa as roupas caírem, revelando e oferecendo tudo.

Levando-se a metáfora mais adiante, refletiu Martin, sucedia-se às vezes uma série de orgasmos, à medida que continuava a se explorar mais e mais território desconhecido e até então apenas sonhado.

Mas por que diabo estou me entregando a todas essas fantasias sexuais?, ele perguntou a si mesmo.

E prontamente respondeu à indagação: Você sabe muito bem por quê! É por causa de Yvonne. Cada vez que ela se aproxima de você, no laboratório, sua mente se concentra em uma só coisa, que pode ser biologia, mas certamente não é ciência.

Então por que ainda não tomou qualquer providência?

Isso mesmo, por quê? Volte a essa pergunta mais tarde.

No momento, Martin tratou de concentrar os pensamentos em seu trabalho científico e no progresso efetuado desde... quando fora mesmo?

A abertura sensacional começara cerca de um ano antes. E sua mente voltou. A esse ponto e além.

A visita de Celia Jordan a Harlow fora dois anos antes, em 1975. Martin lembrava-se de ter-lhe mostrado as chapas dos cromatogramas e explicado:

— Onde as faixas aparecem, temos um

peptídeo... verá duas colunas de linhas escuras... pelo menos nove peptídeos.

Mas o problema — insuperável, ao que parecia — era que a mistura de peptídeos encontrada nos cérebros de ratos mais novos ocorria em quantidades muito pequenas para serem purificadas e testadas. Além disso, a mistura continha um material irrelevante, levando Rao Sastri a descrevê-la como de peptídeos "absurdos".

As tentativas de purificar a mistura continuaram, mas os resultados eram insignificantes, parecendo confirmar a opinião de Sastri de que as técnicas indispensáveis ainda se encontravam a uma década ou mais no futuro.

A moral caíra entre os outros membros da equipe científica de Harlow, assim como a fé na teoria básica de Martin.

E fora nessa ocasião, no ponto mais baixo de desânimo, que acontecera.

Depois de trabalhar pacientemente, usando quantidades maiores de cérebros de ratos novos, eles conseguiram uma purificação parcial. Essa nova mistura enriquecida, com menos peptídeos, fora injetada em ratos mais velhos.

Quase que imediatamente houvera uma melhoria espantosa na capacidade dos ratos mais

velhos de aprender a lembrar. Os testes de labirinto demonstraram isso claramente.

Sorrindo ao se lembrar, Martin pensou no labirinto que havia no laboratório.

Era uma miniatura dos labirintos em que as criaturas humanas há séculos se divertiam, entrando e tentando descobrir a saída, depois se perdendo e sendo bloqueados a cada volta, antes de finalmente alcançarem a saída. Provavelmente o mais famoso labirinto do mundo, criado no século XVII, supostamente pelo Rei William III, da Inglaterra, ficava no Hamptoh Court Palace, a oeste de Londres.

O labirinto de madeira de Harlow era uma versão em pequena escala do que havia em Hampton Court, extraordinariamente acurada nos detalhes. Fora construído por um cientista do instituto em suas horas de folga. Ao contrário do labirinto de Hampton Court, porém, era usado exclusivamente por ratos.

Os ratos, um de cada vez, eram colocados na entrada do labirinto, espicaçados se necessário, mas de um modo geral deixando-se que encontrassem a saída por conta própria. Ao final, uma recompensa de comida os aguardava. A capacidade de encontrar a comida era devidamente observada e medida.

Até a série de testes mais recentes, os resultados tinham sido previsíveis. Ratos novos e velhos introduzidos no labirinto pela primeira vez tinham dificuldades em encontrar a saída, mas eventualmente acabavam por fazê-lo. Contudo, numa segunda vez, os ratos novos saíam e alcançavam a recompensa mais depressa. Na terceira vez eram ainda mais rápidos e assim por diante.

Em contraste, os ratos velhos não eram capazes de aprender ou se mostravam muito mais lentos que os animais mais jovens.

Até a injeção da última solução de peptídeos.

Depois disso, a melhoria fora extraordinária. Quando no labirinto pela terceira ou quarta vez, os ratos velhos literalmente corriam pelo percurso, quase sempre sem hesitação ou erros. Não havia agora quase nenhuma diferença entre os ratos jovens e velhos.

À medida que os testes continuaram, com os mesmos resultados, o excitação entre os cientistas tornou-se intenso. Alguns, depois de um desempenho espetacular de um rato idoso e gordo, chegaram a gritar de alegria. Em determinado momento, Rao Sastri sacudiu vigorosamente a mão de Martin, dizendo:

— Você estava certo durante todo o tempo. O

que lhe permite declarar a todos os demais: "Ó, vós, de pouca fé."

Martin sacudiu a cabeça.

— Eu também estava começando a perder a fé.

— Não acredito nisso. Como o cavalheiro que é, está apenas tentando fazer com que seus colegas humilhados se sintam melhor.

— Seja como for, — comentou Martin, também na maior satisfação, — já temos alguma coisa para comunicar à América.

Esse relatório chegou à sede do Felding-Roth, em New Jersey, na ocasião em que se encontravam no auge os preparativos para o lançamento do Montayne e pouco antes de começarem as dúvidas de Celia sobre o novo remédio.

Enquanto o relatório era avaliado em New Jersey, um novo problema surgia em Harlow.

Apesar dos sinais favoráveis, a última mistura de peptídeos apresentava dificuldades. Como a anterior, só era disponível em quantidades pequenas. Era essencial que houvesse quantidades maiores para o trabalho de um refinamento maior e para identificar e isolar o peptídeo único e crítico da memória.

O caminho escolhido por Martin para obter maiores suprimentos foi através da produção de

anticorpos, que se ligariam ao peptídeos desejado e o isolariam. Para isso, seria necessário usar coelhos, já que produziam anticorpos em grandes quantidades, muito mais que os ratos.

Foi quando Gertrude Tilwick entrou em cena.

A supervisora de animais do instituto, uma técnica, era uma mulher austera, de lábios sempre contraídos, na casa dos 40 anos. Fora contratada recentemente por Nigel Bentley e, até o incidente que os reuniu, ela e Martin não tinham quase nenhum contato direto.

A pedido de Martin, a Srta. Tilwick levou diversos coelhos em gaiolas a seu laboratório pessoal. Ele lhe explicara anteriormente que a mistura de peptídeos, numa solução oleosa, teria de ser injetada nas patas dos coelhos, um processo bastante doloroso. Portanto, cada animal teria de ser segurado firmemente durante a aplicação.

Juntamente com os coelhos, Tilwick levou uma tábua pequena, em que estavam presas quatro correias. Abrindo uma gaiola, ela tirou um coelho e colocou-o na tábua, a barriga virada para cima. Depois, rapidamente, ela prendeu as pernas a cada um dos quatro cantos.

Seus movimentos durante todo o processo foram rudes e descuidados, a atitude indiferente e

insensível. Enquanto Martin observava, cheio de horror, o aterrorizado animal gritou. Ele nunca imaginara antes que um coelho fosse capaz de gritar... um som horrível. E, depois, houve silêncio. Quando a quarta pata ficou presa, o animal já estava morto. Era evidente que morreria de pavor e choque.

Mais uma vez, por causa de um animal, a ira rara de Martin aflorou e ele ordenou que Tilwick deixasse o laboratório.

E a Srta. Tilwick saiu de cena.

Martin chamou Nigel Bentley e comunicou que uma pessoa tão insensível ao sofrimento quanto a supervisora dos animais não podia continuar trabalhando no instituto.

— Tem toda razão — concordou Bentley. — A Tilwick tem de ir embora. Lamento muito o que aconteceu. Suas qualificações técnicas eram boas, mas não verifiquei o CTA.

— É isso mesmo, o que precisamos é de cuidado terno e amoroso — comentou Martin. — Pode arrumar outra pessoa?

— Mandarei a assistente de Tilwick conversar com você. Se a julgar satisfatória, nós a promoveremos.

E Yvonne Evans entrou em cena.

Ela tinha 25 anos, puxando um pouco para

gorda, mas exuberante e atraente, com cabelos louros compridos, olhos azuis inocentes e uma pele suave. Vinha de uma pequena cidade nas montanhas de Gales chamada Brecon, a origem se refletindo em sotaque cadenciado. Yvonne também tinha seios espetaculares e, obviamente, não usava *soutien*.

Martin ficou fascinado desde o início pelo peito amplo de Yvonne e especialmente depois que a série de injeções começou.

— Dê-me um ou dois minutos primeiro — pediu Yvonne.

Ela ignorou a tábua com as correias que Gertrude Tilwick levava para o laboratório. Enquanto Martin esperava, com a seringa pronta, ela tirou um coelho de uma gaiola, gentilmente, manteve-o perto do rosto, embalando-o, confortando-o, murmurando palavras suaves. Finalmente acomodou a cabeça do coelho em seu peito e disse, levantando as patas inferiores na direção de Martin:

— Pode aplicar a injeção.

Num período extraordinariamente curto, seis coelhos receberam a solução oleosa, uma injeção em cada pata. Embora distraído pela proximidade daqueles seios e se descobrindo a desejar

ocasionalmente que sua cabeça ali estivesse, em vez do coelho, Martin trabalhou rápida e cuidadosamente, em harmonia com Yvonne. Os animais visivelmente se acalmavam com seus cuidados afetuosos, mas havia algum sofrimento. Por isso, depois de algum tempo, ela perguntou:

— Precisa mesmo ser nesse local?

Martin fez uma careta.

— Também não me agrada, mas é um bom local para se produzir anticorpos. Embora a injeção seja dolorosa e a irritação continue, isso atrai as células que produzem anticorpos.

A explicação pareceu satisfazer a Yvonne. Quando terminaram, Martin comentou:

— Você gosta de animais.

Ela fitou-o com uma expressão de surpresa.

— Claro.

— Nem todas as pessoas gostam.

— Está se referindo a Tilly? — Yvonne franziu o rosto. — Ela não gosta nem de si mesma.

— A Srta. Tilwick não trabalha mais aqui.

— Sei disso. O Sr. Bentley me contou. E também me disse para avisá-lo que minhas qualificações estão certas e, se quiser, posso assumir o cargo de supervisora.

— Gosto de você. — Uma pausa e Martin

surpreendeu a si mesmo ao acrescentar: — Gosto muito de você.

Yvonne riu.

— A recíproca é verdadeira, Doutor.

Embora outros se encarregassem das injeções nos animais depois daquele primeiro encontro, Martin continuou a se encontrar com Yvonne pelos laboratórios. Certa ocasião, a mente mais absorvida nela do que na pergunta, ele indagou:

— Se gosta tanto de animais, por que não estudou veterinária?

Yvonne hesitou por um instante e depois disse, com uma tensão inesperada:

— Era o que eu queria.

— E o que aconteceu.?

— Fui reprovada numa prova.

— Apenas uma?

— Isso mesmo.

— Não podia fazer os exames de novo?

— Não tinha condições de esperar.

Ela fitou-o nos olhos e Martin não teve alternativa que não levantar o rosto e retribuir. Yvonne acrescentou:

— Meus pais não tinham dinheiro para me sustentar e precisei começar a trabalhar. E tornei-me uma técnica em animais... a segunda melhor coisa.

Ela sorriu ligeiramente e Martin compreendeu que Yvonne sabia onde seus olhos haviam se fixado.

Isso acontecera semanas antes. No intervalo, Martin se concentrara em outras coisas.

Uma delas era uma análise de computador dos testes continuados no labirinto dos ratos; demonstrava que os desempenhos iniciais não constituíam um acaso, pois permaneciam coerentes ao longo dos meses. Somente isso já era uma excelente notícia; mas, para cumular, houvera também um refinamento bem sucedido da mistura de peptídeos, possibilitando o isolamento de um específico peptídeo ativo. Esse peptídeo, tão procurado, era a sétima faixa dos filmes originais de cromatograma e imediatamente passou a ser conhecido como Peptídeo 7.

As duas vitórias foram comunicadas por telex a New Jersey e prontamente veio em resposta uma mensagem de parabéns de Sam Hawthorne. Martin gostaria de poder se comunicar também com Celia, mas recebera pouco antes a informação de que ela deixara o Felding-Roth. Não tinha a menor idéia do motivo da saída de Celia, mas o fato o entristecia. Celia fora uma parte importante do projeto de pesquisa e do instituto em Harlow, parecia injusto que não partilhasse os frutos do que ajudara a

começar. Ele sabia também que perdera uma amiga e aliada e se perguntou se os dois voltariam a se encontrar algum dia. Parecia improvável.

Cientificamente, apenas um fator perturbava Martin, deitado na cama, repassando todos esses acontecimentos. Relacionava-se com os ratos mais velhos que vinham recebendo injeções regulares de peptídeo ao longo de vários meses.

Embora as memórias dos ratos melhorassem, a saúde geral aparentemente se deteriorara. Os animais haviam perdido peso perceptivelmente, tornando-se esguios, quase descarnados. Depois de tanto sucesso recente, certas possibilidades ainda mais recentes eram alarmantes.

Seria possível que o Peptídeo 7, embora benéfico à mente, fosse nocivo ao corpo? Os ratos tratados com o peptídeo continuariam a sofrer de perda de peso, tornando-se debilitados e definhando? Se assim fosse, não haveria como usar o Peptídeo 7, quer por animais ou seres humanos. E todo o trabalho até então — quatro anos em Harlow e mais os esforços anteriores de Martin em Cambridge — teria sido tragicamente em vão.

A perspectiva atormentava Martin, mas ele tentou afastá-la dos pensamentos, pelo menos por algumas horas, durante o fim de semana.

Agora, naquela noite de sábado... Não! Já devia ser a madrugada de domingo... ele levou os pensamentos de volta a Yvonne, repetindo a indagação que se fizera pouco antes: Então por que não fez nada?

Poderia ter telefonado para ela e desejou ter pensado nisso antes. Era tarde demais agora. Ou será que não? Ora essa! Por que não?

Para sua surpresa, o telefone foi atendido logo no primeiro toque da campainha.

— Alô? Yvonne?

— Eu mesma.

— Aqui é...

— Sei quem é.

— Eu estava deitado, não conseguia dormir e pensei que...

— Eu também não conseguia dormir.

— Estava pensando se não poderíamos nos encontrar amanhã.

— Amanhã é segunda-feira.

— Que tal hoje?

— Está ótimo.

— Que horas seria melhor?

— Por que não agora?

Martin mal podia acreditar em sua sorte quando perguntou:

- Quer que eu vá buscá-la de carro?
- Sei onde você mora. Irei até aí.
- Tem certeza de que é isso o que quer?
- Claro.

Martin achou que tinha de dizer mais alguma coisa.

- Yvonne...
- O que é?
- Fico contente que você venha.
- Eu também. — Ela soltou uma risadinha. —

Já estava pensando que nunca me convidaria.

15

Nas palavras do título de um livro de que Martin se lembrava, foi uma noite para lembrar.

A chegada de Yvonne foi ao mesmo tempo deliciosa e simples. Depois que se beijaram e ela afagou os diversos animais em torno deles no vestíbulo, Yvonne perguntou:

- Onde é seu quarto?
- Eu lhe mostrarei.

Ela seguiu-o para o segundo andar, carregando uma pequena valise. No quarto com suave

iluminação, Yvonne tirou rapidamente toda as roupas, revelando sua nudez, enquanto Martin observava, o pulso em disparada, admirando o que via... especialmente os seios maravilhosos.

Quando ela foi para a cama, os dois se encontraram desinibidos, com alegria e muito amor. Martin sentiu em Yvonne uma inocência e um amor físico generoso, parecendo derivar de alguma fonte de sua natureza. Talvez fosse um amor pela vida e por todas as criaturas vivas, mas se manifestava agora em sua língua quente, que parecia estar em toda parte, e nos lábios macios, sempre em movimento, a explorá-lo incessantemente, e nas pressões e ritmos de seu corpo, impelindo-o a reagir da mesma forma e por meios que lhe haviam sido estranhos até aquela noite, mas se mostravam subitamente instintivos. Ela sussurrou:

— Não se apresse! Faça demorar!

Martin sussurrou em resposta:

— Tentarei.

Apesar do desejo, não demorou muito tempo para que a fome mútua alcançasse um clímax. Depois, a urgência se desvaneceu e uma sensação de paz e conforto envolveu Martin, como ele raramente conhecera antes.

Mesmo nas circunstâncias, sua mente

inquisitiva de cientista procurou causas para a serenidade excepcional. Talvez, raciocinou ele, o que sentisse fosse apenas um alívio das tensões acumuladas. Mas o instinto, que não era científico, dizia-lhe que se tratava de algo mais, que Yvonne era uma mulher extraordinária, abençoada com uma paz interior que transmitia aos outros... e com esse pensamento ele adormeceu pouco depois.

Ele dormiu profundamente e despertou com a claridade do dia e os sons de atividade na cozinha lá embaixo. Yvonne apareceu momentos depois, usando um chambre de Martin e carregando uma bandeja com um bule de chá, xícaras e pães de minuto com mel. Vinha acompanhada pelos dois cachorros e três gatos da casa, que pareciam reconhecer uma amiga recém-descoberta.

Yvonne pôs a bandeja na cama, onde Martin acabara de sentar. Sorrindo, ela tocou no chambre.

— Espero que não se importe.

— Parece melhor em você do que em mim.

Ela sentou na cama e começou a servir.

— Você gosta de leite no chá, mas sem açúcar.

— É isso mesmo. Mas como...

— Perguntei no laboratório. Para o caso de precisar saber. Por falar nisso, sua cozinha está na maior confusão.

Ela entregou-lhe o chá.

— Obrigado. Lamento pela cozinha. O problema é que moro sozinho.

— Arrumarei tudo hoje, antes de ir embora.

O chambre se entreabriu e Martin comentou:

— Por falar em ir embora... espero que não esteja com pressa.

Deixando o chambre entreaberto, Yvonne tornou a sorrir.

— Cuidado com os dedos. O chá está quente.

— Não tenho certeza se acredito que tudo isso esteja mesmo acontecendo. O desjejum na cama é um luxo que não tenho há anos.

— Deveria ter com mais freqüência. Você merece.

— Mas a hóspede é você. Eu é que deveria lhe trazer o desjejum na cama.

— Gosto assim. Quer mais chá?

— Talvez depois.

Martin largou a xícara e estendeu as mãos para ela. Yvonne livrou-se do chambre, deixando-o escorregar para o chão, aproximando-se dele. Abraçando-o e desta vez sem pressa, Martin foi deslizando as mãos, explorando, pelos seios e coxas. Beijando-a, ele disse:

— Tem um corpo lindo...

— Só que é corpo demais. — Yvonne riu. — Preciso emagrecer. Estendendo a mão para baixo, ela beliscou a coxa e levantou uma dobra de carne entre o polegar e o indicador.

— O que preciso é de um pouco do seu Peptídeo 7. Poderia então me tornar tão magra quanto aqueles ratos estão:

— Não é necessário. — O rosto de Martin estava nos cabelos de Yvonne. — Gosto de tudo que você tem, exatamente do jeito como está.

Enquanto os minutos passavam, a paixão da noite se reacendeu e foi aumentando. Martin estava erecto, Yvonne ansiosamente se comprimindo contra seu corpo, enquanto ele se preparava para penetrá-la. E ela exortou-o:

— Vamos! Entre logo!

Mas, em vez disso, Martin parou abruptamente, seus braços se afrouxando. Depois, ele pegou Yvonne pelos ombros e manteve-a à distância.

— O que foi mesmo que disse?

— Eu disse para entrar logo!

— Não. Antes disso.

Ela suplicou:

— Martin, não me torture! Quero você agora.

— O que você disse?

— Oh, merda! — Frustrada, a harmonia entre os dois se desfazendo, Yvonne arriou na cama. — Por que fez isso?

— Quero saber o que você disse. Sobre o Peptídeo 7.

Ela respondeu com ar petulante:

— O Peptídeo 7? Eu disse que se tomasse um pouco talvez ficasse magra como os ratos. Mas o que...

— Foi o que pensei. — Martin pulou da cama. — Vista-se depressa!

— Por quê?

— Vamos ao laboratório.

Ela perguntou, incrédula:

— Agora?

Martin já pusera uma camisa e estava vestindo a calça.

— Isso mesmo. Agora.

Poderia ser verdade?, ele perguntou a si mesmo. Poderia realmente ser verdade?

Martin estava de pé, observando uma dúzia de ratos que se haviam revezado em corridas pelo labirinto. A seu pedido, Yvonne os trouxera da sala dos animais. Constituía um grupo que há vários meses vinha tomando as injeções da mistura de peptídeos parcialmente purificada e mais

recentemente o Peptídeo 7. Todos os ratos eram magros... muito mais magros do que na ocasião em que as injeções começaram. Agora, Yvonne devolvia o último rato à gaiola.

Ainda era bem cedo na manhã de domingo. Além dos dois e de um vigia com quem haviam falado na entrada, o instituto se encontrava silencioso e deserto.

Como os outros animais que o precederam, o 12º rato começou a comer de um recipiente em sua gaiola. Martin observou por um instante e depois comentou:

— Eles ainda se alimentam bem.

— Acontece com todos — confirmou Yvonne.

— E agora poderia me explicar o que viemos fazer aqui?

— Está certo. Porque os ratos que recebiam peptídeos perderam peso, emagreceram, alguns se tornaram até esqueléticos, todos aqui presumimos que a saúde geral se deteriorara. — Uma pausa e Martin acrescentou, um ar triste: — Não foi uma atitude das mais científicas.

— Que diferença isso faz?

— Possivelmente muita. Suponhamos que a saúde não tenha se deteriorado. E se todos estiverem perfeitamente bem? Talvez mais do que

antes. Suponhamos que o Peptídeo 7, além de melhorar a memória, causou uma saudável perda de peso.

— Está querendo dizer...

— Que podemos ter tropeçado numa coisa que as pessoas vêm procurando há séculos... um meio de metabolizar o alimento no corpo sem produzir gordura e assim sem acarretar aquisição de peso.

Yvonne ficou boquiaberta.

— Mas isso pode ser muito importante!

— Claro... se for verdadeiro.

— Mas é uma coisa que não estava procurando.

— Muitas descobertas ocorreram quando os cientistas procuravam por outras coisas.

— O que fazer agora?

Martin pensou por um momento.

— Preciso do conselho de especialistas. Providenciarei amanhã para que venham até aqui.

— Nesse caso — disse Yvonne, esperançosa — podemos voltar para sua casa agora?

Ele passou o braço pelos ombros de Yvonne.

— Nunca ouvi uma sugestão melhor.

— Eu lhe mandarei um relatório detalhado, é claro — informou a Martin o veterinário visitante.

— Incluirá medições da gordura do corpo, química do sangue, análises de urina e fezes, tudo efetuado

em meu laboratório. Mas, desde já, posso lhe adiantar que esses são alguns dos ratos mais saudáveis que já conheci, particularmente levando-se em consideração sua idade avançada.

— Obrigado, Doutor — disse Martin. — Era isso o que eu estava esperando.

Era terça-feira e o veterinário, Dr. Ingersoll, um idoso especialista em pequenos mamíferos, viera de Londres num trem da manhã. Voltaria naquela tarde.

Outro especialista, um nutricionista de Cambridge, deveria vir ao instituto em Harlow dentro de dois dias.

— Por acaso se importaria de me dizer o que exatamente vem injetando nos seus ratos? — perguntou o Dr. Ingersoll.

— Se não se incomoda, eu preferia não revelar — disse Martin. — Pelo menos por enquanto.

O veterinário balançou a cabeça.

— Eu já esperava que me desse essa resposta. O que quer que seja, meu caro, é evidente que tropeçou em alguma coisa muito importante.

Martin sorriu e deixou por aí.

Na terça-feira, o nutricionista, Ian Cavaliero, forneceu informações ainda mais intrigantes.

— O que fez provavelmente ao tratar esses

ratos foi mudar o funcionamento das glândulas endócrinas ou sistema nervoso central, talvez as duas coisas — declarou ele. — O resultado é que as calorias absorvidas com a comida são convertidas em calor em vez de gordura. Se não for levado a extremos, não há qualquer mal nisso. Os corpos simplesmente livram-se do excesso de calor através da evaporação ou por algum outro meio.

O Dr. Cavaliero, um jovem cientista que Martin conhecera em Cambridge, era amplamente reconhecido como uma eminente autoridade em nutrição. E ele acrescentou:

— Estão surgindo novos dados a mostrar que indivíduos diferentes... ou animais... possuem eficiências diferentes para aproveitar as calorias. Algumas calorias se convertem em gordura, mas muitas são usadas para o tipo de trabalho do corpo que nunca vemos ou sentimos. Por exemplo as células bombeando íons, como o sódio, para o sangue num contínuo processo de reciclagem.

Uma pausa e o nutricionista continuou:

— Outras calorias devem se converter em calor, apenas para manter a temperatura do corpo. Já se descobriu, no entanto, que varia amplamente a proporção indo para calor, trabalho metabólico e gordura. Portanto, se for possível alterar e controlar

essa proporção... como parece se estar fazendo com estes animais... isso representa um grande avanço.

Um pequeno grupo, que Martin convidara para a reunião com Cavaliero, escutava atentamente. Era integrado por Rao Sastri, dois outros cientistas da equipe e Yvonne. Sastri interveio:

— A variação gordura-trabalho-calor explica certamente por que algumas pessoas afortunadas podem comer muito e nem por isso engordam.

— Exatamente. — O nutricionista sorriu. — Todos já conhecemos e provavelmente invejamos esse tipo de pessoa. Mas alguma coisa pode estar também afetando seus ratos... um fator de saciedade.

— Através do SNC? — indagou Martin.

— Isso mesmo. O sistema nervoso central é altamente regulado pelos peptídeos cerebrais. E como se informa que o material injetado afeta o cérebro, pode estar reduzindo os sinais de fome do cérebro... Portanto, de um jeito ou de outro, seu produto possui obviamente um desejável efeito antiobesidade.

A conversa continuou e no dia seguinte Martin usou as palavras de Cavaliero, "um desejável efeito antiobesidade", num relatório confidencial que enviou diretamente a Sam Hawthorne.

"Embora o aumento da memória por intermédio do Peptídeo 7 permaneça o nosso objetivo primário", escreveu Martin, "realizaremos experiências adicionais com o que, à primeira vista, parece ser um efeito colateral positivo e promissor, que talvez venha a ter possibilidades clínicas."

O relatório era moderado, mas o excitamento de Martin e seus colegas no Harlow tornava-se febril.

PARTE QUATRO

1977-1985

1

Majestosamente, com uma dignidade que nenhuma outra forma de transporte já criada pode igualar, o navio *Santa Isabella* seguiu pelo Canal do Forte Armstrong e entrou no porto de Honolulu.

Andrew e Celia estavam no convés, junto com outros passageiros, por baixo da ponte de comando e na proa.

Andrew, de binóculo, já esquadrinhava o cais e os prédios do porto que surgiam no campo de visão. Tinha um objetivo específico para examinar toda a área atentamente.

Enquanto a Torre Aloha assomava pela frente, tornando-se dourada pelo sol havaiano, que brilhava num céu muito azul, o navio deslizou suavemente para estibordo, os rebocadores em ação ao lado. Apitos de navios soaram. Os tripulantes do *Santa Isabella* intensificaram os preparativos para o atracamento.

Baixando o binóculo, Andrew lançou um olhar de lado para Celia. Como ele próprio, Celia estava bronzeada e saudável, uma consequência de quase seis meses de lazer, passados em grande parte ao ar livre. Ela se encontrava também relaxada, como dava para perceber. Andrew não pôde deixar de pensar na tensão acumulada que precedera a partida. Não havia a menor dúvida: a excursão, o isolamento relativo, e uma ausência total de pressões haviam sido benéficos para ambos.

Ele tornou a levantar o binóculo e Celia comentou:

— Parece que você está procurando por alguma coisa.

Sem virar a cabeça, Andrew respondeu:

— Se eu encontrar, avisarei a você.

— Está certo. — Ela suspirou. — Mal posso acreditar que está quase terminando.

E estava mesmo. A longa viagem, que os levara por 15 países, terminaria basicamente ali. Depois de uma breve escala em Honolulu, partiriam de volta para casa de avião, prontos para retomarem suas vidas, em meio às mudanças que os aguardavam, embora tais mudanças afetassem essencialmente a Celia.

Ela especulou agora quais poderiam ser.

Deliberadamente, desde que partira, no início de março, excluía da mente os pensamentos sobre o futuro. Agora, agosto já ia pela metade e o futuro tinha de ser enfrentado. Tocando no braço de Andrew, ela disse:

— Pelo resto da vida me lembrarei desta viagem, os lugares a que fomos, tudo o que fizemos e vimos...

Celia pensou: Havia mesmo muita coisa a recordar. As cenas afloraram em sua mente: um luar mágico no Nilo, areia e um calor abrasador no Vale dos Reis... as ruas labirínticas, calçadas com pedras, da Alfama em Lisboa, com nove séculos de idade, flores por toda parte... Jerusalém — A colina mais próxima do céu, onde uma pessoa pode se pôr ao vento e ouvir a voz de Deus... a mistura paradoxal de terreno e etéreo de Roma... as ilhas gregas, diamantes no Egeu, uma recordação de imagens superpostas, a claridade ofuscante, aldeias brancas nas encostas, montanhas e bosques de oliveiras., o próspero Abu Dhabi, rico em petróleo, um feliz reencontro com a irmã mais moça de Celia, Janet, seu marido e os filhos... Índia, subcontinente de contrastes brutais, os prazeres se chocando com a miséria e degradação... uma cena de cartão-postal: Jaipur, a cidade rosa... e depois a Grande Barreira de

Recife, o reino de coral australiano, um mundo de fantasia para um apaixonado pelo mar... e perto de Kioto, no Japão, a beleza frágil e de sonho da Vila Imperial Shugakuin, o refúgio de um imperador e um lugar de poesia, ainda a salvo do fluxo maior de turistas... o ritmo frenético de Hong Kong, como se o tempo estivesse se esgotando... e estava mesmo!... em Cingapura, entre uma riqueza fabulosa, os humildes estandes dos vendedores de comida, o paraíso de um gourmet, com *nasi beryani* servido na Esquina dos Glutões, um nome apropriado...

E foi em Cingapura que Andrew e Celia embarcaram no *Santa Isabella* para uma excursão sem qualquer pressa pelo Mar da China Meridional e o Pacífico, uma viagem que agora terminava ali, no Havaí.

Havia vinte e tantos passageiros a bordo, a maioria saboreando o ritmo indolente da viagem e as confortáveis acomodações, sem a alegria incessante e organizada de um navio de cruzeiro convencional.

Enquanto o navio se deslocava lentamente, os pensamentos de Celia vaguearam...

Apesar dos esforços conscientes para excluir, até agora, todos os pensamentos sobre o futuro, inevitavelmente houvera algumas reflexões sobre o

passado. Em dias recentes, especialmente, ela se perguntara: teria errado ao deixar o Felding-Roth tão abruptamente? O pedido de demissão fora impetuoso e instintivo. Teria sido também insensato? Celia não tinha certeza e isso a levava a especular se em alguma ocasião, muito em breve, experimentaria pesares e angústias ainda maiores do que suas dúvidas atuais.

Obviamente, sua saída não afetara a companhia nem a droga Montayne por qualquer maneira mais séria. Em fevereiro, como estava programado, o Montayne fora lançado no mercado, aparentemente com o maior sucesso. Segundo as informações da imprensa especializada, que Celia lera antes de partir para a viagem com Andrew, o Montayne tivera uma aceitação imediata, amplamente receitado pelos médicos e extremamente popular, ainda mais para as mulheres que continuavam a trabalhar fora durante a gravidez e para as quais o alívio do enjôo matutino adquiria uma importância crítica. Parecia evidente que a nova droga era uma verdadeira mina de ouro para o Felding-Roth.

Ela soubera também que o mesmo acontecia na França para o criador francês do Montayne, o Gironde-Chimie.

A notícia do France-Soir sobre Nouzonville e a

Espanha, ao que tudo indicava, não prejudicara a reputação do Montayne. E nos Estados Unidos os argumentos da Dra. Maud Stavely contra o Montayne não haviam recebido muita credibilidade nem atrapalhado as vendas.

Os pensamentos de Celia voltaram agora ao navio, que estava próximo do cais, aproximando-se do Pier 10, onde desembarcariam e passariam pela alfândega. Subitamente, ao seu lado, Andrew exclamou:

— Ali!

— Ali o quê?

Ele passou-lhe o binóculo e apontou.

— Focalize aquela janela grande... por cima do cais e à esquerda da torre do relógio.

Aturdida, Celia pegou o binóculo.

— O que devo procurar?

— Já vai descobrir.

O grupo em torno deles diminuía consideravelmente. Além de Andrew e Celia, havia apenas mais dois ou três passageiros, pois o resto voltara a seus camarotes, a fim de se preparar para o desembarque. Celia ajustou o binóculo e foi deslocando-o, explorando. E quase que imediatamente ela gritou:

— Estou vendo! E não posso acreditar...

— Pode acreditar, sim — disse Andrew. — Eles são reais.

— Lisa e Bruce!

Celia gritou os nomes dos filhos numa explosão de alegria. Depois, segurando o binóculo com uma das mãos, ela se pôs a acenar freneticamente com a outra. Andrew fez a mesma coisa. Por trás da placa de vidro, no lugar em que Andrew os observara, Lisa e Bruce, rindo, muito excitados, acenaram em resposta. Celia estava incrédula.

— Não estou entendendo... Afinal, não esperávamos as crianças. Como vieram parar aqui?

— Eu os esperava — declarou Andrew, calmamente. — Para ser franco, combinei tudo. Precisei dar vários telefonemas de Cingapura, quando você não estava por perto, mas...

Celia, ainda emocionada, parecia não prestar muita atenção.

— Claro que me sinto feliz por vê-los. Mas Lisa e Bruce tinham empregos de verão. Como conseguiram sair?

— Isso também foi fácil... depois que expliquei por que os queria aqui.

Ele pegou o binóculo e guardou-o na caixa.

— Ainda não compreendo — disse Celia. — Você queria as crianças aqui?

— Isso mesmo. Eu tinha uma promessa a cumprir... uma promessa que fiz há muitos anos.

— A quem?

— A você.

Celia fitou-o perplexa e ele acrescentou, gentilmente:

— Foi em nossa lua-de-mel. Estávamos conversando e você me disse por que preferia a lua-de-mel nas Bahamas em vez do Havaí. Declarou que o Havaí a deixaria triste e depois falou de seu pai, a morte dele em Pearl Harbor, afundando com o Arizona.

— Espere um instante!

A voz de Celia era pouco mais que um sussurro. Isso mesmo, agora ela se lembrava... e se lembrava depois de todos aqueles anos.

Naquele dia da lua-de-mel, numa praia das Bahamas, ela descrevera o pai para Andrew, relatara o pouco que recordava do Suboficial Willis de Grey... "Quando ele estava, a casa era sempre barulhenta, cheia de alegria. Ele era grande, com uma voz trovejante, fazia as pessoas rirem, adorava crianças e era forte..."

E Andrew, que era compreensivo na ocasião e continuara a sê-lo desde então, perguntara: "Já esteve em Pearl Harbor?"

Ao que ela respondera: "Embora eu não saiba direito por quê, ainda não estou pronta. Vai achar que é estranho, mas um dia eu gostaria de ir ao lugar em que meu pai morreu, só que não sozinha. Gostaria de levar meus filhos."

E fora nesse momento que Andrew prometera: "Um dia, quando tivermos nossos filhos e eles puderem compreender, então providenciarei isso."

Uma promessa... feita há 20 anos!

Enquanto o Santa Isabella encostava no cais e os cabos de atracação eram presos, Andrew informou a Celia:

— Iremos até lá amanhã. Está tudo combinado. Vamos ao Memorial Arizona, o navio de seu pai, onde ele morreu. E exatamente como você queria, seus filhos estarão em sua companhia.

Os lábios de Celia tremeram. Parecia-lhe impossível falar quando estendeu as mãos e pegou as de Andrew. Os olhos se fixaram nos dele, com uma expressão de adoração como poucos homens já conheceram. E quando ela conseguiu finalmente falar, a voz transbordava de emoção:

— Oh, Andrew, como você é maravilhoso!

2

Às 10 horas da manhã, uma limousine alugada, com motorista, pedida por Andrew, esperava a família diante do Kahala Hilton Hotel. O dia ao final de agosto era quente, embora não sufocante, com uma brisa amena soprando do sul... o tempo Kona, como os havaianos o chamavam. Umas poucas nuvens brancas pontilhavam o céu azul.

Lisa e Bruce haviam tomado o café da manhã com os pais, numa agradável suíte que dava para o campo de golfe Waialae e para o Oceano Pacífico ao sul. Todo o dia anterior e o início de hoje fora ocupado por um fluxo incessante de conversa, os quatro procurando preencher o intervalo de seis meses em que estavam separados com descrições, experiências e um animado interrogatório. Lisa concluía, com o maior entusiasmo, seu primeiro ano em Stanford. Bruce, prestes a iniciar seu último ano na Holl, já solicitara matrícula no Williams College, em Massachusetts... por si mesmo histórico, em consonância com o que continuava a ser seu principal interesse acadêmico.

Como parte desse interesse e na expectativa daquele dia, Bruce anunciou que terminara

recentemente um estudo do ataque japonês a Pearl Harbor, em 1941. E comunicou aos outros, calmamente:

— Se tiverem alguma pergunta, creio que posso responder a tudo.

— Você é mesmo insuportável! — disse-lhe Lisa. — Mas como o serviço é gratuito, talvez eu me digne a usá-lo.

Celia, embora conseguindo acompanhar a conversa da família à mesa do café da manhã, experimentava uma insólita sensação de desligamento. Era uma sensação difícil de definir, mas parecia que, naquele dia, de alguma forma, uma parte de seu passado voltara — ou voltaria em breve — para se juntar ao presente. Ao despertar, naquela manhã, ela fora invadida por um senso de ocasião, que persistia. Vestira-se de acordo, com uma saia branca pregueada e uma blusa azul e branca. Usava sandálias brancas e levaria uma bolsa branca de palha. O efeito, que ela procurava, não era casual nem indevidamente formal, mas elegante e... as palavras afloraram em sua mente... atencioso e respeitoso. Contemplando-se antes de ir-se encontrar com os outros, um pensamento sobre o pai lhe ocorreu, um pensamento a que tentou resistir a princípio, mas depois permitiu que

assumisse forma: Se ao menos ele vivesse para me ver agir... sua filha, com minha família!

Como se absorvendo alguma coisa dos sentimentos de Celia, antecipadamente, os outros haviam se vestido menos casualmente do que o habitual. Lisa, que no dia anterior estava de jeans, hoje usava um vestido de voile estampado, simples mas atraente; realçava sua beleza jovem e esplendorosa e por um momento Celia se viu na idade da filha, com 19 anos... há 27 anos.

Andrew escolhera um terno claro e, pela primeira vez em muitas semanas, usava uma gravata. O marido, pensou Celia, que estaria com 50 anos em breve e cujos cabelos se encontravam agora inteiramente grisalhos, parecia cada vez mais distinto, à medida que os anos passavam. Bruce, ainda infantil, apesar de seu ar compenetrado, estava muito bonito num blazer da Hill School, com a camisa aberta no peito.

Quando a família Jordan aproximou-se da limousine, o motorista levou a mão ao quepe do uniforme, polidamente, e abriu a porta de trás. Falou para Andrew:

— Sr. Jordan? Vai visitar o Arizona, se não me engano.

— Isso mesmo. — Andrew consultou uma

anotação. — Mas me disseram para informá-lo que não vamos primeiro ao Centro de Visitantes, mas sim ao cais particular do CONSUESPA.

O motorista alteou as sobrancelhas.

— Deve ser um VIP.

— Não sou eu. — Andrew sorriu e olhou para Celia. — Minha esposa.

Dentro da limousine, já partindo, Lisa perguntou:

— O que é CON... sei lá o que mais?

Foi Bruce quem respondeu:

— Comandante-Supremo da Esquadra do Pacífico. Ei, papai, você deve ter usado de influência!

Celia fitou Andrew com uma expressão curiosa.

— Como arrumou tudo isso?

— Usei o seu nome. Caso não saiba, minha querida, ainda é influente e há muitas pessoas que a admiram.

Como os outros insistissem, ele acabou informando tudo:

— Se querem mesmo saber, telefonei para o gerente-regional do Felding-Roth no Havaí.

Celia interveio:

— Tano Akamura?

— Isso mesmo. E ele me pediu para dizer a você que sua falta é muito sentida. Seja como for, a mulher de Akamura tem uma irmã que é casada com um almirante. O resto foi fácil. E vamos até o Arizona na lancha de um almirante.

— Ei, papai, isso é o que se chama um grande trabalho de estado-maior! — exclamou Bruce.

Andrew sorriu.

— Obrigado.

— Eu é que devo agradecer. — Celia fez uma pausa e depois perguntou: — Quando falou com Tano, por acaso indagou como estavam as coisas?

Andrew hesitou por um instante.

— Está querendo saber do Felding-Roth... e do Montayne?

— Exatamente.

Andrew esperava que ela não perguntasse, mas mesmo assim respondeu:

— Aparentemente, vai tudo muito bem.

— Isso não é tudo que você descobriu — insistiu Celia. — Conte o resto.

Relutantemente, Andrew acrescentou:

— Ele disse que o Montayne é um grande sucesso e, repetindo suas palavras, "está vendendo que é uma loucura".

Celia balançou a cabeça. Era o que todos

esperavam e confirmava as suas informações anteriores, logo depois do lançamento do Montayne. Mas reforçava a indagação recente em sua mente: sua renúncia teria sido precipitada e tola? E depois, determinada, porque aquele dia era especial, ela tratou de afastar tais pensamentos da cabeça.

A limousine avançava rapidamente pelas freeways Lunalilo e Monalua, passando pelo centro de Honolulu, com seus prédios modernos. Deixaram a freeway em 20 minutos, perto do Aloha Stadium, entrando pouco depois na Reserva Naval dos Estados Unidos, na Aiea Bay. O pequeno cais particular do CONSUESPA ficava numa área ajardinada, usada pelas famílias de militares.

Uma lancha naval de 50 pés — a chamada lancha de almirante — esperava no cais, o motor diesel já funcionava. Era operada por dois graduados da Marinha, em uniformes brancos. Meia dúzia de outros passageiros já se encontravam sentados sob um toldo no convés.

Um dos graduados, uma moça, soltou os cabos de atracação assim que os Jordans embarcaram. O timoneiro, numa ponte de comando no meio da embarcação, afastou a lancha do cais e levou-a para o movimentado fluxo naval de Pearl Harbor.

A brisa sentida anteriormente em terra era mais forte na água, as marolas se lançavam contra o costado da lancha, lançando borrifos ocasionais para o convés. A água no porto era de um cinza-esverdeado, com pouco ou nada visível abaixo da superfície.

A moça foi fazendo comentários, enquanto contornavam a Ford Island. Andrew, Lisa e Bruce escutaram atentamente, mas Celia, absorvida em suas memórias particulares, descobriu os pensamentos a vaguearem e só ouviu alguns trechos.

— Na manhã de domingo... 7 de dezembro de 1941... bombardeiros de mergulho japoneses, com torpedos e caças, pequenos submarinos, atacaram sem qualquer aviso... a primeira onda foi às 7h55m... às 8h05m as explosões sacudiram os cais... às 8h10m o Arizona foi atingido no paiol da proa, explodiu e afundou... às 8h12mm o Utah emborcou... o Califórnia e o West Virgínia afundaram... o Oklahoma emborcou... houve 2.403 mortos e 1.178 feridos...

Tudo aconteceu há tanto tempo, pensou Celia... há 36 anos, mais do que a metade de uma vida. Contudo, nunca antes, até aquele momento, parecera tão próximo.

A lancha, balançando num trecho encapelado, perto do canal de entrada de Pearl Harbor, alterou o curso ao contornar a ponta meridional da Ford Island. E de repente, diretamente à frente, lá estava o Memorial Arizona, brilhando branco ao sol forte.

Foi aqui que aconteceu e finalmente cheguei. Versos de um poema afloraram à mente de Celia: "Dê-me a carapaça de tranqüilidade... E assim farei minha peregrinação." Enquanto ela olhava para a frente, além da proa da lancha, um pensamento incongruente se intrometeu: O Memorial era diferente do que ela esperava. Em vez disso, parecia um vagão ferroviário de carga, branco e comprido, esvaziado no meio. E ela tornou a ouvir o comentário:

— As palavras do arquiteto: "A forma, com a estrutura vergando no centro, mas permanecendo forte e vigorosa nas extremidades, expressa a derrota inicial e a vitória ao final..."

O arquiteto teria pensado nisso antes ou depois? Mas, de qualquer forma, não tinha importância. O que importava era o navio e agora seus contornos se tornavam visíveis... incredivelmente, apenas poucos metros abaixo da superfície da água cinza-esverdeada.

— ...e o memorial se estende pelo couraçado

afundado...

O navio de meu pai. Sua casa quando estava longe do lar e onde ele morreu... quando eu tinha 10 anos de idade e me achava a oito mil quilômetros de distância, em Filadélfia.

Andrew estendeu a mão, pegou a de Celia e apertou-a. Nenhum dos dois disse nada. Parecia predominar uma contenção entre todos os passageiros da lancha, que se mantinham quietos, como se partilhassem sensibilidades comuns.

O timoneiro levou a lancha para um atracadouro na entrada do memorial. A moça prendeu os cabos de atracação e a família Jordan desembarcou, junto com os outros passageiros. Ao se adiantarem, não sentiam mais qualquer movimento sob os pés, já que o memorial se apoiava em colunas fincadas ao fundo da enseada. Não havia parte alguma que encostasse no navio afundado.

Perto do centro do memorial, Celia, Andrew e Lisa pararam junto a uma abertura na estrutura de concreto, olhando lá embaixo o convés principal do Arizona, agora claramente visível, impressionante em sua proximidade.

Em algum lugar por baixo estão os ossos de meu pai ou o que resta deles. Como ele morreu? Foi

rápido e misericordioso ou sofreu uma morte horrível? Ah, como eu torço para que tenha sido a primeira!

Bruce, que se afastava por um momento, voltou agora e informou suavemente:

— Encontrei o nome de vovô. Venham que lhe mostrarei.

Os pais e a irmã seguiram-no até se postarem, juntos com muitos outros, todos em silêncio, diante de um bloco de mármore, com um mar de nomes.

Naqueles poucos minutos terríveis do ataque japonês, 1.117 homens morreram somente no Arizona. Posteriormente, constatou-se que era impossível levantar o navio, que se tornou — para mais de mil dos mortos — a sepultura final.

Uma inscrição dizia:

À MEMÓRIA DOS HOMENS BRAVOS AQUI SEPULTADOS

Bruce apontou.

— Ali está, mamãe.

W F DE GREY SO

Eles ficaram imóveis, respeitosamente, cada um

concentrado nos próprios pensamentos. Depois, foi Celia quem seguiu na frente para o lugar em que haviam estado antes, olhando para o casco afundado, do qual a superestrutura há muito que já fora removida. A proximidade a fascinava. Enquanto observavam, uma bolha de óleo ergueu-se de algum lugar lá no fundo. O óleo espalhou-se, como uma pétala na superfície da água. O processo repetiu-se, misteriosamente, alguns minutos depois.

— Essas gotas de óleo são do que restou nos tanques de combustível — explicou Bruce. — Estão subindo assim desde que o navio afundou. Ninguém sabe por quanto tempo mais o óleo vai durar, mas pode ser por 20 anos.

Celia pôs a mão no filho.

Este é meu filho, seu neto. Ele está me explicando tudo sobre o seu navio.

— Eu gostaria de ter conhecido o vovô — comentou Lisa.

Celia já estava prestes a responder quando subitamente, inesperadamente, suas defesas emocionais tremeram e desmoronaram. Era como se o comentário simples e comovente de Lisa fosse a última palha acrescentada a uma balança precariamente equilibrada e que agora se inclinava por completo. A dor e a tristeza dominaram Celia...

a dor pelo pai que conhecera tão brevemente, mas que amara e cujas recordações afloravam com aqueles momentos pungentes em Pearl Harbor; memórias da mãe, que morrera 10 anos antes; e, combinando-se com essas dores mais antigas, ressuscitadas, o pesar mais recente por seu fracasso, o grande erro de julgamento, como agora parecia, o fim ignominioso de sua carreira. O último pensamento vinha sendo resolutamente repellido há seis meses ou mais. Agora, como dívidas atrasadas, mas que tinha de ser pagas algum dia, acrescentou-se à emoção e ela desmoronou. Indiferente a tudo o mais, Celia chorou.

Vendo o que acontecia, Andrew aproximou-se dela. Mas Lisa e Bruce foram mais rápidos. Abraçaram a mãe, confortando-a, chorando também, sem qualquer constrangimento.

Andrew, gentilmente, passou os braços em torno de todos.

A família reuniu-se naquela noite para o jantar, na Maile Room do Kahala Hilton. Ao sentar, Celia disse:

— Andrew, querido, eu gostaria que tivéssemos champanhe esta noite.

— Claro.

Chamando um sommelier, Andrew pediu uma

Taittinger, que sabia ser a champanhe predileta da mulher. E, depois, disse a ela:

— Você está radiante esta noite.

— É como me sinto — respondeu Celia, contemplando a todos com uma expressão de intensa felicidade.

Desde a manhã que pouco se falara sobre a excursão a Pearl Harbor. No memorial, durante os poucos minutos do colapso de Celia, outras pessoas nas proximidades desviaram os olhos, com extrema consideração. Andrew compreendera que o cenário do Arizona, evocando tristeza, algumas vezes trágicas recordações aos que lá compareciam, já testemunhara cenas de sofrimento similares e freqüentes.

Celia dormira durante a maior parte da tarde e depois fora fazer compras numa das lojas do hotel, inclusive um espetacular vestido longo, vermelho e branco, ao estilo havaiano. Estava usando-o agora.

— Quando se cansar desse vestido, mamãe, — disse Lisa, com uma admiração evidente, — terei o maior prazer em herdá-lo.

A champanhe chegou nesse momento. Depois que foi servida, Celia ergueu seu copo e disse:

— A todos vocês! Eu os amo profundamente e agradeço por tudo. Quero que saibam que jamais

esquecerei o que aconteceu hoje, o conforto e compreensão que me proporcionaram. Mas devem saber também que agora já superei. Creio que, de certa forma, foi um processo de limpeza, uma... como é mesmo a palavra?

— Catarse — disse Bruce. — É uma palavra de origem grega e significa purificação. Aristóteles usou-a para...

— Ora, pare com isso! — Inclinando-se sobre a mesa, Lisa bateu de leve na mão do irmão. — Às vezes você é demais!

Andrew riu e os outros acompanharam-no, inclusive Bruce.

— Continue, mamãe — pediu Lisa.

— Pois decidi que já é tempo de parar de sentir pena de mim mesma e recomeçar minha vida. Foram férias maravilhosas, as melhores que alguém poderia ter, mas terminarão dentro de mais dois dias. — Ela olhou para Andrew afetuosamente. — Imagino que você está pronto para voltar ao consultório.

Ele assentiu.

— Pronto e ansioso.

— Posso compreender, porque também me sinto assim — declarou Celia. — Portanto, não ficarei desempregada. Tenciono encontrar um

trabalho.

— E o que fará? — perguntou Bruce.

Celia tomou um gole de champanhe antes de responder.

— Tenho pensado muito a respeito e me fiz algumas perguntas, encontrando sempre a mesma resposta: A indústria farmacêutica é o que melhor conheço e por isso faz sentido continuar nessa atividade.

— Tem toda razão — comentou Andrew.

— Poderia voltar ao Felding-Roth?

A pergunta era de Lisa.

Celia sacudiu a cabeça.

— Fechei todas as portas. Não há possibilidade do Felding-Roth me aceitar agora, mesmo que eu quisesse voltar. Mas tentarei outras companhias.

— Se algumas não se dispuserem a aproveitar a oportunidade, então precisam mandar examinar sua sagacidade comercial — disse Andrew. — Já pensou especificamente em alguma?

— Já, sim. — Celia fez uma pausa e depois continuou, com uma expressão pensativa: — Há uma companhia que venho admirando acima de todas as outras. É a Merck. Se querem conhecer um "Rolls Royce" da indústria farmacêutica, é justamente o Merck. Portanto, será o primeiro lugar

em que procurarei emprego.

— E depois?

— Gosto do Smith Kline e também do Upjohn. São companhias para as quais terei o maior orgulho em trabalhar. Depois disso, se for necessário, farei uma lista maior.

— Prevejo que não vai precisar. — Andrew levantou seu copo. — À companhia afortunada que contar com a colaboração de Celia Jordan!

Mais tarde, enquanto comiam, Bruce perguntou:

— O que faremos amanhã?

— Como é o nosso último dia inteiro no Havaí, por que não passamos um dia preguiçoso na praia? — sugeriu Celia.

E todos concordaram que um dia preguiçoso era justamente o que mais queriam.

No quarto, na suíte dos Jordans, poucos minutos antes das seis horas da manhã, a campainha do telefone na mesinha-de-cabeceira soou estridentemente. O barulho parou por um momento e depois recomeçou.

Celia estava profundamente adormecida. Ao seu lado, cruzando a fronteira do sono para a vigília, Andrew remexeu-se, à insistência do telefone.

Na noite anterior, ao se deitarem, eles deixaram abertas as portas corrediças de vidro que davam para a varanda, deixando entrar uma brisa suave e o murmúrio do mar. Agora, lá fora, no cinzento que antecedia o amanhecer, os objetos se tornavam visíveis... como se um diretor de cenário lentamente saísse do preto, iluminando uma nova cena. Mais 15 minutos e o sol começaria a se levantar no horizonte.

Andrew sentou na cama, desperto, a campainha do telefone conseguindo penetrar em sua consciência. Estendeu a mão para atender. Celia remexeu-se e indagou, sonolenta:

— Que horas são?

— Cedo demais! — Andrew levou o fone à boca. — Alô? O que houve?

— Tenho uma ligação pessoa-a-pessoa para a Sra. Celia Jordan.

A voz de uma telefonista.

— Quem a está chamando?

Uma voz de mulher diferente entrou na linha:

— Sr. Seth Feingold, do Felding-Roth, New Jersey.

— O Sr. Feingold sabe que horas são aqui?

— Sabe, sim, senhor.

Celia estava sentando na cama, também

desperta agora.

— É Seth? — Andrew assentiu e ela acrescentou: — Deixe que eu falo.

Ele estendeu-lhe o fone. Depois de mais um diálogo entre as telefonistas, Celia ouviu a voz do idoso vice-presidente financeiro:

— É você, Celia?

— Sou eu mesma.

— Acabo de ser informado que a acordamos e peço desculpas. Mas é meio-dia aqui. Nós simplesmente não podíamos esperar por mais tempo.

Ela disse, perplexa:

— Quem é "nós"? E esperar mais tempo pelo quê?

— Celia, o que tenho a lhe dizer é da maior importância. Por favor, escute com atenção.

A voz de Feingold parecia muito tensa.

— Pode falar.

— Estou telefonando em nome e a pedido do conselho diretor. E tenho ordens para informá-la que, quando renunciou... por motivos que todos conhecemos... você estava certa e todos os outros...

— A voz de Feingold falhou por um instante, mas depois ele arrematou. — Todos nós estávamos enganados.

Celia se perguntou, aturdida, se estava ouvindo corretamente, se realmente acordara.

– Não estou entendendo, Seth. Você não pode estar falando sobre o Montayne.

– Infelizmente, estou, sim.

– Mas pelo que li e ouvi, o Montayne é um sucesso espetacular.

Ela se lembrava das informações positivas que recebera no dia anterior por intermédio de Andrew, transmitidas por Tano, o gerente do Felding-Roth no Havaí.

– Era o que todos pensávamos até bem pouco tempo. Mas tudo mudou... uma súbita mudança. E agora temos aqui uma situação terrível.

– Espere um momento, por favor.

Cobrindo o fone com a mão, Celia disse a Andrew:

– Alguma coisa muito importante aconteceu. Ainda não sei direito o que é, mas quero que você escute na extensão.

Havia uma extensão no banheiro. Celia esperou até que Andrew fosse pegá-la e depois disse ao telefone:

– Continue, Seth.

– O que acabei de lhe dizer foi a primeira coisa, Celia. A segunda é a seguinte: o conselho quer

que você volte imediatamente.

Celia ainda mal podia acreditar no que ouvia. Depois de uma pausa, ela disse:

— Acho melhor você começar do início.

— Está certo.

Ela sentiu que Seth procurava dar uma ordem aos pensamentos. Enquanto esperava, especulou por que era ele e não Sam Hawthorne quem estava telefonando.

— Está lembrada dos relatórios sobre as crianças lesionadas... os bebês vegetais... uma palavra horrível... os relatórios da Austrália, França e Espanha?

— Claro.

— Pois houve muito mais... desses países e de outros. Tantos que não pode mais haver qualquer dúvida de que o Montayne tem sido a causa.

— Santo Deus!

Celia levou ao rosto a mão livre. Seu primeiro pensamento, chocado, foi: Não permita que seja verdade! Isto é um pesadelo, não está acontecendo realmente. Não quero que fique comprovado que eu estava certa desta maneira horrível. E foi nesse instante que ela olhou para Andrew, através da porta aberta do banheiro, o rosto contraído numa expressão sombria, notou a claridade crescente do

amanhecer lá fora e compreendeu que não se tratava de um sonho, mas de realidade.

Seth continuou a falar, fornecendo as detalhes:

— ...tudo começou há dois meses e meio, com informações dispersas... casos similares aos anteriores que já conhecíamos... e depois o número foi aumentando... mais recentemente, uma autêntica inundação... todas as mães haviam tomado Montayne durante a gravidez... quase 300 bebês deficientes no mundo inteiro, até agora... obviamente, haverá mais, especialmente nos Estados Unidos, onde o Montayne só começou a ser vendido há sete meses...

Celia fechou os olhos, enquanto o relato do horror prosseguia. Centenas de bebês que poderiam ter sido normais, mas agora nunca pensariam, não andariam, não sentariam sem ajuda e jamais se comportariam de maneira normal em qualquer coisa, enquanto vivessem... E ainda nasceriam muitos outros assim.

Ela sentiu vontade de derramar lágrimas amargas, de gritar bem alto, em ira e frustração. Mas gritar para quem? Não havia ninguém. E o choro e a ira eram inúteis e tarde demais.

Será que ela, pessoalmente, poderia ter feito mais alguma coisa para evitar aquela macabra

tragédia?

Sim!

Poderia ter-se manifestado depois que pedira demissão, divulgado publicamente suas dúvidas sobre o Montayne, ao invés de se manter silenciosa. Mas isso faria alguma diferença? As pessoas teriam escutado? Provavelmente não. Mas alguém poderia e se uma única criança fosse salva seu esforço já teria valido à pena. Como se lesse os pensamentos dela, a oito mil quilômetros de distância, Seth disse:

— Todos nós aqui temos nos feito uma porção de perguntas, Celia. Passamos as noites acordados, atormentados por nossas consciências, não há um só que não leve um pouco de culpa para a sepultura. Mas sua consciência pode estar limpa. Você fez tudo o que podia. Não foi sua culpa que a advertência tenha sido ignorada.

Celia pensou: Seria muito mais fácil e cômodo aceitar essa posição. Mas ela sabia que, até o final de seus dias, sempre teria dúvidas.

Abruptamente, ocorreu-lhe um pensamento novo e perturbador.

— Tudo o que me disse, Seth, está sendo amplamente divulgado? Há alguma publicidade urgente? Já foram emitidos avisos às mulheres para que deixem de tomar o Montayne?

— Bom... não exatamente dessa forma. Já houve alguma publicidade esparsa, embora... surpreendentemente... não muita.

Isso explicaria, pensou Celia, porque ela e Andrew não tinham ouvido qualquer comentário adverso ao Montayne durante a viagem. Seth continuou:

— Ao que tudo indicava, ainda não houve qualquer pessoa na imprensa que tenha ligado todos os fatos. Mas receamos que isso possa acontecer em breve.

— Vocês receiam...

Obviamente, compreendeu Celia, não houvera qualquer tentativa de criar uma publicidade maciça, o que significava que o Montayne ainda estava sendo vendido e consumido. Celia tornou a se lembrar do relatório de Andrew no dia anterior, quando ele citara Tano, informando que o Montayne estava "vendendo que era uma loucura". Um calafrio percorreu-lhe o corpo, enquanto ela perguntava:

— Quais os procedimentos já adotados para se suspender o medicamento e recolher todos os suprimentos?

Seth respondeu com extremo cuidado:

— O Gironde-Chimie informou que o

Montayne será retirado do mercado na França esta semana. Soube que os britânicos estão preparando um comunicado. E o governo australiano já suspendeu as vendas por lá.

A voz de Celia se alteou para um grito:

– Estou me referindo aos Estados Unidos!

– Posso lhe garantir, Celia, que já fizemos tudo o que a lei exige. Todas as informações chegadas ao Felding-Roth foram prontamente transmitidas à AAM em Washington. Tudo mesmo. Vincent Lord cuidou disso pessoalmente. Agora, estamos esperando por uma decisão da AAM.

– Esperando por uma decisão? Em nome de Deus, por que esperar? Que outra decisão pode haver que não retirar o Montayne do mercado?

Seth disse, na defensiva:

– Nossos advogados aconselharam que, a esta altura, é melhor esperar primeiro pela decisão da AAM.

Celia estava quase berrando. Teve de fazer um esforço grande para se controlar e disse:

– A AAM é sempre lenta. Suas engrenagens podem levar semanas para se chegar à decisão.

– Imagino que é bem possível. Mas os advogados insistem... se efetuarmos a retirada por conta própria, pode ser um reconhecimento de erro

e, portanto, de responsabilidade. Mesmo agora, as consequências financeiras...

— Que importância tem a questão financeira quando mulheres grávidas ainda estão tomando o Montayne? Quando crianças por nascer...

Celia parou, compreendendo que a discussão era inútil, que a conversa não levaria a parte alguma e especulando mais uma vez por que estava falando com Seth Feingold e não com Sam Hawthorne. Ela disse, incisiva:

— Preciso falar com Sam.

— Infelizmente, isso não é possível. Pelo menos não agora. — Uma pausa contrafeita. — Sam está... bom, Sam não está muito bem. Enfrenta problemas pessoais. É um dos motivos pelos quais queremos... precisamos... que você volte.

Celia disse bruscamente:

— Seja mais objetivo. O que significa tudo isso?

Ela ouviu um suspiro longo e profundo.

— Eu só ia contar mais tarde, porque sei que vai deixá-la angustiada. — A voz de Seth era baixa e triste. — Você se lembra... pouco antes de nos deixar, Sam teve um neto.

— O filho de Juliet. Claro que me lembro.

Celia lembrou a comemoração na sala de Sam, da qual participara, embora arrefecesse o

entusiasmo depois com suas dúvidas pelo Montayne.

— Parece que Juliet, durante a gravidez, sofria muito da náusea matinal. Sam arrumou o Montayne para ela.

Ao ouvir as últimas palavras de Seth, Celia ficou gelada. Teve um presságio horrível do que viria em seguida.

— Na semana passada, os médicos determinaram que a criança foi afetada adversamente pela droga. — A voz de Seth parecia prestes a se descontrolar. — O neto de Sam é mentalmente deficiente e tem membros que não funcionam... um vegetal, como todos os outros.

Celia deixou escapar um grito estrangulado de desespero e angústia. Depois, a incredulidade dominou-a.

— Como Sam pode ter feito uma coisa dessas? Naquela ocasião, o Montayne ainda nem estava aprovado para o consumo!

— Havia as amostras para os médicos. Sam usou-as, sem dizer a ninguém, além de Juliet. Suponho que ele tinha tanta fé no Montayne que achou que não havia o menor risco. Havia também um envolvimento pessoal e talvez orgulho. Se você está lembrada, foi o próprio Sam quem adquiriu o

Montayne do Gironde-Chimie.

– Claro que eu me lembro.

Os pensamentos de Celia eram um turbilhão... uma mistura de frustração, raiva, amargura e compaixão. Seth interrompeu-os:

– Eu disse que precisamos de você e é verdade, Celia. Como pode imaginar, Sam está abalado pela dor e sentimento de culpa, não consegue funcionar direito neste momento. Mas isso é apenas uma parte do problema. Reina a maior confusão por aqui. Somos como um navio avariado e sem rumo certo, precisamos de você para avaliar os danos e assumir o comando. Por um lado, você é a única com bastante conhecimento e experiência. Por outro, todos nós... inclusive o conselho diretor... respeitamos os seus julgamentos, especialmente agora. E você voltaria como vice-presidente executiva. Não entrarei nos detalhes financeiros, mas posso garantir que seriam generosos.

Vice-presidente executiva do Felding-Roth. Apenas um degrau abaixo da presidência e mais alto do que estaria como vice-presidente de vendas, a promoção a que renunciara quando pedira demissão. Houvera um tempo, pensou Celia, em que o convite seria um motivo para regozijo, um marco sensacional em sua vida. Como era estranho

que, subitamente, significasse tão pouco!

— Pode imaginar, Celia, que alguns outros... uns poucos membros do conselho... estão comigo, ouvindo esta conversa. Esperamos aqui, torcendo para que diga sim.

Celia percebeu que Andrew lhe fazia sinais do banheiro. Pela segunda vez, desde que a conversa começara, ela disse ao telefone:

— Espere um instante, por favor.

Andrew desligou a extensão e saiu do banheiro. Como antes, cobrindo o bocal do fone com a mão, Celia perguntou-lhe:

— O que acha?

— Você terá de tomar a decisão. Mas lembre-se de uma coisa: se voltar, não fará a menor diferença que tenha pedido demissão antes e se afastado. Um pouco da tragédia e responsabilidade pelo Montayne lhe será atribuído.

— Sei disso. — Ela pensou por um momento.

— Mas passei muito tempo na companhia. Foram bons anos e agora eles precisam de mim. Mas só voltarei se...

Ela voltou a falar ao telefone:

— Seth, escutei atentamente tudo o que você disse. Aceitarei, mas com uma condição.

— Pode dizer.

— O Montayne deve ser retirado do mercado pelo Felding-Roth hoje mesmo e divulgado um comunicado público sobre os perigos que apresenta. Não amanhã ou na próxima semana, nada de espera enquanto a AAM chega a uma conclusão. Hoje.

— Isso é impossível, Celia. Já expliquei as advertências de nossos advogados, a questão da responsabilidade. Podemos dar ensejo a ações judiciais no valor de milhões de dólares... o suficiente para levar a companhia à falência.

— Haverá ações judiciais de qualquer maneira.

— Sabemos disso. Mas não queremos que a situação se torne ainda pior. A retirada será inevitavelmente determinada muito em breve. Enquanto isso, com você aqui, poderíamos discutir...

— Não quero discutir nada. Quero que seja feito. Quero que o comunicado seja divulgado hoje pelas emissoras de rádio e televisão, que esteja em todos os jornais do país amanhã. Estarei assistindo e escutando. Caso contrário, não há acordo.

Foi a vez de Seth dizer:

— Um momento, por favor.

Celia pôde ouvir uma discussão abafada no outro lado da linha. Havia alguma divergência e ela pôde ouvir Seth dizer:

— Ela está intransigente.

E tornou a ouvir outra frase um momento depois:

— Claro que ela está falando sério. E não se esqueçam de que precisamos mais dela do que ela precisa de nós.

O debate em New Jersey continuou por mais alguns minutos, a maior parte inaudível para Celia. Seth finalmente voltou a falar ao telefone:

— Aceitamos as suas condições, Celia. O que você exige será feito imediatamente... dentro de uma hora. Garanto isso pessoalmente. E, agora, quando pode voltar?

— Pegarei o primeiro avião que sair daqui. Espere-me no escritório amanhã.

Conseguiram arrumar quatro lugares num 747 da United Airlines que deixaria Honolulu às 16h50m. Seria um voo sem escala até Chicago, onde embarcariam em outro avião, que os deixaria às nove horas da manhã seguinte em Nova York, horário legal. Celia tencionava dormir ao máximo que pudesse durante a viagem e seguir para o escritório do Felding-Roth naquela mesma manhã. Lisa e Bruce, que já haviam resolvido passar mais dois dias no Havaí, decidiram voltar com os pais. Lisa explicou:

— Não os vemos há tanto tempo que queremos

ficar juntos de vocês pelo máximo de tempo possível. Além do mais, ficarei triste se estiver sozinha, provavelmente chorarei, pensando naqueles pobres bebês deformados.

Durante um café da manhã apressado, na suíte de Celia e Andrew, interrompido por vários telefonemas relacionados com a partida, foi Andrew quem explicou a trágica situação aos filhos. Celia dissera:

— Eu falarei a respeito, mas não por algum tempo, se não se importa. Acho que você pode declarar que estou completamente chocada neste momento.

Mesmo naquele instante, ela ainda especulava se fizera o que era certo ao concordar em voltar. Mas, depois, lembrou a si mesma que sua insistência na retirada do Montayne do mercado imediatamente salvaria pelo menos algumas crianças e mães de um destino que poderia ser terrível.

O fato de que a promessa do Felding-Roth a Celia fora cumprida ficou evidente antes mesmo de deixarem o Kalaha Hilton e seguirem para o aeroporto de Honolulu. Um programa musical no rádio foi interrompido para a transmissão de uma notícia urgente. Comunicava a retirada do

Montayne do mercado, por causa de "possíveis efeitos nocivos que estão sendo investigados". Foi transmitido também um aviso de que os médicos deviam suspender a prescrição da droga e que as mulheres grávidas deveriam deixar de tomá-la imediatamente.

Num noticiário regular, pouco depois, a principal notícia foi uma matéria ampliada sobre a retirada do Montayne. Ao chegarem ao aeroporto, eles compraram uma edição vespertina do Honolulu Star-Bulletin, trazendo na primeira página uma matéria da Associated Press a respeito. Parecia evidente que uma barragem de publicidade começara e provavelmente continuaria.

Para a família Jordan, foi um dia muito diferente do sossegado na praia que haviam planejado na noite anterior. O avião estava lotado, mas os quatro lugares ficavam lá no fundo e isso lhes permitia pelo menos um pouco de conversa particular. Pouco depois de se acomodarem, Celia disse:

— Obrigada por serem pacientes. Podem agora fazer todas as perguntas que desejarem.

Bruce foi o primeiro:

— Como é possível que uma coisa assim aconteça, mamãe, com uma droga sendo aprovada e

depois se descobrindo que tem efeitos tão nocivos?

Celia ordenou os pensamentos antes de responder:

— O que se deve lembrar é que uma droga, qualquer droga, é um elemento químico estranho no corpo humano. É aplicada... geralmente quando um médico a receita... com o objetivo de corrigir alguma coisa que está errada no corpo. Mas, além de fazer bem, também pode fazer mal. A parte nociva é chamada de efeito colateral, embora possa haver também efeitos colaterais inofensivos.

Andrew acrescentou:

— Há também uma coisa conhecida como "risco contra benefício". Um médico tem de julgar se o risco de usar uma droga em particular é válido, a fim de obter os resultados que ele e o paciente desejam. Algumas drogas envolvem mais riscos do que outras. Mas há um risco até com uma simples aspirina... sério às vezes, porque a aspirina pode causar uma hemorragia interna.

— Mas os laboratórios farmacêuticos não experimentam as drogas antes de lançá-las no mercado e a AAM não deveria descobrir tudo sobre os riscos... quais são e qual sua gravidade? — indagou Lisa.

— Tudo isso é verdade — reconheceu Celia. —

Mas o que muitas vezes não se compreende é que há limites para os testes, mesmo hoje em dia. Uma nova droga é inicialmente testada em animais. Depois, se os dados com os animais parecem corretos, é testada com voluntários humanos. Tudo isso demora anos. Mas, ao final das experiências humanas, quando tudo parece ser perfeito, a droga só foi usada por algumas centenas de pessoas.

— E nenhuma dessas pessoas pode ter sofrido quaisquer efeitos adversos... ou somente ínfimos e sem maior importância — acrescentou Andrew.

Celia balançou a cabeça em concordância e depois continuou:

— Mas quando a droga é lançada no mercado e passa a ser consumida por dezenas de milhares de pessoas, talvez milhões, reações adversas podem aparecer em umas poucas pessoas, às vezes uma porcentagem mínima da população... reações que não poderiam ser previstas durante os testes. É claro que a droga tem de ser retirada do mercado se a porcentagem for bastante grande e se as novas reações forem graves ou fatais. O que é preciso ressaltar é que não se pode ter certeza absoluta sobre a segurança de uma nova droga até que seja usada amplamente.

— Essas reações não devem ser comunicadas às

autoridades? — indagou Bruce.

— Devem, sim. E se um laboratório farmacêutico toma conhecimento de qualquer reação adversa, a lei deste país exige que comunique imediatamente à AAM. E é geralmente o que acontece.

Lisa franziu a testa.

— Apenas "geralmente"?

Celia explicou:

— Isso acontece porque às vezes é difícil determinar o que é uma autêntica reação adversa a uma droga e o que é causado por outra coisa. Frequentemente é uma questão de julgamento científico, com margem para uma discordância genuína e honesta. Outra coisa a lembrar é que uma decisão precipitada pode causar a perda de um bom medicamento, talvez capaz de salvar muitas vidas.

— No caso do Montayne, porém, aconteceu justamente o contrário. — Andrew fez uma pausa, antes de acrescentar para Lisa e Bruce: — O julgamento de sua mãe sobre aquelas reações contestadas estava certo, enquanto os outros julgamentos eram errados.

Celia sacudiu a cabeça.

— E até isso não é exatamente verdadeiro. Meu julgamento foi um instinto, nada tinha de

científico... e um instinto que poderia estar errado.

— Mas não estava — lembrou Andrew. — É o que realmente importa. E, mais do que isso, você se apegou ao que acreditava e teve a coragem moral de pedir demissão por uma questão de princípio, algo que poucas pessoas jamais fazem. E por tudo isso, minha querida, esta família sente o maior orgulho de você.

— Apoiado! — exclamou Bruce.

Lisa inclinou-se e beijou a mãe.

— Eu também digo a mesma coisa, mamãe.

Uma refeição foi servida. Verificando o conteúdo da bandeja, sem qualquer entusiasmo, Andrew comentou:

— Uma coisa que se pode dizer a respeito da comida de avião é que ajuda a passar o tempo.

Pouco depois, eles voltaram a conversar sobre o que predominava nas mentes de todos. Bruce disse:

— Uma coisa difícil de acreditar, mamãe, é que os jornais e as emissoras de televisão não soubessem o que estava acontecendo com o Montayne... ou pelo menos não tivessem um quadro geral da situação, até hoje.

Foi Andrew quem respondeu:

— Pode acontecer e já aconteceu antes, quase da mesma forma. A outra ocasião foi com a

Talidomida, um problema sobre o qual muito li.

Pela primeira vez em muitas horas, Celia sorriu e comentou:

– Esta família tem dois viciados em história.

– Em 1961 e 62, – disse Andrew, – a imprensa americana ignorou o que já era o desastre da Talidomida na Europa. Mesmo quando uma médica americana, a Dra. Helen Taussig, prestou depoimento no Congresso e mostrou slides de bebês deformados, que fizeram os congressistas estremecerem de horror, não apareceu uma só notícia nos jornais americanos.

– Mas isso é incrível! – exclamou Lisa.

O pai deu de ombros.

– Depende da maneira como se encara a imprensa. Alguns repórteres são indolentes. Os que foram designados para a cobertura da audiência não estavam em seus lugares e depois não leram a transcrição. Mas houve um repórter que não foi indolente, Mintz, do Washington Post. Ele reuniu todas as informações e depois divulgou a bomba da Talidomida, furando todos os outros. É claro que logo se tornou uma grande notícia, exatamente como está acontecendo agora com o Montayne.

– Devo informar a vocês dois que seu pai se opôs ao Montayne desde o início – revelou Celia.

Lisa perguntou:

— Assumiu essa posição, papai, porque achava que o Montayne faria as coisas horríveis que acabou fazendo?

— Claro que não — respondeu Andrew. — Eu me opunha simplesmente porque, como médico, não creio que se deva tomar uma droga para algo que é apenas desagradável ou autolimitado.

— O que significa esse "autolimitado"? — indagou Lisa.

— A náusea durante a gravidez é um exemplo. É normalmente limitada aos primeiros meses da gravidez e desaparece antes de transcorrer muito tempo, sem deixar qualquer efeito pernicioso em sua esteira. Tomar qualquer droga nessas circunstâncias... a menos que haja alguma outra emergência médica... é uma tolice e sempre envolve um risco. Sua mãe nada tomou quando esperava por vocês. Tive essa precaução.

Andrew fez uma pausa, olhando para a filha antes de acrescentar:

— Quando chegar sua vez, mocinha, não tome coisa alguma. E se quer um filho forte e saudável... nada de bebida ou cigarro.

— Eu prometo — disse Lisa.

Escutando, Celia teve subitamente uma idéia

que talvez pudesse, com o tempo, transformar a experiência do Felding-Roth com o Montayne em algo positivo.

Andrew, ainda falava:

— Nós, médicos, erramos de muitos modos em relação às drogas. Por um lado, receitamos demais... a maior parte do tempo desnecessariamente e em parte porque é um fato bem conhecido que há pacientes que se sentem enganados se deixam um consultório sem levar uma receita. Por outro lado, escrever uma receita é um meio fácil de encerrar uma consulta, fazendo um paciente sair para que outro possa entrar.

— Este é mesmo um dia de confissão — comentou Bruce. — O que mais os médicos fazem de errado?

— Muitos de nós não são bem informados sobre drogas... certamente não tanto quanto deveríamos ser, especialmente sobre os efeitos colaterais das interações de uma droga com outras. Claro que é impossível gravar tantas informações na cabeça, mas os médicos geralmente não se dão ao trabalho ou são orgulhosos demais para consultarem um livro de referências na presença de um paciente.

— Mostrem-me um médico que não tenha

receio de procurar uma informação na presença de um paciente e eu lhes mostrarei um médico seguro e consciencioso — disse Celia. — Seu pai é um deles. Já o vi fazer isso.

Andrew sorriu.

— Mas é claro que tenho algumas vantagens em relação às drogas, o que decorre de viver com sua mãe.

— Há erros graves cometidos por médicos com drogas? — perguntou Lisa.

— Acontece muitas vezes — declarou Andrew. — E há outras ocasiões em que um farmacêutico alerta salva um médico de seu próprio erro, ao questionar uma receita. De um modo geral, os farmacêuticos sabem mais sobre drogas do que os médicos.

Bruce perguntou, astutamente:

— Mas há muitos médicos que admitem isso?

— Infelizmente, não — respondeu Andrew. — Quase sempre, os farmacêuticos são tratados como uma espécie inferior, não como os colegas em medicina que realmente são. Ele sorriu e depois acrescentou:

— É claro que os farmacêuticos também cometem erros. E às vezes os próprios pacientes complicam tudo, dobrando ou triplicando uma dose

prescrita para obterem... como explicam depois, na ambulância... um efeito mais rápido.

— E tudo isso é muito mais do que uma pessoa cansada pode arcar num só dia — interveio Celia, firmemente. — Tentarei dormir um pouco.

Foi o que ela fez e permaneceu adormecida durante a maior parte do resto da viagem até Chicago.

O voo de conexão para Nova York transcorreu sem qualquer novidade, sendo apenas mais confortável, porque a família tinha reservas na primeira classe, o que não fora possível obter em Honolulu.

Para surpresa de Celia, uma limousine do Felding-Roth, com um motorista, aguardava no Aeroporto Kennedy, a fim de levá-los a Morristown. O motorista, a quem Celia conhecia ligeiramente, cumprimentou-a e entregou um envelope lacrado, que continha uma carta de Seth Feingold.

Cara Celia:

Seja bem-vinda de volta ao lar... em todos os sentidos.

O carro e o motorista seguem com os cumprimentos do conselho diretor e para seu uso exclusivo e regular, como vice-presidente

executiva.

Seus colegas e subordinados – eu inclusive – aguardam ansiosamente o momento de encontrá-la, depois que tiver descansado da viagem.

*Afetuosamente,
Seth*

Na casa dos Jordans, em Morristown, houve um alegre reencontro com Winnie e Hank March... Winnie enorme, nas semanas finais da gravidez. Enquanto era abraçada por Lisa e Bruce, depois por Celia e Andrew, Winnie advertiu:

– Não me apertem com muita força, meus queridos, caso contrário a coisinha pode resolver sair agora mesmo.

Andrew soltou uma risada.

– Não faço um parto desde que era um interno... há muito e muito tempo... mas estou disposto a tentar.

Hank, nunca tão loquaz quanto a mulher, fitou-os com uma expressão radiante de felicidade e depois se ocupou a descarregar a bagagem.

Foi um pouco depois, com Winnie, Celia e Andrew trocando as novidades na cozinha, enquanto mais atividade se desenvolvia lá fora, que um pensamento súbito e chocante ocorreu a Celia.

Quase com medo de perguntar, ela disse:

— Winnie, por acaso tomou alguma coisa durante a gravidez?

— Por causa da náusea pela manhã?

Com um temor crescente, Celia confirmou:

— Isso mesmo.

— Como aquele Montayne?

Winnie apontou para um exemplar da edição matutina do *Newark Star-Ledger*, aberta em cima do balcão, a notícia sobre o Montayne se destacando na primeira página. Atordoadas, Celia assentiu.

— Meu médico me deu algumas amostras e me disse para tomar — informou Winnie. — E eu bem que gostaria de tomar. Estava sempre enjoada pela manhã. Mas...

Ela fez uma pausa, olhando para Andrew.

— Posso contar, Dr. Jordan?

— Claro.

— Mas, antes dos dois viajarem, o Dr. Jordan me disse... e falou que seria um segredo entre nós... se me dessem o tal de Montayne, eu não deveria tomar e sim jogar na latrina e puxar a descarga. E foi justamente o que eu fiz.

Os olhos de Winnie, marejados de lágrimas, se deslocaram para o jornal e depois voltaram a Andrew.

— Foi muito difícil conseguir este bebê. E por isso... oh, Dr. Jordan, que Deus o abençoe!

Celia, aliviada e grata, abraçou Winnie.

5

Sam Hawthorne tinha a aparência de um fantasma ambulante.

A visão dele, em seu primeiro dia de volta ao Felding-Roth, deixou Celia tão chocada que descobriu ser impossível falar. Por esse motivo, Sam falou primeiro:

— Como se sente ao voltar em glória, depois de provado que estava certa e virtuosa, quando todos os outros se achavam errados e infames? Bastante bem, hem?

As palavras hostis, numa voz rouca, que ela mal reconheceu, aumentaram o choque. Sete meses haviam transcorrido desde que Celia vira Sam pela última vez. Durante esse período, ele parecia ter envelhecido pelo menos 10 anos. O rosto se achava encovado e pálido, a pele flácida em torno dos malaras. Os olhos estavam mortiços e fundos; por baixo, havia olheiras enormes. Os ombros

vergavam. Ele emagrecera tanto que o terno estava folgado.

— Não, Sam, não me sinto bem — respondeu Celia. — Apenas triste por todos nós. E lamento desesperadamente pelo seu neto. Quanto à volta, estou aqui simplesmente para ajudar.

— Claro, claro... Pensei que você daria um jeito de...

Celia interrompeu-o:

— Sam, não podemos ir para algum lugar mais particular?

Eles se encontravam num corredor, por onde outros passavam, enquanto conversavam. Celia acabara de sair de uma reunião com Seth Feingold e outros diretores.

O gabinete do presidente ficava ali. Sem dizer mais nada, Sam encaminhou-se para lá. Celia seguiu-o. Lá dentro, com a porta fechada, Sam virou-se para ela. A voz áspera e amarga persistia quando ele voltou a falar:

— O que comecei a dizer foi... pensei que você daria um jeito de sentir pena. É o mais fácil. Agora, por que não diz o que está realmente pensando?

— É melhor você me dizer o que pensa que eu estou pensando, Sam.

— Sei muito bem! Que eu fui criminosamente

irresponsável ao dar o Montayne a Juliet quando a droga nem mesmo estava aprovada. Que fui eu, somente eu, quem fez com que o filho de Juliet e Dwight, meu neto, fosse como é... um arremedo inútil de ser humano, nada mais que um...

Ele sufocou com as palavras finais e virou o rosto. Celia permaneceu em silêncio, dividida entre o pesar e a compaixão, avaliando o que deveria dizer. E, finalmente, falou:

— Se quer a verdade, Sam... e este parece um momento oportuno para isso... pensei realmente assim. E imagino que ainda penso.

Sam fitava-a diretamente nos olhos, absorvendo cada palavra, enquanto ela continuava:

— Mas há outras coisas que devem ser lembradas. Que é muito fácil prever as coisas depois que acontecem. Que todos nós cometemos erros de julgamento...

— Você não os cometeu. Não este. Não toda uma série de erros tão grandes quanto os meus.

A amargura permanecia.

— Cometi outros erros — declarou Celia. — Acontece com todos que têm alguma responsabilidade. E é apenas o azar que faz com que alguns erros sejam muito piores do que outros.

— Este é um dos piores. — Sam deslocou-se

para trás da mesa e arriou na cadeira. — E todos aqueles outros bebês, inclusive os que ainda vão nascer... sou responsável...

— Não, isso não é verdade — disse Celia, firmemente. — Assim como os outros, foi levado pelo Gironde-Chimie e pelos conselhos científicos. E não estava sozinho. Outras pessoas responsáveis assumiram a mesma posição.

— Menos você. O que a fez tão especial que não se deixou levar como os demais?

— Isso também me aconteceu, no princípio — lembrou Celia.

Sam pôs a cabeça entre as mãos.

— Oh, Deus! Que coisa terrível eu fiz! — Ele levantou os olhos. — Estou sendo injusto e ignóbil com você, não é mesmo, Celia?

— Não tem importância.

A voz de Sam se tornou mais baixa, perdendo a aspereza.

— Sinto muito e digo isso sinceramente. Para ser franco, estou com inveja de você. E também desejando ter escutado e aceitado o seu conselho.

Seguiram-se palavras meio desconexas.

— Não tenho dormido. Fico acordado hora após hora, pensando, lembrando, sentindo-me culpado. Meu genro não fala comigo. Minha filha

não quer me ver. Lilian tenta ajudar a todos nós, mas não sabe como.

Sam fez uma pausa, hesitou e depois acrescentou:

— E tem mais uma coisa... algo que você não sabe.

— O que eu não sei?

Ele virou o rosto.

— Nunca lhe direi.

— Sam, você tem de se controlar. Nem você nem os outros poderão conseguir qualquer coisa se continuar a se torturar desse jeito.

Como se não tivesse ouvido, ele murmurou:

— Estou liquidado aqui. E você sabe disso.

— Não, não sei de nada.

— Queria pedir demissão. Os advogados disseram que não devia fazer isso, pelo menos por enquanto. Tenho de permanecer no posto. — Ele acrescentou, amargamente: — A fachada deve ser preservada. Para proteger a companhia. A fim de não oferecer mais armas para os advogados-chacais com seus processos de indenização. É por isso que tenho de continuar a ser o presidente por mais algum tempo, sentado nesta cadeira, em benefício dos acionistas.

— Fico contente por saber disso, Sam. Você é

necessário para dirigir a companhia.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você é que fará isso. Não foi informada? O conselho já decidiu.

— Seth me contou apenas uma parte. Mas eu preciso de você.

Ele fitou-a, uma angústia incontida nos olhos. Tomando uma súbita decisão, Celia foi até a porta, que podia ser trancada com um ferrolho. Ela puxou-o. Havia um ferrolho igual na porta que dava para a sala das secretárias. Ela também puxou-o. Depois, foi até a mesa, pegou o telefone e disse:

— Aqui é a Sra. Jordan. Estou com o Sr. Hawthorne. Não podemos ser incomodados por ninguém.

Sam ainda estava sentado por trás da mesa, imóvel. Celia perguntou-lhe:

— Já chorou desde que isso aconteceu?

Ele ficou surpreso, depois sacudiu a cabeça.

— De que adiantaria?

— Às vezes ajuda.

Celia aproximou-se, inclinou-se e abraçou-o, sussurrando:

— Sam, pode se largar.

Por um momento, ele se afastou, fitando-a atentamente, indeciso, vacilante. E depois,

subitamente, como um menino, como uma represa a arrebentar, ele encostou a cabeça no ombro de Celia e chorou.

Depois daquela sessão com Sam no primeiro dia, Celia rapidamente compreendeu que ele era um homem tragicamente abalado, perderá o espírito anterior e praticamente não tinha condições de contribuir para o comando da companhia. Embora profundamente preocupada e consternada, Celia foi obrigada a aceitar a situação como era.

Sam comparecia ao escritório todos os dias, ainda guiando o seu Rolls-Bentley prateado e estacionando-o no nível da passarela na garagem. Ocasionalmente, ele e Celia chegavam ao mesmo tempo, Celia no carro com motorista da companhia, pelo qual sentia-se grata, pois lhe permitia trabalhar, durante os percursos de ida e volta, lendo os jornais. Nessas ocasiões, ela e Sam atravessavam juntos a passarela para o prédio principal, seguindo para o elevador especial que os levava ao andar executivo, o 11º. Entre os dois, podia haver alguma conversa, mas era sempre Celia quem a iniciava.

Entrando em sua sala, Sam passava a maior parte do tempo lá dentro. Ninguém indagava o que ele fazia exatamente. Mas, além de alguns memorandos inócuos, nada de importante emergia.

Nas reuniões dos diretores — embora sempre informado com antecedência — Sam primava pela ausência.

Assim, a partir do segundo dia de sua volta, não houve mais a menor dúvida de que era Celia quem estava no comando.

Os problemas de alto nível, exigindo decisões de política da companhia, eram encaminhados a ela. Outros problemas, mantidos em compasso de espera, foram-lhe apresentados para que desse uma solução. Celia cuidava de tudo com a rapidez, bom senso e determinação que sempre haviam sido as suas características.

As reuniões com advogados ocupavam uma parcela considerável do seu tempo.

As primeiras ações judiciais estavam sendo apresentadas, como um resultado da publicidade sobre o Montayne e a retirada do medicamento do mercado. Algumas ações pareciam genuínas. Uns poucos bebês, entre os prematuros, já tinham nascido nos Estados Unidos com deformações similares às registradas em outros países, onde as mães de crianças deficientes haviam tomado Montayne durante a gravidez.

Inevitavelmente, essa lista de casos genuínos aumentaria. Uma estimativa interna, confidencial,

do número total de crianças americanas que nasceriam deformadas por causa do Montayne era um pouco superior a 400. Chegara-se a essa conclusão pelo uso de estatísticas provenientes da França, Inglaterra, Austrália, Espanha e outros países. Levava em consideração o período de venda do Montayne nesses países, a quantidade de unidades vendidas e os dados comparativos nos Estados Unidos.

Das outras ações judiciais, algumas eram apresentadas por conta de mães que haviam tomado o Montayne e ainda dariam à luz; baseavam-se no medo do que poderia acontecer e quase todas acusavam o Felding-Roth de negligência. Umas poucas restantes eram consideradas frívolas ou fraudulentas, embora se tivesse de cuidar de todas formalmente... envolvendo um tempo enorme e um custo elevado.

Quanto ao custo global, Celia — que tivera de aprender rapidamente um assunto que lhe era inteiramente novo — descobriu que o Felding-Roth possuía um seguro contra ações de indenizações por produtos no valor de 135 milhões de dólares. Além disso, a companhia possuía uma reserva interna, para o mesmo propósito, de mais 20 milhões de dólares.

— Esses 155 milhões parecem muita coisa e podem cobrir todas as ações que teremos de acertar — disse a Celia um advogado chamado Childers Quentin. — Mas eu não contaria muito com isso. É possível que precise levantar muito mais dinheiro.

Quentin, um homem afável, cabeça branca, na casa dos 70 anos, sempre cortês, era o chefe de um escritório de advocacia de Washington especializado em questões farmacêuticas, especialmente a defesa contra processos de indenização. O escritório fora contratado a conselho dos advogados regulares do Felding-Roth.

Celia soube que Quentin era conhecido entre os colegas como "Sr. F. T. Fixit", as iniciais indicando "fora do tribunal". Isso acontecia por causa de sua habilidade de negociação — "ele possui o controle de um grande jogador de pôquer", comentou um advogado da companhia — sabendo até que ponto ir para acertar pedidos de indenização sem uma decisão judicial.

Celia decidiu quase desde o início que confiaria em Childers Quentin. Contribuiu muito para essa decisão o fato de simpatizar com ele.

— O que você e eu devemos fazer, minha querida, — disse ele, tratando Celia como se fosse uma sobrinha predileta, — é providenciar acordos

rápidos, que sejam razoáveis e generosos. Os dois últimos pontos são essenciais para se conter uma situação desastrosa como esta. No caso da generosidade, lembre-se de que a pior coisa que pode acontecer é um único caso de Montayne ser levado a um tribunal e resultar numa indenização de muitos milhões de dólares concedida por um júri. Fixaria um precedente para outras indenizações, que poderiam levar sua companhia à falência.

— Há alguma possibilidade de acertar tudo fora dos tribunais? — perguntou Celia.

— Muito maior do que você imagina. — Ele sorriu e explicou: — Quando danos graves e irreversíveis são causados a uma criança, como está acontecendo com o Montayne, a primeira reação dos pais é o desespero e depois vem a raiva. Os pais querem então punir os que causaram a sua dor e procuram a ajuda de um advogado. Acima de tudo, os pais querem... como diz o clichê... terem o seu grande dia no tribunal.

"Mas nós, advogados, somos pragmáticos. Sabemos que os casos levados aos tribunais são às vezes perdidos e nem sempre por motivos justos. Também sabemos que os trâmites anteriores ao julgamento, os tribunais com muitos processos e as

táticas protelatórias dos advogados de defesa podem fazer com que uma ação se prolongue por vários anos. E depois, mesmo quando se ganha, as apelações podem se desenvolver por mais alguns anos.

"Os advogados sabem também que, depois do primeiro ímpeto de raiva, seus clientes, se tornarão cansados e desiludidos. Os preparativos para o julgamento podem dominar suas vidas. São pessoalmente absorventes, um lembrete constante de seu pesar. Invariavelmente, as pessoas ficam desejando terem acertado antes e retomado suas vidas normais, da melhor forma possível."

— Posso compreender tudo isso — comentou Celia.

— E tem mais. Os advogados especializados em lesões pessoais, que é o tipo que enfrentaremos, cuidam dos seus próprios interesses tanto quanto dos dos clientes. Muitos aceitam o caso na base de uma porcentagem em caso de vitória, ganhando um terço ou até mais do total da indenização. Mas os advogados têm as suas contas a pagar... aluguel do escritório, prestações de casa, as contas do cartão de crédito...

Quentin fez uma pausa, dando de ombros, e depois continuou:

— Eles são como você e eu. Preferem receber seu dinheiro logo, em vez de esperarem por um futuro distante e duvidoso. E isso é mais um fator para facilitar o acordo.

— Acho que tem razão. — A mente de Celia se pusera a divagar e agora ela disse: — Alguns dias, desde que voltei, tenho a impressão de ser fria e calculista, pensando apenas em termos de dinheiro em relação ao Montayne e tudo o que aconteceu.

— Já a conheço bastante bem para saber que isso nunca acontecerá — declarou Quentin. — E outra coisa, minha cara, caso pense o contrário: posso lhe assegurar que também não estou indiferente a essa terrível tragédia. Tenho um trabalho a fazer e cuidarei dele da melhor forma possível. Mas também sou pai e avô, meu coração se confrange por essas crianças destruídas.

Por essa e outras reuniões, foi fixado um objetivo de 50 milhões de dólares para atender a possíveis acordos.

Havia ainda um custo estimado de oito milhões de dólares para a retirada, recolhimento e destruição de todos os suprimentos de Montayne.

Quando Celia lhe comunicou esses totais, Seth Feingold acenou com a cabeça gravemente, mas parecia muito menos alarmado do que ela previra.

— Dois acontecimentos fortuitos ocorreram desde o início do ano — explicou o vice-presidente financeiro. — Um deles é o resultado excepcional de nossos produtos sem prescrição médica e perfumaria, as vendas superando em muito as expectativas. Há também um lucro considerável e inesperado no câmbio. Normalmente, é claro, nossos acionistas se beneficiariam com isso. Mas, nas circunstâncias, os lucros extras terão de ir para essa reserva adicional de 50 milhões de dólares.

— Pois sejamos gratos a essas duas fontes — comentou Celia.

Ela se lembrou que não era a primeira vez que os produtos sem prescrição médica, que outrora desdenhara, ajudavam a manter a companhia solvente em momentos de crise.

— Outra coisa que nos é favorável são as notícias promissoras da Inglaterra — acrescentou Seth. — Presumo que já está a par.

— Claro. Tenho lido os relatórios.

— Se houver necessidade, os bancos nos emprestarão dinheiro com base nisso.

Celia ficara na maior satisfação ao tomar conhecimento dos progressos no instituto em Harlow, de onde uma droga nova e espetacular, o Peptídeo 7, provavelmente emergiria em breve... o

"em breve" no jargão dos laboratórios farmacêuticos significando outros dois anos, antes da apresentação às agências governamentais para aprovação.

Numa tentativa de reabsorver Sam na política da companhia, Celia o procurara para discutir as últimas notícias da Inglaterra.

Como o instituto britânico fora idéia de Sam e ele lutara para mantê-lo, Celia presumira que o deixaria na maior satisfação saber que sua fé fora confirmada. Esperava também que as novidades o ajudassem a emergir da profunda depressão em que mergulhara. Mas nenhuma das idéias deu certo. A reação de Sam foi de indiferença. Ele também rejeitou uma sugestão de viajar à Inglaterra para conversar com Martin Peat-Smith e julgar o significado do que estava acontecendo.

— Não, obrigado — ele disse a Celia. — Tenho certeza de que pode descobrir por outros meios o que precisa saber.

Mas nem mesmo a atitude de Sam alterava o fato de que Harlow se tornava agora de extrema importância para o futuro do Felding-Roth. E havia mais uma coisa.

Os longos anos de pesquisa de Vincent Lord sobre o que era quimicamente conhecido como "repressão dos radicais livres", a eliminação dos

efeitos colaterais perigosos de drogas ótimas, se não fosse por isso, apresentavam finalmente resultados positivos. Eram tão auspiciosos — com todas as indicações de uma extraordinária abertura científica, algo que Lord sempre cobiçara — que um esforço maciço de pesquisa dos laboratórios americanos do Felding-Roth se concentrava agora no desenvolvimento final.

Enquanto o Peptídeo 7 britânico era obviamente a droga que ficaria pronta primeiro, a criação de Vincent Lord, provisoriamente chamada de Hexin W, provavelmente não o estaria antes que um ou dois anos depois.

O segundo desenvolvimento teve outro efeito. Tornou mais seguro o futuro de Lord no Felding-Roth. Celia pensara inicialmente — por causa da defesa do Montayne por Lord e outros motivos de ordem geral — em substituí-lo na primeira oportunidade. Agora, porém, ele parecia valioso demais para se perder.

Assim, surpreendentemente e apesar da sombra ameaçadora do Montayne, o clima na companhia parecia de repente mais animador.

6

Em Harlow, Yvonne Evans e Martin Peat-Smith estavam passando cada vez mais tempo juntos.

Embora ainda mantivesse o pequeno apartamento que alugara ao começar a trabalhar no Felding-Roth, Yvonne raramente ficava lá. Todos os fins de semana e a maioria das noites da semana ia para a casa de Martin, onde assumiu com a maior felicidade o lado doméstico da vida de Martin, além de atender às necessidades sexuais dele... e também às suas.

Yvonne reorganizara a cozinha, que agora se apresentava arrumada e brilhando. Ali produzia refeições saborosas, demonstrando um talento de cozinheira versátil, que lhe era natural e que muito apreciava. Todas as manhãs, antes de partirem para o trabalho, separadamente, ela arrumava a cama que partilhava com Martin, cuidando para que as roupas estivessem sempre limpas e mudando-as com mais frequência do que no passado. Deixava bilhetes com instruções para a faxineira, de tal forma que o resto da casa adquiriu a aparência imaculada que resulta de uma atenção para os detalhes, que Yvonne possuía, e da supervisão

apropriada.

Yvonne também efetuou algumas mudanças em relação aos animais. Acrescentou à coleção o seu próprio gato siamês. E um sábado, quando Martin estava trabalhando, mas ela não, Yvonne trouxe um serrote e outras ferramentas, abrindo uma "passagem de gatos" na porta dos fundos. Com isso, os gatos podiam entrar e sair a qualquer momento, o efeito mais saudável para os bichos e também para a casa.

E quando ali passava a noite, Yvonne exercitava os cachorros de manhã bem cedo, complementando o exercício regular que Martin proporcionava todas as noites.

Martin adorava a tudo.

Outra coisa que ele adorava era a conversa animada e geralmente inconseqüente de Yvonne. Ela falava de incontáveis assuntos, poucos de alguma importância... os filmes em exibição, as vidas particulares das estrelas, os músicos populares e suas excentricidades fora dos palcos, lojas de Londres que promoviam liquidações, as últimas novidades de Marks e Spencer, o que acontecia na televisão, os boatos do instituto, quem estava comprometida, grávida ou prestes a se divorciar, os excessos sexuais do clero noticiados

pela vigilante imprensa britânica, até mesmo um outro escândalo político... Yvonne absorvia essas coisas, acumuladas de escutar e de uma leitura seletiva, como se fosse uma esponja.

Por mais estranho que pudesse parecer, Martin não apenas aceitava ouvir tudo isso sem qualquer protesto, mas às vezes até achava revigorante e uma variação agradável, se não mesmo como uma música de fundo.

Pensando a respeito, ele chegou à conclusão de que vivia cercado durante a maior parte do tempo por intelectuais cuja conversa se situava num plano científico sério, com a exclusão das coisas triviais, que acabava se tornando cansativa. Quando escutava Yvonne, podia ficar à deriva, satisfeito, deixando o cérebro em ponto neutro.

Um dos interesses de Yvonne — quase uma paixão — era o Príncipe de Gales. Seus romances amplamente divulgados a fascinavam e às vezes a preocupavam. Discutia-os interminavelmente. Um nome ligado ao de Charles, na ocasião, era o da Princesa Marie-Astrid, de Luxemburgo. Yvonne recusava-se a levar o boato a sério.

— Um casamento não daria certo — ela assegurou a Martin. — Além de ser católica, Marie-Astrid não serve.

- Como sabe?
- Simplesmente sei.

Outra candidata apregoada, Lady Amanda Knatchbull, tinha uma recepção mais favorável.

– Ela pode ser boa – admitia Yvonne. – Mas se Charles for paciente, tenho certeza de que aparecerá alguém melhor, até mesmo perfeita.

– Ele anda provavelmente muito preocupado. Por que você não lhe escreve e diz isso?

Como se não tivesse ouvido, Yvonne declarou pensativa e com um toque de poesia:

- O que ele precisa é de uma rosa inglesa.

Uma noite, depois de fazerem amor, Martin caçoou:

– Estava pensando que eu era o Príncipe de Gales?

Yvonne respondeu maliciosamente:

- Como soube?

Apesar de sua propensão para a conversa incosequente, Yvonne era muito inteligente, como Martin logo descobriu. Ela demonstrara interesse por outras coisas, inclusive a teoria por trás do projeto de envelhecimento mental, que Martin pacientemente explicou e que ela pareceu compreender. Sentiu-se curiosa pela devoção de Martin às obras de John Locke e por várias vezes ele

encontrou-a com um exemplar aberto do Essay de Locke, a testa franzida em concentração.

— Não é fácil de compreender — admitiu Yvonne.

— Não é para qualquer pessoa — concordou Martin. — É preciso se esforçar para entender.

Quanto à ligação entre os dois e os possíveis mexericos, Martin tinha certeza de que alguns circulavam. Afinal, Harlow era um lugar pequeno demais para que isso não acontecesse. Mas ele e Yvonne se mantinham discretos no instituto de pesquisa, jamais se comunicando um com o outro, a menos que o trabalho assim o exigisse. Além disso, Martin assumia a posição de que ninguém tinha direito de se intrometer em sua vida particular.

Ele não pensara na duração de seu relacionamento com Yvonne, mas pelos comentários casuais parecia evidente que nenhum dos dois o considerava exigente ou mais do que temporário.

Um entusiasmo que partilhavam era o progresso da pesquisa em Harlow.

Martin escreveu num dos seus raros relatórios a New Jersey: "A estrutura do Peptídeo 7 é agora conhecida. O gene foi produzido, inserido em bactérias e se obtiveram grandes quantidades." Ele ressaltou que o processo era muito "parecido com o

preparo de insulina humana".

Ao mesmo tempo, continuavam os testes sobre a segurança e eficácia do Peptídeo 7, através de injeções em animais. Uma vasta quantidade de dados sobre as experiências com os animais estava se acumulando, ao ponto em que se poderia solicitar a autorização para testes com seres humanos nos próximos meses.

Talvez inevitavelmente, rumores sobre a pesquisa do instituto vazaram e chegaram ao conhecimento da imprensa. Embora Martin rejeitasse os pedidos de conceder entrevistas, alegando que a divulgação de qualquer coisa seria prematura, os repórteres descobriram outras fontes e os relatos nos jornais apareceram assim mesmo. De um modo geral, eram acurados. Especulações sobre uma "droga maravilhosa para protelar o envelhecimento, agora sendo testada em animais", receberam algum destaque, assim como "o extraordinário efeito de redução de peso da droga". Isso provocou a ira de Martin, pois era evidente que alguém na equipe fora indiscreto.

Por determinação de Martin, Nigel Bentley tentou descobrir quem falara, mas sem sucesso.

— Na verdade, a publicidade não causou muito prejuízo, se é que algum — ressaltou o

administrador. — O mundo científico já tem uma boa idéia do que você está fazendo... lembre-se daqueles dois consultores que chamou. E despertar a curiosidade do público agora pode ajudar nas vendas do Peptídeo 7 depois.

Martin não estava convencido, mas deixou o problema por aí.

Um efeito indesejável da publicidade foi um fluxo de cartas, panfletos e petições dos cruzados dos "direitos dos animais", extremistas que se opunham a experiências com quaisquer tipos de animais. Alguns descreveram Martin e sua equipe de Harlow como "sádicos", "torturadores", "bárbaros" e "criminosos desalmados". Martin comentou para Yvonne, depois de ler em sua casa amostras da correspondência mais vituperativa:

— Todos os países possuem os seus malucos contra experiências com animais, mas a Inglaterra é o pior de todos.

Ele pegou outra carta e depois largou-a com repulsa, acrescentando:

— Essas pessoas não querem apenas que o sofrimento dos animais seja reduzido ao mínimo... algo que apóio e para o qual devia haver leis. Querem que nosso tipo de ciência, que usa animais inevitavelmente, seja completamente paralisado.

— Acha que seria possível chegar um momento em que a pesquisa não precisaria usar animais? — perguntou Yvonne.

— Talvez algum dia isso venha a acontecer. Mesmo agora, em situações onde antes empregávamos animais, estamos usando em vez disso métodos como culturas de tecidos, farmacologia do quantum e computadores. Mas prescindir totalmente dos animais... — Martin sacudiu a cabeça. — Pode acontecer, mas não por muito tempo.

— Pois não deixe que isto o atormente. — Yvonne recolheu as cartas de protestos e meteu-as numa valise. — Além do mais, pense em nossos animais. Por causa do Peptídeo 7, eles se tornaram mais saudáveis e mais espertos.

Mas suas palavras não conseguiram melhorar o ânimo de Martin. O fluxo recente de correspondência o deprimira.

No instituto, porém, o contraste com os primeiros dias a tatear — quando havia tão pouco progresso e apenas resultados negativos — era tão grande que Martin confidenciou a Rao Sastri:

— Estou preocupado. Quando alguma coisa corre tão bem, pode-se esperar um contratempo logo depois da esquina.

Suas palavras provaram ser proféticas... e mais cedo do que esperava.

Foi no fim de semana seguinte, na madrugada de domingo, pouco depois de uma hora, que um telefonema despertou Martin. Yvonne ainda se achava adormecida ao seu lado.

Martin atendeu e descobriu que era Nigel Bentley quem chamava.

— Estou no instituto — informou o administrador. — A polícia me ligou. Acho melhor você vir até aqui.

— O que aconteceu?

— Infelizmente, é uma má notícia. — A voz de Bentley era sombria. — Mas eu preferia que você visse pessoalmente. Pode vir o mais depressa possível.

— Já estou a caminho.

A esta altura, Yvonne estava acordada. Quando Martin começou a se vestir, ela também pôs as roupas, apressadamente.

Foram juntos, no carro de Martin. Outros veículos estavam estacionados na frente do instituto, inclusive dois carros da polícia, com as luzes faiscando. Uma terceira luz faiscante era a de um caminhão dos bombeiros, que partia naquele instante. As portas da frente do instituto se

encontravam abertas.

Bentley recebeu-os lá dentro. Tinha ao seu lado um inspetor da polícia uniformizado. Se Bentley ficou surpreso ao ver Yvonne, conseguiu eficazmente escondê-lo.

— Fomos atacados- — anunciou ele. — Por amantes de animais.

Martin franziu a testa.

— Amantes de animais?

— Isso mesmo, senhor — confirmou o policial.
— As pessoas que se intitulam do Exército de Salvação dos Animais. Já nos criaram problemas antes.

O inspetor, beirando a meia-idade, exibia a atitude sardônica e resignada de quem já observara muitas loucuras humanas e esperava testemunhar ainda mais. Martin disse, impaciente:

— O que aconteceu afinal?

— Eles arrombaram o instituto — respondeu Bentley. — E soltaram todos os animais. Alguns ainda se encontram dentro do prédio, mas a maioria foi levada para fora antes de se abrir as gaiolas e assim desapareceu. Pegaram então todas as fichas e arquivos, levaram para fora também e derramaram gasolina por cima.

— Provocaram um incêndio, Doutor —

acrescentou o inspetor. — Alguém em outro prédio viu e telefonou para dar o alarme. Os bombeiros vieram e apagaram. Chegamos mais ou menos na mesma ocasião, a tempo de pegar dois suspeitos, um homem e uma mulher. O homem admite que já esteve preso por outra violação similar.

— Os dois que a polícia prendeu estão em minha sala — disse Bentley. — Parece que era um bando de seis. Dominaram o vigia e trancaram-no num armário. E também sabiam como desativar o alarme contra ladrões.

— Toda a operação foi cuidadosamente planejada — comentou o inspetor da polícia. — É uma das características dessa gente.

Martin mal prestava atenção. Seus olhos se fixaram em quatro ratos que haviam corrido para um canto da área de recepção e ali se amontoavam. Agora, assustados pelas vozes, os ratos correram por outra porta aberta. Martin seguiu-os, encaminhando-se para os laboratórios e as salas dos animais.

E deparou com uma confusão total. Gaiolas de animais haviam sido removidas ou se encontravam abertas e vazias. Livros de referências de folhas soltas haviam desaparecido. Gavetas de arquivos tinham sido puxadas, uma parte do conteúdo se

espalhava pelo chão. Muitas pastas estavam desaparecidas. Presumivelmente, haviam sido queimadas lá fora.

Bentley, o inspetor e Yvonne haviam seguido Martin. Yvonne murmurou:

— Oh, Deus!

Martin, emocionado, desesperado, só foi capaz de indagar:

— Por quê? Por quê?

O inspetor sugeriu:

— Talvez devesse fazer essa pergunta à dupla que detivemos, Doutor.

Martin assentiu, sem falar. O policial seguiu na frente para a sala do administrador. Lá dentro, um jovem guarda vigiava um homem e uma mulher.

A mulher, de trinta e poucos anos, era alta e esguia. Possuía feições altivas, aquilinas, os cabelos curtos. Um cigarro aceso pendia de seus lábios. Usava uma jeans apertada, blusão de lenhador e botas de plástico, subindo até as coxas. Quando o inspetor e os outros entraram, ela fitou-os desdenhosamente, aparentemente despreocupada com a sua captura.

O homem, mais ou menos da mesma idade, era franzino e, em outras circunstâncias, poderia ser considerado humilde e manso. Parecia um clérigo,

os cabelos rareando, ligeiramente encurvado, com óculos de aros de aço. Sorriu debilmente para os recém-chegados... e com um ar de desafio.

— Esta é a linda dupla — disse o inspetor. — Já foram alertados legalmente para os seus direitos, mas parece que querem falar. Estão orgulhosos de si mesmos.

— E temos motivos para isso. — A voz do homem era esganiçada e trêmula; ele tossiu nervosamente numa tentativa de firmá-la. — Fizemos uma coisa nobre.

Martin explodiu, quase berrando:

— Vocês têm alguma idéia do que fizeram? Sabem quanto trabalho importante destruíram e desperdiçaram?

A mulher interveio:

— O que sabemos é que salvamos algumas criaturas irmãs dos vivisseccionistas... tiranos como você, que exploram os animais para seus fins egoístas.

— Se pensam assim, então são idiotas ignorantes. — Martin- queria agredir fisicamente os dois à sua frente, mas fez um esforço para se controlar. — Todos os animais soltos nasceram no cativeiro. Os que estão lá foram não podem sobreviver. E morrerão de maneira horrível. E os

que ficaram aqui dentro terão de ser destruídos.

— Melhor isso do que sofrer a sua crueldade humana — insistiu a mulher.

— Ele não é desumano! Ele não é cruel! — Era Yvonne quem falava, o rosto vermelho, a voz estridente. — O Dr. Peat-Smith é um dos homens mais bondosos que já existiram. E adora animais.

O homem comentou, desdenhosamente:

— Como bichinhos de estimação.

— Não aprovamos os animais como bichos de estimação — declarou a mulher. — É um relacionamento amo-escravo. Achamos que os direitos animais são iguais aos direitos humanos. Além disso, os animais não devem ser confinados ou sofrer apenas para tornar os seres humanos mais felizes ou saudáveis.

Sua voz, controlada e segura, exibia o tom de uma pessoa abençoada com total convicção moral. O homem acrescentou:

— Outra coisa em que acreditamos é que a espécie humana não tem qualquer superioridade sobre as outras espécies.

— No seu caso, — interveio o inspetor, — eu diria que isso é mesmo verdade.

Martin dirigiu-se à mulher:

— Você e seus companheiros lunáticos

acabaram de destruir uma pesquisa científica que levará anos para ser reconstituída. E, durante todo esse tempo, privarão milhares ou mesmo centenas de milhares de pessoas decentes e merecedoras de um medicamento para tornar suas vidas melhores, mais suportáveis...

— Uma vitória do Exército de Salvação dos Animais! — A mulher interrompeu Martin desdenhosamente. — Fico imensamente satisfeita por saber que nosso esforço foi bem sucedido. E se for repetido o que você chama de pesquisa científica e eu de atrocidades bárbaras espero que venha a morrer em agonia durante o processo.

— Sua maluca!

As palavras foram um grito, pronunciadas enquanto Yvonne investia, as mãos estendidas. Houve um momento de imobilização, em que ninguém compreendeu o que estava acontecendo. E, depois, Yvonne atacava a mulher, furiosa, as unhas lhe arranhando o rosto. Martin e o inspetor conseguiram afastar Yvonne. E a mulher do Exército de Salvação dos Animais berrou:

— Isso foi uma agressão! Uma agressão criminosa! — Os dois arranhões no rosto começando a sangrar, ela virou-se para os policiais. — Prendam essa cadela! Ela deve ser processada

criminalmente!

— Prender essa moça! — O inspetor parecia aflito. Olhou para Yvonne, que tremia toda, parecia em choque. — Prender por quê? Não vi qualquer agressão.

Ele fez uma pausa, olhando para o guarda e depois acrescentando:

— Você viu?

O guarda respondeu:

— Não, senhor. Acho que a prisioneira recebeu essas marcas no rosto dos animais, quando abria algumas das gaiolas.

Martin passou o braço pelos ombros de Yvonne.

— Vamos sair daqui. Não adianta ficar falando com essa gente.

Ao se retirarem, eles ouviram o inspetor perguntar:

— E, agora, que tal serem razoáveis e fornecerem os nomes dos outros?

— Vá se foder, seu tira! — gritou a mulher.

Bentley acompanhara Martin e Yvonne. E comentou:

— Aqueles dois irão para a cadeia.

— Espero que sim — murmurou Yvonne.

— Podem estar certos disso. E se juntarão aos

outros do tal Exército de Salvação dos Animais que já estão presos por outros ataques desse tipo. Eles se consideram mártires. Li muita coisa sobre essa gente. Supostamente, possuem centenas de partidários por todo o país. — Uma pausa e o administrador acrescentou, sombriamente: — Sinto muito. Eu deveria ter previsto que uma coisa assim poderia acontecer.

— Nenhum de nós poderia prever. — Martin suspirou. — Começaremos a limpar tudo amanhã e veremos o que restou.

7

A tarefa desanimadora de avaliar os danos no instituto de pesquisa em Harlow prolongou-se por vários dias. Ao final, Martin calculou que o ataque do Exército de Salvação dos Animais causara um retrocesso de dois anos.

Foi possível recuperar algum material das cinzas de uma pilha de registro no lado de fora do prédio, mas não muita coisa. Posteriormente, Nigel Bentley disse a Martin:

— Ao que tudo indica, aqueles malucos sabiam

o que procuravam e onde tudo se encontrava. Isso significa que contaram com ajuda interna, o que, segundo a polícia, se ajusta ao padrão de outros ataques que efetuaram. Fui informado de que eles costumam persuadir pessoas como faxineiras e pessoal de manutenção a se tornarem informantes. Tentarei descobrir os nossos Judas, embora não tenha muita esperança.

Bentley também estava adotando precauções de segurança rigorosas e dispendiosas para o futuro. E explicou:

— De certa forma, é como pôr a tranca depois da casa arrombada. Mas essa gente não desiste facilmente e pode voltar.

Martin, por sua vez, manteve contato com New Jersey, pelo telefone, no dia seguinte ao ataque. Falou com Celia Jordan. Poucos dias antes, Martin ficara na maior satisfação ao saber que Celia voltara à companhia; agora, manifestou o seu pesar pelo fato da primeira conversa entre os dois envolver notícias tão lamentáveis.

Celia ficou chocada ao tomar conhecimento da devastação em Harlow. Era terrível, em contraste com os recentes e inebriantes relatórios de progresso sobre o Peptídeo 7. Ela interrogou Martin incisivamente sobre a estimativa do atraso.

— Teremos de repetir todas as experiências com animais para recuperar nossos dados — declarou Martin. — Isso será indispensável para acompanhar qualquer solicitação para a aprovação da droga que a companhia venha a apresentar. É uma terrível perda de tempo e um custo enorme, mas não há alternativa.

— Tem certeza de que o prazo previsto é de dois anos?

— Essa é a pior das hipóteses. Se for possível reduzir em alguns meses, pode estar certa de que o faremos. Conhecemos muito mais do que há dois anos e alguns atalhos podem aparecer. Faremos o melhor possível.

— Quero que saiba que o Peptídeo 7 tornou-se extremamente importante para nós — informou Celia. — Lembra-se de uma conversa que tivemos em sua casa? Quando disse que, dispondo de mais tempo, produziria um medicamento importante, que poderia tornar o Felding-Roth extremamente rico? Essas duas últimas palavras foram suas.

Na extremidade da ligação em Harlow, Martin fez uma careta.

— Receio me lembrar. Não estava me comportando como um cientista e espero que a conversa não vá além de nós dois.

— Não irá. Mas estou lembrando isso porque a primeira parte da sua predição se tornou realidade. Agora, precisamos desesperadamente do resto.

— Dois anos para voltar ao ponto em que estávamos — repetiu Martin. — Mesmo com atalhos, não será muito menos.

Mas a conversa levou-o a acelerar a reorganização. Animais substitutos foram prontamente encomendados às firmas fornecedoras. Assim que chegaram, a equipe do instituto iniciou a tarefa tediosa de repetir o trabalho já realizado há muito tempo. Em consequência, dentro de três semanas o processo de recuperação de dados já se desenvolvia a toda velocidade.

Durante toda a provação, da noite do ataque em diante, Yvonne amparou Martin, em corpo e espírito. Assumiu o comando total de sua vida doméstica, nada lhe pedindo, fazendo tudo, de tal forma que nem sua atenção nem sua energia eram desviadas do instituto. Em outras ocasiões, ela o confortava, parecendo saber instintivamente quando permanecer silenciosamente atenta ou distraí-lo com uma conversa inconseqüente. Uma noite, depois de um dia especialmente extenuante, Yvonne lhe disse que deitasse com a barriga para baixo e aplicou-lhe uma lenta massagem sueca, para

o mergulhar num sono profundo, que durou até a manhã seguinte. Nô outro dia quando Martin perguntou como aprendera tais coisas, ela respondeu:

— Já morei com uma amiga que era massagista. Ela me ensinou.

— Notei uma coisa em você — comentou Martin. — Nunca perde uma oportunidade de aprender. Como fez ao estudar John Locke. Tem lido mais de suas obras ultimamente?

— Tenho, sim. — Yvonne hesitou por um instante. — E encontrei uma coisa que ele escreveu que se aplica ao pessoal dos direitos dos animais. Sobre o entusiasmo.

Martin disse, curioso:

— Não tenho certeza se me lembro. Pode encontrar o trecho?

O Essay de Locke estava no outro lado do quarto, mas Yvonne não precisou consultá-lo para repetir a passagem:

A revelação imediata sendo um meio muito mais fácil para os homens de estabelecerem suas opiniões e regularem seu comportamento do que o trabalho tedioso e nem sempre bem sucedido do raciocínio rigoroso, não é de admirar que alguns

se mostrem propensos a simularem uma situação e se persuadirem que estão sob a orientação peculiar dos céus em suas ações e opiniões...

Enquanto ela recitava de memória, Martin contemplava-a espantado. Observando-o, Yvonne parou de falar, corou ligeiramente e depois continuou:

Suas mentes estando assim preparadas, qualquer opinião infundada se firma solidamente em suas fantasias como uma iluminação do Espírito de Deus e de autoridade divina; e qualquer ação insólita que se descubram propensos a realizar, qualquer impulso passa a ser considerado uma orientação divina...

Yvonne parou, riu e depois acrescentou, com algum embaraço:

— Já chega.

— Não, não! — insistiu Martin. — Continue, por favor. Se puder...

Ela murmurou, em dúvida:

— Está se divertindo às minhas custas...

— De jeito nenhum!

— Está bem.

Ela voltou a recitar:

...um entusiasmo que não é baseado na razão ou na revelação divina, mas deriva das fantasias de um cérebro exaltado ou presunçoso... os homens se tornam obedientes aos impulsos que recebem de si mesmos... Pois uma fantasia forte, como um novo princípio, arrebatava tudo facilmente, quando predominava sobre o bom senso, e libertava de todos os freios da razão...

Yvonne concluiu a passagem, os olhos azuis e de aparência inocente fixados em Martin, deixando claro que ainda especulava sobre a reação dele, duvidando de si mesma. Ele disse, em tom incrédulo:

— Estou lembrando dessa citação agora. E creio que você não errou uma única palavra. Como conseguiu isso?

— Bom... eu me lembro das coisas.

— De qualquer coisa? E sempre com tantos detalhes?

— Acho que sim.

Martin se lembrou que até mesmo ao relatar

eventos triviais Yvonne parecia sempre transmitir os detalhes certos... nomes, datas, lugares, fontes, fatos antecedentes. Registrara isso subconscientemente, mas sem qualquer significado, até aquele momento. E perguntou agora:

— Quantas vezes você tem de ler alguma coisa até memorizar?

— Quase sempre basta uma vez. Mas precisei de duas vezes com Locke.

Yvonne ainda parecia contrafeita, como se Martin tivesse descoberto uma culpa secreta.

— Quero experimentar uma coisa — disse ele.

Indo até a sala, ele pegou um livro que tinha certeza que Yvonne não lera antes. Era *The Conduct of the Understanding* (A Condução da Compreensão), de Locke. Abrindo-o numa página que assinalara outrora, ele disse a Yvonne:

— Leia isto. Daqui até aqui.

— Posso ler duas vezes?

— Claro.

Ela baixou a cabeça, os cabelos louros caindo para a frente, o rosto franzido em concentração. Finalmente baixou o livro. Martin pegou-o e determinou:

— Repita agora o que leu.

Ele foi acompanhando as palavras enquanto

Yvonne recitava:

Há verdades fundamentais que se encontram no fundo, a base sobre a qual muitas outras repousam e da qual derivam a sua coerência. São as verdades férteis, ricas em provisões, com que abastecem a mente; como as luzes do céu, não apenas são belas e interessantes por si mesmas, mas também proporcionam luz e evidência a outras coisas, que sem elas não poderiam ser vistas ou conhecidas. Assim é a admirável descoberta do Sr. Newton de que todos os corpos gravitam...

Ela continuou por mais alguns parágrafos, Martin constatando que cada palavra era exatamente como estava impressa no livro em suas mãos. Ao final, Yvonne proclamou:

— ESsa passagem é uma coisa maravilhosa.

— Você também é... e o mesmo acontece com a coisa que possui. Sabe o que é?

Novamente a inquietação, a hesitação.

— Diga-me o que é.

— Você possui uma memória fotográfica. É algo especial e singular. Certamente devia saber.

— Mais ou menos. Mas eu jamais quis ser

diferente. Não uma aberração de circo.

Havia um temor na voz de Yvonne. Pela primeira vez, desde que a conhecera, Martin sentiu que as lágrimas eram iminentes.

— Mas quem, em nome de Deus, disse que você era uma aberração?

— Uma professora na escola.

Sob o terno interrogatório de Martin, a história saiu.

Ela fizera uma prova e, por causa da memória fotográfica, muitas respostas saíram iguais ao texto do livro. A professora acusara Yvonne de colar. A negativa de Yvonne fora contestada. Em desespero, ela dera um exemplo de memorização similar ao que Martin acabara de testemunhar.

A professora, furiosa por se comprovar seu erro, desdenhara a capacidade de Yvonne, descrevendo-a como uma "aberração de circo" e seu tipo de aprendizado como "sem qualquer valor".

— Não é sem valor se você compreender o que aprendeu — comentou Martin.

— Mas eu compreendo!

— Acredito nisso — assegurou ele. — Você possui um bom cérebro. Já o vi funcionar.

Depois do choque com a professora, Yvonne não apenas escondera o seu dom, mas também

tentara descartá-lo. Quando estudava, tentava conscientemente não memorizar palavras e frases, conseguindo em parte. Mas esse processo também reduzia sua compreensão do que deveria aprender e o resultado era que se saía muito mal nas provas e fracassara no que poderia levá-la à escola de veterinária.

— Os professores podem fazer muitas coisas boas, mas os estúpidos também causam muito mal — disse Martin.

Yvonne, com uma expressão triste enquanto recordava, não disse nada. Seguiu-se um silêncio, em que Martin se concentrou, pensando. E, finalmente, ele disse:

— Você tem feito muita coisa para mim. Talvez, para variar, eu possa fazer alguma coisa por você. Ainda gostaria de ser uma veterinária? .

A pergunta pegou-a de surpresa.

— E é possível?

— Muitas coisas são possíveis. O problema é só um: você ainda quer?

— Claro. É o que sempre desejei.

— Pois então deixe-me fazer algumas indagações. Vejamos o que consigo descobrir.

Não levou muito tempo.

Dois dias depois, ao terminarem o jantar que

Yvonne preparara, Martin disse:

— Vamos sentar e conversar. Tenho coisas a lhe contar.

Na pequena sala de estar, ele relaxou em sua poltrona de couro, enquanto Yvonne se acomodava no tapete em frente. Apesar de suas boas intenções, ela ainda não se livrara do excesso de peso, embora Martin deixasse bem claro que isso não o incomodava. Ele gostava da plenitude do corpo de Yvonne e suas curvas, que contemplou afetuosamente naquele momento. E lhe disse:

— Você pode se candidatar a uma vaga na escola de veterinária e com muitas possibilidades de entrar. Além disso, alguma ajuda financeira, que vai precisar para viver, é também possível e até provável, através do instituto. Mas se não conseguir o apoio financeiro necessário, tenho certeza de que eu poderei dar outro jeito.

— Mas eu teria de fazer outro trabalho primeiro e ser aprovada nos exames.

— Tem razão e já descobri o que precisará. Terá de ser aprovada em três exames... de química, física e o terceiro de zoologia, biologia ou botânica. Com a sua experiência, creio que zoologia é o melhor.

— É verdade. — Um tom de dúvida se insinuou na voz de Yvonne quando ela acrescentou:

— Eu teria de largar meu emprego?

— Não necessariamente, enquanto está-se preparando para os exames. Pode estudar durante a noite e nos fins de semana. Eu a ajudarei. Trabalharemos juntos.

Yvonne murmurou, emocionada.

— Mal posso acreditar...

— Acreditará ao descobrir o quanto terá de estudar.

— Eu me esforçarei ao máximo. Prometo. Juro que vou.

Martin sorriu.

— Sei disso. E com essa sua mente que memoriza tudo, passará nos exames sem maiores dificuldades. — Ele fez uma pausa, pensando. — Uma coisa que terá de aprender será mudar o texto do livro quando fizer as provas, a fim de não ficar idêntico. Não há sentido em deixar os examinadores desconfiados como aconteceu com sua professora. Mas pode praticar isso. E há técnicas para ser aprovada nos exames. Posso lhe ensinar isso também.

Yvonne levantou-se de um pulo e abraçou-o.

— Oh, meu amor, você é maravilhoso e a idéia é sensacional. Essa é a melhor coisa que já me aconteceu.

— Já que falou nisso, — disse Martin, — quero que saiba que venho sentindo a mesma coisa em relação a você.

8

Na sede do Felding-Roth, em New Jersey, o clima de branda euforia que se desenvolvera logo depois que Celia voltara à companhia não perdurou por muito tempo.

A notícia do ataque ao laboratório na Inglaterra, transmitida por Martin Peat-Smith, foi o primeiro fator a abalá-lo. Depois, mais perto, uma tragédia súbita e terrível projetou uma mortalha de depressão sobre todos.

Foi um acidente — ou pelo menos "acidente" foi o termo que a polícia de Boonton acabou usando para classificar a tragédia — e aconteceu num dia útil, exatamente três semanas depois do retorno de Celia.

Poucos minutos antes das nove horas, o carro da companhia com o motorista que Celia usava levou-a ao nível da passarela do prédio-garagem do Felding-Roth, perto da passagem para o prédio

principal. O motorista de Celia parou perto da passagem, no lado esquerdo, porque observara — conforme contou depois — pelo espelho retrovisor, ainda lá embaixo, o Rolls-Bentley do Sr. Hawthorne a uma curta distância atrás. Sabendo que o presidente da companhia seguiria para a sua vaga habitual, junto da parede externa e à direita do lugar em que parará o carro de Celia, o motorista deixou a passagem livre.

Celia não tinha visto o carro de Sam até que saiu do seu, com o motorista lhe abrindo a porta. Nesse instante, avistou primeiro o topo distintivo do capô, emergindo da rampa do andar inferior e depois o resto do carro.

Esperando atravessar com Sam para o elevador executivo, como nos outros dias, Celia parou, enquanto o belo automóvel — por muitos anos o orgulho e alegria de Sam — avançava a uma velocidade lenta e segura.

E foi então que aconteceu.

Com um súbito rugido do potente motor Rolls-Royce, acompanhado por um ranger dos pneus, o pesado carro projetou-se para a frente, desenvolvendo uma grande velocidade quase que no mesmo instante, como nenhum outro veículo de qualidade inferior poderia conseguir. Passou por

Celia e seu motorista como uma mancha cinza-prateada, avançando para a vaga de Sam, lançando-se sem parar contra a parede em frente. A parede se erguia até a altura do ombro, aberta por cima, a única separação entre o estacionamento e o ar lá fora, com o solo cerca de 15 metros abaixo.

Com um estrondo, a parede desmoronou e o carro seguiu além, desaparecendo.

Imediatamente depois e pelo que pareceu a Celia o tempo mais longo de sua vida houve silêncio. E, finalmente, lá de baixo e fora de vista, veio um baque intenso e o ranger de metal e o ruído de vidro espatifando.

O motorista correu para a abertura na parede. O primeiro impulso de Celia foi segui-lo. Mas ela se conteve. Em vez disso, pensando rapidamente, tornou a entrar em seu carro, que tinha um telefone, e ligou para o serviço de emergência da polícia. Forneceu o endereço e pediu que enviassem imediatamente ao local os guardas necessários, um caminhão dos bombeiros e uma ambulância. Depois, ela ligou para a mesa telefônica do Felding-Roth determinando que todos os médicos disponíveis — a companhia empregava vários — seguissem o mais depressa possível para o lado oeste do prédio-garagem. Somente depois é que Celia foi até

a abertura na parede pela qual o carro de Sam se projetara.

E ficou horrorizada com o que viu.

O automóvel antes tão bonito estava virado ao contrário e totalmente destruído. Era evidente que caíra lá embaixo de frente e depois, com a força do impacto na queda de 15 metros, virara por completo, amassando a capota. A fumaça se elevava dos destroços, embora não houvesse fogo. Uma roda retorcida girava loucamente.

Felizmente, o carro caíra num terreno baldio. Não havia ninguém lá por baixo. Não havia nada para ser danificado além de mato.

Várias pessoas já corriam para o veículo destruído e Celia pôde ouvir as sirenas que se aproximavam. Parecia impossível, no entanto, que alguém dentro do que restava do Rolls-Bentley pudesse sobreviver.

E nada além do possível aconteceu.

Levou-se mais de uma hora para se tirar o corpo de Sam, uma tarefa macabra, na qual os bombeiros não se apressaram, já que um médico, esgueirando-se entre os destroços, confirmara o óbvio... que Sam estava morto.

Celia, assumindo o comando, telefonou para Lilian, transmitindo a notícia, tão gentilmente

quanto podia, recomendando-lhe que não viesse ao local.

— Se você quiser, — ofereceu Celia, — posso ir até aí agora.

Houve um momento de silêncio e depois Lilian respondeu:

— Não. Deixe-me aqui por algum tempo. Preciso ficar sozinha.

A voz soava remota e desencarnada, como se viesse de outro planeta. Ela já sofrera bastante e agora sofreria ainda mais. O que as mulheres têm de suportar, pensou Celia.

— Daqui a pouco irei para junto de Sam — acrescentou Lilian. — Pode me informar para onde o levarão, Celia?

— Claro. E irei com você ou a esperarei lá.

— Obrigada.

Celia tentou falar com Juliet e depois com o marido dela, Dwight, mas não conseguiu localizar nenhum dos dois. Ela telefonou em seguida para Julian Hammond, o vice-presidente de relações públicas, determinando:

— Providencie imediatamente um comunicado à imprensa sobre a morte de Sam. Descreva-a como um trágico acidente. Quero a palavra "acidente" ressaltada, a fim de evitar as especulações. Pode se

referir à probabilidade do acelerador ter emperrado, fazendo com que o carro escapasse ao controle.

— Ninguém acreditará nisso — protestou Hammond.

Querendo chorar e controlando suas emoções por um fio, Celia disse bruscamente:

— Não discuta! Faça o que estou mandando! E agora!

O último serviço que prestaria a Sam, pensou Celia, depois de falar com Hammond, seria o de poupá-lo da indignidade de ser rotulado como um suicida.

Para os que eram mais chegados, no entanto, o suicídio era evidente.

O que parecia mais provável era que Sam, finalmente acabrunhado pelo fardo de desespero e culpa por causa do Montayne, vira a parede do estacionamento a frente, pensara de repente num meio de acabar com sua vida e calcara o acelerador até o fundo, avançando para a barreira relativamente frágil. Seria típico de Sam, os amigos comentaram em particular, lembrar-se do terreno baldio lá embaixo e, portanto, da ausência de perigo para qualquer outra pessoa.

Celia tinha algumas dúvidas e também os seus próprios sentimentos de culpa. Sam teria cogitado

em ocasiões anteriores de fazer aquilo, mas deixara que a sanidade prevalecesse? Depois, vendo-a naquele dia quando seu carro chegou ao topo da rampa — Celia confiante e no controle da situação, exercendo uma autoridade que teria permanecido com ele se as circunstâncias não invertessem seus papéis drasticamente — Sam teria...? Ela não era capaz de completar a pergunta, cuja resposta nunca saberia.

Um outro pensamento insistia em aflorar em sua mente: a ocasião em que Sam dissera, na sua sala, no primeiro dia da volta de Celia, "Tem mais uma coisa... algo que você não sabe." E um momento depois: "Nunca lhe direi."

Qual seria o outro segredo de Sam? Celia tentou adivinhar, mas não conseguiu. O que quer que fosse, devia ter morrido com ele.

A pedido da família, o funeral de Sam foi particular. Celia foi a única representante da companhia a comparecer. Andrew acompanhou-a.

Sentada numa cadeira dobrável bastante desconfortável, numa capela funerária, enquanto um clérigo untuoso que não conhecera Sam dizia chavões religiosos, Celia tentou apagar o presente e recordar o passado mais rico.

Há 22 anos, Sam contratando-a como

promotora... Sam em seu casamento... Ela escolhendo-o para acompanhar na hierarquia da companhia... Na convenção de vendas em Nova York. Sam arriscando seu emprego para defendê-la... "Estou aqui em cima para ser contado. Se deixarmos a Sra. Jordan ir embora desse jeito, então somos todos uns idiotas míopes." Sam superando a oposição e colocando-a no caminho de acesso mais rápido... promovendo-a ao comando dos produtos sem prescrição médica e de perfumaria, depois a diretora latino-americana... "É na área internacional que está o futuro"... Sam, em sua própria promoção e com duas secretárias... "Acho que elas ditam cartas uma à outra"... Sam, o anglófilo, sagaz ao defender um instituto de pesquisa britânico... "Celia, quero você como meu braço direito"...

Sam, que pagara por um erro de julgamento com sua reputação e agora com sua vida.

Ela sentiu Andrew se mexer a seu lado. Ele estendeu-lhe um lenço dobrado. Foi somente então que Celia percebeu que as lágrimas escorriam por seu rosto.

Novamente a pedido, somente Lilian e Juliet acompanharam o caixão até a sepultura. Celia falou rapidamente com as duas antes de se retirar. Lilian estava pálida, parecia não lhe restar muita vida. O

rosto e os olhos de Juliet estavam duros, ela dava a impressão de não ter chorado durante o serviço fúnebre. Dwight se destacava pela ausência.

Nós dias subseqüentes, Celia persistiu em seu esforço para que a morte de Sam fosse oficialmente considerada um acidente. Acabou conseguindo e explicou o motivo principal a Andrew:

— Ninguém parecia ter coragem de argumentar o contrário. E como Sam não tinha seguro de vida, financeiramente não fazia a menor diferença.

Depois de um intervalo apropriado de duas semanas, o conselho diretor do Felding-Roth reuniu-se para eleger um novo presidente. Presumia-se na companhia que era apenas uma formalidade e que Celia certamente seria a pessoa escolhida.

Seth Feingold foi à sala de Celia poucos minutos depois de terminar a reunião. Sua expressão era sombria.

— Fui encarregado de informá-la e detesto ter de fazer isso, Celia. Mas você não será presidente.

Como Celia não demonstrasse qualquer reação, ele acrescentou:

— Você pode não acreditar e, por Deus, não é justo, mas ainda há alguns homens no conselho que

não gostam da idéia de uma mulher dirigindo a companhia.

— Claro que acredito — respondeu Celia. — Algumas mulheres gastaram suas vidas para descobrir isso.

— Houve uma discussão prolongada, às vezes acalorada. O conselho se dividiu e houve vários que a defenderam com veemência. Mas os que eram contra não se deixaram demover. Ao final, tivemos de chegar a um acordo.

Seth revelou que fora designado um presidente *pro tempore*. Era Preston O'Halloran, um presidente de banco aposentado, que há muitos anos integrava o conselho do Felding-Roth. Ele tinha 78 anos e agora andava com o auxílio de uma bengala. Embora respeitado e um perito em finanças, o novo presidente tinha conhecimentos limitados da indústria farmacêutica, restritos quase que inteiramente ao que aprendia nas reuniões do conselho.

Celia já se encontrara com O'Halloran em diversas ocasiões, mas não o conhecia muito bem.

— O que significa o *pro tem*? — perguntou ela.

— O'Halloran concordou em servir por seis meses, no máximo. Daqui até lá, o conselho decidirá a designação permanente. — Seth fez uma careta. — Acho melhor eu informá-la logo que se fala em

procurar alguém fora da companhia.

– Entendo...

– Acho que eu não deveria lhe dizer isso, Celia. Mas, francamente, se estivesse no seu lugar eu diria "Que todos vão para o inferno!" E iria embora... imediatamente.

Ela sacudiu a cabeça, negativamente.

– Se eu fizesse isso, alguém diria: Era o que se podia esperar de uma mulher! Além do mais, concordei em voltar para realizar um trabalho de limpeza e é justamente o que farei. Mas quando terminar... esperemos até que isso aconteça.

A conversa lembrou-a de outra que tivera, com Sam, anos antes, quando ela fora promovida a diretora-assistente de treinamento de vendas, ao invés de diretora, porque, como Sam explicaria na ocasião, "Há pessoas na companhia que não podem engolir tanto... ainda não".

Plus ça change, plus c'est la même chose, pensou Celia. Quanto mais as coisas mudam, mais continuam iguais.

– Sente-se terrivelmente magoada? – perguntou Andrew, ao jantar.

Celia pensou por um momento antes de responder:

— Acho que sim. A injustiça me afeta. Mas, por outro lado, estranhamente, descubro que não me importo tanto quanto teria acontecido há alguns anos.

— Foi o que pensei. Gostaria que eu explicasse por quê?

Ela riu.

— Por favor, Doutor.

— Porque você é uma mulher realizada meu amor. Realizada em todos os sentidos. É a melhor esposa que qualquer homem poderia ter, uma mãe extraordinária, uma mulher elegante, responsável e competente no trabalho, pode se mostrar à altura de qualquer homem. Já provou mil vezes do que é capaz. Por isso, não precisa mais dos ornamentos e títulos, porque todos que a conhecem sabem do seu valor... inclusive aqueles idiotas chauvinistas do conselho diretor do Felding-Roth, nenhum deles valendo sequer o seu dedo mínimo. Assim, o que aconteceu hoje não podia lhe causar um só segundo de angústia, porque os autores da decisão são os perdedores e descobrirão isso mais cedo ou mais tarde.

Andrew parou de falar abruptamente e logo depois acrescentou:

— Desculpe. Eu não tencionava fazer um

discurso. Queria apenas enunciar algumas verdades e talvez animá-la.

Celia levantou-se e foi abraçá-lo, murmurando enquanto o beijava:

— E conseguiu...

O filho de Winnie — um menino saudável — nasceu no dia seguinte. O acontecimento deliciou não apenas Winnie e Hank, mas também toda a família Jordan. Lisa telefonou entusiasmada para Winnie da Califórnia e Bruce ligou da Pensilvânia. Winnie, como sempre, não se perturbou.

— Parece que acertei a sorte grande — disse ela, feliz, em seu leito no hospital. — Talvez agora Hank e eu devêssemos tentar gêmeos.

9

Vincent Lord era um homem mudado. Irradiava energia e felicidade.

Depois de quase 20 anos de dedicação científica a uma idéia exclusiva, de perseguir um sonho em que poucos outros além dele acreditavam — ou seja, a droga para reprimir os radicais livres — o sonho finalmente se convertia em realidade.

O que era agora viável, precisando apenas dos testes com animais e seres humanos para atender às exigências da lei, era uma droga que faria com que todas as outras até então perigosas se tornassem benéficas e seguras.

A Hexin W — o nome provisório de Lord para a sua criação persistia até agora — estava sendo avidamente discutida por toda a indústria, embora os detalhes completos permanecessem um segredo do Felding-Roth. Outros laboratórios farmacêuticos, que se mantinham atentos aos pedidos de patente e compreendiam todas as implicações daquela nova droga, já haviam manifestado o seu interesse. O presidente de uma companhia concorrente explicou a Celia pelo telefone:

— Claro que gostaríamos que nossos pesquisadores tivessem descoberto o que o Dr. Lord parece ter encontrado. Mas como isso não aconteceu, queremos ser os primeiros da fila quando vocês estiverem prontos para tratar de negócios.

De igual interesse era o fato de que a nova droga poderia ser usada de duas maneiras. Era possível incluí-la como um ingrediente ativo quando outras drogas fossem formuladas... ou seja, misturá-la durante a fabricação. Ou podia ser usada

como um tablete separado, a ser tomado junto com outro remédio.

Assim, a Hexin W seria uma droga de uso geral, a ser usada pelos fabricantes de outros produtos farmacêuticos e vendida não apenas por uma única companhia, mas sim por muitas. As outras companhias operariam sob licença com o pagamento de royalties — presumivelmente vultosos — ao Felding-Roth.

Entre os principais beneficiários da Hexin W estariam os pacientes de artritismo e câncer. Já existiam muitas drogas fortes para essas doenças, mas eram receitadas parcamente ou jamais, por causa dos perigosos efeitos colaterais. Com a Hexin W, esses efeitos e perigos seriam removidos ou consideravelmente reduzidos.

Vincent Lord explicou a Celia e a vários outros, durante uma reunião de planejamento de vendas, o que aconteceria com o artritismo, usando uma linguagem não-científica:

— Os pacientes têm inflamações nas articulações que causam dor e imobilidade. Isso ocorre quando o estado da doença gera radicais livres, que por sua vez atraem leucócitos, as células brancas do sangue. Os leucócitos se acumulam, criando e agravando a inflamação. Mas a Hexin W

contém a produção de radicais livres e assim os leucócitos não são atraídos. Resultado: não há inflamação e a dor desaparece.

O efeito da declaração de Lord foi tão profundo que diversas pessoas bateram palmas. Ele corou de satisfação.

Lord acrescentou que doenças menores também teriam novas opções de tratamento graças à Hexin W.

Vincent Lord encontrara a grande abertura em sua pesquisa cerca de três meses antes. Assinalou uma vitória gloriosamente satisfatória num árduo e cansativo processo de tentativa e erro... um processo freqüentemente desanimador e coalhado de repetidos fracassos.

O processo em si mesmo era outra medida do sucesso de Lord, pois havia atualmente quem o considerasse superado.

Em termos simples: o sistema desenvolvia novas drogas de antigas drogas, através da química orgânica. Começando com um composto ativo existente, a química da droga era alterada uma vez e depois novamente... e assim sucessivamente, se necessário até o infinito. A busca era sempre por uma droga nova e eficaz, derivada da antiga, mas sem toxicidade ou com um percentual mínimo.

Recordando agora, Lord podia se lembrar como, há dois anos, depois de experimentar quase mil compostos diferentes, sempre em vão, prometera a si mesmo que nunca desistiria.

Um método diferente, mais novo — empregado por Sir James Black, o eminente criador do Tagamet, da SmithKline — era definir que distúrbio biológico podia ser corrigido farmacêuticamente e depois produzir uma droga totalmente nova. Martin Peat-Smith, em Harlow, estava usando métodos genéticos, que eram ainda mais novos. Contudo, até mesmo esses últimos envolviam anos de experiências e podiam terminar em fracasso; quando davam certo, no entanto, resultavam em drogas novas e revolucionárias.

Mas Lord decidira que o método mais antigo era o que mais condizia com seu propósito e temperamento... e ele lembrou a si mesmo que estava certo nisso.

O que causava sua felicidade mais imediata era o pequeno exército de especialistas — químicos, biólogos, médicos, farmacologistas clínicos, fisiologistas, toxicologistas, veterinários, patologistas e estatísticos — que trabalhava no Felding-Roth em conjunto, empregando os talentos para levar a Hexin W à sua forma final.

Mesmo assim, por causa de um complexo programa de testes em animais e seres humanos, ainda se levaria mais dois anos antes que fosse apresentada à AAM uma solicitação para o uso geral da Hexin W.

Embora não o manifestasse expressamente, Lord ficara satisfeito ao tomar conhecimento do retrocesso do programa do Peptídeo 7 de Peat-Smith. O atraso de dois anos em Harlow significava que a Hexin W poderia chegar primeiro ao mercado.

O ânimo elevado de Lord levou-o até a tomar a iniciativa de fazer as pazes com Celia. Pouco depois que ela voltou à companhia, ele foi a sua sala. Apresentou os parabéns por sua designação e declarou:

— Fico contente que tenha voltado.

— Por falar nisso, também quero lhe dar parabéns — disse Celia. — Acabei de ler o relatório sobre a Hexin W.

— Espero que seja reconhecida como uma das grandes descobertas do século — comentou Lord, calmamente.

Nem mesmo um abrandamento com a passagem dos anos reduzira a sua avaliação do próprio valor. Na conversa com Celia, Lord preferiu

não admitir que ela estava certa em relação ao Montayne e ele errado. Seu raciocínio era de que Celia dera um palpite de sorte, anticientífico; portanto, não merecia mais crédito intelectual que o ganhador da sorte grande da loteria.

Apesar da tentativa de reaproximação com Celia, ele ficou aliviado quando ela não foi promovida à presidência com a morte de Sam Hawthorne. Seria demais conviver com isso. Por uma vez, pensou Lord, o conselho diretor demonstrara algum bom senso.

Enquanto o mundo ingressava no ano de 1978, a Hexin W continuava a ser uma grande fonte de esperança no Felding-Roth.

A designação de Preston O'Halloran para presidente *pro tem* do Felding-Roth não fez muita diferença, se é que alguma, para as responsabilidades de Celia e sua rotina cotidiana. No dia seguinte à reunião especial do conselho, O'Halloran teve uma conversa franca com ela.

Reuniram-se — somente os dois — no gabinete do presidente. A presença de um novo ocupante naquela suíte executiva era um lembrete pungente para Celia de sua dor pela morte de Sam, que ainda tinha dificuldade em aceitar. Falando com todo cuidado, em seu sotaque meticuloso da Nova

Inglaterra, o idoso O'Halloran disse:

— Eu gostaria que soubesse, Sra. Jordan, que não fui um dos que se opuseram intransigentemente à sua promoção à presidência. Serei igualmente franco ao admitir que não apoiei sua candidatura, mas acompanharia a maioria a seu favor, se isso fosse possível. Cheguei até a comunicar isso aos outros membros do conselho.

— É bom saber que considera isso uma coisa tão exagerada — comentou Celia, com um tom mordaz a que não pôde resistir.

— *Touché!*

O velho sorriu e Celia pensou: pelo menos ele tem senso de humor. Ela acrescentou, incisivamente:

— Muito bem, Sr. O'Halloran, agora sabemos em que pé estamos e isso é ótimo. O que preciso agora é que me dê instruções sobre a maneira como deseja que eu opere e a nossa divisão de funções.

— Meus amigos íntimos me chamam de Snow.
— Novamente o sorriso divertido. — O nome vem de uma juventude desperdiçada, quando eu passava a maior parte do tempo esquiando na neve. Gostaria que o usasse e talvez eu possa chamá-la de Celia.

— Muito bem... você Snow, mim Celia. E agora

vamos definir como trabalharemos.

Ela sabia que estava sendo sarcástica, mas não se importava.

— Isso é fácil. Eu gostaria que você continuasse como vem fazendo exatamente até agora... e sei que vem se desempenhando com a maior competência e habilidade.

— E você, Snow? O que fará enquanto eu continuo a ser competente e hábil?

Ele repreendeu-a gentilmente:

— O presidente não está obrigado a dar explicações à vice-presidente executiva, Celia. É o inverso que acontece. Contudo, a fim de que não haja incompreensões entre nós, deixe-me admitir que meu conhecimento da indústria farmacêutica não se compara absolutamente com o seu. O que entendo bastante... quase que certamente mais do que você... é de finanças. E é uma área nesta companhia que precisa de uma atenção especial neste momento. Portanto, será supervisionando os problemas de dinheiro que passarei a maior parte dos seis meses ou menos em que ocuparei esta cadeira.

Celia admitiu para si mesma que fora tratada com toda cortesia e paciência. E disse, mais cordialmente do que antes:

— Obrigada, Snow. Farei o melhor que puder para cumprir o meu lado do acordo.

— Tenho certeza disso.

O novo presidente não comparecia ao escritório todos os dias, mas nas vezes em que ia, desenvolveu um plano financeiro para o Felding-Roth abrangendo os próximos cinco anos, que Seth Feingold descreveu para Celia como "uma contribuição excepcional". E acrescentou:

— O velho maluco pode precisar de uma bengala para andar, mas a mente dispensa qualquer ajuda, continua tão afiada quanto uma navalha.

Ao mesmo tempo, Celia passou a apreciar O'Halloran profundamente... o seu apoio a tudo o que ela fazia, sua inabalável cortesia. Ele era realmente, numa descrição fora de moda que Celia recordava, "um cavalheiro da velha escola".

Por isso, ela lamentou bastante ao saber, na última semana de janeiro de 1978, que ele estava acamado com influenza. E ficou sinceramente triste uma semana depois, quando Snow O'Halloran morreu de uma maciça oclusão coronária.

Desta vez não houve uma demora de duas semanas para a escolha do sucessor. O assunto foi resolvido no dia seguinte ao funeral de O'Halloran.

Não aparecera nenhum candidato de fora

viável, apesar do presidente *pro tempore* ter servido por mais de quatro dos seis meses combinados.

Só havia uma escolha possível e foi a adotada pelo conselho diretor, que levou menos de 15 minutos para decidir o que já deveria ter feito no mês de setembro anterior: Celia Jordan se tornaria presidente e principal executiva do Felding-Roth.

10

A idéia básica ocorrera-lhe ao voltar de avião do Havaí, em agosto do ano anterior. Fora um comentário de Andrew que a desencadeara.

Ele dissera a Celia, Lisa e Bruce: "Não creio que se deva tomar uma droga para algo que é apenas desagradável ou autolimitado." O assunto era a gravidez. O desastre do Montayne, ainda recente nas mentes de todos, provocara o comentário.

Andrew acrescentara, aconselhando à filha: "Quando chegar a sua vez, não tome coisa alguma... E se quer um filho forte e saudável... nada de bebida ou cigarro. "

Essas palavras constituíam o fundamento do que Celia estava agora pronta para propor como

firme política da companhia. Ela tinha um nome para o que planejava: a Doutrina Felding-Roth.

Pensara em apresentar a idéia antes, durante o seu período como vice-presidente executiva, mas decidira não fazê-lo, com receio de ser repelida.

Ainda esperou mesmo depois de sua designação para a presidência, ganhando tempo, sabendo que o seu plano exigia a aprovação do conselho diretor.

Agora, sete meses depois, em setembro, ela estava pronta para entrar em ação.

Bill Ingram, recentemente promovido a vice-presidente de vendas e marketing, ajudara-a a formular em palavras a Doutrina Felding-Roth, cuja introdução dizia:

O Laboratório Farmacêutico Felding-Roth se compromete solenemente:

Artigo 1: Esta companhia jamais pesquisará, fabricará, distribuirá ou comercializará, direta ou indiretamente, qualquer produto farmacêutico destinado a uso por mulheres durante a gravidez e visando a tratar qualquer estado natural e autolimitado, como a náusea e enjôo relacionados com uma gravidez normal.

Artigo 2: O Felding-Roth defenderá ativamente, por todos os meios possíveis, que não se receite a qualquer mulher grávida e que não se lhe permita obter e usar diretamente, durante uma gravidez normal, qualquer produto do tipo descrito no Artigo 1 e de outra procedência.

Artigo 3: O Felding-Roth aconselhará a todas as mulheres grávidas a evitarem o uso de drogas – suas e de outras companhias – quer sejam ou não de prescrição médica, durante toda a gravidez, a não ser que sejam receitadas por um médico para atender a excepcionais necessidades médicas.

Artigo 4: O Felding-Roth defenderá ativamente que as mulheres grávidas se abstenham, durante toda a gravidez, de consumir bebidas alcoólicas, inclusive vinho, e de cigarros e outros tipos de fumo, inclusive a aspiração de fumaça produzida por outras pessoas. ...

Havia mais. Outra referência aos médicos era incluída, em parte para preservar o relacionamento entre médico e paciente, em parte para agradar aos médicos, que como receitadores eram os melhores

clientes do Felding-Roth. Havia referências a condições especiais, como as emergências médicas, em que o uso de drogas podia ser essencial ou preponderante. Bill Ingram comentou:

— Tudo faz mais sentido, Celia, do que qualquer outra coisa que já li em muito tempo. Alguém na indústria já deveria ter feito isso há muitos anos.

Ingram, que votara contra Celia e a favor do Montayne na reunião crítica que antecederara a saída dela, mostrara-se penitente e apreensivo por ocasião de seu retorno ao Felding-Roth. E admitira, várias semanas depois:

— Tenho me perguntado se, depois de tudo o que aconteceu, você quer que eu continue a trabalhar aqui.

— A resposta é sim — dissera-lhe Celia. — Sei como você trabalha e também que posso confiar e contar com você. Quanto ao passado, você cometeu um erro de julgamento, o que todos nós fazemos ocasionalmente. Foi azar que se convertesse num erro de consequências terríveis. Mas você não estava sozinho e imagino que aprendeu com a experiência.

— Mas claro que aprendi! E sofri também, desejando ter tido a inteligência e a coragem de

apoiá-la.

— Não deve necessariamente me apoiar sempre. Nem mesmo agora. Haverá ocasiões em que estarei errada... e se você achar que isso acontece, quero que me diga francamente.

Depois da elevação de Celia à presidência, houve uma reestruturação de funções, assim como diversas promoções. A de Bill Ingram foi uma delas. E ele já estava se saindo muito bem em seu novo cargo.

Celia, agora integrando o conselho diretor, preparou-se cuidadosamente para a reunião em que seria analisada a sua proposta Doutrina Felding-Roth.

Levando em consideração o que Sam lhe dissera a respeito de problemas com o conselho e recordando a resistência que houvera, anos antes, ao, controvertido plano para um instituto de pesquisa britânico, Celia esperava encontrar oposição.

Para sua surpresa, no entanto, houve pouca, quase nenhuma.

Um membro do conselho — Adrian Caston, que era presidente de um grupo financeiro e um homem cauteloso — perguntou:

— É sensato ou necessário nos excluirmos

permanentemente de um campo da medicina que, em algum tempo futuro, pode oferecer desenvolvimentos novos e mais seguros de uma natureza altamente lucrativa?

Estavam reunidos na sala de reuniões na sede da companhia e Celia respondeu baixando os olhos para a comprida mesa de nogueira:

— Sr. Caston, creio que é exatamente isso o que devemos fazer. E devemos porque assim estaremos bloqueando a nós mesmos e a outros que nos sucederem da tentação, a possibilidade e o risco de envolver esta companhia com outro Montayne.

Houve um silêncio atento, enquanto ela continuava:

— As memórias se desvanecem depressa. Muitas mulheres que se encontram agora na idade da maternidade não se lembram da Talidomida, até nunca ouviram falar a respeito. Dentro de mais alguns anos isso também acontecerá com o Montayne e as mulheres grávidas outra vez tomarão qualquer coisa que seus médicos receitarem. Mas se isso acontecer, que nós não tenhamos qualquer participação, lembrando que toda a história de influenciar por drogas o curso normal da gravidez sempre foi marcada pelo desastre.

Celia fez uma breve pausa, olhando os outros membros do conselho.

— O tempo e a experiência têm demonstrado que a gravidez constitui o único estado de saúde que é melhor se deixar exclusivamente aos cuidados da natureza. No Felding-Roth, estamos vivendo com o desastre de uma droga para a gravidez, pagando caro por isso agora. Para o futuro, faremos muito melhor... moral e financeiramente... em procurar nossos lucros em outros campos e aconselhar os outros a fazerem o mesmo.

Clinton Etheridge, um veterano diretor e advogado, de quem Celia esperara antagonismo, interveio em sua defesa:

— Por falar em lucros, gosto da idéia da Sra. Jordan de converter o desastre do Montayne num proveito comercial. Caso vocês ainda não tenham percebido, esta chamada doutrina... — Ele levantou o documento à sua frente. — ...é muito esperta. Representa uma peça promocional excepcional para as outras drogas que vendemos. Terá um grande valor comercial, como acho que descobriremos com o tempo.

Celia estremeceu interiormente, mas depois lembrou a si mesma que o apoio recebido valia à pena, mesmo que fosse pelos motivos errados. E

também especulou sobre Etheridge, que sabia ser um amigo e aliado de Vincent Lord, cujas posições algumas vezes defendia no conselho, como Sam descobrira há muito tempo. Lord estava a par da Doutrina Felding-Roth, sabia que seria analisada naquele dia, quase que certamente discutira o assunto com Etheridge. Portanto... o apoio que ela agora recebia seria uma maneira remota de Lord manifestar a Celia o seu pesar pelo Montayne? Ela calculou que nunca saberia com certeza.

Houve mais discussões entre os membros do conselho, especialmente perguntas sobre a maneira como a doutrina seria posta em vigor. Mas foi Owen Norton, o czar do rádio e televisão, quem deu a palavra final.

Olhando para Celia do lado oposto da mesa, Norton, que poucos dias antes comemorara o seu 82º aniversário, comentou secamente:

— Talvez tenha notado, Sra. Jordan, que estamos finalmente aprendendo a respeitar seu julgamento feminino. Só posso dizer, por mim e por outros como eu, que lamento ter demorado tanto tempo.

— Senhor, — disse Celia, falando com toda sinceridade, — acaba de tornar este dia um dos mais felizes de minha vida.

A votação que se seguiu aprovou a doutrina como a política oficial da companhia por unanimidade.

O impacto da Doutrina Felding-Roth foi considerável, embora não tão grande para o público em geral como Celia esperava.

Os médicos, com raras exceções, gostaram. Um obstetra escreveu:

Gostaria que me enviassem, por gentileza, algumas cópias extras, uma das quais pendurarei na parede do meu consultório. Tenciono apontá-la quando pacientes grávidas insinuarem que não as estou atendendo como deveria se me recusar a fazer uma receita para algum paliativo que, na minha opinião, elas estariam melhor sem tomar.

Por seus altos padrões éticos, vocês reforçaram a posição daqueles entre nós que não acreditam que haja uma droga para todas as situações. Mais poder para vocês!

As cópias extras foram enviadas... a esse médico e a muitos outros que as solicitaram.

Houve médicos que protestaram, alegando que eram eles e não um laboratório farmacêutico que deveriam aconselhar as pacientes sobre que drogas

tomar ou não e quando. Mas, a julgar pela correspondência, constituíam uma minoria insignificante.

A Doutrina Felding-Roth foi amplamente divulgada na publicidade da companhia, embora confinada a publicações médicas e científicas. Celia era favorável a princípio em divulgá-las pelos jornais e revistas de caráter geral, mas foi persuadida de que isso acarretaria um antagonismo com a medicina organizada, que reprovava, assim como a AAM, a propaganda direta aos consumidores de drogas de prescrição médica.

Talvez por causa disso, os jornais só concederam uma atenção mínima à Doutrina Felding-Roth. O New York Times publicou uma matéria de dois parágrafos na seção financeira, enquanto o Washington Post sepultava uma matéria similar numa de suas últimas páginas. Apareceram citações curtas em outros jornais, quando houve por acaso espaço de sobra. As emissoras de televisão, apesar dos esforços de persuasão do pessoal de relações públicas, não deram a menor atenção. Bill Ingram lamentou, em conversa com Celia:

— Se lançássemos no mercado uma droga que depois apresentasse efeitos colaterais nocivos inesperados, o pessoal de televisão tentaria nos

esfolar vivos. Mas quando tentamos fazer algo positivo, tudo o que recebemos são bocejos de indiferença.

— Isso acontece porque o jornalismo de televisão é simplista — disse Celia. — Seu pessoal está condicionado a procurar notícias de impacto forte e imediato e por isso evita as coisas ponderadas e cerebrais, que consomem muito tempo de transmissão. Mas não se preocupe. Haverá ocasiões em que essa política poderá nos ajudar.

Ao que Ingram respondeu, em dúvida:

— Não se esqueça de me avisar quando isso acontecer.

A reação dos outros laboratórios farmacêuticos à Doutrina Felding-Roth foi contraditória. Os que vendiam produtos para serem consumidos por mulheres durante a gravidez se mostraram abertamente hostis.

— Uma publicidade ordinária, nada mais do que isso — foi como um porta-voz de uma companhia descreveu publicamente a doutrina.

Outros insinuaram que o Felding-Roth tentava assumir uma posição hipócrita e assim prejudicava a indústria, embora não explicassem exatamente como. Contudo, houve alguns concorrentes que se

manifestaram admirados. Um respeitado líder da indústria declarou a Celia:

— Para ser franco, eu gostaria que tivéssemos pensado nisso primeiro.

Mas ela confidenciou á Andrew:

— Nada disso prova coisa alguma, exceto que não se pode satisfazer a todos.

— Seja paciente, querida. Fez uma coisa boa e desencadeou ondulações que estão se espalhando. Com o tempo, ficará surpresa ao descobrir como foram longe.

Outras ondulações estavam resultando do Montayne. Uma delas teve origem no Capitólio, em Washington.

Assessores de um veterano congressista, o Senador Dennis Donahue, passaram um ano, intermitentemente, estudando a questão do Montayne. E declararam agora que era um tema ideal para seu líder se concentrar, num comitê de inquérito do Senado. "Ideal", neste caso, significava ser de amplo interesse público e ter uma divulgação generosa e quase que certamente cobertura de televisão. O senador sempre gostava de lembrar aos que lhe eram chegados politicamente:

— Jamais esqueçamos que é na televisão que se encontram as massas e os votos.

Assim, foi anunciado que o Subcomitê de "Merchandising" Ético do Senado, presidido por Donahue, iniciaria audiências a respeito em Washington, no início de dezembro. O senador declarou, numa entrevista coletiva em outubro, que as testemunhas já estavam sendo intimadas. Outras que tinham um conhecimento direto do assunto eram convidadas a se comunicar com a equipe do comitê.

Ao ser informada do que estava para acontecer, Celia telefonou para Childers Quentin, o advogado de Washington.

— É realmente uma péssima notícia — disse ele. — Receio que sua companhia e provavelmente você, como a porta-voz da empresa, Sra. Jordan, enfrentarão momentos difíceis. Se quer um conselho, comecem a se preparar para as audiências agora, com a ajuda de advogados. Sei como essas coisas funcionam e posso lhe garantir que a equipe do senador desenterrará e divulgará todos os fatos e rumores mais desfavoráveis que puder encontrar.

11

Se a palavra demagogo não fosse criada pelos antigos gregos, no tempo de Cléon, teria sido inventada, por uma questão de necessidade, para definir o Senador Dennis Donahue, dos Estados Unidos. Não existia um exemplo mais destacado da espécie.

Ele nascera na riqueza e privilégio, mas se apresentava e regularmente se descrevia como "um filho de gente comum, um de vocês, gente de pés na terra". Nenhuma descrição poderia ser mais inacurada, mas se tornou aceita e acreditada por muitos, como qualquer coisa repetida com bastante frequência.

Outra maneira que o senador gostava de ser apresentado era como "porta-voz dos pobres e sofredores, um inimigo dos seus opressores" Se ele realmente se importava, no fundo de sua alma, com os pobres e sofredores, era uma coisa que só o próprio Donahue sabia. De qualquer forma, ele sabia como usá-los.

Em qualquer parte da nação, onde quer que acontecesse uma luta Davi x Golias que pudesse chegar ao noticiário, lá estava Donahue,

clamorosamente se aliando aos Davis, mesmo nas ocasiões em que, para as pessoas ponderadas, os Golias estivessem visivelmente certos.

— Há sempre mais Davis e são úteis na época de eleições — explicou certa vez um assessor, num momento de franqueza descuidada.

Talvez pela mesma razão, em qualquer disputa trabalhista Donahue invariavelmente apoiava os sindicatos, jamais favorecendo os empregadores, ainda que houvesse excessos dos trabalhadores.

Ele descobria muito cedo que os cenários trabalhistas e os focos de desemprego eram campos férteis para um político ambicioso. Era por isso que, em momentos de desemprego superior ao normal, o senador às vezes se juntava às filas de pessoas procurando trabalho, conversando com elas. Ostensivamente, era para "verificar pessoalmente e descobrir como o desempregado se sentia"... um objetivo admirável, a que nenhuma pessoa sensata poderia objetar. Mas havia um fato interessante: os meios de comunicação sempre tomavam conhecimento das intenções do senador. Assim, sempre havia equipes de televisão e fotógrafos de jornais a aguardá-lo. O seu rosto familiar, exibindo uma expressão emocionada enquanto discursava para os desempregados, aparecia nos noticiários de

televisão naquela noite e nos jornais no dia seguinte.

Em relação a outros interesses do "homem comum", o senador descobria um tema recente e proveitoso em suas objeções às viagens aéreas de primeira classe dos empresários, dedutíveis do imposto de renda. Se as pessoas queriam esse privilégio especial, argumentava o senador, então que pagassem diretamente, em vez de serem subvencionadas pelos outros contribuintes. Ele apresentou um projeto no Senado para que as viagens aéreas em primeira classe deixassem de ser dedutíveis, embora sabendo perfeitamente que o projeto morreria em algum ponto do processo legislativo.

Enquanto isso, a cobertura dos meios de comunicação era extraordinária. Mantendo a idéia à tona, o Senador Donahue fazia questão de viajar pessoalmente na classe turista, tomando a precaução de informar à imprensa sempre que ia embarcar num avião comercial. Mas nenhum passageiro de primeira classe jamais recebia tantas atenções e cuidados da tripulação quanto Donahue lá no fundo da classe turista.

Uma coisa que ele esquecia de mencionar publicamente era que a maioria de suas viagens aéreas se realizava no luxo de aviões particulares...

ou fretados por um fundo da família ou colocados à sua disposição por amigos.

Na aparência, Donahue era corpulento e tinha um rosto de querubim, que o fazia parecer mais jovem que os seus 49 anos. Tinha excesso de peso, sem ser gordo, referindo-se a si mesmo como "confortavelmente acolchoado". Na maior parte do tempo, especialmente em público, irradiava cordialidade, expressa através de um sorriso largo. As roupas e os cabelos exibiam um desalinho estudado, de acordo com a imagem do "homem comum".

Enquanto observadores objetivos encaravam Donahue como o oportunista que ele era de fato, muitos outros gostavam dele genuinamente, não apenas membros do seu partido, mas também adversários políticos. Um dos motivos para isso era o fato de ele possuir senso de humor e ser capaz de aceitar uma piada à sua custa. Outro era o fato de ser boa companhia, uma pessoa interessante para se conviver.

A última característica o tornava atraente para algumas mulheres, uma situação que Donahue tinha reputação de aproveitar, embora tivesse um casamento sólido e fosse visto freqüentemente em companhia da esposa e dos filhos adolescentes.

Assim era o Senador Donahue, que pouco depois das 10 horas da manhã da primeira terça-feira de dezembro declarou aberto o inquérito do Subcomitê do Senado de "Merchandising" Ético e anunciou que as audiências começariam com uma pequena declaração sua.

O subcomitê estava reunido na Sala SR-253 do prédio antigo do Senado, um cenário impressionante. O presidente e os outros senadores sentavam por trás de uma mesa elevada, em formato de U, de frente para as testemunhas e o público. Três janelas enormes davam para o parque e a fonte do Senado. Havia uma lareira de mármore. Cortinas beges ostentavam o Grande Selo dos Estados Unidos. Dennis Donahue começou a falar, lendo uma declaração preparada:

— Todos estamos a par da tragédia terrível, em escala internacional, envolvendo crianças cuja capacidade cerebral e outras funções normais foram supostamente destruídas por uma droga que, até recentemente, era receitada e vendida neste país. O nome dessa droga é Montayne.

O senador era um orador forte e persuasivo, cerca de uma centena de pessoas na sala permaneceram atentamente silenciosas. As câmaras de televisão o focalizavam. Além de Donahue, havia

mais oito senadores presentes... cinco do partido majoritário de Donahue e três do minoritário. A esquerda do presidente sentava Stanley Urbach, o principal advogado do comitê, ex-promotor federal de Boston. Por trás dos senadores havia 15 membros da equipe do comitê, alguns sentados, outros de pé.

— Estas audiências investigarão a responsabilidade por esta série de eventos e se...

Celia, que deveria ser a primeira testemunha a depor, ficou escutando enquanto o discurso da abertura de Donahue seguia por linhas previsíveis. Sentava a uma mesa coberta por um feltro verde, tendo ao lado seu advogado, Childers Quentin. Ela persuadira o cortês Quentin a aceitar aquela responsabilidade extra, explicando-lhe:

— Não há no momento qualquer outro advogado que conheça mais sobre o Montayne e tenho plena confiança em seu conselho.

E esse conselho, relacionado com o depoimento naquele dia, fora específico e objetivo:.

— Descreva os fatos completos tão honestamente, claramente e sucintamente quanto possível. Não tente ser esperta ou marcar pontos à custa de Dennis Donahue.

A última advertência fora em resposta à intenção de Celia de levantar o fato de que, mais de

dois anos antes, quando o lançamento do Montayne nos Estados Unidos estava sendo protelado pela AAM — alguns achavam que irresponsavelmente — Donahue figurara entre os que protestaram, descrevendo a demora como "totalmente ridícula nas circunstâncias".

— De jeito nenhum! — determinara Quentin.
— Por um lado, Donahue se lembrará desse comentário... e se isso não acontecer, a equipe o recordará: Assim, ele estará pronto para enfrentá-lo. Provavelmente diria que foi mais uma vítima do laboratório farmacêutico e sua propaganda ou algo parecido. Por outro lado, você provocaria o antagonismo dele, o que seria altamente inconveniente.

O advogado descrevera então para Celia alguns fatos da vida em Washington:

— Um senador dos Estados Unidos possui enorme poder e influência, sob alguns aspectos ainda mais que um presidente americano, pois o exercício do poder é menos visível. Não há um só departamento do governo em que um senador não possa entrar e fazer alguma coisa, desde que não seja afrontosa ou ilegal. Pessoas importantes, dentro e fora do governo, se empenham em prestar um favor a um senador, mesmo que seja prejudicial a outros. É um sistema de trocas e, dentro desse

sistema, o poder de um senador... que pode ser usado benevolmente ou para destruir... é a mais valiosa de todas as mercadorias.

Por tudo isso é que somente um tolo opta por converter em inimigo um senador dos Estados Unidos.

Celia aceitara o conselho e advertia-se para recordá-lo em qualquer confrontação com Dennis Donahue, a quem já detestava.

Também acompanhando Celia estava Vincent Lord, agora sentado no outro lado de Quentin. Enquanto Celia prestaria depoimento em nome do Felding-Roth e depois seria reinquirida, o papel do diretor de pesquisa era exclusivamente o de responder a perguntas, se solicitado. O Senador Donahue concluiu seus comentários, fez uma breve pausa e depois anunciou:

— Nossa primeira testemunha é a Sra. Celia Jordan, presidente do Laboratório Farmacêutico Felding-Roth, de New Jersey. Sra. Jordan, gostaria de apresentar as pessoas que a acompanham?

— Pois não, Senador.

Em poucas palavras, Celia apresentou Quentin e Lord. Donahue assentiu.

— Conhecemos bem o Sr. Quentin. Dr. Lord, estamos contentes em tê-lo conosco. Creio que tem

uma declaração a fazer, Sra. Jordan. Por favor, pode falar.

Celia permaneceu sentada à mesa das testemunhas, falando por um microfone à sua frente:

— Sr. Presidente e membros do subcomitê. Em primeiro lugar e acima de tudo, minha companhia deseja expressar o seu pesar e simpatia pelas famílias que foram parte do que o Senador Donahue descreveu há poucos momentos, corretamente, como uma tragédia em escala internacional. Embora as provas científicas completas ainda não sejam disponíveis e talvez se leve anos para reuni-las, parece agora certo que o medicamento Montayne foi responsável por lesões a fetos no útero de mulheres grávidas... numa parcela muito pequena da população total e em circunstâncias impossíveis de se prever durante os prolongados testes da droga, originalmente na França, posteriormente em outros países e antes de sua aprovação oficial pela AAM para uso nos Estados Unidos.

A voz de Celia era clara, mas baixa e deliberadamente não incisiva. Sua declaração fora elaborada com extremo cuidado e burilada por várias pessoas, embora principalmente por ela mesma e Childers Quentin. Ela se ateu ao texto

enquanto lia, apenas acrescentando uma ou outra frase ocasional, quando julgava conveniente.

— Outra coisa que minha companhia deseja ressaltar é que, em todas as questões relativas ao Montayne, em todos os estágios de teste, distribuição e comunicação de resultados, atendeu aos requisitos da lei. Quando dúvidas sérias a respeito da droga foram levantadas, minha companhia foi até além dos requisitos da lei e cancelou voluntariamente as vendas do Montayne, sem esperar pela decisão da AAM.

Celia fez uma breve pausa, antes de continuar:

— Eu gostaria agora de voltar às origens do Montayne, na França, onde foi desenvolvido pelo Laboratoire Gironde-Chimie, uma companhia de excelente reputação e com uma longa história de drogas bem sucedidas...

Além de ser preciso, o relatório era impessoal. Isso também fora decidido depois de longas discussões na sede do Felding-Roth e no escritório de Childers Quentin em Washington. O advogado perguntara a Celia:

— Como gostaria de tratar de sua renúncia por causa do Montayne?

— De jeito nenhum — respondera ela. — Meu pedido de demissão foi uma questão pessoal, de

instinto e consciência. Agora que estou de volta, represento a companhia, informando o que a companhia fez.

— E onde está a sua consciência em tudo isso?

— Ainda intacta, ainda no lugar — respondera Celia, bruscamente. — Se me interrogarem sobre o pedido de demissão, responderei honestamente. Apenas não tenciono levantar o assunto só para resguardar a minha posição.

Celia também lembrara a Quentin a ausência de qualquer base científica para sua renúncia... uma fraqueza que ela tinha consciência na ocasião e o motivo para que não quisesse que seu ato se tornasse público. Ela informou agora ao subcomitê do Senado:

— Não surgiram quaisquer dúvidas sobre a segurança do Montayne até um relatório da Austrália em junho de 1976. Mesmo então, parecia não haver motivo para preocupação, porque uma investigação do governo australiano...

Passo a passo, ela reconstituiu a história do Montayne. O relato prolongou-se por 40 minutos e Celia finalmente concluiu:

— Minha companhia atendeu às intimações do comitê, fornecendo documentos que confirmam tudo o que acabei de dizer. Estamos prontos a

cooperar por qualquer outro meio e a responder a perguntas.

As perguntas começaram imediatamente, a primeira do advogado do comitê, Stanley Urbach, rosto comprido e lábios finos, dando a impressão de sorrir apenas em raras ocasiões.

— Sra. Jordan, referiu-se ao primeiro informe australiano que levantava possíveis dúvidas sobre o Montayne. Foi seis ou oito meses antes de sua companhia colocar a droga à venda nos Estados Unidos. Isso é correto?

Celia calculou mentalmente.

— É, sim.

— Mencionou em sua declaração que houve mais dois relatórios adversos, um da França e outro da Espanha, ambos também ocorrendo antes que sua companhia lançasse o Montayne no mercado dos Estados Unidos. Novamente correto?

— Não inteiramente, Sr. Urbach. Chamou-os de relatórios adversos. O que eram... àquela altura... apenas alegações investigadas pelo Laboratório Gironde-Chimie e consideradas infundadas.

O advogado fez um gesto impaciente.

— Se vamos tergiversar sobre palavras, deixe-me perguntar o seguinte: os relatórios eram favoráveis?

— Não e talvez eu possa nos poupar algum tempo. Na indústria farmacêutica "relatórios adversos" possui um significado específico. Nesse significado, os da França e Espanha não o eram.

Urbach suspirou.

— A testemunha aceitaria a expressão "relatórios críticos"?

— Acho que sim.

Celia já sentira que seria bastante difícil e sofreria todas as pressões. O Senador Donahue interveio:

— O que o advogado está querendo saber é perfeitamente claro. A sua gente... a sua companhia... estava a par desses três relatórios antes que o Montayne fosse posto à venda aqui?

— Estávamos, sim.

— E mesmo assim ainda seguiram em frente e lançaram a droga no mercado?

— Senador, sempre há opiniões negativas a respeito de qualquer droga nova. Todas devem ser examinadas cuidadosamente e avaliadas...

— Por favor, Sra. Jordan. Não estou lhe pedindo uma preleção sobre as práticas da indústria farmacêutica. Minha pergunta exige um simples "sim" ou "não". Repito: Sabendo dos relatórios, sua companhia seguiu em frente e vendeu a droga a

mulheres grávidas americanas?

Celia hesitou.

— Estamos esperando, Sra. Jordan.

— Sim, Senador, mas...

— A resposta "sim" será suficiente. — Donahue acenou com a cabeça para Urbach. — Continue.

— Não seria melhor e mais prudente para o Felding-Roth ter efetuado mais investigações sobre esses relatórios e adiado o lançamento do Montayne? — perguntou o advogado do comitê.

Celia pensou, amargamente: fora justamente esse o seu argumento, que posteriormente a levara a pedir demissão. Lembrando-se do seu papel ali, ela respondeu:

— Em retrospectiva, claro que sim. Mas, na ocasião, a companhia estava agindo com base no conselho científico.

— Conselho de quem?

Celia pensou por um momento, antes de responder. O conselho, é claro, fora de Lord, mas ela queria ser justa.

— Do nosso diretor de pesquisa, Dr. Lord. Mas ele se baseava no que pareciam ser dados autênticos do Gironde-Chimie.

— Interrogaremos o Dr. Lord a respeito posteriormente. Enquanto isso... — Urbach

consultou suas anotações. — A decisão de seguir em frente e não adiar o lançamento do Montayne apesar dos relatórios adversos... desculpe, críticos... teve alguma relação com lucros antecipados?

— Os lucros sempre constituem um fator...

— Sra. Jordan! Sim ou não?

Interiormente, Celia suspirou. De que adiantava? Cada pergunta era uma armadilha, uma progressão tramada para uma conclusão pre-determinada.

— Sim.

— Esses lucros eram essenciais para sua companhia?

— Supunha-se que sim.

— Quais eram as previsões desses lucros?

As perguntas implacáveis e tendenciosas continuaram. Contudo, num canto de sua mente, Celia encontrou tempo para indagar: Seriam tão injustamente tendenciosas quando se encontravam tão próximas da verdade? Não houvera um momento... e não fazia tanto tempo... em que ela teria formulado aquelas mesmas perguntas? E não era irônico que ela estivesse ali no lugar de Sam Hawthorne, que deveria responder àquelas perguntas, mas estava morto? Pela primeira vez desde o Havaí, Celia se lembrou das palavras de

advertência de Andrew: Se voltar... um pouco da tragédia e responsabilidade pelo Montayne lhe será atribuído. Como acontecia com tanta freqüência, Andrew acertara. Sua provação foi interrompida pelo recesso para o almoço, com o Senador Donahue informando-a:

— Pode-se retirar, Sra. Jordan, mas por favor permaneça disponível para novas perguntas mais tarde. — O senador anunciou em seguida: — A próxima testemunha, depois do almoço, será o Dr. Vincent Lord.

12

O almoço de Celia e Quentin foi sanduíche e café de uma garrafa térmica no banco traseiro de uma limousine que ficara esperando por eles fora do prédio velho do Senado.

— É mais rápido e mais particular do que conseguiríamos em qualquer outro lugar — explicara Quentin, ao anunciar o acerto.

Agora, estavam estacionados na Jefferson Drive, não muito longe do Smithsonian, com o motorista uniformizado andando pela calçada, de

um lado para outro. Vincent Lord fora convidado para o almoço na limousine, mas recusara, tendo feito outros acertos.

— Estão fazendo com que pareça má pessoalmente — comentou Quentin, depois de algum tempo. — Como se sente?

Celia fez uma careta.

— Como alguém poderia se sentir? Não me agrada.

— O que está acontecendo é uma tática. — O advogado tomou um gole do café fumegante. — Qualquer investigação desse tipo, que é uma manobra política, precisa de um vilão para exhibir. Representando a companhia, você se põe disponível para o papel. Mas posso fazer alguma coisa para mudar isso.

— Fazer o quê?

— Deixe-me explicar o cenário primeiro. Donahue e sua equipe conhecem sua posição dentro da companhia contra o Montayne e seu pedido de demissão por causa disso. Não há possibilidade de ignorarem, pois são pessoas meticolosas. E provavelmente conhecem também os termos que você exigiu para voltar, certamente estão a par da Doutrina Felding-Roth e que você é a autora.

— Então por que...

— Escute até o fim. E também tente encarar a situação pelo ângulo deles. — Quentin acenou com a cabeça para um grupo de turistas que passava e espiou o interior da limousine, depois voltou a concentrar sua atenção em Celia. — Por que o pessoal de Donahue haveria de se preocupar em melhorar a sua imagem? E se o fizessem, em quem mais poderiam se concentrar em termos críticos? Certamente não num morto, que já está além do alcance deles.

— Acho que compreendo tudo isso e sei que você disse que se trata de uma manobra política. Mesmo assim, a verdade não tem qualquer importância?

— Se eu fosse um advogado do outro lado, responderia à sua pergunta da seguinte maneira: Claro, a verdade é sempre importante. Mas, em relação ao Montayne, a verdade está no que a companhia... Felding-Roth... fez, porque lançou o Montayne no mercado e é responsável. Quanto a você, pessoalmente... claro, você pediu demissão. Mas também voltou e, ao fazê-lo, aceitou sua cota de responsabilidade pelo Montayne, mesmo depois do fato consumado.

Quentin fez uma pausa, sorrindo sombriamente, antes de acrescentar:

— É claro que eu poderia desenvolver toda uma argumentação ao contrário e seria igualmente convincente.

— Advogados! — A risada de Celia foi seca. — Eles alguma vez acreditam em qualquer coisa?

— Sempre se tenta, embora a perpétua ambivalência seja um dos riscos da profissão.

— Disse que havia uma coisa que podia fazer. O que exatamente?

— Há no subcomitê membros do partido minoritário que mantêm relações amistosas com a sua indústria. E há também um advogado dessa minoria. Nenhum deles falou ainda e provavelmente nenhum falará, porque isso poderia sugerir que está a favor do Montayne... uma posição inadmissível. Mas o que um deles fará, se eu pedir como um favor, é fazer perguntas para destacar sua posição pessoal e fazê-la parecer boa, ao invés de horrível.

— Se isso acontecesse, ajudaria o Felding-Roth?

— Não. Provavelmente seria o contrário.

Celia disse então, resignada:

— Nesse caso, vamos deixar como está.

— Se você insiste, muito bem — murmurou o advogado, tristemente. — É a sua cabeça e o seu sangue dentro dela.

Vincent Lord assumiu o microfone reservado para as testemunhas quando começou a sessão da tarde.

Mais uma vez, Urbach comandou o interrogatório, fazendo Lord descrever inicialmente as suas credenciais científicas. O advogado do subcomitê passou então para os primeiros estágios do Montayne, Lord respondendo a todas as perguntas de maneira confiante e descontraída. Depois de uns 15 minutos, Urbach perguntou:

— Quando o Montayne estava prestes a ser lançado nos Estados Unidos e sua companhia tomou conhecimento daqueles relatórios da Austrália, França e Espanha, você recomendou um adiamento?

— Não, não recomendei.

— E por que não?

— Um adiamento naquela altura seria uma decisão administrativa. Como diretor de pesquisa, meu envolvimento era exclusivamente científico.

— Explique isso, por favor.

— Pois não. Minha responsabilidade era fornecer uma avaliação científica das informações então disponíveis e transmitidas pelo Laboratório Gironde-Chimie. Nessa base, eu não tinha qualquer motivo para recomendar um adiamento.

Urbach insistiu:

— Usou a expressão "avaliação científica". Além da ciência, teve algum pressentimento, algum instinto em relação aos três relatórios?

Pela primeira vez, Lord hesitou antes de responder:

— Posso ter tido.

— Pode ter tido ou teve?

— Eu me senti apreensivo. Mas não havia nada de científico nisso.

Celia, que se mantivera descontraída enquanto escutava, subitamente passou a prestar mais atenção. Urbach continuou:

— Se entendi corretamente, Dr. Lord, ficou numa espécie de dilema?

— Bom... isso mesmo.

- Um dilema entre ciência de um lado e do outro a sua "apreensão" como ser humano? Isso é correto?

— Creio que se pode dizer assim.

— Não é uma questão de adivinhação, Dr. Lord, nem o que eu diria. É o que você diria?

— Bom... está certo, eu diria assim.

— Obrigado. — O advogado do subcomitê baixou os olhos para suas anotações. — E para o registro, Dr. Lord, depois da leitura daqueles

relatórios de que falamos defendeu o lançamento do Montayne no mercado?

— Não, não defendi.

A série de respostas deixou Celia abalada. Lord estava mentindo. Não apenas ele apoiara o lançamento, do Montayne, mas também votara a favor na reunião promovida por Sam e desdenhara das dúvidas de Celia e de sua súplica por um adiamento. O Senador Donahue inclinou-se para um microfone e disse:

— Eu gostaria de apresentar a seguinte pergunta à testemunha: Se a sua responsabilidade fosse executiva e não apenas científica, Dr. Lord, teria recomendado um adiamento?

Lord tornou a hesitar. E depois respondeu, firmemente:

— Teria, sim, Senador.

O canalha! Celia começou a escrever um bilhete para Quentin: Isso não é verdade... Mas parou de repente. Que diferença isso faria? Suponhamos que ela contestasse a honestidade de Lord, com acusações e negativas voando de um lado para outro, o que isso mudaria? Naquela audiência, absolutamente nada. Enojada, ela amassou o papel em que começara a escrever.

Depois de mais algumas perguntas, Lord

recebeu agradecimentos por seu depoimento e foi dispensado. Deixou a sala de audiência imediatamente, sem falar com Celia ou sequer olhar em sua direção.

A Dra. Maud Stavely foi chamada como a próxima testemunha.

A presidente da Cidadãos para a Medicina Segura avançou confiante dos fundos da sala e foi postar-se junto a um microfone na mesa das testemunhas, a alguma distância de Celia e Quentin. Não olhou para eles.

O Senador Donahue cumprimentou a testemunha cordialmente e depois a Dra. Stavely leu um depoimento escrito. Descrevia as suas qualificações médicas, a estrutura da organização baseada em Nova York, as opiniões negativas da CMS sobre os laboratórios farmacêuticos e a oposição inicial do grupo ao Montayne.

Embora não gostasse das ênfases e de algumas insinuações do depoimento, Celia admitiu mentalmente que Stavely parecia profissional e impressiva. Quando as duas haviam se reunido, dois anos antes, a líder da CMS era atraente e bem arrumada; hoje, estava vestida com elegância, embora também com simplicidade, num costume marrom sob medida. Sobre o Montayne, Stavely

declarou:

— Infelizmente, nossos protestos foram prejudicados por uma carência de fundos. A CMS não possui os enormes recursos... muitos milhões de dólares... que companhias como o Felding-Roth podem despejar em promoção de vendas, iludindo os médicos e o público, levando-os a acreditar que drogas como o Montayne são seguras, mesmo sabendo... como acontecia no caso do Montayne... que as indicações são justamente do contrário.

Enquanto Stavely fazia uma pausa, Dennis Donahue aproveitou para intervir:

— Imagino, Doutora, que suas opiniões sobre o Montayne sendo confirmadas houve um aumento das contribuições à sua organização.

— Isso mesmo, Senador. E esperamos que, depois destas audiências, que aplaudimos com a maior satisfação, as contribuições se tornem ainda maiores.

Donahue sorriu sem responder e Stavely continuou. Para consternação de Celia, foi mencionada sua visita à sede da CMS. Representava uma complicação que ela esperava que fosse evitada.

O problema surgiu quando Stanley Urbach estava reinquirindo a Dra. Stavely. O advogado do

subcomitê perguntou:

— Qual foi a data da visita da Sra. Jordan à Cidadãos para a Medicina Segura?

Stavely consultou suas anotações.

— 12 de novembro de 1978.

— A Sra. Jordan declarou o propósito de sua visita naquela ocasião?

— Ela disse que queria conversar. E uma das coisas sobre as quais conversamos foi o Montayne.

— A esta altura, se não me engano, embora já aprovado pela AAM, o Montayne ainda não fora lançado no mercado. Isso é correto?

— É, sim.

— É também correto que, na ocasião, a Cidadãos para a Medicina Segura se empenhava ativamente em conseguir o cancelamento da aprovação da AAM?

— É, sim. Estávamos trabalhando nisso com o máximo de empenho.

— E esse empenho, os esforços que faziam para impedir o lançamento do Montayne, pareciam preocupar a Sra. Jordan?

— Certamente ela não estava satisfeita. E argumentou em defesa do Montayne, afirmando que era seguro. É claro que eu discordei.

— Ela explicou por que achava que a droga era

segura?

— Lembro disso nitidamente... ela não explicou. É claro que ela não tem qualificações médicas para emitir esse tipo de julgamento... não que isso impeça gente de vendas como Jordan de fazê-lo. — A voz de Stavely estava impregnada de desdém e depois ela acrescentou: — Mesmo assim, fiquei chocada ao descobrir o quão pouco ela sabia.

— Pode ser específica sobre o motivo pelo qual ficou chocada?

— Posso, sim. Está lembrado que, na ocasião, o processo australiano contra o Montayne já tivera uma ampla divulgação?

Urbach sorriu polidamente.

— Eu é que devo fazer as perguntas, Doutora. Stavely retribuiu o sorriso.

— Desculpe. O que estou querendo dizer é que Jordan nem mesmo lera a transcrição do julgamento australiano. Ela admitiu isso. E recomendei que fosse embora e o lesse.

— Obrigado, Doutora. Durante a conversa, teve a impressão de que a Sra. Jordan se apresentava como representante do Felding-Roth?

— Claro.

— E novamente me referindo ao esforço da Cidadãos para a Medicina Segura em obter o

cancelamento da aprovação da AAM ao Montayne, também teve a impressão de que o Felding-Roth se preocupava com isso e enviara a Sra. Jordan numa tentativa de contê-la?

— Isso me ocorreu, embora eu não possa prová-lo. Contudo, se foi esse o objetivo da mulher, ela deve ter compreendido imediatamente que não havia a menor possibilidade de que acontecesse.

Escutando e observando, Celia pensou: Ao contrário de Vincent Lord, Stavely não mentira. Mas que diferença a seleção de itens, o tom de voz e a ênfase temperada com opinião podiam fazer para o relato subsequente de qualquer conversa! O Senador Donahue, levantando um papel, disse ao microfone:

— Dra. Stavely, tenho aqui um documento descrito como "A Doutrina Felding-Roth". Se não o viu ainda, esta cópia lhe será entregue.

— Já o vi, Senador... e uma vez é suficiente.

Donahue sorriu.

— Presumo que tem uma opinião a respeito. Gostaríamos de conhecê-la.

— Creio que a chamada doutrina é uma peça repulsiva e vergonhosa de promoção de vendas que capitaliza uma terrível tragédia, constituindo um insulto às crianças e às famílias que foram vítimas

do Montayne.

Celia, vermelha de raiva e prestes a se levantar bruscamente, sentiu a mão de Quentin em seu braço, contendo-a. Com grande esforço, ela permaneceu sentada, o rosto corado, fervendo de raiva. Um membro da minoria no subcomitê, Senador Jaffee, comentou suavemente:

— Mas certamente, Dra. Stavely, se uma companhia reconhece um erro e promete para o futuro...

Stavely interrompeu-o asperamente:

— Pediram minha opinião e eu a dei. Se um truque desses o engana, senhor, quero que saiba que a mim não engana.

O Senador Donahue, com um meio-sorriso, baixou o documento. Depois de mais algumas perguntas, a Dra. Stavely recebeu os agradecimentos e foi dispensada.

Foi anunciado que a primeira testemunha no dia seguinte seria o Dr. Gideon Mace, da AAM.

Naquela noite, em sua suíte no Madison Hotel, Celia recebeu um telefonema. Era Juliet Goodsmith, que anunciou que estava lá embaixo, no saguão. Celia convidou-a a subir e abraçou-a afetuosamente no momento em que entrou na suíte.

A filha de Sam e Lilian parecia mais velha do

que os seus 23 anos, pensou Celia, embora isso não fosse de surpreender. Também parecia ter emagrecido... até demais, o que levou Celia a sugerir que jantassem juntas, mas a oferta foi recusada.

— Só vim porque estou em Washington, hospedada com uma amiga, e li sobre as audiências — explicou Juliet. — Não estão sendo justas com você. Foi a única na companhia que demonstrou alguma decência com aquela droga nojenta. Todos os outros se mostraram gananciosos e miseráveis. Agora, é você quem está sendo punida.

Estavam sentadas de frente uma para a outra e Celia disse, gentilmente:

— Não foi e não é bem assim.

Ela explicou que, como principal executiva da companhia, era o alvo imediato para o Senador Donahue e seus assessores; e também que suas ações pessoais não tiveram qualquer efeito sobre o lançamento do Montayne.

— O problema todo, Juliet, é que Donahue está tentando fazer com que o Felding-Roth pareça um inimigo público.

— Talvez ele esteja certo e o Felding-Roth seja mesmo um inimigo público.

— Não admito isso! — declarou Celia,

categoricamente. — A companhia cometeu um grave erro com o Montayne, mas já fez muitas coisas boas no passado e tornará a fazê-lo.

Mesmo agora, ela estava pensando com um otimismo excitado no Peptídeo 7 e na Hexin W.

— Além disso, — acrescentou Celia, — qualquer que tenha sido o erro que seu pai cometeu... e pelo qual pagou muito caro... ele não foi qualquer das coisas que você disse, ganancioso e miserável. Era um bom homem, que fez o que considerava certo na ocasião.

— Como posso acreditar nisso? Ele me deu aquelas pílulas sem avisar que não estavam aprovadas.

— Tente perdoar seu pai. Se não o fizer, agora que ele está morto, não conseguirá nada e será ainda mais difícil para você. — Enquanto Juliet sacudia a cabeça, Celia acrescentou: — Espero que venha a fazê-lo, com o tempo.

Ela sabia que era melhor não perguntar pelo filho de Juliet, agora com quase dois anos e numa instituição para os incapazes e incuráveis, onde passaria o resto de sua vida. Em vez disso, Celia perguntou:

— Como está Dwight?

— Estamos nos divorciando.

— Oh, não!

O choque e a preocupação eram genuínos. Celia lembrava-se de sua convicção, por ocasião do casamento de Juliet e Dwight, que a união seria muito forte e duraria.

— Tudo corria muito bem até que nosso filho estava com alguns meses de idade. — A voz de Juliet exibia a apatia da derrota. — Depois, quando descobrimos como ele era e por quê, nada mais deu certo. Dwight ficou amargurado com meu pai e ainda mais comigo. Queria processar o Felding-Roth e papai pessoalmente, destruí-lo no tribunal, cuidando do caso pessoalmente. Eu nunca poderia concordar com isso.

— E tinha razão. Seria terrível demais para todos.

— Depois disso, ainda tentamos recuperar nosso casamento por algum tempo — murmurou Juliet, tristemente. — Não deu certo. Não éramos mais as mesmas pessoas. E decidimos nos divorciar.

Parecia não haver muito a dizer, mas Celia pensou: Quanta tristeza e tragédia, além do óbvio, o Montayne causou!

13

Entre todas as testemunhas convocadas pelo Subcomitê do Senado de "Merchandising" Ético durante a investigação do Montayne, quem mais sofreu foi o Dr. Gideon Mace.

Em determinado momento dramático, durante a reinquirição de Mace, o Senador Donahue apontou-lhe um dedo acusador e trovejou, numa voz que se igualava à de Jeová:

— Foi você quem, representando o governo e todas as salvaguardas que o governo instituiu, desencadeou esse flagelo sobre as mulheres americanas e desamparadas crianças por nascer. Portanto, não espere sair daqui incólume, sem censura ou sem o fardo de uma consciência culpada, que deve lhe acompanhar até o fim dos seus dias.

O que Mace fizera poucos minutos antes, surpreendendo a todos os que o ouviam, fora admitir que, antes de recomendar a aprovação do Montayne pela AAM, tivera sérias dúvidas a respeito da droga, baseadas no informe australiano... dúvidas que nunca o deixaram. Urbach, conduzindo a reinquirição, quase gritara:

— Então por que a aprovou?

Ao que Mace respondera, emocionado mas vacilante:

— Eu... eu não sei.

A resposta — a pior que ele poderia dar — produziu entre os espectadores uma onda de choque audível, de incredulidade e horror, e as palavras de Donahue um momento depois.

Até aquele momento, Mace parecera — embora obviamente nervoso — estar no controle de si mesmo e capaz de explicar as suas ações como o funcionário da AAM que analisara o pedido de aprovação do Montayne. Começara com uma declaração curta, descrevendo a enorme quantidade de dados — 125 mil páginas, em 307 volumes — depois os detalhes de suas várias indagações sobre esses dados, resultando em adiamentos. Explicara que essas indagações haviam sido respondidas de maneira satisfatória. Ele não fez qualquer alusão ao informe da Austrália, um assunto que só aflorou depois, em resposta às perguntas.

Fora durante o interrogatório, quando se chegara ao problema australiano, que Mace se tornara emocionalmente transtornado e depois parecera desmoronar subitamente. E seguira-se a terrível confissão: "Eu não sei. "

Apesar de consciente da posição fraca de Mace,

Celia sentiu alguma compaixão por ele, achando que a carga de culpa que lhe atribuíam era desproporcional. Depois, ela falou a respeito com Childers Quentin.

— É em momentos assim que fica claramente demonstrado que o sistema britânico de aprovação de novas drogas é superior ao nosso — comentou o advogado.

Celia perguntou por que e Quentin explicou:

— Na Inglaterra, um Comitê de Segurança dos Medicamentos aconselha o Ministro da Saúde, mas é o próprio ministro quem concede a autorização final. Os servidores públicos aconselham, é claro, mas o ministro assume a responsabilidade. Assim, se alguma coisa sair errada, é ele... e somente ele... quem tem de enfrentar o Parlamento e arcar com a culpa.

O advogado fez uma pausa, a expressão muito séria.

— Um ministro do governo britânico não faria algo tão covarde como estamos permitindo acontecer aqui... deixe que um servidor como Mace assuma a responsabilidade e compareça ao Capitólio, aceitando a culpa. Se tivéssemos o mesmo sistema moral vigoroso, o Secretário de Saúde, Educação e Bem-Estar estaria lá em cima,

enfrentando Donahue. Mas onde está o secretário neste momento? Provavelmente escondido em seu gabinete ou convenientemente fora da cidade.

Quentin achava que havia outra fraqueza no sistema dos Estados Unidos.

— Um efeito do que está acontecendo é o pessoal da AAM se tornar excessivamente cauteloso, não querendo ser arrastado perante um comitê do Congresso e talvez ser crucificado. Assim, ao invés de aprovarem drogas que deveriam estar disponíveis, eles permanecem de braços cruzados, esperando, às vezes por tempo demais. Claro que é necessário alguma cautela... mais do que isso, muita cautela... com drogas novas. Mas um exagero pode ser prejudicial, retardando o progresso na medicina, privando médicos, hospitais e pacientes de curas e outros acessórios que deveriam ter.

Celia sentiu-se aliviada quando o ordálio de Mace finalmente terminou e foi decretado um recesso. Ao mesmo tempo, por causa de sua paixão anterior, ela levantou-se e aproximou-se dele.

— Dr. Mace, sou Celia Jordan, do Felding-Roth. Eu queria apenas dizer...

Ela parou de falar, confusa e consternada. À menção do Felding-Roth, as feições de Mace se

contorceram numa expressão de ódio intenso e brutal, como ela nunca vira antes. Os olhos ardendo, os dentes rilhando, ele disse:

— Fique longe de mim! Está-me entendendo? Nunca mais chegue perto de mim!

Antes que Celia pudesse recompor os pensamentos e responder, Mace virou-se e afastou-se. Quentin, logo atrás, perguntou, curioso:

— O que houve?

Abalada, ela murmurou:

— Não sei. Aconteceu quando mencionei o nome da companhia. Ele pareceu ficar transtornado.

— E daí? — O advogado deu de ombros. — O Dr. Mace não gosta do fabricante do Montayne. É compreensível.

— Tenho certeza de que é algo mais.

— Eu não me preocuparia com isso.

Mas a expressão de ódio permaneceu gravada na mente de Celia, perturbando-a e desconcertando-a, pelo resto do dia.

Vincent Lord permanecera em Washington por um dia a mais e Celia teve uma confrontação com ele por causa de seu depoimento na tarde anterior. Ocorreu em sua suíte no hotel, onde ela acusou-o frontalmente de mentir e perguntou:

— Por quê?

Para sua surpresa, o diretor de pesquisa não contestou a acusação e disse, contrito:

— Tem toda razão. Sinto muito. Eu estava nervoso.

— Não parecia estar nervoso.

— Nem sempre transparece. Todas aquelas perguntas me confundiram. E fiquei imaginando o que o tal de Urbach sabia.

— O que ele podia saber?

Lord hesitou, procurando por uma resposta.

— Acho que nada mais do que todos nós sabemos. Apenas achei que minha resposta era a maneira mais rápida de acabar com as perguntas e escapar de lá.

Celia não se deixou convencer.

— Por que você, mais do que qualquer outro, teria de escapar rapidamente? O que está acontecendo é desagradável para todos, inclusive para mim. Todos temos de responder a nossas consciências. Mas nunca se fez nada de ilegal com relação ao Montayne. — Ela parou abruptamente, uma idéia súbita lhe ocorrendo. — Ou será que estou enganada?

— Claro que não!

Mas a resposta veio um segundo depois e com ênfase demais. As mesmas palavras de Sam, como já

acontecera antes, tornaram a aflorar na mente de Celia: "Há... uma coisa que você não sabe." Ela fitou Lord e disse, ironicamente:

— Vince, há alguma coisa... absolutamente qualquer coisa... sobre o Montayne e o Felding-Roth que não tenha me informado?

— Posso jurar... absolutamente nada. O que poderia haver?

Ele estava mentindo outra vez. Celia tinha certeza. E também sabia que o segredo de Sam, qualquer que fosse, não morreria com ele... que Lord o partilhara.

Mas, no momento, ela não podia ir adiante.

As audiências do subcomitê prolongaram-se por quatro dias. Houve outras testemunhas, inclusive dois médicos, neurologistas que haviam examinado crianças lesionadas pelo Montayne. Um dos médicos estivera na Europa para estudar casos ocorridos ali e mostrou slides de crianças que vira. Exteriormente, não havia nada para sugerir que as crianças fotografadas não fossem normais. Mas quase todas estavam deitadas e o especialista explicou:

— A não ser pelos menores, sempre se terá de fazer todos os movimentos por essas crianças. Além disso, elas sofreram graves lesões cerebrais durante

o estágio embrionário.

Os rostos de algumas crianças eram lindos. Havia um menino de dois anos, mais velho do que as outras. Sustentado por uma mão invisível por trás, ele olhava para a câmara com olhos que pareciam comoventes. A expressão era vazia.

— Esta criança nunca pensará como nós e quase que certamente nunca terá percepção do que acontece ao seu redor — explicou o neurologista à audiência.

O rostinho lembrou Celia intensamente de Bruce na mesma idade, há 16 anos. Bruce, que escrevera poucos dias do Williams College, que estava agora cursando:

Queridos papai e mamãe:

O colégio é sensacional! Adoro tudo aqui. E o que mais gosto é que eles querem que a gente pense, pense, pense...

Celia sentiu-se contente porque as luzes haviam sido apagadas para a projeção dos slides, depois percebeu que não era a única a usar um lenço para enxugar os olhos.

O Senador Donahue, depois que o médico terminou, parecia estar tendo problemas com a voz.

É verdade, pensou Celia, apesar de sua pomposidade e interesse político, ele também se importa.

Qualquer suavidade que houvesse em Donahue já se desvanecera claramente quando, na tarde do quarto e último dia de audiências, Celia foi reconvocada como testemunha. Mesmo nas conversas com sua própria equipe, o senador parecia impaciente e irritado. Antes que Celia fosse chamada, Quentin sussurrou-lhe:

— Tome cuidado. O grande homem dá a impressão de que comeu alguma coisa no almoço que não lhe caiu bem no estômago.

Celia foi interrogada pelo advogado do subcomitê, Stanley Urbach, sobre questões de outros depoimentos que se relacionavam com o que ela prestara anteriormente. Quando inquirida sobre a declaração de Vincent Lord de que teria adiado o lançamento do Montayne se lhe coubesse tal responsabilidade, ela respondeu:

— Já conversamos sobre isso. Minha recordação diverge do que o Dr. Lord se lembra, mas não vejo sentido em contestar seu depoimento. Portanto, vamos deixar como está.

Quanto à sua visita à sede da Cidadãos para a Medicina Segura, Celia disse:

— Há diferenças na interpretação. Fui procurar a Dra. Stavely num súbito impulso e com intenções amistosas, pensando que poderíamos aprender alguma coisa uma com a outra. Mas não foi assim que aconteceu.

Urbach indagou:

— Foi até lá pensando em falar sobre o Montayne?

— Não especificamente.

— Mas acabaram falando do Montayne?

— Isso mesmo.

— Esperava persuadir a Dra. Stavely e a Cidadãos para a Medicina Segura a suspender ou moderar a campanha para o cancelamento da aprovação concedida ao Montayne?

— Claro que não. Essa idéia nunca me ocorreu.

— Sua visita foi oficial, por conta da companhia?

— Não. Na verdade, ninguém do Felding-Roth sabia de minha intenção de visitar a Dra. Stavely.

Em sua cadeira, ao lado de Urbach, Donahue parecia insatisfeito. E resolveu perguntar:

— Todas essas respostas são verdadeiras, Sra. Jordan?

— Todas as minhas foram absolutamente verdadeiras. — Celia sentiu-se dominada pela raiva

e acrescentou: — Gostaria de me submeter a um detector de mentiras?

Donahue amarrou a cara.

— Não está em julgamento.

— Desculpe, Senador. Eu não tinha percebido.

Furioso, Donahue gesticulou para que Urbach continuasse. O interrogatório passou para a Doutrina Felding-Roth.

— Ouviu a Dra. Stavely descrever o documento como uma peça vergonhosa de promoção de vendas — disse Urbach. — Concorde com essa avaliação?

— Claro que não. A doutrina não tem qualquer outro objetivo que não o declarado e franco de determinar a futura política da companhia.

— Ahn... Quer dizer então que está convencida de que não terá absolutamente qualquer valor de promoção de vendas?

Celia sentiu uma armadilha sendo preparada. Resolveu ser cautelosa.

— Eu não disse isso. Mas se... como uma declaração honesta... eventualmente adquire esse valor, não foi essa a intenção original.

Donahue estava se remexendo. Urbach virou-se para ele, inquisitivo.

— Pois não, Senador?

O presidente do subcomitê parecia indeciso,

sem saber se devia ou não interferir. Mas acabou dizendo, asperamente:

— Tudo se resume a uma questão de interpretação, não é mesmo? Se devemos acreditar numa pessoa altruísta e dedicada como a Dra. Stavely ou na porta-voz de uma indústria tão obcecada pelo lucro que regularmente mata ou mutila as pessoas, usando drogas que sabe de antemão serem inseguras?

Houve murmúrios dos espectadores. Até mesmo os assessores de Donahue pareciam apreensivos, sentindo que ele fora longe demais. Ignorando todo o resto, Celia perguntou asperamente:

— É uma pergunta dirigida a mim, Senador? Ou é o que parece ser... uma declaração tendenciosa, sem qualquer prova, revelando esta audiência como uma manobra escusa que firmou seu veredicto antes que todos nós chegássemos a uma conclusão?

Donahue apontou para Celia, como fizera com Mace.

— Deixe-me advertir a testemunha: há um crime neste lugar que se chama desacato ao Congresso.

Não se importando com mais nada, Celia

gritou em resposta:

— Não me tente!

O senador trovejou:

— Eu lhe ordeno que explique o que acabou de dizer!

Celia já fora além de qualquer cautela. Mal ouvindo a súplica sussurrada de Quentin e desvencilhando-se de sua mão, ela levantou-se abruptamente.

— Explico ao ressaltar que o mesmo que está sentado aqui, julgando o Montayne, o Felding-Roth e a AAM, há dois anos reclamou do atraso na aprovação do Montayne e descreveu-o como absurdo.

— Isso é uma mentira! Está agora cometendo um desacato, madame! Nunca fiz tal declaração!

Celia experimentou uma satisfação intensa. Donahue esquecera! O que não chegava a ser surpreendente... afinal, ele fazia incontáveis declarações sobre incontáveis assuntos. E seus assessores, se sabiam o que ele dissera antes, haviam esquecido de avisá-lo. Nas duas coisas, Quentin se enganara.

Havia uma pasta à sua frente que Celia não abrira até aquele momento. Ela só a trouxera para alguma emergência. Tirou lá de dentro um bolo de

recortes de jornais. Pegou o que estava por cima.

— Este recorte é do Washington Post de 17 de setembro de 1976. Ela ainda estava de pé quando começou a ler:

"Referindo-se à droga Montayne, atualmente sob análise pela AAM e destinada a mulheres durante a gravidez, o Senador Dennis Donahue descreveu hoje a ausência de uma decisão do órgão federal como "claramente absurda nas circunstâncias".

Uma pausa e ela acrescentou:

— A mesma notícia saiu em outros jornais. E tem mais uma coisa, Senador.

Celia selecionou outro papel na pasta. Donahue, que corara intensamente, estendeu a mão para o martelinho de madeira, com a intenção visível de encerrar a sessão. E foi nesse instante que, no lado da minoria, o Senador Jaffee interveio:

— Não! Não! Deixe a testemunha terminar. Quero ouvir o que ela tem a dizer.

— Acusou a nossa indústria de matar pessoas — disse Celia, dirigindo-se a Donahue. — Tenho aqui os registros dos seus votos na questão dos subsídios ao tabaco desde que entrou no Congresso, há 18 anos. Em todos esses anos, sempre votou a

favor dos subsídios. E com esses votos, Senador, ajudou a matar mais pessoas de câncer do pulmão do que a indústria farmacêutica matou na maior parte de sua história.

As últimas palavras se perderam num tumulto de gritos confusos, alguns de Donahue, batendo com o martelo e berrando furiosamente:

— A audiência está suspensa!

14

O que começara para Celia como uma experiência deprimente terminou — ou pelo menos assim parecia — como um triunfo pessoal:

Na mesma noite do seu choque explosivo com o Senador Donahue, as redes de televisão — ABC, CBS e NBC — exibiram quase que toda a cena dramática em seus noticiários. Um crítico escreveu posteriormente: "Foi teatro de primeira classe e a televisão num dos seus melhores momentos."

Os jornais, no dia seguinte, concederam à notícia uma proeminência similar. O New York Times assim intitulou a sua matéria:

Mulher Corajosa Derrota um Senador

O Chicago Tribune disse:

Senador Donahue Provoca Jordan e Depois se Arrepende

Havia outras ênfases.

Neste caso, como se constatou, os repórteres — tanto da televisão como do jornalismo impresso — haviam-se preparado bem e efetuado alguma investigação prévia. Um deles explicou a Julian Hammond, que depois transmitiu a informação a Celia:

— A maioria de nós sabia que a Sra. Jordan pedira demissão por causa do Montayne e também que fora por sua insistência, ao voltar, que a droga fora retirada do mercado sem esperar pela decisão da AAM. O que ninguém parecia ter certeza era a melhor maneira de usar essa informação. Por isso, resolvemos guardá-la e esperar os acontecimentos. Ao final, como descobrimos, isso foi justamente o melhor.

Assim, a maioria das reportagens, depois da confrontação, apresentou Celia sobressaindo de duas maneiras. Primeiro, tanto por seu afastamento

do Felding-Roth como por seu retorno — em circunstâncias que agora se tornavam públicas — revelando-a como uma pessoa de firmes princípios morais. Segundo, sua recusa em sair-se bem nas audiências do Senado à custa do empregador, demonstrando uma lealdade meritória.

O Wall Street Journal disse num editorial:

Há geralmente mais honra no mundo dos negócios do que se acredita. Assim, é extremamente satisfatório ter alguma honra não apenas obviamente demonstrada, mas também amplamente reconhecida.

Poucos dias depois de sua volta de Washington, Celia reuniu-se com Julian Hammond, no gabinete da presidência. O vice-presidente de relações públicas trouxera uma batelada de recortes, que espalhou pela mesa de Celia, na maior felicidade. Momentos depois, foi anunciada a chegada de Childers Quentin.

Celia não falava com o advogado de Washington desde aquele último dia no Capitólio. Sua visita agora era para acertar com Celia algumas propostas de acordo nas ações judiciais contra o Montayne.

Ela disse à secretária que o mandasse entrar.

Celia teve a impressão de que Quentin parecia cansado e desanimado, enquanto se cumprimentavam e ela o convidava a sentar.

Hammond disse:

— Eu já estava de saída, Sr. Quentin. — Ele apontou para os recortes. — Estávamos saboreando os espólios da vitória.

Quentin não pareceu ficar impressionado.

— É assim que os chamam?

— Claro. — O vice-presidente de relações públicas ficou surpreso. — Não pensa assim também?

A resposta saiu mal-humorada:

— Se vocês dois pensam assim, então são ambos míopes.

Houve um momento de silêncio, rompido por Celia:

— Muito bem, está com alguma coisa a preocupá-lo. Diga-nos o que é.

— Tudo isso, — declarou Quentin, gesticulando para os recortes — assim como a cobertura que teve na televisão, é de fato inebriante. Mas a maior parte estará esquecida dentro de algumas semanas. A publicidade não resultará em nada... não contará.

Foi Hammond quem perguntou:

— O que contará então?

— O que contará é que esta companhia... e você pessoalmente, Celia... adquiriu um formidável inimigo. Conheço Donahue. Você fez com que ele parecesse um idiota. Pior do que isso, agiu em sua própria casa, o Senado... e com milhões de pessoas assistindo. Se, a qualquer momento no futuro, ele puder causar qualquer prejuízo ao Felding-Roth ou a você pessoalmente, Celia, podem estar certos de que o fará e com a maior satisfação. Ele nunca perdoará. Mas nunca mesmo. Pode até procurar por meios de prejudicá-los... e um senador dos Estados Unidos, como eu já lhe expliquei uma vez, controla as alavancas do poder.

Era como se de repente lhe despejassem em cima uma ducha de água gelada, pensou Celia. E ela sabia que Quentin estava certo.

— O que sugere então?

O advogado deu de ombros.

— Por enquanto, nada. Para o futuro, da melhor forma que puder, seja cautelosa. Não se meta... nem ao Felding-Roth... em qualquer situação em que o Senador Donahue possa prejudicá-los.

15

— Como é a Sra. Jordan? — perguntou Yvonne a Martin. Ele pensou por um momento, antes de responder:

— Atraente. Forte. Inteligente. Extremamente competente em seu trabalho. Franca e honesta. Assim, quando se lida com ela, sempre se sabe onde se está pisando.

— Já estou nervosa só de pensar no encontro.

Martin riu.

— Não precisa ficar. Prevejo que gostarão uma da outra.

Era uma noite de sexta-feira, em julho, os dois estavam na casa de Martin em Harlow, para a qual Yvonne se transferira completamente quase um ano antes. Ela abandonara o seu pequeno apartamento porque parecia uma despesa desnecessária.

Na sala de estar, naquele momento, livros e papéis se espalhavam por toda parte — uma demonstração dos estudos de Yvonne para passar nos exames, que seriam realizados dentro de seis meses. Um ano e meio já transcorrera desde que, por estímulo de Martin, ela assumira os estudos intensivos que acabariam levando-a, como ambos

esperavam, à medicina veterinária.

Os estudos transcorriam muito bem. Yvonne, adorando o que fazia, nunca se sentira mais feliz. Sua alegria impregnava toda a casa e era Partilhada por Martin. Além de continuar a trabalhar no Instituto de Pesquisa do Felding-Roth durante o dia, ela estudava à noite e nos fins de semana. Martin, conforme prometera, ajudava Yvonne, complementando os estudos dela com sua experiência prática.

Outro motivo para satisfação eram os progressos realizados no instituto. Desde o devastador ataque do Exército de Salvação dos Animais que a reconstituição dos dados se processara mais depressa do que se imaginara. Agora, não apenas tudo já fora recuperado, mas também o desenvolvimento do Peptídeo 7 avançara ao ponto em que se encontrava pronto para uma revisão de produto da administração.

Celia, juntamente com vários outros representantes de New Jersey, chegaria a Harlow com esse objetivo na quarta-feira da semana seguinte.

Naquele momento, porém, os pensamentos de Celia representavam uma distração. Martin continuou a franzir o rosto, como fazia há vários

minutos, enquanto estudava um livro, Princípios de Química Orgânica, de Murray.

– Reescreveram este livro depois que o estudei na escola. Algumas das coisas novas são irrealistas. Vai aprendê-las, mas trate de ignorá-las depois.

Yvonne perguntou:

– Está-se referindo aos nomes químicos sistemáticos?

– Claro.

O sistema de Genebra para os elementos químicos fora criado pela União Internacional de Química Pura e Aplicada, IUPAC. A idéia era a de que o nome de qualquer composto químico devesse indicar também a sua estrutura. Assim, iso-octana tornara-se 2,2,4-trimetilpentano, o ácido acético – vinagre comum – era ácido etanóico e a glicerina comum passava a ser propano-1,2,3-triol. Infelizmente, os químicos que deveriam usar os nomes da IUPAC raramente o faziam, embora os examinadores os exigissem nas provas. Por isso, Yvonne estava aprendendo os novos nomes para os exames e os antigos para o futuro trabalho em laboratório.

– Vocês nunca usam os nomes da IUPAC no laboratório? – perguntou ela.

– Quase nunca. A maioria de nós não

consegue se lembrar deles. Além do mais, são muito difíceis de se usar. De qualquer maneira, vou testá-la nos dois.

— Está bem.

Sucessivamente, Martin enunciou 20 compostos químicos, as vezes usando o nome antigo, outras o código mais recente. A cada vez, sem a menor hesitação, Yvonne indicava o nome alternativo. Martin finalmente fechou o livro, sacudindo a cabeça.

— Essa sua memória ainda me espanta. Eu gostaria que a minha fosse igual.

— É por causa de minha memória que você não me deixa tomar o Peptídeo 7?

— Em parte, sim. Mas é principalmente porque não quero que corra qualquer risco.

Um mês antes, Martin postara um aviso no instituto: Procuram-se Voluntários.

O aviso dizia que quaisquer membros da equipe que estivessem dispostos a tomar o Peptídeo 7, através de injeções, para a primeira série de testes com seres humanos saudáveis, deveriam assinar por baixo. Os objetivos e os riscos potenciais eram cuidadosamente enunciados. Antes de colocar o aviso, Martin fora o primeiro a assinar como voluntário.

Rao Sastri assinara imediatamente depois. Em poucos dias, havia mais 14 assinaturas, inclusive a de Yvonne.

Da lista final, Martin escolhera um total de 10 voluntários. Yvonne não figurava entre eles. Quando ela indagara pela omissão, Martin respondera:

— Talvez mais tarde. Ainda não.

O objetivo dos primeiros testes com seres humanos não era estudar resultados positivos do Peptídeo 7, mas sim procurar por efeitos colaterais perniciosos. E Martin explicara para Celia, por telefone, na ocasião:

— Temos permissão para fazer esse tipo de teste na Inglaterra por conta própria, embora na América vocês precisem da autorização da AAM.

Até agora, depois de 20 dias de controle meticuloso dos voluntários, que continuavam a receber doses regulares do Peptídeo 7, não houvera efeitos colaterais visíveis. Martin estava exultante, embora sabendo que seria necessário efetuar muitos mais testes humanos.

— Eu gostaria de tomar logo o Peptídeo 7. — Yvonne suspirou. — É provavelmente a única maneira pela qual conseguirei me livrar da gordura extra. Por falar nisso, comprei salmão para nós

amanhã.

Martin contemplou-a com uma expressão radiante.

— Você é um anjo!

Salmão defumado era a coisa de que mais gostava de comer pela manhã, nos fins de semana, quando dispunha de tempo suficiente para saborear à vontade. Uma pausa e sua voz tornou-se mais séria, quando acrescentou:

— Vou visitar minha mãe amanhã. Conversei com papai hoje e ele me informou que os médicos disseram que não resta muito tempo a ela.

Embora a deterioração do estado da mãe de Martin fosse lenta, a progressão da doença de Alzheimer se mostrara implacável. Poucos meses antes, Martin a internara numa casa de saúde de Cambridge, onde ela agora flutuava à beira da vida. O pai continuava a viver num apartamento pequeno mas aconchegante, que Martin alugara para os dois, pouco depois de ingressar no Felding-Roth.

— Sinto muito. — Yvonne pôs a mão sobre a dele, num gesto de simpatia. — Irei com você, se não se importa. Ficarei estudando no carro.

Na manhã seguinte, no instituto, enquanto Martin examinava a correspondência e lia o resumo

de computador sobre as atividades do dia anterior, Yvonne foi para a sala dos animais. E foi lá que ele a encontrou mais tarde. Yvonne estava parada diante de uma gaiola que continha vários ratos e Martin ouviu-a exclamar:

— Seu velho tesudo!

Ele perguntou, divertido:

— De quem está falando?

Yvonne virou-se e depois apontou para a gaiola.

— Estes bichos aqui estão entre os mais vorazes que já conheci. E ultimamente parece que nunca ficam satisfeitos. Preferem fazer sexo a comer.

Enquanto Martin observava, o rato a que Yvonne se referira continuou a copular com uma fêmea submissa, enquanto outra dupla, numa gaiola adjacente, divertia-se da mesma forma.

Ele olhou para as indicações datilografadas nas duas gaiolas. Notou que todos os ratos vinham recebendo a mais recente e refinada solução de Peptídeo 7.

— Você disse que eles andam assim "ultimamente". O que isso significa?

Yvonne hesitou por um instante, depois olhou atentamente para Martin.

— Acho... desde que eles começaram a receber

as suas injeções.

— E não são ratos jovens?

— Se fossem humanos, já teriam caído na aposentadoria compulsória.

Martin riu e disse:

— Provavelmente é coincidência.

Mas ele pensou: Será mesmo? Como se lesse os pensamentos dele, Yvonne perguntou:

— O que vai fazer?

— Na segunda-feira, eu gostaria de verificar o ritmo de procriação dos ratos que tomaram o Peptídeo 7. Informe-me se está na média ou acima.

— Não preciso esperar até segunda-feira. Já posso lhe dizer agora: está bastante acima do normal. Até este momento, porém, eu não tinha feito a ligação...

Martin disse abruptamente:

— E não faça! As pressuposições podem levar a caminhos falsos. Limite-se a me enviar todos os dados disponíveis.

Yvonne murmurou, submissa:

— Está bem.

— Depois disso, apronte dois novos grupos de ratos mais velhos, machos e fêmeas. Mantenha os grupos separados, mas deixe que cada grupo coabite. Um grupo receberá o Peptídeo 7, o outro

não. Quero um estudo computadorizado dos hábitos de acasalamento de cada grupo.

Yvonne soltou uma risadinha.

— Um computador não lhe dirá quantas vezes...

— Suponho que não. Mas pelo menos poderá controlar as ninhadas. Vamos nos contentar com isso.

Ela balançou a cabeça e Martin percebeu que pensava em mais alguma coisa. E perguntou:

— O que foi, querida?

— Estava pensando numa coisa curiosa que aconteceu ontem. Enquanto eu comprava aquele salmão defumado. Mickey Yates não é um dos seus voluntários?

— É, sim.

Yates, um técnico de laboratório, era o mais velho dos voluntários do Peptídeo 7. Fazia tudo o que podia para ser prestativo e ajudar Martin, desde o incidente, vários anos antes, envolvendo Celia e o rato guilhotinado. A participação no programa de testes era a mais recente contribuição de Yates.

— Pois encontrei sua mulher no mercado e ela comentou que era ótimo que o trabalho de Mickey estivesse fazendo com que ele se sentisse jovem outra vez.

— E o que isso significa?

— Perguntei a ela. A mulher ficou vermelha e disse que atualmente Mickey se sentia tão "vigoroso e incansável"... essas foram as suas palavras... que a mantinha muito ocupada na cama.

— Ela disse que isso só passou a acontecer recentemente?

— Tenho certeza que sim.

— E ele não era assim antes?

— Segundo a mulher, raramente.

— Estou espantado que ela tenha falado a respeito dessas coisas.

Yvonne sorriu.

— Você não conhece as mulheres.

Martin pensou por um momento e depois disse:

— Vamos para o carro. Conversaremos a caminho de Cambridge.

A princípio, enquanto viajavam, eles escutavam as notícias pelo rádio, principalmente sobre política. Era um momento de excitação e otimismo na Grã-Bretanha. Dois meses antes, uma eleição geral levava ao poder a primeira mulher a se tornar primeira-ministra na história britânica. Agora, Margaret Thatcher e seu governo estavam injetando um novo vigor numa nação que sofria de uma

grande carência desde a Segunda Guerra Mundial.

Ao final do noticiário, Martin desligou o rádio e concentrou-se em problemas mais próximos.

— Estou preocupado e não quero qualquer conversa geral sobre o que falamos está manhã. Você não deve revelar a ninguém o que me disse sobre o ritmo de acasalamento daqueles ratos. E também não fale a ninguém sobre o novo estudo. Temos de agir assim, embora a idéia não me agrade. Mantenha os resultados no cofre até me entregá-los pessoalmente. E não comente mais a história de Mickey Yates e sua esposa.

— Farei tudo isso, Martin. Mas não entendo por que você está preocupado.

— Pois vou explicar. Produzimos uma droga que espero se torne muito importante e levada a sério, como um instrumento significativo de combate à doença. Mas se por acaso se espalhar a notícia de que é uma espécie de afrodisíaco... além de induzir à perda de peso, o que pode ou não ser bom, no final das contas... talvez seja a pior coisa que poderia nos acontecer. Isso poderia acarretar descrédito a tudo o que realizamos e dar a impressão de que reinventamos o elixir milagroso.

— Acho que compreendo. E agora que você explicou, não direi nada a ninguém. Mas será difícil

impedir os outros de comentarem.

Martin murmurou, com uma expressão sombria:

— É justamente isso o que eu temo.

A manhã já ia pela metade quando chegaram a Cambridge. Martin seguiu diretamente para a casa de saúde em que a mãe se encontrava internada. Ela estava na cama, onde passava a maior parte do tempo, tendo de ser levantada quando necessário. Não se lembrava de nada, nem mesmo das coisas mais simples; e, como já acontecia há muitos anos, não exibiu o menor sinal de reconhecimento quando Martin chegou perto.

A mãe, pensou Martin, com Yvonne parada a seu lado, parecia visivelmente definhar dia a dia: O corpo estava emaciado, o rosto encovado, os cabelos escasseando. Mesmo nos anos iniciais de declínio — na ocasião em que Celia visitara a casa antiga em Kite — ainda persistia algum vestígio da beleza anterior. Agora, porém, isso também desaparecera.

Era como se a doença de Alzheimer, que já consumira o cérebro da mãe, também estivesse lhe devorando o corpo.

— Sempre foi meu sonho ajudar a descobrir alguma coisa que impedisse que a maior parte disso ou pelo menos uma parte acontecesse — disse

Martin baixinho a Yvonne. — É claro que ainda se passarão anos antes de sabermos se conseguimos. E é porque nossa pesquisa sobre o envelhecimento é tão importante que quero evitar que qualquer coisa avilte o que descobrimos.

— Eu compreendo — murmurou Yvonne. — Especialmente agora.

Em ocasiões anteriores, quando Martin a levara para visitar sua mãe, Yvonne pegara as mãos da mulher mais velha e ficara sentada a segurá-las, sem dizer nada. Embora não se pudesse ter certeza, Martin tivera a impressão de que isso representava algum conforto para sua mãe. Hoje, Yvonne fez a mesma coisa, mas até mesmo essa tênue comunicação parecia não mais existir.

Da casa de saúde, eles foram visitar o pai de Martin. O apartamento alugado por Martin ficava a noroeste da cidade, não muito longe do Girton College. Encontraram o velho Peat-Smith numa pequena oficina por trás do prédio. As ferramentas de seu antigo ofício estavam espalhadas ao redor e ele trabalhava experimentalmente num pequeno bloco de mármore, usando um cinzel e um malho.

— Creio que lhe contei que meu pai era pedreiro — disse Martin a Yvonne.

— Já, sim. Mas eu não sabia que continuava a

trabalhar nisso, Sr. Peat-Smith.

— E não continuo — respondeu o velho. — Os dedos estão muito duros. Mas pensei em fazer uma lápide para a sepultura de sua mãe, filho. É praticamente a única coisa que ainda posso fazer por ela. — Ele fitou Martin com uma expressão inquisitiva. — Acha que está certo, tendo em vista que ela ainda não morreu?

Martin passou o braço pelos ombros do pai.

— Está, sim, papai. Há alguma coisa de que precise?

— Preciso de um bom pedaço de mármore. Mas custa muito dinheiro.

— Não se preocupe com isso. Basta encomendar o que quiser e mande que eles me enviem a conta.

Quando olhou para Yvonne, Martin descobriu que ela estava chorando.

16

— Concordo totalmente com você sobre o efeito do estimulante sexual. — disse Celia a Martin. — Se o Peptídeo 7 passar a ser considerado como uma

espécie de afrodisíaco, prontamente cairia em descrédito como um produto sério.

— Acho que são boas as possibilidades desse efeito não transpirar — comentou Martin.

— Não tenho tanta certeza, mas espero que você esteja certo.

Era o segundo dia da visita de Celia ao instituto em Harlow e ela estava com Martin em sua sala, numa reunião particular. Anteriormente, ele comunicara de maneira formal:

— Posso informar que temos o que parece ser um medicamento benéfico para retardar o envelhecimento mental e ajudar a acuidade, as duas coisas concomitantes. Todos os indícios são favoráveis.

Celia pensou: Parecia ter-se passado muito tempo desde a ocasião em que, por determinação de Sam, ela visitara Harlow para estudar a possibilidade de fechar o instituto e ainda mais tempo — já haviam transcorrido sete anos — desde aquele memorável primeiro encontro em Cambridge, quando se reunira com Martin e Sam.

— Parece não restar muita dúvida de que você realizou algo extraordinário — comentou Celia.

Sentiam-se descontraídos e inteiramente à vontade um com o outro. Se qualquer dos dois, de

vez em quando, recordava as intimidades de sua noite como amantes, o assunto nunca era mencionado. Era evidente que aquilo fora um momento, um interlúdio, pertencendo exclusivamente ao passado.

Enquanto Celia conversava com Martin, meia dúzia de outros executivos que tinham vindo com ela da matriz do Felding-Roth realizavam discussões separadas e especializadas sobre o futuro do Peptídeo 7. Abrangiam uma variedade de assuntos — produção, controle de qualidade, matéria-prima e fontes, custos, embalagem, administração de produto — todos os aspectos do que se tornaria um plano básico, determinando como a droga seria introduzida e comercializada em escala internacional. Rao Sastri, Nigel Bentley e outros membros da equipe de Harlow estavam respondendo às perguntas da equipe americana.

Embora ainda houvesse pela frente mais de um ano de experiências clínicas e, depois disso, a aprovação pelos governos do uso do Peptídeo 7, muitas decisões sobre o futuro tinham de ser tomadas agora. Uma das mais importantes era a extensão do investimento do Felding-Roth numa nova instalação para a produção, que poderia ser uma manobra custosa e improdutiva ou um ato de

fé inteligente e vitorioso.

A maneira como a nova droga seria ingerida pelos que a usassem também era importante. Martin disse a Celia:

— Temos pesquisado esse ponto exaustivamente e recomendamos a aplicação por spray nasal. É o sistema mais moderno e o que estará em moda. Haverá cada vez mais medicamentos ingeridos assim no futuro.

— Sei disso. E já se está falando em usar a insulina assim. De qualquer forma, fico satisfeita por não terem produzido um injetável.

Como ambos sabiam, era um fato da indústria farmacêutica que qualquer droga aplicada por injeção nunca vendia tão bem quanto a que podia ser facilmente tomada pelo paciente, em casa.

— Para ser usado como um spray nasal, — explicou Martin, — o Peptídeo 7 estará numa solução salina inerte, misturada com um detergente. O detergente garante o melhor índice de absorção.

Ele informou que já se realizavam experiências com diversos detergentes. O melhor não-tóxico, que não criava qualquer irritação nas membranas nasais, era um novo produto do Felding-Roth, lançado recentemente nos Estados Unidos. Celia ficou exultante.

— Quer dizer que podemos manter tudo em casa?

— Exatamente. — Martin sorriu. — Imaginei que você ficaria satisfeita.

Ele acrescentou que a dosagem normal seria duas vezes por dia. Dois médicos, recentemente acrescentados à equipe de Harlow, coordenariam as experiências clínicas na Inglaterra, a começarem imediatamente.

— Devemos nos concentrar nas faixas de idade de 40 a 60 anos, embora se possa variar, para cima ou para baixo, em circunstâncias, especiais. Também experimentaremos a droga em pacientes nos estágios iniciais da doença de Alzheimer. Não inverterá a doença... não há esperança de se conseguir isso... mas pode retardá-la.

Celia, por sua vez, relatou os planos para os testes nos Estados Unidos.

— Queremos começar o mais depressa possível. Por causa das providências preliminares e da necessidade de permissão da AAM, ficaremos um pouco atrás de vocês. Mas não muito.

E eles continuaram a conversar sobre seus planos expectantes e esperançosos.

Das conversas em Harlow surgiu a conclusão de que um pequeno recipiente de plástico, com uma

tampa de pressão, seria a melhor embalagem para o Peptídeo 7. Uma dose apropriada seria proporcionada pela pressão de um dedo.

Esse sistema oferecia a possibilidade de completar a embalagem de maneira atraente e interessante.

Parecia provável que o Felding-Roth não fabricaria os recipientes, encomendando-os de um fornecedor especialista. Tal decisão, porém, só seria tomada em New Jersey.

Enquanto Celia estava em Harlow, Martin promoveu um jantar com ela e Yvonne. Demonstrando sensibilidade, pensou Celia, ele não as levou ao Churchgate, mas sim ao restaurante de um hotel mais novo, o Saxon Inn.

A princípio, as duas mulheres se inspecionaram, curiosas. Depois de pouco tempo, porém, apesar da diferença de idade — Celia tinha 48 anos, Yvonne estava com 27 — elas pareceram assumir uma amizade fácil, talvez por causa de uma afinidade com Martin.

Celia admirou a decisão de Yvonne de se candidatar à escola de veterinária. Quando Yvonne ressaltou que, se aceita, seria mais velha do que a maioria dos estudantes, Celia comentou:

— Vai se sair melhor por causa disso. — E ela

acrescentou, para Martin: — Temos no Felding-Roth um fundo instituído para ajudar empregados que querem melhorar sua instrução. Creio que posso forçar um pouco os regulamentos para proporcionar alguma ajuda financeira a Yvonne.

Martin alteou as sobrancelhas.

— Parece que o seu problema de sobrevivência acaba de ser resolvido, Yvonne.

Quando ela expressou gratidão, Celia dispensou-a e comentou, sorrindo:

— Pelo que fui informada, você contribuiu consideravelmente para que o Peptídeo 7 chegasse ao ponto em que está.

Mais tarde, quando Yvonne deixou a mesa por um momento, Celia disse:

— Ela é especial e maravilhosa. Não é da minha conta, Martin, só precisa me responder se quiser... mas vai casar com Yvonne?

A pergunta surpreendeu-o.

— É bastante improvável. Na verdade, tenho certeza de que nenhum dos dois pensou nisso.

— Yvonne pensou.

Ele discordou:

— Por que deveria? Ela tem toda uma carreira pela frente... e das melhores. Poderá levá-la a lugares diferentes, onde conhecerá outros homens,

mais próximos de sua idade. Afinal, sou 12 anos mais velho.

— Doze anos nada significam.

Martin insistiu, obstinado:

— Atualmente significa muito. É todo um abismo entre gerações. Além do mais, Yvonne precisa ser livre. E eu também. No momento, temos um arranjo que é conveniente para ambos. Mas isso pode mudar.

— Ah, os homens! Alguns de vocês, certamente, obtêm o melhor possível com os seus "arranjos". Mas também podem ser completamente cegos.

A conversa a respeito terminou quando Yvonne voltou. E não foi retomada até Celia e seu grupo voltarem a New Jersey, poucos dias depois.

A mãe de Martin morreu no dia em que Celia foi embora. Ela deixou a vida suavemente, sem qualquer aviso ou rebuliço. Um médico da casa de saúde comentou posteriormente para Martin:

— Ela se foi como um bote que deriva pela noite num mar sereno.

A serenidade, pensou Martin, com sentimentos conflitantes de tristeza e alívio, estivera presente na vida de sua mãe por tempo demais. Era a turbulência mental e não o mar sereno que

proporcionava estímulo e satisfação à vida. A doença de Alzheimer privara a mãe desse empenho pela vida e novamente Martin pensou em suas esperanças para o futuro do Peptídeo 7.

Somente Martin, o pai e Yvonne compareceram ao funeral simples. Depois, o velho Peat-Smith voltou a trabalhar no bloco de mármore que recebera dias antes, enquanto Martin e Yvonne seguiam para Harlow, num silêncio afável.

Nos vários meses que se seguiram, decisões importantes foram tomadas na sede do Felding-Roth, em New Jersey, entremeadas por muitas viagens transatlânticas de seus executivos.

O ingrediente ativo do Peptídeo 7, que apareceria como um pó branco cristalino, seria produzido na República da Irlanda, em uma nova fábrica. O local já fora escolhido e os arquitetos concluíam apressadamente o projeto. Seria a primeira instalação do Felding-Roth a se especializar em biologia molecular. Seria reservado um espaço para a produção posterior da base química da Hexin W.

A produção final do Peptídeo 7, em sua forma líquida e pronta para a inserção nos recipientes, seria numa fábrica existente em Porto Rico. Os recipientes, produzidos como já se previa por outra

companhia, seriam embarcados para lá. Os arranjos no exterior proporcionava consideráveis vantagens fiscais, em comparação com a produção nos Estados Unidos.

O plano global envolvia um vultoso investimento que, depois de dúvidas e discussões, foi aprovado pelo conselho diretor. Uma noite, ao jantar, Celia explicou as dúvidas a Andrew:

— É um dinheiro que não possuímos. Tudo será emprestado e, se o plano fracassar, o Felding-Roth estará liquidado. Mas concordamos que temos de assumir o risco. Apostamos a companhia e agora é um jogo de tudo ou nada.

Houve outras decisões, de dimensões menores, mas também importantes. Uma delas envolveu um nome de produto para o Peptídeo 7.

A agência de publicidade do Felding-Roth — ainda á Quadrille-Brown, de Nova York — iniciou um estudo custoso e exaustivo, durante o qual nomes existentes foram examinados e novos sugeridos, com muitos rejeitados. Finalmente, depois de vários meses de trabalho, houve uma sessão de alto nível na sede do Felding-Roth, para uma revisão final. Pela companhia, estavam presentes Celia, Bill Ingram e meia dúzia de outros executivos.

Um pequeno contingente da agência era comandado por Howard Bladen, agora presidente da Quadrille-Brown, que compareceu, como ele explicou, "em grande parte pelos velhos tempos". Antes de começar a reunião, Celia, Ingram e Bladen recordaram o encontro 16 anos antes que resultara na campanha da "mamãe feliz" para o Novo Healthotherm, que ainda era um produto de grande aceitação.

Storyboards e cavaletes foram exigidos na sala de reunião para a apresentação dos oito nomes sugeridos, cada um introduzido em sucessão, de várias maneiras diferentes.

— Entre as possibilidades a que chegamos, — anunciou um executivo de conta da agência, — estão nomes que se relacionam com o cérebro ou compreensão humana.

Ele fez a apresentação desses nomes, que eram os seguintes: Appercep, Compre, Percip e Braino. Ressaltou que os três primeiros derivavam de "apercepção", "compreensão" e "percipience" (consciência).

O quarto nome foi prontamente retirado quando Bill Ingram comentou sua semelhança com um produto doméstico — Drano.

— Sinto-me embaraçado e nunca saberei como

todos nós deixamos de perceber isso — declarou Bladen. — Não há justificativas. Peço desculpas.

Havia outros nomes, que o executivo da conta disse sugerirem "alguma coisa brilhante... reluzindo com inteligência excepcional". Eram Argent e Nitid.

Os outros dois eram Genus e Compen. O segundo insinuava que a droga "compensaria" o que poderia de outra forma estar faltando.

Seguiu-se uma hora de discussão. Bill Ingram gostava de Apercep, não gostava de Nitid e era indiferente aos outros. Três executivos da companhia eram favoráveis a Argent. Bladen declarou-se um partidário de Compen. Celia não fez comentários, escutando os outros, deixando os argumentos fluírem, pensando em determinado momento nos milhares de dólares que tudo aquilo estava custando. Foi Bladen quem acabou perguntando:

— Qual é a sua opinião, Sra. Jordan? Afinal, já teve algumas idéias esplêndidas no passado.

— Estive pensando... por que não chamamos a nossa nova droga de Peptídeo 7?

Somente Ingram possuía antigüidade suficiente e conhecia Celia bastante bem para soltar uma risada. Bladen hesitou por um instante, depois um sorriso lento insinuou-se em seu rosto.

— Sra. Jordan, acho que acaba de sugerir algo que não pode ser considerado nada menos do que brilhante.

Celia disse bruscamente:

— Só porque eu sou a cliente isso não significa que seja brilhante. É apenas sensato.

Depois de mais alguma discussão, relativamente breve, ficou acertado que o nome do produto seria Peptídeo 7.

Um ano passou.

As experiências clínicas com o Peptídeo 7, processando-se mais depressa do que se esperava, foram extraordinariamente bem sucedidas, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Pacientes idosos reagiram positivamente à droga. Não apareceram efeitos colaterais adversos. Agora, todos os dados acumulados foram encaminhados ao Comitê de Segurança dos Medicamentos em Londres e à Administração de Alimentos e Medicamentos, em Washington.

Depois de exaustivas discussões, tanto em Harlow como em Boonton, com a participação de Martin Peat-Smith, Vincent Lord, Celia e outros, ficou decidido que não se procuraria uma "indicação" oficial do efeito antiobesidade do Peptídeo 7. Isso significava que o efeito conhecido

de redução de peso da droga seria comunicado em informações transmitidas aos médicos, mas o Peptídeo 7 não seria recomendado para esse uso.

Previam-se que alguns médicos poderiam receitá-lo para esse propósito.- Mas, se o fizessem, seria por sua própria responsabilidade, não do Felding-Roth.

Quanto ao efeito de estimulante sexual, embora os testes repetidos em animais comprovassem que existia, não fora procurado nos testes humanos e era relacionado discretamente como possível nos dados apresentados.

Nos dois casos, a idéia continuava a ser a mesma: o Peptídeo 7 era uma droga séria, destinada a retardar o envelhecimento mental. Qualquer uso "frívolo" seria em detrimento dessa função importante e reduziria a reputação da droga.

Tendo em vista os resultados impecáveis dos testes clínicos e o fato de que indicações extras não eram solicitadas, parecia improvável que a aprovação do Peptídeo 7 pudesse ser protelada por muito tempo.

Enquanto isso, o trabalho na fábrica irlandesa e os ajustamentos em Porto Rico estavam quase prontos.

Em Harlow, embora profundamente interessado no resultado dos testes clínicos, Martin

deixara os detalhes à equipe médica. Estava trabalhando na modificação do Peptídeo 7, explorando as possibilidades de produzir outros peptídeos cerebrais, um espectro aberto pelo sucesso anterior.

Martin e Yvonne continuavam a viver juntos. Yvonne fizera os exames em janeiro de 1980 e, para sua grande alegria e de Martin, fora aprovada com distinção em todas as matérias. Ela também fizera e fora aprovada nos exames em Cambridge, pois se candidataria ao Lucy Cavendish College, naquela universidade, sendo aceita na dependência do resultado das provas. As perspectivas de admissão deixaram Yvonne na maior satisfação, levando-a a fazer um comentário sobre "uma sociedade pelas mulheres, com uma preocupação especial por aquelas cujos estudos foram adiados ou interrompidos".

Em setembro, depois de pedir demissão do Felding-Roth, ela começou a cursar o Lucy Cavendish, onde faria o curso de Medicina Veterinária.

Era outubro agora e ela já se acostumara a guiar todos os dias para ir e voltar das aulas em Cambridge, uma viagem de uma hora.

Além dos estudos, uma fonte de prazer para Yvonne era o desabrochar no romance real entre o

Príncipe de Gales e "Lady Di", como todos os britânicos agora a chamavam. Yvonne discutia o assunto incessantemente com Martin.

— Eu sempre disse que, se ele esperasse, acabaria encontrando uma rosa inglesa — declarou ela. — E foi justamente o que aconteceu.

Martin continuava a escutar os mexericos de Yvonne, que agora incluíam o cenário da Universidade de Cambridge, com um divertimento afetuoso.

Durante o mês de janeiro do ano seguinte, enquanto o Presidente Reagan tomava posse a mais de seis mil quilômetros de distância, o Ministro da Saúde britânico concedeu autorização para o lançamento do Peptídeo 7 no mercado. Dois meses depois, a aprovação da droga nos Estados Unidos foi anunciada pela AAM. O Canadá, como freqüentemente acontecia, acompanhou a AAM.

Na Inglaterra, foi previsto o início das vendas em abril, enquanto nos Estados Unidos e Canadá seria em junho.

Em março, porém, antes do lançamento em qualquer lugar, ocorreu um evento que confirmou temores anteriores e pôs em risco, ao que parecia, todo o futuro do Peptídeo 7.

Começou com um telefonema para o instituto

do Felding-Roth, em Harlow, de um jornal londrino, o Daily Mail. O repórter tentou falar com o Dr. Peat-Smith ou com o Dr. Sastri. Foi informado que nenhum dos dois estava disponível naquela manhã e deixou um recado, que uma secretária datilografou e pôs na mesa de Martin. Dizia o seguinte:

O Mail foi informado de que vocês estão prestes a lançar uma droga milagrosa, capaz de rejuvenescer as pessoas sexualmente, levá-las a emagrecer e fazer com que os de meia-idade e velhos se sintam jovens outra vez. Publicaremos a notícia na edição de amanhã e gostaríamos de ter uma declaração de sua companhia imediatamente, se possível ainda hoje.

Martin leu o recado meia-hora antes do meio-dia e reagiu com choque e medo. Será que um maldito jornal, preocupado apenas em divulgar uma notícia sensacionalista de um dia, estava prestes a arruinar todo o seu trabalho e sonhos?

Seu impulso imediato foi de telefonar para Celia e não hesitou, ligando para sua casa. Eram seis e meia da manhã em Morristown. Ela estava no chuveiro. Martin esperou impientemente, enquanto Celia se enxugava e punha um roupão.

Ao ouvir a voz de Celia, ele informou o que acontecera e leu o recado do repórter. Seu tom era de angústia. Celia mostrou-se preocupada e compreensiva, mas também prática.

— Então o aspecto sexual do Peptídeo 7 transpirou. Sempre achei que isso era inevitável.

— Não podemos fazer alguma coisa para impedir?

— Claro que não. A informação tem um fundo de verdade e por isso não podemos negá-la totalmente. Além do mais, nenhum jornal renunciará a esse tipo de notícia, depois de obtê-la.

Martin, parecendo excepcionalmente desamparado, perguntou:

— E o que eu devo fazer aqui?

— Ligue para o repórter e responda às perguntas com toda honestidade, embora da forma mais sucinta possível. Ressalte que os resultados sexuais só foram observados em animais e por isso não recomendamos uso da droga como estimulante sexual em seres humanos. O mesmo se aplica ao uso para emagrecimento. — Celia fez uma pausa e depois acrescentou: — Talvez assim eles publiquem apenas uma pequena notícia, que não atrairá muita atenção.

Martin murmurou, sombriamente:

- Duvido muito.
- Eu também. Mas tente.

Três dias depois do telefonema de Martin, Julian Hammond apresentou-se a Celia com um sumário da atenção dos meios de comunicação ao Peptídeo 7. O vice-presidente de relações públicas declarou:

— É como se a primeira notícia britânica tivesse aberto uma comporta.

O Daily Mail assim começara a sua matéria:

Grande Conquista Científica

Será Lançado em Breve um Novo Medicamento

Milagroso

Para Tornar as Pessoas Mais Sensuais, Jovens e Magras

A reportagem ressaltava o reconhecido efeito sexual do Peptídeo 7, mas omitia que até agora só fora oficialmente registrado em animais. A palavra "afrodisíaco", que Martin e outros no Felding-Roth tanto haviam temido, foi usada várias vezes. Ainda pior, do ponto de vista da companhia, o jornal descobrira de algum modo o que acontecera com Mickey Yates e o entrevistara. Uma fotografia com a legenda "Obrigado, Peptídeo 7!" mostrava o idoso Yates radiante, depois de se gabar de sua potência

sexual ressuscitada. Ao lado, a esposa, sorrindo recatadamente, confirmara as alegações do marido.

Algo mais que aparecia na reportagem e que os dirigentes do Felding-Roth desconheciam até então era que diversos outros voluntários de Harlow para o Peptídeo 7 haviam experimentado um extraordinário estímulo sexual. Eles também eram nomeados e citados.

A vã esperança de Celia de que o assunto pudesse se restringir a um só jornal logo provou ser infundada. Não apenas a história do Mail foi repetida pelos demais jornais britânicos e pelas emissoras de televisão, como também todas as agências noticiosas a transmitiram para o exterior. Nos Estados Unidos, despertou um interesse imediato, com os efeitos sexuais e antiobesidade do Peptídeo 7 sendo mencionados em quase todos os jornais e discutidos na televisão.

A partir do momento em que a notícia se divulgou nos Estados Unidos, a mesa telefônica do Felding-Roth foi inundada por chamados da imprensa, querendo saber detalhes sobre o lançamento do Peptídeo. Embora houvesse relutância em responder ao que se considerava uma onda de sensacionalismo pernicioso, a informação foi transmitida. Não havia alternativa.

Poucos interlocutores sobre o verdadeiro propósito da droga, que era o de retardar o envelhecimento mental.

Seguindo-se à onda de telefonemas dos meios de comunicação, veio uma segunda: as indagações do público. A maioria envolvia apenas as propriedades sexual e emagrecedora. Lia-se uma curta declaração para os interlocutores, comunicando que o Peptídeo 7 não era recomendado para tais usos. As telefonistas informavam que a resposta parecia não satisfazer. Algumas ligações eram obviamente de malucos. Outros se mostravam sexualmente explícitos ou obscenos. Bill Ingram comentou:

— De repente, tudo o que planejamos tão cuidadosamente transformou-se num espetáculo circense.

Era esse efeito de circo o que mais preocupava Celia. Ela se perguntava: Os médicos, não querendo se associar ao que já parecia desacreditado, se recusaria a receitar o Peptídeo 7 para os casos válidos? Ela consultou Andrew, que confirmou seus temores:

— Lamento ter de dizer isso, mas muitos médicos se sentirão assim. Infelizmente, toda a publicidade sugere que o Peptídeo 7 está na mesma

faixa da cantárida e produtos similares.

Celia murmurou, consternada:

— Você me faz desejar não ter perguntado.

Assim, menos de um mês antes do que fora previsto como um lançamento forte, mas distinto, Celia sentia-se cansada, desanimada e apreensiva.

Na Inglaterra, Martin estava em profundo desespero.

17

— Não tivemos realmente problemas... pelo menos problemas extremamente graves... durante os primeiros meses depois do lançamento do Peptídeo 7 — Celia iria recordar, muito tempo depois. — Entre todos os que se encontravam no comando, no Felding-Roth, houve muita tensão, horas ansiosas, roer de unhas e noites insones. Mas o estranho é que os problemas ocorridos não foram os que esperávamos. Ela ria por um momento e depois acrescentava:

— O que tudo isso mostrou é que nunca se pode ter certeza de como as pessoas reagirão a qualquer coisa.

Os problemas a que Celia se referia envolviam o suprimento.

Desde o momento em que o Peptídeo 7 foi posto à venda — comprado nas farmácias sob receita médica — não houve por meses uma quantidade suficiente para atender a uma demanda espantosa e sem precedentes. Filas enormes se formavam nas farmácias; e quando os clientes eram informados de que o estoque acabara, corriam imediatamente para outras farmácias e entravam em outras filas.

Um motivo para isso que foi revelado depois — desta vez citando Bill Ingram — foi que "os malditos médicos e farmacêuticos estão usando a droga pessoalmente e guardando uma parte para os amigos".

A escassez, que por algum tempo foi desesperadora, ocorreu na Inglaterra e também nos Estados Unidos. Os veteranos da companhia nunca haviam testemunhado nada parecido. Resultou em telefonemas frenéticos entre New Jersey, Irlanda, Harlow, Porto Rico, Chicago e Manchester, as duas últimas onde se produziam os recipientes de plástico e se montavam as bombas. Porto Rico em particular, comentou um agente de compra do Felding-Roth, estava "sempre bradando por reci-

pientes, que enchiam e despachavam o mais depressa que podiam".

Tanto a fábrica irlandesa como a porto-riquenha estavam operando 24 horas por dia, com turnos extras. Ao mesmo tempo, jatos fretados em diversas ocasiões partiram da Irlanda para Porto Rico levando o precioso ingrediente ativo do Peptídeo 7.

Foi Ingram quem suportou todo o peso desse período difícil, supervisionando a tudo. Ele comentaria mais tarde:

— Vivíamos atordoados, fazendo malabarismos com os suprimentos de que dispúnhamos, tentando manter tão felizes quanto podíamos as multidões que clamavam pelo Peptídeo 7.

Recordando aqueles dias frenéticos, ele também ria, a ansiedade e preocupação já pertencendo ao passado.

— Mas que abençoados sejam todos! Nosso pessoal se empenhou ao máximo, fazendo tudo o que era humanamente possível. Até mesmo aqueles médicos e farmacêuticos, bancando os privilegiados, ajudaram a converter o Peptídeo 7 num sucesso espetacular... um sucesso de ouro.

A palavra ouro era perfeitamente apropriada.

Como a revista Fortune comentou um ano depois, numa reportagem de capa, quando o Peptídeo 7 já era reconhecido como um furacão que se abatera sobre o cenário farmacêutico:

FELDING-ROTH DESCOBRE QUE SER RICO É MELHOR

Fortune calculou que o primeiro ano de vendas do Peptídeo 7 representaria uma receita de 600 milhões de dólares. Essa e outras estimativas anteriores fizeram com que as ações do Felding-Roth, negociadas na Bolsa de Valores de Nova York, nas palavras de um corretor, "furassem o teto e disparassem para a estratosfera". Imediatamente depois do lançamento da droga, a cotação da ação triplicou em um mês, dobrou novamente no período de um ano e redobrou durante os oito meses subseqüentes. Depois disso, os diretores votaram pela distribuição de uma bonificação de cinco para uma, a fim de manter a cotação dentro de um limite razoável de negociação.

Mesmo assim, quando os contadores concluíram sua aritmética, descobriu-se que a estimativa de Fortune ficara abaixo da realidade em 100 milhões de dólares.

Outra coisa que Fortune disse foi a seguinte: "Desde a extraordinária droga para úlcera do SmithKline, Tagamet, foi lançada em 1976, não houve qualquer produto industrial comparável ao fenômeno do Peptídeo 7."

O sucesso não se limitou ao dinheiro.

Milhares e milhares de homens de meia-idade e idosos estavam tomando a droga, aplicando-a com spray nasal duas vezes por dia e proclamando que se sentiam melhor e suas memórias se tornaram mais aguçadas, o vigor geral aumentara. Quando interrogados se "vigor" incluía a potência sexual, alguns respondiam francamente que sim, enquanto outros sorriam, declarando que se tratava de um assunto particular.

O fator de melhoria da memória foi considerado pelos especialistas médicos como o mais importante. Pessoas que outrora sofriam de esquecimento e passaram a tomar o Peptídeo 7 agora se lembravam de tudo. Muitos que anteriormente tinham dificuldades em se lembrar dos nomes das pessoas descobriam esse problema desaparecendo. Números de telefones eram lembrados sem qualquer esforço. Maridos que antes esqueciam passaram a recordar os aniversários de nascimento da mulher e os de casamento. Um homem idoso

afirmou ter memorizado, sem sequer tentar, todo um horário local de ônibus. Quando submetido a um teste pelos amigos, ele provou que era verdade. Psicólogos que idealizaram conferências de memória "antes e depois" confirmaram que o Peptídeo 7 de fato funcionava.

Embora considerado secundário em relação à memória, o efeito antiobesidade da droga rapidamente tornou-se indiscutível e vantajoso. Os gordos, inclusive em grupos etários mais jovens, perdiam um peso indesejável e ganhavam em saúde geral. O efeito se tornou em breve tão amplamente aceito, em termos médicos, que o Felding-Roth solicitou, nos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá, uma "indicação" oficial de emagrecimento a ser acrescentada ao uso autorizado do Peptídeo 7. Parecia não haver qualquer dúvida de que as solicitações seriam aprovadas.

No mundo inteiro, outros países se apressavam em aprovar o Peptídeo 7 e obter suprimentos.

Ainda era muito cedo para saber se a droga reduziria a incidência da doença de Alzheimer. Tal conhecimento ainda se encontrava a anos de distância, mas muitos acalentavam a esperança.

Havia uma questão crítica que se formulava. O Peptídeo 7 não estaria sendo receitado com exagero,

como já acontecera com outros remédios no passado? A resposta: quase que certamente sim. Contudo, o que tornava o Peptídeo 7 diferente dos outros era o fato de que, mesmo não sendo necessário, não causava qualquer mal. Não era criador de vício. E por mais incrível que pudesse parecer, os informes adversos sobre os seus efeitos eram praticamente inexistentes.

Uma mulher escreveu do Texas, queixando-se que acabava com dor de cabeça cada vez que tomava uma dose e depois tinha uma relação sexual. O informe foi rotineiramente encaminhado pelo Felding-Roth à AAM e também investigado. O assunto foi abandonado quando se descobriu que a mulher tinha 82 anos.

Um homem na Califórnia compareceu ao Tribunal de Pequenas Causas, exigindo que o Felding-Roth lhe pagasse um novo guarda-roupa completo, já que não tinha mais condições de usar as roupas antigas, depois que o Peptídeo 7 o fizera emagrecer 15 quilos. O pedido foi contestado e indeferido.

Nada mais sério foi informado.

Quanto aos médicos, o entusiasmo deles parecia não ter limites. Recomendavam o Peptídeo 7 aos pacientes como sendo benéfico, seguro e um dos

maiores avanços médicos da história. Os hospitais estavam usando-o. Médicos que levavam vidas sociais ativas raramente saíam para um jantar ou um coquetel sem levarem um bloco de receitas no bolso, sabendo que lhes seriam pedidas prescrições de Peptídeo 7 e que atender aos anfitriões e seus amigos poderia levar a outros convites. Falando sobre os médicos, Celia disse a Andrew:

— Por uma vez, você se enganou. Os médicos não foram repelidos por toda aquela publicidade. Ao contrário, parece até que ajudou.

— Tem razão, eu me enganei — admitiu o marido. — E você provavelmente me lembrará isso pelo resto da vida. Mas sinto-me feliz por estar errado e ainda mais feliz por você, meu amor. Você... e Martin também, é claro... merecem tudo isso.

A publicidade parecia continuar com a mesma intensidade, talvez porque, pensou Celia, o Peptídeo 7 estivesse causando tanta renovação da felicidade humana. Nos jornais, havia freqüentes referências aos efeitos da droga, as alusões a respeito apareciam a todo instante na televisão.

Bill Ingram lembrou a Celia:

— Você me disse certa vez que a natureza da televisão nos ajudaria um dia. É certamente o que

está acontecendo.

Ingram, que fora promovido um ano antes a vice-presidente executivo, estava absorvendo uma parcela considerável da carga que antes era de Celia. A maior preocupação de Celia atualmente era o que fazer com o dinheiro que estava entrando e, presumivelmente, continuaria a se acumular por muitos anos.

Seth Feingold, agora aposentado, fora contratado como consultor e aparecia ocasionalmente na companhia. Numa reunião com Celia, um ano e meio depois do lançamento do Peptídeo nos Estados Unidos, Seth advertiu:

— Você tem de acelerar as decisões sobre a maneira como será aplicada uma parte desse dinheiro. Se não o fizer, uma parcela considerável será tragada pelos impostos.

Uma maneira de aproveitar o dinheiro era adquirir outras companhias. Por recomendação de Celia, o conselho aprovou a compra da firma de Chicago que produzia os recipientes para o Peptídeo 7. Seguiu-se a aquisição de uma firma do Arizona especializada em sistemas de distribuição de novas drogas. Realizavam-se negociações para a aquisição de uma companhia ótica. Muitos outros milhões de dólares seriam investidos num novo

centro de pesquisas de engenharia genética. Haveria expansões no exterior.

Foi planejada uma nova sede para a companhia, já que o prédio de Booton se tornara pequeno e alguns departamentos estavam alojados em locais distantes e alugados. A nova estrutura seria em Morristown, um grande complexo do Felding-Roth, incluindo um hotel.

Uma aquisição foi a de um jato, um Gulfstream III. Celia e Ingram usavam-no em suas viagens norte-americanas, mais freqüentes agora por causa da expansão das atividades da companhia. Durante o encontro de Celia com Seth, ele também disse:

— Uma coisa boa na entrada de todo esse dinheiro é que uma parte pode ser usada para se acertar as indenizações por aquelas pobres crianças deformadas pelo Montayne.

— Também me sinto contente por isso — comentou Celia.

Ela estava consciente há algum tempo de que se achava quase esgotado o fundo de reserva que Childers Quentin vinha usando para os acordos do Montayne. Seth acrescentou, tristemente:

— Nunca estarei livre do meu sentimento de culpa pelo Montayne. Mas nunca mesmo.

Partilhando aquele momento sóbrio e de

reflexão, Celia pensou: No meio de um enorme sucesso terapêutico e financeiro, era necessário e corretivo ser lembrada de que os fracassos terríveis também eram parte da história farmacêutica.

Durante todo o triunfo farto do Peptídeo 7, Martin Peat-Smith se manteve, como diz o clichê, no sétimo céu. Nem mesmo em seus momentos mais otimistas ele jamais imaginara que tanto seria realizado por sua pesquisa sobre o envelhecimento. O nome de Martin era agora amplamente conhecido, sua presença admirada, respeitada e sempre solicitada. Os louvores eram constantes. Ele fora eleito membro da Real Sociedade, a mais antiga organização científica da Inglaterra. Outras sociedades científicas também convidavam-no para conferências. Falava-se num futuro Prêmio Nobel. E corria rumores de que ele seria contemplado com um título de "Sir".

Em meio a tanta atenção, Martin conseguiu manter alguma privacidade. O telefone de sua casa foi mudado e retirado da lista. No instituto, Nigel Bentley providenciou para que Martin ficasse a salvo de telefonemas e visitantes, a não ser os mais importantes. Mesmo assim, era evidente que à vida sossegada anterior, Martin nunca mais voltaria.

Havia outra coisa que também mudara.

Yvonne resolveu deixar de viver com Martin e mudou-se para um apartamento em Cambridge.

Não houve qualquer briga ou desavença entre os dois. Simplesmente ela decidiu, com toda calma, que deveria seguir por seu caminho separado. Ultimamente Martin se ausentava de Harlow a todo instante, deixando-a sozinha; nessas circunstâncias, parecia não haver o menor sentido em continuar a fazer a viagem diária de ida e volta entre Harlow e Cambridge. Quando Yvonne explicou seu raciocínio, Martin aceitou sem qualquer crítica, compreendendo perfeitamente. Ela esperava que ele oferecesse pelo menos uma resistência simbólica. Mas quando isso não aconteceu, ela fez um esforço para não deixar transparecer seu desapontamento. Os dois concordaram que se encontrariam ocasionalmente e permaneceriam bons amigos.

Somente Yvonne, quando chegou o momento de partir, sabia como estava triste e angustiada por dentro. Mas lembrou a si mesma como se sentia feliz com os seus estudos de veterinária, iniciando agora o terceiro ano.

Imediatamente depois da separação, Martin passou uma semana ausente. Quando voltou, foi para uma casa às escuras e vazia. Mais de cinco anos haviam transcorrido desde que ficara assim

pela última vez e ele não gostou. E gostou ainda menos quando transcorreu mais uma semana. Ele descobriu que se sentia solitário, com saudade da presença e da conversa animada de Yvonne. Uma noite, ao se deitar, ele pensou: Era como se uma luz em sua vida tivesse se apagado abruptamente.

No dia seguinte, Celia telefonou de New Jersey para tratar de um problema profissional. Quase ao final da conversa, ela comentou:

— Martin, você parece deprimido. Aconteceu alguma coisa errada?

Foi nesse instante, numa explosão de confiança, que ele falou da saudade de Yvonne.

— Não consigo entender, Martin. Por que a deixou ir embora?

— Não era uma questão de deixar ou não. Ela é livre e tomou essa decisão.

— Tentou dissuadi-la?

— Não.

— Por que não?

— Não me pareceu justo. Ela tem de levar a sua própria vida.

Celia concordou.

— Tem toda razão. E, indubitavelmente, ela quer mais da vida do que você estava lhe dando. Pensou em oferecer-lhe mais alguma coisa... como

um pedido de casamento?

— Para ser franco, cheguei a pensar nisso. No dia em que Yvonne foi embora. Mas não tomei qualquer iniciativa porque parecia...

— Oh, Deus! — Celia alteou a voz. — Martin Peat Smith, se eu estivesse aí, pode estar certo de que o sacudiria! Como alguém bastante inteligente para descobrir o Peptídeo 7 pode ser tão estúpido? Seu idiota! Ela o ama!

Martin murmurou, em dúvida:

— Como sabe?

— Porque sou mulher. Porque não precisei de mais de cinco minutos em companhia de Yvonne para que me ficasse evidente, como também acontece agora, que você está sendo totalmente obtuso.

Houve um momento de silêncio e depois Celia acrescentou:

— O que vai fazer?

— Se não for tarde demais... Eu a pedirei em casamento.

— Como fará isso?

Ele hesitou.

— Acho que eu poderia telefonar...

— Martin, sou sua superiora nesta companhia e lhe ordeno que deixe imediatamente o escritório em

que está, pegue o seu carro e vá procurar Yvonne, onde quer que ela se encontre. O que fará depois é da sua conta, mas eu aconselharia a cair de joelhos, se necessário, e declarar que a ama. Estou lhe dizendo isso porque tenho dúvida se, em toda a sua vida futura, encontrará alguém que seja melhor para você ou que o ame tanto. Ah, sim, mais uma coisa... pode pensar em parar no caminho e comprar algumas flores. Pelo menos você sabe alguma coisa de flores... lembro que uma vez mandou-as para mim.

Momentos depois, vários empregados do instituto em Harlow ficaram espantados ao ver o diretor, Dr. Peat-Smith, correr a toda por um corredor ladrilhado, sair em disparada pela porta da frente, entrar em seu carro e partir em alta velocidade.

O presente de casamento de Celia e Andrew para Martin e Yvonne foi uma bandeja de prata lavrada, em que Celia mandara gravar os versos de A Uma Noiva, do poeta do século XVII Francis Quarles, nascido em Essex:

*Deixe que todas as suas alegrias sejam como o mês
de maio*

E que todos os seus dias como um dia de casamento;

*Deixe que o pesar, doença e mente conturbada
Sejam estranhos a você.*

E depois veio a Hexin W.

Deveria ser lançada no mercado dentro de um ano.

18

As experiências clínicas com a Hexin W apresentaram uns poucos efeitos colaterais em pacientes que tomaram a droga juntamente com outras drogas selecionadas... tais combinações representando o caminho para a medicação eficaz, através da repressão dos radicais livres. Houve informes dispersos de náusea e vômito, ocorrências separadas de diarreia, vertigem ou pressão alta. Nada disso era insólito ou motivo para alarme. Os incidentes não eram graves e não apareciam em mais que uma porcentagem mínima dos pacientes. Era raro que alguma droga estivesse livre de efeitos colaterais ocasionais. O Peptídeo 7 era uma notável exceção.

Os testes com a Hexin W, que se prolongaram

por dois anos e meio, foram pessoalmente supervisionados pelo Dr. Vincent Lord. Ao assumir o encargo, ele delegou outras responsabilidades a subordinados, ficando livre para o que se tornara uma tarefa de total dedicação. Naquele estágio final, quase vital, ele não queria que nada saísse errado com aquela sua criação. Nada que, através da negligência ou ineficiência de outra pessoa, pudesse diminuir a sua glória científica.

Lord acompanhara com sentimentos conflitantes o enorme e continuado sucesso do Peptídeo 7. Por um lado, sentira alguma inveja de Martin Peat-Smith. Mas, por outro, o Felding-Roth tornara-se agora uma companhia mais forte por causa do Peptídeo 7, melhor equipada assim para cuidar de outro produto que parecia apresentar todas as condições para ser igualmente bem sucedido ou ainda mais.

Os resultados dos testes com a Hexin W deixaram Lord exultante. Não aparecera nenhum efeito colateral maior. Os menores eram controláveis ou insignificantes em comparação com os usos positivos e excepcionais da droga.

No que era conhecido como Fase III dos testes, em que o medicamento era dado a pacientes que estavam doentes, sob condições similares às

previstas para uso posterior, os resultados haviam sido uniformemente favoráveis. A droga fora tomada, ao longo de prazos consideráveis, por mais de seis mil pessoas, muitas em hospitais, sob condições controladas... um cenário ideal para propósitos de teste.

Seis mil era um número muito maior do que na maioria das Fases III, mas assim ficara decidido por causa da necessidade de estudar os efeitos da Hexin W quando tomada com diversas outras drogas, até então inseguras.

Os pacientes de artritismo, como se esperava, reagiram particularmente bem. Eram capazes de tomar a Hexin W não apenas sozinha, mas também com outras potentes drogas antiinflamatórias, que anteriormente lhes eram negadas.

A coordenação dos testes, em diversas locações bastante separadas, fora uma tarefa gigantesca, para a qual se tivera de recrutar ajuda extra, tanto dentro como fora da companhia. Mas agora estava feito. Enormes quantidades de dados se concentravam na sede do Felding-Roth. Antes de apresentá-la à AAM, na forma de uma solicitação de nova droga, Lord revisava tanto do material quanto podia.

Por causa do seu interesse pessoal, ele achava que o processo era acima de tudo um prazer. Mas

deixou de ser subitamente quando ele deparou com um conjunto de informes.

O que Vince Lord leu e depois releu, mais cuidadosamente, a princípio causou-lhe preocupação, depois perplexidade e, finalmente, uma raiva intensa.

Os informes em questão era de um certo Dr. Yaminer, que exercia a medicina em Phoenix, Arizona. Lord não conhecia Yaminer pessoalmente, embora estivesse familiarizado com o nome e soubesse alguma coisa da história do médico.

Yaminer era um internista. Tinha um consultório particular muito ocupado e atendia em dois hospitais. Como muitos outros médicos envolvidos no programa de testes da Hexin W, ele fora contratado pelo Felding-Roth para estudar o efeito da droga num grupo de pacientes — no seu caso uma centena. Antes que os estudos comesçassem, era preciso obter a permissão dos pacientes, mas isso raramente apresentava qualquer dificuldade.

Era um acordo normal, usado rotineiramente pelos laboratórios farmacêuticos que desejam efetuar testes com novas drogas. Yaminer já trabalhara para o Felding-Roth antes e também para outros laboratórios farmacêuticos.

Os médicos que aceitavam o acordo gostavam do trabalho por uma de duas razões, às vezes ambas. Alguns estavam genuinamente interessados em pesquisa. E todos gostavam do dinheiro considerável que lhes proporcionava.

Por um pouco de trabalho extra, prolongando-se por vários meses, um médico recebia entre 500 e mil dólares por paciente, a quantia variando com o laboratório farmacêutico envolvido e com a importância do medicamento. Pelos seus testes com a Hexin W, Yaminer recebera 85 mil dólares. O custo pessoal do médico para esse trabalho era mínimo e, assim, a maior parte do dinheiro era lucro.

Mas o sistema tinha um ponto fraco.

Como o trabalho era tão lucrativo, uns poucos médicos sentiam-se tentados a assumir mais do que poderiam cuidar devidamente. Isso levava a uma parcimônia e — com freqüência surpreendente — falsificação de dados.

Em uma palavra: fraude.

Lord tinha certeza de que o Dr. Yaminer cometera fraude ao apresentar seus relatórios sobre os efeitos da Hexin W.

Havia duas possibilidades para o que acontecera. Yaminer deixara de realizar os estudos

que deveriam efetuar com os pacientes que ele indicara ou alguns, talvez a maioria, dos cem pacientes relacionados não existiam, exceto na imaginação do médico. Ele simplesmente os inventara, assim como aos seus "resultados" dos testes.

Com o palpite baseado na experiência, Lord achou que a segunda hipótese era a verdadeira.

De qualquer forma, como ele podia saber?

Um motivo: Yaminer preparara o seu relatório falsificado às pressas e fora negligente. O que atraía a atenção de Lord, para começar, fora a grande semelhança entre a letra em formulários de relatórios de pacientes em datas diferentes. Tais registros geralmente variavam, não apenas na letra, mas também no instrumento de escrever. Mesmo que um médico usasse a mesma caneta esferográfica todos os dias, raramente apresentava a consistência exata.

Por si só, isso não era conclusivo. Yaminer poderia ter feito anotações anteriores, depois as convertido pacientemente em relatórios finais impecáveis. Mas isso era improvável para um médico muito ocupado. O que levou Lord a procurar por mais.

E encontrou.

Entre os testes efetuados nos pacientes que

recebiam drogas experimentais estava a medição do pH da urina — acidez ou alcalinidade. Para uma pessoa média, o resultado se expressaria num âmbito de 5 a 8. Mas cada medida, em dias separados, era um "evento independente" e geralmente variava, significando que uma leitura de 4 na terça-feira não tornava provável outro 4 na mesma pessoa na quarta-feira. Expresso de uma maneira diferente: em cinco dias sucessivos, a probabilidade de medições de pH serem idênticas era de apenas uma em quatro.

Contudo, repetidamente, os relatórios do Dr. Yaminer sobre pacientes apresentavam registros idênticos de pH dia após dia. Altamente improvável, mesmo com um só paciente. Impossível no caso de 15 pacientes, que era o número revisado por Lord do estudo de Yaminer.

Para ter certeza absoluta, Lord selecionou 15 outros nomes de pacientes e fez uma verificação similar de estudos de sangue. Dados novamente idênticos repetiam-se com uma frequência anormal.

Não havia necessidade de ir adiante. Qualquer investigador médico aceitaria o padrão já descoberto como uma prova de falsificação... no caso, uma fraude criminosa.

Com uma raiva fervilhante, Lord amaldiçoou o

Dr. Yaminer silenciosamente.

O relatório global apresentado por Yaminer era extremamente favorável à Hexin W. Mas era desnecessário. A droga parecia eficaz e proveitosa de qualquer maneira, como estava demonstrado por todos os outros relatórios que Lord lera.

Lord sabia o que devia fazer.

Deveria imediatamente comunicar à AAM, apresentando-lhe todos os fatos. Depois disso, o Dr. Yaminer seria oficialmente investigado e quase que certamente processado. Já acontecera com outros médicos antes e alguns haviam ido parar na prisão. Se Yaminer fosse considerado culpado, poderia ser preso também e talvez perdesse a licença para exercer a medicina.

Mas havia outra coisa que Lord sabia.

Se a AAM fosse envolvida, com o trabalho de Yaminer cancelado, tudo teria de ser refeito. E levando-se em consideração os novos acordos que teriam de ser feitos, haveria mais um ano de trabalho, retardando o lançamento da Hexin W pelo mesmo período.

Mais uma vez, Lord amaldiçoou Yaminer por sua estupidez e pelo dilema agora criado.

O que fazer?

Se tivesse acontecido em ligação com uma

droga sobre o qual pairassem dúvidas, disse Lord a si mesmo, ele não teria hesitado. Jogaria Yaminer aos lobos da AAM e se ofereceria para testemunhar no julgamento.

Mas não havia qualquer dúvida sobre a Hexin W. Com ou sem o relatório falso, seria um medicamento benéfico e bem sucedido.

Então por que não deixar que o estudo fraudado seguisse com os genuínos sem chamar atenção para o caso? Podia-se apostar que ninguém na AAM notaria. Afinal, o mero volume dos dados tornava isso improvável. E se os documentos de Yaminer fossem examinados por alguém da AAM, não havia motivos para supor que a fraude seria percebida. Nem todos eram tão rápidos a notar essas coisas como Vincent Lord.

Lord teria preferido omitir o estudo completamente, mas sabia que não podia. O nome de Yaminer estava relacionado em outro material já encaminhado à AAM.

Ele também detestava a idéia de deixar Yaminer escapar impune do que fizera. Mas parecia não haver alternativa.

Portanto... muito bem. Deixe como está. Lord pôs suas iniciais no estudo de Yaminer e colocou-o na pilha dos outros que revisara anteriormente.

E jurou para si mesmo que tomaria todas as providências para que o canalha nunca mais trabalhasse para o Felding-Roth. Havia uma ficha no departamento para Yaminer. Lord pegou-a e acrescentou os rascunhos que usara para determinar a fraude. Se algum dia precisasse daquilo, saberia exatamente onde encontrar.

A avaliação que Lord fez da situação provou ser correta. O material foi encaminhado à AAM e a solicitação aprovada num prazo satisfatoriamente curto.

Apenas uma coisa perturbou Vincent Lord por um momento, deixando-o bastante nervoso. No Centro Nacional para Drogas e Produtos Biológicos da AAM, em Washington, o Dr. Gideon Mace era agora um subdiretor. Em comparação com dias anteriores, Mace era agora um homem mudado e melhor, um abstêmio total, finalmente com um bom casamento e respeitado em seu trabalho. A experiência terrível na audiência do Senado parecia não tê-lo prejudicado. Fora até promovido pouco depois.

Lord foi informado de que Mace, embora não diretamente envolvido com a solicitação da Hexin W, demonstrara interesse pelo caso, como aparentemente acontecia com qualquer coisa que

vinha do Felding-Roth. Quase que certamente, Mace ainda guardava ressentimento contra a companhia e esperava, um dia, se vingar.

Mas nada aconteceu em decorrência do interesse de Mace e o nervosismo de Lord se dissipou quando foi concedida a aprovação para o lançamento da Hexin W no mercado.

Como acontecera com o Peptídeo 7, ficou decidido que o nome de desenvolvimento da Hexin W também seria o nome do produto.

— É fácil de pronunciar e vai se destacar na embalagem — declarou Celia, quando chegou o momento de decidir.

Bill Ingram concordou, acrescentando:

— Vamos torcer para que nos proporcione a mesma sorte que tivemos antes.

Quer a sorte tenha ajudado ou não, a Hexin W foi um sucesso imediato. Os médicos, inclusive em vários hospitais-escolas de grande prestígio, saudaram-na como um importante avanço médico, que possibilitava novas terapias para pacientes gravemente doentes. Publicações médicas louvaram tanto a droga como Vincent Lord. Muitos médicos em consultórios particulares começaram a receitar a Hexin W, inclusive Andrew, que comentou para Celia:

— Parece que vocês lançaram uma droga extraordinária. Creio que é uma abertura tão grande quanto a Lotromycina em sua época.

À medida que mais e mais médicos discutiam a droga entre si e pacientes manifestavam gratidão pelo alívio que lhes proporcionava, o uso da Hexin W foi se expandindo e as vendas dispararam.

Outros laboratórios farmacêuticos, alguns dos quais haviam se mostrado cautelosos a princípio, passaram a usar a Hexin W sob licença, incorporando-a em seus próprios produtos, a fim de aumentar a segurança. Algumas drogas que tinham sido desenvolvidas anos antes, sem nunca serem usadas por causa da elevada toxicidade, foram retiradas das prateleiras e submetidas a novos testes com o acréscimo da Hexin W.

Uma delas foi uma droga contra o artrismo chamada Arthrico. O detentor da patente era o Laboratório Exeter & Stowe, de Cleveland, cujo presidente, Alexander W. Stowe, era muito conhecido de Celia. Um antigo químico pesquisador, Stowe e um sócio abriram sua própria companhia uma década antes; embora a firma permanecesse pequena, alcançara uma reputação merecida por produtos de prescrição médica de alta qualidade.

Depois de fechado o acordo de licenciamento, Stowe foi pessoalmente à sede do Felding-Roth. Na casa dos 50 anos, era um homem jovial, que usava ternos amarrotados e cabelos desgrehados, dando a impressão de distraído, o que não correspondia à realidade. Numa reunião com Celia e Vincent Lord, ele declarou:

— Nossa companhia recebeu permissão da AAM para usar uma combinação de Arthrigo e Hexim W experimentalmente. Como as duas drogas possuem propriedades antiartríticas, temos muitas esperanças pelo resultado. É claro que os manteremos a par dos resultados.

Isso aconteceu seis meses depois do lançamento da Hexin W.

Poucas semanas depois, Celia e Andrew ofereceram uma festa numa noite de sábado, em sua casa em Morristown, em homenagem a Vincent Lord. Lisa e Bruce vieram para a ocasião.

Era o momento, raciocinara Celia, de fazer algo pessoal por Lord, quanto menos não fosse para deixar bem claro o seu reconhecimento pela contribuição eminente que ele fizera à companhia e indicar que o antagonismo entre os dois estava agora terminado ou deveria estar.

A festa foi um sucesso, Lord apresentou-se

mais descontraído e feliz do que Celia jamais o vira. Seu rosto fino de estudioso corava de prazer com os elogios que lhe destinavam. Sorria continuamente e se integrou facilmente com os convidados, que incluíam executivos do Felding-Roth, cidadãos eminentes de Morristown e outros que tinham vindo de Nova York, além de Martin Peat-Smith, a quem Celia pedira que viesse da Inglaterra para a ocasião.

O último gesto agradou especialmente a Lord, assim como o brinde de Martin, proposto a pedido de Celia.

— A vida de um cientista de pesquisa oferece desafios e, às vezes, emoção — declarou Martin, enquanto os outros convidados ficavam em silêncio.

— Mas também há anos exaustivos de fracasso, horas intermináveis de desespero e de freqüente solidão. Somente alguém que já passou por essas ocasiões terríveis pode compreender o que Vincent sofreu em sua busca pela Hexin W. Contudo, seu gênio e dedicação se elevaram acima de todos os obstáculos, levando a esta comemoração a que humildemente me acrescento, saudando... com vocês... um gigante da ciência em nossa época.

Depois que os convidados se retiraram e a família Jordan ficou sozinha, Lisa comentou:

— Muito bonito tudo. E se as conversas desta noite sobre o sucesso da companhia transpirassem, as ações do Felding-Roth subiriam mais um ou dois pontos.

Lisa, próxima do 26º aniversário e há quatro anos saída do Stanford, era uma analista financeira, trabalhando num banco de investimentos de Wall Street. No outono, porém, ela deixaria a firma para ingressar na Escola de Administração Wharton, num curso de pós-graduação.

Bruce sugeriu à irmã:

— O que você deveria fazer é sugerir na segunda-feira a seus clientes que comprem ações da Felding-Roth e depois na terça-feira avisar às agências noticiosas que o Dr. Peat-Smith, inventor do Peptídeo 7, virou um touro com a Hexin W.

— Seria antiético — respondeu Lisa. — Ou será que os diretores não se preocupam com essas coisas?

Bruce, formado há dois anos na Williams, trabalhava para uma editora de Nova York, onde era o editor do departamento de história. Ele também tinha planos para o futuro, envolvendo uma mudança para Paris e estudos na Sorbonne.

— Estamos preocupados com a ética durante todo o tempo — garantiu ele. — E é justamente por

isso que os editores ganham menos dinheiro que as banqueiras de investimentos.

— É maravilhoso ter vocês dois em casa e saber que nada está mudado — comentou Celia.

Celia descobriu que ser presidente de uma companhia muito bem sucedida e rica não eliminava os problemas de alta administração. Em comparação com a época em que a companhia era pobre, havia tantos problemas ou mesmo mais. Só que a natureza era diferente. E também, atualmente, havia uma exultação, um excitamento inebriante, que não existira nos velhos tempos, um clima em que Celia vicejava.

Logo depois do tributo social a Vincent Lord, ela andou excepcionalmente ocupada com problemas financeiros e administrativos, todos exigindo diversas viagens. Por isso, quase três meses transcorreram antes que tornasse a falar com Lord sobre o contrato de licenciamento da Hexin W com o Exeter & Stowe. Lord fora à sua sala para tratar de outro assunto e ela perguntou:

— Quais são as notícias de Alex Stowe sobre o Arthrigo e a Hexin W?

Ele respondeu:

— Os testes clínicos parecem estar correndo bem. Pelo que sei, tudo se apresenta positivo.

— O que me diz dos informes adversos sobre a Hexin W em geral? Não vi nenhum passar por minha mesa.

— Não lhe enviei nenhum porque não apareceu nada importante — explicou Lord. — Isto é, nada que envolva diretamente a Hexin W.

A mente de Celia, tão acostumada atualmente a uma dieta de boas notícias, já passara rapidamente para outra coisa; assim, não prestou atenção à ressalva na última frase de Lord. Posteriormente, haveria de se lembrar com pesar e culpar-se pela omissão.

Pois Lord, como era seu hábito há muitos anos, remontando a um tempo antes mesmo de Celia conhecê-lo, não revelara toda a verdade.

19

A notícia, quando irrompeu, foi suavemente. Enganadora, insinuante, não se revelou inteiramente. Depois, parecia a Celia que o destino entrara na ponta dos pés, a princípio sem se anunciar e despercebido, usando uma prosaica bainha, da qual emergiu depois uma espada

faiscante.

Começou com um telefonema num momento em que Celia não se encontrava em sua sala. Quando ela voltou, um recado — entre vários — informava que o Sr. Alexander Stowe, do Laboratório Exeter & Stowe, telefonara e pedia que lhe ligasse. Não havia nada para indicar que o pedido era urgente e Celia cuidou primeiro de diversos outros assuntos.

Cerca de uma hora depois, ela pediu que fosse feita a ligação para Stowe. Pouco depois, uma secretária informou-a que ele estava na linha. Ela apertou um botão e disse pelo fone:

— Olá, Alex. Pensei em você esta manhã, imaginando como vai o seu programa do Arthri-go-Hexin W.

Houve um momento de silêncio e depois Stowe disse, aturdido:

— Cancelamos o nosso contrato com vocês há quatro dias, Celia. Não sabia?

Agora, a surpresa foi de Celia.

— Não, não sabia. Se mandou alguém da sua companhia cancelar, tem certeza de que a ordem foi cumprida?

— Cuidei disso pessoalmente — informou Stowe, obviamente ainda espantado. — Falei

diretamente com Vince Lord. E hoje, lembrando que não tinha falado com você, achei que deveria fazê-lo, como uma cortesia. Foi por isso que telefonei.

Contrafeita por ser informada de uma coisa que já deveria saber, Celia respondeu:

— Terei uma conversa com Vince... — Ela fez uma pausa. — Qual foi o motivo para o cancelamento?

— Bom... para ser franco, estamos preocupados com aquelas mortes por infecções. Tivemos duas em pacientes que estávamos controlando. Embora não pareça que qualquer das drogas... Arthrigo ou Hexin W... fosse diretamente responsável, ainda há perguntas sem respostas. Ficamos apreensivos e por isso resolvemos não continuar, particularmente em vista das outras mortes.

Celia ficou atordoada. Pela primeira vez, desde que a conversa começara, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Teve uma súbita premonição de que havia mais por vir e que não gostaria de escutar.

— Que outras mortes?

Desta vez o silêncio foi mais prolongado.

— Está querendo dizer que também não sabe disso?

Celia disse, impaciente:

— Se eu soubesse, Alex, não perguntaria.

— Há quatro casos de que temos conhecimento aqui, embora sem os detalhes, a não ser que os pacientes estavam tomando Hexin W e morreram de tipos diferentes de infecção.

Stowe parou de falar por um momento. Quando recomeçou, a voz era controlada e grave:

— Vou-lhe fazer uma sugestão, Celia. Por favor, não pense que sou presunçoso, já que envolve a sua companhia. Mas acho que você precisa ter uma conversa com o Dr. Lord.

— É o que eu também acho.

— Vince está a par das mortes... as outras e as nossas... porque discutimos o assunto. E ele também deve ter os detalhes, para a informação à AAM. — Outra hesitação. — Espero sinceramente, para o bem de todos aí, que a AAM tenha sido informada.

— Alex, parece haver algumas falhas no meu conhecimento e tenciono preenché-las imediatamente. Fico muito agradecida a você pelo que me disse. E, por enquanto, não há muito sentido em continuarmos esta conversa.

— Concordo com você. Mas, por favor, telefone-me se precisar de mais alguma coisa e se houver algo que eu possa fazer para ajudar. Ah, sim... o verdadeiro propósito da minha ligação por

dizer que lamentamos muito ter de cancelar nosso contrato. Espero que, em alguma outra ocasião, possamos trabalhar juntos.

Celia respondeu automaticamente, a mente já se concentrando no que teria de fazer em seguida.

— Obrigada, Alex. É o que eu também espero.

Ela encerrou a ligação apertando um botão. Já estava prestes a apertar outro, que a ligaria com Vincent Lord, depois mudou de idéia. Iria procurá-lo pessoalmente. Agora.

O primeiro informe de morte de um paciente tomando Hexin W chegara ao Felding-Roth dois meses depois do lançamento da droga. Como sempre, fora encaminhado ao Dr. Lord. Momentos depois de ler o relatório ele o descartara imediatamente.

O informe era de um médico em Tampa, Flórida. Revelava que o paciente vinha tomando Hexim W em combinação com outra droga e que a causa da morte fora febre e infecção. Lord raciocinou que a morte podia não ter qualquer relação com a Hexin W e por isso arquivou o informe. Contudo, ao final do dia, em vez de despachá-lo para o arquivo geral, como era a rotina, guardou numa pasta e trancou numa gaveta de sua mesa.

O segundo informe chegou duas semanas depois. Era de um promotor do Felding-Roth e despachado pelo correio depois de uma conversa com um médico de Southfield, Michigan. O promotor fora consciencioso, registrando todas as informações que conseguira obter.

Os informes sobre efeitos colaterais de drogas, inclusive efeitos adversos, chegavam aos laboratórios farmacêuticos de várias fontes. Às vezes, médicos escreviam diretamente. Em outras ocasiões, os hospitais cuidavam disso, como um procedimento rotineiro. Farmacêuticos responsáveis comunicavam o que sabiam. Ocasionalmente, as notícias vinham dos próprios pacientes. Além disso, os promotores da companhia tinham instruções para informarem qualquer coisa que lhes fosse dita sobre os efeitos de uma droga, não importava quão trivial pudesse parecer.

Em qualquer laboratório farmacêutico, os informes sobre os efeitos colaterais de drogas eram acumulados e encaminhados à AAM, em relatórios trimestrais. Era o que a lei determinava.

A lei também exigia que qualquer reação mais grave, particularmente com uma nova droga, fosse encaminhada à AAM, com o aviso de "urgente", no prazo máximo de 15 dias depois da companhia ter

sido informada. A lei se aplicava quer a companhia acreditasse ou não que sua droga fosse responsável.

O informe do vanguardista de Southfield, também lido por Lord, revelava que o paciente, enquanto tomava Hexin W e outra droga anti-artrítica, morrera de uma maciça infecção do fígado. Isso fora confirmado na autópsia.

Lord novamente concluiu que a Hexin W não poderia ter sido responsável pela morte. Ele guardou o informe na mesma pasta em que já se encontrava o primeiro.

Um mês transcorreu e chegaram mais dois informes, separadamente, mas ao mesmo tempo. Registravam as mortes de um homem e uma mulher. Os dois pacientes vinham tomando Hexin W em combinação com outra droga. A mulher, idosa, desenvolvera uma grave infecção bacteriana de um pé, depois que o cortara num acidente em casa. Como medida de emergência, o pé fora amputado, mas a infecção se espalhara rapidamente, causando a morte. O homem, que tinha uma saúde precária, morrera de uma incontrolável infecção cerebral.

A reação de Lord foi de irritação com os dois mortos. Por que suas malditas doenças, das quais morreriam de qualquer maneira, tinham de

envolver a Hexin W, embora a droga evidentemente não fosse responsável em qualquer dos casos? Mesmo assim, os informes se acumulando estavam se tornando um embaraço. E uma preocupação.

A esta altura, Lord já estava consciente de sua omissão no cumprimento da lei federal, por não ter comunicado imediatamente os incidentes anteriores à AAM. Agora, ele se encontrava numa situação insustentável.

Se enviasse os últimos informes à AAM, não poderia omitir os anteriores. Contudo, estes já estavam atrasados demais, muito além do prazo máximo de 15 dias para a comunicação. Se os despachasse agora, tanto ele como o Felding-Roth seriam considerados culpados de violação de uma lei federal. Qualquer coisa poderia acontecer. Ele estava desconfortavelmente consciente de que o Dr. Gideon Mace provavelmente esperava na AAM para aproveitar uma oportunidade assim.

Lord guardou os dois últimos informes em sua pasta, junto com os outros. Afinal, ele lembrou a si mesmo, era o único que tinha conhecimento do número total. Cada informe chegara separadamente. Nenhuma das pessoas que apresentara os informes tinha conhecimento das outras.

Quando Alexander Stowe telefonou, cancelando o contrato do Exeter & Stowe para o uso da Hexin W, Lord já acumulara 12 informes e vivia apavorado. Também soube — aumentando o seu desespero — que Stowe de alguma forma tomara conhecimento de quatro mortes relacionadas com a Hexin W. Lord não revelou a Stowe que o número verdadeiro era 12. Havia ainda, mais as duas mortes de que Stowe possuía conhecimento direto e que Lord soube pela primeira vez.

Como Lord não podia legalmente ignorar o que Stowe lhe dissera, o total de mortes conhecidas era agora de 14.

Um 15º informe chegou no dia em que Stowe telefonou para Celia. A esta altura, relutantemente, mas incapaz de evitar a verdade científica, Lord adquirira uma idéia do que estava causando as mortes... a maioria delas, se não todas.

Vários meses antes, no gabinete de Celia, durante a reunião de planejamento de vendas em que suas palavras haviam sido aplaudidas, ele descrevera o efeito da Hexin W: "*...detém a produção de radicais livres de tal forma que os leucócitos — as células brancas do sangue — não são atraídas para um local de doença... Resultado: não há inflamação... a dor desaparece.*"

Tudo isso era verdade.

O que também estava se tornando evidente, por dedução e por algumas novas experiências apressadas, era que o banimento dos leucócitos propiciava uma fraqueza, uma vulnerabilidade. Normalmente, os leucócitos num local de doença matavam o material estranho — as bactérias. Assim, os leucócitos, embora causando dor, constituíam também uma proteção. Mas, em sua ausência — uma ausência causada pela repressão dos radicais livres — as bactérias e outros organismos floresciam, criando infecções maciças em vários locais do corpo.

E a morte.

Embora ainda não tivesse sido provado, Vincent Lord tinha certeza de que a Hexin W, no final das contas, era a causa de pelo menos uma dúzia de mortes, talvez mais.

Ele também compreendeu, tarde demais para qualquer proveito, que houvera uma falha no programa de testes da Hexin W. A maioria dos pacientes observados estava em hospitais, sob condições controladas, onde havia menos condições de florescer infecções. Todas as mortes registradas em sua pasta haviam ocorrido longe de hospitais, em casas ou outros ambientes não controlados, em

que as bactérias podiam viver e se multiplicar...

Lord chegou à conclusão — reconhecendo o seu fracasso, destruindo seus sonhos, reforçando os seus medos atuais e desesperados — apenas poucos minutos antes de Celia chegar.

Ele sabia agora que a Hexin W teria de ser retirada. Sabia, com desespero, que era culpado de ocultamento de informações... um ocultamento causando mortes que poderiam ter sido evitadas. Em decorrência, ele enfrentaria a desgraça, um processo, talvez a prisão.

Estranhamente, seus pensamentos voltaram a 27 anos antes... Champaign-Urbana, a Universidade de Illinois, o dia no gabinete do reitor em que pedira por uma promoção acelerada, que lhe fora recusada.

Sentira que o reitor estava convencido de que ele, Vincent Lord, apresentava alguma falha de caráter. Agora, pela primeira vez, mergulhando nas profundezas de sua alma, Lord perguntou a si mesmo: O reitor não estaria certo?

Entrando sem se anunciar na sala de Lord e fechando a porta, Celia não perdeu tempo.

— Por que não fui informada que o Exeter & Stowe cancelou seu contrato há quatro dias?

Lord, surpreso com a entrada súbita, respondeu contrafeito:

— Eu ia lhe contar. Ainda não tive tempo.

— Quanto tempo mais demoraria se eu não perguntasse? — Sem esperar por uma resposta, Celia acrescentou: — Tive de saber por gente de fora que há informes adversos sobre a Hexin W. Por que também não fui informada sobre isso?

Lord respondeu de maneira pouco convincente:

— Eu estava estudando... cotejando as informações...

— Mostre-me os informes. Todos eles. Agora.

Sabendo que, a esta altura, nada podia ser omitido, Lord pegou suas chaves e abriu uma gaveta trancada da mesa.

Observando-o, Celia lembrou-se da ocasião, sete anos antes, em que ali estivera querendo ver os primeiros informes suspeitos sobre o Montayne. Lord relutara em mostrá-los, mas ela insistira e ele repetira o mesmo processo de abrir a gaveta trancada. Ela ficara surpresa por descobrir que os informes não se encontravam no arquivo geral, onde seriam acessíveis a outros.

O mesmo processo de ocultamento.

Celia pensou, amargurada, que a experiência anterior deveria ter lhe ensinado. Porque isso não acontecera, uma falha de organização persistira na companhia, uma falha pela qual era responsável,

como presidente.

Duplamente responsável... porque tinha conhecimento da tendência de Vincent Lord para ocultar as más notícias, esconder o que não lhe agradava, e não tomara qualquer providência para evitar que isso continuasse a acontecer.

Lord entregou-lhe uma pasta volumosa. A primeira reação de Celia foi de choque ao constatar o quanto continha. A segunda, enquanto virava as páginas e lia, observada por Lord em silêncio, foi de horror. Ela contou os casos. Quinze mortes. E todas as pessoas estavam tomando Hexin W.

Ao final, ela fez a pergunta inevitável, embora conhecendo a resposta de antemão:

— Já comunicamos à AAM qualquer um ou todos estes informes?

Os músculos do rosto de Lord se contraíram quando ele respondeu:

— Não.

— Está a par da lei e do prazo máximo de 15 dias?

Lord assentiu lentamente, sem falar.

— Perguntei-lhe há algum tempo se havia informes adversos sobre a Hexin W. Você me disse que não havia nenhum.

Tentando desesperadamente salvar alguma

coisa, Lord disse:

— Não falei que não havia nenhum. O que eu disse foi... nada que envolva diretamente a Hexin W.

Atordoadas, Celia lembrou-se. Fora exatamente o que ele dissera. Uma resposta dúbia, típica de Lord, cujo comportamento ela conhecia há 27 anos.

Armada com esse conhecimento, ela deveria ter reconhecido a resposta pelo que era — evasiva — e persistido no interrogatório. Se o tivesse feito, os informes adversos teriam sido comunicados meses antes. E haveria menos agora — menos mortes — porque a AAM teria entrado em ação, seriam divulgadas advertências...

Mas não! Em vez disso, ela se deixara embair pelo clima de euforia, enamorada por um segundo sucesso estrondoso... Peptídeo 7, depois Hexin W... Pensara que nada poderia sair errado. Mas saíra e agora, enquanto o mundo de Vincent Lord desmoronava, o mesmo acontecia com o dela.

Sem esperar por uma resposta aceitável, Celia perguntou:

— Por que fez isso?

— Eu acreditava que a Hexin W...

Celia interrompeu-o bruscamente:

— Não tem importância.

Tornando a guardar os papéis na pasta, ela acrescentou:

— Vou levar isto. As cópias serão enviadas para Washington... para a AAM... ainda hoje, com o aviso de urgente, por mensageiro especial. E ainda telefonarei para o comissário a fim de garantir que recebam a devida atenção.

Ela fez uma pausa e depois arrematou, sombriamente, mais para si mesma:

— Imagino que teremos notícias de volta muito em breve.

20

A AAM reagiu rapidamente, quase que certamente por causa da decisão de Celia de envolver diretamente o comissário. Foi emitida uma ordem para a retirada temporária da Hexin W. A classificação de "temporária" deixava em aberto a possibilidade de um relançamento posterior da droga, em condições mais restritivas. Mesmo que isso acontecesse, porem, uma coisa era clara: os dias de grande sucesso da Hexin W haviam terminado.

-- O que é uma pena — comentou Alex Stowe

numa conversa com Celia pouco depois. — Ainda é uma boa droga e um avanço científico, apesar de toda a confusão que Vince provocou pessoalmente.

Ele fez uma pausa e acrescentou tristemente:

— O problema em nossa sociedade é que todos querem drogas que sejam livres de riscos, mas você e eu sabemos que não existem e nunca existirão.

Desde a recente experiência comum que Celia adquirira o hábito de conversar regularmente com Stowe, que demonstrava ser um sábio amigo e confidente.

— Você verá a Hexin W de volta, Celia, talvez com maiores salvaguardas ou depois de mais desenvolvimento. Há uma necessidade de reprimir os radicais livres, mesmo com algum risco, é uma técnica que está-se disseminando medicamente. E nos próximos anos ouviremos falar mais e mais a respeito. Quando isso acontecer, Celia, poderá recobrar o ânimo ao pensar que o Felding-Roth esteve presente como pioneiro.

— Obrigada, Alex. Por aqui, neste momento, qualquer pensamento animador é bem-vindo.

Apesar da melancolia envolvendo a retirada da Hexin W, o processo em si transcorreu tranqüilamente. Antecipando-o, Celia ordenara os preparativos necessários, antes mesmo da ordem da

AAM. Assim, quando esta foi emitida, imediatamente foi despachada uma carta para todos os médicos, comunicando-lhes que não deviam mais receitar a droga. Duas semanas depois, o produto já saíra das prateleiras de todas as farmácias. Celia tentara fazer com que a retirada da Hexin W fosse classificada como voluntária, mas a AAM objetou, preferindo exercer sua autoridade. Por causa do problema pendente do atraso da remessa dos informes, Celia foi aconselhada pelos advogados a não discutir.

Quanto a esse problema, nada se soube imediatamente. Mas, poucas semanas depois, a Pink Sheet, um informe semanal sobre os problemas farmacêuticos, publicado em Washington, declarou:

Na questão do Felding-Roth e Hexin W, a AAM encaminhou a investigação sobre as supostas violações na remessa dos informes adversos ao Departamento de Justiça, embora não houvesse, ao que se saiba, qualquer recomendação para que fosse convocado um grande júri.

— Pelo que fui informado, confidencialmente,
— disse Childers Quentin a Celia, durante uma conferência por telefone que incluiu Bill Ingram e mais um advogado da companhia, — vocês estão

entre duas facções, pressionando para lados diferentes, dentro da AAM.

A pedido de Celia, Quentin, através de seus muitos contatos na capital, fizera sondagens para descobrir o que estava acontecendo. Periodicamente, o advogado de Washington informava o que soubera. O comentário da Pink Sheet é que acarretara a última ligação.

— Uma facção inclui o comissário e alguns outros que estão propensos a não se precipitarem, sabendo que os grandes júris são arriscados e podem acabar se virando contra o pessoal da AAM, se o seu envolvimento também foi negligente. Outra coisa... O comissário ficou impressionado, Celia, quando você foi honesta com ele em relação aos informes atrasados.

Quentin fez uma pausa, antes de continuar:

— Mas há um segundo contingente na AAM, liderado por um comissário associado. Ele tem poder, é um burocrata permanente, continuará no órgão muito depois que o comissário se afastar. Está no lado de um médico da AAM chamado Gideon Mace. E é Mace quem mais clama por uma ação enérgica. Você deve se lembrar dele. Estivemos todos juntos no Capitólio.

— Claro que me lembro — disse Celia. O Dr.

Mace parece ter um ressentimento contra o Felding-Roth, embora eu não tenha a menor idéia do motivo.

Bill Ingram perguntou:

— Há alguma coisa que possamos fazer em relação ao que está acontecendo ou poderá acontecer lá no Departamento de Justiça?

— Há, sim... apenas sentar, esperar e torcer. Há coisas em que se pode interferir em Washington e às vezes escapar impunes, mas um processo de grande júri... se chegarmos a esse ponto... não é uma delas.

E assim todos permaneceram de braços cruzados, a espera foi angustiante.

Ainda mais angustiante foi a presença na sede do Felding-Roth de delegados federais com um mandado de busca. Fora emitido por um tribunal federal de Newark, que era o mais próximo de Boonton.

A Hexin W fora retirada no início de outubro. Em meados de novembro, o promotor federal para o distrito de New Jersey, agindo por instruções do Departamento de Justiça, solicitou permissão a um juiz federal para "procurar e confiscar todos os memorandos, correspondência e outros documentos relacionados com o produto farmacêutico conhecido como Hexin W".

Era um processo *ex-parte*, do qual o Felding-Roth não teve conhecimento prévio; assim, a companhia não estava representada quando o mandado judicial foi solicitado e concedido.

A medida de busca e apreensão foi um choque para Celia e outros, assim como a presença dos delegados federais, que permaneceram na sede da companhia por vários dias, finalmente levando uma dúzia de caixas grandes de papelão num caminhão. Lá estavam os conteúdos de arquivos do departamento de pesquisa, inclusive os de Vincent Lord.

Lord tentou protestar contra a intromissão em seu gabinete, mas os delegados lhe apresentaram o mandado judicial e ordenaram que não interferisse.

Desde o dia em que, na sala de Lord, Celia descobrira os informes adversos ilegalmente retidos, o diretor de pesquisa evitara na medida do possível quaisquer contatos com os altos executivos da companhia, especialmente a própria Celia. Era evidente a todos os envolvidos que os dias de Lord no Felding-Roth estavam contados. E era também evidente que, até que fosse resolvido o problema dos informes adversos da Hexin W, a companhia, que incluía Vincent Lord, não tinha opção que não apresentar uma frente unida. A apreensão dos

documentos tornara isso ainda mais evidente; portanto, prevalecia uma trégua apreensiva.

Enquanto Lord se mantinha à distância, Celia formulava um plano para reestruturar a organização de pesquisa, com um presidente divisional e vice-presidentes se reportando a eles, no comando de seções especializadas, inclusive a nova instalação de engenharia genética. Ela tinha uma idéia definida sobre quem poderia assumir o comando da parte genética.

Depois da atividade em meados de novembro, nada mais se ouviu a respeito do assunto pelo restante do ano. Pouco antes do Natal, Childers Quentin informou:

— Oficialmente, ainda há uma investigação em andamento. Mas eles têm uma porção de outras coisas lá no Departamento de Justiça e a Hexin W aparentemente não é uma das prioridades.

Bill Ingram, que outra vez escutava a conversa telefônica junto com Celia, comentou:

— Suponho que diminui a possibilidade de acontecer algo mais sério à medida em que qualquer ação é protelada por mais tempo.

— Geralmente costuma ser assim — respondeu Quentin. — Mas não contem com isso.

O primeiro dia do novo ano trouxe uma notícia

feliz. O rumor de que Martin Peat-Smith ganharia o título de "Sir" converteu-se em realidade, com a inclusão de seu nome na Lista de Honra da Rainha. O Times de Londres noticiou que era um reconhecimento por "serviços eminentes à humanidade e à ciência".

A investidura oficial de Sir Martin Peat-Smith por Sua Majestade seria no Palácio de Buckingham, na primeira semana de fevereiro. Celia, ao ser informada disso, declarou prontamente num telefonema de parabéns a Martin:

— Andrew e eu estaremos aí na semana anterior. E depois da cerimônia no palácio, ofereceremos uma festa a você e Yvonne.

Assim, quase ao final de janeiro, Celia e Andrew se encontravam em Londres, acompanhados por Lilian Hawthorne, que Celia persuadira a ir também. Nos sete anos e meio desde a morte de Sam, Lilian se acostumara a viver sozinha e raramente viajava. Mas Celia ressaltou que a ocasião era, de certa forma, um memorial a Sam, já que o instituto de Harlow fora idéia dele, assim como a escolha de Martin para chefiá-lo.

Celia, Andrew e Lilian se hospedaram no mais recente lugar em moda para viajantes prósperos, o Fortyseven Park Street, em Mayfair, onde os

serviços de hotel se combinavam com luxuosos apartamentos particulares.

Lilian, que faria 60 anos em seu próximo aniversário, ainda era uma mulher de grande beleza. Numa visita dos três ao instituto em Harlow, Rao Sastri sentiu-se obviamente atraído por ela, apesar da diferença de 20 anos na idade. Sastri conduziu uma excursão pelos laboratórios especial para Lilian e depois os dois saíram para almoçar juntos. Celia ficou divertida quando soube que haviam combinado uma noite em Londres na semana seguinte, um jantar e um teatro.

Na segunda-feira, dois dias antes da cerimônia em Buckingham, Celia recebeu um telefonema transatlântico de Bill Ingram:

— Lamento incomodá-la com más notícias, mas Childers Quentin acaba de telefonar. Parece que o caos é total em Washington.

O vice-presidente executivo explicou que a notícia envolvia a AAM, o Dr. Gideon Mace, o Departamento de Justiça, o Senador Dennis Donahue e a Hexin W.

— Pelo que Quentin diz, Mace ficou cansado do que considerava a inação do Departamento de Justiça. Assim, por conta própria, extra-oficialmente, levou todos os documentos da Hexin

W ao Capitólio, falando com um dos assessores de Donahue. O assessor mostrou tudo a Donahue, que agarrou a coisa como se fosse um presente de Natal. Segundo o informante de Quentin, as palavras do senador foram as seguintes: "Eu estava mesmo esperando por algo assim."

— Posso imaginar — comentou Celia.

— Donahue prontamente ligou para o Procurador Geral e exigiu uma ação imediata. Desde então... e a informação é também de Quentin... Donahue vem telefonando para o Procurador Geral de hora em hora.

Celia suspirou.

— São más notícias demais ao mesmo tempo. Tem mais alguma coisa?

— Infelizmente, tem, sim. Primeiro, é agora certo que será convocado um grande júri para examinar a questão dos informes atrasados da Hexin W, mais qualquer outra coisa que venha a surgir. E o Procurador Geral, que está se interessando pessoalmente por causa de Donahue, tem certeza de que pode obter indiciamentos.

— Contra quem?

— Vince Lord, é claro. Mas também... e lamento dizê-lo, Celia... contra você. Vão alegar que você foi responsável... e isso por insistência de Donahue.

Segundo Quentin, Donahue quer o seu escalpo.

Celia sabia o motivo. Lembrava-se da advertência do advogado de Washington depois das audiências no Senado: "Você fez com que ele parecesse um idiota... Se, a qualquer momento no futuro, ele puder causar qualquer prejuízo ao Felding-Roth ou a você pessoalmente... podem estar certos de que o fará e com a maior satisfação." Ela se lembrou nesse instante das palavras de Ingram um momento antes e perguntou:

— Bill, você falou em "qualquer outra coisa que venha a surgir". O que isso significa?

Ingram suspirou.

— A coisa é complicada, mas tentarei explicar da maneira mais simples possível. Quando os dados dos testes clínicos foram apresentados em Washington, continham a gama habitual de estudos médicos, inclusive o de um certo Dr. Yaminer, de Phoenix. Descobriu-se agora que o estudo de Yaminer era forjado. Ele relacionou pacientes que não tinha. Muitos dos seus dados são fraudulentos.

— Lamento saber disso, embora aconteça ocasionalmente — comentou Celia. — Outras companhias já tiveram o mesmo problema. Mas quando se descobre a falsificação... se se descobre... comunica-se à AAM, que toma as providências

cabíveis.

— Certo. Mas o que não se deve fazer é incluir os dados num processo de solicitação de autorização depois que se descobre que são falsos.

— Claro que não.

— Pois foi o que Vince fez. Ele rubricou o relatório de Yaminer e despachou-o para a AAM.

— Mas como alguém pode saber que Vince estava a par...

— Já vou chegar a esse ponto.

Celia murmurou, desolada:

— Continue.

— Quando aqueles delegados federais estiveram aqui, com seu mandato de busca e apreensão, levaram os arquivos do departamento de Vince. E lá estava a ficha de Yaminer. Em anexo, havia anotações com a letra de Vince, demonstrando que ele descobrira que o relatório de Yaminer era falsificado, antes de encaminhá-lo à AAM. O Departamento de Justiça está agora com o relatório original e as anotações de Vince.

Celia se manteve em silêncio. O que havia para dizer. Ela se perguntou: Haveria um fim para a infâmia?

— E acho que isso é tudo — acrescentou Ingram. — A não ser...

— A não ser o quê?

— Bom... é sobre o Dr. Mace e a maneira como ele nos é antagônico. Lembro que você comentou um dia que não tinha a menor idéia do motivo.

— E ainda não tenho.

— Acho que Vince sabe por quê. Tenho esse pressentimento. E também observei Vince. Ele parece ficar apavorado cada vez que o nome de Mace vem à baila.

Celia avaliou o que acabara de ouvir. E depois, subitamente, as palavras de Ingram se ligaram em sua mente com uma conversa que tivera com Lord, por ocasião das audiências no Senado. Ela o acusara de mentir em seu depoimento e... Tomando uma decisão imediata, Celia disse:

— Quero falar com ele. Aqui.

— Com Vince?

— Isso mesmo. Diga a ele que é uma ordem. Ele deve embarcar no primeiro avião disponível e se apresentar a mim assim que chegar.

Agora, os dois se confrontavam. Celia e Vincent Lord.

Estavam na sala de estar do apartamento dos Jordans em Mayfair. Andrew saíra, obsequiosamente.

Lord parecia cansado, mais velho do que os

seus 61 anos, sob uma tensão evidente. Emagrecera tanto que o rosto era ainda mais fino do que antes. Os músculos faciais, que antes se contraíam apenas raramente, agora o faziam a todo instante.

Celia recordou o incidente em seus primeiros dias como diretora-assistente de treinamento de vendas, quando muitas vezes procurava Lord em busca de conselhos técnicos. Tentando ser amistosa, ela sugerira que se tratassem pelos primeiros nomes, ao que Lord respondera bruscamente: "Seria melhor para nós dois, Sra. Jordan, lembrar em todos os momentos da diferença em nossas posições."

Pois naquela ocasião ela aceitaria o conselho dele, pensou Celia. E disse, friamente:

— Não discutirei o lamentável caso de Yaminer, Dr. Lord, a não ser para dizer que proporciona à companhia uma oportunidade de afastá-lo e deixar que se defenda sozinho de tudo... à sua própria custa.

Com um brilho de triunfo nos olhos, Lord declarou:

— Não pode fazer isso, porque será indiciada também.

— Se eu decidir assim, claro que posso fazê-lo. E qualquer providência para a minha defesa que eu venha a fazer só diz respeito a mim, você não tem

nada com isso.

– Se você decidir...?

Lord parecia desconcertado.

– Não assumirei qualquer compromisso. Compreenda isso. Mas, se a companhia resolver ajudar em sua defesa, insisto em saber de tudo

– Tudo?

– Tem alguma coisa no passado. Algo que você sabe e eu não. Creio que se relaciona com o Dr. Mace.

Eles estavam de pé. Lord gesticulou para uma cadeira.

– Posso sentar?

– Pode.

Celia também sentou.

– Muito bem, há mesmo uma coisa – disse Lord. – Mas não vai gostar de saber. E depois que souber, vai se arrepender por ter me pedido que contasse.

– Estou esperando. Fale logo.

E Lord contou tudo.

Remontou aos primeiros problemas com Gideon Mace na AAM, a mesquinhez de Mace, os insultos, os atrasos longos e inadmissíveis na aprovação do Staidpace... ao final, uma droga boa, que salvara muitas vidas... Depois, a tentativa de

descobrir alguma coisa contra Mace, resultando no encontro de Lord no bar de homossexuais em Georgetown com Tony Redmond, um técnico da AAM... A compra de Redmond dos documentos que incriminavam Mace. O custo: dois mil dólares... uma despesa aprovada por Sam, que depois concordou em não transmitir as informações à justiça, em vez disso guardar os documentos secretamente, o que fazia com que Sam e Lord se tornassem cúmplices de um crime... Dois anos depois, quando Mace protelava a aprovação da AAM ao Montayne, a decisão, partilhada por Sam, de fazer chantagem contra Mace... A chantagem bem sucedida, apesar da preocupação do Dr. Mace com o informe australiano sobre o Montayne e as dúvidas honestas sobre a droga...

E depois estava feito. Agora, Celia sabia de tudo e, como Lord previra, desejava não ter sido informada. Contudo, ela tivera de saber, porque afetava os julgamentos futuros que faria como presidente do Felding-Roth.

Ao mesmo tempo, muitas coisas se tornavam claras: o desespero e sentimento de culpa de Sam, o motivo real e mais profundo para o seu suicídio... o colapso do Dr. Mace na audiência do Senado e, quando indagado por que aprovara o Montayne,

sua resposta patética, "Não sei..." A raiva de Mace contra o Felding-Roth e tudo o que fazia.

Celia pensou: Se eu fosse Mace, também nos odiaria.

E agora que Celia conhecia a história deplorável e terrível, o que fazer em seguida? Sua consciência lhe dizia que só havia uma coisa que devia fazer. Informar às autoridades. Revelar tudo. Contar a verdade. Deixar que todos os envolvidos assumissem os seus riscos... Vincent Lord, Gideon Mace, o Felding-Roth, ela própria.

Mas o que aconteceria se fizesse isso? O que haveria com todos? Lord e Mace seriam destruídos, é claro... uma perspectiva que não a preocupava muito. O seu problema era a certeza de que a companhia também seria desgraçada, levada de roldão e não apenas a companhia como uma entidade em si, mas todo o seu pessoal, empregados, executivos, acionistas, os outros cientistas que não Vincent Lord. É verdade que ela sairia com uma imagem favorável, mas isso era o menos importante.

Igualmente importante era a pergunta: Se se tornasse público, que se conseguiria com isso? A resposta: depois desse período de tempo... nada.

Portanto, ela não ouviria a "voz da consciência".

Não revelaria tudo publicamente. Sabia, sem ter de pensar mais a respeito, que também permaneceria em silêncio, se juntaria aos outros na corrupção. Não tinha alternativa.

Lord também sabia disso. Havia a insinuação de um sorriso em seus lábios finos.

Ela o desprezava. Odiava-o mais do que a qualquer outra pessoa, em toda a sua vida.

Ele corrompera a si mesmo, corrompera Mace, corrompera Sam. E agora, corrompia Celia.

Ela se levantou. E gritou, emocionada, quase incoerente:

— Saia da minha frente! Suma!

Ele saiu.

Andrew voltou uma hora depois. Celia lhe disse:

— Aconteceu uma coisa importante. Terei de voltar logo depois da festa de Martin e Yvonne. Isso significa um vôo depois de amanhã. Se você quiser ficar mais alguns dias...

— Iremos juntos. — Uma pausa e Andrew acrescentou, suavemente: — Deixe-me tomar todas as providências necessárias. Posso ver que está com uma porção de coisas na cabeça.

Pouco depois, ele deu todas as informações. O Concorde da quinta-feira para Nova York estava

lotado. Ele conseguira dois lugares em primeira classe num 747 da British Airways. Estariam em Nova York e depois em Morristown na tarde de quinta-feira.

21

Yvonne mal podia acreditar. Estava mesmo dentro do Palácio de Buckmgham? Era mesmo ela quem se achava no State Ballrocm, sentada com outros cujos cônjuges ou pais estavam prestes a receber as honrarias, todos aguardando com graus diversos de expectativa e emoção a chegada da Rainha? Ou tudo não passava de um sonho?

Se um sonho, então era maravilhoso. E ao som da música da banda regimental dos Guardas de Coldstream, tocando na galeria dos menestréis por cima. E tocavam Early One Morning, uma música alegre e animada.

Mas não era sonho. Porque ali, a apenas uns 15 metros de distância, estava o seu querido Martin, fazendo um breve ensaio, sob a orientação do mestre de cerimônias, um coronel em uniforme de gala.

Martin viera de uma ante-sala. Seguindo as instruções, ele avançou três passos, fez uma reverência... inclinou-se para a frente, sobre o genuflexório... o joelho esquerdo no genuflexório, pé esquerdo no chão... a um sinal, levantar, deslocar-se ligeiramente para a direita...

Subitamente, uma pausa, um alvoroço. A banda parou, a música cessando no meio de um acorde. Martin e outros que estavam ensaiando foram levados para a ante-sala. Na galeria, o maestro da banda, a batuta levantada, esperava pelo sinal. Que veio. Lacaios de libré abriram as portas, a Rainha apareceu.

Os homens de uniforme assumiram posição de sentido. Todos os convidados se levantaram. A batuta se mexeu. O hino nacional, suave mas forte, espalhou-se pelo salão.

A Rainha, num vestido turquesa de seda, estava sorrindo. Encaminhou-se para o centro do salão e o genuflexório. Foi seguida pelo Lord Camareiro e o Secretário do Interior. A cerimônia começou. A banda tocou suavemente uma valsa de Strauss. Tudo era distinto, rápido e eficiente. Não havia tempo desperdiçado, mas era uma ocasião que nenhum dos envolvidos jamais esqueceria.

Yvonne estava gravando cada detalhe em sua

memória. A vez de Martin não demorou, logo depois de um Cavaleiro de St. Michael e St. George, que tinha precedência. Enquanto Martin se ajoelhava, a Rainha pegou uma espada estendida por um escudeiro, com a qual tocou ligeiramente nos ombros de Martin. Depois, com Martin se levantando, a cabeça ligeiramente inclinada, a Rainha pôs em torno de seu pescoço um medalhão de ouro, com uma fita vermelha e dourada.

A Rainha falou brevemente com cada uma das pessoas que estavam recebendo a honraria. Com Martin, pensou Yvonne, foi por mais algum tempo que os outros. Depois, com três passos para trás e uma reverência, Martin se retirou. Foi juntar-se a Yvonne poucos minutos depois, sentando-se ao seu lado. Ela sussurrou:

— O que a Rainha disse?

Sorrindo, ele sussurrou em resposta:

— A Rainha é uma dama bem informada.

Yvonne compreendeu que depois saberia exatamente o que a Rainha dissera.

O único desapontamento de Yvonne foi não ter visto ou sido apresentada ao Príncipe e Princesa de Gales. Fora informada antes que não era provável que eles estivessem no palácio na ocasião, mas mesmo assim acalentara a esperança. Um dia,

pensou ela, poderia acontecer. Agora que estava casada com Martin, qualquer coisa poderia acontecer.

Ela só tinha problema para se acostumar, desde o anúncio de que Martin se tornaria um cavalheiro, a ser tratada de my lady pelo pessoal de Harlow e Cambridge, inclusive o porteiro-chefe do Lucy Cavendish. Ela lhe pedira que não o fizesse, mas ele insistira. Com o tempo, refletiu Yvonne, ela acabaria se acostumando com isso e outras coisas. Afinal, muito em breve haveria fazendeiros chamando por Lady Peat-Smith, cirurgiã veterinária, para cuidar de seus porcos e vacas.

A recepção oferecida por Celia e Andrew, no Dorchester Hotel, em homenagem a Sir Martin e Lady Peat-Smith, foi um sucesso. Começou na hora do chá e prolongou-se até o início da noite. Durante esse período, quase uma centena de pessoas ali estiveram, inclusive a maior parte do estafe mais categorizado do instituto em Harlow. Rao Sastri compareceu, acompanhando Lilian, os dois pareciam estar se divertindo muito. Por duas vezes, no entanto, Celia notou-os com as cabeças bem próximas, aparentemente empenhados numa conversa séria. Celia sabia que Rao era sozinho, segundo Martin, jamais casara.

Yvonne estava linda e radiante. Emagrecera e confidenciara a Celia que Martin finalmente lhe permitira tomar o Peptídeo 7. Para Yvonne, como já acontecera com muitas pessoas, o fator antiobesidade da droga funcionara. Durante a recepção, Celia disse discretamente a Martin:

— Andrew e eu vamos partir amanhã de manhã. Quando isto terminar, eu gostaria que nós quatro tivéssemos alguns minutos para conversar.

A celebração finalmente terminou. Despedindo-se exultantes, os convidados se dispersaram.

Já estava escuro quando Celia, Andrew, Martin e Yvonne percorreram a pé a curta distância do Dorchester ao Fortyseven Parle. O dia de fevereiro fora frio, mas claro e revigorante. A limpeza do céu persistia pela noite.

Agora, estavam relaxados, na agradável sala de estar do apartamento dos Jordans.

— Martin, — disse Celia, — serei objetiva, porque foi um dia cheio e acho que estamos todos um pouco cansados. Como você sabe, o Felding-Roth está construindo um centro de pesquisa de engenharia genética. Será em New Jersey, não muito longe de nossa nova sede em Morristown. Estamos providenciando para que os laboratórios tenham

tudo que possa alegrar o coração de um cientista genético.

— Já ouvi falar a respeito — comentou Martin.

— A qualidade do que estão fazendo já é alvo de muitos comentários.

— Falei tudo isso para chegar a uma pergunta. Você e Yvonne gostariam de ir viver nos Estados Unidos? Você aceitaria chefiar a nossa pesquisa genética, como vice-presidente e diretor dos novos laboratórios? Eu lhe prometeria absoluta liberdade para seguir qualquer direção científica que julgar apropriada.

Houve um momento de silêncio e, depois, Martin disse:

— É um convite maravilhoso, Celia, e sinto-me profundamente grato. Mas a resposta é não.

Ela insistiu:

— Não precisa me dar uma resposta agora. Por que não tira algum tempo para pensar e conversar a respeito com Yvonne?

— Lamento, mas a resposta é definitiva. E tem de ser, porque preciso lhe dizer outra coisa. Eu gostaria que fosse em outra ocasião, mas não pode deixar de ser agora. Estou largando o Felding-Roth.

A notícia chocou Celia.

— Oh, não! Não pode ser verdade! — Ela fitou-

o nos olhos. — Vai para outro laboratório farmacêutico? Alguém fez uma oferta melhor? Porque se é isso...

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu não faria isso com você. Ou, pelo menos, sem discutir o assunto com você primeiro. O que estou fazendo é retornar a um amor antigo.

— Ele está se referindo a Cambridge, não a outra mulher — explicou Yvonne. — Vamos viver lá. É na universidade que se encontra o coração de Martin.

E de onde eu o tirei antes que você o conhecesse, pensou Celia. Ela estava despreparada para a notícia, mas o instinto lhe dizia que não haveria como dissuadir Martin; por isso, nem tentou. Cambridge chamara e ele reagira como um pombo-correio. Num domingo de sol, 13 anos antes, ela conquistara uma vitória contra a universidade. E ficara comprovado que fora uma vitória que valera à pena. Mas a roda do tempo girara; agora era a vez de Cambridge: Celia e o Felding-Roth tinham perdido.

Andrew falou, dirigindo-se a Martin:

— Sempre pensei que o mundo acadêmico poderia recuperá-lo um dia. Vai se tornar professor? Li em algum lugar que há vagas.

— Há, sim, mas não para mim — respondeu Martin. — Aos 46 anos, ainda sou jovem para me tornar catedrático. Talvez, quando eu me tornar mais velho, mais grisalho, mais ilustre...

— Santo Deus! — exclamou Celia. — Até que ponto precisa se tornar ilustre? Realizou uma grande descoberta científica, aclamada no mundo inteiro, recebeu o título de cavaleiro.

Martin sorriu.

— Cambridge já testemunhou todas essas coisas por vezes incontáveis. A universidade não se impressiona facilmente. Vou trabalhar numa coisa chamada "Novo Esquema do Sangue".

Era um programa patrocinado pelo governo, explicou ele, pelo qual se tornaria diretor-assistente de pesquisa em uma das várias fronteiras novas da ciência. O salário no novo cargo, como tantas vezes acontecia no mundo acadêmico, não seria grande... para começar, menos de 10 mil libras por ano. Contudo, os Peat-Smith teriam uma vida confortável, por causa da considerável receita de Martin com o Peptídeo 7. Ele disse que certamente usaria uma parte para complementar os fundos para pesquisa de seu departamento.

Vários meses antes, os especialistas financeiros e advogados do Felding-Roth haviam proposto um

acordo para Martin, em New Jersey. O acerto financeiro recebera a aprovação de Celia e posteriormente do conselho diretor.

Pela lei britânica — a Lei de Patentes, de 1977 — Martin poderia recorrer a um tribunal para obter uma compensação satisfatória por sua descoberta do Peptídeo 7. Mas ele não quisera recorrer a um tribunal, nem mesmo em termos amigáveis. O que também acontecera com o Felding-Roth. Portanto, fora feito um acordo, com um fundo de investimentos no valor de dois milhões de libras sendo instituído nas Bahamas, de onde o dinheiro seguiria regularmente para Martin. O fundo foi cercado de fossos e barreiras de proteção, a fim de que o sistema fiscal britânico, como Celia explicara, "não roubasse Martin de sua justa recompensa".

Essa justa recompensa, pensou ela agora, tristemente, ajudara a abrir o caminho para a volta a Cambridge. Celia desconfiava, no entanto, que Martin tomaria a mesma decisão de qualquer maneira, com ou sem o dinheiro do Peptídeo 7. Antes que Martin e Yvonne pegassem o carro e voltassem para casa, Celia disse:

— O Felding-Roth sentirá a falta de vocês dois, mas espero que nós quatro continuemos amigos íntimos.

Todos concordaram que assim seria.

Antes de Celia e Andrew deixarem a Inglaterra, ainda havia um problema final a acertar.

Várias horas depois que Martin e Yvonne se foram, quando os Jordans se preparavam para deitar, houve uma batida na porta do apartamento. Era Lilian Hawthorne. Percebendo que Lilian queria ficar a sós com Celia, Andrew discretamente desapareceu.

— Fico contente que tenha me persuadido a vir à Inglaterra — disse Lilian. — Você possivelmente já notou que tenho me divertido muito.

— Claro que notei. — Celia sorriu. — E fiquei satisfeita em ver Rao se divertir também.

— Rao e eu descobrimos que gostamos um do outro... e pode haver até mais do que isso. — A mulher mais velha hesitou por um instante. — Imagino que você pensará, porque aconteceu tão depressa e na minha idade, que estou sendo uma tola...

— Não penso absolutamente assim. O que acho é que chegou o momento de você se divertir novamente, Lilian, que deve aproveitar a vida da maneira como achar melhor. E se isso inclui Rao Sastri... ótimo!

— Sinto-me satisfeita que você se sinta assim,

porque é sobre isso que vim falar com você. Quero lhe pedir um favor.

— Se eu puder atender, pode estar certa de que não hesitarei.

— Rao gostaria de ir para a América. Ele diz que há muito tempo sonha com isso. Eu também gostaria e se fosse possível ele trabalhar lá no Felding-Roth...

A frase ficou inacabada. Celia completou-a:

— Seria bastante conveniente para vocês dois.

Lilian sorriu.

— Isso mesmo.

— Tenho certeza de que se pode conseguir um lugar em nossos laboratórios genéticos. Mais do que isso, pode dizer a Rao que eu garanto.

O rosto de Lilian se iluminou.

— Obrigada, Celia. Ele ficará exultante. Estava querendo isso. Rao me disse que sabe que não possui as qualidades de liderança de alguém como Martin. Mas é um bom cientista de apoio...

— Sei disso muito bem, o que torna tudo mais fácil. Mas mesmo que ele fosse menos do que é, eu ainda daria um jeito. Você me faz um grande favor há muitos anos, Lilian querida. E o que lhe faço agora é muito pequeno em retribuição.

A mulher mais, velha soltou uma risada.

– Está se referindo àquela primeira manhã em que nos conhecemos? Quando você apareceu lá em casa... tão jovem, tão impetuosa... esperando que eu a ajudasse a se tornar uma promotora, influenciando Sam?

E depois ela parou de falar, a voz presa, pois aquelas palavras trouxeram muitas recordações para ambas.

Na manhã seguinte, bem cedo, uma limousine com motorista levou Andrew e Celia para o Aeroporto de Heathrow.

EPÍLOGO

Na seção de primeira classe do 747, as coisas do almoço estavam sendo retiradas. Andrew voltou, depois de deixar sua poltrona por um momento. E disse a Celia:

— Eu estava pensando lá... — Ele acenou com a mão na direção dos banheiros do avião. — ...como aceitamos muitas coisas como fato consumado. Quando Lindbergh efetuou o primeiro vôo transatlântico bem sucedido, o que não aconteceu há tanto tempo assim, ele teve de permanecer em seu assento durante o tempo inteiro, urinando num frasco.

Celia riu.

— Sinto-me contente por isso ter mudado. — Ela olhou para o marido com uma expressão inquisitiva. — Isso é tudo? Tenho o pressentimento de que há uma filosofia florescendo.

— Tem razão. Estive pensando na sua atividade... a indústria farmacêutica. E me ocorreram algumas idéias que talvez você considere animadoras.

— Bem que estou precisando.

— Pessoas como você, Celia, rodeadas por

pressões, ficam tão envolvidas pelo que estão fazendo que há ocasiões... e acho que esta é uma delas... em que se mostram propensas a ver apenas as nuvens de tempestade, esquecendo os arco-íris.

— Pois me lembre de algum arco-íris.

— Isso é fácil. Você me trouxe um quando nossa vida comum começou. Lotromycina. Ainda continua, uma droga tão boa quanto na ocasião em que você me permitiu ser o primeiro a usá-la... eficaz, salvando vidas, um instrumento indispensável para um médico. É claro que ninguém mais fala sobre a Lotromycina... não é novidade, já existe há muito tempo. Mas acrescente as outras desse momento em diante e tem uma cornucópia de medicamentos... tantos desde os anos 50 que a medicina passou por uma verdadeira revolução. Eu vivi por todo esse período, testemunhei acontecer.

Andrew pensou por um momento e depois continuou:

— Quando me formei em medicina, sete anos depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, na maior parte das vezes, quando tínhamos pacientes doentes, tudo o que podíamos fazer era proporcionar o apoio possível, depois ficar de lado e rezar. Havia tantas doenças contra as quais os

médicos não tinham armas para lutar que vivíamos numa frustração angustiante. Mas isso já não mais acontece. Há todo um arsenal de novas drogas para se combater as doenças e se obter a cura. A sua indústria forneceu-as.

— Estou ouvindo música — disse Celia. — Toque mais.

— Está certo. Pense, por exemplo, na hipertensão. Há 20 anos, havia apenas poucos e limitados meios de tratá-la. Muitas vezes não davam certo. A hipertensão matava com frequência. Agora, o tratamento através de drogas é ilimitado e seguro. A incidência de derrame, que a hipertensão causava, está agora reduzida à metade e continua baixando. As drogas estão prevenindo os ataques cardíacos. Contiveram quase que totalmente a tuberculose, úlcera, diabetes. O mesmo acontece em todos os outros campos da medicina. Há muitas drogas extraordinárias. Eu as receito todos os dias.

— Indique algumas.

Andrew não hesitou:

— Corgard, Procardia, Indocin, Orinase, Thorazine, Tagamet, Lasix, Trofanil, Apresoline, Staidpace, Mandol, Prednisone, Levodopa, Cytosan, Isoniazid, Peptídeo 7. — Andrew fez uma pausa. — Quer mais?

— Isso é suficiente — respondeu Celia. — E onde está querendo chegar?

— Que as drogas úteis e bem sucedidas superam em muito as perdedoras. Para cada droga perniciosa... Talidomida, Selacryn, Montayne, Oraflex, Bendectin e as poucas outras que são tão apregoadas pelos noticiários de televisão... há uma centena de vencedoras. E não são apenas os laboratórios farmacêuticos que saem ganhando. Os maiores vencedores são as pessoas... as que passam a ter a saúde em vez da doença, as que vivem em vez de morrer.

Andrew meditou por um instante e depois acrescentou:

— Se eu estivesse fazendo um discurso... o que provavelmente acontece, só que para um audiência de uma só pessoa... diria que a coisa que sua indústria tem feito, meu amor... com todos os seus defeitos, apesar dos críticos... é proporcionar um benefício à humanidade.

— Pare aí! — exclamou Celia. — Isso foi tão lindo e tão certo que qualquer outra coisa poderia estragar. Você realmente me animou.

Ela sorriu e arrematou:

— E, agora, fecharei os olhos e ficarei pensando.

Foi o que ela fez.

Dez minutos depois, abrindo os olhos, Celia disse:

— Andrew, querido, há coisas que eu quero dizer. — Ela fez uma pausa. — Você tem sido muitas coisas para mim e agora se torna o meu confessor. Primeiro, eu sou responsável por tudo de errado que aconteceu com a Hexin W. Na minha mente, não há mais qualquer dúvida. Se eu agisse mais cedo, algumas mortes poderiam não ter acontecido. Não fiz as perguntas duras quando deveria. Aceitei como fato consumado o que minha experiência pessoal deveria advertir-me a questionar. Fiquei um pouco inebriada com o poder e sucesso... tão animada com o Peptídeo 7 e depois a Hexin W que ignorei o óbvio. De certa forma, foi parte do que aconteceu com Sam em relação ao Montayne. Posso agora compreender isso melhor.

— Espero que não tencione dizer tudo isso no tribunal — comentou Andrew.

Celia sacudiu a cabeça.

— Eu seria uma tola se o fizesse. Já declarei que, se for indiciada, levada a um tribunal, eu lutarei. Mas precisava admitir minha culpa para alguém e é por isso que estou lhe falando.

— E Vince Lord... se ele também for indiciado?

— Nós lhe proporcionaremos assistência jurídica. Já decidi isso. Mas, no resto, ele terá de correr seus próprios riscos.

Andrew disse, gentilmente:

— Apesar de tudo o que você me falou... e concordo que a maior parte é verdadeira... não seja exigente demais consigo mesma. É humana como o resto de nós. Ninguém tem uma ficha perfeita. E a sua é melhor do que a da maioria.

— Mas não boa o suficiente. Sei que posso fazer melhor e uma experiência assim sempre ajuda. — A voz de Celia recuperara o seu tom incisivo e confiante anterior. — Há motivos que me levam a querer continuar e é justamente o que tenciono fazer. Tenho apenas 53 anos. Ainda há muita coisa que posso fazer no Felding-Roth.

— E você fará, Celia... como sempre fez.

Houve silêncio. Depois de algum tempo, quando olhou para o lado, Andrew constatou que Celia estava de olhos fechados e dormindo.

Ela dormiu até que o avião começou a baixar para o pouso. Despertando, ela tocou no braço de Andrew. Ele virou o rosto para fitá-la.

— Obrigada, meu querido. Obrigada por tudo.

— Celia sorriu. — Pensei mais um pouco e tomei uma decisão. O que quer que aconteça, eu vou

sobreviver. E vou vencer.

Andrew não disse nada... apenas pegou-lhe a mão. E ainda a segurava quando o avião aterrisou em Nova York.

* * *